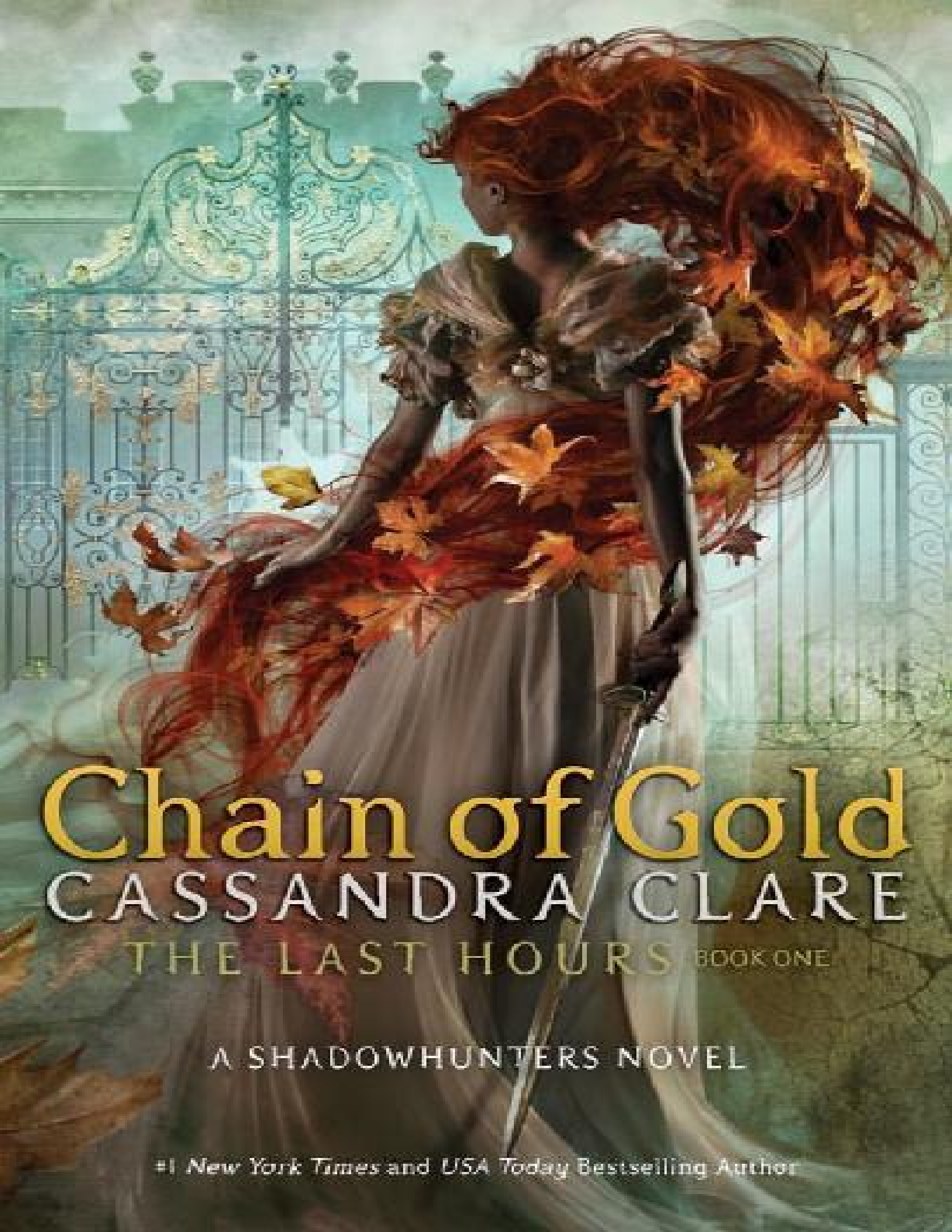
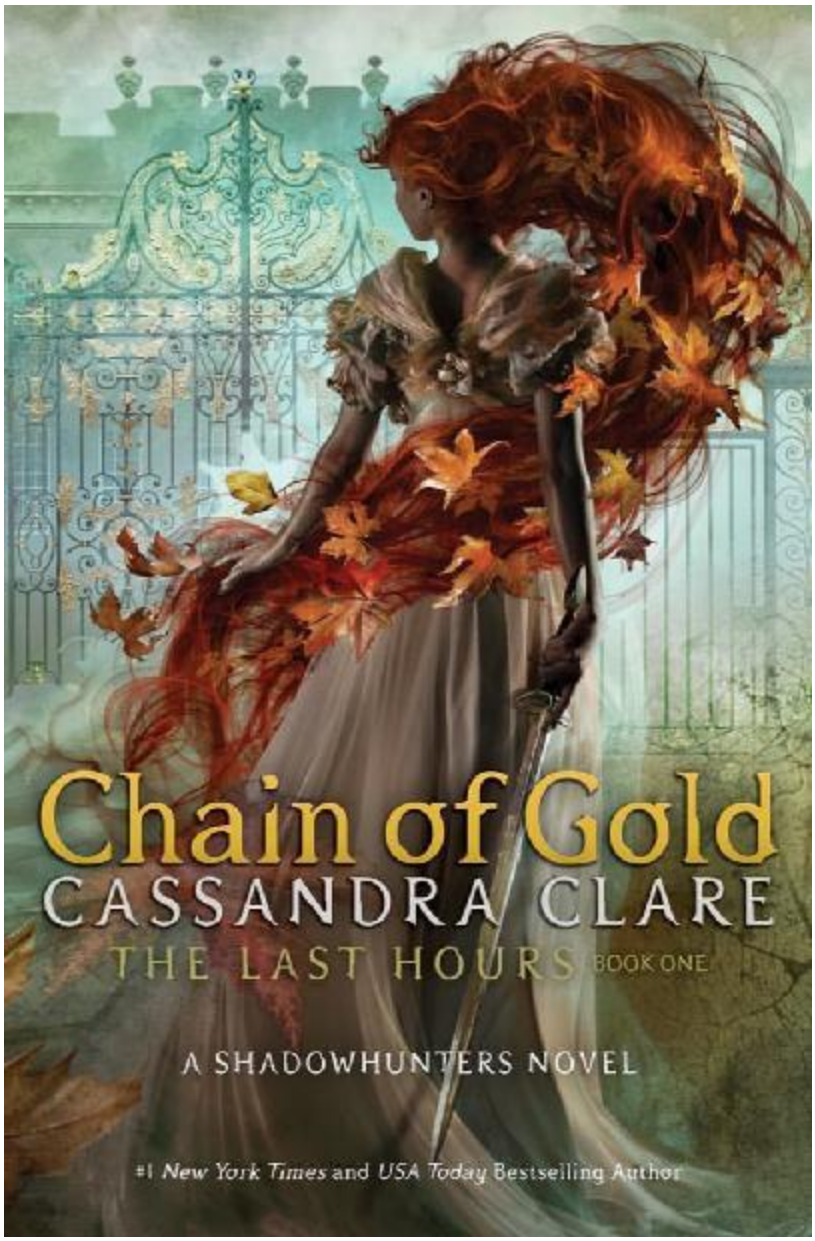

Chain of Gold
CASSANDRA CLARE
THE LAST HOURS BOOK ONE
A SHADOWHUNTERS NOVEL
#1 New York Times and USA Today Bestselling Author


Chain of Gold
CASSANDRA CLARE
THE LAST HOURS BOOK ONE
A SHADOWHUNTERS NOVEL
#1 New York Times and USA Today Bestselling Author

THE LAST HOURS

BOOK ONE

Chain of Gold

CASSANDRA CLARE

Margaret K. McElderry Books

NEW YORK LONDON TORONTO SYDNEY NEW DELHI

Indice

PARTE UM

DIAS PASSADOS: 1897

CAPITULO 1: MELHORES ANJOS

DIAS PASSADOS: IDRIS, 1899

CAPITULO 2: CINZAS DE ROSAS

CAPITULO 3: ESTA MÃO VIVA

DIAS PASSADOS: CIRENWORTH HALL 1900

CAPITULO 4: MEIO CANSADO DE SOMBRAS

CAPITULO 5: CAÍDO COM A NOITE

DIAS PASSADOS: IDRIS 1900

CAPITULO 6: CHEGA DE ALEGRIA

DIAS PASSADOS: IDRIS 1900

CAPITULO 7: QUEDA DE CANÇÕES

CAPITULO 8: EM NENHUMA TERRA ESTRANHA

CAPITULO 9: VINHO MORTAL

DIAS PASSADOS: PARIS 1902

CAPITULO 10: LEALDADE VINCULA

CAPITULO 11: TALISMÃS E FEITIÇOS

CAPITULO 12: O FIM

CAPITULO 13: RUÍNA AZUL

CAPITULO 14: ENTRE LEÕES

PARTE DOIS

CAPITULO 15: A SALA DOS SUSSURROS

CAPITULO 16: LEGIÃO

DIAS PASSADOS: CIRENWORTH HALL 1900

CAPITULO 17: O MAR OCO

DIAS PASSADOS: LONDRES, GROSVENOR SQUARE 1901

CAPITULO 18: ESCURIDÃO INCITA

CAPITULO 19: TODO LUGAR UM INFERNO

CAPITULO 20: MENOS DO QUE DEUSES

DIAS PASSADOS: CIRENWORTH HALL 1898

CAPITULO 21: QUEIMAR

CAPITULO 22: AS REGRAS DE UM NOIVADO

CAPITULO 23: NINGUEM QUE AMA

EPILOGO: CASA CHISWICK LONDRES

CASAMENTO DE WILL E TESSA

OUTROS LIVROS DE CASSANDRA CLARE

Para Clary (a verdadeira)

PARTE UM

- -

Isse foi um dia memorável para mim, pois fez grandes mudanças em mim. Mas, é o mesmo com qualquer vida. Imagine um dia selecionado e pense no quão diferente teria sido o seu curso. Faça uma pausa em você que leu isso e pense por um momento na longa cadeia de ferro ou ouro, de espinhos ou flores que nunca o amarraria, mas pela formação do primeiro elo em um dia memorável.

- Charles Dickens, Grandes Esperanças

DIAS PASSADOS: 1897

Lucie Herondale tinha dez anos quando conheceu o garoto na floresta.

Crescendo em Londres, Lucie nunca imaginou um lugar como Brocelind. A floresta cercava a Mansão Herondale por todos os lados, suas árvores dobradas no topo como sussurros cautelosos: verde escuro no verão, ouro polido no outono. O carpete de musgo era tão verde e macio que o pai lhe dissera que era um travesseiro para as fadas à noite, e que as estrelas brancas das flores que cresciam apenas no país oculto de Idris faziam pulseiras e anéis para as mãos delicadas.

James, é claro, disse a ela que as fadas não tinham travesseiros, dormiam no subsolo e roubavam garotinhas travessas enquanto dormiam. Lucie pisou em seu pé, o que significava que papai a pegou e a levou de volta para casa antes que uma briga pudesse entrar em erupção. James veio de uma linhagem antiga e nobre de Herondales, mas isso não significava que ele estava acima de puxar as tranças de sua irmãzinha, se necessário.

Tarde da noite, o brilho da lua acordou Lucie. Estava derramando em seu quarto como leite, colocando barras brancas de luz sobre sua cama e sobre o piso de madeira polida.

Ela saiu da cama e pulou pela janela, caindo levemente no canteiro de flores embaixo. Era uma noite de verão e ela estava quente em sua camisola.

A beira da floresta, logo depois dos estábulos onde seus cavalos eram mantidos, parecia brilhar. Ela voou em direção a ela como um

pequeno fantasma. Seus pés escorregadios mal perturbavam o musgo enquanto ela deslizava entre as árvores.

A princípio, divertiu-se fazendo correntes de flores e pendurando-as em galhos. Depois disso, ela fingiu que era Branca de Neve fugindo do caçador. Ela corria por entre as árvores emaranhadas e depois se virava dramaticamente, ofegando, colocando as costas da mão na testa.

— Você nunca vai *me* matar — ela disse — Porque sou de sangue real e um dia serei rainha e duas vezes mais poderosa que minha madrasta. E cortarei a cabeça dela.

Era possível, ela pensou mais tarde, que ela não se lembrasse da história de Branca de Neve de maneira inteiramente correta.

Ainda assim, foi muito agradável e foi na quarta ou quinta arrancada pela floresta que ela percebeu que estava perdida. Ela não podia mais ver a forma familiar da Mansão Herondale através das árvores.

Ela se virou em pânico. A floresta não parecia mais mágica. Em vez disso, as árvores pairavam acima como fantasmas ameaçadores. Ela pensou que podia ouvir o tagarelar de vozes sobrenaturais através do farfalhar das folhas. As nuvens surgiram e cobriram a lua. Ela estava sozinha no escuro.

Lucie era corajosa, mas tinha apenas dez anos. Ela soluçou um pouco e começou a correr na direção que pensava ser a correta. Mas a floresta só ficou mais escura, os espinhos mais emaranhados. Um deles prendeu sua camisola e rasgou um longo rasgo no tecido. Ela tropeçou-E caiu. Parecia a queda de Alice no País das Maravilhas, embora fosse muito menor do que isso. Ela tombou de cabeça para baixo e atingiu uma camada de terra dura.

Com um gemido, ela se sentou. Ela estava deitada no fundo de um buraco circular que havia sido cavado na terra. Os lados eram lisos e subiam vários metros acima do alcance de seus braços.

Ela tentou enfiar as mãos na terra que crescia em todos os lados dela e escalá-la da maneira que ela poderia escalar atrapalhadamente uma árvore. Mas a terra era macia e se desfez em seus dedos. Depois da quinta vez que caiu do lado da cova, ela viu algo branco brilhando do lado íngreme da parede de terra.

Esperando que fosse uma raiz que ela pudesse subir, ela saltou em direção a ela e estendeu a mão para agarrá-la.

O solo caiu dele. Não era uma raiz, mas um osso branco, e não de um animal...

— Não grite — disse uma voz acima dela — Isso os trará.

Ela jogou a cabeça para trás e olhou. Debruçado sobre o lado do poço estava um menino. Mais velho que seu irmão, James - talvez até dezesseis anos de idade. Ele tinha um rosto melancólico adorável e cabelos lisos e negros, sem um pingo de cachos. As pontas dos cabelos quase tocavam a gola da camisa.

— Trará quem? — Lucie colocou os punhos nos quadris.

— As fadas — disse ele — Esta é uma das armadilhas delas. Elas costumam usá-los para capturar animais, mas ficariam muito satisfeitos em encontrar uma menininha.

Lucie ofegou.

— Você quer dizer que elas me comeriam?

Ele riu.

— Improvável, no entanto você poderia se ver servindo a nobreza das fadas na Terra Subterrânea pelo resto da vida. Nunca mais verá sua família.

Ele balançou as sobrancelhas para ela.

— Não tente me assustar — disse ela.

— Garanto-lhe, falo apenas a verdade perfeita — disse ele. — Até a verdade imperfeita está abaixo de mim.

— Não seja bobo também — disse ela. — Sou Lucie Herondale. Meu pai é Will Herondale e uma pessoa muito importante. Se você me resgatar, será recompensado.

— Uma Herondale? — ele disse. — Apenas minha sorte. — Ele suspirou e se aproximou da beira do poço, estendendo o braço para baixo. Uma cicatriz brilhava nas costas da mão direita – grave, como se ele tivesse se queimado. — Pode vir.

Ela agarrou o pulso dele com as duas mãos e ele a levantou com uma força surpreendente. Um momento depois, os dois estavam de pé. Lucie podia ver mais dele agora. Ele era mais velho do que ela pensara e vestido formalmente em branco e preto. A lua estava lá

de novo e ela podia ver que os olhos dele eram da cor do musgo verde no chão da floresta.

— Obrigada — disse ela, bastante primitiva. Ela escovou a camisola. Estava bastante arruinada com sujeira.

— Venha agora — disse ele, sua voz suave. — Não tenha medo. Sobre o que deveríamos falar? Você gosta de histórias?

— Eu amo histórias — disse Lucie. — Quando eu crescer, serei uma escritora famosa.

— Isso parece maravilhoso — disse o garoto. Havia algo melancólico em seu tom.

Eles caminharam juntos pelos caminhos sob as árvores. Ele parecia saber para onde estava indo, como se a floresta fosse muito familiar para ele. Ele deve ser uma criança trocada, Lucie pensou sabiamente. Ele sabia muito sobre fadas, mas claramente não era um deles: ele a avisara sobre ser roubada pelo Povo das Fadas, que devia ser o que havia acontecido com ele. Ela não mencionou para não o fazer sentir-se estranho; deve ser terrível ser uma criança trocada e ser levado para longe de sua família. Em vez disso, ela envolveu-o em uma discussão sobre princesas em contos de fadas, e qual era a melhor. Quase não havia tempo para voltarem ao jardim da Mansão Herondale.

— Eu imagino que essa princesa possa voltar para o castelo daqui — disse ele com uma reverência.

— Oh, sim — disse Lucie, olhando sua janela. — Você acha que eles saberão que eu fui embora?

Ele riu e se virou para ir embora. Ela o chamou quando ele chegou aos portões.

— Qual o seu nome? — ela disse. — Eu te disse o meu. Qual é o seu?

Ele hesitou por um momento. Ele estava todo de branco e preto à noite, como uma ilustração de um de seus livros. Ele fez uma reverência, baixa e graciosa, como os cavaleiros que um dia fizeram.

— Você nunca vai *me* matar — disse ele. — Porque eu sou de sangue real e um dia serei duas vezes mais poderoso que a rainha. E cortarei a cabeça dela.

Lucie soltou um suspiro indignado. Ele a estivera ouvindo, na floresta, brincando? Como ele ousava tirar sarro dela! Ela ergueu o punho, querendo sacudi-lo à ele, mas ele já havia desaparecido na noite, deixando apenas o som de sua risada para trás.

Passariam seis anos antes que ela o visse novamente.

1

MELHORES ANJOS

As sombras de nossos próprios desejos estão entre nós e nossos melhores anjos, e assim seu brilho é ofuscado.
- Charles Dickens, *Barnaby Rudge*

James Herondale estava no meio de uma luta contra um demônio quando de repente ele foi puxado para o inferno.

Não foi a primeira vez que aconteceu, e não seria a última. Momentos antes, ele estava ajoelhado na beira de um telhado inclinado no centro de Londres, com uma faca fina em cada mão, pensando no quão repugnante era o detrito que se acumulava na cidade. Além de sujeira, garrafas vazias de gin e ossos de animais, havia definitivamente um pássaro morto preso na calha de chuva logo abaixo do seu joelho esquerdo.

Quão fascinante era a vida de um Caçador de Sombras, realmente. *Parecia* bom, ele pensou, olhando para o beco vazio abaixo dele: um espaço estreito entupido com lixo, iluminado fracamente pela meia-lua acima. Uma raça especial de guerreiros, descendente de um anjo, dotados de poderes que lhes permitiam usar armas de *adamas* brilhantes e carregar as Marcas negras das runas sagradas em seus corpos - runas que os tornavam mais fortes, mais rápidos e mais mortais do que qualquer humano mundano; runas que os faziam queimar intensamente no escuro. Ninguém nunca mencionou coisas como ajoelhar-se acidentalmente em um pássaro morto enquanto esperava um demônio aparecer.

Um grito ecoou pelo beco. Um som que James conhecia bem: a voz de Matthew Fairchild. Ele se lançou do telhado sem um momento de hesitação. Matthew Fairchild era seu *parabatai* - seu irmão de sangue e parceiro guerreiro. James jurou protegê-lo, não que isso importasse: ele daria sua vida pela de Matthew, com votos ou não.

Um movimento vislumbrou no final do beco, onde se curvava atrás de uma fileira estreita de casas. James girou quando um demônio emergiu das sombras, rugindo. Tinha um corpo cinza com nervuras, um bico curvo e afiado, alinhado com dentes em gancho e pés abertos como patas, dos quais garras esfarrapadas se projetavam. *Um demônio Deumas,* James pensou sombriamente. Ele definitivamente se lembrava de ler sobre os demônios de Deumas em um dos livros antigos que seu tio Jem havia lhe dado. Eles foram feitos para serem notáveis de alguma forma. Extremamente cruel, talvez ou extraordinariamente perigoso? Isso seria típico, não seria - todos esses meses sem nenhuma atividade infernal, e ele e seus amigos esbarram em um dos demônios mais perigosos do mundo.

Falando nisso - onde *estavam* seus amigos?

Os Deumas rugiram novamente e se lançaram na direção de James, a baba saindo de sua boca em longas cordas de lodo esverdeado.

James balançou o braço para trás, pronto para jogar sua primeira faca. Os olhos do demônio se fixaram nele por um momento. Eles eram coruscantes, verdes e pretos, cheios de um ódio que se transformou de repente em outra coisa.

Algo como reconhecimento. Mas os demônios, pelo menos do tipo inferior, não reconheciam as pessoas. Eles eram animais cruéis dirigidos por pura ganância e ódio. Enquanto James hesitava surpreso, o chão embaixo dele parecia balançar. Ele teve apenas um momento para pensar: *Oh não, agora não* , antes que o mundo ficasse cinza e silencioso. Os prédios ao redor dele haviam se transformado em sombras irregulares, o céu uma caverna negra iluminada por raios brancos.

Ele fechou a mão direita ao redor da faca - não a alça, mas a lâmina. O choque de dor foi como um tapa no rosto, arrancando-o de um estupor. O mundo voltou correndo para ele em todo o seu barulho e cor. Mal teve tempo de registrar que os Deumas estavam no ar, com as garras estendidas em sua direção, quando um turbilhão de cordas chicoteou o céu, enredando a perna do demônio e puxando-a para trás.

Thomas! James pensou, e de fato, seu amigo massivamente alto apareceu atrás dos Deumas, armado com seu *bolas*. Atrás dele estava Christopher, armado com um arco, e Matthew, uma lâmina serafim ardendo em sua mão.

Os Deumas atingiram o chão com outro rugido, assim como James deixou as duas facas voarem. Um mergulhou na garganta do demônio, o outro na testa.

Seus olhos reviraram, espasmos, e James de repente se lembrou do que tinha lido sobre os demônios de Deumas.

— Matthew — ele começou, exatamente quando a criatura explodiu, banhando Thomas, Christopher e Matthew em icor e pedaços queimados do que só poderia ser descrito como gosma.

Bagunçados, James lembrou tardiamente. Os demônios Deumas eram notavelmente bagunçados.

A maioria dos demônios desaparecem quando morrem. Não demônios Deumas.

Eles explodiram.

— Como ... o que ...? — Christopher gaguejou, com uma clara perda de palavras. A gosma escorria do nariz pontudo e dos óculos de aro dourado. — Mas como…?

— Você quer dizer como é possível que finalmente localizemos o último demônio em Londres e foi o mais nojento? — James ficou surpreso com o quão normal sua voz soava: ele já estava sacudindo o choque de seu vislumbre no reino das sombras. Pelo menos suas roupas estavam intocadas: o demônio parecia ter explodido principalmente do outro lado do beco. — O nosso não é questionar o porquê, Christopher.

James sentiu que seus amigos estavam olhando para ele ressentidos. Thomas revirou os olhos. Ele estava se esfregando

com um lenço que também estava meio queimado e coberto de icor, por isso estava fazendo pouco bem.

A lâmina serafim de Matthew começou a cuspir. Lâminas de serafim, infundidas com a energia dos anjos, eram frequentemente a arma mais confiável de um Caçador de Sombras e a melhor defesa contra demônios, mas ainda era possível afogar uma em quantidade suficiente.

— Isso é um ultraje — disse Matthew, jogando a lâmina extinta de lado. — Você sabe quanto gastei neste colete?

— Ninguém disse para você sair para patrulhar demônios vestidos como um figurante de “The Importance of being Earnest” — disse James, jogando um lenço limpo para ele. Ao fazê-lo, sentiu a mão arder. Houve um corte sangrento na palma da mão da lâmina da faca. Ele fechou a mão em punho para impedir que seus companheiros a vissem.

— Eu não acho que ele esteja vestido como um figurante — disse Thomas, que havia voltado sua atenção para limpar Christopher.

— Obrigado — disse Matthew com uma ligeira reverência.

— Eu acho que ele está vestido como um personagem principal. — Thomas sorriu. Ele tinha um dos rostos mais gentis que James já conhecera, e olhos castanhos suaves. Nada disso significava que ele não gostava de zombar de seus amigos.

Matthew enxugou os cabelos opacos e dourados com o lenço de James.

— Esta é a primeira vez em um ano em que patrulhamos e encontramos um demônio, então eu supus que meu colete provavelmente sobreviveria à noite. Também não é como se algum de vocês estivesse usando equipamento.

Era verdade que os Caçadores de Sombras geralmente caçavam com equipamento, uma espécie de armadura flexível feita de um material preto resistente, semelhante a couro, resistente a icor, lâminas e coisas do gênero, mas a falta de presença demoníaca confiável nas ruas os deixava um pouco relaxados com as regras.

— Pare de me esfregar, Thomas — disse Christopher, moendo os braços. — Devemos voltar para o Diabo e limpar lá.

Houve um murmúrio de concordância entre o grupo. Enquanto voltavam para a rua principal, James considerou o fato de que Matthew estava certo. O pai de James, Will, costumava lhe contar sobre as patrulhas que costumava fazer com seu parabatai, Jem Carstairs - agora tio de James, Jem - quando eles lutavam contra demônios quase todas as noites.

James e outros jovens Caçadores de Sombras ainda patrulham fielmente as ruas de Londres, procurando demônios que possam prejudicar a população mundana, mas nos últimos anos as aparências de demônios foram poucas e distantes. Foi uma coisa boa - é claro que foi uma coisa boa - mas ainda assim. Foi decididamente estranho. A atividade demoníaca ainda era normal para o resto do mundo, então o que tornou Londres especial?

Havia muitos mundanos nas ruas da cidade, embora a hora fosse tarde. Ninguém olhou para o grupo desarrumado de Caçadores de Sombras enquanto desciam a Fleet Street; suas runas glamorosas os tornavam invisíveis para todos os olhos que não eram dotados de visão.

Sempre era estranho estar cercado por uma humanidade que não via você, pensou James. A Fleet Street abrigava os escritórios de jornais e os tribunais de Londres, e em todos os lugares havia bares bem iluminados, com profissionais de impressão, advogados e funcionários de advogados, que ficavam até tarde, bebendo a luz do amanhecer. O Strand havia derramado o conteúdo de seus auditórios e teatros, e grupos bem vestidos de jovens, rindo e barulhentos, perseguiam os últimos ônibus da noite.

Os policiais também estavam trabalhando, e os habitantes de Londres que eram azarados o suficiente para não ter casas para ir, agachavam-se resmungando em torno das grades da ventilação que emitiam ondas de ar quente - mesmo em agosto as noites podiam ser úmidas e frias. Quando passaram por um grupo de figuras tão amontoadas, uma olhou para cima e James teve um vislumbre da pele pálida e dos olhos brilhantes de um vampiro.

Ele desviou o olhar. Os submundanos não eram da sua conta, a menos que estivessem violando a Lei da Clave. E ele estava cansado, apesar de suas marcas energéticas: sempre o drenava para ser arrastado para aquele outro mundo de luz cinza e sombras pretas e irregulares. Era algo que vinha acontecendo com ele há anos: um remanescente, ele sabia, do sangue feiticeiro de sua mãe.

Os feiticeiros eram filhos de humanos e demônios: capazes de usar magia, mas não de runas ou adamas, o metal cristalino claro do qual foram esculpidas estelas e lâminas de serafim. Eles eram um dos quatro ramos dos submundos, junto com vampiros, lobisomens e fadas. A mãe de James, Tessa Herondale, era uma feiticeira, mas sua mãe não era apenas humana, mas uma Caçadora de Sombras. A própria Tessa já possuía o poder de mudar de forma e assumir a aparência de alguém, vivo ou morto: um poder que nenhum outro bruxo possuía. Ela também era incomum de outra maneira: feiticeiros não podiam ter filhos. Tessa foi uma exceção. Todos se perguntaram o que isso significaria para James e sua irmã, Lucie, os primeiros netos conhecidos de um demônio e um ser humano.

Por muitos anos, parecia não ter significado nada. James e Lucie podiam suportar marcas e pareciam ter as habilidades de qualquer outro Caçador de Sombras. Ambos podiam ver fantasmas - como o fantasma falante do Instituto, Jessamine -, mas isso não era incomum na família Herondale. Parecia que ambos podiam ser abençoadamente normais, ou pelo menos tão normais quanto um Caçador de Sombras poderia ser. Até a Clave - o corpo governante de todos os Caçadores de Sombras - parecia esquecê-los.

Então, quando James tinha 13 anos, ele primeiro viajou para o reino das sombras. Um momento ele estava parado na grama verde: no próximo, em uma terra carbonizada. Um céu igualmente queimado surgiu acima dele. Árvores retorcidas emergiram do chão, garras irregulares agarrando o ar. Ele vira esses lugares em xilogravuras em livros antigos. Ele sabia o que estava olhando: um mundo demoníaco. Uma dimensão do inferno.

Momentos depois, ele foi empurrado de volta à terra, mas sua vida nunca mais foi a mesma. Durante anos, havia o medo de que

ele pudesse a qualquer momento voltar à sombra. Era como se uma corda invisível o conectasse a um mundo de demônios, e a qualquer momento a corda pudesse ser esticada, arrancando-o de seu ambiente familiar para um local de fogo e cinzas.

Nos últimos anos, com a ajuda de seu tio Jem, ele pensou que tinha tudo sob controle. Embora tivessem passado apenas alguns segundos, a noite o havia abalado, e ele ficou aliviado quando a Taberna do Diabo apareceu diante deles.

O Diabo marcou moradia na Fleet Street Nº 2, ao lado de uma gráfica de aparência respeitável. Ao contrário da loja, tinha um glamour para que nenhum mundano pudesse vê-la ou ouvir os barulhos estridentes da devassidão que caíam das janelas e das portas abertas. Era em enxaimel no estilo Tudor, a madeira velha esfarrapada e lascada, impedida de cair pelos feitiços dos feiticeiros. Atrás do bar, o dono lobisomem Ernie puxou copos: a multidão era uma mistura de duendes, vampiros, licantropos e bruxos.

As boas-vindas habituais aos Caçadores de Sombras em um lugar como este teriam sido frias, mas os clientes da Taberna do Diabo estavam acostumados com os meninos. Eles cumprimentaram James, Christopher, Matthew e Thomas com gritos de boas-vindas e zombaria. James ficou no bar para pegar bebidas de Polly, a garçonete, enquanto os outros subiam as escadas para seus quartos, derramando icor nos degraus enquanto passavam.

Polly era uma lobisomem, e tinha colocado os meninos debaixo de suas asas quando James havia alugado os quartos do sótão três anos atrás, querendo um buraco privado que ele e seus amigos pudessem se retirar onde seus pais não estariam pairando sobre ele. Foi ela quem os chamou de Ladrões Alegres, depois de Robin Hood e seus homens. James suspeitava que ele era Robin de Locksley e Matthew era Will Scarlett. Thomas era definitivamente o pequeno John.

Polly riu.

— Quase não reconheci todos vocês quando pisaram aqui, cobertos pelo que quer que você chame.

— Icor — disse James, aceitando uma garrafa de jarrete. — É sangue de demônio.

Polly torceu o nariz, cobrindo vários panos de louça sobre o ombro dele. Ela entregou-lhe um extra, que ele pressionou contra o corte na mão. Parara de sangrar, mas ainda latejava.

— Caramba.

— Faz anos desde que vimos um demônio em Londres — disse James. — Podemos não ter sido tão rápidos com o nosso tempo de reação quanto deveríamos.

— Eu acho que eles estão com muito medo de mostrar o rosto — disse Polly amigavelmente, virando-se para pegar um copo de gim para Pickles, o kelpie residente.

— Assustados? — James ecoou, parando. — Medo de quê?

Polly começou.

— Oh, nada, nada — disse ela, e correu para o outro extremo do bar. Com uma careta, James subiu as escadas. Os caminhos dos submundos eram algumas vezes misteriosos.

Dois lances de passos rangentes levaram a uma porta de madeira na qual uma linha havia sido esculpida anos atrás: *não importa como um homem morre, mas como ele vive. S.J.*

James abriu a porta e encontrou Matthew e Thomas já esparramados em torno de uma mesa circular no meio de uma sala com painéis de madeira. Várias janelas, com o vidro esburacado e cheio de idade, dava uma visão da Fleet Street, iluminada por postes intermitentes, e para o Palácio Real da Justiça do outro lado, esboçado vagamente pela noite nublada.

A sala era um lugar agradável e familiar, com paredes desgastadas, uma coleção de móveis irregulares e um fogo baixo na lareira. Sobre a lareira havia um busto de mármore de Apolo, seu nariz arrancado há muito tempo. As paredes estavam alinhadas com livros ocultos escritos por mágicos mundanos: a biblioteca do Instituto não permitia tais coisas, mas James as colecionava. Ele ficou fascinado com a ideia daqueles que não nasceram no mundo da magia e das sombras e ainda ansiavam por eles com tanta força que aprenderam a forçar a abertura dos portões.

Thomas e Matthew estavam livres de icor, vestindo roupas amassadas, mas limpas, os cabelos - marrom arenoso de Thomas e o ouro escuro de Matthew - ainda úmidos.

— James! — Matthew animou-se ao ver seu amigo. Seus olhos estavam suspeitosamente brilhantes; já havia uma garrafa de conhaque meio vazia em cima da mesa. — Isso é uma garrafa de bebidas alcoólicas que eu vejo diante de mim?

James colocou o vinho sobre a mesa, no momento em que Christopher emergia do pequeno quarto no outro extremo do espaço do sótão. O quarto já estava lá antes que eles ocupassem o espaço: ainda havia uma cama, mas nenhum dos Ladrões Alegres o usava para nada além de lavar a louça, guardar armas e trocar de roupa.

— James — disse Christopher, parecendo satisfeito. — Eu pensei que você tinha ido para casa.

— Por que diabos eu iria para casa? — James sentou-se ao lado de Matthew e jogou as toalhas de louça de Polly na mesa.

— Não faço ideia — disse Christopher alegremente, puxando uma cadeira. — Mas você poderia ter ido. As pessoas fazem coisas estranhas o tempo todo. Tivemos uma cozinheira que foi fazer as compras e foi encontrada duas semanas depois no Regent's Park. Ela se tornou uma funcionária do zoológico.

Thomas ergueu as sobrancelhas. James e o resto do grupo nunca tinham certeza se acreditavam inteiramente nas histórias de Christopher. Não que ele fosse um mentiroso, mas quando se tratava de algo que não fosse taças e tubos de ensaio, ele tendia a prestar apenas uma fração de atenção.

Christopher era filho da tia de James, Cecily, e do tio Gabriel. Ele tinha a estrutura óssea fina de seus pais, cabelos castanhos escuros e olhos que só podiam ser descritos como a cor lilás. "Desperdiçado com um garoto!" Cecily disse muitas vezes, com um suspiro martirizado. Christopher deveria ter sido popular com garotas, mas os óculos grossos que usava obscureciam a maior parte do rosto e ele tinha pólvora perpetuamente embutida nas unhas. A maioria dos Caçadores de Sombras encaravam armas mundanas com suspeita ou desinteresse - a aplicação de runas em metal ou balas impedia a pólvora de inflamar, e armas não marcadas eram inúteis contra demônios. Christopher, no entanto, estava obcecado com a ideia de que ele poderia adaptar armas de fogo aos propósitos dos Nephilim. James teve que admitir que a

ideia de montar um canhão no telhado do Instituto tinha um certo apelo.

— Sua mão — disse Matthew de repente, inclinando-se para a frente e fixando os olhos verdes em James. — O que aconteceu?

— Apenas um corte — disse James, abrindo a mão. A ferida era uma longa fatia diagonal na palma da mão. Quando Matthew pegou a mão de James, a pulseira de prata que James sempre usava no pulso direito tilintou contra a garrafa de vinho sobre a mesa.

— Você deveria ter me dito — disse Matthew, pegando a estela no colete. — Eu teria consertado você no beco.

— Eu esqueci — disse James.

Thomas, que passava o dedo pela borda do copo sem beber, disse: — Aconteceu alguma coisa? — Thomas era irritantemente perceptivo.

— Foi muito rápido — disse James, com alguma relutância.

— Muitas coisas que são 'muito rápidas' também são muito ruins — disse Matthew, colocando a ponta de sua estela na pele de James. — Guilhotinas descem muito rapidamente, por exemplo. Quando os experimentos de Christopher explodem, eles frequentemente explodem muito rapidamente.

— Claramente, eu não explodi nem fui guilhotinado — disse James. — Eu ... entrei no reino das sombras.

A cabeça de Matthew levantou, embora sua mão permanecesse firme enquanto o iratze , uma runa de cura, tomava forma na pele de James. James podia sentir a dor na mão começar a diminuir.

— Eu pensei que isso havia parado — disse Matthew. — Eu pensei que Jem tinha ajudado você.

— Ele me ajudou. Faz um ano desde a última vez. — James balançou a cabeça. — Suponho que era demais esperar que tivesse desaparecido para sempre.

— Geralmente não acontece quando você está chateado — disse Thomas. — Foi o demônio atacando?

— Não — disse James rapidamente. — Não, eu não vejo como - não. — James estava quase ansioso pela luta. Foi um verão frustrante, o primeiro em mais de uma década que ele não passara com a família em Idris.

Idris estava localizado na Europa central. Por todo o lado, era um país intocado, escondido de olhos mundanos e invenções mundanas: um lugar sem ferrovias, fábricas ou fumaça de carvão. James sabia por que sua família não podia ir este ano, mas ele tinha seus próprios motivos para desejar estar lá em vez de Londres. Patrulhar fora uma de suas poucas distrações.

— Demônios não incomodam nosso garoto — disse Matthew, terminando a runa de cura. Tão perto de seu parabatai , James podia sentir o cheiro familiar do sabão de Matthew misturado com álcool. — Deve ter sido outra coisa.

— Você deveria conversar com seu tio, então, Jamie. — disse Thomas.

James balançou a cabeça. Ele não queria incomodar o tio Jem sobre o que parecia agora um momento de cintilação.

— Não foi nada. Fiquei surpreso com o demônio; agarrei a lâmina por acidente. Tenho certeza de que foi o que causou isso.

— Você se transformou em uma sombra? — disse Matthew, guardando a estela.

Às vezes, quando James era puxado para o reino das sombras, seus amigos relatavam que eles podiam vê-lo desfocando nas bordas. Em algumas ocasiões, ele se transformou inteiramente em uma sombra escura - em forma de James, mas transparente e incorpórea.

Algumas vezes - muito poucas vezes - ele foi capaz de se transformar em uma sombra para passar por algo sólido. Mas ele não queria falar sobre esses tempos.

Christopher ergueu os olhos do caderno.

— Falando sobre o demônio-

— Oque no caso não estávamos — apontou Matthew.

— -que tipo foi mesmo? — Christopher perguntou, mordendo a ponta da caneta. Ele costumava escrever detalhes de suas expedições de combate a demônios. Ele alegou que o ajudou em sua pesquisa. — O que explodiu, quero dizer.

— Ao contrário do que não fez? — disse James.

Thomas, que tinha uma excelente memória de detalhes, disse: — Era um Deumas, Christopher. Estranho que estivesse aqui; eles

geralmente não são encontrados nas cidades.

— Eu salvei parte do seu icor — disse Christopher, produzindo em algum lugar em sua pessoa um tubo de ensaio cheio de uma substância esverdeada. — Eu aconselho todos vocês a não beber nada.

— Posso garantir que não tínhamos planos de fazer nada assim, seu idiota — disse Thomas.

Matthew estremeceu.

— Chega de conversa sobre icor. Vamos brindar novamente para Thomas estar em casa!

Thomas protestou. James levantou o copo e brindou com Matthew. Christopher estava prestes a bater seu tubo de ensaio no copo de James quando Matthew, murmurando imprecações, confiscou-o e entregou a Christopher um copo de vinho.

Thomas, apesar de suas objeções, parecia satisfeito. A maioria dos Caçadores de Sombras fez uma espécie de grande turnê quando completou dezoito anos, deixando o Instituto de origem para um no exterior; Thomas acabara de voltar de nove meses em Madri, há algumas semanas. O objetivo da viagem era aprender novos costumes e ampliar os horizontes: Thomas certamente havia se expandido, embora principalmente no sentido físico.

Embora fosse o mais velho do grupo, Thomas tinha uma estatura baixa. Quando James, Matthew e Christopher chegaram ao cais para encontrar seu navio da Espanha, eles vasculharam a multidão, quase não reconhecendo seu amigo no jovem musculoso que descia a prancha. Thomas era o mais alto deles agora, bronzeado como se tivesse crescido em uma fazenda em vez de em Londres. Ele podia empunhar uma espada larga em uma mão e, na Espanha, adotara uma nova arma, o *bolas*, feito de cordas fortes e pesos que giravam sobre sua cabeça. Matthew costumava dizer que era como ser camaradas de um gigante amigo.

— Quando você estiver completamente pronto, tenho algumas novidades — disse Thomas, inclinando a cadeira para trás. — Você conhece aquela antiga mansão em Chiswick que pertenceu ao meu avô? Costumava ser chamado de Casa Lightwood? Foi dada a

minha tia Tatiana pela Clave há alguns anos, mas ela nunca a usou - preferiu ficar em Idris na mansão com meu primo, er...

— Gertrude — disse Christopher, prestativo.

— Grace — disse James. — O nome dela é Grace.

Ela também era prima de Christopher, embora James soubesse que nunca a conheceram.

— Sim, Grace — concordou Thomas. — Tia Tatiana sempre manteve os dois em um esplêndido isolamento em Idris - sem visitantes e tudo isso -, mas aparentemente ela decidiu voltar para Londres, então meus pais estão preocupados com isso.

O coração de James deu um baque lento e duro.

— Grace — ele começou, e viu Matthew atirar-lhe um rápido olhar de soslaio. — Grace - está se mudando para Londres — Parece que Tatiana quer trazê-la para a sociedade. — Thomas parecia confuso. — Suponho que você a conheceu, em Idris? Sua casa não fica ao lado da Mansão Blackthorn?

James assentiu mecanicamente. Ele podia sentir o peso da pulseira em torno de seu pulso direito, embora já a tivesse usado por tantos anos que normalmente ele estava inconsciente de sua presença.

— Normalmente, eu a vejo todo verão — disse ele. — Não neste verão, é claro.

Não neste verão. Ele não tinha sido capaz de discutir com os pais quando disseram que a família Herondale passaria esse verão em Londres. Não tinha sido capaz de mencionar o motivo pelo qual ele queria voltar para Idris. Afinal, até onde eles sabiam, ele mal conhecia Grace. A doença, o horror que o dominava ao pensar que ele não a veria por mais um ano não era nada que ele pudesse explicar.

Era um segredo que ele carregava desde os treze anos. Em sua mente, ele podia ver os altos portões erguendo-se diante da Mansão Blackthorn e suas próprias mãos à sua frente - mãos de criança, sem cicatrizes, cortando industriosamente as videiras espinhosas. Ele podia ver o Long Hall na mansão, as cortinas soprando pelas janelas e ouvir música. Ele podia ver Grace em seu vestido de marfim.

Matthew estava olhando para ele com pensativos olhos verdes que não estavam mais dançando. Matthew, só ele entre todos os amigos de James, sabia que havia uma conexão entre James e Grace Blackthorn.

— Londres está sendo invadida positivamente por recém-chegados — observou Matthew. — A família Carstairs estará conosco em breve, não é?

James assentiu.

— Lucie está louca de emoção por ver Cordelia.

Matthew derramou mais vinho no copo.

— Não posso culpá-los por estarem cansados de rústico em Devon - como se chama aquela casa deles? Cirenworth? Acho que eles chegam em um dia ou dois...

Thomas derramou sua bebida. A bebida de James e o tubo de ensaio de Christopher foram com ela. Thomas ainda estava se acostumando a ocupar tanto espaço no mundo, e às vezes se mostrava desajeitado.

— Toda a família Carstairs está chegando, você disse? — disse Thomas.

— Não Elias Carstairs — disse Matthew. Elias era o pai de Cordelia. — Mas Cordelia, e é claro ... — ele parou de falar significativamente.

— Oh, inferno — disse Christopher. — Alastair Carstairs. — Ele parecia vagamente doente. — Não estou me lembrando incorretamente? Ele é uma pílula horrível?

— “Pílula horrível” parece uma maneira de dizer — disse James.

Thomas estava limpando sua bebida; James olhou para ele com preocupação. Thomas era um garoto tímido e pequeno na escola e Alastair um valentão podre.

— Podemos evitar Alastair, Tom. Não há razão para passarmos um tempo com ele, e não consigo imaginar que ele também anseie por nossa sociedade.

Thomas resmungou, mas não em resposta ao que James havia dito. O conteúdo do tubo de ensaio derramado de Christopher havia se transformado em violeta e começado a corroer a mesa. Todos saltaram para pegar as toalhas de prato de Polly. Thomas jogou

uma jarra de água sobre a mesa, que encharcou Christopher, e Matthew se dobrou de rir.

— Eu digo — disse Christopher, enxugando os cabelos molhados dos olhos. — Eu acho que funcionou, Tom. O ácido foi neutralizado.

Thomas estava balançando a cabeça.

— Alguém deveria neutralizá-lo, sua tábua-.

Matthew entrou em colapso histérico.

No meio do caos, James não pôde deixar de se sentir muito longe de tudo. Por tantos anos, em tantas centenas de cartas secretas entre Londres e Idris, ele e Grace juraram um ao outro que um dia estariam juntos; naquele dia, quando adultos, eles se casariam, quer seus pais desejassem ou não, e viveriam juntos em Londres. Sempre foi o sonho deles.

Então, por que ela não disse a ele que estava vindo?

— Veja! O Royal Albert Hall! — Cordelia chorou, pressionando o nariz contra a janela da carruagem. Era um dia brilhante, a luz do sol brilhando sobre Londres, fazendo as casas brancas de South Kensington brilharem como fileiras de soldados de marfim em um caro jogo de xadrez. — Londres realmente tem uma arquitetura maravilhosa.

— Uma observação perspicaz — retrucou seu irmão mais velho, Alastair, que estava ostensivamente lendo um livro sobre somas no canto da carruagem, como se anunciasse que não se incomodaria em olhar pela janela. — Tenho certeza de que ninguém nunca comentou sobre os edifícios de Londres antes.

Cordelia olhou para ele, mas ele não olhou para cima. Ele não podia dizer que ela estava apenas tentando elevar o ânimo de todos? A mãe deles, Sona, estava encostada exaustivamente no lado da carruagem, com cavidades violetas sob os olhos, sua pele marrom normalmente radiante agora pálida. Cordelia estava preocupada com ela há semanas, desde que as notícias sobre o pai chegaram de Devris a Devon.

— O ponto, Alastair, é que agora estamos aqui para viver, não para visitar. Conhecemos pessoas, podemos receber visitantes, não

precisamos ficar no Instituto, mesmo que eu gostaria de estar perto de Lucie.

— E James — disse Alastair, sem levantar os olhos do livro.

Cordelia rangeu os dentes.

— Crianças. — A mãe de Cordelia olhou para eles com reprovação. Alastair parecia ressentido - ele estava com um mês a menos do seu décimo nono aniversário e, pelo menos em sua mente, certamente não era criança.

— Isso é um negócio sério. Como você bem sabe, não estamos em Londres para nos divertir. Estamos em Londres em nome de nossa família.

Cordelia trocou um olhar menos hostil com o irmão. Ela sabia que ele também estava preocupado com Sona, embora ele nunca tivesse admitido. Ela se perguntou pela milionésima vez o quanto ele sabia sobre a situação com o pai. Ela sabia que era mais do que sabia e que ele nunca falaria com ela.

Sentiu um pouco de emoção quando a carruagem parou no 102 Cornualha Gardens, uma das fileiras de grandes casas vitorianas brancas com o número pintado de preto austero no pilar mais à direita. Havia várias figuras em pé nos degraus da frente, embaixo do pórtico. Cordelia reconheceu instantaneamente Lucie Herondale, um pouco mais alta agora do que tinha sido a última vez que Cordelia a vira. Seus cabelos castanhos claros estavam presos sob o chapéu, e sua jaqueta azul-clara e saia combinavam com seus olhos.

Ao lado dela estavam duas figuras. Uma era a mãe de Lucie, Tessa Herondale, a famosa - entre os Caçadores de Sombras, pelo menos - esposa de Will Herondale, que dirigia o Instituto de Londres. Ela parecia um pouco mais velha que a filha. Tessa era imortal, uma bruxa e uma metamorfa, e ela não envelhecia.

Ao lado de Tessa estava James.

Cordelia lembrou, uma vez, quando ela era uma menina pequena, tentando acariciar um cisne na lagoa perto de sua casa. O pássaro se lançou para ela, disparando contra sua barriga e derrubando-a. Por vários minutos, ela ficou deitada na grama,

sufocando e tentando recuperar o fôlego, aterrorizada por nunca mais aspirar ar nos pulmões.

Ela supôs que não era a coisa mais romântica do mundo dizer que toda vez que via James Herondale, sentia como se tivesse sido atacada por um aves aquáticas, mas era verdade.

Ele era bonito, tão bonito que ela se esqueceu de respirar quando olhou para ele. Ele tinha cabelos pretos caídos e selvagens, que pareciam macios ao tocar, e seus cílios longos e escuros franjavam os olhos da cor de mel ou âmbar.

Agora que ele tinha dezessete anos, ele havia crescido fora de seu eu mais jovem e era elegante e adorável por toda parte, perfeitamente organizado, como uma maravilhosa peça de arquitetura.

— Oof! — Seus pés atingiram o chão e ela quase tropeçou. De alguma forma, ela abriu a porta da carruagem e agora estava parada na calçada - bem, tremendo na verdade, enquanto lutava para manter o equilíbrio nas pernas que adormeceram após horas de desuso.

James estava lá instantaneamente, com a mão no braço dela, firmando-a.

— Daisy? — ele disse. — Você está bem?

O apelido dele para ela. Ele não tinha esquecido.

— Apenas desajeitada. — Ela olhou em volta com tristeza. — Eu esperava uma chegada mais agradável.

— Nada para se preocupar. — Ele sorriu e o coração dela se voltou. — As calçadas de South Kensington são cruéis. Fui atacado por eles mais de uma vez.

Faça uma resposta inteligente, ela disse a si mesma. *Diga algo espirituoso.*

Mas ele já havia se virado, inclinando a cabeça na direção de Alastair. James e Alastair não gostaram um do outro na escola, Cordelia sabia, embora sua mãe não. Sona pensou que Alastair tinha sido muito popular.

— Vejo que você está aqui, Alastair. — A voz de James era curiosamente plana. — E você parece ...

Ele olhou para os cabelos branco-amarelos brilhantes de Alastair com algum espanto. Cordelia esperou que ele continuasse, com grande esperança de que ele dissesse *você parece um nabo*, mas ele não o fez.

— Você parece bem — ele terminou.

Os meninos se entreolharam em silêncio enquanto Lucie descia correndo os degraus e abraçava Cordelia.

— Estou muito, muito feliz em vê-la! — ela disse, do seu jeito ofegante. Para Lucie, tudo sempre foi muito, muito, muito alguma coisa, seja bonito, emocionante ou horrível. — Querida Cordelia, vamos nos divertir muito ...

— Lucie, Cordelia e sua família vieram para Londres para que você e Cordelia possam treinar juntas — disse Tessa em sua voz gentil. — Será muito trabalho e responsabilidade.

Cordelia olhou para os sapatos. Tessa estava sendo gentil em repetir a história de que os Carstairs haviam chegado a Londres às pressas por causa de Cordelia e Lucie precisando ser parabatai, mas essa não era a verdade.

— Bem, você deve se lembrar de ter dezesseis anos, senhora Herondale — disse Sona. — As meninas adoram danças e vestidos. Certamente fiz quando tinha a idade deles, e imagino que você também.

Cordelia sabia que isso não era inteiramente verdade sobre sua mãe, mas mantinha a boca fechada. Tessa arqueou as sobrancelhas.

— Lembro-me de assistir a um vampiro brincar uma vez. E algum tipo de festa na casa de Benedict Lightwood, antes que ele recebesse varíola demoníaca e se transformasse em um verme, é claro...

— Mãe! — Lucie disse, escandalizada.

— Bem, ele de fatose transformou em um verme — disse James. — Na verdade mais como uma serpente gigante cruel. Foi inteiramente uma das partes mais interessantes da aula de história.

Tessa foi impedida de mais comentários pela chegada das vans dos removedores que carregavam os pertences dos Carstairs. Vários homens grandes saltaram de uma das vans e foram puxar a

lona que cobria as várias peças de mobiliário, que haviam sido meticulosamente amarradas.

Um dos homens ajudou Risa, a criada e cozinheira de Sona, a descer da primeira van. Risa trabalhava para a família Jahanshah quando Sona estava na adolescência está com ela desde então. Ela era uma mundana que tinha a Visão e, portanto, uma companheira valiosa para um Caçador de Sombras. Risa falava apenas persa; Cordelia se perguntou se os homens na van haviam tentado conversar com ela. Risa entendia inglês perfeitamente, mas ela gostava do seu silêncio.

— Por favor, agradeça a Cecily Lightwood por mim, pelo empréstimo de sua ajuda doméstica — a mãe de Cordelia estava dizendo a Tessa.

— Oh, de fato! Eles virão às terças e quintas-feiras para fazer o trabalho duro, até que você possa encontrar seus próprios servos adequados — respondeu Tessa.

“O trabalho duro” era tudo o que Risa - que cozinhava, fazia compras e ajudava Sona e Cordelia com suas roupas - não deveria fazer, como esfregar o chão ou cuidar dos cavalos. A ideia de que os Carstairs planejavam contratar seus próprios criados logo era outra ficção educada, Cordelia sabia. Quando eles deixaram Devon, Sona deixou todos os empregados irem, exceto Risa, enquanto tentavam economizar o máximo de dinheiro possível enquanto Elias Carstairs aguardava julgamento.

Uma grande forma em uma das vans chamou a atenção de Cordelia.

— Mamãe! — ela exclamou. — Você trouxe o piano?

A mãe deu de ombros.

— Eu gosto de um pouco de música. — Ela gesticulou imperiosamente em direção aos trabalhadores. — Cordelia, vai ser bagunçado e barulhento. Talvez se você e Lucie fossem dar uma volta pelo bairro? E Alastair, você fica aqui e ajuda a direcionar os servos.

Cordelia ficou encantada com a perspectiva de um tempo a sós com Lucie. Enquanto isso, Alastair parecia pego entre azedume por

ter que ficar para trás com sua mãe e pomposidade por ser confiado com as responsabilidades do homem da casa.

Tessa Herondale parecia estar se divertindo.

— James, vá com as garotas. Talvez Kensington Gardens? É uma curta caminhada e um dia adorável.

— Kensington Gardens parece seguro — disse James gravemente.

Lucie revirou os olhos e agarrou a mão de Cordelia.

— Venha, então — disse ela, puxando-a pelos degraus e subindo na calçada.

James, com suas longas pernas, as combinava facilmente.

— Não há necessidade de fugir, Lucie — disse ele. — A mãe não vai te levar de volta e exigir que você arraste um piano para dentro de casa.

Cordelia lançou um olhar de soslaio para ele. O vento agitava seus cabelos pretos. Até o cabelo da própria mãe não era tão escuro: tinha tons de vermelho e dourado. O cabelo de James era como tinta derramada.

Ele sorriu para ela com facilidade, como se não a tivesse pegado olhando para ele.

Por outro lado, ele sem dúvida estava acostumado a ser encarado quando com outros Caçadores de Sombras. Não apenas por causa de sua aparência, mas por outras razões também.

Lucie apertou o braço dela.

— Estou tão feliz que você está aqui — declarou ela. — Eu nunca pensei que isso realmente iria acontecer.

— Por que não? — disse James. — A lei exige que você treine juntos antes de se tornar parabatai e, além disso, o pai adora Daisy e ele faz as regras...

— Seu pai adora qualquer Carstairs — disse Cordelia. — Não tenho certeza se é para o meu crédito particular. Ele pode até gostar de Alastair.

— Acho que ele se convenceu de que Alastair tem profundidades escondidas— disse James.

— O mesmo acontece com areia movediça — disse Cordelia.

James riu.

— Já chega — disse Lucie, estendendo a mão para dar um tapa no ombro de James com uma mão enluvada. — Daisy é minha amiga e você está monopolizando-a. Vá para outro lugar.

Eles estavam subindo o Queen's Gate em direção a Kensington Road, o barulho de tráfego de ônibus ao redor deles. Cordelia imaginou James vagando pela multidão, onde certamente encontraria algo mais interessante para fazer, ou talvez fosse sequestrado por uma linda herdeira que se apaixonaria por ele instantaneamente. Esse tipo de coisa aconteceu em Londres.

— Andarei dez passos atrás de você como um caudatário — disse James. — Mas devo mantê-las à vista, caso contrário, minha mãe me matará, e depois sentirei falta do baile de amanhã e Matthew me matará, e estarei morto duas vezes.

Cordelia sorriu, mas James já estava voltando, como prometido. Ele caminhou atrás deles, dando às meninas espaço para conversar; Cordelia tentou esconder sua decepção com a falta de sua presença. Ela morava em Londres agora, afinal, e avistamentos de James não eram mais visões raras, mas esperançosamente se tornariam parte de sua vida cotidiana.

Ela olhou de volta para ele; ele já havia tirado um livro e estava lendo enquanto caminhava e assobiava baixinho.

— Que baile ele quis dizer? — ela perguntou, virando-se para Lucie.

Passaram sob os portões pretos de ferro forjado do Kensington Park e entraram na sombra arborizada. O jardim público estava cheio de babás empurrando bebês em carrinhos de bebê e jovens casais caminhando juntos sob as árvores. Duas garotinhas faziam correntes de margarida e um menino de terno de marinheiro azul corria junto com um aro, gritando de tanto rir. Ele correu para um homem alto, que o pegou e o jogou no ar enquanto ele ria. Cordelia fechou os olhos por um momento, pensando em seu próprio pai, na maneira como ele a jogava no ar quando ela era muito pequena, fazendo-a rir e rir mesmo quando ele a pegava em seu caminho para o chão.

— Amanhã à noite — disse Lucie, ligando o braço ao de Cordelia. — Estaremos realizando um baile para recebê-los em

Londres. Todo o Enclave estará lá, e haverá dança, e a mãe terá a chance de mostrar o novo salão de baile. E terei a chance de mostrar você.

Cordelia sentiu um calafrio sobre ela - parte excitação, parte medo. O Enclave era o nome oficial dos Caçadores de Sombras de Londres: todas as cidades tinham um Enclave, que respondia ao Instituto local, bem como à autoridade superior da Clave e do Cônsul. Ela sabia que era tolice, mas o pensamento de tantas pessoas formigou sua pele com ansiedade. A vida que ela vivera com sua família - viajando constantemente, exceto quando estavam em Cirenworth, em Devon - fora desprovida de multidões.

E, no entanto, era isso que ela tinha que fazer - o que todos tinham vindo a Londres para fazer. Ela pensou em sua mãe.

Não era uma bola, ela disse a si mesma. Foi a primeira escaramuça em uma guerra.

Ela abaixou a voz.

— Será que todo mundo lá - todo mundo sabe sobre o meu pai?

— Ah não. Pouquíssimas pessoas ouviram detalhes, e essas pessoas estão sendo muito atentos sobre isso. — Lucie olhou para ela especulativamente. — Você estaria disposta - se você me dissesse o que aconteceu, eu juro que não compartilharia isso com uma alma, nem mesmo James.

O peito de Cordelia doía, como sempre fazia quando ela pensava em seu pai. Mas ela deve contar isso a Lucie, no entanto, e precisaria contar para outras pessoas também. Ela não seria capaz de ajudar o pai, a menos que fosse direta em exigir o que queria.

— Cerca de um mês atrás, meu pai foi para Idris — disse ela. — Era tudo muito secreto, mas um ninho de demônios Kravya tinha sido descoberto nos arredores da fronteira de Idris.

— Sério? — disse Lucie. — Eles são desagradáveis, não são? Comedores de homem?

Cordelia assentiu.

— Eles destruíram quase uma alcateia inteira de lobisomens. Na verdade, foram os lobos que trouxeram a notícia para Alicante. A consulesa reuniu uma força expedicionária de Nephilim e chamou meu pai por causa de sua experiência com demônios raros.

Juntamente com dois do Submundo, ele ajudou a planejar a expedição para matar os Kravya.

— Isso parece muito emocionante — disse Lucie. — E como é maravilhoso trabalhar com Submundanos assim.

— Deveria ter sido — disse Cordelia. Ela olhou para trás; James estava a uma boa distância, ainda lendo. Ele não podia ouvi-los. — A expedição deu errado. Os demônios Kravya haviam desaparecido - e os Nephilim haviam invadido a terra que um clã de vampiros acreditava ser deles. Houve uma briga - uma briga.

Lucie empalideceu.

— Pelo anjo. Alguém foi morto?

— Vários Nephilim ficaram feridos — disse Cordelia. — E o clã dos vampiros acreditava que nós - que os Caçadores de Sombras - haviam se aliado aos lobisomens para atacá-los. Foi uma bagunça terrível, algo que poderia ter desfeito os Acordos.

Lucie parecia horrorizada. Cordelia não a culpava. Os Acordos eram um acordo de paz entre Caçadores de Sombras e Submundo que ajudou a manter a ordem. Se eles fossem quebrados, um caos sangrento poderia acontecer.

— A Clave iniciou uma investigação — disse Cordelia. — Tudo certo e adequado. Achamos que meu pai deveria ser testemunha, mas ele foi preso. Eles o estão culpando pela expedição que deu errado. Mas não foi culpa dele. Ele não poderia saber... — Ela fechou os olhos. — Quase o matou, tendo decepcionado tanto a Clave. Ele terá que viver com a culpa a vida toda. Mas nenhum de nós esperava que terminassem a investigação e o prendessem. — As mãos dela tremiam; ela as entrelaçou firmemente. — Ele me enviou uma nota, mas nada depois disso: eles a proibiram. Ele está detido em prisão domiciliar em Alicante até que seu julgamento possa ocorrer.

— Um julgamento? — disse Lucie. — Apenas para ele? Mas havia outros encarregados da expedição também, não havia?

— Haviam outros, mas meu pai está sendo feito o bode expiatório. Tudo foi responsabilizado por ele. Minha mãe queria ir até Idris para vê-lo, mas ele proibiu — acrescentou Cordelia. — Ele disse que devemos ir a Londres - que, se ele for condenado, a

vergonha que cairá sobre nossa família será imensa e que devemos agir rapidamente para evitar isso.

— Isso seria muito injusto! — Os olhos de Lucie brilharam. — Todo mundo sabe que Caça às Sombras é um trabalho perigoso. Certamente será determinado depois que seu pai for questionado que ele fez o melhor que pôde.

— Talvez — disse Cordelia, em voz baixa. — Mas eles precisam de alguém para culpar - e ele está certo de que temos poucos amigos entre os Caçadores de Sombras. Nós nos mudamos muito porque Baba estava doente, nunca morando muito tempo em um só lugar - Paris, Bombaim, Marrocos -

— Eu sempre pensei que era muito glamouroso.

— Estávamos tentando encontrar um clima melhor para a saúde dele — disse Cordelia, — mas agora minha mãe sente que conhece poucos aliados. É por isso que estamos aqui, em Londres. Ela espera que possamos fazer amigos rapidamente, para que, se meu pai for preso, teremos alguns para ficar ao nosso lado e nos defender.

— Sempre há tio Jem. Ele é seu primo — sugeriu Lucie. — E os Irmãos do Silêncio são apreciados pela Clave.

O tio de Lucie, Jem, era James Carstairs, conhecido pela maioria dos Nephilim como irmão Zachariah. Os Irmãos do Silêncio eram os médicos e arquivistas dos Nephilim: mudos, de vida longa e poderosos, eles habitavam a Cidade do Silêncio, um mausoléu subterrâneo com mil entradas em todo o mundo.

A coisa mais estranha sobre eles para Cordelia era que - como suas contrapartes, as Irmãs de Ferro, que esculpiram armas e estelas de adamas - eles escolheram ser o que eram: Jem já fora um caçador de sombras comum, o parabatai do pai de Lucie, Will. Quando ele se tornou um Irmão do Silêncio, runas poderosas o silenciaram e assustaram, e fecharam os olhos para sempre. Os Irmãos do Silêncio não envelheciam fisicamente, mas também não tinham filhos, esposas ou lares. Parecia uma vida terrivelmente solitária. Cordelia certamente viu o irmão Zachariah - Jem - em ocasiões importantes, mas ela não sentiu que o conhecia como James e Lucie. O pai dela nunca se sentira à vontade na presença

de um Irmão do Silêncio e fizera o possível ao longo da vida para impedir Jem de visitar sua família.

Se Elias tivesse pensado de maneira diferente, Jem agora poderia ser um aliado. Como as coisas estavam, Cordelia não tinha ideia de como começar a se aproximar dele.

— Seu pai não será condenado — disse Lucie, apertando a mão de Cordelia. — Vou falar com meus pais.

— Não, Lucie. — Cordelia balançou a cabeça. — Todo mundo sabe o quão perto nossas famílias são. Eles não vão pensar que sua mãe e seu pai são imparciais. — Ela exalou. — Eu vou ao cônsul. Diretamente. Ela pode não perceber que eles estão tentando fazer esse escândalo com os Submundanos desaparecer culpando meu pai. É mais fácil apontar o dedo para uma pessoa do que admitir que todos cometeram erros.

Lucie assentiu.

— Tia Charlotte é tão gentil que não consigo imaginar que ela não ajude.

Tia Charlotte era Charlotte Fairchild, a primeira mulher a ser eleita cônsul. Ela também era mãe do parabatai de James, Matthew, e uma velha amiga da família dos Herondales.

Um cônsul tinha um poder enorme e, quando Cordelia soube pela primeira vez da prisão de seu pai, pensou imediatamente em Charlotte. Mas a consulesa não estava livre para fazer o que quisesse, explicou Sona. Havia grupos dentro da Clave, facções poderosas sempre a pressionavam a fazer isso ou aquilo, e ela não podia arriscar irritá-los. Só pioraria as coisas para a família se fossem ao cônsul.

Em particular Cordelia pensou que sua mãe estava errada, não era isso o que o poder era, a capacidade de arriscar irritar as pessoas? Qual era o sentido de ser uma consulesa se você ainda se preocupasse em manter as pessoas felizes? Sua mãe era muito cautelosa, com muito medo. Sona acreditava que a única maneira possível de sair de sua situação atual era que Cordelia se casasse com alguém influente: alguém que pudesse salvar seu nome de família se Elias fosse preso.

Mas Cordelia não mencionaria isso a Lucie. Ela não tinha intenção de mencionar isso a ninguém. Ela mal conseguia pensar nisso: não era contra a idéia de se casar, mas tinha que ser a pessoa certa e por amor. Não seria parte de uma barganha reduzir a vergonha de sua família quando seu pai não fizesse nada errado. Ela resolveria isso com inteligência e bravura - não com a venda de si mesma como noiva.

— Eu sei, é absolutamente horrível agora — disse Lucie, e Cordelia teve a sensação de ter perdido vários momentos da conversa com Lucie — mas eu sei que tudo acabará em breve e seu pai estará de volta em segurança. Enquanto isso, você estará em Londres e poderá treinar comigo e ... Oh! — Lucie tirou o braço do de Cordelia e mergulhou na bolsa. — Eu quase esqueci. Tenho outra edição de The Beautiful Cordelia para você ler.

Cordelia sorriu e tentou esquecer a situação com o pai. The Beautiful Cordelia era um romance que Lucie começara quando tinha doze anos. A intenção era animar Cordelia durante uma estadia prolongada na Suíça. Ele narrava as aventuras de uma jovem chamada Cordelia, devastadoramente bela para todos que a viam, e do belo homem que a adorava, Lord Hawke. Infelizmente, eles se separaram quando a bela Cordelia foi seqüestrada por piratas, e desde então ela tentava encontrar o caminho de volta para ele, embora sua jornada fosse complicada por muitas aventuras e por muitos outros homens atraentes - que sempre apaixonou-se por ela e desejou o casamento - que a verdadeira Cordelia havia perdido a conta.

Todo mês, fielmente, por quatro anos, Lucie enviara um novo capítulo para Cordelia e ela se envolvia com as aventuras românticas de sua contraparte fictícia e se perdia na fantasia por um tempo.

— Maravilhoso — disse ela, pegando as folhas de papel. — Mal posso esperar para ver se Cordelia escapa do perverso rei bandido!

— Bem, como se vê, o rei bandido não é totalmente perverso. Veja bem, ele é o filho mais novo de um duque que sempre esteve, desculpe — Lucie terminou humildemente com o olhar de Cordelia. — Eu esqueci como você odeia contar a história antes de lê-la.

— Sim. — Cordelia bateu no braço da amiga com o manuscrito enrolado. — Mas obrigado, querida, vou ler imediatamente quando tiver um momento. — Ela olhou por cima do ombro. — Quero dizer, eu quero conversar a sós com você também, mas estamos sendo terrivelmente rudes pedindo ao seu irmão que fique atrás de nós?

— Nem um pouco — Lucie assegurou. — Olhe para ele. Ele está bastante distraído, lendo.

E ele estava. Embora James parecesse totalmente envolvido com o que ele estava lendo, ele, no entanto, contornava os transeuntes que chegavam, as pedras ocasionais ou galhos caídos, e uma vez até um garoto segurando um aro com uma admirável graça. Cordelia suspeitava que, se tivesse tentado esse truque, teria colidido com uma árvore.

— Você tem muita sorte — disse Cordelia, ainda olhando por cima do ombro para James.

— Por que diabos? — Lucie olhou para ela com os olhos arregalados. Onde os olhos de James eram âmbar, os de Lucie eram azul pálido, alguns tons mais claros que os do pai.

A cabeça de Cordelia girou de volta.

— Oh, porque- — Porque você passa um tempo com James todos os dias? Ela duvidava que Lucie pensasse que era algum presente especial; não, quando era a família. — Ele é um bom irmão mais velho. Se eu pedisse a Alastair que andasse dez passos atrás de mim em um parque, ele faria questão de ficar ao meu lado o tempo todo, apenas para ser irritante.

— Pfft! — Lucie exclamou. — É claro que eu adoro Jamie, mas ele tem sido terrível ultimamente, desde que se apaixonou.

Ela poderia muito bem ter jogado um dispositivo incendiário na cabeça de Cordelia. Tudo parecia desmoronar ao seu redor.

— Ele o que?

— Apaixonou-se — Lucie repetiu, com o olhar de alguém gostando de dar um pouco de fofoca. — Ah, ele não diz com quem, é claro, porque é Jamie e ele nunca nos diz nada. Mas o pai o diagnosticou e ele diz que é definitivamente amor.

— Você faz parecer que é consumo. — A cabeça de Cordelia estava girando com consternação. James apaixonado? Com quem?

— Bem, é um pouco, não é? Ele fica todo pálido e mal-humorado e olha pela janela como Keats.

— Keats olhava pela janela? — Às vezes, acompanhar Lucie era difícil.

Lucie continuou, indiferente à questão de saber se o principal poeta romântico da Inglaterra tinha ou não olhado pela janela.

— Ele não diz nada a ninguém, exceto Matthew, e Matthew é uma tumba onde diz respeito a James. Ouvi um pouco da conversa deles esta manhã por acidente, no entanto...

— Acidente? — Cordelia levantou uma sobrancelha.

— Eu poderia estar escondida debaixo de uma mesa — disse Lucie, com dignidade. — Mas foi apenas porque eu havia perdido um brinco e estava procurando por ele.

Cordelia reprimiu um sorriso.

— Continue.

— Ele definitivamente está apaixonado, e Matthew acha que está sendo tolo. É uma garota que não mora em Londres, mas está prestes a chegar aqui para uma estadia prolongada. Matthew não a aprova... — Lucie parou de repente e agarrou o pulso de Cordelia. — Oh!

— Ai! Lucie ...

— Uma adorável jovem prestes a chegar em Londres! Oh, eu sou uma porta! Claro que está na cara quem ele quis dizer!

— Está? — Disse Cordelia. Eles estavam se aproximando da famosa Long Water; ela podia ver o sol brilhando na superfície.

— Ele quis dizer você — Lucie respirou. — Ai que amor! Imagine se você se casasse! Poderíamos ser irmãs na verdade!

— Lucie! — Cordelia baixou a voz para um sussurro. — Não temos provas de que sou eu.

— Bem, ele seria um louco para não se apaixonar por você — disse Lucie. — Você é terrivelmente bonita e, como Matthew disse, você acabou de chegar em Londres para uma estadia prolongada. Quem mais poderia ser? O Enclave simplesmente não é tão grande. Não, deve ser você.

— Eu não sei-Os olhos de Lucie se arregalaram.

— Você não gosta dele? Bem, não é esperado que você goste ainda. Quero dizer, você o conheceu a vida toda, então imagino que ele não seja tão impressionante, mas tenho certeza de que você poderia se acostumar com o rosto dele. Ele não ronca ou faz piadas grosseiras. Realmente, ele não é nada mau — acrescentou judiciosamente. — Apenas considere? Dance uma dança com ele amanhã. Você tem um vestido, não é? Você deve ter um vestido adorável, para que ele fique propriamente atordoado por você.

— Eu tenho um vestido — Cordelia apressou-se a tranquilizá-la, embora soubesse que estava longe de ser adorável.

— Depois que você o atordoar — Lucie continuou, — ele irá propor. Depois, decidiremos se você aceitará e se aceitar, se terá um longo noivado. Pode ser melhor se você o fizer, para que possamos concluir nosso treinamento em parabatai.

— Lucie, você está me deixando tonta! — Cordelia disse, e lançou um olhar preocupado por cima do ombro. James ouviu alguma coisa do que eles disseram? Não, não parecia: ele ainda estava andando, lendo.

Uma esperança traidora cresceu em seu coração, e por um momento ela se permitiu imaginar noiva de James, sendo acolhida na família de Lucie. Lucie, sua irmã aos olhos da lei agora, carregando um maço de flores em seu casamento. Os amigos deles - eles certamente teriam amigos - exclamando: "Vocês dois formam um casal perfeito"

Ela franziu o cenho de repente.

— Por que Matthew não me aprova? — ela perguntou e depois limpou a garganta. — Quero dizer, se eu era a garota de quem eles estavam falando, tenho certeza de que não era.

Lucie acenou com a mão levemente.

— Ele não achava que a garota em questão se importava com James. Mas, como já constatamos, você pode se apaixonar por ele facilmente, se se esforçar um pouco. Matthew é excessivamente protetor com Jamie, mas ele não é nada a temer. Ele pode não gostar de muitas pessoas, mas é muito gentil com as pessoas que gosta.

Cordelia pensou em Matthew, o parabatai de James. Matthew mal havia saído do lado de James desde que ambos estavam na escola em Idris, e ela o encontrava de vez em quando em eventos sociais. Matthew tinha cabelos e sorrisos dourados, mas ela suspeitava que poderia haver um leão embaixo do gatinho se machucasse James.

Mas ela nunca machucaria James. Ela o amava. Ela o amou a vida toda.

E amanhã ela teria a chance de dizer isso a ele. Ela não tinha dúvida de que isso lhe daria a confiança de abordar a consulesa e apresentar o caso de leniência do pai, talvez com James ao seu lado.

Cordelia levantou o queixo. Sim, depois do baile de amanhã, a vida dela seria muito diferente.

DIAS PASSADOS: IDRIS, 1899

Todos os anos, desde que James conseguia se lembrar, ele e sua família tinham ido a Idris para passar o verão na Mansão Herondale. Era um grande edifício de pedra amarelo-dourada, seus jardins inclinando-se para o espaço verde encantado da Floresta Brocelind, um muro alto separando-o da mansão da família Blackthorn ao lado.

James e Lucie passavam os dias brincando nos arredores da floresta escura, nadando e pescando no rio próximo, e andando a cavalo pelos campos verdes. Às vezes, tentavam espiar por cima do muro da casa dos Blackthorn, mas os muros estavam cheios de trepadeiras espinhosas. Espinhos com ponta de navalha enrolavam os portões como se a Mansão Blackthorn tivesse sido abandonada e crescido demais, e embora soubessem que Tatiana Blackthorn morava lá, eles só tinham visto a carruagem dela entrando e saindo à distância, as portas e janelas firmemente fechadas.

James certa vez perguntou a seus pais por que eles nunca se socializaram com a mulher que morava ao lado, principalmente porque Tatiana era parente dos tios de James, Gideon e Gabriel Lightwood. Tessa explicou diplomaticamente que havia sangue ruim entre suas famílias desde que o pai de Tatiana havia sido amaldiçoado e eles não foram capazes de salvá-lo. O pai e o marido morreram naquele dia e o filho Jesse morreu nos anos seguintes. Ela culpou Will e seus irmãos por suas perdas.

— As pessoas ficam presas na amargura às vezes — disse Tessa — e elas desejam encontrar alguém, alguém, para culpar por sua dor. É uma pena, porque Will e seus tios a teriam ajudado se pudessem.

James não havia pensado muito mais em Tatiana: uma mulher estranha que odiava seu pai irracionalmente não era alguém que ele queria conhecer. Então, no verão em que James completou 13 anos, veio uma mensagem de Londres dizendo a Will que Edmund e Linette Herondale, os avós de James, haviam morrido de gripe.

Se Will não estivesse tão distraído com sua perda, talvez as coisas tivessem sido diferentes.

Mas ele estivera, e elas não foram.

Na noite seguinte ao conhecimento das mortes de Linette e Edmund, Will estava sentado no chão na sala de estar, Tessa na poltrona estofada atrás dele, e Lucie e James estavam esticados no tapete da lareira. As costas de Will estavam contra as pernas de Tessa enquanto ele olhava sem ver o fogo. Todos tinham ouvido as portas da frente se abrirem; Will olhou para cima quando Jem entrou, e Jem, em suas roupas do Irmão Silencioso, foi até Will e sentou-se ao lado dele. Ele puxou a cabeça de Will contra seu ombro, e Will segurou a frente das vestes de Jem em seus punhos e ele chorou. Tessa inclinou a cabeça sobre os dois, e os três estavam unidos em um sofrimento adulto, uma esfera que James ainda não conseguia tocar. Foi a primeira vez que ocorreu a James que seu pai poderia chorar por qualquer um.

Lucie e James escaparam para a cozinha. Foi aí que Tatiana Blackthorn os encontrou - sentados à mesa, enquanto sua cozinheira, Bridget, os alimentava com pudim para o jantar - quando ela chegou para pedir que James cortasse os espinhos. Ela parecia um corvo cinzento, deslocado na cozinha brilhante. Seu vestido era de sarja, esfarrapado nas bainhas e nos punhos, e um chapéu sujo com um pássaro empalhado de olhos redondos estava inclinado de lado na cabeça. Seus cabelos eram grisalhos, sua pele era grisalha e seus olhos eram verdes opacos, como se miséria e raiva tivessem sugado toda a cor dela.

— Rapaz — disse ela, olhando para James. — Meus portões de mansão estão presos rapidamente pelo crescimento excessivo. Eu preciso de alguém para cortar os espinhos. Você pode fazer isso?

Talvez se as coisas tivessem sido diferentes, se James já não estivesse se sentindo inquieto com o desejo de ajudar seu pai, mas sem ter idéia de como fazê-lo, ele poderia ter dito não. Ele poderia ter se perguntado por que a sra. Blackthorn não simplesmente perguntou pra quem estava fazendo isso por todos esses anos, ou por que de repente ela precisava dessa tarefa realizada à noite.

Mas ele não fez. Ele se levantou da mesa e seguiu Tatiana para a noite que caía. O pôr do sol havia começado, e as árvores da floresta de Brocelind pareciam incendiar-se no alto, enquanto ela caminhava pelo terreno entre as duas casas, até os portões da frente da Mansão Blackthorn. Eram de ferro preto e retorcido, com um arco no topo que soletrava palavras em latim: LEX MALLA, LEX NULLA.

Uma lei ruim não é lei.

Ela se abaixou entre as folhas flutuantes e se levantou, segurando uma faca enorme. Era evidente que uma vez fora afiada, mas agora a lâmina era de um marrom tão escuro com ferrugem que parecia quase preta. Por um momento, James teve a fantasia de que Tatiana Blackthorn o trouxera aqui para matá-lo. Ela cortaria seu coração e o deixaria deitado, onde seu sangue corria pelo chão.

Em vez disso, ela enfiou a faca nas mãos dele.

— Aqui está, garoto — disse ela. — Não tenha pressa.

Ele pensou por um momento que ela sorriu, mas poderia ter sido um truque da luz. Ela sumiu no meio da grama seca, deixando James parado diante dos portões, com a lâmina enferrujada na mão, como o pretendente menos bem-sucedido da Bela Adormecida. Com um suspiro, ele começou a cortar.

Ou pelo menos, ele começou a tentar. A lâmina opaca não cortou nada, e os sarças eram tão grossos quanto as barras nos portões. Mais de uma vez ele ficou preso com força pelos pontos perversos dos espinhos.

Seus braços doloridos logo pareciam chumbo e sua camisa branca estava manchada de sangue. Isso era ridículo, ele disse a si mesmo. Certamente isso foi além da obrigação de ajudar um vizinho. Certamente seus pais entenderiam se ele jogasse a faca de lado e fosse para casa. Certamente-Um par de mãos, brancas como lírios, subitamente flutuaram entre as videiras.

— Garoto Herondale — sussurrou uma voz. — Deixe-me ajudá-lo.

Ele olhou surpreso quando algumas videiras caíram. Um momento depois, o rosto de uma garota apareceu na brecha, pálido e pequeno.

— Garoto Herondale — ela disse novamente. — Você tem voz?

— Sim, e um nome — disse ele. — É James.

O rosto dela desapareceu da brecha das videiras. Houve um som estridente e, um momento depois, um par de cortadores de sarça - talvez não inteiramente novos, mas certamente úteis - surgiu sob os portões. James se inclinou para agarrá-los.

Ele estava se endireitando quando ouviu o nome dele: era a voz de sua mãe.

— Eu devo ir — disse ele. – Mas obrigada, Grace. Você é Grace, não é? Grace Blackthorn?

Ele ouviu o que parecia um suspiro, e ela apareceu novamente na brecha das videiras.

— Oh, por favor, volte — disse Grace. — Se você voltar amanhã à noite, vou me esgueirar até os portões aqui e conversar com você enquanto você corta. Faz tanto tempo desde que falei com outra pessoa além da mamãe.

A mão dela alcançou através das barras, e ele viu linhas vermelhas em sua pele onde os espinhos a rasgaram - James levantou a própria mão e, por um momento, seus dedos roçaram.

— Eu prometo — ele se viu dizendo. — Eu voltarei.

2

CINZAS DE ROSAS

Embora um fosse justo como rosas, Sua beleza nubla e fecha;
E bem, embora o amor repouse,
No final, não está bem.
—Algernon Charles Swinburne, “O Jardim de Proserpina”

— Matthew — disse James. — Matthew, eu sei que você está lá embaixo. Venha para fora, ou eu juro pelo Anjo vou te dissecar um como um sapo.

James estava deitado em cima da mesa de bilhar na sala de jogos do Instituto, olhando para o lado.

O baile havia começado a pelo menos meia hora e ninguém conseguia encontrar Matthew. James foi quem achou que seu parabatai estava escondido aqui: era um dos quartos favoritos deles, confortável e generosamente decorado por Tessa. Estava encoberto no trilho de dados com listras cinza e pretas e pintado de cinza por cima. Havia retratos emoldurados e árvores genealógicas nas paredes, e um conjunto de sofás e poltronas confortáveis e bem gastos. Um jogo de xadrez lindamente polido brilhava como uma caixa de joias em cima de um humidor de charuto Dunhill. Havia também a enorme mesa de bilhar em que Matthew estava escondido.

Houve um barulho e a cabeça loira de Matthew apareceu embaixo da mesa. Ele piscou os olhos verdes para James.

— Jamie, Jamie — disse ele, com fingida tristeza. — Por que você deve incomodar um sujeito assim? Eu estava dormindo pacificamente.

— Bem, acorde. Você é necessário no salão para compensar os números — disse James. — Há um número chocante de meninas por aí.

— Maldito seja o salão de baile — disse Matthew, saindo de debaixo da mesa. Ele estava esplendidamente vestido de pomba cinza, com um cravo verde pálido na lapela. Em uma mão, ele agarrou uma jarra de vidro cortado. — Lide com a parte da dança. Eu pretendo permanecer aqui e ficar completamente atolado. — Ele olhou para a garrafa e depois esperançosamente para James. — Você pode se juntar a mim, se quiser.

— Esse é o vinho do meu pai — disse James. Era uma coisa forte, ele sabia, e muito doce. — Você se sentirá muito mal de manhã."

— *Carpe Decanter* — disse Matthew. — É um bom vinho. Eu sempre admirei seu pai, você sabe. Planejei ser como ele um dia. Embora eu conhecesse um bruxo que tinha três braços. Ele podia duelar com uma mão, embaralhar um baralho com a próxima e desatar o espartilho de uma dama com a terceira, tudo ao mesmo tempo. Agora havia um sujeito a imitar.

— Você já está bêbado — disse James, desaprovador, e estendeu a mão para pegar o decantador da mão de Matthew. Matthew foi rápido demais para ele, porém, e a tirou do alcance enquanto se erguia para agarrar o braço de James. Ele o puxou da mesa e, em um momento, eles estavam rolando no tapete como filhotes, Matthew rindo incontrolavelmente, James tentando afastar a garrafa dele.

— Saia – de cima – de mim! — Matthew chiou e soltou. James caiu para trás com tanta força que o topo da garrafa decolou. Vinho espirrou sobre suas roupas.

— Agora veja o que você fez! — ele lamentou, usando o lenço de bolso para fazer o que podia para limpar a mancha escarlate que se espalhava pela frente da camisa. — Estou com o cheiro de um cervejeiro e pareço um açougueiro.

— Besteira — disse Matthew. — Nenhuma das meninas se importa com suas roupas de qualquer maneira. Elas estão ocupadas demais olhando seus grandes olhos dourados. — Ele arregalou os olhos para James até parecer que estava ficando louco. Então ele os atravessou.

James apenas franziu a testa. Seus olhos eram grandes, com franjas pretas e da cor do chá dourado pálido, mas ele havia sido atormentado muitas vezes na escola por causa de seus olhos incomuns para encontrar algum prazer em sua singularidade.

Matthew estendeu as mãos.

— Pax — disse ele, irritado. — Que haja paz entre nós. Você pode derramar o resto do vinho na minha cabeça.

A boca de James se curvou em um sorriso. Era impossível ficar bravo com Matthew. Era quase impossível ficar com raiva de Matthew.

— Venha comigo para o salão de baile e compense os números e podemos chamar de paz.

Matthew levantou-se obedientemente - por mais que estivesse bêbado, ele estava sempre firme. Ele ajudou James com uma mão firme e ajeitou a jaqueta para cobrir a mancha de vinho.

— Você quer algum vinho dentro de você ou só quer vesti-lo? — Ele ofereceu a James o decantador.

James balançou a cabeça. Seus nervos já estavam desgastados e, embora o vinho os acalmasse, também atrapalhava seus pensamentos. Ele queria permanecer afiado - no caso. Ela pode não vir hoje à noite, ele sabia. Mas, novamente, ela pode. Fazia seis meses desde sua última carta, mas agora ela estava em Londres. Ele precisava estar preparado para qualquer coisa.

Matthew suspirou enquanto colocava a garrafa sobre a lareira.

— Você sabe o que eles dizem — disse ele, quando ele e James deixaram a sala e começaram a voltar para a festa. — Beba e você dormirá; durma e você não pecará; não peque, e você será salvo; portanto, beba e seja salvo.

— Matthew, você pode pecar enquanto dorme — disse uma voz lânguida.

— Anna — disse Matthew, apoiando-se no ombro de James. — Você já foi enviada para nos buscar?

Deitada na parede, estava a prima de James, Anna Lightwood, maravilhosamente vestida com calças justas e uma camisa listrada. Ela tinha os olhos azuis de um Herondale, sempre desconcertantes para James ver, pois parecia um pouco como se seu pai estivesse olhando para ele.

— Se por 'buscar', você quer dizer 'arrastá-lo de volta ao salão de qualquer maneira possível'— disse Anna. — Há garotas que precisam de alguém para dançar com elas e dizer que são bonitas, e eu não posso fazer tudo sozinha.

Os músicos no salão de repente tocaram uma música - uma valsa animada.

— Ha, não vou valsar — disse Matthew, em desespero. — Eu detesto valsar. — Ele começou a recuar. Anna o agarrou pelas costas do casaco.

— Oh, não, você não detesta — ela disse, e firmemente os conduziu para o salão de baile.

— Pare de se olhar — disse Alastair, em um tom cansado. — Por que as mulheres estão sempre se olhando? E por que você está franzindo a testa?

Cordelia olhou para o vidro do píer com o reflexo de seu irmão. Todos estavam esperando do lado de fora do grande salão de baile do Instituto, Alastair parecendo perfeito em imaculado preto e branco, seus cabelos loiros penteados para trás com pomada, mãos enluvadas em peles de criança.

Porque a mãe me veste, mas ela permite que você vista o que quiser, ela pensou, mas não disse, já que a mãe deles estava ali. Sona estava determinada a vestir Cordelia no auge da moda, mesmo que o auge da moda não combinasse com a filha. Naquela noite, ela escolhera um vestido para Cordelia de lilás pálido com bordas brilhantes de corneta. Seu cabelo estava preso em uma cachoeira de cachos, e seu espartilho de bico de cisne a deixava sem fôlego.

Cordelia era da opinião de que ela parecia horrível. Pastéis eram toda a raiva nos jornais da moda, mas esses jornais esperavam que as meninas fossem loiras, de seios pequenos e de pele clara. Cordelia era decididamente nenhuma dessas coisas. Pastéis a lavavam, e até o espartilho não pôde achatar seu peito. Os cabelos ruivos escuros também não eram finos e delicados: eram espessos e longos como os da mãe, chegando à cintura quando escovados. Parecia ridículo em pequenos cachos.

— Porque eu tenho que usar um espartilho, Alastair — ela retrucou. — Eu estava verificando se eu tinha ficado cor de ameixa.

— Você combinaria com o seu vestido — observou Alastair.

Cordelia não pôde deixar de desejar que seu pai estivesse lá; ele sempre dizia que ela estava linda.

— Crianças — disse a mãe, reprovadora.

Cordelia teve a sensação de que se referiria a eles como "crianças", mesmo quando velhos e cinzentos, atirando uns nos outros das cadeiras de banho.

— Cordelia, os espartilhos não apenas criam uma forma feminina, mas também mostram que uma dama é finamente criada e de delicadas sensibilidades. Alastair, deixe sua irmã em paz. Esta é uma noite muito importante para todos nós, e devemos estar atentos para causar uma boa impressão.

Cordelia podia sentir o desconforto de sua mãe de que ela era a única mulher na sala usando um *roosari* sobre os cabelos, sua preocupação era de não ter conhecimento de quem eram as pessoas poderosas na sala, quando ela saberia imediatamente nos salões de do Instituto de Teerã.

As coisas seriam todas diferentes depois desta noite, Cordelia disse a si mesma novamente. Não importava se o vestido dela era horrível: o que importava era que ela encantasse os influentes Caçadores de Sombras na sala que poderiam efetuar uma introdução à Cônsul para ela. Ela faria Charlotte entender - faria todos entenderem - que seu pai poderia ser um pobre estrategista, mas não havia razão para ele estar na cadeia. Ela os faria entender que a família Carstairs não tinha nada a esconder.

Ela faria sua mãe sorrir.

As portas do salão se abriram e havia Tessa Herondale em chiffon rosa, com pequenas rosas no cabelo. Cordelia duvidava que ela precisasse usar um espartilho. Ela já era de aparência bastante etérea. Era difícil acreditar que ela era a mulher que derrubara um exército de monstros de metal.

— Obrigado por esperar — disse ela. — Eu queria reunir todos vocês e fazer as apresentações. Todo mundo está morrendo de vontade de conhecê-los. Venham, venham!

Ela os levou para o salão de baile. Cordelia tinha uma fraca lembrança de brincar aqui com Lucie quando este estava bastante

deserto. Agora estava cheio de luz e música.

Foram-se as paredes pesadamente brocadas de anos atrás e as enormes cortinas de veludo. Tudo era arejado e claro, as paredes revestidas de bancos de madeira clara, almofadados com almofadas de listras douradas e brancas. Um friso de pássaros dourados disparando entre árvores corria acima das cortinas - se você olhasse de perto, podia ver que eram garças. Pendurado nas paredes, havia uma variedade de armas ornamentais - espadas em bainhas de jóias, arcos esculpidos em marfim e jade, punhais com cabos nas formas de explosões de sol e asas de anjo.

A maior parte do chão estava limpa para dançar, mas havia um aparador carregado de copos e jarras de limonada gelada. Algumas mesas envoltas em branco estavam espalhadas pela sala. Senhoras casadas mais velhas e algumas mais jovens que não tinham parceiros de dança aglomeravam-se nas paredes, ocupando-se de fofocar.

O olhar de Cordelia procurou instantaneamente Lucie e James. Ela encontrou Lucie imediatamente, dançando com um jovem de cabelos cor de areia, mas examinou a sala em busca dos cabelos escuros despenteados de James. Ele não parecia estar aqui.

Não que houvesse tempo para insistir nisso. Tessa era uma anfitriã especialista. Cordelia e sua família foram levadas de grupo em grupo, as apresentações feitas, suas virtudes e valores enumerados. Ela foi apresentada a uma garota de cabelos escuros alguns anos mais velha que ela, que parecia completamente à vontade em um vestido verde pálido enfeitado com renda.

— Barbara Lightwood — disse Tessa, e Cordelia se animou enquanto se curvavam. Os Lightwood eram primos de James e Lucie, e uma família poderosa por direito próprio.

Sua mãe conversou imediatamente com os pais de Barbara, Gideon e Sophie Lightwood. Cordelia fixou o olhar em Barbara. Ela estaria interessada em ouvir sobre seu pai? Provavelmente não. Ela estava olhando para a pista de dança com um sorriso no rosto.

— Quem é o garoto dançando com Lucie? — Perguntou Cordelia, o que provocou uma surpreendente explosão de risadas de Barbara.

— Esse é meu irmão, Thomas — disse ela. — E ele não está tropeçando nos próprios pés, para variar!

Cordelia deu outra olhada no garoto de cabelos loiros rindo com Lucie. Thomas era muito alto e de ombros largos, de maneira intimidadora. Lucie gostava dele? Se ela o mencionara em suas cartas, era apenas como um dos amigos de seu irmão.

Alastair, que estava parado na beira do grupo parecendo entediado - sinceramente, Cordelia quase esqueceu que ele estava lá - de repente se iluminou.

— Charles! — ele disse, parecendo satisfeito. Ele alisou a frente do colete. — Se você me der licença, devo prestar meus respeitos. Não nos vemos há tempos.

Ele desapareceu entre as mesas sem esperar permissão. A mãe de Cordelia suspirou.

— Meninos — disse ela. — Tão irritante.

Sophie sorriu para a filha e Cordelia notou pela primeira vez a cicatriz viciosa que cortou sua bochecha. Havia algo em sua vivacidade, a maneira como ela se movia e falava, que fazia com que não se visse a princípio.

— As meninas têm seus momentos — ela observou. — Você deveria ter visto Barbara e sua irmã, Eugenia, quando eram crianças. Horrores absolutos!

Barbara riu. Cordelia a invejava, por ter um relacionamento tão fácil com a mãe. Um momento depois, um garoto de cabelos castanhos se aproximou e convidou Barbara para dançar; ela foi levada e Tessa levou Sona e Cordelia para a mesa ao lado, onde o tio de Lucie, Gabriel Lightwood, estava sentado ao lado de uma linda mulher com longos cabelos escuros e olhos azuis - sua esposa, Cecily. Will Herondale estava encostado na borda da mesa, os braços cruzados, sorrindo.

Will olhou quando eles se aproximaram, e seu rosto se suavizou quando viu Tessa e atrás dela. Nele, Cordelia podia ver um pouco do que James se tornaria quando crescesse.

— Cordelia Carstairs — disse ele, depois de cumprimentar a mãe. — Quão bonita você se tornou.

Cordelia sorriu. Se Will a achava bonita, talvez o filho também pensasse. Claro, devido ao preconceito de Will em relação a todas as coisas em Carstairs, ele provavelmente pensou que Alastair era perfeito e também bonito.

— Ouvi dizer que você veio a Londres para ser parabatai com nossa Lucie — disse Cecily. Ela parecia quase tão jovem quanto Tessa, embora, como não era uma bruxa imortal, alguém se perguntava como ela conseguia. — Estou satisfeito - já é hora de mais meninas se tornarem parabatai. Foi um estado monopolizado por homens por muito tempo.

— Bem, os primeiros parabataí eram do sexo masculino — ressaltou Will, de uma maneira que fez Cordelia se perguntar se Cecily já o havia achado insuportável, como ela encontrou Alastair.

— Os tempos estão mudando, Will — disse Cecily com um sorriso. — É a era moderna. Temos luzes elétricas, automóveis...

— Os mundanos têm luzes elétricas — disse Will. — Temos luz enfeitiçada."

— E os carros são uma moda passageira — disse Gabriel Lightwood. — Eles não vão durar.

Cordelia mordeu o lábio. Não era assim que ela queria que a noite passasse.

Ela deveria ser uma pessoa encantadora e influenciá-los, mas, em vez disso, sentiu-se como uma criança banida para o perímetro da conversa adulta sobre carros. Foi com extremo alívio que ela viu Lucie abandonar Thomas na pista de dança e correr até ela. Eles se abraçaram e Cordelia exclamou por cima do lindo vestido de renda azul de Lucie, enquanto Lucie olhava horrorizada o pesadelo lilás de Cordelia.

— Posso levar Cordelia para conhecer as outras garotas? — ela disse para Sona, sorrindo seu sorriso mais encantador.

— Claro. — Sona parecia satisfeita. Afinal, foi para isso que ela trouxe Cordelia aqui, não foi? Conhecer os filhos e filhas de influentes Caçadores de Sombras? Embora realmente, Cordelia sabia, mais filhos do que filhas.

Lucie pegou a mão de Cordelia e a puxou para a mesa de refrescos, onde um grupo de meninas em vestidos coloridos se

reuniram. Na avalanche de apresentações, Cordelia pegou apenas alguns de seus nomes: Catherine Townsend, Rosamund Wentworth e Ariadne Bridgestock, que devem estar relacionadas ao Inquisidor. Ela era uma garota alta e adorável, alguns anos mais velha que as outras, com a pele marrom um tom mais escuro que a de Cordelia.

— Que vestido bonito — disse Ariadne a Cordelia, com a voz quente. Seu próprio vestido era de lisonjeira seda cor de vinho. — Acredito que é a sombra que eles chamam de 'cinzas de rosas'. Muito popular em Paris.

— Oh, sim — disse Cordelia ansiosamente. Ela sabia que tão poucas meninas crescendo para cima apenas Lucie, realmente, então, como se um impressioná-los e encantá-los? Era desesperadamente importante. — Eu comprei esse vestido em Paris, na verdade. Na Rue de la Paix. Jeanne Paquin fez isso sozinha.

Ela viu os olhos de Lucie se arregalarem de preocupação. Os lábios de Rosamund se apertaram.

— Como você é sortuda — disse ela friamente. — Muitos de nós aqui no pequeno Enclave de Londres raramente viajam para o exterior. Você deve nos achar tão tediosos.

— Oh — disse Cordelia, percebendo que havia colocado o pé nela. — Não, de forma alguma -

— Minha mãe sempre disse que os Caçadores de Sombras não devem ter muito interesse em moda — disse Catherine. — Ela diz que é mundano.

— Desde que você falou das roupas de Matthew com tanta admiração — disse Ariadne com tom estridente, — devemos assumir que a regra é apenas para meninas?

— Ariadne, realmente ... — Rosamund começou e parou de rir. — Falando dos demônios — disse ela. — Olha quem acabou de entrar.

Ela estava olhando para as portas mais afastadas do salão de baile, através das quais dois meninos tinham acabado de derramar. Cordelia viu James primeiro, como ela sempre fazia. Ele era alto, bonito, sorridente: a visão de um pintor em preto e branco com cabelos de ébano despenteados.

Ela ouviu Lucie gemer enquanto as meninas sussurravam entre si: ela pegou o nome de James nos sussurros e depois um segundo nome na mesma respiração: Matthew Fairchild. Claro. O parabatai de James. Fazia anos desde que Cordelia o vira. Lembrou-se de um garoto loiro e magro. Agora ele era um jovem bem constituído, com o cabelo escurecido em bronze, com o rosto como um anjo dissipado.

— Eles são tão bonitos — disse Catherine, parecendo quase dolorida. — Você não acha, Ariadne?

— Ah, sim — disse Ariadne apressadamente. — Eu suponho.

— Ela só tem olhos para Charles — disse Rosamund. Ariadne ficou vermelha e as garotas caíram na gargalhada. Todos, menos Lucie, que revirou os olhos.

— Eles são apenas meninos — disse ela.

— James é seu irmão — disse Catherine. — Você não pode ser justa, Lucie! Ele é lindo.

Cordelia começara a sentir um certo desânimo. James, ao que parece, não foi a descoberta dela sozinha. Ele e Matthew haviam parado de rir com Barbara e seu parceiro de dança; James tinha um braço pendurado no ombro de Matthew e estava sorrindo. Ele era tão bonito que era como uma flecha no coração parecia uma flecha no coração olhar para ele. Claro que ela não foi a única a ter notado. Certamente James poderia escolher suas garotas.

— Matthew também não é feio — disse Rosamund. — Mas tão escandaloso.

— De fato — acrescentou Catherine, os olhos brilhando. — Você deve ter cuidado com ele, senhorita Carstairs. Ele tem uma reputação.

Lucie começou a ficar com um tom zangado de rosa.

— Devemos adivinhar quem James pedirá para dançar primeiro — disse uma garota de cabelos loiros em um vestido rosa. — Certamente você, Rosamund; você está tão adorável esta noite. Quem poderia resistir a você?

— Ah, sim, quem será agraciado pelas atenções do meu irmão? — Lucie demorou. — Quando ele tinha seis anos, vomitou em seu próprio sapato.

As outras garotas a ignoraram quando a música começou mais uma vez. Alguém que parecia ser o irmão de Rosamund veio reivindicar a garota de cabelos louros para dançar; Charles deixou Alastair e atravessou a sala para pegar a mão de Ariadne e levá-la para a pista. Will e Tessa estavam nos braços um do outro, assim como os pares de tias e tios de Lucie.

Um momento depois, Matthew Fairchild se aproximou da mesa. De repente, ele estava surpreendentemente perto de Cordelia. Ela podia ver que os olhos dele não estavam escuros, como ela pensara, mas um tom profundo de verde como musgo da floresta. Ele se curvou um pouco para Lucie.

— Posso ter essa dança?

Lucie olhou de volta para as outras garotas que Cordelia podia ler tão claramente quanto as palavras em uma página. Ela não estava preocupada com a reputação de Matthew, dizia o olhar. De cabeça erguida, Lucie navegou para a pista de dança com o segundo filho da cônsul.

O que era louvável para ela, pensou Cordelia, mas deixou Cordelia sozinha com um grupo de garotas que ela não tinha certeza de gostar. Ela podia ouvir alguns deles sussurrando que parecia terrivelmente satisfeita consigo mesma, e achou que também havia pego o nome do pai e a palavra “julgamento”.

Cordelia enrijeceu sua coluna. Ela cometera um erro ao mencionar Paris; ela não aguentaria parecendo fraca. Ela olhou para a pista de dança, com um sorriso colado nos lábios. Ela avistou o irmão, agora conversando com Thomas Lightwood. Os dois garotos sentaram-se casualmente em um assento, como se estivessem trocando confidências. Até Alastair estava fazendo um trabalho melhor para encantar os influentes do que ela.

Não muito longe deles, encostada na parede, havia uma garota vestida no auge da moda - moda masculina. Alta e quase dolorosamente esbelta, ela era morena, cabelos escuros como Will e James. O cabelo dela foi cortado curto e suavizado com pomada, as pontas penteadas com os dedos em cachos cuidadosos. Suas mãos eram longas, manchadas de tinta e tabaco e bonitas de se olhar, como as mãos de uma estátua. Ela estava fumando um

charuto, a fumaça subindo pelo rosto, o que era incomum: ossuda e afiada.

Anna, Cordelia percebeu. Essa era Anna Lightwood, prima de Lucie. Ela era certamente a pessoa mais intimidadora da sala.

— Oh, meu Deus — disse Catherine, enquanto a música aumentava. — É uma valsa.

Cordelia olhou para baixo. Ela sabia dançar: sua mãe contratara um instrutor especialista para ensinar-lhe a quadrilha e o lanceiro, o imponente minueto e o cotilhão. Mas a valsa era uma dança sedutora, onde você podia sentir o corpo do seu parceiro contra o seu, escandaloso quando se tornou popular. Ela nunca tinha aprendido isso.

Ela queria muito dançar com James. Mas ele provavelmente nem queria dançar; ele provavelmente queria conversar com seus amigos, como qualquer jovem faria. Ela ouviu outra onda de risadas e sussurros, e a voz de Catherine dizendo: — Ela não é aquela garota cujo pai ...

— Daisy? Gostaria de dançar?

Havia apenas um garoto que a chamava assim. Ela olhou para cima, incrédula, ao ver James parado na frente dela.

Seu cabelo bonito era desarrumado, como sempre, e mais encantador por isso: uma mecha caiu sobre sua testa, e seus cílios eram grossos e escuros sobre seus pálidos olhos dourados. As maçãs do rosto arquearam-se como asas.

O grupo de garotas havia caído em um silêncio atordoado. Cordelia sentiu como se estivesse flutuando.

— Eu não sei — ela vacilou, sem ter idéia do que estava dizendo — sabe, dançar valsa.

— Então eu vou te ensinar — disse James, e um momento depois eles se lançaram na pista de dança.

— Graças a Deus você estava livre — disse James com franca alegria enquanto se moviam entre os outros casais, procurando um espaço. — Eu tinha medo de pedir a Catherine para dançar, e tudo o que ela fala é sobre o quão escandaloso é Matthew.

— Fico feliz em ajudar — disse Cordelia, um pouco sem fôlego. — Mas eu realmente não posso valsar.

— Oh, eu também não. — Ele sorriu e girou para encará-la. Ela estava tão perto dele, e eles estavam se tocando, a mão dele no antebraço dela. — Pelo menos não tão bem. Vamos concordar em tentar não esmagar os dedos um do outro?”

— Eu posso tentar — disse Cordelia, depois deu um gritinho quando ele a puxou para seus braços. A sala nadou por um momento. Este era James, o James dela, e ele a estava segurando, com a mão no ombro dela. Ele pegou a outra mão e a colocou firmemente em seu braço.

E então eles partiram, e ela estava fazendo o possível para segui-lo. Ela havia aprendido isso pelo menos: como ser conduzida em uma dança, como responder aos movimentos insinuados de seu parceiro. James dançou bem - nada de surpreendente lá, dado o quão gracioso ele era - e ele facilitou segui-lo.

— Nada mal — disse James. Ele soprou a mecha de cabelo pendurada na testa, mas isso só a fez cair mais nos olhos. Ele sorriu tristemente quando Cordelia se forçou através de puro exercício de vontade a não alcançar e empurrá-lo para trás. — Ainda assim, sempre embaraçoso quando seus pais dançam melhor do que você.

— Humph — disse Cordelia. — Fale por você mesmo.

Ela viu Lucie dançando com Matthew a alguns metros de distância. Lucie estava rindo.

— Talvez Catherine esteja apaixonada por Matthew — ela sugeriu. — Talvez ele tenha um fascínio sombrio por ela.

— Isso seria emocionante. E garanto que nada emocionante aconteceu com o Enclave de Londres há muito tempo.

Dançar com James era sua própria recompensa, é claro, mas ocorreu a Cordelia que também poderia ser útil.

— Eu estava pensando quantas pessoas existem no Enclave e quão pouco as conheço. Conheço você e Lucie, é claro.

— Devo lhe dar um pouco da turnê do resto deles? — ele perguntou, enquanto eles executavam uma curva complicada. — Talvez algumas dicas sobre quem são todos fará com que você se sinta mais em casa?

Ela sorriu.

— Faria, obrigado.

— Lá — disse ele, e indicou Ariadne e Charles, dançando juntos. O vestido cor de vinho brilhava sob as luzes. — Charles você sabe, e com ele está Ariadne Bridgestock, sua noiva.

— Eu não sabia que eles estavam noivos!

Os olhos de James franziram nos cantos.

— Você sabe que Charles tem quase certeza da posição de cônsul quando sua mãe deixa o cargo após seu terceiro mandato. O pai de Ariadne é o inquisidor, uma aliança política muito vantajosa para Charles ... embora eu tenha certeza de que ele também a ama.

James não soou como se acreditasse inteiramente que, embora aos olhos de Cordelia, Charles estivesse olhando para sua noiva com bastante adoração. Ela esperava que James não tivesse se tornado cínico. O James que ela lembrava era tudo menos cínico.

— E essa deve ser Anna — disse ela. Não poderia ter sido outra pessoa além da prima que Lucie havia descrito em suas cartas: linda, destemida, sempre vestida com as melhores roupas que Jermyn Street tinha para oferecer. Ela ficou rindo enquanto falava com o pai, Gabriel, perto da porta da sala de retirada.

— Anna de fato — disse James. — E lá está o irmão dela, Christopher, dançando com Rosamund Wentworth.

Cordelia desviou o olhar para um garoto esbelto de óculos que reconheceu nas fotografias. Christopher, ela sabia, era um dos amigos íntimos de James, junto com Matthew e Thomas. Ele estava dançando sombriamente com uma Rosamund de aparência furiosa.

— Infelizmente, Christopher está muito mais à vontade com copos de becker e tubos de ensaio do que com companhias femininas — disse James. — Vamos apenas torcer para que ele não jogue o pobre Rosamund na mesa de bebidas.

— Ele está apaixonado por ela?

— Senhor, não, mal a conhece — disse James. — Além de Charles e Ariadne, Barbara Lightwood tem um entendimento com Oliver Hayward. E Anna está sempre partindo o coração de alguém. Além disso, não tenho certeza se consigo pensar em algum romance que esteja surgindo em nosso set. Embora ter você e Alastair aqui possa nos trazer alguma emoção, Daisy.

— Eu não sabia que você se lembrava daquele apelido antigo.

— O que, Daisy? — Ele a estava abraçando enquanto dançavam: ela podia sentir todo o calor dele de cima a baixo na frente, fazendo-a arrepiar. — Claro que me lembro. Eu dei para você. Espero que você não pretenda que eu pare de usá-lo.

— Claro que não. Eu gosto dele. — Ela se forçou a não desviar o olhar dele. Deus, seus olhos estavam assustados de perto. Eles eram da cor de calda dourada, quase chocante contra o preto de suas pupilas. Ela ouvira os sussurros, sabia que as pessoas achavam seus olhos estranhos e feios, um sinal de sua diferença. Ela achava que eram da cor do fogo e do ouro, da maneira como imaginava o coração do sol. — Embora eu ache que não combina comigo. Daisy parece uma garotinha bonita com fitas no cabelo.

— Bem — ele disse. — Você é pelo menos uma dessas coisas.

E ele sorriu. Era um sorriso doce, do tipo que ela estava acostumada com James, mas havia uma vantagem nisso, uma sugestão de algo mais - ele quis dizer que ela era bonita ou uma garotinha? Ou ele apenas quis dizer que ela era uma garota? O que ele quis dizer com isso? Bondade, flertar era irritante, pensou Cordelia.

Espera, James Herondale estava flertando com ela?

— Muitos de nós faremos um piquenique no Regent's Park amanhã — disse ele, e Cordelia sentiu seu corpo apertar. Ele estava prestes a pedir que ela o acompanhasse em algum lugar? Ela teria preferido um passeio particular ou um passeio no parque, mas aceitaria um passeio em grupo. Na verdade, ela teria aceitado uma visita a Hades. — Há chance de Lucie ainda não ter mencionado isso para você-

Ele parou: de repente ele estava olhando através dela, para alguém que acabara de entrar na sala. Cordelia seguiu seu olhar e viu uma mulher alta, magra como um espantalho no preto do luto mundano, com cabelos grisalhos e vestidos ao estilo de décadas atrás. Tessa estava correndo em sua direção, um olhar preocupado no rosto. Will estava seguindo.

Quando Tessa a alcançou, a mulher se afastou, revelando a garota que estava atrás dela. Uma garota vestida toda de marfim, com uma cachoeira suave de cachos de ouro branco reunidos em

seu rosto. A garota avançou graciosamente para cumprimentar Tessa e Will e, ao fazê-lo, James soltou as mãos de Cordelia.

Eles não estavam mais dançando. James se afastou de Cordelia sem dizer uma palavra e atravessou a sala em direção aos recém-chegados. Ela ficou parada, congelada em confusão, enquanto James se inclinava para beijar a mão da garota incrivelmente bonita que acabara de entrar na sala. Os cochichos brotaram pista de dança. Lucie se afastou de Matthew, os olhos arregalados. Alastair e Thomas se viraram para olhar para Cordelia com expressão de surpresa.

A qualquer momento, Cordelia sabia, sua mãe notaria que ela estava flutuando no meio da pista de dança como um rebocador abandonado e avançando em sua direção, e então Cordelia morreria. Ela morreria de humilhação. Cordelia procurava a saída mais próxima, pronta para fugir, quando uma mão agarrou seu braço. Ela foi girada e agarrada por um especialista: um momento depois ela estava dançando novamente, seus pés seguindo automaticamente os do parceiro.

— Tudo bem. — Foi Matthew Fairchild. Cabelo loiro, perfume de colônia, um borrão de um sorriso. Suas mãos eram gentis quando ele a levou de volta à valsa. — Somente tente sorrir, e ninguém notará que algo aconteceu. James e eu somos praticamente intercambiáveis na consciência pública de qualquer maneira.

— James... saiu — disse Cordelia, em choque.

— Eu sei — disse Matthew. — Forma muito ruim. Não se deve deixar uma dama na pista de dança, a menos que algo esteja realmente pegando fogo. Eu vou ter uma palavra.

— Uma palavra — ecoou Cordelia. Ela estava começando a se sentir menos atordoada e mais zangada. — Uma palavra?

— Várias palavras, se isso vai fazer você se sentir melhor?

— Quem é ela? — Disse Cordelia. Ela quase não queria perguntar, mas era melhor saber a verdade. Sempre era melhor saber a verdade.

— O nome dela é Grace Blackthorn — disse Matthew em voz baixa. — Ela é a filha de Tatiana Blackthorn e eles acabaram de chegar a Londres. Aparentemente, ela cresceu em algum buraco no

país em Idris - é assim que James a conhece. Eles costumavam se cruzar nos verões.

É uma garota que não mora em Londres, mas está prestes a chegar aqui para uma estadia prolongada.

Cordelia sentiu um nó no estômago. Pensar que ela pensou que Lucie estava falando sobre *ela*. Que James poderia ter sentido esses sentimentos por *ela*.

— Você parece doente — observou Matthew. — É minha dança? Sou eu pessoalmente?

Cordelia se estirou. Ela era Cordelia Carstairs, filha de Elias e Sona, uma de uma longa linhagem de Caçadores de Sombras. Ela era a herdeira da famosa espada Cortana, que havia sido passada pela família Carstairs por gerações. Ela estava em Londres para salvar seu pai. Ela não desmoronaria em público.

— Talvez eu esteja nervosa — disse ela. — Lucie disse que você não gosta de muitas pessoas.

Matthew deu uma risada aguda e assustada, antes de voltar a encarar o rosto com uma expressão de diversão preguiçosa.

— Ela disse? Lucie é uma tagarela.

— Mas não uma mentirosa. — disse ela.

— Bem, não tema. Eu não desgosto de você. Eu mal te conheço - disse Matthew. Eu conheço seu irmão. Ele fez minha vida miserável na escola, e de Christopher e de James.

Cordelia olhou para James e Grace com relutância. Eles fizeram uma imagem deslumbrante, seus cabelos escuros e a beleza de gelo dela. Como cinzas e prata. Como, como, *como* Cordelia poderia imaginar que alguém como James Herondale se interessaria por alguém como ela?

— Alastair e eu somos muito diferentes — disse Cordelia. Ela não queria dizer mais do que isso. Parecia desleal com Alastair. — Eu gosto de Oscar Wilde, por exemplo, e ele não.

O canto da boca de Matthew se curvou.

— Vejo que você vai diretamente para o ventre macio, Cordelia Carstairs. Você realmente leu o trabalho de Oscar?

— Apenas Dorian Gray — Cordelia confessou. — Me deu pesadelos.

— Gostaria de ter um retrato no sótão — pensou Matthew — que mostraria todos os meus pecados, enquanto eu permanecia jovem e bonito. E não apenas para fins pecaminosos - imagine poder experimentar novas modas. Eu podia pintar o cabelo do retrato de azul e ver como ele fica.

— Você não precisa de um retrato. Você é jovem e belo — disse Cordelia.

— Homens não são belos. Homens são bonitos — Matthew discordou.

— Thomas é bonito. Você é belo — disse Cordelia, sentindo o ímpeto do perverso tomando conta dela. Matthew parecia teimoso. — James também é lindo — acrescentou.

— Ele era uma criança muito desinteressante — disse Matthew. — Carrancudo, e ele não tinha crescido no nariz.

— Ele cresceu em tudo agora — disse Cordelia.

Matthew riu, novamente como se estivesse surpreso por estar fazendo isso.

— Foi uma observação muito chocante, Cordelia Carstairs. Estou chocado. — Mas seus olhos estavam dançando. — James falou com você sobre amanhã?

— Ele disse que vai haver algum tipo de excursão - um piquenique, eu acho. Mas não tenho certeza se fui convidada.

— Claro que você está convidada. Estou convidando você.

— Oh. Você pode fazer isso?

— Acho que você descobrirá que posso fazer o que quiser, e geralmente faço.

— Porque a cônsul é sua mãe?" Disse Cordelia.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Sempre esperei conhecê-la — disse Cordelia. — Ela está aqui hoje à noite?

— Não, ela está em Idris — disse ele, com um gracioso meio encolher de ombros. — Ela saiu alguns dias atrás. É incomum o cônsul morar em Londres - ela raramente está aqui. A Clave exige ela.

— Oh— disse Cordelia, lutando para esconder sua decepção. — Quanto tempo ela vai demorar-Matthew a girou em um giro

surpreendente que deixou os outros dançarinos olhando-os perplexos.

— Você virá ao piquenique amanhã, não é? — Ele disse. — Vai manter Lucie divertida enquanto James fica atrás de Grace. Você quer que Lucie seja feliz, não é?

— Claro que sim... — Cordelia começou e, olhando em volta, percebeu que não via Lucie há algum tempo. Não importava como ela inclinou a cabeça e procurou entre os dançarinos, ela não viu o vestido azul de sua amiga ou o brilho de seus cabelos castanhos. Intrigada, ela se virou para Matthew. — Mas onde ela está? Para onde Lucie foi?

3

ESTA MÃO VIVA

Esta mão viva, agora quente e capaz De agarrar seriamente, seria, se estivesse frio E no silêncio gelado da tumba, Então assombre teus dias e refresque suas noites sonhadoras Que desejaria que seu coração seque de sangue Então, em minhas veias a vida vermelha poderá fluir novamente.

- John Keats, "Esta mão viva"

Era um pouco como o momento de um sonho em que alguém percebia que estava sonhando, apenas ao contrário. Quando Lucie viu o garoto da floresta entrar no salão de baile, ela assumiu que estava sonhando, e somente quando seus pais começaram a se apressar em sua direção e a seus dois companheiros ela percebeu que não estava.

Atordoada, ela empurrou a multidão em direção às portas do salão de baile. Ao se aproximar dos pais, reconheceu a mulher com quem estavam conversando, o vestido de tafetá esticado sobre os braços e ombros ósseos, o chapéu enorme coberto de renda, tule e um memorável pássaro empalhado. Tatiana Blackthorn.

Lucie sempre teve um pouco de medo de Tatiana, especialmente quando ela vinha à casa deles, exigindo que James cortasse os espinhos de seus portões. Ela se lembrava dela como uma espécie de esqueleto imponente, mas com o passar dos anos, parecia que Tatiana havia encolhido: ainda alta, mas não mais uma gigante. E ao lado dela estava Grace. Lucie a lembrava de uma criança determinada, mas agora estava bem diferente. Fria e adorável e escultural.

Mas Lucie mal olhou para eles. Ela estava olhando para o garoto que havia entrado com eles. O garoto trocado que ela vira pela última vez na floresta de Brocelind.

Ele não havia alterado nada. Seu cabelo ainda estava derramado sobre a testa, os olhos do mesmo verde assustador. Ele usava as mesmas roupas que usava na floresta: calça escura e uma camisa de marfim cujas mangas estavam arregaçadas acima dos cotovelos. Era uma roupa muito estranha para um baile.

Ele estava assistindo enquanto Tessa e Will cumprimentavam Tatiana e Grace, Will se curvando para beijar a mão enluvada de Grace. Estranhamente, nenhum deles cumprimentou o garoto. Quando Lucie se aproximou deles, suas sobrancelhas se franziram. Eles estavam falando um com o outro, ignorando-o completamente, falando através dele como se ele não estivesse lá. Como eles poderiam ser tão rudes?

Lucie se apressou para a frente, a boca se abrindo, o olhar fixo no garoto, no garoto, no garoto da floresta. Ele levantou a cabeça e a viu olhando, e para sua surpresa, um olhar de horror passou por seu rosto.

Ela parou petrificada. Ela podia ver James caminhando através da multidão em direção a eles em algum lugar distante, mas o garoto já estava se afastando de Tatiana e Grace, se movendo em direção a Lucie. Acelerando na direção dela, na verdade, como um cavalo em fuga na Rotten Row.

Ninguém mais parecia vê-lo. Ninguém se virou para olhar para eles, mesmo quando ele segurou o pulso de Lucie e a puxou para fora da sala.

— Você me daria a honra desta dança? — disse James.

Ele estava consciente da presença de seus pais e de Tatiana Blackthorn, observando tudo com seus olhos verdes venenosos. Ele estava consciente da música, continuando ao redor deles, e consciente de seu próprio batimento cardíaco, alto como um trovão em seus ouvidos. Ele estava consciente de todas essas coisas, mas elas pareciam distantes, como se estivessem presas atrás de uma parede de vidro. A única coisa que era real na sala era Grace.

Os pais de James observavam com preocupação gravada em seus rostos. Ele sentiu um sentimento de culpa por estarem se perguntando, agora, por que ele correu para Grace: tanto quanto

eles sabiam, ele mal a conhecia. Mas a culpa, também, parecia distante. Eles não sabiam o que ele fez. Eles não sabiam o quanto isso era importante.

— Bem, vá, Grace — disse Tatiana, um sorriso cheio de bico espalhando-se por seu rosto magro. — Dance com o cavalheiro.

Sem olhar para cima, Grace colocou a mão levemente na de James. Eles fizeram o seu caminho para o chão. Tocar Grace foi como tocar adamas pela primeira vez: faíscas dispararam por James quando ele a puxou em sua direção, colocando uma mão no ombro dela e a outra na cintura. Ela sempre foi graciosa quando dançaram, quando crianças, no jardim coberto de vegetação de sua casa em Idris. Mas ela parecia diferente nos braços dele agora.

— Por que você não me disse que estava vindo? — ele disse em voz baixa.

Ela finalmente levantou o rosto e ele foi atingido por uma sacudida de reconhecimento: Grace podia se sustentar com uma postura quase silenciosa, mas sentia com uma intensidade absoluta. Ela era como um fogo ardendo no coração de uma geleira.

— Você não veio para Idris — disse ela. — Eu esperei, eu esperava você, mas você nunca veio.

— Eu escrevi para você — disse ele. — Eu disse que não viríamos este verão.

— Mamãe encontrou a carta — disse ela. — Primeiro ela escondeu de mim. Eu pensei que você tinha esquecido - finalmente encontrei no quarto dela. Ela estava terrivelmente zangada. Eu disse a ela novamente que só tínhamos uma amizade, mas... — Ela balançou a cabeça. James estava consciente de que todos na sala estavam olhando para eles. Até Anna os olhava com curiosidade através da fumaça de charuto que a envolvia como névoa do Tâmisa. — Ela não disse o que estava nelas, apenas sorriu com o passar dos dias e você não veio. E eu estava tão assustada. Quando não estamos juntos, quando não estamos um com o outro, o vínculo entre nós enfraquece. Eu sinto. Não é?

Ele balançou sua cabeça.

— O amor deve ser capaz de sobreviver à distância"— disse ele, o mais gentilmente possível.

— Você não entende, James. Você tem uma vida aqui em Londres, e amigos, e eu não tenho nada. — Sua voz tremia com a força de seu sentimento.

— Grace. Não diga isso. — Mas ele pensou na casa cheia de relógios parados e comida apodrecida. Ele jurara que a ajudaria a escapar disso.

Ela deslizou a mão pelo braço dele. Ele sentiu os dedos dela circularem seu pulso, abaixo da pulseira de prata. A lealdade me liga.

— Eu deveria ter confiado que você teria escrito para mim — ela sussurrou. — Que você pensou em mim. Eu pensei em você todas as noites.

Todas as noites. Ele sabia que ela falava sério, mas se sentia tenso. Fazia tanto tempo desde a última vez que ele a beijara. Ele não conseguia se lembrar de como tinha sido, não exatamente, mas sabia que o havia quebrado.

— Eu penso em você todos os dias — disse ele. — E agora que você está aqui...

— Eu nunca pensei que isso iria acontecer. Eu nunca pensei que veria Londres — disse ela. — As ruas, as carruagens, os prédios, tudo é maravilhoso. As pessoas... — Ela olhou ao redor da sala. Havia um olhar em seus olhos, ávido, quase com fome. — Mal posso esperar para conhecer todos eles.

— Há um passeio amanhã — disse James. — Um grupo indo ao Regent's Park. Sua mãe permitiria que você viesse?

Os olhos de Grace brilhavam.

— Eu acho que sim — disse ela. — Ela disse que quer que eu conheça pessoas aqui em Londres, e ah, eu gostaria de conhecer seu parabatai , Matthew. E Thomas e Christopher, dos quais você falou muito. Eu... eu gostaria que seus amigos gostassem de mim.

— É claro — ele murmurou, e a puxou para mais perto dele. Ela era leve e magra, não tão macia e quente quanto Daisy.

Daisy. Raziel, ele estava dançando com Daisy apenas alguns minutos atrás. Ele não conseguia se lembrar de se desculpar. Não se lembrava de tê-la deixado.

Ele desviou os olhos de Grace pela primeira vez e procurou na pista por Cordelia. Ele a encontrou em instantes - ela era fácil de detectar. Ninguém mais tinha cabelos daquela cor, um vermelho escuro profundo, como fogo brilhando através do sangue. Ela estava dançando com Matthew, ele viu sua surpresa. Os braços de Matthew estavam ao seu redor, e ela estava sorrindo.

Alívio passou por ele. Então ele não a fez nenhum mal. Isso foi bom. Ele gostava de Cordelia. Ele ficara feliz em vê-la lá entre o grupo habitual de garotas, sabendo que ele poderia pedi-la para dançar e ela não faria suposições erradas sobre suas intenções: eles eram amigos de família.

A música parou. Foi uma pausa para refrescos. Os casais começaram a inundar a pista de dança - James sorriu para si mesmo ao ver Jessamine, o fantasma residente do Instituto, flutuando sobre a cabeça de Rosamund Wentworth enquanto Rosamund fofocava com suas amigas. Jessamine adorava ouvir fofocas, apesar de estar morta há um quarto de século.

Cordelia passou rapidamente enquanto se afastava de Matthew; ela estava olhando em volta, como se procurasse alguém. O irmão dela, talvez? Mas Alastair parecia estar profundamente conversando com Thomas. Muito intrigante, isso - James estava certo de que Thomas não gostava muito de Alastair na escola.

— Minha mãe está me chamando de volta — disse Grace. — É melhor eu ir.

Tatiana estava de fato acenando do lado de fora. James tocou a mão de Grace levemente com a sua. Ele sabia que eles não podiam dar as mãos, como Barbara e Oliver estavam fazendo. Eles não podiam demonstrar nenhum carinho abertamente.

Agora não. Mas um dia.

— Amanhã, no parque — disse ele. — Nós vamos encontrar um tempo para conversar.

Ela assentiu e se virou, correndo em direção a Tatiana, que estava sozinha junto às portas do salão de baile. James a observou partir: haviam sido anos de verão, ele pensou, mas Grace ainda era um mistério.

— Ela é muito bonita — disse uma voz familiar atrás dele.

Ele se virou e viu Anna encostada na parede. Ela tinha a estranha capacidade de desaparecer de um ponto e aparecer em outro, como um ponto de luz em movimento.

James encostou-se na parede ao lado de Anna. Ele havia passado muitas danças dessa maneira, encostado no papel de parede de William Morris com seu primo azedo. Dançar demais sempre o fazia sentir como se estivesse sendo desleal com Grace.

— Ela é?

— Eu presumi que foi por isso que você fugiu pela sala como Oscar vendo um biscoito. — Oscar era o golden retriever de Matthew, conhecido por lealdade, se não inteligência. — Forma ruim, James. Abandonando aquela agradável Cordelia Carstairs.

— Espero que você me conheça bem o suficiente para saber que eu simplesmente não corro para todas as garotas bonitas que vejo — disse James, irritado. — Talvez ela tenha me lembrado uma tia perdida.

— Minha mãe é sua tia, e você nunca esteve tão entusiasmado por vê-la."— Anna sorriu, seus olhos azuis brilhando. — Então, como você conhece Grace Blackthorn?

James olhou para Grace, que estava sendo apresentada a Charles Fairchild. Pobre Grace. Ela não acharia Charles nem um pouco interessante. James gostava bastante do irmão mais velho de Matthew, e eles eram praticamente da família, mas ele tinha apenas um interesse: a política dos Caçadores de Sombras.

Grace estava assentindo e sorrindo educadamente. James se perguntou se deveria resgatá-la. O mundo de Alicante e seus dramas e políticas não poderiam estar mais longe da experiência de Grace.

— E agora você está pensando que deveria resgatá-la de Charles — disse Anna, passando os dedos pelos cabelos esmaltados. — Eu não posso te culpar.

— Você não gosta de Charles? — James ficou um pouco surpreso. Anna via o mundo com divertida tolerância. Ela raramente foi tão longe a ponto de particularmente gostar de qualquer um, e era ainda mais raro ela não gostar de alguém.

— Não posso admirar todas as decisões dele — disse Anna, escolhendo claramente suas palavras com cuidado. James se perguntou o que decisões ela queria dizer. — Então vá em frente, Jamie - resgate-a.

James deu apenas alguns passos antes que o mundo ao seu redor mudasse e mudasse. Anna desapareceu, assim como todas as músicas e risadas: cinza, sem forma, nada rodava ao seu redor. Ele podia ouvir apenas o som de seu próprio batimento cardíaco. O chão parecia inclinar-se sob ele como o convés de um navio afundando.

NÃO, ele gritou silenciosamente, mas não havia nada que ele pudesse fazer para detê-lo: as sombras estavam subindo ao seu redor enquanto o universo ficava cinza.

O garoto chamou Lucie pelo corredor e pela primeira porta aberta, levando-os para a sala de jogos. Ele não se moveu para fechar a porta, apenas foi acender a luz de bruxa sobre a lareira, então Lucie a fechou e girou a chave por uma boa medida.

Então ela se virou e olhou acusadoramente.

— O que diabos você está fazendo aqui? — ela exigiu.

O garoto sorriu. Ele parecia, intrigado, não mais velho do que Lucie se lembrava dele - dezesseis, dezessete talvez. Ainda esbelto, e sob a luz real e não a lua da floresta, ele estava terrivelmente, chocantemente pálido, com aquele tom de doença machucada: seus olhos verdes febrilmente brilhantes e sombreados.

— Eu *fui* convidado — disse ele.

— Você não pode ter sido — disse Lucie, colocando as mãos nos quadris. A luz das bruxas se acendeu e ela pôde ver que a sala estava um pouco desarrumada: alguém havia derrubado uma jarra e a mesa de bilhar estava na transversal. — Você é uma criança trocada das fadas da floresta.

Com isso, ele riu. Ele tinha o mesmo sorriso que ela lembrava.

— Foi isso que você pensou?

— Você me contou sobre as armadilhas das fadas! — ela disse. — Você apareceu da floresta e desapareceu de volta para ela-

— Não sou uma fada, nem uma criança trocada — disse ele. — Os Caçadores de Sombras também sabem sobre as armadilhas das fadas.

— Mas você não tem runas — disse ela.

Ele olhou para si mesmo - seus braços, revelados dos cotovelos abaixo, suas mãos. Todo Caçador de Sombras foi marcado com uma runa clarividência nas costas da mão dominante quando completaram dez anos, para ajudá-los dominar a vista. Mas a única marca nas costas da mão era a velha cicatriz de queimadura que ela havia notado na floresta.

— Não — ele disse. — Eu não tenho.

— Você não disse que era um Caçador de Sombras. — Ela se recostou na mesa de bilhar. — Você nunca me disse o que era.

— Eu nunca pensei que isso importaria — disse ele. — Pensei que quando você tivesse idade suficiente para fazer perguntas e exigir respostas, não seria mais capaz de me ver.

Lucie sentiu como se uma mão fria tivesse sido colocada em suas costas.

— Por que eu não seria capaz de vê-lo?

— Pense bem, Lucie. — ele disse gentilmente. VParecia que mais alguém no salão poderia me ver? Alguém me cumprimentou ou me reconheceu, até seu pai?

Ela não disse nada.

— As crianças podem me ver às vezes — disse ele. — Não são muitos outros. Não são pessoas tão velhas quanto você.

— Bem, muito obrigado. — Lucie ficou indignada. — Eu sou dificilmente anciã.

— Não. — Um sorriso pairou em torno de sua boca macia. — Não, você não é.

— Mas você disse que foi convidado. — Lucie não estava inclinado a deixar o comentário. — Como poderia ser isso, se ninguém pode vê-lo, mas por que deveria ser-

— Todos os Blackthorns foram convidados — disse ele. — O convite foi dirigido a Tatiana Blackthorn e Família. Eu sou família. Eu sou Jesse Blackthorn.

— Mas ele está morto — disse Lucie, sem pensar. Ela encontrou o olhar dele com o seu. — Então você é um fantasma?

— Bem — ele disse. — Sim.

— Foi por isso que você disse 'até seu pai'— disse Lucie. — Porque ele pode ver fantasmas. Todos os Herondales podem. Meu irmão, meu pai, eles devem poder ver você também.

— Eu não sou um fantasma comum, e se você pode me ver, você não é uma garota comum — disse Jesse.

Agora que ele disse a ela quem ele era, a semelhança era inconfundível. Ele tinha a altura de Tatiana e os traços bonitos e angulares de Gabriel. Embora o cabelo escuro de corvo deva ter vindo de seu pai. Sangue de Blackthorn e Lightwood, misturados.

— Mas eu posso tocar em você — disse Lucie. — Eu toquei você na floresta. Você me levantou do poço. Não se pode tocar em um fantasma.

Ele encolheu os ombros.

— Pense em mim como no limiar de uma porta. Não consigo dar um passo do lado de fora da porta e sei que nunca mais posso voltar a viver novamente. Mas a porta não se fechou atrás de mim.

— Sua mãe e sua irmã - elas podem vê-lo?

Ele sentou-se na mesa de bilhar com um suspiro, como se resignasse a se envolver em uma longa conversa. Lucie não podia acreditar. Ver sua floresta mudando de novo e depois descobrir que ele não era uma criança trocada, mas um tipo estranho de fantasma que ninguém mais podia ver. Era muito para acompanhar.

— Elas podem me ver. — disse ele. — Talvez porque elas estavam lá quando eu morri. Minha mãe temia que eu sumisse quando nos mudássemos para a Chiswick House, mas isso não parece ter acontecido.

— Você poderia ter me dito seu nome.

— Você era uma garotinha. Eu acreditava que você nem sempre poderia me ver. Eu pensei que seria mais gentil não contar quem eu era, quando nossas famílias são inimigas.

Jesse falou como se a inimizade fosse um fato, como se houvesse uma rixa manchada de sangue entre os Blackthorns e os

Herondales, como entre Montwcchios e Capuletos. Mas foi Tatiana Blackthorn quem os odiou: eles nunca a odiaram.

— Por que você me arrastou para fora do salão de baile? — Lucie exigiu.

— Ninguém mais pode me ver salvar minha família. Eu não entendo como você pode; isso nunca aconteceu antes. Não queria que todos pensassem que você era louca. E além…

Jesse deu um pulo na posição vertical. Uma sombra passou por seu rosto, e Lucie sentiu um calafrio nos próprios ossos; por um momento, seus olhos pareceram grandes demais para seu rosto, muito líquidos, com a forma errada. Ela pensou que podia ver a escuridão neles e a forma de algo se movendo. Ele voltou seu olhar misterioso para ela.

— Fique nesta sala — disse ele, segurando o pulso dela por baixo da campainha da manga. Ela ofegou; suas mãos estavam geladas. — Há morte aqui — disse ele, e desapareceu.

O mundo cinza cercou James. Ele havia esquecido o frio que vinha quando as sombras surgiam. Esqueceu o modo como ainda podia ver o mundo real, como se através de uma fina camada de poeira: o salão de baile estava à sua volta, mas havia se tornado preto e branco como uma fotografia. Os Nephilim na pista de dança se tornaram sombras, alongadas e escuras como figuras de um pesadelo.

Ele recuou um passo enquanto as árvores pareciam explodir no chão, enviando raízes entrelaçadas ao longo do chão de madeira polida. Ele sabia o suficiente para não gritar: não havia ninguém para ouvi-lo. Ele estava sozinho em um mundo que não era real. Terra queimada e céu cintilavam dentro e fora de sua visão, mesmo quando as figuras sombrias giravam em torno dele, sem prestar atenção. Ele reconheceu um rosto, um gesto aqui e ali - ele pensou ter visto os cabelos brilhantes de Cordelia, Ariadne Bridgestock em seu vestido cor de vinho, sua prima Barbara quando ela alcançou seu parceiro de dança - assim como um cacho de raiz enrolando em seu caminho ao redor do tornozelo e a puxou para baixo.

Relâmpagos pareciam estar atrás de sua visão e, de repente, ele estava de volta ao salão de festas comum, o mundo repleto de som e luz. Havia um aperto firme em seus ombros.

— Jamie, Jamie, Jamie — disse uma voz urgente, e James - seu coração tentando sair do peito - tentou se concentrar no que estava à sua frente.

Matthew. Atrás dele, havia outros Caçadores de Sombras: James podia ouvir suas risadas e conversas, como o diálogo de personagens de uma peça.

— Jamie, respire — disse Matthew, e sua voz era a única coisa firme em um mundo virando de cabeça para baixo. O horror disso acontecendo na frente de uma multidão de pessoas – — Eles me viram? — James respirou. — Eles me viram virar?

— Você não virou — disse Matthew — ou pelo menos apenas um pouquinho - talvez um pouco borrado nas bordas -

— Não é engraçado — disse James entre dentes, mas o humor de Matthew agiu como um tapa de água fria. Seu coração estava começando a desacelerar. — Você quer dizer ... eu não me transformei em sombra?

Matthew balançou a cabeça, deixando as mãos deslizarem dos ombros de James.

— Não.

— Então, como você soube vir até mim?

— Eu senti — disse Matthew. — Que você tinha ido – para aquele lugar. — Ele estremeceu um pouco e enfiou a mão no colete, puxando um frasco monografado com as iniciais. James podia sentir o cheiro forte e cortante de uísque enquanto ele desenroscava o topo. — O que aconteceu? — Perguntou Matthew. — Eu pensei que você estava apenas conversando com Anna.

Ao longe, James podia ver que Thomas e Christopher o haviam visto com Matthew. Os dois estavam olhando com curiosidade. Ele e Matthew deviam parecer que estavam falando com muita atenção, James percebeu.

— Foi culpa do seu irmão — disse ele.

— Estou perfeitamente preparado para pensar que tudo é culpa de Charles — disse Matthew, sua voz mais firme agora. — Mas

neste caso-Ele parou quando um grito ecoou pela sala.

Cordelia não conseguia entender por que estava tão preocupada com Lucie. Várias salas de retirada foram abertas, e Lucie poderia ter se desviado para qualquer uma delas ou retornado ao seu próprio quarto. Ela realmente poderia estar em qualquer lugar do Instituto. Matthew disse a ela para não se preocupar antes que ele se apressasse em algum lugar, mas Cordelia não conseguia se livrar do sentimento de desconforto.

— Misericórdia! — alguém chamou, interrompendo seus pensamentos. Era a voz de um homem, baixa e barítono. — Alguém venha ajudá-la!

Cordelia olhou em volta: todos pareciam estar surpresos e conversando um com o outro. A distância, ela podia ver um círculo solto de pessoas em pé ao redor do que estava acontecendo. Ela pegou as saias e começou a abrir caminho através da multidão.

Ela podia sentir o cabelo saindo dos cachos cuidadosamente arrumados e caindo sobre os ombros. Sua mãe ficaria furiosa, mas *realmente*. Por que as pessoas não se *mexeram*? Eles eram Caçadores de Sombras. O que diabos eles estavam fazendo parados como paus enquanto alguém estava em perigo?

Ela se contorceu através de um pequeno nó de espectadores e lá, no chão, havia um jovem segurando o corpo flácido de Barbara Lightwood nos braços. Oliver Hayward, Cordelia percebeu. O pretendente de Barbara.

— Estávamos dançando — ele dizia, parecendo perplexo — e ela simplesmente desmaiou-Cordelia caiu de joelhos. Barbara Lightwood era horrivelmente branca, os cabelos escuros de suor nas têmporas. Ela estava respirando rajadas curtas e erráticas. Em tempos como este, toda a timidez abandonava Cordelia: ela só conseguia pensar no que fazer a seguir.

— Ela precisa de ar — disse ela. — O espartilho dela provavelmente está atormentando-a. Alguém tem uma faca?

Anna Lightwood empurrou a multidão e seguiu em frente, ajoelhando-se diante de Cordelia com graça fluida.

— Eu tenho uma adaga — disse ela, puxando uma lâmina embainhada do colete. — O que precisa ser feito?

— Precisamos cortar o espartilho — disse Cordelia. — Ela sofreu um choque e precisa respirar.

— Você pode deixar isso comigo — disse Anna.

Ela tinha uma voz rouca extraordinária, mel e lixa. Ela estendeu a mão para tirar Barbara do colo de Oliver, depois passou a adaga pelas costas do vestido, separando delicadamente o tecido e o material mais espesso do espartilho por baixo. Quando o libertou do corpo de Barbara, Anna olhou para cima e disse distraidamente: -

— Ari, seu invólucro...

Ariadne Bridgestock rapidamente tirou o embrulho de seda dos ombros e o entregou a Anna, que enfiou Barbara nele para mantê-la decente. Barbara já estava começando a respirar com mais regularidade, a cor em suas bochechas retornando. Anna olhou para Cordelia sobre a cabeça de Barbara, um olhar pensativo em seus olhos azuis.

— O que diabos? — Sophie Lightwood atravessou o círculo de espectadores, seu marido, Gideon, logo atrás dela. — Barbara!"— Ela se virou para Oliver, que estava por perto, parecendo totalmente angustiado. — Ela caiu?

— Ela acabou de desmaiar — repetiu Oliver. — Estávamos dançando, e ela desmaiou -

As pálpebras de Barbara tremeram. Ela se sentou nos braços da prima, piscando para a mãe. Suas bochechas ficaram vermelhas.

— Eu estou bem — disse ela. — Estou bem agora. Eu tive um feitiço, um feitiço tonto e tolo.

Cordelia se levantou quando mais convidados se juntaram ao vasto círculo de espectadores ao redor de Barbara. Gideon e Sophie ajudaram a filha a se levantar, e Thomas, aparecendo na multidão, ofereceu à irmã um lenço de aparência desgastada. Ela o pegou com um sorriso trêmulo e secou os lábios.

Ele saiu manchado de sangue.

— Mordi o lábio — disse Barbara apressadamente. — Eu caí e mordi meu lábio. Só isso.

— Precisamos de uma estela — disse Thomas. — James?

Cordelia não tinha percebido que James estava lá. Ela se virou e o viu parado logo atrás dela.

A visão dele a assustou. Anos atrás, ele estava com febre escaldante: ele se assemelhava a aparência daquela época, pálido e doente.

— Minha estela — disse ele bruscamente. — Dentro do meu bolso. Barbara precisa de uma runa de cura.

Por um momento, Cordelia se perguntou por que ele não poderia buscá-lo, mas suas mãos estavam cerradas ao lado do corpo, duras como pedras. Ela estendeu a mão e mexeu nervosamente em seu peito. Seda e tecido sob a mão dela, e a batida do coração dele. Ela agarrou o objeto esbelto em forma de caneta no bolso e estendeu-o para Thomas, que o pegou com um olhar de agradecimento surpreso.

Ela realmente não tinha olhado para Thomas antes - ele tinha olhos castanhos brilhantes, como os de sua mãe, emoldurados por cílios castanhos grossos.

— James. — Lucie havia deslizado entre James e Cordelia e estava puxando a manga do irmão. — Jamie. Você fez-Ele balançou sua cabeça.

— Agora não, Luce.

Lucie parecia preocupada. Os três assistiram em um grupo silencioso enquanto Thomas terminava a runa de cura no braço de sua irmã, e Bárbara exclamou novamente que ela estava bem e que só tinha um feitiço tonto.

— Eu esqueci de comer hoje — disse ela à mãe, enquanto Sophie a abraçava. — Isso é tudo.

— No entanto, é melhor levá-la para casa — disse Sophie, olhando em volta. — Will - você pode trazer a carruagem?

A multidão começou a se dispersar; claramente não havia nada mais interessante para ver aqui. A família Lightwood estava indo para a porta, Barbara no braço de Thomas, quando pararam. Um homem de peito de pombo com bigode preto no guidão havia corrido até Gideon e estava falando com ele excitado.

— O que o inquisidor está dizendo ao tio Gideon? — Lucie perguntou curiosamente.

James e Matthew apenas balançaram a cabeça. Depois de alguns instantes, Gideon assentiu e seguiu o homem - o Inquisidor, supunha Cordelia - até onde Charles estava falando com Grace Blackthorn. O rosto dela estava virado para o dele, os olhos brilhantes e interessados. Cordelia lembrou-se de todas as lições que sua mãe lhe dera sobre como se interessar por conversas em eventos sociais: Grace parecia já ter absorvido todas elas depois de ficar na sociedade por pouco tempo.

Charles se afastou com relutância de Grace e entrou em discussão com Gideon Lightwood. O Inquisidor estava se movendo no meio da multidão, parando para falar com vários Caçadores de Sombras enquanto caminhava. A maioria parecia ter a idade de Charles: Cordelia imaginou que ele estivesse em algum lugar na casa dos vinte.

— Parece que a festa acabou — disse Alastair, aparecendo no meio da multidão segurando um charuto. Ele estava gesticulando, embora Cordelia soubesse que se ele começasse a fumar tabaco, Sona o mataria. — Aparentemente, houve um ataque de demônio Shax em Seven Dials.

— Um ataque demoníaco? — James disse, com alguma surpresa. — Em mundanos?

Alastair sorriu.

— Sim, você sabe, o tipo de coisa que devemos evitar. Mandato angelical e tudo isso.

O rosto de Matthew virou pedra; Lucie estava olhando para ele ansiosamente.

Os olhos de James se estreitaram.

— Charles vai com Gideon Lightwood e Inquisitor Bridgestock para ver o que está acontecendo — disse Alastair. — Eu me ofereci para ir com eles, mas ainda não conheço bem as ruas de Londres. Charles me familiarizará com a cidade e em breve serei um presente para qualquer patrulha.

— Você, um presente — disse Matthew, seus olhos brilhando. — Imagine.

Ele foi embora. Alastair observou-o ir com uma sobrancelha levantada.

— Temperamental, não é? — ele disse, para ninguém em particular.

— Não — disse James brevemente. Sua mandíbula estava firme, como se ele mal tolerasse a presença de Alastair. Cordelia pensou na época em que Alastair estivera na Academia e desejou saber o que havia acontecido lá.

Alastair parecia que estava prestes a falar novamente, mas Sona apareceu no meio da multidão, chegando como um navio a vapor. Seu roosari tremeu quando seu olhar caiu sobre Alastair e depois Cordelia.

— Crianças — disse ela, quando Alastair rapidamente colocou o charuto no bolso. — Acredito que devemos nos despedir.

Os rumores do ataque estavam claramente se espalhando pelo salão, interrompendo a dança. Os músicos pararam de tocar, e várias meninas de vestidos pastéis estavam sendo embrulhadas em invólucros e luvas por pais ansiosos. Will e Tessa estavam agora no centro de uma multidão, oferecendo-lhes boa noite. Nas proximidades, Charles estava enfiando um embrulho com carinho nos ombros de Ariadne, enquanto Gideon e o Inquisidor esperavam por ele nas portas.

Um momento depois, Will e Tessa se juntaram a Cordelia e aos outros. Como Sona agradeceu a eles por uma noite agradável, a atenção de Cordelia foi atraída pelos Fairchild. Matthew estava parado ao lado de um homem magro, com cabelos ruivos desbotados, confinado a uma cadeira de banho. Matthew inclinou-se sobre o verso, dizendo algo para fazer o homem mais velho sorrir: Cordelia percebeu que devia ser Henry Fairchild, pai de Matthew. Ela quase esquecera que ele era um veterano da Guerra Mecânica, na qual havia perdido o uso das pernas.

— Oh, querida — Tessa estava dizendo. — Vamos tentar de novo, senhora Carstairs, de verdade. Você merece uma verdadeira recepção ao Enclave de Londres.

Sona sorriu.

— Tenho certeza de que, se colocarmos nossas cabeças juntas, podemos pensar em algo.

— Obrigado por se apressar para ajudar Barbara, Cordelia — disse Tessa. — Você fará um excelente parabatai para Lucie.

Cordelia olhou para Lucie, que sorriu para ela. Foi um sorriso levemente trêmulo. Havia sombras nos olhos de Lucie, como se algo a estivesse incomodando. Quando ela não respondeu a Tessa, James deu um passo mais perto de sua irmã, como se quisesse colocar uma barreira entre ela e mais atenção.

— Cordelia foi uma grande ajuda para Barbara — disse ele. — Foi ela quem teve a ideia de cortar o espartilho.

Sona parecia um pouco horrorizada.

— Cordelia tem uma tendência a se jogar em todas as situações de cabeça — disse ela a Tessa e Will. — Tenho certeza que você entende.

— Oh, nós entendemos — disse Will. — Estamos sempre falando muito severamente com nossos filhos sobre isso. - Se você não se envolver em situações precipitadas, James e Lucie, poderão esperar pão e água para o jantar novamente.

Alastair engasgou com uma risada. Sona olhou para Will como se ele fosse um lagarto com penas.

— Boa noite, Sr. Herondale — disse ela, virando a si mesma e seus filhos em direção à porta. — Esta foi certamente uma noite muito interessante.

Já passava da meia-noite. Tessa Herondale sentou-se em frente ao espelho no quarto que dividia com o marido por 23 anos e escovou os cabelos. As janelas estavam fechadas, mas o ar suave do verão penetrava sob o peitoril.

Ela reconheceu o passo de Will no corredor antes que ele entrasse no quarto. Mais de vinte anos de casamento fizeram isso.

Ele fechou a porta atrás de si e encostou-se a um dos pilares da cama, observando-a na penteadeira. Ele tirou a jaqueta e desabotoou a gravata. Seu cabelo escuro estava despenteado e, no espelho levemente desfocado, ele não parecia diferente de Tessa do que quando tinha dezessete anos.

Ela sorriu para ele.

— O que foi? — ele disse.

— Você está posando — disse ela. — Isso me faz querer pintar um retrato seu. Eu chamaria de *Cavalheiro, Dissipado*.

— Você não pode pintar uma linha, Tess — disse ele, e aproximou-se dela, colocando as mãos nos ombros dela. Agora que ele estava de perto, ela podia ver a prata em seus cabelos escuros. — Muito menos capturar minha beleza gloriosa, que, eu mal preciso salientar, só cresceu com a idade.

Ela não discordou - ele estava tão bonito como sempre, seus olhos ainda eram o mesmo azul assustador - mas não havia necessidade de incentivar Will. Em vez disso, ela estendeu a mão e puxou uma das mechas mais prateadas do cabelo dele.

— Estou bem ciente disso. Vi Penelope Mayhew flertando com você hoje à noite. Descaradamente!

Ele inclinou a cabeça para beijar o pescoço dela.

— Eu não tinha notado.

Ela sorriu para ele no espelho.

— Pelo seu jeito despreocupado, tudo correu bem no Seven Dials. Você ouviu falar de Gideon? Ou- — ela fez uma careta — Bridgestock?

— Charles, na verdade. Era um ninho de demônios Shax. Muito mais do que estavam acostumados a lidar ultimamente, mas nada que não pudessem gerenciar. Charles insistiu muito que não havia com o que se preocupar. — Will revirou os olhos. — Sinto que ele estava preocupado, caso eu sugerisse que o piquenique no lago Regent's Park amanhã fosse cancelado. Todos os jovens estão indo.

Havia uma leve inclinação no final do discurso de Will, que às vezes acontecia quando ele estava cansado. Os restos mais fracos de um sotaque, lixados pelo tempo e pela distância. Ainda assim, quando estava exausto ou entristecido, ele voltava e sua voz rolava suavemente como as colinas verdes do país de Gales.

— Você se preocupa? — ele disse, encontrando os olhos dela no espelho. — Eu me preocupo as vezes. Sobre Lucie e James.

Ela largou a escova e se virou, preocupada.

— Preocupa-se com as crianças? Por quê?

— Tudo isso- — Ele acenou com a mão vagamente. — As festas de barco, as regatas e partidas de críquete, feiras e danças, são tão... mundanas.

— Você está preocupado que eles estejam se transformando em mundanos? Sério, Will, isso é um pouco preconceituoso da sua parte.

— Não, não estou preocupado com isso. É apenas isso - faz anos desde que houve qualquer coisa, exceto atividade demoníaca mínima em Londres. As crianças cresceram treinando, mas mal precisavam patrulhar.

Tessa se levantou da cadeira, o cabelo caindo pelas costas. Era uma das esquisitices de ser um bruxo: o cabelo dela parou de crescer quando ela parou de envelhecer, inesperadamente, aos dezenove anos. Permaneceu o mesmo comprimento, a meio caminho da cintura.

— Isso não é bom? — ela disse. — Nós não queremos nossos filhos em perigo de demônios, não é?

Will sentou-se na cama, tirando os sapatos.

— Também não os queremos despreparados — disse ele. — Lembro o que tínhamos que fazer quando tínhamos a idade deles. Não sei se eles podem enfrentar a mesma coisa. Os piqueniques não o preparam para a guerra.

— Will. — Tessa afundou-se ao lado dele na cama. — Não há guerra.

Ela sabia por que ele estava preocupado. Para eles, houve guerra e perda.

O irmão de Tessa, Nate. Thomas Tanner. Agatha Grant. Jessamine Lovelace, sua amiga, que agora guardava o Instituto de Londres em forma fantasmagórica. E Jem, que ambos haviam perdido e mantido.

— Eu sei. — Will estendeu a mão para acariciar seus cabelos. — Tess, Tess. Você acha que quando parou de envelhecer, parou de envelhecer em seu coração? Você nunca se tornou cínica e com medo? É a velhice me alcançando, que estou tão inquieto e inquieto por nada?

Ela o agarrou pelo queixo, virando o rosto para o dela.

— Você não é velho — disse ela ferozmente. — Mesmo quando você tiver oitenta anos, você será meu lindo Will.

Ela o beijou. Ele fez um barulho satisfeito e assustado, e seus braços se ergueram sobre ela.

— Minha Tess — disse ele. — Minha amável esposa.

— Não há nada a temer — disse ela, passando os lábios pela bochecha dele. As mãos dele se apertaram nos cabelos dela. — Já passamos por muita coisa. Nós merecemos essa felicidade.

— Há outros que merecem a felicidade que não a receberam.

— Eu sei. — Um soluço ficou preso em sua garganta; ambos estavam conversando sobre a mesma pessoa, e ela não sabia se as lágrimas que continha eram por ele ou por Will e ela mesma. — Eu sei.

Ela beijou os olhos dele quando ele a deitou de costas nos travesseiros, a mão dele encontrando o nó segurando o roupão fechado. Seu corpo magro pressionou o dela contra o colchão. Os dedos dela encontraram o cabelo dele, entrelaçando entre os cachos grossos.

— Eu te amo — ela engasgou quando o roupão caiu. — Eu amo você, Will.

Ele não respondeu, mas seus lábios nos dela disseram mais do que qualquer palavra.

De pé no telhado do Instituto, James assistiu a carruagem de Charles Fairchild quando ela sacudiu para fora do pátio do Instituto, sob os grandes portões de ferro preto.

James costumava subir ao telhado quando não conseguia dormir, e hoje à noite a insônia havia caído com vingança. Ele não conseguia parar de pensar no que vira no salão de baile - e na noite anterior, no beco escuro perto da Taverna do Diabo.

O reino das sombras. Era assim que ele sempre chamava em sua cabeça, aquele lugar preto e cinza que se abria à sua frente às vezes como uma visão do inferno. Ele tinha visto pela primeira vez quando tinha treze anos, e as visões surgiram várias vezes depois disso, geralmente quando ele perdia o controle de suas emoções. O mundo ficava cinza, e mais tarde aqueles que estiveram com ele -

sua família ou amigos - relatariam que seu corpo havia ficado semitransparente, como fumaça cinza.

Uma vez, quando ele fez isso de propósito, a pedido de Grace, ele quase não conseguiu voltar. O horror dessa experiência o deixou com pesadelos gritantes. Seus pais, desesperados, procuraram ajuda do tio Jem. James acordou uma manhã com Jem sentado ao pé da cama em uma poltrona, olhando para ele através das pálpebras fechadas.

Então, Jem havia dito. *Você sabe, é claro, que nosso universo contém muitos mundos.*

James assentiu.

Pense no universo como um favo de mel, cada uma de suas câmaras um reino diferente. Portanto, algumas câmaras ficam próximas uma da outra. Acredito que as paredes entre o nosso próprio mundo e este mundo que você está vendo, este mundo de sombras, se tornaram mais finas. Você vê este reino e se vê atraído por ele.

— É perigoso? — James disse.

Poderia ser. Os reinos demoníacos são lugares instáveis, e esse seu poder não é algo que sabemos muito sobre. É possível que você seja atraído para o reino das sombras e se encontre incapaz de voltar.

James ficou em silêncio por um momento. Por fim, ele disse: — Há muito mais em jogo do que apenas dormir a noite toda.

Potencialmente muito mais, concordou Jem. *Você deve construir uma fortaleza de controle ao seu redor. Você deve conhecer esse poder, para poder dominá-lo.*

— Foi assim que foi para minha mãe? — James disse calmamente. — Antes que ela aprendesse a controlar sua mudança de forma?

Sua mãe teve professores brutais. Eles a seguraram contra sua vontade e a forçaram a mudar. Deve ter sido aterrorizante e doloroso. James ficou calado*. Você sabe que sua mãe não usa seu poder desde o final da Guerra Mecânica. Desde então, o ato de mudar de forma tem sido ... difícil para ela. Doloroso. Ela escolheu não fazer isso.*

— Isso é tudo por causa do meu avô? — James exigiu. — O pai demônio da minha mãe? Esse é o presente dele para nós? Eu ficaria perfeitamente satisfeito com um novo par de meias no meu aniversário.

A questão da identidade de seu avô, dissera Jem , *é uma questão que me preocupa desde antes de você nascer. Pode muito bem lançar alguma luz sobre seu poder, e sobre sua mãe também. Mas essa identidade está bem escondida - tão escondida que é suspeita em si mesma. Além do fato de que ele era um Demônio Maior, ainda não tenho outro insight para compartilhar.*

Tanto quanto James podia dizer, Jem não fez nenhum progresso ao longo do próximo ano na determinação da identidade de seu avô, ou pelo menos nenhum progresso que valha a pena compartilhar. Mas naquele ano, James aprendeu a evitar ser atraído para o reino das sombras, sob as instruções de Jem. Em uma noite fria no inverno, com um vento forte, Jem o levou para o topo de Hampstead Heath, e ele resistiu à atração mesmo quando tremia tanto que seus dentes pareciam tremer. Eles brigaram na sala de treinamento, Jem surpreendentemente buscou um Irmão do Silêncio e conversaram sobre os sentimentos que acionaram o poder - como controlá-los e respirar através deles, mesmo no meio de uma luta. Em uma ocasião memorável, Jem pegou emprestado o cachorro de Matthew, Oscar Wilde, o irritou e o libertou em um James inocente durante o café da manhã.

James achou que algumas das ideias de treinamento de Jem eram brincadeiras deliberadas - afinal, os irmãos do silêncio tinham as melhores caras de pôquer que ele poderia imaginar. Seu pai garantiu que não era da natureza de Jem e que, por mais estranho que fosse o treinamento, ele tinha certeza de que o objetivo era sincero. E James teve que admitir que o regime estranho parecia funcionar.

Gradualmente, seu sono ficou mais tranquilo, sua mente menos vigilante. O reino das sombras recuou dos cantos de sua visão, e ele sentiu sua influência se afastar dele, um peso que ele não tinha consciência até que se elevasse. Logo ele estava se perdendo para sombrear cada vez menos. Isso não aconteceu nem uma vez no

ano passado, até duas noites antes, quando eles lutaram contra o demônio Deumas.

Ele pensou que isso não poderia acontecer novamente, até hoje à noite.

Ninguém tinha notado, ele disse a si mesmo agora. Bem, talvez Matthew, mas esse era o elo de *parabatai*: até certo ponto, Matthew podia sentir o que James sentia. Ainda assim, Matthew não conseguia ver o que ele viu. Ele não tinha visto os dançarinos se tornarem sinistros, a sala destruída ou Barbara sendo puxada para a sombra.

E alguns momentos depois, Barbara entrou em colapso.

James não sabia o que pensar disso. As visões que ele viu no reino das sombras nunca ecoaram no mundo real: eram visões de horror, mas não de premonição. E Barbara estava bem - era apenas um feitiço tonto, dissera ela - então talvez fosse uma coincidência?

E ainda. Ele desconfiava da coincidência. Ele queria falar com Jem. Jem foi quem ele confidenciou sobre o mundo das sombras: Jem era um Irmão do Silêncio, um guardião de toda a sabedoria que os Caçadores de Sombras haviam adquirido através dos tempos. Jem saberia o que fazer.

Ele pegou uma caixa de fósforos do bolso. Era um item bastante incomum, a capa impressa com um esboço de Hermes, o deus mensageiro dos gregos. Jem havia dado a ele alguns meses atrás, com instruções estritas quanto ao seu uso.

James bateu um dos fósforos contra o trilho de ferro que corria ao redor do telhado. Enquanto queimava, ele pensou inesperadamente em mais uma pessoa que suspeitava ter notado algo estranho em seu comportamento: Cordelia. Era como ela o olhava quando ele a procurava e pedia que pegasse sua estela.

Não era como se Cordelia não conhecesse seu mundo de sombras. Suas famílias eram próximas, e ela estava com ele quando ele teve a febre escaldante em Cirenworth e entrou e saiu do reino das sombras. Ele pensou que talvez ela tivesse lido em voz alta para ele então. Era difícil lembrar: ele estava muito doente na época.

O fósforo havia queimado até a ponta dos dedos: ele jogou o toco queimado para o lado e inclinou a cabeça para trás para olhar a lua, um crescente leitoso no céu. Ele estava feliz por Cordelia estar em Londres, ele percebeu. Não apenas para Lucie, mas para si mesmo. Era estranho, ele pensou - quase como se tivesse esquecido a luz constante que sua presença poderia ser quando o mundo escurecia.

DIAS PASSADOS: CIRENWORTH HALL 1900

Depois que James foi expulso da escola na Academia de Caçadores de Sombras, seus pais o enviaram para Cirenworth Hall para decidir o que ele queria fazer com o resto de sua vida.

Cirenworth Hall era uma pilha jacobina desconexa em Devon, pela qual Elias Carstairs se apaixonou em 1895 e comprou no local, pretendendo ser o local para o qual sua família poderia retornar entre suas longas viagens.

James gostava de *estar* lá, porque gostava da família Carstairs - bem, além de Alastair, que felizmente passava o verão com Augustus Pounceby em Idris. Mas nessa viagem em particular, a chuva caíra sem cessar. Tudo começou antes mesmo de eles saírem de Londres, um respingo cinza que se aprofundara durante o percurso até um ritmo regular e constante, e depois se instalou em uma longa residência em Cirenworth que não mostrava sinais de fim. Londres, sob forte chuva, era um assunto bastante sombrio, mas Cirenworth levou as coisas a um novo pântano úmido que levou James a se perguntar por que alguém se dera ao trabalho de estabelecer a Grã-Bretanha.

Pelo menos não foi por muito tempo. Seus pais tinham uma série de reuniões políticas chatas programadas em Alicante, então ele e Lucie estavam passando um pouco menos de um mês em Cirenworth. Depois, todos voltariam juntos para a Mansão Herondale, onde os Carstairs os visitariam mais tarde na temporada e onde, James esperava, seria um verão bom e claro.

A pior parte era que todo mundo estava dando a ele muito *espaço*. Ele tinha o entendimento de que era esperado que ele desejava *espaço* para *sentir* as coisas. Isso o deixava passar a maioria dos dias lendo na sala enquanto Lucie e Cordelia treinavam, desenhavam em seus cadernos, calçavam botas Wellington e pisoteavam os arbustos de amora para coletar amoras na chuva, faziam e bebiam literalmente milhares de xícaras de chá, engajavam em lutas de espadas espirituosas em salas definitivamente não construídas para luta de espadas, a certa altura pegaram algum tipo de pássaro pequeno e barulhento e o mantiveram em uma gaiola por alguns dias, e permitiram a James tanto espaço que ele começou a temer ser invisível.

Ele ansiava pela paz de Idris. Uma vez que estivessem na Mansão Herondale, ele poderia passear sozinho na floresta por horas e ninguém questionaria. (Exceto Grace, talvez: o que ele diria a ela? Ela ouvira alguma coisa? Ele não achava que ela e a mãe ouviam muitas fofocas.) Ele nunca teria respondido à gentileza de Cordelia com nada além de gentileza em troca, mas, eventualmente, Lucie se tornou tão obsequiosamente amigável que uma tarde James explodiu: — Você não precisa ser tão *cuidadosa* quando fala comigo, sabe. Estou bem.

— Eu sei — disse Lucie, assustada. — Eu sei que você está bem.

— Desculpe — disse ele. Lucie deu a ele um olhar compreensivo. — Vou treinar amanhã, acho — acrescentou.

—Tudo bem. — disse ela.

Ela hesitou, como se estivesse tentando decidir se deveria falar.

— Lucie — disse James pesadamente. — Sou eu. Apenas diga.

— Bem ... é só ... você quer Cordelia e eu lá?

— Sim — ele disse. — Você deveria vir. Isso seria ... isso seria bom.

Ela sorriu, e ele sorriu de volta, e ele sentiu que tudo talvez um dia, não hoje, mas um dia, ficaria bem.

Então, no dia seguinte, ele foi treinar com Lucie e Cordelia. Cordelia trouxe consigo a famosa espada dos Carstairs, Cortana, que James desejava admirar de perto. Ele não teve chance, porém,

porque dez minutos após o primeiro exercício, ele caiu em um repentino espasmo de dor insuportável.

As meninas gritaram e correram para ele. Ele havia caído como uma marionete com as cordas cortadas, e apenas os anos de treinamento que ele já havia colocado o impediram de cair acidentalmente em sua própria lâmina. Quando percebeu onde estava e o que havia acontecido, ele estava no chão.

O olhar no rosto de Lucie quando ela tocou sua testa não o tranquilizou.

— Pelo anjo — ela exclamou — você está queimando.

Cordelia já estava correndo em direção à porta, gritando: *"Mâmân!"* em alarme. A imagem dela vacilou e desapareceu quando James fechou os olhos.

Febre escaldante, declararam Sona e Elias. Eles já tinham visto isso antes. Era uma doença exclusiva dos Caçadores de Sombras. A maioria recebeu quando bebê, quando era muito leve. Uma vez curado, você nunca mais poderá pegá-lo. Antes que James se levantasse do chão da sala de treinamento, Sona estava dando ordens, suas saias pesadas agarradas nas duas mãos. James foi levado para o quarto, Lucie foi arrastada para seus aposentos e as mensagens foram enviadas para Will, Tessa e os Irmãos do Silêncio.

Febril, James estava deitado em sua cama e viu a luz desaparecer lá fora. Quando a noite começou, ele começou a tremer. Ele se envolveu em todos os cobertores disponíveis, mas tremeu como uma folha. Ele esperou a chegada dos Irmãos do Silêncio - até que eles o verificassem, ninguém mais poderia estar na sala.

Foi o irmão Enoch quem veio, não o tio Jem, para a decepção de James. *Sim, é quase certamente uma febre escaldante,* disse ele. *Todo mundo que não o teve antes precisará sair de casa. Eu vou contar a eles.*

Lucie não tinha tido isso antes. James não sabia de mais ninguém. Ele esperou muito tempo para Enoch voltar, mas deve ter adormecido, porque de repente havia luz da manhã lançando listras

prateadas na parede, e o som de uma porta e passos, e então Cordelia estava lá.

James raramente via Cordelia sem Lucie. Não era assim que ele escolheria se apresentar por um de seus raros momentos sozinho. Ele estava meio embaixo das cobertas, se movendo inquieto, incapaz de se sentir confortável. Seu rosto estava vermelho de febre e sua camisa de dormir estava grudada nele, molhada de suor.

Ele respirou fundo para falar e começou a tossir.

— Água? — Cordelia correu para servir um copo da jarra na mesa de cabeceira.

Ela tentou pressioná-lo na mão dele, mas ele não conseguiu segurá-lo. Ela deslizou a mão atrás do pescoço dele, quente contra a pele dele, apoiando-o enquanto segurava o copo nos lábios dele.

Ele se jogou sobre os travesseiros, com os olhos fechados.

— Por favor, me diga que você já teve febre escaldante antes.

— Sim. Minha mãe também — ela disse. —E os servos mundanos são imunes. Todo mundo se foi. Você deveria tomar um pouco mais de água.

— Esse é o tratamento?

— Não — disse Cordelia — o tratamento é uma mistura acinzentada feita pelo irmão Enoch, e sugiro que você segure o nariz ao tentar tomá-lo. Ajudará com a febre, mas aparentemente não há mais nada além de tempo. Eu trouxe livros — ela acrescentou. — Eles estão em cima da cômoda. Eu ... eu poderia ler para você.

James se encolheu com a luz, mas se forçou a olhar para Cordelia. Gavinhas de seus cabelos ruivos encaracolados contra as maçãs do rosto. Eles o lembraram dos arabescos cortados na superfície do belo violino de seu tio Jem.

Ele olhou rapidamente para a cômoda onde, de fato, havia uma pilha surpreendentemente alta de livros que não existia antes. Ela deu um sorriso de desculpas.

— Eu não tinha certeza do que você poderia gostar, então apenas peguei coisas de toda a casa. Há uma cópia de *Um Conto de Duas Cidades* com a segunda metade faltando, então talvez seja apenas uma história de uma cidade. E uma coleção de poesia de

Byron, mas é um pouco mordiscada nas bordas, acho que por ratos, então pode ser deles. Caso contrário, é literatura persa. Não há nem livros sobre Caçadores de Sombras por aí. Ah, exceto uma cópia de um livro sobre demônios. Eu acho que se chama *Demônios, Demônios, Demônios*.

James deixou os olhos se fecharem novamente, mas se permitiu um sorriso.

— Eu li esse — disse ele. —Meu pai é um grande admirador disso. Você provavelmente nem tem a versão mais recente, que adiciona um quarto 'Demônios'.

— Como sempre, a biblioteca do Instituto de Londres envergonha a nossa — disse Cordelia, e então Sona entrou e parou, surpresa ao vê-la.

— Cordelia — disse ela com o que James esperava ser uma surpresa simulada. — Realmente? Sozinha no quarto de um menino?

— *Mâmân*, ele mal consegue se sentar, e eu sou uma guerreira treinada que empunha uma espada mítica.

— Mmm —disse Sona, e acenou para ela sair. Ela desceu por James com, explicou ela, seus próprios remédios de casa: pastas e cataplasmas de incenso, de calêndula e *haoma.*

— Eu apreciaria — disse James —se Cordelia voltasse e me lesse algo mais tarde. Se ela quiser.

— Mmm — disse Sona novamente, esfregando sua testa com uma compressa.

Cordelia de fato voltou e ela de fato leu para James. E então ela voltou novamente e leu novamente, e novamente. Ele estava com muita febre para acompanhar a passagem do tempo. Às vezes estava escuro lá fora e às vezes luz. Quando estava acordado, ele comeu o que podia, bebeu um pouco de água e forçou um pouco da poção repugnante de Enoch. Às vezes, sua febre se quebrava por um tempo, e então ele ficava superaquecido e suava através de suas roupas; às vezes era como se um vento frio e penetrante

atravessasse seu corpo e nenhum número de cobertores ou troncos na lareira ajudasse. Através de tudo isso, estava Cordelia, lendo em silêncio, ocasionalmente estendendo a mão para limpar a testa ou encher o copo de água.

Ela leu para ele os poemas de Nizami, e especialmente a história de Layla e Majnun, que ela claramente amava e conhecia desde que era muito pequena. Suas bochechas ficaram inesperadamente vermelhas nas partes mais românticas: o pobre garoto se apaixonando pela linda Layla à primeira vista, vagando loucamente no deserto quando eles foram separados.

— *'Deleite daquele coração, um único olhar e seus nervos ao frenesi eram levados, um único olhar confundia cada pensamento. Ele olhou para ela e, enquanto olhava, o amor conquistou os dois. Eles nunca sonharam em se separar.*

Ela olhou para James e rapidamente desviou o olhar. James começou. Ele estava olhando? Ele não estava inteiramente ciente de seu próprio comportamento.

— *'A bruxaria matadora que jaz, em seus olhos negros e deliciosos. E quando a bochecha dela revelou a lua, mil corações foram conquistados: nenhum orgulho, nenhum escudo, poderia controlar seu poder. Layla, ela se chamava.*

— Layla — ele murmurou para si mesmo, mas não achou que Cordelia tivesse ouvido. Ele fechou os olhos.

Apenas uma vez - que ele sabia - ele caiu no reino das sombras. Ele estava acordado, tremendo de febre, os cabelos emaranhados na cabeça com suor frio, agitado. Ele viu os olhos de Cordelia se arregalarem de alarme quando a mudança veio sobre ele. Ela ficou de pé e ele pensou: *Ela quer pedir ajuda; ela está assustada, assustada comigo*.

Ele a alcançou, e a sombra que era sua mão pegou a dela, escuridão contra carne. Ele se perguntou como era seu toque nela. Todo o seu corpo estava tenso, como um cavalo que treme de eletricidade. O quarto cheirava a raios.

— James, você deve esperar. Você deve. Não vá a lugar nenhum — disse Cordelia. —Fique comigo.

— Tão frio — ele conseguiu adicionar, tremendo. — Não pode esquentar. Nunca pode ficar quente.

Em seu corpo, ele teria fechado os olhos, tentando acalmar o tremor. Como sombra, era como se seus olhos estivessem arregalados e ele não pudesse fazer nada para fechá-los. Ele viu Cordelia lançar-se sobre a sala em busca de algo, qualquer coisa para ajudar. Não adiantava, ele sabia; o fogo já estava rugindo, ele já estava envolto em cobertores, havia uma garrafa de água quente a seus pés. No entanto, um vento forte e violento o atravessou.

Cordelia fez um barulho de frustração, depois franziu a testa com determinação. O pensamento passou pela mente de James, muito atrás do vento uivante sem fim, de que ela estava linda. Não era o pensamento que ele poderia ter escolhido, e ele não tinha tempo para pensar nisso agora.

Mas então Cordelia deitou-se cuidadosamente na cama ao lado dele. Ele estava embaixo de montanhas de cobertores e ela estava em cima deles, é claro. Mas a presença dela começou a forçar o frio. Em vez de sentir a agonia de ser açoitado pelo gelo, sua consciência se voltou para o comprimento do corpo dela, quente e sólido, o tempo todo. Através das muitas camadas entre eles, ele ainda podia senti-la pressionada contra o lado dele: a perna dela mudando para uma posição confortável, o quadril contra o dele. Ele estava olhando para o teto e ela estava de lado, mas seu rosto estava muito perto. Seu cabelo cheirava a jasmim e fumaça de lenha. Ela colocou o braço sobre o peito e se aproximou o máximo que pôde.

Foi preciso um esforço árduo, mas ele virou a cabeça para o lado, para olhá-la. Ele encontrou os olhos dela abertos, luminosos e profundos, olhando para ele. Sua respiração estava muito firme.

— *'Não busquei fogo, mas meu coração está todo flamejante. Layla, esse amor não é da terra.'*

Ele estremeceu e sentiu-se voltar completamente a este mundo, sentiu seu corpo retornar ao espaço que ocupava. Cordelia não tirou

os olhos dele, mas ela soltou o lábio inferior entre os dentes, seu corpo relaxando de alívio.

James ainda estava com frio, mas não tão frio quanto antes. Cordelia levantou a mão e tirou uma mecha de cabelo dos olhos. Ele estremeceu de novo, mas não por causa do frio, e fechou os olhos; quando acordou de novo, já era de manhã e ela se foi.

Faltou apenas mais um dia ou outro para que a febre de James acabasse definitivamente. E apenas outro dia depois disso, o irmão Enoch não o considerou mais contagioso e seus pais chegaram com Lucie. E então ele estava bem o suficiente para se levantar, e então estava deixando Cirenworth para Idris e os confortos familiares da Mansão Herondale. O clima lá, informou o pai, estava bom.

Uma vez que ele saiu da cama, James e Cordelia retornaram ao seu jeito cordial e comum. Nenhum deles mencionou o tempo que haviam compartilhado durante a doença de James. Sem dúvida, James pensou, Cordelia simplesmente se importava com ele com a gentileza e generosidade que ela mostrava a todos que ela gostava. Eles não se abraçaram quando se despediram. (Lucie agarrou-se a Cordelia como uma lapa, apesar das garantias de Cordelia de que ela e sua família estariam na mansão Herondale no final do mesmo verão.) Quando ele entrou no Portal, James acenou para Cordelia e ela, amigavelmente, acenou de volta.

À noite, por um longo tempo, James pensou em jasmim e fumaça de lenha, o pressionamento do braço dela, olhos escuros insondáveis olhando nos dele.

"'O caminho secreto que ele ansiosamente escolheu, onde a mansão distante de Layla se erguia; ele beijou a porta. Mil asas aumentavam seu ritmo, de onde suas devoções eram pagas, mil espinhos atrasavam seu curso. Não encontrou descanso de dia ou de noite - Layla, para sempre, aos seus olhos. "

4

4

MEIO CANSADO DE SOMBRAS

Ou quando a lua estava no céu Chegaram dois jovens amantes ultimamente; "Estou meio cansado de sombras", disse A Dama de Shalott.

- Alfred, Lord Tennyson, "A Senhora de Shalott"

O dia seguinte se mostrou brilhante e bonito. O Regent's Park parecia brilhar sob a luz do sol da tarde, desde o Portão de York até o gramado verde que se estendia até o lago. Quando Cordelia e Alastair chegaram, a margem leste já estava cheia de jovens Caçadores de Sombras. Mantas de tecido colorido de algodão ciano e azul celeste haviam sido jogadas sobre a grama, e pequenos grupos estavam sentados em volta de cabazes de piquenique e amontoados à beira do lago.

Alguns dos jovens estavam flutuando barcos em miniatura na água, e as velas brancas faziam o lago parecer denso com cisnes. As meninas mais velhas usavam vestidos ou saias de dia pastel com blusas de gola alta, os jovens em blusas de malha e calções de golfe. Alguns estavam vestidos com equipamentos de remo mundanos - jaquetas e calças em linho branco, embora branco, para os Caçadores de Sombras, eram tradicionalmente da cor do luto e geralmente evitadas.

Escandaloso! Cordelia pensou com diversão sombria quando ela e Alastair se aproximaram da multidão. Era diferente da noite anterior: aquela tinha sido uma reunião do Enclave, Caçadores de Sombras, do mais antigo ao mais novo. Essas eram pessoas da idade dela. Talvez não aqueles que poderiam ser mais úteis para o

pai - mas todos aqui tinham pais, alguns dos quais eram bastante influentes. Muitos tinham irmãos ou irmãs mais velhos. O baile pode não ter ido como Cordelia desejava, mas hoje ela estava determinada a deixar sua marca.

Ela reconheceu Rosamund Wentworth e algumas das outras garotas da festa, profundamente conversando. A mesma ansiedade começou a surgir nela que havia surgido no baile: como alguém deveria entrar em grupos sociais? Fazê-los querer você como parte deles?

Ela passou a manhã com Risa e a cozinheira dos Lightwood, ajudando a preparar a cesta de piquenique mais vasta e espetacular que ela pensou que alguém já tivesse visto. Pegando o cobertor enrolado debaixo do braço, estendeu-o deliberadamente perto do lago, pouco antes do local onde a grama se transformava em areia e cascalho.

Ela se colocaria bem no meio da vista, pensou, se ajoelhando e gesticulando para Alastair se juntar a ela. Cordelia observou Alastair quando ele deixou cair a pesada cesta de piquenique com uma maldição murmurada, depois se jogou ao lado dela.

Ele usava uma jaqueta listrada de linho cinza, pálida contra a pele marrom. Seus olhos escuros vagavam inquietos sobre a multidão.

— Não consigo me lembrar — disse ele — o porquê de concordamos com isso.

— Não podemos passar a vida escondidos em nossa casa, Alastair. Temos que fazer amigos — disse Cordelia. — Lembre-se de que devemos nos agradar.

Ele fez uma careta para ela quando ela começou a desembalar o cesto de piquenique, preparando flores recém cortadas, frango frio, tortas de caça, frutas, manteiga em uma panela de geleia, três tipos de marmelada, pão branco e marrom, caranguejo em vaso e maionese de salmão.

Alastair ergueu as sobrancelhas.

— As pessoas gostam de comer — disse Cordelia.

Alastair parecia que estava prestes a discutir, depois se iluminou e ficou de pé.

— Eu vejo alguns garotos da Academia — disse ele. — Piers e Thoby estão na água. Só vou me agradar, devo?

— Alastair — protestou Cordelia, mas ele já se fora, deixando-a sozinha na grossa manta de piquenique xadrez. Ela colocou o queixo para cima, preparando o resto da comida - morangos, creme, tortinhas de limão e cerveja de gengibre. Ela desejou que Lucie estivesse aqui, mas como ela ainda não havia chegado, Cordelia teria que aguentar sozinha.

Você é uma Caçadora de Sombras, ela lembrou a si mesma. Uma de uma longa linhagem de Caçadores de Sombras Persas. A família Jahanshah lutou contra demônios por mais tempo do que pessoas como Rosamund Wentworth poderiam imaginar. Sona afirmou que eles tinham o sangue do famoso herói Rostam. Cordelia podia fazer um piquenique.

— Cordelia Carstairs? — Cordelia olhou para cima e viu Anna de pé acima dela, elegante como sempre em uma camisa de linho pálido e calça amarela. — Posso me juntar a você?

— Claro! — Encantada, Cordelia abriu espaço.

Ela sabia que Anna era um tópico de lenda e admiração: ela fazia o que gostava, vestia-se como gostava e morava onde gostava. Suas roupas eram tão espetaculares quanto as histórias sobre ela. Se Anna escolhesse sentar-se com ela, Cordelia não poderia ser vista como monótona. Anna caiu de joelhos graciosamente, alcançando a cesta para pegar uma garrafa de cerveja de gengibre.

— Suponho que não fomos oficialmente introduzidas. Mas depois do drama da noite passada, sinto como se a conhecesse.

— Depois de ouvir sobre você de Lucie por tantos anos, sinto como se conhecesse *você*.

— Vejo que você mostrou sua comida como uma fortaleza — disse Anna. — Muito esperto. Penso em cada ocasião social como uma batalha a ser iniciada. E eu sempre visto minha armadura.

Ela cruzou as pernas no tornozelo, mostrando suas botas até o joelho para aproveitar.

— E eu sempre trago minha espada. — Cordelia bateu no cabo de Cortana, atualmente meio oculto sob uma dobra do cobertor.

— Ah, a famosa Cortana. — Os olhos de Anna brilharam. — Uma espada que não tem runas, mas pode matar demônios, dizem eles. Isso é verdade?

Cordelia assentiu com orgulho.

— Meu pai matou o demônio maior Yanluo com ele. Dizem que a lâmina de Cortana pode cortar qualquer coisa.

— Isso parece muito útil. — Anna tocou o punho levemente e retirou a mão. — Como você está achando de Londres?

— Honestamente? É esmagador. Passei a maior parte da minha vida viajando, e em Londres só conheço James e Lucie.

Anna sorriu como uma esfinge.

— Mas você trouxe comida suficiente para abastecer um exército. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Gostaria de convidá-la para tomar um chá no meu apartamento, Cordelia Carstairs. Há alguns assuntos que devemos discutir.

Cordelia ficou atordoada. O que a glamourosa Anna Lightwood poderia ter para discutir com ela? O pensamento passou por sua mente que talvez tivesse a ver com o pai, mas antes que ela pudesse perguntar, o rosto de Anna se iluminou e ela começou a acenar para duas figuras que se aproximavam.

Cordelia virou-se para ver o irmão de Anna, Christopher e Thomas Lightwood, caminhando ao longo da beira do lago. Thomas se elevou sobre Christopher, que parecia estar conversando amigavelmente com ele, o sol brilhando em seus óculos.

O sorriso de Anna se curvou nas bordas.

— Christopher! Thomas! Por aqui!

Cordelia esboçou um sorriso brilhante quando se aproximaram.

— Venham dizer olá — disse ela. — Tenho tortinhas de limão e cerveja de gengibre, se você quiser.

Os meninos se entreolharam. Um momento depois, eles estavam sentados no cobertor, Christopher quase derrubando a cesta de piquenique. Thomas foi mais cuidadoso com seus longos braços e pernas, como se estivesse nervoso de que ele poderia derrubar algo. Ele não era bonito como James, mas certamente serviria para muitas garotas. Quanto a Christopher, sua semelhança fina com Anna era ainda mais clara de perto.

— Entendo por que você pediu nossa ajuda — disse Thomas, seus olhos castanhos brilhando enquanto observava o piquenique espalhado.

— Seria incrivelmente difícil para vocês consumirem tudo isso sozinhas. Melhor chamar as reservas.

Christopher pegou uma torta de limão.

— Thomas costumava limpar nossa despensa em uma hora - e as competições de comida que ele teve com Lucie, eu estremeço ao denunciá-las.

— Eu posso ter ouvido um pouco sobre isso — disse Cordelia. *Thomas adora cerveja de gengibre,* Lucie dissera uma vez, *e Christopher é obcecado por tortas de limão.* Ela escondeu um sorriso. — Sei que já nos conhecemos antes, mas agora que estou oficialmente em Londres, espero que nos tornemos amigos.

— Certamente — disse Christopher — especialmente se houver mais tortas de limão à vista.

— Duvido que ela as leve a todos os lugares com ela, Kit — disse Thomas — enfiado em seus chapéus e outros enfeites.

— Eu as mantenho no cinto de armas em vez das lâminas serafins — disse Cordelia, e os dois garotos riram.

— Como está Barbara, Thomas? — perguntou Anna, enquanto pegava uma maçã. — Ela está bem depois da noite passada?

— Ela parece bastante recuperada —disse Thomas, apontando para onde Barbara estava andando à beira do lago com Oliver. Ela estava girando um guarda-sol azul brilhante e conversando animadamente. Thomas mordeu uma torta de carne.

— Se você fosse um irmão verdadeiramente dedicado, estaria ao lado dela — disse Anna. — Eu espero que, se eu desmaie, Christopher chore inconsolavelmente e ser incapaz de consumir tortas de carne.

— Barbara não me quer perto dela — disse Thomas, imperturbável. — Ela está esperando que Oliver faça uma proposta.

— Ela está? — disse Anna, as sobrancelhas escuras erguendo-se em diversão.

— Alastair! — Cordelia chamou. — Venha comer! A comida está desaparecendo!

Mas seu irmão - que não estava, Cordelia notou, conversando com garotos da Academia, mas estava sozinho à beira do lago - apenas lançou um olhar que indicava que ela era cansativa.

— Ah — disse Thomas, com uma voz um pouco casual demais. — Alastair está aqui.

— Sim — disse Cordelia. — Ele é o homem da nossa casa no momento, já que meu pai está em Idris.

Christopher havia produzido um pequeno caderno preto e estava rabiscando nele. Anna estava olhando para o lago, onde várias das jovens - Rosamund, Ariadne e Catherine entre elas - decidiram dar uma volta.

— Ele tem a minha simpatia — disse Thomas, com um sorriso fácil. — Meu pai também está em Idris, também com a cônsul.

Eu sei, Cordelia pensou, mas antes que ela pudesse perguntar qualquer coisa, ela ouviu Lucie chamando seu nome. Ela olhou para cima e viu sua futura *parabatai* indo na direção deles, segurando um chapéu de palha no lugar com uma mão e um cesto na outra. Atrás dela estava James, com as mãos nos bolsos das calças listradas. Ele não usava chapéu e o vento puxou seus cabelos pretos já despenteados.

— Oh adorável! — Lucie disse, ao ver a montanha de comida de Cordelia. — Podemos combinar nossos ganhos. Vamos ver o que você tem.

Anna e Christopher abriram espaço quando Lucie caiu de joelhos e começou a desembalar ainda mais comida - tortas de queijo e geleia, sanduíches e limonada. James sentou-se ao lado de Christopher, olhando ociosamente para o caderno. Ele disse algo em voz baixa, e Thomas e Christopher riram.

Cordelia sentiu a respiração presa na garganta. Ela realmente não tinha falado com James desde que eles dançaram na noite anterior. A menos que ela contasse o fato de ele ter pedido que ela retirasse a estela da jaqueta. Lembrou-se da maneira como as mãos dele tinha estado em punhos ao seu lado. Ele parecia uma pessoa diferente agora.

— O que aconteceu, ontem à noite? — ela disse para Lucie. — O negócio dos demônios em Seven Dials.

James olhou para ela. Seu sorriso era fácil, fácil demais, pensou Cordelia. Como se ele fosse um ator em um palco, disse para parecer como se estivesse se divertindo.

— Demônios Shax por toda a Monmouth Street. Eles tiveram que chamar Ragnor Fell para ajudar a encantar o lugar, para que os mundanos não percebessem o que estava acontecendo.

Thomas fez uma careta.

— É estranho — disse ele — depois de tanto tempo, encontramos esse demônio na outra noite e agora ontem.

— Você encontrou um demônio? — Lucie exigiu. — Quando foi isso?

— Er — disse Thomas, seus olhos castanhos correndo ao redor. — Eu posso estar errado. Pode não ter sido um demônio. Pode ter sido um livro sobre demônios.

— Thomas — disse Lucie. — Você é o mentiroso mais terrível. Eu quero saber o que aconteceu.

— Você sempre pode tirar a verdade de Matthew — disse James. — Você pode tirar qualquer coisa dele, você sabe, Luce. Ele olhou ao redor do lago. Onde está Matthew? Ele não deveria vir?

Ele olhou para Cordelia, e ela sentiu uma súbita onda de raiva. Ela estava quieta - agora que tinha conseguido atrair todas essas pessoas para o seu cobertor de maquinação para piquenique, como pretendia trazer a tona o pai? Mas as palavras de James trouxeram de volta na noite anterior em um flash afiado de memória. Ele estava perguntando se ela sabia onde Matthew estava porque dançara com Matthew, e dançara com Matthew porque James a abandonara e Matthew entrara.

Cordelia se levantou, quase derrubando uma garrafa de cerveja de gengibre.

Ela respirou fundo, tirou a saia azul de sarja e disse: — James, eu gostaria de falar com você em particular por um momento, se você não se importa.

Todos pareciam surpresos, até Lucie; James apenas assentiu.

— Lidere o caminho — disse ele.

Havia um pequeno gazebo italiano perto do lago, completo com pilares brancos. Cordelia levou James para longe da multidão de piqueniques em silêncio, passando por alguns grupos de mundanos que passeavam; agora ela subia os poucos degraus do gazebo até o pavilhão central, virou-se e o encarou.

— Ontem à noite — ela disse — você foi terrivelmente rude comigo e eu gostaria que pedisse desculpas.

Ele olhou-a. Então era assim que seria ser mais alta que James, ela pensou. Ela não se importava. Sua expressão era calma, até ilegível. Não era um olhar hostil, mas estava totalmente fechado, não deixando ninguém entrar. Era uma expressão que ela já tinha visto no rosto de James antes: ela sempre pensara nisso em particular como a Máscara.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Você não vai se desculpar?

Talvez não fosse melhor ser mais alto que ele, ela pensou. Quando ele olhou para ela, ele teve que fazê-lo através dos cílios, que eram grossos e pretos como as franjas de seda em um lenço.

— Estou tentando pensar na melhor maneira de fazer isso. O que eu fiz - deixando você na pista de dança - foi imperdoável. Estou tentando pensar em uma razão para você querer me perdoar de qualquer maneira, porque se não o fizesse, partiria meu coração.

Ela limpou a garganta.

— Esse é um começo decente.

Seu sorriso era fraco, mas real, rompendo a máscara.

— Você sempre teve uma natureza caridosa, Daisy.

Ela apontou o dedo para ele.

— Não me venha com Daisy — disse ela. — Você já teve tempo para entender o que é ser uma garota em tal situação? Uma garota não pode pedir a um cavalheiro para dançar; ela está à mercê da escolha do sexo oposto. Ela não pode nem recusar uma dança, se isso lhe for pedido. Ter um menino se afastando dela na pista de dança é humilhante. Para que isso aconteça quando alguém está usando um vestido verdadeiramente assustador, ainda mais. Todos estarão discutindo o que há de errado comigo.

— Errado com você? — ele repetiu. — Não há nada de errado com você. Tudo o que você diz é verdade, e sou tolo por não ter pensado nisso antes. Tudo o que posso fazer é jurar que nunca lhe faltará em nenhum evento social no futuro, alguém com quem se levantar ou dançar. Você pode não acreditar, tendo conhecido Thomas, Christopher e Matthew, mas eles são bastante populares. Podemos fazer de você o brinde da temporada.

— Realmente? — ela disse. — Thomas, Christopher e Matthew são *populares*?

Ele riu.

— Sim, e eu posso fazer uma promessa adicional também. Se eu a ofender novamente, usarei um vestido verdadeiramente terrível para a próxima reunião social significativo.

— Muito bem. — Ela estendeu a mão. — Podemos agitar como os senhores fazem.

Ele se adiantou para apertar a mão dela. Os dedos quentes dele se enroscaram nos dela. Seus lábios, ligeiramente curvados, pareciam incrivelmente macios. Ele parecia estar procurando o rosto dela com seu olhar; ela se perguntou o que ele estava procurando.

— James — ela disse.

— Sim?

— Em vez de usar um vestido assustador — disse ela — talvez haja outra maneira de me ajudar.

— Qualquer coisa. — Ele não largou a mão dela.

— Você poderia me dizer qual dos jovens do Enclave é elegível — disse ela. — Se eu precisasse - me casar, quais deles são gentis e não seriam uma companhia terrível.

Ele parecia atordoado.

— Você não pode se casar.

— Por que não? — Ela afastou a mão da dele. — Você acha que eu seria um partido indesejável?

Ele tinha uma cor estranha; ela não tinha ideia do porquê até olhar para trás e perceber que uma carruagem acabara de chegar perto da loucura.

As portas da carruagem foram pintadas com os quatro *Cs* do governo Caçador de Sombras: Clave, Conselho, Convênio, Cônsul.

Matthew estava no assento da caixa, com as rédeas na mão, o vento soprando em seus cachos loiros.

Atrás dele, rindo, estava o irmão de Matthew, Charles, e ao lado dele, Grace, em um chapéu de palha e um vestido azul enfeitado com rendas Cluny.

Cordelia olhou para James e viu algo em seus olhos cintilar - uma espécie de luz negra atrás das íris. Ele estava assistindo Charles ajudar Grace a descer da carruagem. Matthew estava saindo do banco do motorista, soltando as rédeas, procurando os amigos.

— O que há entre você e Grace Blackthorn? — Cordelia disse calmamente. — Você tem um entendimento?

"Entendimento" era um termo amplo. Isso poderia significar um compromisso secreto, ou tão pouco quanto uma declaração de interesse romântico sério. Mas parecia se encaixar tão bem quanto qualquer outra coisa.

A luz estranha ainda estava nos olhos de James, escurecendo seu ouro em vidro fumado.

— Há pessoas próximas a mim pelas quais desistiria da minha vida — disse ele. — Você sabe disso.

Os nomes não eram falados, mas Cordelia os conhecia: Lucie, Will, Tessa, Christopher, Matthew, Thomas. Jem Carstairs.

— Grace é uma delas — disse James. — Nós somos vizinhos em Idris. Eu a vejo todo verão há anos. Nós nos amamos - mas é um segredo. Nem meus pais nem sua mãe estão cientes de nosso vínculo. — Ele ergueu o pulso, a pulseira brilhando por um momento ao sol. — Ela me deu isso quando tínhamos treze anos. É uma promessa entre nós.

Havia uma distância estranha em sua voz, como se estivesse recitando uma história que ouvira, em vez de recordar uma lembrança. Timidez, talvez, em revelar algo tão íntimo?

— Entendo — disse Cordelia.

Ela olhou para a carruagem. Ariadne tinha procurado Charles e eles estavam cumprimentando um ao outro; Grace se virou e estava olhando para o gazebo.

— Eu pensei que não iríamos a Idris este ano — disse James. — Eu escrevi para Grace para contar a ela, mas a mãe dela manteve a carta dela. Cada um de nós ficou pensando no silêncio do outro. Eu só descobri que ela veio a Londres ontem, no baile.

Cordelia sentiu-se entorpecida. Bem, é claro que ele fugiu então. Todo verão ele via Grace a não ser por esse; como ele deve ter sentido sua falta. Ela sempre soube que James possuía uma vida que pouco conhecia com os amigos dele em Londres, mas não havia percebido o quanto não o conhecia. Ele poderia muito bem ser um estranho. Um estranho apaixonado por outra pessoa. E ela, Cordelia, a intrusa.

— Estou feliz que somos amigos novamente — disse Cordelia. —Agora você deve querer falar com Grace sozinho. Apenas faça sinal para ela se juntar a você aqui - todos estão distraídos. Você passará despercebido.

James começou a falar, mas Cordelia já havia se virado e voltado para o lago e para os piqueniques. Ela não suportava fazer uma pausa e ouvi-lo agradecer por ir embora.

Lucie não culpou Cordelia por querer afrontar James; ele tinha sido terrivelmente rude na noite anterior. Mesmo se uma garota fosse apenas sua amiga, você não deveria deixá-la no meio de uma dança. Além disso, deu a Rosamund Wentworths muito espaço para fofocas desagradáveis. Lembrou-se de contar a Cordelia o que havia acontecido com Eugenia Lightwood assim que estavam sozinhos.

De fato, havia muita coisa que ela queria discutir com Cordelia quando elas estivessem sozinhas. *Ontem à noite encontrei um fantasma que ninguém mais podia ver. O fantasma de um garoto morto, mas não completamente morto.*

Ela abriu a boca algumas vezes para mencionar Jesse a James ou seus pais, depois decidiu não o fazer. Por um motivo que ela não conseguia entender, parecia privado, como um segredo que a ela havia sido confiado. Não era culpa de Jesse que ela podia vê-lo, e

ele a *tinha* salvado a todos aqueles anos atrás, em Brocelind. Lembrou-se de lhe dizer que, quando crescesse, queria ser escritora. *Parece maravilhoso,* ele dissera em tom melancólico. Naquele tempo ela acreditava que ele estava com inveja de sua gloriosa carreira futura. Foi só agora que lhe ocorreu que ele poderia estar falando sobre crescer.

— Vejo que Cordelia está voltando — disse Anna. Ela estava recostada nos cotovelos, o sol brilhava em seus cabelos escuros. — Mas sem James. Interessante.

Anna, como Lucie, achava tudo sobre comportamento humano interessante. Às vezes, Lucie pensava que Anna também deveria ser escritora. Suas memórias certamente seriam escandalosas.

Cordelia estava realmente voltando para eles, caminhando com cuidado entre os cobertores de piquenique de cores vivas. Ela afundou-se ao lado de Lucie, abanando-se com seu gorro de palha. Ela estava usando outro vestido horrível em tons pastel, Lucie notou. Ela desejou que Sona deixasse Cordelia se vestir como desejava.

— James recebeu o que merecia? — Lucie perguntou. — Você afogou ele?

O sorriso de Cordelia era brilhante.

— Ele está completamente envergonhado, garanto. Mas somos bons amigos novamente.

— Onde ele está, então? — Thomas perguntou. As mangas da camisa estavam arregaçadas, e Lucie podia apenas vislumbrar a borda do desenho de tinta colorida em seu antebraço esquerdo. Era incomum para os Caçadores de Sombras fazer tatuagens, pois a pele deles era frequentemente marcada por runas, mas Thomas havia feito exatamente isso na Espanha. — Você enterrou o corpo dele no parque em algum lugar?

— Ele foi falar com Grace Blackthorn — disse Cordelia, selecionando uma garrafa de limonada.

Lucie olhou para ela bruscamente - ela mesma só havia percebido na noite anterior que a garota por quem James estava apaixonada era Grace, não Daisy. Ela esperava não ter colocado

pensamentos bobos na cabeça de Cordelia falando no parque sobre como James poderia estar apaixonado por ela.

Cordelia certamente não parecia incomodada, e ela descartou toda a ideia em Kensington Gardens. Ela provavelmente pensava em James como um primo. Certamente foi um revés para as esperanças de Lucie. Teria sido delicioso ter Daisy como cunhada, e ela não podia imaginar que Grace seria encantadora da mesma maneira. Ela não conseguia se lembrar de tê-la visto sorrir ou rir, e dificilmente ficaria encantada com as músicas de Will sobre a varíola demoníaca.

— Eu não sabia que ela estava aqui. — Christopher serviu-se de uma sexta torta de limão.

— Ela está — disse Matthew, aparecendo no meio do mato de guarda-sóis e piqueniques. Ele deslizou graciosamente para uma posição sentada ao lado de Anna, que olhou para ele e piscou. Matthew e Anna eram especialmente próximos: eles desfrutavam de muitas das mesmas coisas, como roupas da moda, salões de má reputação, arte chocante e peças escandalosas. — Aparentemente, Charles prometeu ontem à noite trazê-la aqui em nossa carruagem. Tivemos que desviar para Chiswick para buscá-la.

— Você deu uma olhada em Lightwood - na Chiswick House? — perguntou Thomas. — Ouvi dizer que está em completo estado de ruína.

Matthew balançou a cabeça.

— Grace estava nos esperando nos portões da frente quando chegamos. Eu achei um pouco estranho.

A Chiswick House já pertencera a Benedict Lightwood e deveria passar para seus filhos Gabriel e Gideon. Tudo mudou após a desgraça de Bento, e no final a recém-nomeada Casa Chiswick foi dada a Tatiana, mesmo que ela tivesse se casado com um Blackthorn.

Tatiana notoriamente deixou o lugar em pedaços - talvez porque depois que Jesse morrera, ela não sentisse que houvesse ninguém sangue de Blackthorn para quem a casa pudesse ser deixada. Grace era a custódia adotiva de Tatiana, não sua filha de sangue. Quando Tatiana morresse, a casa voltaria às mãos da Clave, que

poderia até devolvê-la aos Lightwoods. Tatiana provavelmente preferiria queimá-la a isso acontecer.

Jesse havia dito que tanto sua mãe quanto sua irmã podiam vê-lo. Que estranho isso deve ser para ele e para elas. Ela se lembrou da noite anterior: Jesse dizendo que a morte estava no salão de baile. Mas não tinha sido, ela pensou. Houve uma ocorrência demoníaca na cidade, mas foi tratada com facilidade.

Mas e se ele não quisesse dizer que a morte estava lá ontem à noite? E se ele quisesse dizer que um perigo maior os cercava?

Lucie estremeceu e olhou para o lago, onde tudo era confortavelmente comum - Charles e Ariadne conversando com Barbara e Oliver; Alastair saltando pedras através do lago com Augustus Pounceby. Rosamund e Piers Wentworth parecem satisfeitos com alguma coisa. Catherine Townsend navegando em um pequeno barco com habilidade notável.

Ela ouviu Cordelia, ao seu lado, murmurar para Matthew sobre como parecia chover. Algumas nuvens escuras atravessaram o céu, projetando sombras na superfície prateada da água. Ela recuperou o fôlego. Ela estava imaginando coisas, certamente - os reflexos das nuvens não poderiam estar ficando mais espessos e mais escuros.

— Cordelia — ela sussurrou. — Você está com Cortana?"

Cordelia parecia confusa.

— Sim, claro. Embaixo do cobertor.

— Pegue-a.

Lucie ficou de pé, ciente de Cordelia desembainhando a lâmina de ouro brilhante sem outra pergunta. Ela estava prestes a gritar quando a água do lago se rompeu quando um demônio quebrou a superfície.

— Era Cordelia Carstairs — disse Grace.

Ela se aproximou de James quando ele sinalizou, mas parou a alguns metros de distância, sua expressão perturbada.

James raramente a via à luz do sol; ela o lembrou de uma flor pálida e florescendo à noite facilmente chamuscada pelo sol. Seu

chapéu sombreava os olhos e suas botas de pelica de marfim estavam plantadas na grama alta. Ele sempre se perguntou se Tatiana se preocupava em garantir que Grace tivesse roupas bem feitas e da moda quando se importava com tão pouco.

— Sim? — James disse. Não era comum Grace estar com ciúmes, e ele não tinha certeza de que ela estava. Ela parecia preocupada, mas isso poderia ser muitas coisas. — Você sabe que os Carstairs são meus amigos há muito tempo. — Ele estendeu a mão, a pulseira de prata no pulso brilhando ao sol. — Grace. Você está longe, e ficamos longe um do outro por tempo suficiente.

Ela deu um passo em sua direção e disse: — Você se lembra de quando me contou tudo sobre Cordelia? Naquele verão depois que você teve febre escaldante?

Ele balançou a cabeça, intrigado. Lembrou-se da febre, é claro, e da voz de Cordelia através da tontura. Ela tinha sido gentil com ele, embora ele não se lembrasse de contar a Grace sobre isso.

— Não — ele disse. — Não especificamente, mas eu sempre contei tudo, por isso dificilmente seria surpreendente.

— Não apenas que ela estava com você quando você estava doente — disse Grace. — Mas sobre *ela*. Sobre Cordelia.

— Sobre Cordelia? — Ele abaixou a mão, lembrando da Floresta Brocelind, a luz filtrando através das folhas verdes, a maneira como ele e Grace haviam descansado na grama e contado tudo um ao outro. — Eu não acho que sei muito sobre ela — disse ele, percebendo com uma pontada estranha que era verdade. Ele supôs que poderia dizer a Grace que Cordelia havia pedido que ele a ajudasse a encontrar um homem elegível, mas, por algum motivo, ele não queria. —Ela e a família sempre foi reticente. Lucie a conhece muito melhor do que eu. Eu me lembro de um tempo...

— O que? — Grace tinha chegado perto dele. Ele podia sentir o perfume dela quando ela olhou para ele: sempre havia o mesmo perfume de violeta. — O que você lembra?

— Lucie caiu do lado de um penhasco uma vez — disse ele lentamente. Era uma memória estranhamente fraca. Havia um campo de margaridas - Cordelia tinha sido muito corajosa - foi assim que ela ganhou o apelido. *Daisy.* — Na França. Cordelia estava com

ela. Teria sido uma queda ruim, mas Cordelia segurou seu pulso e a segurou por horas até encontrá-las. Sempre serei grato a ela por salvar minha irmã.

James percebeu que Grace relaxou um pouco, embora ele não pudesse ter adivinhado o porquê.

— Sinto muito por ter interrompido você com sua amiga — disse ela. — Faz tanto tempo desde que estamos sozinhos.

Uma pontada estranha de algo como inquietação passou por James.

— Você queria conhecer Matthew, Christopher e Thomas — disse ele. — Eu poderia levá-la ...

Ela balançou a cabeça e ele ficou impressionado como sempre por sua beleza. Era fria e perfeita - não, ela não era fria, ele lembrou a si mesmo. Manteve-se bem fechada, pois fora gravemente ferida pela perda de seus pais, pelos caprichos e crueldade de Tatiana. Mas isso não era o mesmo que frieza. Agora havia cor em suas bochechas e seus olhos brilhavam ferozmente.

— Eu quero que você me beije — disse ela.

Ele nunca pensou em dizer não.

O sol estava brilhante quando ele a alcançou, tão brilhante que machucou seus olhos. Ele a puxou em sua direção: ela era pequena, fria e leve, delicada como um pássaro. O chapéu escorregou da cabeça quando ela inclinou o rosto para ele. Ele sentiu o farfalhar de renda contra suas mãos enquanto elas circundavam sua cintura, e a pressão suave e fria de seus lábios contra os dele.

O sol era uma agulha ardente transfixando os dois para o local. O peito dela subiu e caiu contra o dele; ela estava tremendo como se estivesse com frio. As mãos dela agarraram seus ombros. Por um momento, ele apenas sentiu: os lábios um contra o outro, o gosto dela como pastilhas de açúcar em sua língua.

Seus olhos começaram a arder, embora estivessem fechados. Ele se sentia sem fôlego e enjoado, como se tivesse mergulhado em água salgada e respirado tarde demais. Algo estava errado. Com um suspiro sufocado de náusea, ele se separou de Grace.

A mão dela foi para a boca. Havia um olhar em seu rosto que ele não esperava - um olhar de pânico inegável.

— Grace... — ele começou, quando o ar foi subitamente cortado pelo som de gritos vindos do lago. E não apenas uma pessoa gritando, como Oliver havia gritado na noite anterior, mas várias vozes, gritando de medo.

James pegou Grace e a empurrou em direção ao gazebo. Ela não tinha ideia de como lutar - nunca havia sido treinada. Ela ainda estava olhando para ele horrorizada.

— Fique aqui — ele exigiu, e correu em direção ao lago.

Cordelia não viu-acontecer. Quando desembainhou Cortana, o demônio saltou da água e diretamente para Piers Wentworth. Ele caiu com um uivo de dor, chutando e se debatendo.

Houve instantaneamente um tumulto. Os Caçadores de Sombras estavam gritando - alguns saltaram para Piers, incluindo Alastair e Rosamund, e estavam tentando tirar a criatura de seu corpo. Charles empurrou Ariadne para trás dele - ela parecia exasperada - e estava gritando para que todos se afastassem do lago. Barbara estava gritando, palavras que pareciam “O que é isso? O que é isso?"

Mas Cordelia só conseguia pensar em uma coisa: Alastair. Ela correu em direção à costa. Ela podia ver os cabelos brilhantes de Alastair entre as pessoas. Ao se aproximar deles, viu Piers imóvel na beira da água: a beira da água estava escarlate e mais escarlate ondulava no lago. Rosamund estava de joelhos ao lado dele, gritando. O demônio havia desaparecido, embora Cordelia não tivesse visto ninguém matá-lo.

Alastair se afastara de Piers; Ariadne estava de joelhos ao lado do garoto caído, com o vestido no sangue e na areia. Quando Cordelia se aproximou do irmão, viu que também havia sangue nele. Ela o alcançou no meio do caos, sem fôlego.

— Alastair

Havia um olhar atordoado em seu rosto. A voz dela o sacudiu acordado: ele pegou seu braço livre e a puxou em direção à grama.

— Cordelia, volte...

Ela olhou em volta loucamente. Caçadores de Sombras estavam correndo por toda parte, derrubando cestos e pisoteando comida de piquenique sob os pés.

— O que houve Alastair? O que foi isso?

Ele balançou a cabeça, sua expressão sombria.

— Eu não tenho absolutamente nenhuma ideia.

James correu pela encosta da colina verde em direção ao lago. O céu havia escurecido, manchado por toda parte com nuvens: à distância ele via mundanos correndo para longe do parque, cautelosos com a chuva que se aproximava. A água do lago havia mudado de prateada para cinza, ondulada pelo vento forte. Uma pequena multidão se formou na beira do lago. O piquenique havia sido abandonado: garrafas e cestos haviam sido chutados e em todos os lugares os Caçadores de Sombras estavam apreendendo armas. James avistou Matthew e Lucie entre a multidão: Matthew estava entregando a Lucie uma lâmina serafim apagada de seu próprio cinto. Ele pensou ter avistado os cabelos ruivos de Cordelia, perto da beira do lago, no momento em que Barbara veio correndo até ele.

Os olhos dela estavam arregalados e aterrorizados; Oliver estava correndo atrás dela, determinado a alcançá-la. Ela alcançou James primeiro.

—Jamie... Jamie... — Ela pegou a manga dele. — Foi um demônio. Eu vi atacar Piers.

— Piers está machucado? — James esticou o pescoço para ver melhor. Ele nunca gostou de Piers Wentworth, mas isso não significava que ele queria que algo acontecesse com ele.

— Barbara. — Oliver os alcançou, sem fôlego por falta de treinamento. — Querida. Os demônios não podem suportar a luz do

sol. Você sabe disso.

Barbara ignorou seu pretendente.

— James — ela sussurrou, baixando a voz. — Você pode ver coisas que outras pessoas não conseguem, às vezes. Você viu alguma coisa ontem à noite?

Ele olhou para ela surpreso. Como ela sabia que ele havia caído brevemente no reino das sombras?

— Barbara, eu não...

— Eu vi — ela sussurrou. — Vi - formas - formas pretas irregulares - e vi algo me agarrar e me arrastar para baixo.

O coração de James começou a bater forte.

— Eu vi um novamente, agora mesmo - ele pulou em Piers e desapareceu, mas estava lá -

Oliver lançou um olhar irritado para James.

— Barbara, não se excite demais — ele começou, exatamente quando Matthew apareceu, indo direto para James.

Atrás de Matthew, a multidão estava se separando: James podia ver Anna com Ariadne e Thomas, todos ajoelhados ao redor do corpo de Piers no chão. Thomas arrancou a jaqueta e a pressionou contra a garganta de Piers; mesmo daqui, James podia ver o sangue.

— Onde está Charles? — James disse, quando Matthew se aproximou: Charles era, afinal, a coisa mais próxima da cônsul que eles tinham aqui.

— Foi colocar runas para afastar os mundanos — disse Matthew. O vento estava subindo, rodopiando as folhas no chão em ciclones menores. — Neste momento, alguém precisa levar Piers para a enfermaria.

— Piers está vivo? — James perguntou.

— Sim, mas não parece bom — disse Matthew, erguendo a voz para ser ouvido pelo vento. — Eles estão colocando *iratzes* nele, mas não estão funcionando.

James encontrou o olhar de Matthew com o seu. Havia apenas alguns tipos de feridas que as runas de cura não podiam ajudar. Ferimentos infectados por veneno de demônios estavam entre eles.

— Eu te disse — Barbara gritou. — O demônio arranhou sua garganta... — Ela parou, olhando para a extremidade da área gramada, onde as árvores margeavam o lago.

James seguiu o olhar dela e ficou rígido de horror. O parque era uma paisagem cinzenta através da qual o vento soprava: o lago era preto e os barcos contornavam e afundavam estranhamente. Nuvens da cor de hematomas atravessavam um céu cor de aço. O único brilho que ele podia ver era uma clara luz dourada à distância, mas estava presa entre a multidão de Nephilim como um vaga-lume preso em uma jarra; ele não conseguiu identificar o que era.

Os galhos das árvores batiam de um lado para o outro no vento crescente. Eles estavam cheios de formas - irregulares e negras, como Barbara havia dito. Sombras arranhadas de uma escuridão maior. Quantos, James não sabia dizer. Dezenas, pelo menos.

Matthew estava olhando, seu rosto branco. *Ele pode ver o que eu vejo,* James percebeu. *Ele pode vê-los também.*

Saltando das árvores, os demônios correram para eles.

Os demônios corriam como cães infernais pela grama, pulando e subindo, completamente silenciosos. A pele deles era áspera e ondulada, da cor de ônix; os olhos deles em chamas negras. Eles atravessaram o parque sob o céu escuro e enegrecido pelas nuvens.

Ao lado de Cordelia, Alastair arrancou uma lâmina serafim do bolso de sua jaqueta e a ergueu.

— *Micah!* — ele gritou - cada lâmina serafim precisava receber o nome de um anjo para ser ativada.

O baixo brilho da lâmina tornou-se uma fogueira. Houve um tumulto repentino de iluminação enquanto lâminas de serafim brilhavam por toda parte; Cordelia podia ouvir os nomes dos anjos sendo chamados, mas as vozes dos Caçadores de Sombras eram lentas de espanto. Foi um longo período de relativa paz e ninguém esperava atividade demoníaca durante o dia.

No entanto, foi aqui. Os demônios surgiram como uma onda e caíram sobre os Nephilim.

Cordelia nunca esperava se encontrar no meio de uma batalha. Matar alguns demônios aqui e ali em patrulha era algo que ela esperava, mas isso - isso era um caos. Dois demônios com rostos selvagens e parecidos com cães atiraram-se a Charles e Ariadne; ele parou na frente dela e foi derrubado. Cordelia ouviu alguém chamar o nome de Charles: um momento depois, o segundo demônio estava sobre Ariadne. Suas mandíbulas se fecharam em seu ombro e começou a arrastar seu corpo pela grama enquanto ela chutava e lutava.

Cordelia se aproximou dela, mas uma sombra surgiu à sua frente, uma sombra negra com mandíbulas pingando e olhos como brasas vermelhas. Não havia espaço nela para gritar. Sua espada girou em um arco ardente. O ouro cortou a sombra: icor derramou, e ela quase tropeçou. Ela se virou para ver que Anna havia corrido para o lado de Ariadne, uma longa adaga de prata na mão. Ela a mergulhou nas costas do demônio atacante, que desapareceu em um spray de icor.

Mais demônios avançaram. Anna lançou um olhar impotente para Ariadne deitado na grama manchada de sangue e voltou com um grito; logo ela se juntou a outros - Thomas, seu *bolas* voando pelo ar, e Barbara e Lucie, armadas com lâminas serafins.

Um demônio atacou Alastair: Cordelia derrubou Cortana em um grande arco curvo, cortando sua cabeça.

Alastair parecia irritado.

— Realmente — disse ele. —Eu poderia ter feito isso sozinho.

Cordelia pensou em matar Alastair, mas não havia tempo - alguém estava gritando. Foi Rosamund Wentworth, que se recusara a sair do lado de seu irmão. Ela se agachou sobre o corpo sangrando quando um demônio estalou suas mandíbulas nela.

James correu em direção a ela através da grama, a lâmina serafim ardendo ao seu lado. Ele pulou no ar, caiu nas costas do demônio e enfiou a lâmina serafim em seu pescoço. Icor se derramou quando o demônio desapareceu. Cordelia o viu girar, seus olhos procurando na grama e encontrando Matthew. Matthew, que

tinha uma lâmina curva na mão, ficou ao lado de Lucie, como se quisesse expulsar qualquer demônio que se aproximasse dela.

James correu em direção a Matthew e sua irmã, assim como outro grito rasgou o ar.

Foi Barbara. Um dos demônios das sombras atacou, batendo Oliver no chão e fechando as mandíbulas ao redor da perna de Barbara. Ela gritou de agonia e caiu.

Um segundo depois, James estava lá; ele se atirou na criatura em cima de Barbara, derrubando-a de lado. Eles rolaram várias vezes, o Caçador de Sombras e o demônio, enquanto gritos rasgavam a multidão de Caçadores de Sombras reunidos.

Matthew mergulhou para frente, executando um golpe perfeito no ar e chutou para fora. Sua bota se conectou com o demônio, libertando-o de James. Matthew pousou quando James apareceu, pegando uma adaga do cinto. Ele atirou e afundou no lado do demônio; cuspindo e sibilando, o demônio desapareceu.

E houve silêncio.

Cordelia não sabia se os demônios haviam sido derrotados ou se haviam fugido em retirada ou vitória. Talvez eles tivessem feito tudo o que pretendiam fazer em termos de danos. Não havia como saber. Congelados em choque, surrados e ensanguentados, o grupo de Caçadores de Sombras que havia ido a Regent's Park para um piquenique à tarde se entreolhou pela grama ensanguentada.

A área do piquenique estava em pedaços: pedaços de grama queimados com icor, cabazes e cobertores espalhados e destruídos. Mas nada disso importava. O que importava eram as três figuras imóveis que jaziam na grama, imóveis. Piers Wentworth, com a camisa ensopada de sangue, a irmã soluçando ao seu lado. Barbara Lightwood, sendo levantada nos braços de Thomas - Oliver tinha a estela esticada e desenhava runa curativa após runa no braço pendurado. E Ariadne, amassada em uma pilha, seu vestido rosa manchado de vermelho. Charles se ajoelhou com ela, mas sua cabeça estava no colo de Anna. Sangue escuro escorria do canto da boca.

Os demônios poderiam ter desaparecido, mas deixaram uma devastação para trás.

5

CAÍDO COM A NOITE

As lâmpadas de gás brilham em uma linha dourada; As luzes rubis dos hansoms brilham, olham e piscam como moscas de fogo; O vento caiu com a noite, e mais uma vez a cidade parece justa. Contrarie a névoa que paira no ar.

- Amy Levy, "Um dia de março em Londres"

Cordelia se inclinou para perto de Lucie enquanto pulavam pelas ruas na carruagem do Instituto, cercadas pelo tráfego borrado de ônibus, carros e pedestres. Anúncios passaram rapidamente. O HOTEL DE FERRADURA. PARADA DE TRÊS GUINÉ. NOVOS VAPORES DO PALÁCIO. Sinais publicitários de alfaiataria e peixarias, tônico capilar e impressão barata. Um mundo incrivelmente distante daquele que Cordelia acabara de deixar no Regent's Park. Um mundo onde pequenas coisas importavam.

Matthew estava sentado em frente a elas no banco estofado da carruagem, segurando as almofadas com os punhos. Seus cabelos estavam loucos. Sangue e icor mancharam sua jaqueta de linho e gravata de seda.

No momento em que os demônios se foram, James decolou em Balios, um dos cavalos de seu pai, na esperança de chegar ao Instituto e prepará-los para a chegada dos feridos. Charles partiu com Ariadne na carruagem do cônsul, deixando Matthew para ir com Lucie e Cordelia.

Alastair voltou a Kensington para contar a Sona o que havia acontecido. Cordelia ficou meio satisfeita com o icor queimando em suas mãos: ela havia dito a ele que precisaria de tratamento na

enfermaria do Instituto e, além disso, poderia ficar para oferecer ajuda e assistência. Afinal, eles tinham que estar atentos à impressão que estavam causando no Enclave.

— *Agora?* — ele exigiu, olhos escuros estalando. — Neste momento, você está preocupado com a impressão que estamos causando em Londres?

— É importante, Alastair — ela respondeu. — É para o pai.

Alastair não havia protestado mais. Cordelia ficara um pouco surpresa; ela sabia que ele pensava que seus planos eram inúteis. Eles discutiram sobre isso em Cirenworth, e ela lhe disse que não conseguia entender por que ele não apoiava o pai com ela, por que ele parecia sentir que não havia esperança quando ainda não haviam tentado de tudo. Ele apenas disse a ela que ela não entendia.

— Ainda não vejo como é possível — disse Lucie. —Demônios *não* saem durante o dia. Eles simplesmente não saem.

— Já ouvi falar deles aparecendo sob uma espessa cobertura de nuvens — disse Cordelia. — Se nenhuma luz solar pudesse passar...

Matthew deu uma risada rouca.

— Não foi uma tempestade natural. No entanto, também nunca ouvi falar de demônios que poderiam controlar o clima.

Ele tirou um frasco de prata do bolso do colete. Lucie lançou-lhe um olhar afiado antes de desviar o olhar.

— Você viu as feridas? — ela perguntou. — Eu nunca vi nada parecido. A pele de Barbara estava ficando preta nas bordas onde ela foi mordida...

— Você nunca viu nada assim, porque nunca houve nada assim — disse Matthew. — Demônios que trazem sua própria noite com eles? Quem nos ataca quando somos vulneráveis porque acreditamos que não podemos ser atacados?

— Matthew — disse Cordelia bruscamente. — Pare de assustar Lucie quando ainda nem sabemos com o que estamos lidando.

Tomou um gole do frasco quando a carruagem atravessou Ludgate Circus e entrou na Fleet Street. Cordelia podia sentir o cheiro forte e doce do álcool, familiar como a infância.

— Lucie não fica assustada, não é, Luce?

Lucie cruzou os braços sobre o peito.

— Estou com medo por Barbara e Ariadne, e por Piers — disse ela. — Você não está preocupado? Barbara é nossa família e Ariadne é uma das pessoas mais gentis que conheço.

— Não existe proteção especial neste mundo para pessoas gentis — começou Matthew, e interrompeu quando Cordelia o encarou. Ele tomou outro gole de seu frasco e mostrou os dentes.

— Sim, eu estou sendo um monstro. Eu sei disso perfeitamente.

— Então pare de fazer isso — disse Cordelia. — Meu pai sempre dizia que entrar em pânico antes de você ter todos os fatos era travar a batalha do inimigo por ele.

— Mas quem *é* o inimigo? — disse Lucie. — Demônios, suponho, mas os demônios geralmente atacam sem estratégia ou método. Esses demônios evitaram todos os mundanos do parque e foram direto para nós.

— Os demônios nem sempre são aleatórios em suas ações — disse Cordelia. — Talvez um bruxo que convoque um bando de demônios seja responsável, ou mesmo um Demônio Maior se divertindo. Os demônios comuns são como animais, mas se eu entendi direito, os Demônios Maiores podem ser muito parecidos com as pessoas.

Eles chegaram ao Instituto. Matthew lançou-lhe um olhar rápido e surpreso quando a carruagem rolou sob o portão com seu lema latim: PULVIS ET UMBRA SUMUS.

Nós somos pó e sombras.

Quando eles pararam no pátio, Matthew estendeu a mão para abrir a porta da carruagem. Ele pulou e se virou para ajudar Cordelia e Lucie atrás dele. O pátio já estava cheio de carruagens - Cordelia reconheceu o símbolo da família do inquisidor, uma ponte em arco, em um deles. Ela também podia ver Balios, as rédeas amarradas a um poste perto dos degraus da frente. Seus flancos estavam cheios de suor; James deve ter percorrido o inferno pelas ruas.

Quando outra carruagem começou a chocalhar sob o portão, Matthew olhou furioso para o frasco, que estava aparentemente vazio.

— Acho que vou dar um passeio — disse ele. — Voltarei em breve.

— *Matthew!* — Lucie parecia horrorizada. — Mas a enfermaria - e Thomas precisa de nós -

— Eu não gosto de doença — disse Matthew em breve, e se afastou, escolhendo claramente seus passos com muito cuidado. Cordelia se perguntou o que tinha estado no frasco. Algo bastante forte, ela adivinhou.

Lucie parecia furiosa.

— Como *ele pôde*-

Ela parou quando a nova carruagem parou e Gabriel e Cecily Lightwood saíram. Gabriel parecia atormentado; Cecily, ao lado dele, carregava um menino muito pequeno - de cabelos escuros e olhos azuis. Cordelia imaginou que ele era Alexander, primo mais novo de Lucie.

— Lucie! — Cecily chorou, correndo em direção à sobrinha.

Cordelia recuou com uma sensação de constrangimento. Foi um lembrete afiado de quão longe de tudo isso ela cresceu. Não apenas geograficamente, mas também socialmente. Alastair pelo menos teve um tempo na Academia. Esse mundo, o mundo de Lucie e James, era um mundo de família e amigos que se amavam, mas não a conheciam.

— Mas eu não entendo — estava dizendo Cecily. — Eu sei o que a mensagem de Anna disse, mas um ataque demoníaco em *plena luz do dia*? Não faz nenhum sentido. Não poderia ter sido outra coisa?

— Talvez, tia Cecily, mas essas criaturas deixaram o tipo de ferida que os demônios deixam — disse Lucie. — E o sangue deles era icor.

Gabriel colocou a mão no ombro de Lucie.

— Metade do Enclave foi despachada para o parque para ajudar aqueles que ainda estão lá e determinar o que ocorreu. Provavelmente é uma ocorrência esquisita, Luce. Horrível, mas improvável que volte a acontecer.

— E Jem - o irmão Zachariah estará aqui com os outros Irmãos do Silêncio — disse Cecily, olhando para o Instituto. — Eles curarão

Barbara e os outros. Eu sei que eles vão.

Irmão Zachariah. Jem.

Claro que ele estaria aqui, Cordelia percebeu. Jem Carstairs era um irmão silencioso dedicado e leal ao Instituto de Londres. *Eu poderia falar com ele,* ela pensou. *Sobre o meu pai.*

Jem estava aqui para curar, ela sabia. Mas o pai dela precisava de ajuda tanto quanto qualquer um, e havia outros Irmãos do Silêncio no Instituto.

Olhando de Gabriel para Cecily, ela disse: — Você se importaria se eu o acompanhasse à enfermaria? Se houver curativos lá, eu poderia envolver minhas mãos...

Lucie parecia arrependida.

— Daisy! Suas mãos! Eu deveria ter lhe dado uma dúzia de *iratzes*, cem *iratzes*. Só que você foi tão corajosa com seus ferimentos...

Oh céus. Cordelia não pretendia fazer Lucie se sentir culpada.

— Na verdade, só dói um pouco-Cecily sorriu para ela.

— Falou como um verdadeiro Carstairs. Jem nunca admitiria quando estava com dor também. — Ela beijou o topo da cabeça de Alexander enquanto ele tentava ser abaixado. — Venha, Lucie, vamos levar sua futura *parabatai* para a enfermaria.

James nunca tinha visto a enfermaria assim antes. É claro que ele ouvira histórias de sua mãe e pai sobre as consequências da Guerra Mecânica, os mortos e os feridos, mas durante a sua vida raramente houve mais de um ou dois pacientes na sala de enfermaria. Thomas uma vez terminou ali por uma semana, quando ele caiu de uma árvore e quebrou a perna. Eles ficaram acordados a noite jogando cartas e comendo tortas de geleia de Bridget. James ficou decepcionado quando as runas de cura finalmente funcionaram e Thomas foi para casa.

A cena estava muito diferente agora. A sala já estava cheia: havia muitos Caçadores de Sombras que haviam sido queimados por icor ou que tinham cortes e contusões. Um posto de enfermagem improvisado havia sido montado no balcão, onde Tessa

e Will - com a ajuda dos Irmãos do Silêncio - estavam distribuindo ataduras e aplicando runas em quem precisasse delas.

Os três Caçadores de Sombras mais gravemente feridos foram colocados em camas no final da sala, onde uma tela os protegia parcialmente do caos no resto da enfermaria. James não pôde deixar de olhar, especialmente para Thomas - o resto dos Lightwoods ainda não havia chegado, e Thomas sentou-se silenciosamente ao lado de Barbara. James tentou sentar-se com ele, mas Thomas havia dito que preferia ficar sozinho com Barbara. Ele estava segurando a mão de sua irmã enquanto o tio Jem cuidava dela: ela estava imóvel, seu único movimento, sua respiração.

O irmão Shadrach, o irmão Enoch e Jem chegaram apenas momentos depois que James trouxe as notícias do ataque ao Instituto. Shadrach se inclinou sobre Piers, tratando-o com uma tintura destinada a substituir um pouco do seu sangue perdido. O irmão Enoch agachado perto de Ariadne, seu aspecto sombrio. O inquisidor Bridgestock e sua esposa estavam amontoados não muito longe da filha, trocando olhares de medo. Eles eram um casal sem filhos antes de adotarem Ariadne, órfã do Instituto de Bombaim, e sempre a trataram como um tesouro precioso. Charles afundou em uma cadeira próxima: como Barbara, Ariadne estava imóvel, exceto por sua respiração superficial. Podia-se ver o traçado de suas veias sob a pele de seus pulsos e têmporas.

James ainda estava imundo de grama, sujeira e suor; no entanto, ele ficou atrás do balcão, cortando e enrolando ataduras. Se Thomas não o queria ali, ajudaria de qualquer outra maneira que pudesse. Ele podia ouvir trechos de conversas flutuando sobre o ruído abafado de vozes: — Foram demônios, Townsend. Ou pelo menos, ou eram demônios ou alguma criatura que nunca vimos antes...

— Essas são as marcas de ataques demoníacos, de garras e dentes. Não existe ferida que um Submundano possa infligir que é imune a curar runas, mas estas são. Precisamos descobrir o que há no veneno em seus corpos e trabalhar para curar isso -

— Mas a luz do dia — Quem ainda está no parque? Alguém tem uma lista de nomes daqueles que participaram do piquenique? Devemos ter certeza de que ninguém foi deixado para trás...

James pensou em Grace. Ele desejou poder falar com ela após o ataque, mas Balios, apesar de quase 28 anos, era o cavalo mais rápido do parque, de longe, e apenas James poderia montá-lo - James ou Lucie, e Lucie queria continuar com Cordelia.

No final, Christopher, parecendo mais assustado do que durante a batalha demoníaca, se ofereceu para levar Grace de volta a Chiswick em sua carruagem - Charles, é claro, já havia corrido para o Instituto com Ariadne. James não pôde deixar de temer a reação de Tatiana ao ataque. Parecia inteiramente dentro de seu comportamento habitual decidir que Londres era muito perigosa e arrastar Grace de volta para Idris.

James.

A voz estava silenciosa, um eco em sua cabeça. Ele sabia quem era instantaneamente, é claro. Apenas os Irmãos do Silêncio falavam assim, e ele nunca confundia Jem com mais ninguém.

James, posso falar com você?

James olhou para cima e viu Jem, alto e escuro em suas roupas de pergaminho, deixando a enfermaria. Colocando os curativos, ele saiu pela porta e entrou no corredor do lado de fora. Ele seguiu o tio até a sala de música, nenhum deles falando enquanto andavam.

Os corredores do Instituto haviam sido redesenhados por Tessa há alguns anos, o papel de parede escuro vitoriano foi a favor de tinta clara e pedra verdadeira. Arandelas esculpidas elegantes emergiam das paredes em intervalos espaçados. Cada um tinha a forma do símbolo de uma família de Caçadores de Sombras: Carstairs, Ke, Herondale, Wrayburn, Starkweather, Lightwood, Blackthorn, Monteverde, Rosales, Bellefleur. Era a maneira da mãe de James dizer que eles eram todos Caçadores de Sombras juntos, todos com um lugar igual no Instituto.

Não que a Clave sempre tratasse sua mãe como se *ela* fosse igual, James pensou. Ele afastou o pensamento; os sussurros sobre sua mãe, ele e Lucie sempre faziam seu sangue ferver.

A sala de música raramente era usada - Lucie não era nem um pouco musical, e James tocara piano por alguns anos e depois a abandonara. Luz do sol dourada entrava pelas janelas, iluminando trilhas dançantes de poeira. Um piano de cauda apareceu no canto, meio coberto por um pano branco.

O violino de Jem tinha um lugar de destaque - um Stradivarius esculpido em madeira suave, descansava em uma caixa aberta em cima de uma mesa alta. James tinha visto seu pai entrar nesta sala apenas para tocar o violino às vezes, um olhar distante em seus olhos. Ele se perguntou se faria o mesmo com os pertences de Matthew se um dia ele perdesse o *parabatai*.

Ele afastou o pensamento. Matthew era como comida, sono, respiração; fazer sem ele não seria possível.

Eu recebi sua mensagem, disse Jem. *O que você enviou ontem à noite.*

James começou.

— Eu quase tinha esquecido. — Ele podia se ver em um espelho de moldura dourada na parede: havia grama em seus cabelos e um arranhão sangrento em sua bochecha. Ele parecia um fugitivo de Bedlam. — Não tenho certeza se isso importa agora.

Pode importar, disse Jem. Ele parecia tenso, se alguém pudesse descrever um Irmão do Silêncio como tenso. *Barbara ainda estava consciente quando cheguei aqui. Ela sussurrou para mim* – — De mim? — James ficou assustado.

Ela disse: "James deve ser protegido." Você se transformou em uma sombra no lago?

— Não — disse James. — Vi o reino das sombras ontem à noite - e novamente hoje, mas não me tornei uma sombra. Eu fui capaz de controlá-lo.

Jem relaxou minuciosamente.

James, ele disse. *Você sabe que eu tenho tentado descobrir qual Grande Demônio era seu avô. Sua habilidade* — Não é uma habilidade — disse James. — É uma maldição.

Não é uma maldição. O tom de Jem era agudo. *Não é uma maldição, não mais do que as mágicas que os feiticeiros fazem, ou a habilidade que sua mãe tem.*

— Você sempre disse que é perigoso — disse James.

Alguns presentes são perigosos. E é um presente, embora possa vir da linhagem dos anjos caídos.

— Um presente que não posso usar para nada — disse James. — Ontem à noite na festa, quando entrei na escuridão - vi Barbara puxada para o chão por uma sombra. Hoje, no lago, ela foi arrastada para a terra por um demônio com os dentes em sua perna. — Ele apertou a mandíbula. — Não sei o que isso significa. As visões também não me ajudaram, nem me permitiram ajudar Barbara ou os outros. — Ele hesitou. —Talvez se voltássemos às lições, pudéssemos aprender mais sobre o reino das sombras, se talvez esteja tentando me dar algum tipo de sinal-Seria sensato continuarmos as lições, sim, disse Jem. *Mas não podemos começar agora. O veneno que consome os que foram atacados não é como nada que eu já tenha visto, nem os outros Irmãos sabem disso. Devemos dobrar toda a nossa vontade agora para encontrar a cura.*

A porta se abriu e Will enfiou a cabeça na sala de música. Ele parecia cansado, as mangas da camisa enroladas até o cotovelo, a camisa manchada de tinturas e pomada. Ainda assim, ele sorriu quando viu James e Jem.

— Está tudo bem?

— Tio Jem estava preocupado comigo — disse James. — Mas eu estou muito bem.

Will foi até o filho e o puxou para um abraço rápido e áspero.

Ele disse.

— Fico feliz em ouvir isso, Jamie. Gideon e Sophie chegaram e vê-los com Barbara... — Ele beijou o topo da cabeça de James. — Não suporto pensar nisso.

Eu deveria voltar para a enfermaria, disse Jem. *Ainda há muito para fazer.*

Will assentiu, liberando James.

— Eu sei que Gideon e Sophie se sentiriam melhor se você cuidasse de Barbara. Para não insultar o irmão Shadrach, que tenho certeza de que é um membro excelente e respeitado da Irmandade.

Jem sacudiu a cabeça, o mais próximo que pôde sorrir, e os três deixaram a sala de música. Para surpresa de James, Thomas

estava esperando no corredor do lado de fora, com os olhos vazios.

Will trocou um olhar rápido com James e deixou seu filho sozinho com Thomas. Era bom, pensou James, ter um pai que entendesse o significado da amizade.

Thomas falou assim que os adultos ficaram fora do alcance da voz.

— Meus pais estão aqui — disse ele em voz baixa. — James, eu preciso de algo para fazer. Algo que pode ajudar minha irmã. Eu acho que posso enlouquecer de outra maneira.

— É claro, todos nós devemos ajudar Barbara — disse James. —Thomas, no parque, Barbara viu os demônios antes de todo mundo. Foi ela quem me avisou.

— Ela tinha uma visão perfeita mesmo antes de conseguir sua runa de clarividência — disse Thomas. — Talvez porque minha mãe fosse mundana antes de se tornar uma Caçadora de Sombras. Nunca tivemos certeza - Barbara não era terrivelmente interessado em testar suas habilidades - mas ela sempre teve sentidos extraordinariamente aguçados.

— É quase como se ela pudesse vislumbrar o meu reino das sombras — James murmurou, lembrando o que Barbara havia dito: que ela tinha sido capaz de ver formas pretas irregulares no baile, que ela se sentiu atraída.

Uma ideia começou a tomar forma em sua mente. Ele se perguntou se deveria voltar e falar sobre isso com Jem, mas não - Jem nunca o deixaria fazer isso. Ele pensaria que era muito perigoso. Imprudente, até.

Mas James estava se sentindo imprudente e, pelo jeito, Thomas também estava.

— Precisamos reunir Matthew e Christopher — disse James. — Eu tenho uma ideia do que podemos fazer.

Um pouco da cor voltou ao rosto de Thomas. — Christopher acabou de voltar de Chiswick — disse ele. — Eu o vi no hall de entrada. Mas quanto a Matthew...

Cordelia havia decidido se tornar útil na enfermaria. Era a única maneira de ter certeza de que não seria jogada fora na orelha. Afinal, nenhum dos feridos era parente ou amigo dela. E não era provável que ela estivesse fazendo muitos novos amigos nesse ritmo.

Lucie também fora recrutada para o serviço. Dezenas de potes rotulados foram retirados dos armários atrás do balcão com tampo de mármore, onde Tessa estava presidindo a distribuição de ingredientes para tinturas e poções. As próprias mãos de Cordelia haviam sido colocadas em pomada e envoltas em ataduras; pareciam patas brancas enquanto ela segurava o almofariz e pilão que lhe haviam sido dados.

A frente da enfermaria estava ocupada com aqueles que apresentavam arranhões, entorses e queimaduras. As tinturas e pomadas eram principalmente para eles: Lucie estava ocupada entregando-as, seu fluxo alegre de conversas audível acima do zumbido baixo de outras conversas. Uma tela havia sido puxada na frente do outro lado da sala, e Cordelia estava quase feliz por isso: era horrível ver Sophie e Gideon Lightwood desmoronando ao lado da cama de Barbara, ou mesmo Rosamund sentada em silêncio pelo irmão. Cordelia lamentou ter alguma vez abrigado pensamentos não caridosos em relação aos Wentworth. Ninguém mereceu isso.

— Está tudo bem. — A voz de Tessa era gentil. A mãe de James estava ocupada cortando finamente a artemísia em uma tigela; ela lançou um olhar compreensivo para Cordelia. — Vi os Irmãos do Silêncio trazer as pessoas de volta de muito pior.

Cordelia balançou a cabeça.

— Eu não. Suponho que fui muito protegida.

— Todos nós fomos por um tempo — disse Tessa. — O estado natural dos Caçadores de Sombras é a batalha. Quando está sempre em movimento, não há tempo para parar e pensar que não é uma condição ideal para a felicidade. Os Caçadores de Sombras não são adequados para um estado feliz, mas tivemos esse tempo na última década. Talvez tivéssemos começado a nos achar invencíveis.

— As pessoas são invencíveis apenas nos livros — disse Cordelia.

— Eu acho que você descobrirá que, na maior parte do tempo, nem mesmo então — disse Tessa. — Mas pelo menos sempre podemos pegar um livro e lê-lo novamente. As histórias oferecem mil novos começos.

Era verdade, pensou Cordelia. Ela leu a história de Layla e Majnun mil vezes, e cada vez que o começo era emocionante, mesmo sabendo qual era - e temendo - o fim.

— O único equivalente na vida real é a memória — disse Tessa, olhando para cima quando Will Herondale entrou na sala, seguido pelo primo Jem. — Mas as memórias podem ser amargas e doces.

Will sorriu para sua esposa - os pais de James sempre se entreolharam com tanto amor, era quase doloroso de ver - antes de seguir em direção ao pequeno grupo de Lightwoods reunidos ao redor de Barbara. Cordelia os ouviu cumprimentá-lo, e os tons preocupados de Sophie, mas seu olhar estava em Jem. Ele tinha vindo em direção ao balcão e estava pegando vários potes de ervas aromáticas. Foi agora ou nunca.

— Primo Jem — Cordelia sussurrou. — Eu preciso falar com você.

Jem olhou surpreso. Cordelia tentou não tremer; sempre foi estranho ver um irmão silencioso tão perto. Lembrou-se de todas as vezes que sua mãe sugerira que seu pai fosse ao Basilias, o hospital Caçador de Sombras em Alicante, para curar sua doença persistente. Elias sempre insistiu que ele não queria ir a lugar algum onde estivesse cercado pelos Irmãos do Silêncio. Eles estremeceram seus nervos, ele afirmou; a maioria deles era como criaturas de gelo e sangue. Túnicas de marfim marcadas em vermelho, pele drenada de cor, marcada por runas vermelhas. A maioria estava sem cabelos e, pior, com os olhos fechados, as cavidades afundadas e ocas.

Jem não era assim. Seu rosto era jovem e muito calmo, como o rosto de um cavaleiro das Cruzadas esculpido em uma tumba de mármore. Seu cabelo era um emaranhado de fios preto e brancos.

Seus olhos estavam permanentemente fechados, como se em oração.

Você está bem, Cordelia? perguntou a voz de Jem em sua mente.

Tessa imediatamente se moveu para proteger os dois do olhar do resto do quarto. Cordelia tentou parecer como se estivesse absolutamente fascinada com o almofariz e o pilão, misturando energicamente o febril e o foca-dourado.

— Por favor — ela sussurrou. — Você viu Baba, meu pai, em Idris? Como ele está? Quando ele pode voltar para casa?

Houve uma longa pausa.

Eu o vi, disse o primo Jem.

Por um momento, Cordelia se lembrou do pai, se lembrou dele de verdade. Seu pai a ensinou a lutar. O pai dela tinha seus defeitos, mas ele nunca foi cruel e, quando prestou alguma atenção a Cordelia, sua atenção a fez sentir-se três metros de altura. Muitas vezes parecia que Alastair e Sona eram feitas de coisas diferentes de Cordelia, vidro ou metal com bordas que podiam cortar, mas Elias era quem era como ela.

Memórias podem ser amargas e doces.

Ela murmurou:

— Você é um irmão silencioso. Sei que meu pai nem sempre foi acolhedor com você...

Nunca pense que estou ressentido com a distância que ele manteve, disse Jem. *Eu faria qualquer coisa por você e nossa família.*

— Ele me escreveu uma nota, pedindo que eu acreditasse nele. Ele diz que não é responsável pelo que aconteceu. Você não pode fazer a Clave acreditar nele também?

Houve uma longa pausa.

Não posso garantir à Clave de coisa que nem eu sei, disse Jem.

— Eles devem perguntar o que aconteceu — disse Cordelia. — Eles *devem* experimentar a Espada Mortal. Irão eles?

Jem hesitou. Cordelia viu que Lucie estava se aproximando deles, assim que percebeu que havia triturado as ervas da argamassa em lodo verde.

— Daisy — Lucie disse em voz baixa. Isso Cordelia considerou alarmante. Lucie raramente podia ser convencida a sussurrar sobre qualquer coisa. — Você poderia vir comigo um momento? Eu preciso muito da sua ajuda.

— É claro — disse Cordelia, um pouco hesitante. — É só que- Ela se virou para Jem, esperando obter a resposta para sua pergunta. Mas ele já havia desaparecido no quarto lotado de doentes.

— Onde estamos indo? — Cordelia sussurrou, enquanto corriam pelos corredores do Instituto. — Lucie. Você não pode simplesmente me sequestrar, você sabe.

— Bobagem — disse Lucie. — Se eu quisesse sequestrá-la, você pode ter certeza de que o faria com muita habilidade, sem dúvida sob o véu do silêncio e da escuridão. — Eles chegaram ao vestíbulo; Lucie pegou uma capa de um cabide na parede e entregou outra a Cordelia. — Além disso, eu disse ao meu pai que estava te levando para casa na carruagem porque você desmaiou ao ver sangue.

— *Lucie!* — Cordelia seguiu a amiga até o pátio.

O sol tinha acabado de se pôr e a noite foi escovada com uma pátina azul-aço. O quintal estava cheio de carruagens, cada uma com a crista de uma família de Caçadores de Sombras.

— Nem todas as parte de uma boa história são verdadeiras — disse Lucie. Suas bochechas eram rosa brilhante. O ar ficou frio; Cordelia puxou a capa ao redor dela. —É a história que é importante.

— Eu não quero ir para casa, no entanto — ressaltou Cordelia, enquanto ela e Lucie avançavam pela multidão de carruagens. Ela apertou os olhos. — Alguém está *cantando* dentro da carruagem de Baybrook?

Lucie acenou com a mão com desdém.

— Claro que você não vai para casa. Você vem comigo em uma aventura. — Ela acenou para algo meio escondido atrás da carruagem de Wentworth. — Bridget!

Era de fato Bridget, com os cabelos ruivos e grisalhos enrolados em um chignon, tendo claramente acabado de preparar o brougham do Instituto e um cavalo novo - o irmão de Balios, Xanthos. Os dois eram um par combinado. Cordelia tinha ouvido falar muito sobre eles crescendo. Lucie foi instantaneamente dar um tapinha no nariz macio e manchado de branco de Xanthos; Cordelia tentou sorrir para Bridget, que estava olhando para as duass com desconfiança.

— Carruagem pronta para você, senhorita Baggage — disse Bridget a Lucie. —Tente não ter problemas. Isso irrita seus pais.

— Estou apenas levando Cordelia para casa — disse Lucie, piscando inocentemente.

Bridget se afastou, resmungando sobre encontrar certas pessoas presas em certas árvores enquanto se esgueirava para fora de certas janelas. Lucie se inclinou para sussurrar algo no ouvido de Xanthos antes de gesticular para Cordelia se juntar a ela na carruagem.

— Está tudo com glamour — explicou ela, enquanto o brougham chacoalhava sob o portão aberto e entrava nas ruas de Londres. — Apenas incomodaria os mundanos ver uma carruagem correndo sem motorista.

— Então o cavalo sabe para onde nos levar? — Cordelia recostou-se no banco estofado. — Mas *não* é para Cornualha Gardens?

Lucie balançou a cabeça.

— Balios e Xanthos são cavalos especiais. E nós estamos indo para a Casa Chiswick.

Cordelia ficou olhando.

— Casa Chiswick? Nós vamos ver Grace e Tatiana? Oh, Lucie, eu não sei...

Lucie levantou a mão.

— Pode haver um tempo - um curto período de tempo - durante o qual você pode ter que distraí-los. Mas não é uma chamada social. Eu estou em uma missão.

Cordelia não achava que Grace parecia o tipo de pessoa que poderia ser facilmente distraída.

— Eu não vou — disse ela com firmeza. —Não, a menos que você me diga qual é essa missão.

Lucie ficou em silêncio por um momento, com o rosto pequeno e pálido nas sombras da carruagem.

— Você sabe que eu posso ver fantasmas — disse ela, e hesitou.

Cordelia piscou. Era a última coisa que ela esperava que Lucie dissesse. Fantasmas eram algo que todos os Caçadores de Sombras sabiam que existia, e quando os fantasmas queriam ser vistos, a maioria dos Nephilim podia vê-los. Mas os Herondales tinham uma habilidade especial: Will, James e Lucie podiam ver fantasmas que *não* queriam ser vistos.

— Sim, mas o quê-?

— Um fantasma me disse... — Lucie parou por um momento. — Jessamine me disse que há um fantasma na Chiswick House que pode saber sobre esses demônios da luz do dia — disse ela finalmente. — Daisy, eu tenho que fazer algo por Barbara e os outros. Eu não posso simplesmente ficar fazendo tinturas. Se houver algo que eu possa fazer para ajudar, devo fazê-lo.

— Claro - mas por que não contar ao seu pai ou à sua mãe? Eles certamente entenderiam.

— Não desejo criar esperanças que possam dar em nada — disse Lucie. — Além disso, eles podem achar que precisam contar a alguns dos outros, e eu - me disseram que ser procurado por fantasmas não é uma característica atraente em uma jovem mulher.

Cordelia pegou a mão de Lucie com a sua enfaixada.

— Diga-me quem disse isso para você. Eu os matarei.

Lucie fungou e depois riu.

— Você não precisa matar ninguém. Apenas venha comigo para Chiswick e ficarei perfeitamente satisfeita.

— Precisamos trancar as portas — disse James. — Eles não travam e não podemos ser interrompidos. — Ele franziu a testa. — Matthew, você consegue levantar?

O salão de baile foi fechado depois do baile; raramente era usado, exceto para funções sociais. A sala estava quente e fechada quando James, Christopher e Thomas tiraram as jaquetas e se despiram até as mangas da camisa. A maioria ainda usava os mesmos cintos de armas que usavam no parque: James havia acrescentado vários punhais novos aos seus.

Apenas Matthew estava desarmado. Piscando e desgrenhado, ele encontrou o caminho para uma cadeira estofada e caiu nela.

— Estou bem — disse ele, acenando com a mão. — Por favor, continue com seu plano. — Ele apertou os olhos. — Qual *era o* seu plano?

— Eu vou te contar em um momento — disse James. Ele tinha certeza de que nenhum deles iria gostar. — Thomas?

Thomas assentiu, agarrou um aparador pesado e começou a empurrá-lo na frente das portas do salão de baile. Christopher olhou preocupado para Matthew.

— Talvez um pouco de água? — ele disse.

— Estou *bem* — repetiu Matthew.

— Encontrei você bebendo de um frasco e cantando 'Elsie do Chelsea' na carruagem dos Baybrooks — disse Thomas sombriamente.

— Era privado lá — disse Matthew. — E bem estofado.

— Pelo menos não era a carruagem dos Bridgestocks, porque eles já experimentaram tragédia suficiente hoje. Nada de ruim aconteceu com os Baybrooks — disse Christopher, com grande sinceridade.

— Nada até agora — disse James. — Christopher - ocorrou tudo bem, deixando Senhorita Blackthorn?

Ele tentou não soar como se estivesse investindo demais na resposta. Matthew levantou uma sobrancelha, mas não disse nada.

— Oh, perfeitamente — disse Christopher. — Eu contei a ela tudo sobre o cultivo de bactérias, e ela ficou tão fascinada que nunca falou uma palavra!

James foi empilhar cadeiras em frente às portas da sala de retirada. Ele esperava que Grace não tivesse expirado do tédio.

—Você teve que dizer a Sra. Blackthorn, o que aconteceu no parque? Ela não pode ter ficado satisfeita.

Christopher balançou a cabeça.

— Confesso que não a vi. A senhorita Blackthorn pediu que eu a deixasse nos portões, não na porta da frente.

— Ela provavelmente não quer que ninguém veja o estado do lugar — disse Matthew, bocejando. — Só os portões estão enfeitados com ferrugem.

James olhou para ele.

— Thomas — disse ele em voz baixa. — Talvez uma runa de cura?

Thomas assentiu e se aproximou cautelosamente de Matthew, como se poderia abordar um gato de rua. Algum tempo atrás, James descobrira que runas de cura sobream Matthew: não inteiramente, mas o suficiente.

— Levante a manga, então, isso bom garoto — disse Thomas, sentando-se no braço da cadeira de Matthew. — Vamos acordar você e James pode nos dizer qualquer coisa louca que ele tenha planejado.

Tendo terminado com as cadeiras, James lançou um olhar ao redor da sala, tirou o pó das mãos e disse: —É melhor verificarmos as fechaduras de todas as janelas. Só para ter certeza.

— Parece algo blasfemo usar marcas para se livrar dos efeitos do álcool — acrescentou Matthew, enquanto Thomas guardava a estela. A marca em questão brilhava, nova, no pulso de Matthew. Ele já parecia mais claro e menos como se estivesse prestes a adormecer ou ficar doente.

— Eu vi você usar sua estela para separar seu cabelo — disse James secamente, quando ele começou a examinar as fechaduras da janela.

— O anjo me deu esse cabelo — respondeu Matthew. — É um dos presentes dos Caçadores de Sombras. Como a espada mortal.

— Agora *isso* é blasfêmia — disse Thomas.

Christopher havia se juntado a James para verificar as fechaduras das janelas, embora James desejasse desesperadamente poder abrir uma e entrar ar na sala.

— Uma coisa bonita é uma alegria para sempre, Thomas — disse Matthew. — James, por que estamos trancando todas as janelas? Temos medo de pombos excessivamente curiosos?

James lançou um olhar para a casa e se virou para olhar para os outros.

— Passei os últimos quatro anos da minha vida tentando me treinar para não fazer o que estou prestes a fazer. Não quero nem considerar a possibilidade de ser interrompido.

— Por um pombo? — disse Matthew, mas o olhar em seus olhos era compreensivo, apesar de suas palavras levemente zombeteiras. — Jamie, o que estamos fazendo aqui?

James respirou fundo.

— Vou me enviar deliberadamente para o reino das sombras — disse ele.

Os ladrões alegres explodiram em um coro de protesto. Matthew se levantou, seus olhos brilhando.

— Certamente não — disse ele. — O perigo-

— Eu não acho que haverá perigo — disse James. — Estive dentro e fora do reino das sombras muitas vezes na minha vida. Já faz muito tempo desde que caí acidentalmente nesse mundo. No entanto, na semana passada, eu o vi três vezes, uma vez antes do ataque de hoje. Não posso pensar que seja uma coincidência. Se eu puder usar essa capacidade para ajudar Barbara, Ariadne, todos nós, você deve me deixar fazer isso.

— Oh inferno. — Matthew esfregou os olhos. — Se não ajudarmos você aqui, você apenas tentará fazer isso depois que todos partirmos, não é?

— Claramente — disse James. Ele bateu os punhais na cintura. — Estou armado, pelo menos.

Matthew torceu o anel de sinete no dedo, marcado com MF. Foi um presente de James quando eles se tornaram *parabatai*, e ele tendia a mexer nele apenas quando angustiado.

— Muito bem, James. Como quiser.

James pigarreou.

— Tudo certo. Vamos logo com isso. — Ele foi recebido com o olhar de seis olhos expectantes.

— Bem? — Thomas disse esperançoso, após uma longa pausa. — Vá para o reino das sombras, então.

James concentrou-se. Ele olhou para o chão em branco e tentou evocar imagens em sua mente do reino das sombras. O céu cinzento queimado e o sol escurecido. Ele imaginou o salão de baile errado, as janelas fixas de maneira estranha nas paredes, os candelabros derretendo e cedendo.

Ele abriu os olhos e gritou. Um par de olhos estava olhando diretamente para ele, tão perto que ele conseguia distinguir os detalhes dentro das íris verdes, as manchas fracas de marrom e preto — *Matthew!*

— Eu realmente não acho que encará-lo vai ajudar, Matthew — disse Thomas, e Matthew deu um passo relutante em voltar de seu *parabatai*.

— Jamie, há algo que possa ajudá-lo a iniciar o processo? Todos nós já vimos você fazer isso... Você começa a ficar sombrio e fica um pouco embaçado pelas bordas.

— Quando eu vou para o reino das sombras, a realidade da minha presença aqui começa a desaparecer — disse James. Ele não mencionou que, no passado, havia “desbotado” o suficiente neste mundo para passar por uma parede sólida. Ele não pretendia fazer de novo. — Mas não é isso que me leva ao reino das sombras. Mais um efeito colateral de estar lá.

— Muitas vezes acontece quando você está chateado ou chocado — disse Christopher. — Suponho que poderíamos tentar incomodar ou chocar você.

— Dado tudo o que aconteceu, isso não deve ser muito difícil — disse James.

— Bobagem — disse Matthew, pulando sobre uma mesa próxima. Era de aparência bastante frágil, com finas pernas de madeira pintadas de ouro, e James olhou preocupado. — A última vez que te vi chocado foi quando aquele demônio Iblis estava enviando cartas de amor a Christopher.

— Eu tenho um charme sombrio — disse Christopher tristemente.

— Lembre-se de que eu sou o neurastênico pálido e você é o heroico severo — disse Matthew a James. — É muito entediante quando você confunde nossos papéis. Teremos que pensar em algo bastante impressionante para assustá-lo.

— Então, qual é o meu papel? — disse Christopher.

— Inventor louco, é claro — disse Matthew prontamente. — E Thomas é aquele com um bom coração.

— Senhor, eu pareço chato — disse Thomas. — Olha, James, venha aqui por um segundo.

James se aproximou de Thomas, que parecia ter decidido algo: em momentos como esse, ele se parecia muito com sua mãe, com seus brilhantes olhos castanhos e boca feroz.

Um punho veio do ar e pousou diretamente no plexo solar de James. Ele voou para trás, atingindo o chão com um suspiro. A cabeça dele nadou.

Matthew caiu ao seu lado, enquanto James se erguia sobre os cotovelos, ofegando. A dor não era ruim, mas a sensação de tentar recuperar o fôlego era doentia.

— Thomas! — Matthew gritou. — O que você estava tentando?

— Eu estava tentando surpreendê-lo! — Thomas gritou de volta. —Isso é importante, Matthew! — Ele lançou um olhar preocupado para James, desmentindo suas palavras raivosas. — Você não se importa, não é Jamie?

— Está tudo bem — James disse sem fôlego. — Só que não deu certo. Se eu me transformasse em sombra toda vez que algo me atingisse, não poderia patrulhar.

Ele olhou para o teto, que tinha espelhos. Ele podia se ver deitado espalhado no chão de madeira, cabelos muito pretos contra o branco. Matthew ajoelhado sobre ele como um escudeiro sobre o corpo de um cavaleiro morto.

Ele podia ver Christopher e Thomas no espelho também, ou pelo menos no topo de suas cabeças. Christopher estava estendendo a mão para puxar algo da parede. Thomas estava com os braços cruzados.

Matthew ficou de pé com a agilidade de uma raposa e estendeu a mão para ajudar James a segui-lo. James tinha acabado de se

recuperar quando uma flecha passou por sua cabeça. Uma das janelas quebrou e Matthew se jogou contra James. Eles caíram no chão novamente, tirando o fôlego de James pela segunda vez em cinco minutos.

Ele se sentou, colocando Matthew de lado, encontrando Thomas olhando para Christopher, que estava segurando um dos arcos que estavam pendurados na parede.

— No caso de alguém estar se perguntando se aqueles eram *puramente* ornamentais — disse James, levantando-se — elas não são — Em nome de um milhão de anjos, Christopher, o que diabos você acabou de fazer? — Matthew exigiu, pulando atrás de James. — Você tentou matar James?

Christopher abaixou o arco. James pensou que podia ouvir barulhos no Instituto: portas batendo ao longe e pés correndo*, inferno.*

— Eu não estava tentando matar James — disse Christopher em tom ferido. — Eu esperava que o choque da flecha voando o assustasse no reino das sombras. Pena que não funcionou. Precisamos pensar em um novo plano para assustar gravemente James imediatamente.

— Christopher! — James exclamou. — Não acredito que você diria isso! Também não acredito que você atiraria em mim.

— Tinha uma chance de setenta e dois por cento de funcionar, em perfeitas condições de laboratório.

— Não estamos em perfeitas condições de laboratório! — James gritou. — Estamos no salão de baile da minha casa!

Nesse momento, as portas do salão estremeceram.

— O que está acontecendo? — Era a voz de Will. — James, você está aí?

— Droga. Meu pai. — disse James, dando uma olhada. — Olhe, todos vocês - saiam pelas janelas. Bem, a quebrada de qualquer maneira. Eu assumo a culpa. Vou dizer que *eu* atirei pela janela.

— No salão de baile? — Thomas disse praticamente. — Por que você faria uma coisa tão estúpida?

—Eu sou capaz de qualquer coisa! — James tentou agarrar o arco de Christopher; Christopher correu atrás de Thomas como se

seu amigo fosse um poste. — Vamos lá, Kit, desista...

Thomas revirou os olhos.

— Ele vai dizer 'porquê eu sou um Herondale', não é?

As batidas na porta aumentaram. James dirigiu seu olhar mais feroz para os outros.

— Eu *sou* um Herondale — disse ele. — E eu estou lhe dizendo para sair do meu Instituto, para que o único que seja punido aqui seja eu.

— Responda-me, James! — Will gritou. — Por que você bloqueou esta porta? Exijo saber o que está acontecendo!

— James não está aqui! — Matthew chamou, aproximando-se dele. — Vá embora!"

James olhou para Matthew intrigado — Sério?

— Eu ouvi o vidro quebrar! — gritou Will.

— Eu estava praticando movimentos de luta! — Matthew respondeu.

— No salão de baile?

— Estamos tentando distrair Thomas! Foi um dia muito emocional! — Matthew gritou de volta.

— *O que?* — A voz de Will era incrédula.

—Não me culpe por isso! — Thomas sussurrou.

— James. — Matthew colocou as mãos nos ombros de James e virou James em sua direção. Agora que a janela do salão estava quebrada, entrou um ar mais fresco, tirando o cabelo molhado de suor de Matthew da testa. Seus olhos estavam atentos, negros na penumbra, fixos em James. James se surpreendeu com a seriedade do olhar de Matthew. — Se você vai fazer isso, precisa fazê-lo agora.

—Eu sei — disse James. — Math, me ajude.

Era um antigo apelido para Matthew, dado a ele por Will, em homenagem ao rei galês Math ap Mathonwy - o guardião de toda a sabedoria e conhecedor de todas as coisas. Will sempre dizia que Matthew havia nascido sabendo demais. Havia uma percepção sombria em seu olhar agora quando ele se inclinou na direção do ouvido de James.

— Jamie — ele sussurrou. — Sinto muito ter que fazer isso. — Ele engoliu em seco. — Você é amaldiçoado. Um filho de demônios. É por isso que você pode ver o reino das sombras. Você está vendo o lugar a que pertence.

James recuou, olhando para Matthew. Matthew, que cheirava a conhaque e familiaridade. Matthew, que poderia ser cruel, mas nunca para James.

A visão de James começou a deslizar em cinza.

Matthew ficou branco.

— James — ele disse. — Eu não quis dizer isso.

Mas James não conseguia mais sentir as mãos de Matthew em seus ombros. Ele não conseguia mais sentir o chão do salão sob os pés. As portas do salão estavam começando a se abrir, mas ele não podia mais ouvi-las.

O mundo ficou monocromático. James viu paredes pretas quebradas, um piso lascado e poeira que brilhava como joias opacas espalhadas pelo lugar onde Barbara caíra. Inclinou-se para alcançá-lo quando o universo estremeceu sob seus pés e ele foi empurrado para a frente no nada.

DIAS PASSADOS: IDRIS, 1900

James estava recém curado da febre escaldante, reuniu-se com sua família nos prados brilhantes e nas florestas frias de Idris. E, no entanto, sentiu-se desconfortável ao abrir as janelas do quarto na Mansão Herondale, trazendo ar fresco para o quarto pela primeira vez em meses. Talvez tenha sido a rapidez com que viajavam, através dos Portais. Ele estava apenas dando adeus a Cordelia e seus pais, e se sentindo por Cordelia de uma maneira que ele não poderia colocar em palavras, era tão excelente, estranho e perplexo. Ele poderia ter usado vários dias no mar, ou a bordo de um trem, para contemplar a paisagem e sentir coisas complicadas. Em vez disso, dez minutos depois de estar em Cirenworth, ele estava retirando lençóis de proteção dos móveis e iluminando as luzes das bruxas, e seu pai proclamava em voz alta a qualidade de cura do ar de Idris.

James estava desempacotando suas coisas quando sua mãe entrou no quarto, examinando a correspondência. Ela estendeu um pequeno envelope.

— Uma para você — disse ela, e o deixou em privacidade com a carta.

James não reconheceu a caligrafia. Estava em uma mão feminina refinada. Ele pensou brevemente: *Mas não conheço ninguém em Idris para me enviar uma carta* e depois percebeu: *Grace*.

Ele se sentou na cama para ler. Tudo o que disse foi: *Encontre-me no nosso lugar. Amanhã, ao anoitecer. Assinado, GB*.

Ele se sentiu um pouco culpado; ele não pensava em Grace há um tempo. Ele se perguntou se ela havia feito alguma coisa no ano passado e, de início, percebeu que era plausível que ela não tivesse ido a lugar nenhum e falado com ninguém. Tatiana Blackthorn era notória por evitar toda a sociedade Caçadora de Sombras, e especialmente com os Herondales longe da residência, ela tinha muitos poucos vizinhos e os que tinha ficavam a alguma distância.

Pelo anjo, ele pensou. *Eu sou o único amigo de Grace?*

— Eu não tenho mais ninguém, não — disse Grace.

Eles se sentaram juntos no chão da floresta, James encostado em uma raiz alta de carvalho e Grace em uma pedra. O olhar de tristeza de Grace voltou rapidamente à sua calma habitual.

— Não tenho notícias a relatar desde nosso último encontro. — disse ela. — Mas parece que você lutou contra algo. Mais do que cansaço.

— Oh! — disse James. — Bem, isso foi uma coisa que aconteceu comigo desde a última vez que te vi. Estou superando a febre escaldante.

Grace se encolheu e depois riu.

— Não, eu já tive, não se preocupe. Meu pobre James! Espero que você não tenha estado sozinho.

— Eu tive sorte lá — disse James. Ele sentiu uma leve pontada na boca do estômago, sem um motivo que ele entendesse. — Cordelia e sua mãe tiveram, para que pudessem ficar. Eles cuidaram bem de mim. Cordelia especialmente. Realmente tornou a situação muito mais tolerável. Muito menos ruim. Do que poderia ter sido. Se ela não estivesse lá.

Até James entendeu que ele estava divagando um pouco. Grace apenas assentiu.

No dia seguinte, James acordou tarde, para encontrar seus pais já fora e sua irmã empoleirada em uma das poltronas estofadas da sala, rabiscando furiosamente em um caderno.

— Você quer fazer alguma coisa? — ele perguntou a Lucie.

Sem levantar os olhos, ela disse: — *Estou* fazendo alguma coisa. Estou escrevendo.

— Sobre o que você está escrevendo?

— Bem, se você não me deixar em paz, eu vou escrever sobre *você*. — Então, sem mais nada para fazer, ele caminhou até a Mansão Blackthorn.

A mansão parecia, a seus olhos, idêntica à como tinha aparecido a primeira vez que ele fora lá um ano atrás, para cortar os arbustos dos portões. A casa em si estava fechada e silenciosa, como um morcego gigante enrolado em si mesma para dormir durante o dia, até que a escuridão permitiu que abrisse suas asas novamente. Os espinhos eram mais longos do que eram quando ele começou seu trabalho no ano passado, os espinhos mais numerosos, mais longos e mais nítidos. A primeira metade do lema acima dos portões estava obscurecida, e tudo o que se podia ler agora era LEX NULLA.

Ele percorreu o perímetro, em torno do muro de pedra, pelo mato não cortado. Ele se sentiu bobo. Ele não trouxe um livro, nem uma espada, nem nada para fazer. Quando ele voltou aos portões da frente, Grace estava esperando atrás deles.

— Eu podia ver você pela janela do meu quarto — disse Grace, sem preâmbulos. — Você parecia perdido.

— Bom dia — disse James, e Grace sorriu com suas maneiras. — Você acha que sua mãe gostaria que eu aparasse os espinhos novamente?

Um silêncio constrangedor caiu. Então Grace disse: — Não consigo imaginar que minha mãe se *importaria* se as videiras fossem limpas. Se eu pegasse as tesouras e você as cortasse dos portões, eu o faria companhia.

— Isso parece uma boa barganha — disse James com um sorriso.

— Não posso prometer manter conversas suficientes para preencher o tempo, é claro — acrescentou Grace. — Eu poderia ler

para você, se você quiser.

— Não! Não, obrigado — ele disse rapidamente. Grace pareceu surpresa, então James acrescentou: — Prefiro ouvir sobre sua vida.

— Minha vida é esta casa — disse ela.

— Então — ele disse — conte-me sobre a casa.

Então ela fez. James nunca disse a seus pais para onde estava indo. Ele simplesmente saía de casa à tarde, aparava as videiras que cresciam fora dos muros da mansão e conversava com Grace por mais ou menos duas horas, antes de ficar cansado e com sede, pedir perdão a Grace e passear em casa.

Grace contou a ele a grandeza da mansão e as camadas de poeira e negligência que a haviam ultrapassado: — Às vezes sinto que moro em uma teia de aranha gigante, mas minha mãe não confia em ninguém para vir e limpar, e o lugar é grande demais para duas pessoas para acompanhar.

Ela contou a ele os espinhos retorcidos esculpidos no corrimão de carvalho, o brasão de armas acima da lareira, a assustadora estátua de metal à espreita no segundo andar. As descrições dela pareciam terríveis para James, como se a casa fosse uma carcaça, uma vez que uma coisa viva e bonita, apodrecendo.

O pensamento o fez estremecer, mas quando ele voltou para casa, o sentimento desapareceu; à noite, ele ainda dormia com a memória da voz de Cordelia, baixa e firme em seu ouvido.

Lucie anunciou que planejava ler para James a partir de seu trabalho em andamento, a *princesa secreta Lucie é resgatada de sua família terrível*. James ouviu com um olhar de interesse cuidadosamente arranjado, apesar de ter sido submetido a histórias intermináveis do cruel príncipe James e seus muitos atos terríveis.

— Eu acho que o cruel príncipe James foi um pouco encaixotado por seu nome — James ofereceu a certa altura. Lucie informou que

não estava procurando críticas nesta fase do processo criativo.

— A princesa secreta Lucie só deseja ser gentil, mas o cruel príncipe James é levado à crueldade porque ele simplesmente não suporta ver a princesa Lucie vencê-lo várias vezes, em todos os domínios — disse Lucie.

— Eu vou ir agora — disse James.

Lucie fechou o caderno e olhou para James.

—Como ela é, Grace Blackthorn? Você a vê às vezes quando você está lá cortando os espinhos, não é?

— Eu suponho que sim. — James foi pego de surpresa. — Ela está triste. Ela é terrivelmente sozinha, eu acho. Tudo o que ela sabe é a mãe e a casa assustadora deles.

— Que horrível para ela.

— Sim, é horrível. Ela realmente merece pena.

— De fato — disse Lucie.

No lugar deles na floresta, James contou a Grace sobre os amigos que ele havia feito: Matthew (que Grace conhecia ser filho da cônsul) e Thomas e Christopher, a quem ele se referia como "seus primos", sem nenhuma reação de Grace. Ela apenas disse timidamente: — Devo dizer que estou um pouco feliz por eles não estarem aqui com você em Idris. Ah, eu tenho certeza de que você estaria se divertindo mais se eles estivessem! Mas então não teríamos todo esse tempo juntos, e eu sentiria falta.

James se preocupava com Grace. Não seria bom ele ser seu único amigo; ele podia vê-la apenas algumas vezes. Ele pensou na visita de Cordelia no final do verão e se havia alguma possibilidade de que eles pudessem se encontrar, dado que sua amizade com Grace deveria permanecer em segredo.

Agora Grace parecia hesitar.

— Eu o ofenderia se perguntasse o que aconteceu com você na Academia dos Caçadores de Sombras? Só ouvi rumores.

James contou a ela sobre seu estranho poder de entrar nas sombras, que foi revelado na frente de uma boa parte da Academia, e sua expulsão.

— É quase um segredo — disse ele, perguntando-se por que parecia uma grande confissão. — É por causa da minha mãe ser uma espécie de feiticeira. Todo mundo sabe, mas ainda assim murmuram e apontam.

— Parece-me muitas vezes — ela disse — que os feiticeiros são grandes parceiros para nós na luta contra demônios, e eles próprios são em parte demoníacos. Não vejo por que os outros devem se preocupar tanto.

— Os Caçadores de Sombras não gostam de diferença — disse James. — Eles sempre veem o mal nisso. Mas aqui, contei um segredo e agora você deve me contar um.

Grace sorriu.

— Eu não tenho segredos.

— Não é verdade. De onde você vem, Grace Blackthorn? Você se lembra dos seus pais?

— Sim — ela disse. — Eu tinha oito anos quando eles - eles foram mortos por demônios. Eu ficaria sozinha se não fosse pela mamãe.

Isso explicava por que Grace tinha apenas uma runa na mão esquerda. A runa clarividência era a primeira marca que os caçadores de sombras recebiam quando eram crianças. Tatiana claramente não tinha gostado da ideia de Grace continuar sua educação de Caçadores de Sombras ainda mais.

— Você teria sido acolhido por um instituto — disse James. — Os Caçadores de Sombras não abandonam os seus.

— Suponho que sim — disse Grace — mas eu não teria uma família. E agora eu tenho. Uma mãe, um nome de família e um lar. — Ela não parecia totalmente feliz com isso. — Eu gostaria de ter sido capaz de manter algo dos meus pais, no entanto.

James ficou assustado.

— Você realmente não possui nada deles?"

— Há uma coisa — disse ela. — Minha mãe tinha uma pulseira de prata. Mamãe diz que é muito valioso e a guarda em uma caixa em seu escritório. Ela diz que me deixará usá-la quando eu for mais velha, mas todo ano eu pergunto, e todo ano eu ainda não tenho idade suficiente.

— Você não pode recuperá-lo de sua caixa?

— A caixa está trancada — disse ela. — Minha mãe gosta de bloqueios. Por toda a casa, encontro gavetas, armários, caixas que não se mexem sem as chaves certas... Não consigo imaginar que mamãe se lembre de qual chave serve para cada fechadura. Existem tantas de cada uma. — Sua expressão mudou de maneira sutil. — Mas chega desse assunto triste! Eu ouvi da minha mãe que a família Carstairs o visitará no final deste verão. Sem dúvida, você passará todo o seu tempo com eles, assim que chegarem aqui.

— Não — disse James — eu espero que Cordelia queira passar todo o seu tempo com Lucie – elas serão *parabatai* algum dia. Claro, Lucie também está escrevendo seu livro, então pode haver momentos em que eu realmente *deva* passar um tempo com Cordelia, como um bom anfitrião. Quero dizer, o que ela quiser. Obviamente, se ela quisesse passar todos os dias comigo, tudo bem...

Ele parou, percebendo que havia ficado completamente louco em algum momento nos últimos dez segundos. Grace estava sendo muito educada sobre isso.

— Sinto muito — disse ele. — Eu não quis sugerir-Grace riu levemente.

— Absurdo! Eu sei que você tem boas intenções, James. Você está apaixonado por Cordelia.

James ficou horrorizado.

— Gosto dela, isso é tudo. Somos amigos, como você e eu.

— Oh? — Grace disse. — E se ela chegar aqui em Idris e lhe contar que conheceu o homem mais *maravilhoso*, eles tiveram um romance arrebatador e agora são prometidos um ao outro? Você só a felicitaria como faria com qualquer um de seus amigos?

— Eu diria a ela que ela era jovem demais para se casar — disse James rigidamente.

A verdade era que, quando ele pensou em Cordelia se casar com outra pessoa, parecia ter sido chutado no coração. Com um sobressalto, ele percebeu que, em suas vagas imagens do futuro, Cordelia sempre existira, uma presença constante e bem-vinda, uma luz quente no escuro do desconhecido.

— O cruel príncipe James entrou na câmara, sua capa brilhando atrás dele e seu terrível, *terrível* bigode torcido de raiva — Lucie narrou o momento em que James entrou pela porta.

— Precisa dizer duas vezes que é terrível? — James disse.

— Ele precisava de uma bebida quente para acalmar a garganta, ressecada por ladrar seus comandos perversos o dia todo. Chá, ele pensou, sim, chá e *vingança*.

— Eu vou colocar a chaleira — James suspirou.

— Que tipo estranho de amizade que temos — disse Grace. Eles estavam de volta à Mansão Blackthorn, James cortando os arbustos ao longo do alto muro de pedra e Grace do outro lado, andando junto com ele. Ele vislumbrava-a de vez em quando enquanto andavam, através de fendas na pedra. — É uma pena que você não possa se transformar em uma sombra e venha se juntar a mim, do meu lado do muro."

James parou de recortar.

— Eu não tinha pensado nisso. — *Talvez eu pudesse.* Ele largou as tesouras na grama e olhou para as mãos. Ele não sabia o que fazer. Ele pensou muito no nada, no cinza do reino das sombras. Com um sobressalto, ele tropeçou para a frente através da parede.

Ele se recuperou. Ele ainda era uma sombra, embora não estivesse no reino das sombras: ele estava muito claramente dentro das paredes do jardim da Mansão Blackthorn. Havia grama coberta por toda parte - e Grace, olhando para ele.

— *Você pode voltar?* — ela estava balbuciando, ou possivelmente dizendo em voz alta, e James, com um enorme esforço, fez. De volta à sua forma física, ele apertou e abriu os punhos.

— Isso foi incrível — disse Grace. — Eu imagino que você se acostumaria com o sentimento, se você praticasse.

Talvez.

— Você acha que eu poderia sair pelo portão?

Grace riu. No portão, quando ele partiu, ela pegou o braço dele.

— Espera James. Eu estava pensando. Se alguma noite você se encontrar incapaz de dormir, e você se vê mergulhado nas sombras... Talvez você possa vir aqui, atravessar os espinhos e entrar em casa, entrar no escritório de mamãe e passar a mão sombreada pelo canto superior direito da caixa e pegue minha pulseira para mim.

James sentiu uma onda de calor em relação a Grace. Ele temia que ela pudesse ficar horrorizada com a presença dele como uma sombra, mas não apenas ela o aceitou, como também ofereceu uma oportunidade para o poder dele ser usado para ajudar. Por alguma razão, ele sentiu que devia a ela, embora não pudesse ter dito o porquê.

— Eu poderia. Eu vou.

— Deixe-me um sinal, se você fizer isso — disse Grace — e na noite seguinte eu vou encontrá-lo na floresta. Você seria um verdadeiro amigo para mim se pudesse fazer isso.

— Eu posso — disse James — Eu vou.

6

CHEGA DE ALEGRIA

Tudo dentro é escuro como a noite: Nas janelas não há luz; E nenhum murmúrio na porta, *Tão frequente em sua dobradiça antes.*
Feche a porta; as persianas fecham; Ou através das janelas veremos A nudez e a vaga
Da casa escura e deserta.
Vá embora: não há mais alegria Aqui ou som alegre.
A casa foi edificada da terra, e cairá novamente ao chão.
– Alfred, Lord Tennyson, "A Casa Deserta"

— Não pode ser onde eles moram — Lucie sussurrou, meio surpresa, meio horrorizada.

Sua mãe descreveu a Casa Chiswick para ela uma vez. Como tinha sido anos atrás, quando Tessa assistiu a um baile lá disfarçado de Jessamine. Seus pais não podiam falar sobre o baile, de fato, sem se olharem carinhosamente, meloso. Foi bastante nojento.

O tio Gabriel também descrevera a casa, em uma história muito mais emocionante e adequada sobre o modo como ele, tia Cecily, tio Jem, pais de Lucie e tio Gideon haviam despachado o malvado Benedict Lightwood, que se transformara em um verme demoníaco e saqueava pelos jardins dos Lightwood. Era uma história com muito sangue e excitação, e ficou muito claro - pelo menos para Lucie - que os jardins haviam sido gloriosos. A mansão em si tinha sido gloriosa: pedra branca, espalhando gramados verdes até o Tamisa. Lindos gazebos gregos que pareciam flutuar acima do solo. Havia jardins italianos, varandas lavadas pela luz da lua e pilares altos e orgulhosos, uma famosa reprodução da Vênus de 'Medici das

Galerias Uffizi em Florença, uma avenida magnífica de cedros que varriam a casa…

— Minha mãe disse que ouviu que havia caído em desuso, mas eu não esperava isso — sussurrou Cordelia de volta.

Seu olhar, como o de Lucie, estava colado ao lado de fora dos enormes portões que fechavam a propriedade. Palavras em latim estavam gravadas no topo da ferraria.

ULTIMA FORSAN. *O fim está mais próximo do que você pensa.*

Eles enviaram um arrepio na espinha de Lucie. Ela colocou a mão na cintura, onde descansava o cinto de armas. Bridget havia deixado lâminas, cintos e estelas de serafim na carruagem para elas, e elas haviam se marcado cuidadosamente com várias runas - Força, Discrição, Visão Noturna. Sempre se deveria ter muito cuidado em um lugar possivelmente assombrado.

Lucie apenas desejou que eles pudessem mudar de vestimenta. Eles ainda estavam usando seus vestidos do piquenique, rasgados e manchados de sangue.

— Há mau estado de conservação e depois há desastre — disse Lucie, alcançando sua estela. — Como Grace pode suportar morar aqui?

— Suponho que ela encontre outras coisas para fazê-la feliz — disse Cordelia em voz baixa enquanto Lucie desenhava uma runa de abertura nos portões e elas se abriam, espalhando um pó de ferrugem vermelha.

Elas avançaram sobre as pedras quebradas e o crescimento excessivo do que antes era uma avenida deslumbrante alinhada por ciprestes em vasos e cedros. A podridão do cedro moribundo encheu o ar agora e fez cócegas no fundo da garganta de Lucie. As árvores no alto cresceram uma na outra, seus galhos emaranhados, dobrados e quebrados. Galhos mortos espalhados pelo chão.

Quando saíram da avenida e entraram no amplo caminho circular em frente à casa, Lucie ficou impressionada com a beleza destruída da mansão. Um conjunto duplo de escadas, maravilhosamente construído, levava a uma ampla entrada: videiras enegrecidas giravam em torno de colunas caneladas. Se ela a

lançasse o olhar para cima podia ver as varandas de que sua mãe falara - mas foram tomadas por montes de espinhos.

— Como o castelo da Bela Adormecida — Lucie murmurou.

— Eu estava pensando justamente isso! — disse Cordelia. — Você já leu os contos de fadas mais antigos? Lembro que eles eram muito mais assustadores. Havia um em que o palácio da Bela Adormecida era cercado por espinhos afiados, e os corpos dos príncipes que tentavam sobreviver ficavam pendurados nos espinhos quando morriam, e seus ossos embranqueciam ao sol.

— Encantador! — disse Lucie. — Certificarei de incluir isso em um livro.

— Não no *The Beautiful Cordelia*, você não vai — disse Cordelia, movendo-se para inspecionar a casa mais de perto. — Lucie, não há uma única luz acesa, nem um único pedaço de iluminação. Talvez eles não estejam em casa?

— Olhe... — disse Lucie e apontou. — Vi uma luz atravessando uma das janelas. Se você não quer bater na porta, não precisa. Eu admito, é bastante alarmante aqui.

Cordelia ergueu os ombros.

— Eu não estou alarmada.

Lucie escondeu um sorriso.

— Então vou procurar um fantasma enquanto você distrai os habitantes. Nos encontraremos nos portões em um quarto de hora.

Cordelia assentiu e começou a subir os degraus de mármore rachados até a porta da frente. O som de suas batidas desapareceu quando Lucie deslizou pela casa nos fundos, onde a grama descia em direção à água escura do rio.

Ela se viu olhando para a parede de pedra da mansão, rachada com o tempo e atravessada por um milhão de videiras grossas e retorcidas.

Lucie deu um pulo correndo e agarrou as videiras. Ela começou a subir rapidamente, mão sobre mão, do jeito que sempre escalara a corda na sala de treinamento, esperando encontrar uma janela aberta pela qual pudesse subir. Para sua alegria, no meio da parede, ela percebeu que havia alcançado uma varanda. Melhor ainda.

Lucie puxou-se para cima do parapeito da varanda e caiu no chão. Ela pulou antes que qualquer um dos espinhos espinhosos pudesse penetrar sua capa e lhe dar um corte desagradável. Ela se sentiu terrivelmente satisfeita consigo mesma - imaginou se o pai ficaria orgulhoso se ele soubesse o quão bem ela havia escalado a parede.

Provavelmente não, ela teve que concluir. Provavelmente ele simplesmente teria um humor assassino por ela estar aqui. Os pais realmente eram incapazes de ver o que seus filhos podiam realizar, infelizmente. Lucie pegou a maçaneta da porta francesa rachada, o vidro manchado de sujeira preta e podridão esverdeada. Ela empurrou para dentro-A porta se abriu, mostrando um salão enorme e vazio além. Bem, quase vazio. Jesse Blackthorn estava na frente dela, seus olhos verdes brilhando de raiva.

— O que em nome de Raziel você está fazendo aqui? — ele sussurrou.

O reino das sombras estava extremamente frio. James nunca havia sentido um calafrio antes: ele sempre se mantinha de alguma forma distante do lugar escuro, mas agora ele estava *dentro*. Também não estava mais silencioso. Ele podia ouvir o vento soprando e um som distante como vidro quebrado.

Ao seu redor havia poeira soprando. Talvez este lugar já tenha sido um oceano e tenha secado, soprando com o vento forte. Certamente não parecia nada à sua frente senão um mar interminável de areia.

Ele se virou, imaginando se poderia ver algum caminho de volta ao salão de baile. Para sua surpresa, ele viu o horizonte de Londres - a cúpula de St. Paul, as ameias da Torre de Londres e os conhecidos arcos da Tower Bridge. A própria Tower Bridge parecia brilhar assustadoramente vermelha. James tossiu; havia poeira em sua boca, amarga como sal.

Amargo como sal. Ajoelhou-se e pegou um punhado da sujeira cor de osso deste mundo em sua mão. Ele nunca tinha sido capaz

de tocar em nada aqui antes. Mas a terra era sólida, empoeirada, como qualquer outra terra. Ele enfiou um punhado no bolso da calça e ficou de pé quando a visão de Londres desapareceu.

Agora havia apenas escuridão ao seu redor, iluminada por um brilho fraco e misterioso cuja fonte ele não podia ver. Os resíduos sem trilhas foram levados em todas as direções. Ele tentou reprimir seu crescente terror, a parte dele que disse que morreria aqui, na escuridão total: congelada no local sem caminho a seguir.

E então ele viu. Um pequeno lampejo de vaga-lume dourado à distância. Ele se moveu em direção a ela, lentamente a princípio e depois mais rápido, quando a luz se tornou uma chama. O frio começou a desaparecer e o cheiro de seres vivos o cercou - raízes, folhas e flores - quando ele voltou ao mundo novamente.

Cordelia quase desistiu de bater quando as portas da frente da Casa Chiswick finalmente se abriram. Grace estava no limiar. Para surpresa de Cordelia, ela estava sozinha. As damas não abriam as próprias portas da frente - as servas realizavam essa tarefa. Mas então, que ser humano comum, mesmo um com a Visão, estaria disposto a trabalhar em tal lugar? Não é de admirar que Grace tenha insistido para que ela fosse apanhada e deixada nos portões.

Grace usava o mesmo vestido que usara no piquenique antes, embora a bainha estivesse rasgada e manchada de grama. Não que Cordelia se importasse. Havia algo humanizador em Grace exibindo até pequenas imperfeições.

Grace carregava uma tocha ardente na mão direita; atrás dela, o vestíbulo da casa estava escuro. Havia um cheiro úmido no ar. Grace olhou para Cordelia, sua expressão presa entre o vazio e a surpresa.

— Senhorita Carstairs — disse ela finalmente.

Ela não convidou Cordelia para entrar ou perguntou por que ela estava lá. Tendo reconhecido a presença de Cordelia, ela parecia contente em permanecer como estava.

Cordelia pigarreou.

— Senhorita Blackthorn — disse ela. Isso *foi* uma distração? Em algum lugar Lucie estava rastejando, procurando um fantasma. Cordelia pensou que Tatiana também chegaria à porta, mas teria que se contentar com Grace. — Eu vim para ver se você estava bem após os eventos de hoje — disse Cordelia. — Como uma colega recém-chegada a Londres, sei que pode ser difícil — Estou bem — disse Grace. Cordelia teve a sensação irritante de que, por trás da expressão vazia de Grace, ela estava avaliando Cordelia.

— Nós não somos tão diferentes, você e eu — disse Cordelia. — Nós duas percorremos um longo caminho para chegar aqui-

— Na verdade, há um portal na estufa da Mansão Blackthorn — disse Grace friamente. — Ele leva ao jardim aqui. Então foi uma viagem curta.

— Ah. Bem, isso é diferente, mas nenhum de nós conhece bem o Enclave, nem os jovens desta cidade, além de Lucie e James. Estamos simplesmente tentando tornar nossas vidas aqui da melhor maneira possível.

A luz da tocha lançava sombras estranhas no semblante de Grace.

— Nós não somos iguais — disse ela, sem raiva. —Eu tenho obrigações que você não tem como entender.

— Obrigações? — A palavra assustou Cordelia. — Você não pode querer dizer- — *James. Você não pode querer dizer James.*

Um entendimento com um homem pode ser considerado uma obrigação, mas somente se o relacionamento não for desejado. Desde que Grace entrou na dela com James secretamente, sem o conhecimento de sua mãe, certamente deveria ser o que ela desejava?

Grace deu um sorriso tenso.

— Você veio porque acha a situação divertida?

— Eu não sei o que você quer dizer.

Com um suspiro, Grace começou a se virar. Cordelia estendeu a mão para pegar sua manga. Grace deu um grito baixo de dor e arrancou o braço dela.

— Eu não- — Cordelia olhou; ela tocou Grace apenas levemente. — Você está machucada? Posso ajudar?

Grace balançou a cabeça violentamente quando uma sombra escura apareceu atrás dela.

Era Tatiana Blackthorn.

Tatiana tinha a mesma idade de Cecily Lightwood, mas parecia anos mais velha, as linhas de ódio e raiva cortaram seu rosto como marcas de faca. Ela usava um vestido manchado de fúcsia, com os cabelos castanhos grisalhos soltos e em cascata. Ela olhou para Cordelia com ódio.

— Assim como seu primo — ela zombou. — Nenhum senso de decoro. — Ela pegou a porta. — Saia da minha propriedade — ela terminou, e a fechou com força no rosto de Cordelia.

Cordelia estava voltando para os portões quando ouviu o barulho.

Ela supôs que não havia nada a fazer além de esperar Lucie na carruagem - afinal, Tatiana a ordenara que saísse da propriedade. Realmente, ela era muito peculiar. Havia um ódio cintilante em seus olhos quando mencionou Jem que enervou Cordelia. Como você pode odiar as pessoas por tanto tempo? Especialmente quando você os culpava por algo que, apesar de terrível, não havia sido culpa deles? Benedict Lightwood havia se tornado um monstro quando Will, Jem e os outros o mataram. Muitas escolhas não eram fáceis - eram quase impossíveis e não havia sentido em odiar pessoas que eram forçadas a fazê-las.

O barulho interrompeu seus pensamentos: era como o assobio de vozes raivosas. Parecia vir da estufa nos jardins da frente: uma estrutura de madeira e vidro com uma cúpula no telhado. Suas janelas estavam escuras, sem dúvida, tão sujas quanto o resto da casa. Mas por que haveria alguém lá? Era noite e ninguém morava na mansão, exceto Grace e Tatiana.

Cordelia hesitou, depois desembrulhou os curativos nas mãos. Para seu alívio, a pomada havia curado principalmente suas queimaduras. Ela mexeu os dedos soltos e puxou Cortana da bainha antes de rastejar para a porta da estufa.

Para sua surpresa, a porta se abriu sem o rangido das dobradiças enferrujadas. Parecia que, sozinha, entre os artefatos dos jardins – os gazebos com mato crescido demais, o poço afundado de espinhos e arbustos que antes eram um pequeno anfiteatro - a estufa ainda estava em uso.

Ela se mudou para dentro, para um mundo de sombras profundas e o cheiro pesado de vegetação podre. Estava muito escuro, apenas a pequena luz da lua brilhando através do vidro sujo que iluminava o espaço.

Ela tirou a luz enfeitiçada do bolso com a mão livre. Foi entregue a ela no seu décimo terceiro aniversário por Alastair - um pedaço leve e redondo de *adamas* esculpidos pelas Irmãs de Ferro, vivo com a promessa de luz dentro dele.

Ela fechou a mão em torno da pedra, e ela explodiu em vida. Ela manteve a luz sob controle, não querendo que a estufa brilhasse como uma tocha, traindo sua presença. A luz era de um amarelo escuro, iluminando um caminho que levava entre as fileiras do que antes haviam sido vasos de laranjeiras.

O telhado subia bem alto, desaparecendo na sombra. Formas voavam de um lado para o outro nas alturas - morcegos, Cordelia suspeitava. Ela não se importava com morcegos. Havia vários no interior.

Ela estava menos entusiasmada com aranhas. Grossas teias prateadas serpenteavam entre as árvores. Ela fez uma careta enquanto caminhava pelo caminho, que era pelo menos bem trilhado. Alguém esteve aqui recentemente. Ela podia ver as pegadas de sapatos de salto na terra batida.

As teias estavam vazias, no entanto. Penduravam cintilantes como as rendas de um vestido de noiva abandonado, vazias de aranhas ou mesmo corpos de insetos presos. *Estranho,* pensou Cordelia, olhando em volta. Era fácil imaginar como este lugar fora bonito, a madeira pintada de branco, o vidro deixando entrar vislumbres do céu azul. Restavam poucas flores agora, embora ela visse as pétalas arroxeadas e as bagas escuras das plantas de cabeceira espalhadas sob a sombra de uma única grande árvore que ainda se erguia, forte e sem folhas, contra uma parede oposta.

Impertinente, pensou Cordelia. Era mal visto aos Caçadores de Sombras cultivar plantas como a sombra noturna, que fornecia os principais ingredientes dos feitiços de magia negra. Havia plantas que ela não reconheceu também - algo como uma tulipa branca carnuda e algo mais como uma armadilha vermelha de Vênus. Ninguém parecia ter cultivado recentemente: as ervas daninhas cresceram em torno de tudo. O pesadelo de um jardineiro.

O cheiro forte no ar havia se intensificado - como folhagem deixada apodrecer, um jardim moribundo. Cordelia olhou à sua frente e viu uma escuridão espessa e uma contração muscular.

Ela se abaixou quando uma garra escura passou por cima de sua cabeça. *Demônio!* gritou uma voz silenciosa dentro de sua cabeça. O fedor no ar, meio coberto pelo cheiro de folhas podres - a falta de pássaros ou mesmo aranhas dentro da estufa - é claro.

Houve um movimento na escuridão - Cordelia viu um grande rosto deformado pairando sobre o dela, descorado e com presas e ossos, antes que o demônio assobiasse e se afastasse da luz.

Cordelia virou-se para correr, mas um tentáculo ondulou em torno de seu tornozelo, apertando como um laço. Ela foi arrancada, batendo no chão com força. Sua luz enfeitiçada voou. Cordelia gritou quando foi arrastada para as sombras.

Lucie se ergueu em toda a sua altura - o que não foi muito impressionante; de toda a sua família, ela era a mais baixa.

— Acho que deve ter ficado claro — disse ela. — Estou rastejando, espionando.

Os olhos de Jesse brilharam.

— Oh, por- — Ele deu um passo atrás. —Entre, rapidamente.

Lucie fez o que ele pediu e se viu de pé dentro de uma vasta sala. Jesse estava na frente dela, com as mesmas roupas que ele usava no baile e antes disso, na floresta. Raramente se via um cavalheiro sem jaqueta e certamente não com mangas da camisa levantadas, a menos que fosse seu irmão ou algum outro membro da família. Ela não teria notado o estado de nudez dele quando era

tão jovem, mas estava muito consciente disso agora. Um disco de metal - talvez um medalhão - piscou no oco de sua garganta, sua superfície gravada com um círculo de espinhos.

— Você é louca por vir aqui — disse ele. — É perigoso.

Lucie olhou em volta. O tamanho da sala, o telhado para cima, servia apenas para deixá-la mais deserta. O luar brilhava através de uma janela quebrada. As paredes eram de um azul escuro, mas agora eram quase pretas, com uma fina camada de sujeira. Emaranhados maciços de tecido cintilante, agora coberto de poeira, pendiam do teto, balançando com a brisa das janelas quebradas. Ela se moveu em direção ao centro da sala, onde pendia um enorme lustre de cristal. Parecia que uma vez tinha sido moldada na forma de uma aranha brilhante, mas os anos pegaram seus cristais e os espalharam pelo chão como gotas de lágrimas endurecidas.

Ela se abaixou para pegar uma - um diamante falso, mas ainda bonito, todo brilho e poeira.

— Este era o salão de baile — disse ela em uma voz suave.

— Ainda é — disse Jesse, e ela se virou para encará-lo. Ele estava em um lugar completamente diferente do que estava antes, embora ela não o tivesse ouvido se mover. Ele era todo preto e branco - a única cor nele era o anel prateado de Blackthorn na mão direita marcada e nos olhos verdes.

— Oh, está apodrecido agora. Dá à minha mãe prazer deixar o tempo tomar esse lugar, deixar os anos murcharem e destruir o orgulho dos Lightwood.

— Será que ela nunca vai parar de odiá-los?

— Não são apenas os Lightwoods que ela odeia — disse Jesse. — Ela odeia todos que considera responsáveis pela morte do meu pai. Os irmãos dela, seu pai e mãe, Jem Carstairs. E, além disso, a Clave. Ela os considera responsáveis pelo que aconteceu comigo.

— O *que* aconteceu com você? — Lucie perguntou, colocando o cristal quebrado no bolso de sua capa.

Jesse rondava a sala: parecia um gato preto na penumbra, comprido e flexível, com cabelos escuros e desgrenhados. Lucie virou-se para observá-lo enquanto ele entrava e saía das sombras. O lustre balançou, seus cristais restantes enviando raios brilhantes

de luz através da sala, espalhando faíscas na escuridão. Por um momento, Lucie pensou ter visto um jovem nas sombras - um jovem de cabelos loiros claros e uma torção dura na boca implacável. Havia algo familiar nele...

— Há quanto tempo você consegue ver os mortos? — Jesse perguntou.

Lucie piscou e o garoto loiro desapareceu.

— A maioria dos Herondales pode ver fantasmas — disse ela. — Sempre pude ver Jessamine. James também. Eu não tinha pensado nisso como algo especial.

Jesse mudou-se para ficar embaixo do lustre. Para alguém tão calmo, ele tinha uma quantidade surpreendente de inquietação.

— Ninguém além de minha mãe e irmã me vê desde... desde que você me viu em Brocelind, seis anos atrás.

Lucie franziu a testa.

— Você é um fantasma, mas não como qualquer outro fantasma. Até o meu pai e irmão não podem te ver. Isso é tão estranho. Você está enterrado?

— É muito direto perguntar a um cavalheiro se ele está enterrado — disse Jesse.

— Quantos anos você tem? — Lucie não se intimidou.

Jesse suspirou e olhou para o lustre.

— Eu tenho duas idades — disse ele. — Tenho vinte e quatro anos. E eu tenho dezessete anos.

— Ninguém tem duas idades.

— Eu tenho — disse ele, imperturbável. — Quando eu tinha dezessete anos, eu morri. Mas minha mãe tinha - preparado.

Lucie lambeu os lábios secos.

— Como assim, preparado?

Ele gesticulou para si mesmo.

— Isso, o que você está vendo, é uma manifestação da minha alma. Depois da minha morte, minha mãe disse aos Irmãos do Silêncio que nunca lhes daria meus restos mortais, que se recusou a permitir que eles me tocassem novamente, queimassem meu corpo até a cinza. Não sei se eles questionaram o que ela fez naquela época, mas sei que ela trouxe um feiticeiro para o quarto

nas horas seguintes à minha morte, para preservar e proteger meu corpo físico. Minha alma foi libertada para vagar entre o mundo real e o reino espiritual. Assim, não envelheço, não respiro e vivo apenas durante a noite.

— As quais você gasta assombrando salões de baile e vagando pela floresta?

Ele deu a ela um olhar sombrio.

— Normalmente passo meu tempo lendo. Tanto a mansão em Idris e Chiswick House têm bibliotecas bem abastecidas. Eu até li os documentos não publicados do meu avô Benedict. Eles estavam escondidos na chaminé. Coisas horríveis - ele era obcecado por demônios. Socializar com eles, cruzando-os...

— Ugh — disse Lucie, acenando com a mão. As peculiaridades de Benedict Lightwood eram bem conhecidas. — O que você faz durante o dia?

Ele sorriu fracamente.

— Eu desapareço.

— Sério? Desaparecer para onde?

— Você tem muitas perguntas.

— Sim — disse Lucie. — Na verdade, eu vim aqui para fazer uma pergunta. O que você quis dizer ontem à noite quando disse: 'Há morte aqui'? Nada aconteceu no baile.

— Mas hoje aconteceu — disse Jesse. — Grace me disse.

Lucie tentou imaginar Grace e Jesse sentados nesta sala sombria, trocando as notícias de seus dias: Vi um ataque de demônios no Regent's Park durante o dia.

Você sabia? Bem, eu não fiz muito, como você sabe, ainda estou morto.

Ela limpou a garganta.

— Então você pode ver o futuro?

Jesse fez uma pausa. Ele parecia feito de luar e teias de aranha, sombras nas têmporas, na cavidade da garganta, nos pulsos.

— Antes que eu revele mais alguma coisa — ele disse — você deve jurar que não vai contar a ninguém sobre mim - nem seu irmão, nem Cordelia, nem seus pais. Entendido?

— Um segredo? — Lucie amava e odiava segredos. Ela sempre teve a honra de receber uma delas e, em seguida, ficou imediatamente tentada a contar. — Por que isso deve ser um segredo? Muitos sabem que posso ver fantasmas.

— Mas como você observou com tanta perspicácia, eu não sou um fantasma comum — disse Jesse. — Eu sou mantido nesse estado pela magia necromântica e a Clave proíbe essas coisas. Se descobrissem, procurariam meu corpo e o queimariam, e eu estaria morto na verdade. E para sempre.

Lucie engoliu em seco.

— Então você ainda espera - você acha que pode voltar? Para a vida plena?

Jesse recostou-se na parede, os braços cruzados.

— Você não prometeu.

— Eu dou minha palavra. Não direi a ninguém sobre você. Agora explique o que você quis dizer ontem à noite com seu aviso.

Ela pensou que ele poderia sorrir ou dizer algo zombeteiro, mas ele parecia muito sério.

— Ser o que sou me coloca entre dois mundos — disse ele. — Eu pertenço aqui e ainda assim, não. Às vezes, posso vislumbrar outras coisas que não pertencem completamente. Outros fantasmas, é claro - e demônios. Havia uma presença sinistra naquele salão de baile, e acredito que é o mesmo que voltou hoje.

— Mas por quê? — Lucie sussurrou.

Jesse balançou a cabeça.

— Isso eu não sei.

— Eles vão voltar? — Lucie começou.

Houve um clarão de luz. Jesse se virou, surpreso, em direção à parede dos fundos da casa: as portas francesas se iluminaram, brilhando de um branco surpreendente.

Lucie correu para uma das janelas e olhou para fora. Ela podia ver os jardins claramente em toda a escuridão emaranhada deles. A uma pequena distância estava a estufa, brilhando como uma estrela.

Um momento depois, a luz se apagou. Medo frio arranhou o peito de Lucie.

— Daisy — ela respirou, e rasgou as portas. Caindo na varanda, sem mais um olhar para Jesse, ela se atirou na parede e começou a descer.

Cordelia arranhou o chão com a mão livre, os dedos afundando na terra quando ela foi arrastada para as sombras. O tentáculo demoníaco enrolado em sua perna era angustiante - parecia como se um milhão de pequenos dentes estivesse mordendo sua pele, mas mais horrível era o calor na parte de trás de seu pescoço, a respiração do que pairava sobre ela.

Algo pegou sua mão. *Lucie,* ela pensou. Ela gritou quando parou repentinamente, o doloroso cordão em torno de sua perna apertando, fazendo um cabo de guerra com seu corpo. Ela estendeu a mão para agarrar a mão que a pegara e viu a quem ela pertencia.

A estufa estava escura, mas ela o reconheceu instantaneamente. Um choque de cabelo preto, olhos dourados pálidos, o rosto que ela havia memorizado. James.

Ele não estava usando equipamento. Ele usava calças e mangas de camisa e seu rosto estava pálido de choque. Ainda assim, ele estava segurando seu pulso com firmeza, puxando-a em direção à porta, enquanto o cordão em torno de sua perna tentava arrastá-la ainda mais para dentro da estufa. Se ela não se movesse rápido, seria dividida em duas.

Usando o aperto de James como uma âncora, Cordelia girou para libertar Cortana - ela estava presa embaixo dela - e subiu com a lâmina na mão. Ela cortou a espada através do tentáculo que a segurava.

Cortana acendeu ouro enquanto cortava a carne demoníaca. Houve um grito profundo e estridente, e de repente Cordelia estava livre, deslizando em direção a James em uma confusão de icor e seu próprio sangue.

A dor a atravessou como fogo quando ele a levantou. Não havia nada de elegante nisso, nada de um cavalheiro ajudando uma dama. Essa era a urgência da batalha, mãos agarrando e puxando em desespero. Ela caiu contra James, que a pegou. A luz enfeitiçada pulsava fracamente na terra onde ela a deixara cair.

— Que diabos, Daisy? - — James começou.

Ela girou, saindo de suas mãos para pegar a luz enfeitiçada. Em seu brilho renovado, ela percebeu que o que pensara ser uma árvore enorme erguendo-se contra a parede oposta da estufa era algo muito diferente. Era um demônio, mas não como qualquer um que ela já tinha visto antes. À distância, quase parecia uma borboleta ou mariposa, presa à parede, asas abertas. Um segundo olhar, um mais atento revelou que suas asas eram extensões membranosas, atravessadas por veias vermelhas pulsantes. Onde as asas se uniram, subiram em uma espécie de haste central, coroada por três cabeças. Cada cabeça era como a de um lobo, mas com olhos pretos e insetos.

Estendendo-se do fundo do caule havia um nó de longos tentáculos, como os membros de uma lula. Agrupados com vagens de membranas, atingiram o chão da estufa e esticaram-se ao longo da terra como raízes. Eles se enrolaram entre as árvores e os vasos de plantas, sufocaram as bases dos arbustos floridos, alcançaram o chão em direção a Cordelia e James.

A que Cordelia cortou estava no chão, pulsando jatos frescos de icor. Não com rapidez, mas inexoravelmente, os outros deslizaram atrás dele.

Ela deixou cair a luz enfeitiçada no bolso. Se ela precisaria lutar, queria as duas mãos livres.

Aparentemente, James teve um pensamento semelhante: ele tirou uma adaga do cinto de armas e avistou ao longo do braço, os olhos estreitados.

— Daisy — disse ele sem olhar para ela. — Corra.

Ele realmente queria encarar a coisa com uma lâmina de arremesso? Seria suicídio. Cordelia agarrou seu braço livre e fugiu, puxando James atrás dela. Assustado demais para ficar para trás, ele a seguiu. Ela olhou para trás uma vez e viu a fervura de garras

negras atrás deles, fazendo-a acelerar rapidamente. Bom Raziel, quão enorme era esta estufa?

Ela passou pela última das laranjeiras em vasos e saiu bruscamente. Ela finalmente viu a porta, mas seu coração afundou: estava envolto em garras negras, curvando-se ao longo das paredes, com as pontas pressionadas contra a porta, mantendo-a fechada. A mão dela apertou o pulso de James.

— Essa é a porta? — ele sussurrou. Ela lançou-lhe um olhar de surpresa - como ele não sabia? Ele não tinha vindo da mesma maneira que ela?

— Sim — ela disse. — Eu tenho uma lâmina serafim, mas apenas uma - nós poderíamos tentar -

James atirou a adaga, as runas ao longo de sua lâmina brilhando. Ele se moveu tão rápido que parecia um borrão: em um momento ele estava segurando a lâmina e no seguinte a havia mergulhado na asa membranosa do demônio, quebrando o vidro atrás dela. Gritando, o demônio começou a se afastar da parede.

James xingou e sacou mais duas lâminas: eram arcos de prata girando de suas mãos. O demônio gritou, um barulho alto e horrível, enquanto as facas mergulhavam em seu torso. A criatura explodiu - parecia quase desmoronando, suas sementes de couro batendo no chão como chuva. Ele deu um último chiado e desapareceu.

Não mais fechada, a porta da estufa se abriu. Entre o vidro quebrado e o cheiro de sangue demoníaco, James passou rapidamente pela porta, puxando Cordelia com ele; juntos eles caíram na noite.

Eles correram para longe da estufa, através da grama coberta de mato e ervas daninhas. Quando eles estavam a certa distância, em uma clareira perto da entrada do que outrora haviam sido os jardins italianos, James ficou aquém.

Cordelia quase tropeçou nele. Ela estava tonta, sua visão embaçada. A dor na perna dela voltou. Ela deslizou Cortana em sua bainha nas costas e afundou no chão.

Eles estavam em um pequeno buraco de supercrescimento; a estufa era uma grande estrela escura ao longe, coroando uma elevação de jardim. Árvores escuras se inclinavam no alto, os galhos atados. O ar estava limpo e fresco.

James caiu de joelhos, encarando-a na grama.

— Daisy, deixe-me ver.

Ela assentiu. James colocou as mãos levemente no tornozelo dela, acima das botas de couro baixas, e começou a levantar a barra do vestido. A guarnição de sua saia estava encharcada de sangue, e Cordelia não conseguiu conter um pequeno ruído enquanto o tornozelo estava à mostra.

A pele parecia ter sido rasgada com uma faca serrilhada. A parte superior da bota estava ensopada de sangue.

— Parece ruim — James disse gentilmente, — mas é apenas um corte na pele. Não há veneno.

Ele tirou a estela do cinto. Com cuidado infinito, ele tocou a ponta da panturrilha - o horror, pensou Cordelia, que sua mãe teria experimentado com a ideia de um garoto tocando a perna da filha - e traçou os contornos de uma runa de cura.

Era como se alguém tivesse derramado água fria sobre o tornozelo. Ela observou quando a carne ferida começou a se unir novamente, a pele cortada selando como se semanas de cura tivessem sido comprimidas em segundos.

— Você parece que nunca viu o que um *iratze* pode fazer — disse James, uma pequena peculiaridade no canto da boca. — Você não foi ferida antes?

— Não é tão ruim assim — disse Cordelia. — Eu sei que deveria ter - você deve estar pensando que bebê eu fui. E aquele demônio, ugh, eu *nunca* deveria ter ele me derrubar...

— Pare com isso — disse James com firmeza. — Todo mundo é superado por um demônio de vez em quando; se não o fizessem, não precisaríamos de runas de cura. — Ele sorriu, aquele raro sorriso adorável que cortou a máscara e iluminou seu rosto. — Eu estava pensando que você me lembrou um pouco de Catherine Earnshaw de *O Morro dos Ventos Uivantes*. Minha mãe tem uma passagem favorita sobre como ela foi mordida por um bulldog: *"Ela*

não gritou - não! ela teria desprezado fazê-lo, se tivesse sido cuspida nos chifres de uma vaca louca."

Cordelia não lia *O Morro dos Ventos Uivantes há* anos, mas sentiu-se sorrir. Incrível que James pudesse fazê-la sorrir depois do que eles acabaram de passar.

— Isso foi impressionante — disse ela. — Despachar um demônio tão considerável com apenas facas de arremesso.

James jogou a cabeça para trás com uma risada baixa.

— Dê o crédito a Christopher — disse ele. — Ele fez essas lâminas para mim - ele passou anos trabalhando em maneiras de desenvolver novas substâncias que podem suportar até as runas mais fortes. A maioria dos metais quebraria. Mas significa que há um inferno a pagar sempre que eu perder um — acrescentou, olhando tristemente para a estufa.

— Oh, não — disse Cordelia com firmeza. — Você *não pode* voltar lá.

— Eu não deixaria você — disse ele simplesmente, derretendo seu coração. — Daisy, se eu lhe contar uma coisa, você promete não contar a mais ninguém?

Ela não poderia ter recusado quando ele a chamou de Daisy.

— Você sabe que eu posso me transformar em uma sombra — disse ele. — Que, a princípio, eu tinha pouco controle sobre a mudança.

Ela assentiu; ela nunca esqueceria o modo como ele a procurara quando estava com febre escaldante, o jeito que ela tentara segurar sua mão, mas elas se transformaram em vapor.

— Durante anos, trabalhei com seu primo Jem para aprender a controlá-lo - a mudança, as visões. — Ele mordeu o lábio inferior. — E ainda hoje à noite entrei no reino das sombras por vontade própria. Uma vez lá dentro, me trouxe aqui.

— Eu não entendo — disse Cordelia. —Por que aqui de todos os lugares?

Os olhos dele procuraram os dela.

— Vi uma luz nas sombras — disse ele. — Eu segui. Acredito que foi a luz de Cortana.

Ela lutou contra o desejo de voltar e tocar a lâmina apenas para se certificar de que ainda estava lá.

— É uma espada especial — ela admitiu. — Meu pai sempre dizia que não sabíamos o que ela poderia fazer.

— Quando aterrissei na estufa, não fazia ideia de onde estava — disse ele. — Eu estava sufocando com poeira. Pó branco-acinzentado, como ossos queimados. Trouxe um punhado de coisas do outro mundo... — Ele enfiou a mão no bolso da calça, — E trouxe uma pitada do que parecia cinzas. Vou levar a Henry e Christopher. Talvez eles possam testar o que está nele. Eu nunca consegui trazer nada de volta do reino das sombras antes; talvez tenha acontecido porque entrei no reino de bom grado.

— Você acha que é porque eu estava lutando contra o demônio - com Cortana - que você foi atraído para este lugar? — ela disse. — Qualquer que fosse o tipo de demônio...

James olhou novamente para a estufa.

— Foi um demônio Cerberus. E provavelmente está aqui há anos.

— Eu já vi fotos de demônios Cerberus antes. — Cordelia cambaleou em pé. James se levantou e colocou o braço em volta dela para firmá-la. Ela ficou tensa com a proximidade dele. — Eles não são assim.

— Benedict Lightwood era um grande entusiasta dos demônios — disse James. — Quando eles limparam este lugar depois que ele morreu, eles encontraram uma dúzia de demônios Cerberus. Eles são criaturas vigilantes; ele os colocou aqui para proteger sua família e propriedade. Suponho que eles tenham perdido o da estufa.

Cordelia se afastou um pouco de James, embora fosse a última coisa que ela queria fazer.

— E você acha que, ao longo dos anos, ele mudou? Tornou-se mais uma parte do lugar?

— Você leu *Sobre a origem das espécies*? — perguntou James. — É tudo sobre como os animais se adaptam ao seu ambiente através de gerações. Os demônios não têm gerações - eles não

morrem, a menos que nós os matemos. Este adaptou-se ao seu entorno.

— Você acha que há mais por aí? — A dor crua no tornozelo de Cordelia havia diminuído para uma dor controlável quando ela se virou, olhando para cima e para baixo no jardim à procura de Lucie. — Nós podemos estar em perigo. Lucie...

James ficou branco.

— Lucie?

O coração de Cordelia pulou uma batida. *Pelo anjo.*

— Lucie e eu viemos aqui juntas.

— De todas as tolices... — De repente ele estava preocupado. Ela podia ver no rosto dele, nos olhos dele. — Por quê?

— Lucie queria ter certeza de que Grace estava bem, e ela me pediu para ir com ela — mentiu Cordelia. —Na verdade, ela entrou na casa, onde Grace e Tatiana estão. De maneira tola, eu saí para ver os jardins...

Um olhar estranho de choque absoluto passou pelo rosto de James, como se ele tivesse acabado de se lembrar de algo terrivelmente importante.

— Grace — disse ele.

— Eu sei que você pode querer vê-la — disse Cordelia. — Mas devo adverti-lo que Tatiana está de muito mau humor.

James continuou parecendo silenciosamente atordoado. Houve um farfalhar de barulho e Lucie saiu do mato.

— Cordelia! — ela ofegou, seu rosto se iluminando com alívio. — E Jamie! — O rosto dela se enrugou; ela chegou a um ponto morto. — Oh céus. Jamie. O que você está fazendo aqui?

— Como se você tivesse uma desculpa perfeitamente razoável para se esquivar da propriedade de outra pessoa na calada da noite? — James disse, transformando de um jovem preocupado em um irmão mais velho em questão de segundos. — Papai e mamãe vão matar você.

— Só se você contar a eles. — Os olhos de Lucie brilharam. — De que outra forma eles vão descobrir?

— É claro que eles vão — disse James sombriamente. "A existência de um demônio Cerberus na estufa dificilmente passaria-

Os olhos de Lucie se arregalaram.

— O que na onde?

— Demônio Cerberus na estufa — James repetiu —onde, aliás, você enviou sua futura *parabatai* completamente sozinha-

— Oh, não, está tudo bem, eu entrei por conta própria — disse Cordelia, e começou. — Eu ia mover a carruagem dos portões. Se Tatiana olhar pela janela e vê-la, ficará furiosa.

— É melhor irmos — disse Lucie. — James, você vem conosco ou volta pelo caminho que veio? — Ela apertou os olhos. — Como *é* que você veio?

— Não importa — disse James, com seu sorriso torto. — Vá pegar a carruagem. Seguirei em breve e os vejo em casa.

— Eu imagino que James está ficando porque ele quer ver Grace. — Lucie disse em voz baixa enquanto ela e Cordelia corriam de volta pelos caminhos cobertos de vegetação dos jardins da Casa Chiswick. Eles atravessaram os portões e encontraram a carruagem exatamente onde estava antes, Xanthos parecendo estar de guarda. — Passar a lua debaixo da janela dela ou o que quer. Espero que Tatiana não morda a cabeça dele.

— Ela certamente não parece *querer* visitantes — disse Cordelia enquanto eles subiam na carruagem. — Eu me senti muito mal por Grace.

— James costumava sentir pena dela — disse Lucie quando a carruagem começou a se mover. — Então parece que de alguma forma ele se apaixonou por ela. O que é muito estranho, realmente. Eu sempre pensei na piedade como o oposto do amor...

Ela parou, seu rosto ficando branco. A luz era visível através dos galhos emaranhados de árvores. As figuras corriam do outro lado da estrada, em direção à mansão.

— É o papai — Lucie disse, em um tom sombrio, como se tivesse acabado de ver outro demônio Cerberus. — De fato, é *todo mundo*.

Cordelia ficou olhando. De repente, a estrada estava cheia de luzes enfeitiçadas. Brilhava nos portões escuros da casa, nas fileiras de faias dos dois lados da estrada, nos contornos irregulares da própria mansão. Lucie poderia ter exagerado um pouco ao dizer que todos estavam lá, mas certamente um grande grupo de Caçadores de Sombras a pé estava pousando na residência dos Blackthorns. Cordelia podia ver rostos familiares - Gabriel e Cecily Lightwood, os cabelos ruivos de Charles Fairchild - e, claro, Will Herondale.

— O que eles estão fazendo aqui — ela imaginou. — Devemos voltar - avisar James para se tornar escasso?

Mas a carruagem já começara a acelerar, Xanthos trotando-os rapidamente, enquanto o último membro do Enclave aparecia pelos portões.

Enquanto a casa recuava ao longe, Lucie balançou a cabeça, parecendo sombria.

— Ele não nos agradeceria por isso — disse ela. Ela suspirou. — Ele só ficaria bravo por termos nos metido em problemas também - além disso, James é um menino; ele não estará no mesmo tipo de problema se o pegarem vagando pelo lugar. Se eles nos encontrassem, você estaria em apuros com sua mãe. Não é nada justo, mas é a verdade.

A luz da lua entrava na estufa através de vidraças quebradas. Os nephilins já se foram há muito, depois de examinarem o local e exigirem a dona da casa. Finalmente ficou quieto.

As vagens que o demônio Cerberus havia derrubado em sua agonia começaram a tremer e tremer, como ovos prestes a eclodir. Suas carcaças de couro se dividiram quando dentes afiados como espinhos os rasgaram por dentro. Cobertos de um filme pegajoso e sibilando como baratas, os demônios recém-nascidos caíram no chão de terra batida da estufa, cada um não maior que a mão de uma criança.

Mas eles não permaneceriam desse tamanho por muito tempo.

DIAS PASSADOS: IDRIS, 1900

Decidir se infiltrar na Mansão Blackthorn como uma sombra era uma coisa, mas na verdade continuar com ela era outra. Por dias depois que Grace perguntou a ele, James se desculpou por que essa noite não poderia ser a noite: seu pai acordou tarde demais para não perceber sua partida; o tempo é muito ruim para andar pelo exterior; lua muito brilhante para lhe dar cobertura suficiente da escuridão.

Então, uma noite, James acordou de sonhos agitados e se viu corado e sem fôlego, como se estivesse fugindo de algo monstruoso. A roupa de cama de sua cama foi jogada fora. Ele ficou de pé e andou de um lado para o outro no quarto, incapaz de pensar em dormir. Depois, vestiu calça e camisa e saiu pela janela.

Ele estava pensando em Cordelia, não em Grace, mas, no entanto, se viu no muro em torno da Mansão Blackthorn. Incapaz de voltar, tendo chegado tão longe, ele se entregou à sombra. Rapidamente, ele se viu atravessando a parede, atravessando o terreno e entrando no hall de entrada.

Ele não estava preparado para o estado da Mansão Blackthorn no meio da noite, seu silêncio mortal, sua aura de ameaça como uma tumba aberta. Uma espessa poeira prateada passava pelas bordas dos corrimões e dos móveis e emaranhada em teias de aranha em todos os cantos. No limite de sua visão havia um borrão cinza: ele sabia que era a fronteira do reino das sombras. Ele sabia que estava cortejando aquele mundo transformando sua carne em sombra.

Mas ele fez uma promessa.

James podia ver fantasmas, e não havia fantasmas aqui. Mas este lugar parecia assombrado, independentemente. As sombras pareciam ouvir atentamente seus passos. O mais estranho de tudo é que todos os relógios da casa que ele passava paravam exatamente na mesma hora das vinte para as nove.

James subiu as escadas. No final de um longo corredor, diante de uma parede de torre, havia uma horrível armadura, facilmente duas vezes mais alta que um humano.

Felizmente, era apenas uma decoração: feita de aço e cobre, não se parecia em nada além de um esqueleto humano gigante, com uma peça no peito em forma de caixa torácica e um capacete e uma máscara que formavam um crânio esquisito. Ele o parou, e ele ficou olhando para ele, até que chegou a ele o que deveria ser: uma das famosas criaturas mecânicas de Axel Mortmain, uma concha vazia que já abrigara um demônio. Os próprios monstros que seus pais haviam derrotado quando eram apenas um pouco mais velhos do que ele agora.

Grace dissera a ele que Tatiana deixara a casa intacta todos esses anos, mas isso não era inteiramente verdade: ela instalara o cadáver dessa criatura mecânica em sua galeria. Por quê? O que isso significava para ela? Era admiração por Mortmain, que quase destruíra os Caçadores de Sombras?

James odiava dar as costas para a coisa, mas seguiu em frente e rapidamente encontrou a porta do escritório de Tatiana. A sala estava cheia de caixas e caixotes, pilhas de páginas amareladas e livros em decomposição. Na parede havia um retrato de um garoto, mais ou menos da mesma idade de James, brilhantes olhos verdes dominando seu rosto magro. James sabia quem deveria ser, embora nunca o tivesse visto: Jesse Blackthorn.

Havia uma caixa de metal sobre a mesa baixa de ferro forjado abaixo do retrato do garoto morto, esculpida por toda parte com as videiras sinuosas que os Blackthorns usavam para decorar aparentemente tudo. A fechadura foi embutida na tampa, apresentando um buraco de fechadura simples na superfície lisa.

Sem olhar diretamente para a caixa, ele baixou a mão para a tampa; ele sentiu seu corpo piscar dentro e fora da sombra em

empurrões irregulares e por um momento terrível viu aquela outra terra, o local arruinado de árvores retorcidas.

James enfiou a mão etérea através da tampa na caixa, fechou-a em torno de uma serpente fria de metal e a retirou. Era o bracelete da mãe de Grace, exatamente como ela havia descrito.

Ele fugiu da sala, da própria mansão. A luz da lua através das janelas empoeiradas dos corredores tremia e se contorcia como uma massa de cobras prateadas.

Fora do terreno da mansão e quase em casa, James percebeu que ele continuava sendo uma sombra. Ele parou onde estava, um trecho indefinido de estrada alinhado em ambos os lados com árvores e folhagens densas, nem a casa Blackthorn nem a Herondale visíveis. O céu estava escuro, a lua uma lasca brilhante. Cinza brilhou no limite de sua visão quando fechou os olhos e desejou tornar-se sólido novamente.

Nada aconteceu.

No momento, ele não era um ser que respirava, mas sentia-se respirar de qualquer maneira, duro e trêmulo. Quando ele se tornou uma sombra durante a febre escaldante, foi apenas por alguns momentos. Não fazia muito mais tempo na Academia Caçadora de Sombras. Mas ele não fez a mudança de propósito, em nenhum momento.

Estranhamente, sua mente se voltou para Cordelia, para a voz dela o alcançando através da febre, através das sombras. Ele caiu de joelhos, as mãos não fazendo nenhuma marca na sujeira da estrada. Ele fechou os olhos. *Deixe-me voltar. Deixe-me voltar.*

Não me deixe sozinho nessas sombras.

Ele sentiu uma sacudida, como se tivesse caído e atingido o chão com força: seus olhos se abriram. Ele não era mais uma sombra. Ele ficou de pé cambaleando, ofegando no ar frio e claro. O cinza havia desaparecido da borda de sua visão.

— Bem — ele disse em voz alta para ninguém —nunca mais. Isso vai ser fácil de fazer. Nunca mais.

Na noite seguinte, Grace o esperava sob a sombra de uma árvore, logo na entrada da floresta de Brocelind. Sem uma palavra, ele colocou a pulseira na mão dela.

Ela girou pensativamente repetidamente entre os dedos pálidos, e ele viu a luz da lua atravessar a gravura colocada dentro da curva do metal.

LOYAULTÉ ME LIE. James sabia o significado. Era a máxima de um rei da Inglaterra morto há muito tempo. *A lealdade me liga.*

— Era o lema dos Cartwrights — disse Grace, sua voz muito suave. — Eu fui Grace Cartwright uma vez. — Um sorriso tocou seus lábios, fraco como o luar do inverno. — Enquanto esperava por você, percebi o quão tola eu tinha sido por pedir isso. Não posso usá-lo sem minha mãe ver. Nem ouso mantê-lo no meu quarto, para que ela não o encontre. — Grace virou-se para ele. — Será que você pode usá-lo? — ela perguntou. — Como meu amigo. Como meu único amigo de verdade, de verdade. Então, quando eu lhe ver, serei lembrada de quem eu sou.

— É claro — disse ele, com o coração partido por ela. — Claro que eu posso.

— Estenda o braço — ela sussurrou, quase alto o suficiente para ser ouvida, e ele fez.

Mais tarde, ele disse a si mesmo que nunca esqueceria os dedos dela em sua pele, da mesma maneira que toda a floresta de Brocelind, talvez toda Idris, deu um grande suspiro, quando Grace gentilmente fechou a pulseira em seu pulso.

Ele olhou para Grace. Como ele nunca havia notado antes que seus olhos eram quase da cor exata de prata, como a própria pulseira?

Ele o vestiu durante o verão, no ano seguinte e no ano seguinte. Ele ainda não o tirara.

7

QUEDA DE CANÇÕES

Brilhante é o anel de palavras Quando o homem certo toca, Justo a queda de canções Quando o cantor canta eles.
- Robert Louis Stevenson, “Brilhante é o anel das palavras”

— Você precisa entender — disse Charles, com os olhos brilhando seriamente. — O Enclave está extremamente irritado com você, James. Eu diria que alguns deles estão com raiva.

Foi na manhã seguinte à sua estranha visita a Chiswick; James estava sentado na cadeira em frente à mesa do pai. Tessa nunca redecorara o escritório do Instituto e ainda tinha uma aparência vitoriana escura, com papel de parede cor de pinho e tapetes Aubusson no chão. A cadeira em que o pai estava sentado era de mogno pesado, os braços lascados e arranhados. Charles Fairchild estava encostado na parede perto da porta, que ele havia trancado e trancado os três ali. Seu cabelo vermelho brilhava como um centavo velho e sem graça à luz enfeitiçada.

Lucie havia sido levada por Tessa após o café da manhã para ajudar na enfermaria. Os Irmãos do Silêncio colocaram Barbara, Piers e Ariadne em um sono profundo e inabalável e encantador: tinham esperanças de que seus corpos resistissem ao veneno enquanto descansavam. Era possível sentir a sombra na casa, a atmosfera do quarto dos doentes, juntamente com a tensão espessa nesta sala.

— Parece que isso deve ser muito perturbador para o Enclave — disse James. — Ruim para a indigestão.

Ele estava tentando não encarar Charles, mas estava perdendo a batalha. Ele dormiu mal na noite anterior depois de retornar ao Instituto com o pai. Seria uma coisa se seu pai estivesse com raiva, mas estava claro que Will estava mais preocupado do que qualquer outra coisa, e a insistência de James de que ele simplesmente tinha saído para dar um passeio e acabado em Chiswick não ajudou em nada.

— Você precisa levar isso a sério, James — disse Charles. — Foi necessário usar uma runa de rastreamento para encontrar você-

— Eu não diria que era *necessário* — disse James. — Eu não precisava de ajuda, nem estava perdido.

— James — seu pai disse calmamente. — Você *desapareceu*.

— Eu deveria ter lhe dito que estava saindo — disse James. — Mas... demônios nos atacaram na luz do dia ontem. Ainda temos três Caçadores de Sombras na enfermaria, e não há cura para sua condição. Por que o Enclave está focado em mim?

Vermelho brilhou no rosto de Charles.

— O Enclave está se reunindo para discutir a situação com os demônios hoje. Mas somos Caçadores de Sombras - a vida não para simplesmente por causa de um ataque demoníaco. Segundo Tatiana, você foi à casa dela ontem à noite e exigiu ver Grace, e quando ela disse não, você despedaçou a estufa dela em pedaços...

Will levantou as mãos.

— Por que James vandalizaria um anexo aleatório porque ele não podia ver uma garota? É ridículo, Charles, e você sabe disso.

James meio que fechou os olhos. Ele não queria olhar diretamente para o pai e ver a angústia de Will: a gravata torta e o paletó amarrotados e o rosto mostrando as evidências de uma noite sem dormir.

— Eu te disse, Charles. Nunca falei com a sra. Blackthorn, nem com Grace. E havia um demônio Cerberus naquela estufa.

— Talvez — disse Charles. Ele estava começando a lembrar a James de um cachorro que se recusava a desistir de um sapato que

estava roendo. — Mas você nunca teria condições de vê-lo se ainda não estivesse no terreno da Chiswick House e invadido a estufa.

— Eu não entrei na estufa — disse James, o que era tecnicamente verdadeiro.

— Então me diga o que você fez! — Charles bateu com o punho direito na palma da outra mão. — Se o que Tatiana está dizendo não é verdade, então por que você não me diz o que aconteceu?

Entrei no reino das sombras para ver se conseguia encontrar uma conexão com os ataques demoníacos. Segui uma luz que acredito ser Cortana e me descobri na estufa, onde Cordelia Carstairs já estava sendo atacada por um tentáculo.

Não. Ninguém acreditaria nele. E eles pensariam que ele estava bravo, e ele também estaria colocando problemas em Cordelia, Matthew, Lucie, Thomas e Christopher.

Silencioso, James rangeu os dentes.

Charles suspirou.

— Você nos deixa assumir o pior, James.

— Que ele é um vândalo sem sentido? Sinceramente, Charles — disse Will. — Você sabe como Tatiana se sente sobre a nossa família.

— Eu matei um demônio naquela estufa — disse James uniformemente. — Fiz o que deveria fazer. No entanto, eu sou o culpado pelo Enclave, em vez da Caçadora de Sombras que manteve um demônio nos terrenos da casa dela.

Foi a vez de Will suspirar.

— Jamie, sabemos que Benedict manteve demônios Cerberus.

— O que estava lá - e acredito em você quando diz que estava lá - não pode ser responsabilizado por Tatiana — disse Charles. — O restante da propriedade foi revistado e não havia mais. Foi sua má sorte tropeçar nesse.

— Aquela estufa está cheia de plantas de magia negra — disse James. — Certamente alguém notou isso.

— É — admitiu Charles — mas, dada a gravidade de suas queixas, James, ninguém notará a presença de alguns arbustos de beladona na sua plantação. Você ainda não teria encontrado o demônio se já não estivesse invadindo.

— Diga a Tatiana que pagaremos pelos reparos na estufa — disse Will, cansado. — Devo dizer que tudo isso parece uma reação exagerada, Charles. James estava lá, ele se deparou com um demônio, e as coisas seguiram seu curso natural. Você prefere que ele o solte para devorar o bairro? — Charles pigarreou. — Vamos nos ater aos aspectos práticos.

As vezes James teve dificuldade em lembrar que Charles era um Caçador de Sombras, e não um dos milhares de banqueiros de chapéu-coco e vestidos de saco que inundavam a Fleet Street todas as manhãs a caminho de escritórios na cidade.

— Eu tive uma longa conversa com Bridgestock esta manhã Will disse algo rude em galês.

— Seja como for, ele permanece o inquisidor — disse Charles. — E no momento, com minha mãe em Idris lidando com a situação de Elias Carstairs, eu represento seus interesses aqui em Londres. Quando o inquisidor falar, devo ouvi-lo.

James começou. Ele não havia ligado a viagem de Charlotte a Idris com a situação que afetava o pai de Cordelia. Ele supunha que deveria: lembrou-se de ouvir sua irmã e Cordelia em Kensington Gardens, Cordelia dizendo que seu pai havia cometido um erro. O tremor em sua voz.

— Nenhuma punição está sendo recomendada para James neste momento — continuou Charles. — Mas James, eu sugiro que você evite a Chiswick House e evite Tatiana Blackthorn e sua filha completamente.

James ficou parado. Os ponteiros do relógio do avô eram lâminas, varrendo lentamente o rosto, diminuindo o tempo.

— Deixe-me pedir desculpas a ela — disse James; a pulseira de prata parecia estar queimando em seu pulso. Ele não sabia se ele queria dizer Tatiana ou Grace.

— Agora, James — disse Charles. — Você não deve tentar fazer uma jovem escolher entre você e sua família. Não é gentil. Grace me disse ela mesma que, se ela se casasse com um homem que não fosse escolhido da mãe, ela seria deserdada...

— Você mal a conhece — James retrucou. — Um passeio de carruagem...

— Eu a conheço melhor do que você pensa — disse Charles com um lampejo de superioridade.

— Vocês dois estão falando sobre a mesma garota? — disse Will, erguendo as sobrancelhas. — Grace Blackthorn? Eu não vejo...

— Não é nada. Nada. — James não aguentou mais. Ele se levantou, abotoando a jaqueta. — Eu devo sair — disse ele. — Há um laranjal em Kensington Gardens que precisa ser esmagado. Senhoras, trancem suas dependências. James Herondale está na cidade e ele foi desprezado no amor!

Charles parecia magoado.

— *James* — disse ele, mas James passou por ele e saiu da sala, batendo a porta atrás dele.

Cordelia puxou nervosamente o tecido de seu vestido de visita. Surpreendentemente, um convite oficial para o chá de Anna Lightwood - em papel de carta com monograma, não menos - havia chegado por correio naquela manhã. Cordelia ficou chocada que, depois de tudo o que havia acontecido, Anna lembrou-se de sua oferta insultuosa. Ainda assim, ela aproveitou a oportunidade para sair de casa como um homem se afogando, segurando uma corda.

Ela mal conseguira dormir depois de chegar em casa na noite anterior. Enrolada sob o cobertor, ela não pôde deixar de pensar no primo Jem e seu pai, e impotente em James, a maneira como ele tinha sido gentil com o tornozelo dela, a expressão em seu rosto quando falou sobre o reino das sombras que apenas ele podia ver. Ela não conseguia pensar em uma maneira de ajudá-lo, assim como não poderia ajudar o pai. Ela se perguntou se não conseguir ajudar as pessoas que você amava era o pior sentimento do mundo.

Então, no almoço, sua mãe e Alastair se ocuparam trocando as fofocas mais recentes – só Raziel sabia onde haviam descoberto - que James havia sido descoberto vagando pelos jardins de Tatiana Blackthorn, tendo quebrado alegremente em todas as janelas e aterrorizado ela e a filha correndo embriagado pelo gramado. Até Risa parecia divertida enquanto enchia o bule de chá.

Cordelia ficou horrorizada.

— *Não foi o* que aconteceu!

— E como *você* saberia? — disse Alastair, parecendo um pouco como se soubesse exatamente por que ela sabia.

Mas ele não poderia ter adivinhado, poderia? Cordelia não tinha certeza; Alastair muitas vezes parecia que sabia muito mais do que revelava. Pensou ansiosamente no passado distante, quando os dois foram capazes de resolver suas diferenças batendo um no outro na cabeça com chaleiras de brinquedo.

Então, graças a Deus pelo chá com Anna, mesmo que ela não tivesse nada decente para vestir. Cordelia lançou um último olhar para si mesma no vidro entre as janelas do vestíbulo. Enquanto seu vestido de princesa verde-maçã com bordado rosa era elegante e bonito, todos os babados a faziam parecer uma lâmpada antiquada, e seu rosto acima da gola de renda parecia icônico. Com um suspiro, Cordelia pegou as luvas e a bolsa da mesa do corredor e foi em direção à porta.

— Cordelia! — Sona correu em sua direção, os saltos de suas botas clicando no chão de madeira. — Onde você vai?

— Para tomar chá com Anna Lightwood — disse Cordelia. — Ela me convidou ontem.

— Foi o que seu irmão disse, mas eu não acreditei. Quero que faça amigos, Layla. — Sona raramente usava o nome de estimação de Cordelia - dado a ela por Sona, após a heroína do poema que ambos amavam - a menos que ela estivesse preocupada. — Você sabe que eu sei. Mas não tenho certeza de que você deva visitar a senhorita Lightwood.

Cordelia sentiu as costas enrijecerem. Alastair passou a observar a conversa entre a irmã e a mãe. Ele estava encostado na porta da sala de café da manhã, sorrindo.

— Eu aceitei o convite — disse ela. — Eu vou.

— No baile da outra noite, ouvi muita conversa sobre Anna Lightwood — disse Sona — e nada elogioso. Existem no Enclave os que a veem como imprópria e impetuosa. Viemos aqui para fazer amigos e formar alianças, não para alienar os poderosos. Você tem certeza de que ela é a melhor escolha para uma ligação social?

— Ela parece adequada o suficiente. — Cordelia pegou seu novo chapéu de palha, decorado com um ramo de seda e fitas.

Alastair falou da porta.

— Pode haver pessoas da geração mais velha que desaprovam Anna, mas em nosso meio ela é uma das Caçadoras de Sombras mais populares em Londres. Seria imprudente para Cordelia recusar o convite.

— Sério? — Sona parecia curiosa. — Isso é verdade?

— É. — Alastair afastou uma mecha de seus cabelos claros. Cordelia se lembrava de quando o cabelo dele era preto como asa de corvo, antes de começar a tingir. — O tio de Anna é o chefe do instituto. A madrinha dela é a cônsul. Sem dúvida, as famílias mais importantes a conhecer em Londres são os Herondales, os Lightwoods e os Fairchilds, e Anna está ligada a todos eles.

— Muito bem — disse Sona, depois de uma pausa. — Mas Alastair, você vai com ela. Faça uma avaliação curta e observe as propriedades. Depois, se quiser, vocês dois podem fazer compras no mercado Leadenhall.

Cordelia meio que esperava um protesto de Alastair, mas ele apenas deu de ombros.

— Como quiser, mãe — disse ele, passando por Cordelia a caminho da porta.

Ele já estava vestido para sair, pensou Cordelia com surpresa e diversão misturadas, com um casaco de flanela cinza profundo que combinava com seus olhos escuros. A forma do cinto de armas era visível apenas por baixo da linha do casaco; o Enclave havia sugerido que todos os Caçadores de Sombras se armarem como precaução ao sair, mesmo à luz do dia. A própria Cordelia estava com Cortana amarrada nas costas, com glamour para que fosse invisível para os mundanos.

Talvez Alastair realmente soubesse mais do que estava revelando.

O sol da tarde brilhava intensamente na Grosvenor Square quando o pai de Matthew, Henry, atendeu à porta da casa do cônsul.

James parou o que ele suspeitava era um bater muito alto quando a porta se abriu. Henry sorriu quando viu James: ele tinha

um rosto liso, mas gentil, cabelos ruivos que tinham desbotado até castanho, riscados de cinza, e uma pitada do sorriso de Matthew.

— Entre, entre, James — disse ele, rolando para trás. Ele havia sido terrivelmente ferido vinte e cinco anos atrás, na Batalha de Cadair Idris, e nunca mais andara. Ele havia pegado uma cadeira de banho padrão para inválidos e colocara nela seu espírito inventivo - agora ela estava equipada com uma versão menor das rodas que se pode encontrar em um automóvel. Um apêndice curvado com uma luz elétrica pairava sobre um dos ombros de Henry. Por cima do outro ombro, um acessório com garras lhe permitia alcançar objetos colocados no alto. Uma prateleira embaixo do banco trazia livros.

Christopher adorava seu padrinho e passava horas no laboratório de Henry, trabalhando em todos os tipos de invenções, bem como em melhorias na cadeira de banho. Alguns foram muito úteis, como o elevador movido a vapor que instalaram para que Henry pudesse chegar facilmente ao laboratório da adega; outros, como a tentativa de Henry e Christopher de criar uma pomada repelente de demônios, não funcionaram.

Henry tinha um espírito bondoso e acolheu James como *parabatai* de Matthew, mesmo antes de os dois terem passado pela cerimônia na Cidade do Silêncio.

— Matthew está no jardim dos fundos — disse ele, com os olhos enrugando nos cantos. — Ele disse algo sobre ler um livro cercado pelas belezas acríticas da natureza.

James teve que admitir que isso soou como Matthew.

— Ele está sozinho?

— A menos que você conte Oscar. — Oscar Wilde era o cachorro de Matthew, que James havia encontrado vagando pelas ruas de Londres e apresentado a Matthew.

O cachorro adorava Matthew de forma acrítica, como as belezas da natureza.

James pigarreou.

— Há algo que eu encontrei - um tipo estranho de sujeira - eu me perguntei se você poderia dar uma olhada nele para mim? Você sabe, no seu laboratório.

A maioria das pessoas teria tratado isso como um pedido estranho. Não Henry Fairchild. Os olhos dele brilharam.

— De fato! Dê aqui.

James passou o pequeno frasco de sujeira que ele havia enchido do conteúdo do bolso na noite anterior.

— Vou dar uma olhada nisso o mais rápido possível. Estou saindo em breve para ver Charlotte em Idris, mas não demorarei muito. — Henry piscou para James e rolou para o elevador que o levaria ao laboratório.

James passou pela sala de estar, sala de jantar, cozinha - onde ele se curvou para o cozinheiro, que acenou com uma colher para ele, em cumprimento ou ameaça que ele não tinha certeza - e saiu pela porta dos fundos, que dava para o jardim. Ele e Matthew passaram horas treinando lá: era um espaço verde quadrado acolhedor, com um enorme plátano de Londres no centro. Matthew estava parado na sombra, lendo um livro. Ele estava absorvido o suficiente para não ouvir a porta fechar, ou notar James vindo em sua direção através da grama até que James quase o alcançou.

Ele olhou para cima e seus olhos verdes se arregalaram.

— James — disse ele, e a palavra soou como uma expiração de alívio. Ele rapidamente educou o rosto em uma careta. — Eu não sei se te abraço como um irmão ou te derrubo como um inimigo.

— Eu voto no primeiro — disse James.

— Suponho que não é realmente justo ficar com raiva da noite passada — pensou Matthew. — Imagino que você tenha pouco controle sobre o que acontece quando você entra no reino das sombras. Mas, assim que seu pai terminou de gritar para todos nós em galês por quebrar a janela e deixá-lo ir embora, chegou a notícia de que eles o rastrearam até a Chiswick House, e fiquei *pensando*.”

— Pensando o que? — James sentou-se no braço de um banco branco do jardim.

— Se você usou o reino das sombras para ir ver Grace — disse Matthew. — Quero dizer, o que mais há em Chiswick? Nada interessante.

— Eu não fui lá voluntariamente — disse James.

— Então me conte o que aconteceu — disse Matthew, enfiando o romance num buraco de uma árvore. — Na verdade, espere. — Ele levantou a mão assim que James começou a falar. — Espera - espera-

— Eu vou te matar se isso continuar — disse James.

Matthew sorriu e houve o som de latidos. Cumprimentos barulhentos ricochetearam nas paredes do jardim. Thomas e Christopher, parando para cumprimentar um Oscar abanando a cauda, estavam correndo pelos degraus da casa.

— James! — Christopher chamou quando eles se aproximaram. — O que aconteceu ontem à noite? Para onde você desapareceu?

— Agora sim, James — disse Matthew presunçosamente. — Agora você não precisa contar a história mais de uma vez.

— Sim, o que aconteceu com você ontem à noite? — disse Thomas. — Você acabou de desaparecer, você sabe. Matthew estava prestes a destruir o Instituto, tijolo por tijolo, para ver se você caíra na cripta quando seu pai o seguiu até Chiswick.

— Por que Chiswick? — Christopher se perguntou em voz alta. —Nada de interessante acontece lá.

— Agora aconreceu. — disse Matthew alegremente.

Antes que a conversa pudesse se deteriorar ainda mais, James explicou como ele havia entrado no mundo das sombras, como ele seguiu uma luz e se viu na estufa. Ele descreveu o demônio Cerberus deformado e como ele o matou. Quando ele chegou à parte sobre Lucie e Cordelia, Matthew começou a parecer menos alegre.

— O que diabos elas estavam fazendo lá? — ele disse.

— Elas foram verificar a Senhorita Blackthorn e ver se ela estava bem — disse James, que não tinha certeza se ele próprio acreditava nessa história em particular. Lucie estava com o rosto de contar histórias com olhos brilhantes. Quanto a Cordelia, ele percebeu com um leve sobressalto que duvidava que fosse capaz de dizer se ela estava mentindo para ele ou não. Ele não a conhecia tão bem, embora sentisse que deveria.

— Parece perigoso sair à noite depois desses ataques — disse Matthew. — Lucie - as meninas não deveriam correr tais riscos.

— Como se você fosse parar de sair à noite — apontou Thomas.

Ele e Christopher estavam esparramados na grama enquanto James falava. Matthew estava encostado no plátano, acariciando distraidamente a cabeça de Oscar.

— Aqui está minha pergunta: por que Lightwood - quero dizer, Casa Chiswick? Por que a *estufa*?

— Não faço ideia — disse James, mantendo seus pensamentos sobre Cortana para si; eles eram muito vagos e apenas confundiam as coisas. — Talvez por que o demônio estivesse lá?

— Os demônios gostam de morar em ruínas, especialmente aquelas onde há restos de magia negra — disse Christopher. — E todos sabemos o que o avô Benedict estava fazendo naquela casa. É por isso que ele se transformou em um verme.

— Ah — disse Matthew, — boas lembranças da família.

— Bem, a Clave concorda com você — disse James. — Eles acreditam que o demônio está lá desde o tempo de Benedict. E embora pareça inteiramente desconectado dos ataques, sinto que temos visto um número incomum de demônios ultimamente em lugares bastante incomuns.

— 'Demônios em lugares incomuns' era o lema de Benedict — disse Matthew, jogando um pedaço de pau para Oscar. — Como sabemos o que a Clave pensa? Charles foi notavelmente de boca fechada.

— Não para mim — disse James. — Ele veio me ver esta manhã.

A expressão de Thomas escureceu.

— Não me diga que ele acredita em toda essa tolice sobre você querer ver a Srta. Blackthorn e ser recusado...?

— Ele acredita nisso — disse James, não querendo ouvir a história novamente. Ele já estava irritado por ter deixado Charles chegar até ele no que dizia respeito a Grace; é claro que Charles não sabia nada de significativo sobre ela. — Ou pelo menos, eu não consegui dar outra explicação melhor. Não posso dizer que estava vagando pelo reino das sombras. Melhor, suponho, que eles pensem que sou um louco por amor.

— Mas você mal conhece a senhorita Blackthorn — disse Christopher, mordiscando um pedaço de grama.

Os olhos de James encontraram os de Matthew. Matthew estava olhando para ele com simpatia, mas havia uma declaração clara em seus olhos verdes. *Está na hora.*

— Eu conheço Grace — disse James. — E eu a amo.

Ele explicou sobre os verões em Idris, Mansão Blackthorn ao lado e as horas que passara com Grace em Brocelind, fazendo pinturas com suas palavras para ela de Londres, a grande cidade que ela nunca tinha visto. Ele explicou que Tatiana Blackthorn o odiava e falou da advertência de Charles de que ele deveria ficar longe dos Blackthorns. Quando ele terminou, as primeiras estrelas começaram a aparecer no céu escuro.

Christopher foi o primeiro a falar.

— Eu não sabia que você estava apaixonado por alguém, James. Eu sinto muito. Eu deveria estar prestando atenção.

— Eu também não sabia — disse Thomas — e *tenho* prestado atenção.

James disse:

— Lamento não ter contado antes. Grace sempre se preocupou que sua mãe descobrisse e ficaria furiosa. Até Lucie não sabe.

Embora, ele percebeu, Cordelia sim. Nem parecera estranho lhe contar.

Thomas estava franzindo a testa.

— Minha tia Tatiana está brava. Meu pai costumava dizer isso, que sua irmã foi levada à loucura pelo que aconteceu com o pai e o marido. Ela culpa nossos pais por suas mortes.

— Mas James nunca fez nada com ela — disse Christopher, as sobrancelhas unidas.

— Ele é um Herondale — disse Thomas. — É o bastante.

— Isso é ridículo — disse Christopher. — É como se alguém tivesse sido mordido por um pato e, anos mais tarde, atirou em um pato completamente diferente e o comeu no jantar, e chamou isso de vingança.

— Por favor, não use metáforas, Christopher — disse Matthew. —Isso me deixa incomodado.

— Isso já é ruim o suficiente sem mencionar patos — disse James. Ele nunca imaginou patos desde que um o mordera no Hyde Park quando criança. — Sinto muito, Thomas. Sinto como se tivesse falhado em ajudar Barbara.

— Não — disse Thomas rapidamente. — Nós apenas começamos. Eu estava pensando - talvez você e eu e Matthew devêssemos ir para a Taverna do Diabo e dar uma olhada na coleção de livros. Existem muitos volumes que a Clave nunca encontrará na biblioteca do Instituto. Poderíamos ver se há alguma menção a essas criaturas demoníacas à luz do dia.

— E Christopher? — disse Matthew.

Christopher levantou um frasco cheio de uma substância vermelha.

— Consegui adquirir um pouco de sangue que os Irmãos do Silêncio tiraram de um dos pacientes na noite passada — disse ele com orgulho. — Pretendo misturar a ciência moderna e a magia dos Caçadores de Sombras para tentar criar um antídoto para o veneno de demônios. Henry disse que eu posso usar o laboratório dele enquanto ele estiver em Idris.

Thomas apertou os olhos.

— É melhor que não seja o sangue da minha irmã.

— É de Piers — disse Christopher — embora, pelo bem da ciência pura, não deva importar.

— E ainda assim estamos todos aliviados — disse James. — Matthew e eu podemos ir para a Fleet Street - talvez Thomas deva ajudar Christopher no laboratório?

Thomas suspirou.

— Eu sempre acabo ajudando Christopher no laboratório.

— É porque você é extraordinariamente bom em evitar explosões — disse James — e também, você pode amaldiçoar em espanhol.

— Como isso ajuda? — disse Thomas.

— Não ajuda — disse James — mas Christopher gosta. Agora...

— *James!* — Era Henry, chamando da casa.

James correu para longe. Oscar adormeceu na grama, as patas erguendo-se no ar.

Houve um curto silêncio. Matthew pegou o livro da árvore e tirou a capa.

— Grace — disse Thomas finalmente. — Como ela é? Acho que não trocamos duas palavras.

— Muito tímida — disse Matthew. — Muito quieta, parece dolorosamente assustada a maior parte do tempo, mas sempre admirada em eventos sociais.

— Isso é estranho — disse Thomas.

— Na verdade não — disse Christopher. — Os homens gostam da ideia de uma mulher que eles possam resgatar.

Tanto Matthew como Thomas olharam para ele com espanto. Ele encolheu os ombros.

— Ouvi minha mãe dizer uma vez — disse ele. — Parece verdade neste caso.

— Você acha que ela está apaixonada por James? — disse Thomas. — Porque ele parece perdido por ela. Espero que seja correspondido.

— É melhor que ela o ame de volta — disse Matthew. — Ele merece.

— Nem sempre amamos as pessoas que merecem — disse Thomas calmamente.

— Talvez não — disse Matthew. — Mas muitas vezes não amamos aqueles que não merecem, e muito certo também. — Seus dedos agarraram o livro que ele segurava com tanta força que ficaram pálidos.

Thomas colocou o dedo nos lábios. James voltou, carregando uma carta. O endereço havia sido escrito em uma mão decididamente feminina: *JH, aos cuidados de Matthew Fairchild. URGENTE.*

— Alguém te enviou uma carta aqui? — disse Thomas curiosamente. — É da Grace?"

James, que já havia escaneado as primeiras linhas, assentiu.

— Ela não queria correr o risco de me colocar em problemas com o Enclave. Ela sabia que eu estaria aqui, ou Matthew me encontraria e entregaria a mensagem.

Ele tinha certeza de que seus amigos estavam conversando sobre ele enquanto ele estava fora, mas ele não se importava: seu alívio ao ver a escrita de Grace parecia uma coisa palpável. As voltas e os rolos de sua mão eram tão familiares para ele quanto a floresta do lado de fora da Mansão Herondale.

— Então o que ela diz? — disse Matthew. — Ela adora o seu rosto e anseia por passar os dedos pelo seu cabelo bagunçado de corvo?

— Ela quer que eu a encontre hoje à noite, às dez — disse James. Ele colocou a carta no bolso, com a mente acelerada. — É melhor eu ir. Não tenho como devolver uma mensagem a ela e terei que andar - as ruas estão completamente cheias de tráfego.

— Você não pode andar até Chiswick... — Thomas protestou.

James balançou a cabeça.

— Claro que não. Ela propôs um lugar em Londres - um lugar que Matthew e eu costumávamos fazer exercícios de equilíbrio. Eu já descrevi isso para ela antes.

— Ainda assim. — Matthew parecia hesitante. — É sábio? Meu irmão é um idiota, mas se o Enclave quiser que você fique longe dos Blackthorns...

— Eu devo — disse James, não querendo explicar; ele conhecia seus amigos e eles insistiriam em ir com ele se ele o fizesse.

Melhor sair agora e deixá-los pensar que sua preocupação era puramente romântica. Ele se inclinou para esfregar a cabeça de Oscar e disse: — Thomas, Christopher, vocês lidam com o trabalho de laboratório. Matthew, eu vou te encontrar quando voltar do encontro com Grace, e iremos para o diabo.

— Eu sempre vou para o diabo — disse Matthew, com um brilho nos olhos. — Estarei na taverna à meia-noite. Junte-se a mim quando puder.

James pediu licença e saiu correndo da casa. A carta no bolso parecia bater contra o peito como um segundo coração. Repetidas vezes ele viu a última linha que Grace escrevera: Vou esperar lá e rezar para que você venha. Me ajude, James. Eu estou em perigo.

Alastair deixou Cordelia na casa de Anna com um tapinha superficial na cabeça e uma promessa de retornar pouco antes das nove horas. Como a mãe deles costumava jantar às nove, parecia para Cordelia que ele fazendo um corte arriscado, mas ele parou na carruagem antes que ela pudesse perguntar onde ele estava indo. Ela não podia dizer que estava totalmente surpresa.

Com um suspiro, Cordelia virou-se para enfrentar a Percy Street, uma pequena rua lateral perto da Tottenham Court Road. Era constituído por longas filas de casas de tijolo vermelho que pareciam praticamente iguais. Cada um tinha janelas de guilhotina, portas pintadas de branco, chaminés de tijolos, um conjunto raso de degraus e uma cerca sobre a entrada dos criados de ferro preto.

Nas escadas em frente ao número 30, uma garota estava chorando. Ela era uma garota muito na moda, em um vestido ambulante de lenço azul com enfeites de renda e acres de babados na saia. Ela usava uma fita para a cabeça enfeitada com rosas de seda e elas tremiam enquanto ela chorava.

Cordelia verificou o endereço que anotara, esperando que isso mudasse. Infelizmente, definitivamente o número 30. Ela suspirou, ergueu os ombros e se aproximou.

— Perdoe-me — disse ela, quando alcançou os degraus. A menina estava bloqueando-os completamente; não havia como educadamente passar além. — Estou aqui para ver Anna Lightwood?

A cabeça da garota se levantou. Ela era muito bonita: loira e com o rosto rosado, embora estivesse chorando.

— Quem é você então? — ela exigiu.

— Eu, ah... — Cordelia olhou mais de perto para a garota. Definitivamente um mundano: sem marcas, sem glamour. — Eu sou prima dela?

Não era bem verdade, mas parecia a coisa certa a dizer.

— Oh. — Algumas das suspeitas desapareceram do rosto da garota. — Eu - eu estou aqui porque ... bem, porque é muito, muito horrível.

— Posso perguntar sobre o problema? — Cordelia perguntou, embora ela temesse descobrir o que era, pois parecia o tipo de coisa em que ela poderia ter que encontrar uma solução.

— Anna — a menina chorou. — Eu a amava - eu ainda a amo! Eu teria dado tudo por ela, tudo isso, sociedade educada e todas as suas regras, apenas para estar com ela, mas ela me jogou fora como um cachorro na rua!

— Agora, Evangeline — disse uma voz, e Cordelia olhou para cima e viu Anna inclinada para fora de uma janela do andar de cima. Ela usava um roupão de homem em rico brocado roxo e dourado, e seu cabelo era um gorro de ondas curtas e soltas. — Você não pode dizer que foi jogada fora como um cachorro quando sua mãe, dois criados e um mordomo vieram buscá-la. — Ela acenou. — Olá, Cordelia.

— Oh, querida — disse Cordelia, e deu um tapinha gentil no ombro de Evangeline.

— Além disso, Evangeline — disse Anna. — Você vai se casar quarta-feira. Com um barão.

— Eu não o quero! — Evangeline ficou de pé. — Eu quero você!

— Não — disse Anna. — Você quer um barão. Não quer morar no meu pequeno e bagunçado apartamento. Agora vá, Evangeline, boa garota.

Evangeline explodiu em uma nova onda de lágrimas.

— Eu pensei que era a única — ela chorou. — Depois de todas as outras garotas - eu pensei que elas não significavam nada -

— Elas não significaram — disse Anna alegremente. — E você também não. Venha, Cordelia, a água já está fervida.

Evangeline soltou um gemido que fez Cordelia recuar de medo por sua vida. Ela ficou de pé, seus cachos loiros voando.

— Não vou tolerar isso! — ela anunciou. — Estou voltando!

Anna parecia alarmada.

— Cordelia, por favor, pare-a, minha senhoria odeia barulho...

Houve o som de cascos batendo ao longo da estrada, ficando rapidamente mais altos. Uma carruagem leve puxada por dois cinzas combinados atravessou a rua; uma mulher impossivelmente alta com uma saia larga e um redingote empoleirada no banco do

motorista. Ela parou rapidamente na frente da casa e virou o rosto furioso para o número 30.

— Evangeline! — ela rugiu. — Entre na carruagem neste instante!

O fogo saiu de Evangeline.

— Sim, mamãe — ela chiou e entrou na carruagem.

As plumas no chapéu da mãe de Evangeline tremiam quando ela olhou severamente para Anna, empoleirada na janela de caixilho, examinando um charuto apagado.

— Você! — ela gritou. — Você é uma desgraça! Quebrando o coração das meninas assim! Uma desgraça absoluta, senhor! Se fosse apenas um século atrás, eu deveria dar um tapa na sua cara, decididamente!

Anna começou a rir. A porta da carruagem bateu e os cavalos começaram a galopar. As rodas da carruagem guincharam quando o transporte disparou pela esquina e logo desapareceu.

Anna olhou para Cordelia agradavelmente.

— Venha — disse ela. — Estou no segundo andar e deixarei a porta aberta para você.

Sentindo-se como se tivesse sido abalada por um tufão, Cordelia subiu as escadas e entrou em uma entrada ligeiramente surrada. Uma lâmpada brilhava em uma alcova no meio dos degraus internos. O tapete estava gasto e o corrimão tão lascado que ela temia tocá-lo, e quase tropeçou nos últimos três degraus rasos.

A porta de Anna estava, como ela havia dito, aberta. O apartamento lá dentro era muito mais agradável do que Cordelia imaginara, dado o estado do corredor. Papel de parede vitoriano antigo de cores suaves em verde escuro e dourado, uma variedade aleatória de móveis que não combinavam, mas que pareciam gloriosos de qualquer maneira, como exércitos em guerra que haviam encontrado uma paz particularmente harmoniosa. Havia um sofá assustadoramente grande de veludo dourado profundo, algumas poltronas aladas com travesseiros de tweed, um tapete turco e uma lâmpada Tiffany com uma dúzia de cores de vidro. O manto da lareira estava decorado com uma infinidade de facas que haviam sido presas em ângulos estranhos, cada uma com um

punho brilhante e com joias; Em cima de uma pequena mesa perto da porta do quarto havia uma grande cobra empalhada de cores vibrantes e duas cabeças.

— Vejo que você está examinando Percival — disse Anna, gesticulando para a serpente. — Espetacular, não é?

Ela estava em frente à janela de guilhotina, olhando para fora quando o sol se pôs atrás dos telhados de Londres. O roupão dela se abriu sobre o corpo comprido e, por baixo, Cordelia podia ver que ela usava calça escura e uma camisa branca de cavalheiro. Estava desabotoada abaixo da clavícula; sua pele era apenas um tom mais escuro que a brancura da camisa, e seu cabelo, enrolado na parte de trás do pescoço, era o mesmo preto que o de James Herondale, preto, a cor da asa de um corvo.

— Ele certamente é de cores vivas — disse Cordelia.

— Ele era um presente de amor. Eu nunca cortejo garotas chatas.

Anna virou-se para olhar para Cordelia, o roupão varrendo-a como asas. Suas feições não eram o que Cordelia chamaria de bonita - ela era impressionante, impressionante, até. "Bonita" parecia muito pequena e imprecisa para Anna.

— Aquela mulher te chamou de 'senhor'? — disse Cordelia, curiosa. — Ela pensou você era um homem?

— Possivelmente. — Anna jogou o charuto na lareira. — Melhor deixar as pessoas acreditarem no que querem acreditar, na minha experiência.

Ela se jogou no sofá. Nenhum aparelho sustentava suas calças, mas, diferentemente dos homens para quem eram feitos sob medida, ela tinha quadris, e as calças ficavam penduradas neles, agarrando-se a suas leves curvas.

— Pobre Evangeline — disse Cordelia, desfazendo a alça que segurava Cortana e apoiando a espada na parede. Arrumando as saias, sentou-se em uma das poltronas.

Anna suspirou.

— Esta não é a primeira vez que tentei terminar com ela — disse ela. — Nas últimas vezes fui mais gentil, mas quando o dia do casamento se aproximava, senti que era preciso ser cruel para ser

gentil. Eu nunca quis que a vida dela fosse arruinada. — Ela se inclinou para frente, seu foco em Cordelia. — Agora, Cordelia Carstairs, conte-me todos os seus segredos.

— Acho melhor não — disse Cordelia. — Eu não te conheço muito bem.

Anna riu.

—Você é sempre tão direta? Por que você veio tomar chá se você não quisesse fofocar?

— Eu não disse que não queria fofocar. Só não sobre mim.

O sorriso de Anna se aprofundou.

— Você é uma coisinha irritante — disse ela, embora não parecesse irritada. — Oh! A chaleira.

Ela pulou em um turbilhão de brocado reluzente e se ocupou na pequena cozinha. Tinha paredes pintadas de cores vivas e uma pequena janela que dava para a fachada de tijolos do prédio em frente.

— Bem, então, se você quer fofocar, mas não quer me contar sobre você, por que não me conta sobre seu irmão? Ele é tão horrível como costumava ser na escola?

— Você foi à escola com Alastair? — Cordelia ficou surpresa; certamente Alastair teria mencionado isso.

— Não, James, Matthew e o resto dos Ladrões Alegres fizeram, e Matthew diz que ele era um desgraçado miserável e perturbou a todos eles. Sem querer ofender. Eu admito, Thomas nunca diz uma palavra ruim sobre ele. Açúcar? Não tenho leite.

— Sem açúcar — disse Cordelia, e Anna voltou para a sala com chá em uma xícara e um pires. Ela entregou a Cordelia, que a equilibrou desajeitadamente sobre os joelhos.

— Alastair é horrível — ela admitiu — mas não acho que ele queira ser.

— Você acha que ele está apaixonado? — Anna disse. — As pessoas podem ser horríveis quando estão apaixonadas.

— Não sei por quem ele se apaixonaria — disse Cordelia. — Ele mal teve tempo de se apaixonar por alguém, desde que chegamos a Londres, e duvido que tudo o que aconteceu tenha colocado alguém em um clima de paixão-

— O que seu pai fez exatamente? — Anna disse.

— O que? — Cordelia quase derramou seu chá.

— Bem, todos sabemos que ele fez algo terrível — disse Anna. — E que sua mãe veio aqui para tentar se agradar de volta à sociedade dos Caçadores de Sombras. Espero que todos não fiquem muito rígidos quanto a isso. Eu gosto bastante da sua mãe. Ela me lembra uma rainha de um conto de fadas, ou um peri de *Lalla Rookh*. Você é meio persa, não é?

— Sim — disse Cordelia, um pouco cautelosa.

— Então por que seu irmão é tão loiro? — Anna perguntou. — E você é tão ruiva - pensei que os persas eram de cabelos mais escuros.

Cordelia pousou a xícara.

— Existem todos os tipos de persas, e todos parecemos diferentes — disse ela. — Você não esperaria que todos na Inglaterra parecessem, esperaria? Por que deveria ser diferente para nós? Meu pai é britânico e muito justo, e os cabelos de minha mãe eram vermelhos quando ela era pequena. Então escureceu, e quanto a Alastair, ele pinta o cabelo.

— Ele pinta? — As sobrancelhas de Anna, curvas graciosas, subiram. — Por quê?

— Porque ele odeia que seus cabelos, pele e olhos sejam escuros — disse Cordelia. — Ele sempre fez. Temos uma casa de campo em Devon, e as pessoas costumavam olhar quando entramos na vila.

As sobrancelhas de Anna pararam de cair e assumiram um olhar decididamente ameaçador.

— As pessoas são- — Ela interrompeu com um suspiro e uma palavra que Cordelia não sabia. — Agora eu sinto simpatia por seu irmão, e essa foi a última coisa que eu queria. Rápido, faça-me uma pergunta.

—Por que você quer me conhecer? — Disse Cordelia. — Eu sou mais jovem que você e você deve conhecer muitas pessoas mais interessantes.

Anna se levantou e seu roupão de seda tremulou.

— Eu preciso me trocar — disse ela, desaparecendo no quarto. Ela fechou a porta, mas as paredes eram finas: Cordelia podia ouvi-la perfeitamente quando falou novamente. — Bem, no começo, era porque você é uma garota nova em nosso set, e eu queria saber se você era boa o suficiente para o nosso Jamie ou o nosso Matthew.

— Boa o suficiente para eles em que sentido?

— Bem, casamento, é claro — disse Anna. — Qualquer outra coisa seria escandalosa.

Cordelia cuspiu. Ela ouviu Anna rir. Ela deu uma risada suave e rica, como manteiga derretida.

— Você é muito divertida de provocar — disse ela. — Eu quis dizer bom o suficiente para conhecer os segredos deles - e os de Christopher e Tom também. Eles são meus favoritos especiais, aqueles quatro, você deve ter notado. E, bem, a atual safra de garotas em Londres é bastante terrível - é claro, Lucie é adorável, mas ela nunca encarará nenhum dos meninos como algo a não ser irmãos.

— Parece sensato — murmurou Cordelia — especialmente no caso de James.

— Eles precisam de uma musa — disse Anna. — Alguém para se inspirar. Alguém para conhecer seus segredos. Você gostaria de ser uma musa?

— Não — disse Cordelia. — Eu gostaria de ser um heroína.

Anna enfiou a cabeça para fora da porta e olhou para Cordelia por um longo tempo debaixo dos cílios escuros. Então ela sorriu.

— Eu suspeitava disso — disse ela, desaparecendo de volta para o quarto. A porta bateu com força. — É *realmente* por isso que eu a chamei aqui.

A cabeça de Cordelia estava girando.

— O que você quer dizer?

— Estamos em perigo — chamou Anna. — Todos nós, e a Clave não verá. Receio que, se medidas não forem tomadas, será tarde demais para Barbara, Piers e Ariadne. — Havia um leve tremor em sua voz. — Preciso de sua ajuda.

— Mas o que eu posso... — começou Cordelia, e parou quando ouviu a porta da frente do andar de baixo se abrir.

— Anna! — Uma voz masculina profunda ecoou na escada. Logo se juntou pelo passo dos pés correndo, e Matthew Fairchild irrompeu na sala de Anna.

8

8

EM NENHUMA TERRA ESTRANHA

Mas (quando tão triste você não pode mais triste) Chora; e por tua perda tão dolorida Iluminará o trafego da escada de Jacó Entre o céu e Charing Cross.
- Francis Thompson, “em nenhuma terra estranha”

Matthew usava um colete de brocado e um novo chapéu de seda estava na mão, embora sua cabeça estivesse nua, seus cachos despenteados. Pedras cintilantes brilhavam em seu prendedor de gravata e em seus punhos, e seu anel de sinete brilhava em sua mão.

— Anna, você não vai acreditar... — Ele parou quando viu Cordelia. —O que você está fazendo aqui?

Cordelia não tinha certeza se uma pergunta tão rude merecia uma resposta.

— Tomando chá.

Seu olhar percorreu a sala. Seus olhos eram da cor mais peculiar, verde claro em algumas luzes, mais escuro em outras.

— Não vejo Anna — ele disse, parecendo surpreso e um pouco desconfiado, como se suspeitasse que Cordelia tivesse escondido Anna no bule de chá.

— Ela está no quarto dela — disse Cordelia, o mais friamente possível.

— Sozinha? — Matthew perguntou.

— Matthew! — chamou Anna do quarto. — Não seja horrível.

Matthew foi encostar-se à porta do quarto de Anna, virando a cabeça para falar com ela através da brecha. Ficou claro que ele não se importava se Cordelia o ouviria.

— Eu já tive um dia enlouquecedor — disse ele. — James foi caluniado por Tatiana Blackthorn e meu irmão mais velho e podre é apoiando-a até o punho; James foi ao encontro com Grace. Estou aqui para ficar sem graça e tentar esquecer que coisa tola meu

parabatai está fazendo. — Ele olhou no seu relógio. — Além disso, tenho que estar na Fleet Street à meia-noite.

Anna ressurgiu, parecendo espetacular em um casaco de veludo preto, calça combinando e uma camisa de seda branca amarrada na gola. Um monóculo balançava em volta do pescoço e suas botas estavam cintilantes de preto. Entre ela e Matthew, era difícil dizer quem parecia mais ter saído de uma ilustração em *Punch* sobre a juventude glamourosa de hoje.

— Uma história terrível — disse Anna. — Devemos ir?

— Certamente — disse Matthew. — Cordelia, foi adorável, embora surpreendente, ver você.

— Não há necessidade de dizer adeus — disse Anna, calçando um par de luvas brancas. — Cordelia virá conosco. Foi por isso que a convidei aqui em primeiro lugar.

— Eu pensei que você queria tomar chá! — contestou Cordelia.

— Ninguém só quer tomar chá — disse Anna. — O chá é sempre uma desculpa para uma agenda clandestina.

— Anna, Cordelia é uma jovem boa — disse Matthew. — Ela pode não querer arriscar sua reputação ao se aliar com os Submundanos e reprovados.

— Cordelia quer ser uma heroína — disse Anna. — Não se pode fazer isso ficando em casa costurando amostras. — Os olhos dela brilhavam. — Eu estava na reunião do Enclave hoje; você não estava. Sei como o Enclave decidiu lidar com a nossa situação atual e não acho que ajude aqueles que estão atingidos ou impeça que o ataque no lago aconteça novamente.

Quando Matthew falou, a ousadia desapareceu de sua voz.

— Eu pensei que Barbara estava melhorando. Thomas disse...

— Os Irmãos do Silêncio colocaram todos os feridos para dormir — disse Cordelia, que ouvira isso de Alastair. —Eles esperam que eles se curem, mas...

— A esperança não é uma solução — disse Anna. — A Clave insiste que este foi um ataque aleatório de demônios, que ocorreu não durante o dia, mas sob nuvens. Eles fizeram patrulhas no Regent's Park.

— Não foi aleatório — disse Cordelia. — Havia mundanos no parque também - nenhum foi atacado.

— E os demônios vieram antes da cobertura das nuvens — disse Matthew. — Quando Piers caiu gritando, o sol ainda estava visível.

— Você começa a ver o problema — disse Anna. — Vários membros do Enclave fizeram essas considerações, entre eles meus pais, mas a maioria prefere pensar nisso como o tipo de problema que eles enfrentaram antes. Não é algo novo.

— E você acha que é algo novo — disse Cordelia.

— Tenho certeza disso — disse Anna. — E quando uma nova ameaça sobrenatural entra em Londres, quem é o primeiro a saber disso? *Submundanos.* Deveríamos estar fazendo perguntas no submundo. Houve um tempo em que a Clave tinha conexões com os Alto Feiticeiros, com os líderes dos clãs de vampiros e lobisomens. Com a rainha da corte Seelie. — Ela balançou a cabeça em frustração. — Eu sei que tio Will e tia Tessa fizeram tudo o que podem, mas essas alianças foram desfeitas e agora os Caçadores de Sombras só podem imaginar confiar em si mesmos.

— Entendo — disse Matthew, cujos olhos começaram a brilhar. —Vamos para o Hell Ruelle, então.

— Matthew e eu ocasionalmente assistimos a um salão artístico em um prédio pertencente ao Alto Feiticeiro de Londres — disse Anna. — Malcolm Fade.

— Malcolm Fade? — Cordelia tinha ouvido falar dele. Às vezes, altos feiticeiros das cidades eram eleitos. Às vezes, eles simplesmente reivindicavam o título. Malcolm Fade apareceu em Londres em algum lugar por volta da virada do século e anunciou que ele seria o Alto Feiticeiro quando Ragnor Fell estava saindo e ninguém havia visto Magnus Bane recentemente.

Lucie estava eletrificada, especialmente quando ele veio fazer uma ligação no Instituto e conversar com Will e Tessa. Ela disse que ele tinha cabelos cor de sal e olhos violetas, e ela estava apaixonada por ele há quase uma semana, suas cartas cheias de nada mais.

— Todo mundo do submundo que seja alguém estará lá — disse Anna. — É hora de fazermos o que fazemos de melhor.

— Beber? — disse Matthew.

— Ser charmoso — disse Anna. — Fazer perguntas. Ver o que podemos aprender. — Ela estendeu a mão enluvada. "Venha venha. Levante-se. A carruagem está lá embaixo, Matthew?

— Ao seu serviço — disse Matthew. — Você tem certeza de que quer vir, Cordelia? Será escandaloso.

Cordelia não se deu ao trabalho de responder, apenas recuperou Cortana quando eles deixaram o apartamento. Estava escuro lá fora; o ar estava frio e úmido. Uma carruagem com o brasão de armas do cônsul pintado do outro lado da porta esperava por eles no meio-fio.

Alguém deixou uma pilha de rosas com as cabeças cortadas nos degraus da frente. Evangeline, ou uma garota diferente?

— Então, que tipo de salão é esse, exatamente? — Cordelia perguntou, quando a porta da carruagem se abriu e Matthew a ajudou a entrar. Um dos criados da cônsul, um homem de meia-idade com cabelos castanhos, estava sentado impassivelmente na frente do banco.

Ela ouvira falar de salões, é claro - reuniões onde os grandes, famosos e nobres se reuniam para apreciar arte e poesia. Corria o boato de que coisas mais ousadas também aconteciam nos salões, nas sombras e nos jardins escuros, casais se reunindo para tentar onde ninguém podia vê-los.

Anna e Matthew subiram atrás dela, Anna desprezando a mão amiga de Matthew.

— Um exclusivo — disse Anna, recostando-se no banco de veludo. — Alguns dos mais famosos submundanos do mundo o frequentam."

A carruagem partiu em um clipe.

Anna disse:

— Alguns dos quais você já deve ter ouvido falar; alguns não. Alguns com reputação que não merecem - e outros com reputação que mais do que merecem.

— Eu nunca pensei que os submundanos estivessem interessados em pintura e poesia — disse Cordelia. — Mas suponho que não há razão para que não devam existir, existe? É que não são coisas que os Caçadores de Sombras fazem. Nós não criamos assim.

— Poderíamos — disse Matthew. — Simplesmente nos dizem que não devemos. Não confunda condicionamento com uma incapacidade nativa.

— Você cria, Matthew? — perguntou Cordelia, olhando-o bruscamente. — Você desenha, pinta ou escreve poesia?

— Lucie escreve — disse Matthew, seus olhos como água escura. — Eu pensei que ela escrevia para você, às vezes.

— Lucie se preocupa — disse Cordelia. — Ela não diz isso, mas eu sei que ela se preocupa, que toda a sua escrita não dê em nada, porque ela é uma Caçadora de Sombras e isso deve vir primeiro. — Ela hesitou. — O que significa 'Hell Ruelle'?

Os olhos de Anna brilhavam. Ela disse: — Reuniões acadêmicas oficiais em Paris sempre foram controladas por homens, mas os salões são um mundo governado por mulheres. Uma famosa nobre senhora sentou seus convidados artísticos em seu *ruelle* - o espaço entre sua cama, a cama de qualquer mulher, na verdade, e a parede. Um *escandaloso* local. Informalmente, um encontro artístico presidido por uma mulher passou a ser conhecido como 'ruelle'.

— Mas você disse que Malcolm Fade dirigiu este, pensei.

— Ele é dono do edifício — disse Anna. — Quanto a quem o administra, você verá em breve.

Cordelia não gostava de esperar para descobrir as coisas. Ela suspirou e olhou para a janela.

— Onde estamos indo?

— Berwick Street — disse Anna, e deu uma piscadela. — No Soho.

Cordelia não conhecia muito Londres, mas sabia que Soho era onde os boêmios vagavam. Escritores dissolutos e artistas famintos, socialistas sem dinheiro e músicos aspirantes, esfregaram os ombros com uma mistura de lojistas, comerciantes, aristocratas que

caíram no mundo e mulheres que não eram melhores do que deveriam ser.

Sempre soou muito excitante, e exatamente o tipo de lugar que sua mãe nunca a deixava ir.

— Soho — ela respirou, enquanto a carruagem abanava uma rua estreita e escura em cuja calçada as bancas de um mercado público haviam sido montadas.

Os faróis de nafta iluminavam o rosto dos donos das barracas, conversando e discutindo com os clientes sobre pratos de porcelana lascados, canecas e roupas de segunda mão. Cavalheiros - bem, eles não eram cavalheiros, provavelmente, pensou Cordelia - experimentaram casacos e jaquetas na rua, suas esposas mexendo no material e exclamando o ajuste. O açougueiro de Boswell abriu as portas e estava vendendo cortes de carne-

— O que quer que estrague antes de amanhã, querida — disse Anna, notando o olhar curioso de Cordelia - à luz do gás, havia padeiros e mercearias fazendo o mesmo. Passaram por uma loja de chá e depois pelo pub Blue Posts, com suas janelas cheias de luz.

— Aqui — disse Anna, e a carruagem parou. Eles saíram correndo e se viram na esquina de Berwick e em um pequeno beco chamado Tyler Court, afastando-se da via principal. O ar estava cheio do som das pessoas rindo e gritando, e do cheiro de nozes assadas.

Depois de uma breve e sussurrada conferência com Matthew, Anna desapareceu no beco, sua forma alta e vestida de preto se fundindo quase imediatamente com as sombras. Cordelia foi deixada sozinha com Matthew. Ele estava com o chapéu caído sobre um olho e a olhava pensativo.

Cordelia olhou para as placas da loja. Ela podia ver as silhuetas de mulheres descansando nas portas. Ela pensou na voz da mãe dizendo: *Uma mulher caída, você sabe*. Como se a garota em questão tivesse simplesmente desequilibrado.

Cordelia tentou imaginar. Beijando homens por dinheiro, fazendo mais do que apenas beijar.…

— O que você está pensando? — Perguntou Matthew.

Cordelia desviou o olhar de uma mulher com as bochechas avermelhadas, sorrindo para um homem com roupas mal ajustadas.

— O que é um lapidário? — ela perguntou, não porque ela realmente queria saber, mas porque a placa à sua frente dizia A. JONES, LAPIDARY e Matthew a estava deixando nervosa.

— Uma frase lapidária é aquela que vale a pena esculpir em pedra — disse Matthew — e preservar para sempre - um ditado sábio como 'somos poeira e sombras' ou, alternativamente, qualquer palavra que saia da minha boca.

Cordelia apontou para a placa.

— Eles vendem frases lá?

— Eles vendem objetos com frases gravadas — disse Matthew. — Por exemplo, se você deseja que palavras de amor sejam gravadas em sua aliança de casamento. Ou palavras de pesar e tristeza em seu túmulo. Para minha própria lápide, eu esperava algo um pouco grandioso.

— Você me surpreende — disse Cordelia. — Estou toda espantada.

Matthew levantou os braços no ar, o rosto brilhando nos faróis de nafta.

— Talvez um simples “Ó sepultura, onde está a sua vitória? Ó morte, onde está o teu aguilhão?” Mas isso realmente captura a luz que eu trouxe para a vida de amigos e conhecidos, a tristeza que eles sentirão quando forem extintos? Possivelmente:

Não derramou por ele a lágrima amarga Nem dê coração ao vã arrependimento.
É apenas o caixão que está aqui, A joia que o encheu ainda brilha.

A voz de Matthew havia subido; aplausos surgiram da multidão do lado de fora dos Correios quando ele terminou. Ele abaixou os braços no momento em que Anna emergiu do beco.

— Pare de tagarelar, Matthew — disse ela. — Agora venha, vocês dois, eles estão nos esperando.

Era noite profunda, a floresta profunda e escura. A bela Cordélia, montada em seu palfrey branco, galopou ao longo da estrada sinuosa que brilhava branca na graciosa luz da lua. Seu cabelo escarlate e brilhante soprou atrás dela, e seu rosto radiosamente bonito estava definido com uma determinação de aço. De repente, ela gritou. Um garanhão preto apareceu, bloqueando a estrada à sua frente. Ela puxou as rédeas, derrapando até parar com um suspiro.

Era ele! O homem da estalagem! Ela reconheceu seu rosto bonito, seus radiantes olhos verdes. A cabeça dela nadou. O que ele poderia estar fazendo aqui no meio da noite, usando calças muito apertadas?

— Minha palavra — disse ele, sua voz pesada com sarcasmo. — Fui avisado de que as mulheres do bairro eram rápidas, mas não achei que isso fosse feito literalmente.

Cordelia ofegou. A coragem dele!

— Ore, retire-se do meu caminho, senhor! Pois tenho uma missão urgente esta noite, de cuja conclusão muitas vidas dependem!

Lucie chegou ao final de sua frase - e sua fita da máquina de escrever - e bateu palmas de prazer. *Ore, retire-se do meu caminho, senhor!* Cordelia tinha tanto espírito! E faíscas estavam prestes a voar entre ela e o belo homem da estrada, que na verdade era filho de um duque, condenado por um crime que não havia cometido e forçado a ganhar a vida nas estradas. Foi tudo tão romântico...

— Senhorita Herondale? — disse uma voz suave atrás dela.

Lucie, sentada em sua mesa perto da janela, virou-se surpresa. Ela tinha esquecido de acender a luz enfeitiçada em seu quarto quando o anoitecer caía, e por um momento tudo o que ela pôde ver foi uma figura masculina em roupas escuras, parada no meio do quarto.

Ela gritou. Quando nada aconteceu, ela gritou de novo, levantou a pilha arrumada de páginas completas que ela havia deixado de lado e atirou na figura no meio do quarto.

Ele saltou para o lado agilmente, mas não o suficiente. O manuscrito o atingiu e explodiu em uma nuvem branca de papel.

Lucie alcançou a lâmpada em sua mesa. Na súbita iluminação, ela o viu claramente: cabelos pretos, tão lisos quanto os do irmão, eram selvagens e desarrumados. Olhos verdes olhavam para ela sob cílios escuros.

— Então é isso que as pessoas querem dizer quando dizem que as páginas simplesmente voaram — disse Jesse secamente, enquanto o último dos papéis caía em seus pés. — Isso foi necessário?

— Era necessário invadir meu quarto? — Lucie exigiu, com as mãos nos quadris. Ela podia sentir seu coração batendo forte e ficou um pouco surpresa consigo mesma. Não era como se ver fantasmas fosse uma ocorrência rara para ela.

Jessamine entrava e saía do quarto de Lucie com frequência: adorava olhar para as roupas de Lucie quando as tirava do guarda-roupa e para dar conselhos indesejados sobre moda. Lucie tinha quase dez anos antes de perceber - quando Rosamund e Piers Wentworth riram dela - que a maioria das meninas não tinha uma amiga fantasma incomodativa.

Jesse pegou uma página e a estava olhando criticamente.

— Muitos usos da palavra 'radiante' — disse ele. — Pelo menos três vezes na mesma página. Também 'dourado' e 'brilhante'.

— Não me lembro de pedir seu conselho — disse Lucie, levantando-se. Graças a Deus ela havia mudado para o jantar e ainda não estava sentada em seu roupão. Às vezes, ela se esquecia de se vestir quando se envolvia em uma história, as palavras voando de seus dedos. — Qual foi o último livro que você leu?

— *Grandes esperanças* — disse ele prontamente. — Eu te disse, eu leio muito. — Ele se sentou na beira da cama de Lucie - e imediatamente pulou para trás, corando. Lucie tirou as mãos dos quadris, divertida.

— Um fantasma com senso de decoro. Isso *é* engraçado.

Ele olhou para ela sombriamente. Ele realmente tinha um rosto muito atraente, ela pensou. Seus cabelos pretos e olhos verdes faziam um contraste invernal contra sua pele pálida. Como escritora,

era preciso prestar atenção a essas coisas. As descrições foram muito importantes.

— Existe realmente um propósito em minha vinda para cá — disse ele.

— Além de zombar e me humilhar? Estou tão feliz!

Jesse ignorou isso.

— Minha irmã e seu irmão marcaram um encontro secreto esta noite...

— Oh, pelo anjo. — Foi a vez de Lucie se sentar pesadamente na beira da cama. — Isso é terrivelmente estranho.

Antes que Jesse pudesse dizer outra palavra, a porta do quarto se abriu e o pai de Lucie ficou no limiar, parecendo alarmado.

— Lucie? — ele disse. — Você chamou? Eu pensei ter ouvido você.

Lucie ficou tensa, mas a expressão nos olhos azuis de seu pai não mudou - uma leve preocupação misturada com curiosa perplexidade. Ele realmente não podia ver Jesse.

Jesse olhou para ela e, muito irritante, encolheu os ombros, como se dissesse, *eu lhe disse*.

— Não, papai — disse ela. — Está tudo bem.

Ele olhou para as páginas do manuscrito espalhadas por todo o tapete.

— Bloqueio de escritor, Lulu?

Jesse levantou uma sobrancelha. *Lulu?* ele murmurou.

Lucie pensou se era possível morrer de humilhação. Ela não se atreveu a olhar para Jesse. Ela olhou diretamente para o pai. Ele ainda parecia preocupado.

— Algo está errado, papai?

Will balançou a cabeça. Lucie não conseguia se lembrar de quando os fios brancos em suas têmporas apareceram, salgando o cabelo preto.

— Há muito tempo — ele disse — fui eu quem avisou a Clave que algo terrível estava por vir. Uma ameaça que não sabíamos como enfrentar. Agora *sou* a Clave e ainda não consigo convencer aqueles que estão ao meu redor de que mais medidas devem ser tomadas do que simplesmente colocar patrulhas em um parque.

— Isso é realmente tudo o que eles estão fazendo?

— Sua mãe acredita que a resposta pode ser encontrada na biblioteca — disse Will, passando os dedos distraidamente pelos cabelos. As costas das mãos de seu pai estavam marcadas por um ataque demoníaco que acontecera anos atrás, quando Lucie era criança. — Seu tio Jem acredita que os feiticeiros podem ter algum conhecimento útil escondido em seu Labirinto Espiral.

— E no que você acredita? — disse Lucie.

— Acredito que sempre haja quem fique vigilante e busque a verdade em vez de respostas fáceis — disse ele, com um sorriso que Lucie poderia dizer que era mais para ela do que para si mesmo. — Enquanto isso, estarei com sua mãe na biblioteca. Ainda estamos na seção *A* do livro de *Demônios Incomuns*. Quem sabia que havia uma criatura parecida com verme chamada Aaardshak, comum no Sri Lanka?

— Cordelia, talvez — disse Lucie. — Ela esteve em todo lugar. — Ela fez uma careta. — É egoisticamente horrível se preocupar que todo esse negócio atrase nossa cerimônia *parabatai*? Sinto que serei uma Caçadora de Sombras melhor quando estiver pronta. Você não era um, depois de se tornar *parabatai* com o tio Jem?

— Um Caçador de Sombras melhor e um homem melhor — disse Will. — Tudo de bom em mim, aprendi com Jem e sua mãe. Tudo o que quero para você e Cordelia é ter o que eu tive, uma amizade que moldará todos os seus dias. E nunca se separar.

Lucie sabia que seus pais haviam feito grandes feitos que se tornaram histórias famosas de Nephilim, mas sofreram demais. Lucie havia decidido há muito tempo que viver em uma história seria terrivelmente desconfortável. É muito melhor escrevê-las e controlar a história, para que nunca seja muito triste ou assustador, apenas o suficiente para ser intrigante.

Will suspirou.

— Durma um pouco, *fy nghariad bach*. Espero que nossos moradores de enfermaria fiquem melhores amanhã.

A porta se fechou atrás de seu pai, e Lucie olhou ao redor do quarto sombrio. Onde estava o fantasma dela?

— Bem, isso foi interessante — disse Jesse em uma voz pensativa.

Lucie se virou e olhou para Jesse, que estava sentado no parapeito da janela, toda a pele pálida e sobrancelhas escuras como cortes no rosto. Ele não refletiu contra as vidraças. Eles estavam pretos e vazios atrás dele.

— Você tem sorte de eu não ter dito a ele que você estava aqui — disse ela. — Ele teria acreditado em mim. E se ele pensasse que havia um menino no quarto da filha, ele teria descoberto como rasgá-lo membro a membro, mesmo que não pudesse vê-lo.

Jesse não parecia particularmente preocupado.

— Como ele te chamou? Quando ele estava saindo da sala?

— *Fy nghariad bach*. Significa 'minha querida' em galês. 'Minha queridinha.' Ela o olhou desafiadoramente, mas ele não parecia inclinado a zombar dela.

— Minha mãe fala frequentemente de seu pai — disse ele. — Eu não pensei que ele seria assim.

— Como o quê?

O olhar dele se afastou do dela.

— Meu próprio pai morreu antes de eu nascer. Pensei que talvez o visse quando morresse, mas não o vi. Os mortos vão para algum lugar distante. Eu não posso segui-los.

— Por que não? — Lucie certa vez perguntou a Jessamine o que aconteceu depois que um morreu: Jessamine respondeu que não sabia, que os fantasmas do limbo não habitavam a terra dos mortos.

— Estou preso aqui — disse Jesse. — Quando o sol nasce, eu entro na escuridão. Eu não estou consciente novamente até a noite. Se existe uma vida após a morte, nunca a vi.

— Mas você pode falar com sua irmã e mãe — disse Lucie. “Eles devem saber o quão estranho tudo isso é. Mas eles mantêm isso em segredo? Grace já contou a James?

— Não — disse Jesse. — Os Blackthorns estão acostumados a guardar segredos. Foi só por acidente que descobri que Grace estava encontrando seu irmão hoje à noite. Eu a vi escrevendo para James, embora ela não soubesse que eu estava lá.

— Oh, sim, o encontro secreto — disse Lucie. — Você está preocupado que Grace seja arruinada?

Era dolorosamente fácil para uma jovem ser "arruinada" - sua reputação destruída se fosse encontrada sozinha com um cavalheiro. A mãe sempre esperava que o cavalheiro fizesse a coisa certa e se casasse com a dama, em vez de condená-la a uma vida de vergonha, mesmo que ele não a amasse, mas estava longe de ser uma coisa certa. E se não o fizesse, alguém poderia ter certeza de que nenhum outro homem chegaria perto dela. Ela nunca se casaria.

Lucie pensou em Eugenia.

— Nada tão trivial — disse Jesse. — Você conhece as histórias do meu avô, tenho certeza?

Lucie levantou uma sobrancelha.

— Aquele que se transformou em um grande verme por causa da varíola demoníaca, e foi morto por meu pai e tios?

— Eu temia que seus pais não a considerassem o tipo de história adequado para os ouvidos de uma jovem — disse Jesse. — Vejo que foi uma preocupação ociosa.

— Eles contam isso todo Natal — disse Lucie presunçosamente.

Jesse se levantou. Lucie não pôde deixar de olhar para o espelho sobre a vaidade, onde podia ver o reflexo de seu próprio rosto, mas não Jesse. Uma garota em uma sala vazia, falando sozinha.

— O avô Benedict se envolveu com muita magia das trevas — disse ele. — E o relacionamento dele com os demônios... — Ele estremeceu. — Quando ele morreu, ele deixou um demônio Cerberus para trás na estufa. Seu mandato é proteger nossa família.

— O demônio que James viu na estufa? Mas ele matou. E quando o Enclave vasculhou o local, não encontrou nada.

— O Cerberus foi criado com uma certa planta demoníaca — disse Jesse. — Quando mortos, lançam vagens que inicialmente parecem inofensivas. Depois de algumas horas, eles eclodem e se tornam novos demônios Cerberus. A essa altura, eles já teriam crescido.

Lucie sentiu um calafrio.

— O que você teme?

— Grace saiu de casa sem o conhecimento de minha mãe - de fato, contra suas ordens expressas. Os recém-chegados demônios Cerberus teriam percebido. Meu avô incutiu-lhes o mandato de proteger nossa família. Eles vão procurar Grace e recuperá-la. — disse Jesse.

— Mas como você pode ter certeza? Por que os novos demônios herdariam o mandato dos antigos?

— Eu li nos jornais do meu avô — disse Jesse. — Ele esperava criar um demônio obediente que desse à luz novos demônios quando mortos - aqueles que lembrariam tudo que seu progenitor conhecia. Acredite, eu nunca pensei que o plano dele realmente *funcionaria*. O avô estava louco como chapeleiro. Mas quando me dei conta do que estava acontecendo, já era tarde demais.

— Mas... — Lucie murmurou. — Eles vão prejudicar Grace?

— Não. Eles a consideram uma Blackthorn. Mas se o Herondale - se seu irmão estiver com ela, eles o considerarão um inimigo. Ele matou o progenitor na estufa. Eles vão atacá-lo, e não será tarefa fácil afastar um grupo de demônios Cerberus sozinho.

James não apenas estaria sozinho, Lucie nem tinha certeza de que ele estava armado.

— O que sua mãe sabe disso? Certamente ela não poderia querer um demônio em sua propriedade...

— Minha mãe se ressente dos Caçadores de Sombras, e não sem razão. Acho que ela sempre se sentiu protegida pela presença do Cerberus na estufa. — Jesse suspirou. — Para ser sincero, nem tenho certeza de que ela saiba sobre os novos demônios. Eu só descobri o que havia acontecido quando os vi saindo da mansão e, como fantasma, não consegui detê-los. — Sua voz estava cheia de frustração. — Eu nem consegui encontrar minha mãe para avisá-la do que está acontecendo.

Balançando a cabeça, Lucie caiu de joelhos na frente do baú, aos pés da cama que segurava seu armamento. Ela abriu. Poeira inchada: dentro havia pilhas de punhais, lâminas serafins, facas, correntes, dardos e outros itens, todos envoltos delicadamente em veludo dobrado.

Silenciosamente, Jesse apareceu ao lado dela.

— Os demônios Cerberus não são pequenos. Você pode querer trazer mais alguns soldados de infantaria.

— Eu estava pensando nisso — disse Lucie, tirando um machado pequeno de seu tronco. — O que você vai fazer enquanto isso?

— Tentar localizar minha mãe e mandá-la atrás de Grace. Ela pode dizer aos demônios Cerberus para se retirarem; eles vão ouvi-la. Você tem alguma ideia de onde James e Grace estão se encontrando?

Lucie puxou uma sacola que continha várias adagas e lâminas serafins do porta-malas e a colocou por cima do ombro.

— Você quer dizer que não sabe?

— Não, não vi toda a carta - disse Jesse. — Você acha que pode encontrá-los?

— Certamente vou tentar. — Lucie levantou-se, machado na mão. —Deixe-me dizer uma coisa, Jesse Blackthorn. Sua mãe pode ter motivos para se ressentir dos Caçadores de Sombras, mas se seus ridículos demônios machucarem meu irmão, não terei piedade. Vou espancá-la até a morte com seu próprio chapéu estúpido.

E com isso, ela abriu a janela do quarto, arrastou-se para a borda e caiu silenciosamente na noite.

9

VINHO MORTAL

Sem crescimento de charneca ou talhadia, Nenhuma flor de urze ou videira, Mas botões de papoilas sem flores, Uvas verdes de Proserpine, Camas pálidas de juncos Onde nenhuma folha floresce ou cora Salve este onde ela esmagar Para os homens mortos vinho mortal.

—Algernon Charles Swinburne, “O Jardim de Proserpina”

Cordelia e Matthew foram apenas um pouco pelo beco antes de uma porta se erguer na frente deles. Brilhava na lateral de uma parede de aparência desgastada, e Cordelia suspeitava que, para os mundanos, a abertura não seria visível.

Dentro havia um corredor estreito cujas paredes eram pesadas tapeçarias de tecido vermelho penduradas do teto ao chão, obscurecendo o que havia por trás deles. No final do corredor havia outra porta, também pintada de vermelho.

— Quando este lugar não é o lar do salão, é uma casa de jogos — Matthew sussurrou para Cordelia quando eles se aproximaram da porta. — Existe até um alçapão no telhado, para que, se eles forem invadidos pela polícia, os jogadores possam escapar sobre os beirais.

A porta foi aberta de repente. Descansando no espaço revelado, havia um homem alto, de paletó e calça cinza-ferro. Na penumbra, seus cabelos pareciam totalmente brancos. Cordelia pensou que ele devia estar na casa dos sessenta, pelo menos, mas quando eles se aproximaram, ela percebeu que seu rosto era jovem e afiado, seus olhos roxos.

Deve ser Malcolm Fade, Alto Feiticeiro de Londres. A maioria dos bruxos tinha uma marca que os diferenciava, um sinal físico de

seu sangue demoníaco: pele azul, chifres, garras feitas de pedra. Os olhos de Malcolm eram certamente um tom sobrenatural, como ametistas.

— Três de vocês desta vez? — ele disse para Anna.

Ela assentiu.

— Três.

— Tentamos limitar o número de Caçadores de Sombras no salão — disse Malcolm. — Prefiro que os Nephilim se sintam em menor número entre os Submundanos, pois é sempre o contrário. — A voz de uma mulher chamou por trás dele: Malcolm não se virou, mas sorriu. — Vocês animam o lugar, como Hypatia me lembra. — Ele abriu a porta e se afastou para permitir que eles entrassem. — Entre. Vocês estão armado? Não importa, é claro que vocês estão. Vocês são Caçadores de Sombras.

Anna passou pela porta e depois Matthew, Cordelia por último. Quando ela passou por Malcolm, ele olhou para o rosto dela.

— Não existe sangue Blackthorn em sua família, existe? — ele perguntou de repente.

— Não, acho que não — disse Cordelia, surpresa.

— Bom. — Ele os conduziu.

No interior, o salão era uma série de quartos interconectados, decorados em tons de joias em chamas de vermelho e verde, azul e dourado. Eles se mudaram para um corredor pintado de bronze e entraram em uma sala octogonal cheia de submundanos. Conversas e risadas surgiram sobre eles como uma maré.

Cordelia sentiu seu coração palpitar um pouco - havia algo naquela noite que parecia perigoso, e não porque ela estava em uma sala cheia de Submundanos. O fato de nenhum deles estar tentando esconder isso fez com que parecesse menos preocupante. Vampiros perseguiam orgulhosamente, seus rostos brilhando na luz elétrica; lobisomens rondavam as sombras em elegantes vestidos de noite. Havia música saindo de um quarteto de cordas em um palco elevado de cerejeira no centro da sala. Cordelia vislumbrou um belo violinista com os olhos verde-dourados de um lobisomem e um clarinetista com cachos ruivos, suas panturrilhas terminando nos cascos duros de uma cabra.

As paredes eram de um azul profundo, e enormes pinturas emolduradas pendiam sobre eles, representando cenas da mitologia. Pelo menos, Cordelia pensava que eram cenas da mitologia. Normalmente, quando as pessoas estavam nuas em pinturas, ela descobriu que era porque o pintor acreditava que os gregos e romanos não tinham necessidade ou uso de roupas. O que Cordelia achou intrigante, especialmente quando os sujeitos estavam envolvidos em atividades como combater minotauros ou lutar contra serpentes. Qualquer Caçador de Sombras sabia que em uma batalha, equipamentos que cobriam seu corpo eram cruciais.

— Simplesmente não consigo entender por que alguém gostaria de fazer um piquenique nu — disse Cordelia. — Haveria formigas em lugares terríveis.

Anna riu.

— Cordelia, você é uma lufada de ar fresco — disse ela, quando uma mulher de cabelos escuros os abraçava, carregando uma bandeja de prata.

Seu cabelo preto estava enrolado em um pente de marfim pendurado com peônias de seda, e seu vestido bordado era profundamente vermelho. Brilhando sobre a bandeja estavam copos de cristal cheios de líquido brilhante.

— Champanhe? — ela disse, e enquanto sorria, o brilho dos dentes de presas apareceu contra seu lábio inferior. Um vampiro.

— Obrigado, Lily — disse Anna, pegando um copo. Matthew fez o mesmo e, após um momento de hesitação, Cordelia o seguiu. Ela nunca tinha tomado champanhe, nem nada parecido - segundo a mãe, as mulheres bebiam apenas licores doces como xerez e ratafia.

Matthew bebeu o champanhe de uma só vez, colocou o copo vazio de volta na bandeja de Lily e tomou outro. Cordelia ergueu o copo enquanto passava uma feiticeira elegante, com um anel de penas em volta do pescoço, passando de braços dados por um vampiro loiro em um vestido vermelho-granada. Ela era adorável e pálida como a neve nova: Cordelia pensou nas mulheres mundanas que pagavam para ter o rosto esmaltado em branco para preservar a juventude e manter a palidez da moda.

Eles deveriam se tornar vampiros, ela pensou. Seria menos caro.

— O que é esse seu pequeno sorriso? — Matthew perguntou. — Você parece que está prestes a rir.

Cordelia tomou um gole de champanhe - tinha gosto de bolhas arejadas - e o encarou maliciosamente.

— O que é que tem?

— A maioria das meninas teria medo — disse ele. — Quero dizer, não Anna. Ou Lucie. Mas a maioria.

— Eu não me assusto facilmente — disse Cordelia.

— Estou começando a sentir isso. — Ele olhou para Anna e Lily: a vampira estava rindo, com a cabeça perto da de Anna. — Anna pode seduzir qualquer um — disse Matthew a Cordelia, em voz baixa. — Qualquer um. É o talento dela.

— Não é meu único talento, espero — disse Anna, erguendo os olhos quando Malcolm Fade reapareceu. Ele apontou para Lily com um aceno de desprezo; Lily voou em um turbilhão de seda.

— Hypatia deseja vê-la, Anna — disse Malcolm. — Ela tem um amigo que está de fora da cidade que pediu para conhecê-la.

Anna deu um sorriso curvado.

— E esse amigo está visitando de onde?

— À beira-mar — disse Malcolm. — Venha, você sabe como Hypatia fica.

Anna deu uma piscadela para Cordelia e Matthew e virou-se para seguir Malcolm por uma passagem coberta de papel de parede adamascado. Eles estavam rapidamente fora de vista.

— Ela é tão bonita — disse Cordelia. — Anna, eu quero dizer.

— Anna tem uma qualidade. — Matthew levantou uma sobrancelha pensativa. — Os franceses chamariam isso de *jolie laide*.

Cordelia sabia francês o suficiente para franzir a testa.

— Bonito feio? Ela não é feia!

— Não significa isso — disse Matthew. — Significa extraordinariamente bonito. Estranhamente bonito. Isso denota ter um rosto com caráter. — O olhar dele viajou do topo dos cabelos dela até as pontas dos sapatos. — Como você tem.

Ele estendeu a mão para pegar uma taça de champanhe em uma bandeja de passagem enquanto o belo lobisomem do quarteto de cordas passava com um sorriso. De alguma forma, Matthew havia bebido o que tinha e descartado com velocidade e discrição impressionantes. Ele tomou um gole do novo e encontrou os olhos de Cordelia sobre a borda.

Cordelia não tinha muita certeza de como se sentia ao ser chamada de "bonita feia", mas havia questões mais importantes em mãos. Ela não sabia quando voltaria a ficar sozinha com Matthew. Ela disse: — Você se lembra de como eu perguntei sobre sua mãe no baile?

— Eu sempre gosto de pensar em minha mãe nessas festas — disse ele.

Ela tomou outro gole de champanhe e tentou conter um soluço.

— Sua mãe é a cônsul — continuou ela.

— Eu tinha notado isso, sim.

— E ela está atualmente em Idris, onde eles estão se preparando para levar meu pai a julgamento. — Os olhos dele se estreitaram.

— Eu pensei — Ele balançou a cabeça. Um grupo de bailarinas vampiras olhou para eles e riu. — Deixa para lá. eu penso demais e eu bebo demais. Esse é sempre o meu problema.

— Há algo que eu não entendo — disse Cordelia. — Por que eles ainda não experimentaram meu pai com a Espada Mortal? Então eles teriam provas de que ele é inocente.

Matthew pareceu levemente surpreso.

— De fato. Não faz muito sentido possuir um objeto mágico que força o detentor a dizer a verdade se você não o usar em julgamentos criminais.

A palavra "criminoso" ainda sacudia Cordelia até os ossos.

— Temos muita pouca informação, mas meu irmão tem amigos em Idris. Ele ouviu que eles não planejam usar a Espada Mortal no julgamento. Você acha que poderia convencer sua mãe de que eles devem?”

Matthew havia comprado outra bebida, possivelmente de um vaso de plantas. Ele a estava observando por cima da borda do

copo. Cordelia se perguntou quantas pessoas viram Matthew sorrindo por causa de uma bebida e não conseguiu vê-lo observando-os com aqueles olhos verde-escuros.

— Você está muito chateada com isso, não está? — ele disse.

— É a minha família — disse ela. —Se meu pai for considerado culpado, não o perderemos, seremos como os Lightwood após a morte de Benedict. Tudo o que temos será retirado de nós. Nosso nome será desonrado.

— Você se importa tanto? Sobre desgraça?

— Não — disse Cordelia. — Mas minha mãe e meu irmão sim, e eu não sei se eles sobreviveriam.

Matthew colocou o copo em uma mesa lateral de marchetaria.

— Tudo bem — disse ele. — Vou escrever para minha mãe em Idris.

O alívio foi quase doloroso.

— Obrigada — disse Cordelia. — Mas peça para ela escrever de volta para Lucie, no Instituto. Não quero que minha mãe veja a resposta antes de mim, caso ela diga não.

Matthew fez uma careta.

— Minha mãe não... — Ele parou, olhando para ela, onde Lily acenou do outro lado da sala. — Esse é o sinal de Anna — disse ele. — Nós devemos ir.

Cordelia sentiu uma leve inquietação.

— Ir aonde?

— No coração de tudo — disse Matthew, apontando para o corredor de papel adamascado que Anna havia desaparecido antes. — Prepare-se. Os feiticeiros podem ser tão complicados quanto as fadas se eles se empenharem nisso.

Curiosa, Cordelia seguiu Matthew pelo corredor. Lanternas de papel iluminavam o caminho. No final da passagem havia um armário de ébano esculpido, uma série de curiosidades espalhadas sob o vidro. Matthew deu um toque brincalhão no copo.

O armário girou para dentro.

Dentro havia uma gruta de ouro. A sala inteira brilhava, do teto pintado ao chão, onde o tapete brilhava como se fosse papel de seda. Havia mesas de madeira dourada com todos os tipos de

tesouros: pássaros mecânicos incrustados com lápis e ouro, manoplas e lâminas de delicado acabamento de fada, uma caixa de madeira polida decorada com o símbolo de um *ourobouros* - uma serpente mordendo a própria cauda - e uma maçã esculpida um único rubi. No final da sala, havia uma cama de dossel do tamanho de todo o quarto de Cordelia em casa, incrustada em cobre e latão, coberta por dezenas de almofadas de pano de ouro. Sentada na beira da cama, como se fosse um trono, havia uma mulher, uma bruxa elegante que parecia artisticamente modelada com materiais encantados: sua pele de mogno, seu cabelo bronze, seu vestido de um ouro cintilante.

Cordelia hesitou no limiar. Havia outras pessoas na sala além da feiticeira: Malcolm Fade e Anna Lightwood, descansando sozinhos em um sofá de madeira de nogueira e veludo dourado, as pernas compridas penduradas nos braços delgados de madeira.

Malcolm Fade sorriu.

— Bem-vindos, pequenos Caçadores de Sombras. Poucos de seu tipo já viram as câmaras internas de Hypatia Vex.

— Ela é bem-vinda, eu me pergunto? — perguntou Hypatia, com um sorriso felino. — Deixe-a se aproximar.

Cordelia e Matthew avançaram juntos, Cordelia movendo-se cautelosamente em torno das cadeiras e mesas rococós, brilhando com dourado e pérolas. De perto, as pupilas dos olhos de Hypatia Vex tinham a forma de estrelas: sua marca de feiticeira.

— Não posso dizer que me importo com a ideia de tantos Nephilim infestando meu salão. Você é interessante, Cordelia Carstairs?

Cordelia hesitou.

— Se você tem que pensar sobre isso — disse Hypatia — então não é.

— Isso dificilmente faz sentido — disse Cordelia. — Certamente, se você não pensa, você não pode ser interessante.

Hypatia piscou, criando o efeito de estrelas se apagando e acendendo como lâmpadas. Então ela sorriu.

— Suponho que você possa ficar um momento.

— Bom trabalho, Cordelia — disse Anna, balançando as pernas na beira do sofá. — Arabella, como estão as bebidas?

Cordelia virou-se para perceber que uma mulher feérica com cabelos azuis e verdes também estava na sala. Ela estava de pé em uma alcova, parcialmente escondida: diante dela havia um aparador onde ela misturava bebidas. As mãos dela acenaram no ar, como frondes na água, jarras e frascos de cristal cheios de líquido vermelho e espalhando-os em uma variedade de taças e flautas.

Os olhos de Cordelia se estreitaram.

— Já prontas, querida! — Arabella disse, e se aproximou para distribuir bebidas.

Matthew aceitou uma bebida com entusiasmo. Cordelia notou que Arabella andava com um balanço instável, como se fosse uma marinheira não acostumada a pisar na terra.

Quando Arabella deu a Anna sua bebida, Anna colocou Arabella em seu colo. Arabella riu, levantando os calcanhares franceses. Suas pernas estavam chocantemente nuas e cobertas por um leve padrão iridescente de escamas. Eles brilhavam na luz dourada como um arco-íris.

Uma sereia. Portanto, esta era a "amiga de Hypatia à beira-mar". Eles eram um tipo de fada raramente visto fora da água, pois suas pernas humanas faziam com que a dor continuasse.

Arabella notou o olhar de Cordelia e encolheu os ombros, os ombros se movendo fluidamente sob suas pesadas massas de cabelo azul e verde.

— Não estou em terra há muitos anos. A última vez que visitei esta cidade feia, os Submundanos e Caçadores de Sombras estavam tentando formar os Acordos. Eu não estava muito impressionada com Nephilim na época e não gosto mais de Caçadores de Sombras desde então. Ainda assim, exceções podem ser feitas.

Antes da formação dos Acordos. Esta mulher não estava na terra há mais de trinta anos.

Arabella se inclinou para Anna enquanto falava, e os dedos cicatrizados de Anna flutuavam agilmente pelas ondas do cabelo da sereia. Peixes minúsculos, pequenos como fagulhas de um fogo e

azul brilhante, se mexiam quando perturbados e pulavam de fio em fio, perseguindo os movimentos de Anna.

— Meu amor, seu cabelo é como um lindo riacho — murmurou Anna. — Porque há peixes nele.

Aparentemente, Anna poderia seduzir várias pessoas em uma noite. Arabella corou e saltou para pegar mais bebidas do aparador.

— Nós sabemos por que Anna trouxe *você*, Matthew — disse Malcolm. — Você é divertido. Mas há uma razão para esta jovem Carstairs estar acompanhando vocês hoje à noite?

— Porque precisamos da sua ajuda — disse Cordelia.

Todos na sala riram. Malcolm sorriu e ergueu o copo vazio para Cordelia como se ela tivesse feito uma piada particularmente boa; Arabella estava ainda no aparador, espalhando flores em duas taças de vinho e cantarolando.

Anna e Matthew pareciam magoados.

— Magnus Bane iria ajudá-los — disse Hypatia, as estrelas em seus olhos brilhando. — É por isso que eles vieram. Magnus os fez acreditar que um feiticeiro sempre os ajudaria.

— Magnus não está aqui — disse Malcolm. Seu olhar estava distante. — Não tenho má vontade, criança, mas amei uma Caçadora de Sombras uma vez e isso me trouxe apenas tristeza.

— Ela se tornou uma irmã de ferro e partiu o coração dele — disse Hypatia.

— Oh — disse Cordelia, surpresa. As Irmãs de Ferro eram ainda mais secretas que os Irmãos do Silêncio. Elas transformavam *adamas* em armas rúnicas para os Nephilim de sua fortaleza oculta. Eles fizeram isso por mil anos. Como os Irmãos do Silêncio, elas não se casavam e tinham a responsabilidade de colocar feitiços de proteção nos bebês Caçadores de Sombras quando nasceram. Ninguém que não pertencia a sua irmandade foi permitido na Cidadela Adamant. Somente as mulheres podiam escolher ser irmãs de ferro, embora parecesse tão solitário para Cordelia quanto a Irmandade Silenciosa.

— Isso parece muito triste.

— De fato — disse Malcolm. — Nosso tipo e o seu são melhores separados, independentemente do que Bane possa dizer.

— Eu não conheci Bane — disse Hypatia, batendo as unhas douradas. — Antes de deixar Londres pela última vez, ele ajudou os Nephilim, mas eles se lembram de sua graciosidade ou apenas esperam ajuda ao primeiro sinal de problemas? Deixei você ir ao meu salão porque me diverte, Matthew Fairchild. Porque você é uma criança - uma criança tola e bonita, que toca o fogo porque é adorável e esquece que o queimará. Não presuma que isso significa que você pode pedir favores.

— Pode ser divertido para você descobrir o que eles querem — sugeriu Anna.

— Como se você já não soubesse — disse Hypatia, mas o olhar que ela deu a Anna foi agradável, e Anna sorriu.

— E se nós fizemos algo para você? — Disse Cordelia. Arabella estava dando voltas, colocando suas bebidas enfeitadas com flores na frente dos feiticeiros. Malcolm ergueu o dele e o olhou como se esperasse encontrar consolo no fundo. Apressadamente, Cordelia disse: — E se eu salvasse suas vidas?

Dessa vez eles não riram. Eles simplesmente olharam.

— Encantador — disse Hypatia. — Mas não estamos em perigo.

— Eu discordo — disse Cordelia.

Ela desembainhou Cortana. Toda luz brilhante na sala pegava fogo ao longo da lâmina.

Cordelia atingiu a flauta de cristal de Hypatia com um golpe de sua lâmina. A flauta explodiu, enviando copo e vinho em todas as direções. Arabella deu um grito indignado e Cordelia balançou a espada para apontar diretamente para ela.

— É uma pena — disse Cordelia. — Eu nunca conheci uma sereia antes. Eu gostaria que você não tivesse sido uma envenenadora.

Matthew, que já havia esvaziado o copo, colocou-o sobre a mesa com um baque alto.

— *Veneno?*

— Apenas para os feiticeiros — disse Cordelia. — Era eles que ela estava tentando matar.

Hypatia parecia indignada.

— Posso perguntar de onde você chegou a essa conclusão selvagem?

— Minha mãe sabe muito sobre plantas medicinais e compartilhou seu conhecimento comigo — disse Cordelia. — Há uma planta cultivada pelas sereias, uma variedade subaquática de cabeceira mortal, que eles não vendem nem nos mercados de sombra. Um gosto é a morte. Eu a vi espalhar as flores em seus copos.

Malcolm Fade acenou com a mão sobre sua própria xícara. Faíscas roxas acordaram e dançaram em seu copo. A mancha de vinho tinto no tapete se desenrolou como uma flor e virou fumaça roxa. Hypatia olhou para a flauta quebrada como se tivesse se transformado em rato.

— Eu era criança na Cornualha há muito tempo, onde a *atropa beladona* cresce selvagem — disse Malcolm calmamente. — Sou especialista no uso de *sombra noturna* mortal e já vi seu primo mortal *mar noturno* antes. Carstairs está certa. Ela salvou nossas vidas.

— Pegue a sereia — disse Hypatia entre os dentes.

Anna já estava de pé e fora da cadeira, com a adaga na mão, seus movimentos leves como os de um gato. Arabella estava mexendo no corpete, com os dentes à mostra, mas Anna pegou o pulso dela, torcendo-o com força. Um item caiu dos dedos de Arabella e rolou sobre o tapete dourado: era o chifre de uma criatura marinha, afiada até um ponto mortal.

— Deixe-me terminar minha vida — Arabella sibilou, contorcendo-se, mas Anna continuou a prender a prisioneira com um braço em volta do pescoço. Runas queimavam ao longo do braço esbelto e nu de Anna; a adaga na outra mão brilhava como diamantes. — Deixe-me morrer com honra como as pessoas do mar.

— Honra? Não há honra no veneno. É um truque de covarde — disse Hypatia. — Você pretendia envenenar eu e Malcolm Fade. E para que fim? Que poder você procura?

— Ela busca vingança — disse Malcolm. — Eu ouvi falar de você, Arabella. Você se considerou insultada pelos Nephilim anos

atrás. Deve ter sido um assunto muito maior do que qualquer um de nós imaginou, pois quando Hypatia lhe disse que eles estavam aqui hoje à noite, você tentou pagá-los. — Os olhos dele se estreitaram. — Hypatia e eu estaríamos mortos - feiticeiros envenenados por Caçadores de Sombras, você diria. Todo o submundo em Londres estaria atrás de sangue Nephilim.

Com o rosto como pedra, Hypatia pegou um pequeno sino de ouro e o sacudiu; o toque ecoou pela sala. Uma garota de fada de pele azul com dedaleira no cabelo enfiou a cabeça pela porta.

— Você ligou, senhora?

A boca de Hypatia era uma linha tensa.

— Hyacinth. Peça aos guardas que levem essa sereia e a coloque na adega.

— Por favor, reconsidere colocar um envenenador na adega — disse Matthew. — Eu imploro a você, pelo bem de minhas futuras visitas.

Hypatia acenou com a mão.

— Coloque-a na sala dos sussurros, então. Ela não deveria poder causar nenhum problema lá; nós a levaremos para o Labirinto Espiral em breve.

— E depois? — disse Cordelia quando dois trolls vestindo casacos com trança dourada entraram, separaram Arabella das garras de Anna e escoltaram a sereia sibilante para fora da sala. — O que acontece com ela?

— Um julgamento — disse Hypatia. — Um assunto do Submundo que não lhe interessa. Será justo. Os submundanos são sempre justos.

— Então você deve ter pouco problema em oferecer assistência à Cordelia — disse Anna, limpando a poeira dos punhos. — Como ela salvou sua vida.

— Anna está certa — disse Malcolm. — Uma dívida é uma dívida. Com o que você deseja ajuda, Nephilim?

Cordelia deixou Matthew contar a história; o piquenique, a visão de James do reino das sombras, os demônios que chegaram à luz do dia, os Caçadores de Sombras feridos e o veneno que os Irmãos do Silêncio não puderam curar.

— Seu amigo viu uma terra sombria que ninguém mais pode ver? — disse Hypatia. — É ele o filho da garota feiticeira que muda de forma e o Caçador de Sombras louco o suficiente para se casar com ela? Eu sabia que isso daria problema.

Matthew parecia furioso. Cordelia disse: — Ele pode realmente ver o que os outros não podem. É um talento raro.

— Portanto, este é um tipo de demônio que chega à luz do dia — disse Malcolm. — E transmite um veneno que seus estudiosos nunca viram antes.

— Se esses demônios estivessem livres em Londres, não seria bom para ninguém — disse Anna.

— É claro que todos os demônios vêm de outros mundos — disse Hypatia. — Mas se você pensa que, como filhos de demônios, estamos intimamente familiarizados com a geografia deles e com aqueles que habitam neles, você está enganado.

— Não estamos insultando você, senhorita Vex — disse Cordelia. —Mas você tem seu ouvido no chão do submundo. Nada acontece nele que você não conhece. Se houvesse outra palavra desses estranhos demônios...

— Não existe — disse Hypatia com firmeza. — Toda discussão tem sido sobre a falta de demônios em Londres, de fato, e como é estranho.

— Ragnor chamou isso de 'a calma antes da tempestade', mas ele é um pessimista na melhor das hipóteses — disse Malcolm.

— Bem, eles parecem estar voltando — disse Anna. — Um grupo de demônios Shax apareceu na Seven Dials outro dia.

— E demônios Deumas foram encontrados na cidade — acrescentou Matthew. — Tipos desagradáveis e confusos de criaturas.

Hypatia e Malcolm trocaram um olhar. Demônios eram o problema de todos, do Submundo e dos Caçadores de Sombras. Um único ataque contra Caçadores de Sombras por criaturas desconhecidas era uma coisa, mas os demônios Shax e Deumas eram assassinos indiscriminados.

— Havia um boato — disse Malcolm — embora fosse apenas um boato, lembre-se de que algum tipo de indivíduo poderoso - um

feiticeiro, talvez - divulgou entre os grupos demoníacos que Londres deveria ser evitada.

— Desde quando os demônios ouvem alguém? — perguntou Anna.

Malcolm deu de ombros.

— Como eu disse, um boato. Além disso, em tal situação, parece sábio deixar o bastante em paz.

— O tempo para deixar o bastante em paz já passou — disse Cordelia. — Esses demônios da luz do sol podem ser um prenúncio do pior que está por vir para todos nós; certamente deveríamos trabalhar juntos para descobrir se é esse o caso?

— Detesto quando os Caçadores de Sombras fazem sentido. — Hypatia suspirou. — Ragnor Fell está de volta a Londres, e muitas vezes trabalhou com Caçadores de Sombras no passado. Ele sabe muito sobre mundos demoníacos, tendo se tornado um estudante de magia dimensional. Se existe uma dimensão que gera demônios que podem suportar a luz do sol, ele saberia disso.

— Parece um lugar para começar. Como o encontramos? — disse Matthew.

— Vou lhe enviar uma mensagem urgente — disse Hypatia. — Ele entrará em contato com você. — Ela afundou na cadeira. — Agora vá — disse ela, fechando os olhos estrelados. — Eu me sinto cansada dos anjos.

Parecia que havia mais nada a dizer. Matthew, Anna e Cordelia fizeram o caminho de volta pela sala principal do salão, onde um vampiro estava recitando poesia sobre sangue. Momentos depois chegaram à Berwick Street e ao mundo exterior: Cordelia inalou um monte de ar fresco da noite. Tinha gosto de terra e cidade.

— Nephilim! — Era a garota das fadas de pele azul que Hypatia havia chamado Hyacinth. Ela olhou em volta para a cidade com desgosto antes de entregar a Matthew um embrulho de veludo. — Fade desejou que você tivesse isso — disse ela. — Ele é grato pelo que todos vocês fizeram. O *que* você fez? — ela acrescentou curiosamente. — Nunca ouvi falar de um feiticeiro agradecido antes.

Anna piscou para ela.

— Vou contar a história em um momento.

Cordelia e Matthew olharam surpresos para Anna. Hyacinth corou e riu de volta pelo beco.

— Vou demorar um pouco mais — disse Anna, com um estiramento de gato. — Vocês dois podem pegar a carruagem; Eu irei para casa.

Matthew afastou um canto do veludo. Dobradas suavemente dentro, havia talvez meia dúzia de lâminas de fino e cuidadoso acabamento de fada.

Matthew assobiou.

— Um presente de verdade. — Ele olhou para Cordelia com admiração, seus cabelos bronzeados brilhando à luz da nafta. — Eu nunca imaginaria que Arabella estava envolvida em envenenamento.

— Eu te disse antes — disse Anna, gesticulando para a carruagem. — Eu nunca cortejo garotas chatas.

DIAS PASSADOS: PARIS, 1902

— Você deve ir a Paris — dissera Matthew a Thomas um dia antes de partir para Madrid. Ele, James e Matthew estavam esparramados em suas cadeiras na Taverna do Diabo, esperando Christopher. — Se você finalmente conseguir fugir desta ilha sem graça para algum lugar cultivado, deve ir a Paris primeiro.

— Não está a caminho da Espanha — dissera Thomas. — E isso será muita emoção para mim.

— Bobagem — disse Matthew. — Somente Paris é como Paris. E você deve ficar nas minhas estalações absolutamente favoritas, o Hotel d'Alsace. Na margem esquerda. Todo mundo chama de L'Hotel.

— Isso não significa apenas 'o hotel' em francês? — James disse, mal olhando para cima do livro.

— Isso é porque é o hotel onde qualquer um que é alguém fica.

— Eu não sou ninguém — protestou Thomas.

— Oscar Wilde ficou lá — disse James. — Quando Matthew diz 'alguém', geralmente é isso que ele quer dizer.

— Não é *só* Oscar Wilde — dissera Matthew. — Mas sim, Oscar Wilde. Ele morreu lá.

— Eu acredito que você terá um tempo mais agradável — disse James.

Thomas realmente pretendia limitar suas viagens à Espanha, mas as palavras de Matthew continuaram com ele, e quando o diretor do Instituto de Madri sugeriu que Thomas tirasse duas

semanas para ver um pouco mais do mundo, Thomas lembrou as promessas de Matthew de que o mundo inteiro mudara aos seus olhos depois que ele viu a Cidade das Luzes.

L'Hotel parecia estar na casa de alguém, embora alguém um pouco desalinhado. Foi no sexto distrito, que no geral tinha uma sensação amigável, mas um pouco surrada. Estava cheio de mundanos que frequentavam a Sorbonne nas proximidades, e Thomas achou fácil sentir-se parte da multidão enquanto caminhou pelas ruas do bairro ao pôr do sol, pensando em onde jantar. Ele se recusou a entrar em contato com o Instituto de Paris, viu apenas um punhado de submundanos e partiu para se divertir.

Infelizmente, Thomas havia se acostumado a estar ao alcance de seus amigos mais próximos, e até o Instituto de Madri era um lugar animado onde a companhia estava sempre à mão. A solidão rapidamente começou a se desgastar nele. Aqui ele não conhecia ninguém e falava essencialmente nada da língua. Dias inteiros se passaram onde sua única conversa foi com um garçom, funcionário de um museu ou o recepcionista do L'Hotel.

Ele ficou sozinho e, em sua solidão, ficou entediado. Ele obedientemente foi ao Louvre e teve pensamentos sobre o que viu, mas ninguém com quem compartilhar. Ele as anotou em um caderno e se perguntou se alguma vez olharia novamente. Contou os dias até voltar à Espanha, imaginando como dizer a Matthew que a cidade em si não era companheira suficiente para satisfazê-lo.

E então, inexplicavelmente, ele viu alguém que conhecia.

Não era um amigo. Alastair Carstairs definitivamente não era um amigo. Mas mais que um conhecido, certamente. Eles estiveram na Academia juntos. Onde Carstairs tinha estado, para não dizer muito bem, horrível. Ele tinha sido um dos "meninos maus", os que faziam brincadeiras cruéis e perigosas. Aqueles que identificaram a qualidade de qualquer outro garoto que se destacara e se certificaram de esmagá-la com a força de seu desprezo e riso. No caso de Thomas, esse era o tamanho dele. Ele era baixo para a idade e tinha os ombros estreitos, e parecia mais jovem do que era.

Claro, isso foi anos atrás. Thomas agora se elevava acima da maioria das pessoas. Na verdade, ele só viu Alastair porque podia

ver por cima das cabeças da multidão entre eles.

Matthew havia direcionado Thomas para Librairie Galignani, na Rue de Rivoli, como local de visita obrigatória - “É a mais antiga livraria de língua inglesa de todo o continente!”. Thomas se demorou nos livros de poesia, permitindo-se demorar muito para decidir o que comprar. E então Alastair apareceu.

Thomas ainda não havia decidido se reconheceria Alastair, mas não teve muita escolha. Alastair estava olhando diretamente para ele. Enquanto Thomas observava, o rosto de Alastair passou por uma série de expressões: leve reconhecimento, confusão, choque, exasperação, longanimidade.

Thomas deu um pequeno aceno.

Alastair abriu caminho entre as pessoas entre eles.

— Pelo anjo, Lightwood — disse ele. — Você se tornou gigantesco.

Thomas ergueu as sobrancelhas. Algumas outras pessoas próximas também o fizeram.

— Esta é a sua vingança, suponho — Alastair continuou, como se Thomas tivesse feito isso pessoalmente. — por todas as vezes que eu te chamei de 'pequenino Thomas' ou 'meio litro' ou - não me lembro, tenho certeza de que tinha algo cortante e espirituoso a dizer.

— O que você está fazendo em Paris? — Thomas disse.

— O que *você* está fazendo em Paris? — Alastair disse de volta em um tom superior, como se tivesse pego Thomas em alguma coisa.

— Estou de férias do meu ano de viagem na Espanha.

Alastair assentiu. Um silêncio caiu. Thomas começou a entrar em pânico. Eles não eram amigos. O que Thomas sabia sobre Alastair era principalmente negativo. Ele não sabia quais eram seus deveres aqui.

Ele estava pensando em maneiras de se desculpar educadamente, talvez fugindo da livraria e retornando algumas horas depois, quando Alastair falou.

— Você quer ir ao Louvre, então? Eu vou lá depois disso.

Thomas poderia ter dito: *eu já estive, obrigado* ou*, na verdade, tenho um compromisso premente no almoço* , mas ele não o fez. Ele ficou sozinho por dias. Ele disse: — Tudo bem.

Então eles foram. Estava lotado, e Alastair estava irritado com isso, mas ele não falou com Thomas. Ele não menosprezou a arte. Ele também não falou em tom arrebatador; para surpresa de Thomas, Alastair parecia contente em se colocar diante de uma obra de arte e simplesmente contemplá-la por um longo momento, deixando-a passar por seus sentidos. O rosto dele estava sério, a testa franzida, mas Thomas tinha certeza de que era o mais contente que já vira Alastair.

Por sua parte, Thomas havia visitado esse mesmo museu e reunido várias, ele pensou, observações perspicazes sobre várias peças. Ele compartilhou algumas delas com Alastair, timidamente. Ele esperou Alastair zombar, mas Alastair apenas reconheceu os comentários de Thomas com um aceno de cabeça. Thomas não tinha motivos para gostar de Alastair, tinha de fato todos os motivos para não gostar de Alastair, mas nesses pequenos momentos um ao lado do outro na presença de um objeto bonito, ele estava feliz por Alastair estar lá e pelo reconhecimento de Alastair por ele, por menor que fosse, fez com que se sentisse melhor do que se sentia desde que chegara a Paris.

Talvez ele tivesse mudado, pensou Thomas. Talvez todos tenham crescido mais cedo ou mais tarde. Talvez ele nem tivesse sido tão ruim assim.

Ele pensou em seu tempo na Academia e decidiu que, não, Alastair tinha sido definitivamente terrível em primeiro lugar. Mas ele parecia mais calmo agora, mais pensativo.

Depois que deixaram o museu, Thomas e Alastair foram passear ao longo do Sena. Alastair queria saber tudo sobre Madri, e Thomas chegou a levantar algumas histórias de Alastair sobre seu tempo em Damasco, Marrocos e Paris. Tendo crescido em Idris e Londres, Thomas sentiu que Alastair devia ser muito mundano. E, no entanto, ele se perguntava se tanta realocação deixaria uma pessoa sozinha.

A Torre Eiffel ergueu-se na frente deles, e Alastair gesticulou para ela.

— Você já esteve lá em cima?

— Eu estive — respondeu Thomas. — A vista é deslumbrante.

— O que você acha da vista daqui? — Alastair perguntou.

Thomas tinha a sensação distinta de que uma armadilha estava sendo colocada para ele, mas não sabia ao certo por que, ou como evitar pisar nela.

— Eu acho que é uma estrutura fascinante — disse ele. — Não há nada como ela.

Alastair deu uma risada sem alegria.

— De fato não há. De fato, muitos parisienses ficam horrorizados com isso. Eles acham isso feio, horrendo até, e chamam de 'loucura de Eiffel'.

Thomas olhou para a torre novamente. O sol estava se pondo, polindo o metal com um brilho laranja-rosado. Por um momento, ele se lembrou das torres de *adamas* que protegiam a capital dos Caçadores de Sombras de Alicante, a maneira como capturavam a luz do sol poente e a mantinham um pouco mais do que o esperado.

— Não é feio — disse ele. — É apenas incomum.

Alastair parecia satisfeito.

— Muito bem. Gustave Eiffel é um gênio, e tenho certeza de que um dia será apreciado. Às vezes você precisa se afastar e deixar as pessoas fazerem o que elas são boas, mesmo que pareça loucura na época.

Jantaram juntos em um bistrô próximo, o que Thomas achou bastante decente, mas Alastair descreveu como "indiferente". Eles conversaram até altas horas da noite; eles fecharam o restaurante enquanto todo mundo saía e ainda conversavam: sobre livros, viagens, música, história. Thomas disse a Alastair que planejava fazer uma tatuagem de uma rosa dos ventos na parte interna do braço. Ele não tinha contado isso a mais ninguém, e Alastair parecia curioso.

— Em que lugar no seu braço? — ele perguntou, e quando Thomas o mostrou, Alastair passou os dedos sobre o local, inconscientemente, as pontas dos dedos traçando um caminho desde a pele sensível do pulso interno de Thomas até a dobra do cotovelo.

Thomas sentou-se atordoado e tremendo, embora estivesse com calor por todo o lado. Alastair não pareceu notar, apenas pegou a mão e pediu a conta do garçom, que ele pagou. Alastair recusou-se a dizer a Thomas onde estava hospedado, mas disse a ele para encontrá-lo em um determinado endereço na tarde seguinte, para uma surpresa.

Quinze minutos após o horário da reunião, Thomas decidiu que Alastair não estava chegando e provavelmente estava em algum lugar rindo, mas Alastair realmente apareceu e até se desculpou por seu atraso. Ele levou Thomas às portas do Théâtre Robert-Houdin.

— Eu sei que devemos evitar coisas mundanas — disse Alastair — mas você deve ver isso. É um filme. Uma imagem em movimento! Este é o mais recente. Chama-se *Le Voyage dans la Lune*.

Até Thomas conseguiu traduzir isso, e por dezessete minutos se maravilharam com o que os mundanos haviam feito - fizeram as imagens se moverem, como um teatro, mas em imagens projetadas na tela. Havia um narrador que, Thomas supôs, contou a história, mas não conseguiu acompanhá-la. Ele gostava mesmo assim, vendo esses mundanos em seus trajes estranhos subirem em uma grande caixa de metal como uma concha de artilharia, irem para a lua e serem perseguidos por criaturas estranhas que já moravam lá.

— Você acha que é real? — ele disse a Alastair enquanto eles saíam, piscando na luz repentina do dia.

— O que? Não, não seja estúpido — disse Alastair, colocando uma mecha de cabelo escuro atrás das orelhas. As pessoas sempre se importavam mais com cabelos loiros, como os de Matthew, como se fossem especiais, mas Thomas achava que cabelos e olhos escuros eram muito mais impressionantes. — É como uma peça ou um truque de mágica. Isso é o que os mundanos fazem; eles não podem fazer mágica, então eles fazem truques que parecem mágicos, mas não são realmente.

Alastair disse adeus a ele no final da pista; ele disse que estava deixando Paris no dia seguinte, mas continuou se recusando a dizer a Thomas por que ele estava lá ou para onde estava indo ou por que estava saindo no dia seguinte. Thomas supôs que eles não

eram, afinal, amigos, embora ele tivesse aproveitado o tempo que passaram juntos. Ele não tinha certeza do que era um amigo, se não era alguém com quem você gostava de passar tempo.

A viagem inteira parecia desconectada e onírica. Alastair veio do nada e agora voltou ao lugar nenhum, e Thomas não tinha ideia de quando eles se veriam a seguir, ou como eles agiriam quando o fizessem. Eles eram agora amigos? Eles tinham sido amigos nos últimos dias?

— Volto para a Espanha em alguns dias — disse Thomas.

Alastair deu uma risadinha.

— É estranho que você veio aqui de Madri. Como tirar férias de férias.

— Suponho — disse Thomas. Então ele franziu o cenho. — Não, não é estranho. Um ano de viagem não é férias. É um alistamento para um posto. Você tem que atirar em tudo?

Alastair pareceu assustado.

— Sinto muito — disse ele depois de um longo momento. — Eu não quero dizer nada com isso.

Ele parecia preocupado naquele momento, e humano e vulnerável de uma maneira que fez Thomas querer - bem, ele não tinha certeza do que queria fazer, mas estendeu a mão para Alastair, que a encarou por um momento, então lentamente o pegou.

Sua mão estava quente e calejada contra a de Thomas, e Thomas lembrou-se da sensação dos dedos de Alastair na parte interna do braço e tentou não mudar de expressão. Eles tremeram.

Alastair não perguntou a Thomas sobre seus amigos ou sua família. Thomas também não havia perguntado a Alastair. Durante esses dias, parecia que ninguém mais existia no mundo inteiro.

— Bem — disse Thomas. — Adeus, Carstairs.

— Adeus, Lightwood. Tente não ficar mais alto. Você está começando a ser desanimador na outra direção.

Thomas observou Alastair se afastar e esperou que ele se virasse uma última vez, mas Alastair nunca olhou para trás quando ele dobrou a esquina e desapareceu.

10

LEALDADE VINCULA

Perto, lado a lado, de manhã até a noite, Beijar e flertar com seu deleite, Enquanto tu do consolo humano voando Com amor não correspondido, a arte está morrendo.

- Nizami Ganjavi, *Layla e Majnun*

O proprietário não deixaria Lucie subir até os aposentos privados dos Ladrões Alegres na Taverna do Diabo, então ficou limitada a enviar uma mensagem através de Polly, a garçonete lobisomem. Ela se sentou em uma cadeira de madeira desconfortável e fumegou quando uma mistura de submundanos e mágicos a encarou com curiosidade: uma menina pequena, de gorro com runas Nephilim, segurando um machado. No canto, um kelpie que parecia estar marinando em um tanque de gin deu a ela um olhar redondo.

— Escorra de pálido? — perguntou um vampiro de cabelos selvagens, oferecendo-lhe uma garrafa de gin meio bêbado.

— Ela não bebe. — Era Thomas, carrancudo. O vampiro se encolheu de volta. Christopher apareceu no ombro de Thomas, piscando.

— Eu sabia que vocês estariam aqui — disse Lucie triunfante.

— Quase não estávamos — disse Christopher. — Decidimos usar o laboratório no andar de cima, em vez de na Grosvenor Square, já que Matthew e James não estariam aqui para serem incomodados ou explodidos-Thomas o calou.

— Christopher, chega. Lucie, o que está havendo? Aconteceu alguma coisa?

Depois de arrastar os dois para fora, Lucie fez o possível para explicar a situação sem mencionar Jesse. Ela culpou Jessamine em vez disso, e uma rede de fofocas entre fantasmas que ela havia

inventado no local. Felizmente, nem Christopher nem Thomas eram do tipo suspeito.

— Precisamos de Matthew, e ele foi para a casa de Anna — disse Thomas, depois de lhe contar o pouco que eles sabiam - a carta que havia chegado para James na casa de Matthew, sua determinação em encontrar Grace, o horário da reunião marcado para as dez. horas. — Ele saberá onde James foi. James disse que era onde os dois costumavam praticar equilíbrio.

— Mas e se estivermos atrasados? — disse Christopher, vibrando com ansiedade.

Lucie verificou o relógio que pendia diante da igreja de St. Dunstan-in Oeste, do outro lado da linha escura da Fleet Street. Eles estavam bem perto do Instituto aqui. Ela podia ver seu pináculo distinto erguendo-se acima dos telhados de Londres.

— Nove horas — disse ela. — Um de vocês deve ter uma carruagem. Vamos para a casa de Anna.

Foi assim que eles se encontraram um quarto de hora depois na Percy Street, Thomas ajudando Lucie a descer da Victoria de sua família. A rua estava vazia de pedestres, embora houvesse luzes acesas em muitas janelas. Lucie percebeu uma forma sentada na escada de Anna no escuro. Ela não sentiu surpresa - as damas estavam sempre fazendo bolos na porta de Anna.

Então Lucie distinguiu os ombros largos da silhueta e percebeu que a pessoa na porta de Anna era um homem.

Ele pulou de pé, e a luz das lâmpadas do arco caiu sobre ele. Na Percy Street, as luzes da rua eram mais antigas e menos confiáveis, sua queima amarela feroz despejando o mundo em linhas duras. Lucie viu cabelos brilhantes e um rosto carrancudo.

— *Alastair?* — Thomas parecia surpreso.

Christopher gemeu quando Alastair Carstairs correu pela rua na direção deles, um turbilhão em um casaco desabotoado da cidade. Sob o casaco, o colete estava desarrumado e um lado da gola alta da ponta das asas estava torto.

— Você perdeu o chapéu, Alastair — disse Lucie.

Alastair disse:

— Eu perdi minha *irmã*!

Lucie ficou fria.

— O que você quer dizer? Aconteceu alguma coisa com Cordelia?

— Eu não sei, não é? — disse Alastair. — Deixei-a ir tomar um chá com Anna Lightwood e agora volto para buscá-la na hora combinada e as duas se *foram*. Eu nunca deveria ter deixado ela sozinha com...

— Tenha muito cuidado com o que você diz sobre Anna — disse Christopher. Lucie achou que deveria ter achado engraçado: Christopher, que nunca se zangava, falando com aquele tom gelado a Alastair. Mas de alguma forma, não foi nada engraçado.

Alastair avançou sobre Christopher perigosamente, mas Thomas pegou seu braço enquanto ele passava. Lucie observou com grande satisfação que Alastair foi parado completamente, sem que Thomas tivesse que fazer nenhum esforço em particular. Os músculos do braço de Alastair ficaram tensos sob a manga do casaco, enquanto ele se esforçava contra o aperto de Thomas. Alastair era alto o suficiente e parecia forte o suficiente, mas não conseguia avançar.

— Acalme-se, Alastair — disse Thomas. — Eu sei que você está preocupado com sua irmã. Estamos preocupados com James. É melhor discutirmos o assunto certo do que brigar em público.

Alastair inclinou o queixo para encontrar os olhos de Thomas, a linha de sua mandíbula um corte duro.

— Me solte — ele rosnou. — E pare de me dirigir constantemente pelo meu primeiro nome. Você não é mais um estudante atrevido atrás de mim.

Thomas, com as bochechas vermelhas em chamas, voltou a mão como se tivesse sido queimado.

— Pare com isso! — Lucie estalou. Thomas só estava tentando ser gentil. — Matthew é mais provável estar com Anna e Cordelia. Ele pode acompanhar...

A expressão de Alastair ficou plana.

— Você acha que eu ficaria aliviado em saber que ela está com *Matthew*? Você acha que eu não conheço um bêbado quando vejo um? Acredite em mim. Se ele colocar Cordelia em perigo...

Houve o repentino e bem-vindo barulho de rodas na estrada pedregosa. Todos eles giraram ao ver a carruagem do cônsul chegando até a casa de Anna. A porta da carruagem se abriu e vomitou Cordelia e Matthew, que seguravam um pedaço de veludo enrolado.

Os dois congelaram ao ver os visitantes.

— O que você está fazendo aqui? — disse Matthew. — Aconteceu alguma coisa com Barbara e os outros?

— Não — disse Thomas apressadamente. — Nada como isso. Mas é urgente. James está em perigo.

James atravessou a noite da King's Road em direção ao Tamisa. Matthew costumava levá-lo a passear de improviso pelo Chelsea, passando por prédios ao estilo da rainha Anne, com seus grandes degraus de pedra e painéis de terracota dourando ao sol, apontando as residências de poetas e artistas famosos que viveram vidas escandalosas. Agora, as janelas iluminadas das casas brilhavam vagamente através de uma névoa pesada, que ficou mais pesada quando James se aproximou do rio.

A margem do rio em Chelsea Embankment era uma avenida sob plátanos pesados de folhas, visíveis apenas como nuvens escuras acima da cabeça de James, seus troncos molhados iluminados pelos globos fantasmagóricos dos postes de luz de ferro fundido que ladeavam a margem do rio. O Tâmisa, além da parede do rio, mal se distinguia na neblina espessa: apenas o som de um barco policial movido a gasolina passando e os brilhos da lanterna de um bobby traíam a presença do rio.

James chegou cedo. Ele começou a caminhar lentamente em direção ao arco da ponte Battersea, tentando acalmar sua impaciência e preocupação. *Grace.* Ele se lembrou do beijo deles no parque, a agonia incipiente que surgira dentro dele. Como se estivesse sendo esfaqueado com uma agulha. Uma premonição de demônios, talvez, o perigo desconhecido tão próximo, o reino das sombras apenas tocando esse. Era difícil saber, mas depois era

difícil saber qualquer coisa que tivesse a ver com Grace. Houve momentos em que ele pensou nela que sentiu tanta dor que todos os seus ossos pareciam amarrados em um único fio, e ele imaginou que se o fio fosse esticado, o mataria.

— Quanto o amor deve machucar? — ele perguntou ao pai uma vez.

— Oh, terrivelmente — seu pai havia dito com um sorriso. — Mas sofremos por amor porque o amor vale a pena.

De repente, ela estava lá, como se tivesse aparecido entre um momento e outro, parada embaixo de um poste de luz triplo ornamentado no final próximo da ponte: uma pequena figura enevoada na neblina, vestida como sempre em cores claras, seu rosto era uma lua pálida à luz da lâmpada. James começou a correr e ela desceu os degraus da ponte em direção a onde ele estava no aterro.

Quando eles se alcançaram, ela o abraçou. As mãos dela estavam frias na nuca dele, e ele se sentiu tonto e assaltado pelas lembranças: as paredes em ruínas da Mansão Blackthorn, as sombras na floresta onde eles se sentaram e conversaram, a mão dela prendendo a pulseira de prata em seu pulso…

James se afastou o suficiente para olhar em seu rosto.

— O que aconteceu? — ele disse. — Sua carta dizia que você estava em perigo.

Ela deixou cair uma mão agora para circundar o pulso dele, deslizando os dedos sobre a faixa de metal, como se para garantir que ainda estivesse lá. Os dedos dela pressionaram o pulso dele.

— Mamãe está maluca de raiva. Não sei o que ela fará. Ela disse a Charles...

— Eu sei o que ela disse a Charles — disse ele. —Por favor, diga-me que você não estava preocupado *comigo*, Grace.

— Você veio à casa para me ver — disse ela. — Você sabia que Cordelia estava lá?

Ele hesitou. Como ele poderia dizer que não tinha ido à casa vê-la? Que houve um momento - um momento terrível - em que Cordelia mencionou que Grace estava na casa e ele percebeu que não pensara nela? Como foi possível sentir tanta agonia quando o

nome de alguém foi mencionado, mas esquecê-lo sob coação? Ele lembrou que Jem havia lhe dito que o estresse podia fazer coisas terríveis à mente. Certamente isso era tudo o que era.

— Eu não sabia até chegar e ver ela e Lucie — disse ele. — Acho que elas queriam ver se você estava bem. Quando cheguei, ouvi os barulhos na estufa e... — Ele interrompeu com um encolher de ombros. Ele odiava mentir para Grace. — Eu vi o demônio.

— Você estava sendo corajoso, eu sei, mas mamãe não vê dessa maneira. Ela acha que você veio apenas para humilhá-la e lembrar o mundo dos crimes de seu pai.

James queria muito chutar um poste de luz.

— Deixe-me falar com ela. Nós poderíamos nos sentar, todos nós, meu pai, você e sua mãe...

— James! — Grace pareceu quase furiosa por um momento. — O que minha mãe faria comigo se eu sugerisse uma coisa dessas... — Ela balançou a cabeça. — Não. Ela assiste tudo o que faço. Eu mal consegui sair hoje à noite. Eu pensava que vir a Londres poderia amolecê-la em sua direção, mas ela se tornou mais difícil do que nunca. Ela diz que a última vez que Herondales estiveram na casa de Chiswick, seu pai e marido morreram. Ela diz que não vai deixar você nos destruir.

Tatiana é totalmente louca, James pensou impotente. Ele não tinha percebido que tinha ido muito além do despeito.

— Grace, o que você está dizendo?

— Ela diz que me trará de volta para Idris. Que ela estava errada em me deixar participar de festas e eventos em que você e sua irmã participariam, e os Lightwoods - ela diz que eu serei corrompida e arruinada. Ela me trancará, James, pelos próximos dois anos. Não vou te ver, não vou poder escrever para você...

— Esse é o perigo que você quis dizer — ele disse suavemente. Ele entendeu. Essa solidão pareceria um perigo para Grace. Parecia uma morte. — Então venha até nós no Instituto — disse ele. — O Instituto *existe* para oferecer refúgio aos Nephilim em perigo. Meus pais são pessoas gentis. Nós protegeríamos você dela...

Grace balançou a cabeça com força suficiente para desalojar seu pequeno chapéu enfeitado de flores.

— Minha mãe só pediria que a Clave me devolvesse a ela, e eles fariam isso porque eu não tenho dezoito anos ainda.

— Você não sabe disso. Meus pais têm influência dentro da Clave...

— Se você realmente me ama — ela disse, seus olhos cinzentos queimando — então você se casará comigo. Agora. Nós devemos fugir. Se fôssemos mundanos, poderíamos correr para Gretna Green e nos casar, e nada poderia nos separar. Eu pertenceria a você, e não a ela.

James ficou atordoado.

— Mas nós não somos mundanos. A cerimônia de casamento não seria considerada válida pela Clave. Case comigo em uma cerimônia de Caçador de Sombras, Grace. Você não precisa da permissão dela...

— Não podemos fazer isso — protestou Grace. — Não podemos permanecer no mundo dos Caçadores de Sombras, onde minha mãe pode nos alcançar. Devemos escapar de sua influência, sua capacidade de nos punir. Devemos nos casar em Gretna e, se necessário, deixaremos nossas marcas serem desfeitas.

— Deixar nossas marcas serem desfeitas? — James ficou frio o tempo todo. Tirar suas Marcas era o castigo mais severo que um Caçador de Sombras poderia suportar. Isso significava exílio e se tornar um mundano.

Ele tentou imaginar nunca mais ver seus pais, ou Lucie, ou Christopher ou Thomas. Cortar o vínculo que o ligava a Matthew, como cortar a mão direita. Tornando-se mundano e perdendo tudo o que o tornava um Caçador de Sombras.

— Grace, *não*. Essa não é a resposta.

— Não é a resposta para *você* — ela disse friamente, — pois você sempre foi um Caçador de Sombras. Eu nunca fui treinada, nunca recebi Marcas. Não conheço nada da história, não tenho parceiros guerreiros nem amigos - é melhor que tenha sido educada como mundana!

— Em outras palavras — disse James — você não perderia nada e eu estaria perdendo tudo.

Grace saiu dos braços de James. A dor tomou seu lugar, a dor de estar sem ela. Era físico, inexprimível e inexplicável. Era simplesmente o que era: quando ela não estava lá, ele sentiu como uma ferida.

— Você não estaria *me* perdendo — disse Grace.

— Eu não quero te perder — disse ele, o mais firmemente que pôde com a dor. — Mas temos que esperar um pouco e podemos ficar juntos sem também perder todo o resto.

— Você não *entende* — Grace chorou. — Você não pode. Você não sabe...

— Então *me diga*. O que é ? O que eu não sei?”

A voz dela estava rouca.

— Eu preciso que você faça isso por mim, James — disse ela. — Eu devo. Isso é muito importante. Mais do que você pode saber. Apenas diga que você vai. Apenas diga.

Parecia quase como se ela estivesse implorando para que ele dissesse isso, mesmo que ele não quisesse dizer isso, mas qual seria o sentido disso? Não. Ela deve querer que ele esteja falando sério. Estar disposto a fazê-lo: arriscar o fim da única vida que ele conhecia, arriscar nunca mais ver aqueles que amava novamente. Ele fechou os olhos e viu, nas costas das pálpebras, o rosto dos pais. A irmã dele. Jem. Thomas. Christopher. Matthew. Matthew, a quem ele seria prejudicial de uma maneira que nunca poderia ser reparada.

Ele lutou para dizer as palavras, moldá-las. Quando ele finalmente falou, sua voz estava tão rouca como se ele estivesse gritando.

— Não. Eu não posso fazer isso.

Ele a viu recuar.

— Isso é porque você não veio para Idris — disse ela, os lábios tremendo. — No começo deste verão. Você... você me esqueceu.

— Eu nunca poderia ter esquecido você. Não depois de semanas, meses ou anos, Grace.

— Qualquer homem se casaria comigo — ela continuou. — Qualquer homem faria isso se eu perguntasse. Mas não você. Você

tem que ser diferente. — A boca dela torceu. — Você é feito de coisas diferentes das de outros homens.

James levantou a mão em sinal de protesto.

— Grace, eu quero me casar com você.

— Não é o suficiente. — Ela deu um passo atrás dele - então seus olhos se arregalaram de repente e ela gritou. O corpo de James se moveu mais rápido do que se pensava. Atirou-se a Grace e os dois bateram forte na calçada. Grace ofegou e pressionou-se contra a parede do rio quando um demônio passou por eles, a um fio de cabelo.

E *foi* um demônio. Uma forma escura e retorcida como uma raiz de árvore mutilada, sem olhos e sem nariz, mas com dentes castanhos afiados de espinhos, seu corpo revestido de lodo preto. Não tinha asas, mas pernas longas e dobradas como as de um sapo: saltou para eles novamente, e desta vez James puxou uma lâmina do cinto e a atirou. Runas relampejavam através da lâmina como fogo enquanto navegava no ar e atingia, quase explodindo o peito do demônio. Icor resmungou e desapareceu de volta à sua própria dimensão.

Grace tinha se levantado; ele a puxou escada acima e entrou na ponte, para um melhor ponto de vista.

— Um demônio Cerberus — disse ela, piscando. — Mas estava morto - o da estufa estava morto - é por isso que pensei que poderia sair... — Ela respirou fundo. — Oh Deus. Há mais deles chegando.

Ela estendeu as mãos como se pudesse afastá-los. Eles estavam chegando, de fato: formas escuras apareciam através da névoa do meio da ponte, rastejando e pulando como monstros infernais, deslizando e deslizando pela estrada molhada. Quando um pulou em direção a eles, ele soltou uma língua comprida, preta e pegajosa, pegando um pombo infeliz e depositando o pássaro em sua boca presa.

James disparou facas: uma, duas, três vezes. Toda vez, um demônio caiu. Ele pressionou uma faca na mão de Grace, seus olhos a implorando - ela recuou contra a grade da ponte, a lâmina agarrada em sua mão trêmula. Um demônio a alcançou e ela esfaqueou; produziu um som uivante assustador quando icor

vermelho-preto fluiu de seu ombro. Ele pulou para longe dela, assobiando e pulou novamente. Ela se abaixou. James atirou uma faca e destruiu a coisa, mas sabia que estava quase sem lâminas. Quando eles se foram, ele só teria uma arma: uma lâmina serafim.

Não seria suficiente para proteger a si e a Grace. Nem eles poderiam correr.

Os demônios os pegariam facilmente.

Duas criaturas mergulharam para eles. James lançou sua última lâmina, despachando um demônio Cerberus em uma chuva de icor. O outro caiu ao lado, dividido em dois por um delicado machado.

James congelou. Ele conhecia aquele machado.

Girando, ele viu Lucie correndo a toda velocidade na direção dele. E ela não estava sozinha.

Cordelia estava lá, Cortana brilhando na mão. Matthew estava ao seu lado, armado com *chalikars* indianos: facas de arremesso circulares afiadas com aço afiado. Depois veio Christopher com duas lâminas serafins crepitantes e Thomas, empunhando seu *bolas*. Um movimento das cordas e uma torção de braço poderoso de Thomas e um demônio foi jogado pela ponte caindo no rio.

Alastair Carstairs também estava com eles. Enquanto James olhava, ele pulou no parapeito de ferro da ponte, equilibrando-se como James e Matthew haviam feito na prática. Uma lança de lâmina longa estava em sua mão. Duas varreduras cortaram uma das criaturas ao meio. Ele explodiu no nada, sujando Alastair com icor, o que atingiu James como um desenvolvimento positivo em duas frentes. Alastair saltou do parapeito com um barulho enojado e entrou na briga.

Quando os Caçadores de Sombras se espalharam ao redor deles, um grito surgiu dos demônios - um som grosso e entupido. Se um cadáver apodrecido na terra tivesse um som, James pensou, era isso que teria sido. Ele pulou para trás, virou-se e deu um chute giratório a um demônio que se aproximava. Houve um borrão de ouro, e o demônio desapareceu; James olhou para cima e viu Cordelia em pé sobre ele, Cortana na mão dela. Sua lâmina estava manchada de sangue demoníaco.

Não houve tempo para agradecê-la. Outro demônio se lançou; James pegou sua lâmina serafim.

— *Zerachiel!* — ele gritou, e a lâmina se tornou uma varinha de fogo.

Seus amigos estavam no meio da batalha - exceto Grace, que se afastara, segurando a adaga. James poupou um pensamento amargo para Tatiana, que nunca esteve disposta a deixar Grace treinar para lutar, antes de girar para afastar um demônio que chegava. Antes que ele pudesse, uma lâmina serafim crepitante cortou lateralmente a carne da criatura. Ele pulou para trás, assobiando como uma panela fervendo, deixando James com uma linha clara de visão para Christopher. Ele ficou segurando a lâmina serafim, que cuspiu como uma batata frita.

— Christopher — disse James — o que *é* isso?

— Uma lâmina serafim! Eu tentei melhorar isso com eletricidade!

— Isso funciona?

— De jeito nenhum — confessou Christopher, ao mesmo tempo que um demônio voou gritando em seu rosto.

Ele esfaqueou, mas sua lâmina serafim saltou com uma linha de fogo errática. Lucie e Thomas estavam lá antes que o demônio pudesse tocar Christopher, o machado de Lucie e o *bolas* de Thomas quase se encontrando na carne da criatura. Ele desapareceu da existência, mas outro tomou seu lugar imediatamente, subindo acima deles como uma nuvem ameaçadora.

Abandonando a lâmina serafim, Christopher pegou uma adaga do interior do colete e a esfaqueou na criatura. Ele cambaleou para trás, justamente no momento em que uma lança longa voou através da névoa e bateu nele. Dobrou-se como uma carta e desapareceu, deixando uma mancha de icor para trás.

James olhou loucamente e viu Alastair Carstairs, segurando uma lança correspondente na mão esquerda e olhando pensativamente para o local de onde o demônio havia acabado de desaparecer.

— Você está carregando lanças? — James disse.

— Eu nunca saio de casa sem minhas lanças! — gritou Alastair, fazendo com que todos olhassem, até Grace.

James tinha perguntas, mas nenhuma chance de perguntar. Ele ouviu a irmã gritar e correu para frente apenas para encontrar Lucie e Cordelia lutando lado a lado, uma adaga na mão de Lucie e Cortana na de Cordelia. Cortana formou uma grande varredura de ouro, e todas as criaturas que conseguiram passar furtivamente pela guarda de Cordelia, Lucie esfaqueou. Matthew estava em cima do parapeito, arremessando um *chalikar* atrás do outro para proteger as meninas.

Um demônio apareceu repentinamente atrás de Thomas, cujo *bolas* estavam enroladas em torno de outro demônio: possivelmente em sua garganta, embora com essas criaturas fosse difícil dizer.

— *Lightwood!* — gritou Alastair. — Atrás de você!

James sabia que era Alastair, porque ninguém mais seria tão tolo a ponto de gritar isso no meio de uma briga. É claro que Christopher se virou e, é claro, Thomas, para quem o grito era dirigido, não o fez. James mergulhou para Thomas, rolando no chão para alcançá-lo mais rápido, assim como o demônio se lançou. Seus dentes e garras arranharam o braço de Thomas, tirando sangue. Thomas não tinha espaço para usar seu *bolas*. Ele gritou e deu um soco no demônio: ele cambaleou e James, levantando-se, esfaqueou-o pelas costas.

Mas não havia tempo para descansar: mais demônios haviam chegado. Matthew pulou da grade e correu em direção a eles. Ele se jogou no chão e deslizou os últimos metros pela calçada molhada - um grande sacrifício para Matthew, que amava suas roupas - lançando um *chalikar* na massa de demônios. Um caiu, mas parecia haver uma dúzia de outros. Alastair estava arremessando lanças com precisão mortal, Cordelia estava ao seu lado com Cortana como uma deusa guerreira. Todos estavam brigando bem, e ainda...

O maior demônio se levantou na frente de James. Sem hesitar um segundo, ele mergulhou sua lâmina serafim na criatura. Icor espirrou preto contra sua mão, respingando no chão a seus pés. O demônio borbulhou e parecia amassar, suas pernas parecendo sapos cederem sob ele. James levantou sua lâmina para despachá-la, assim como olhou para ele com seus olhos negros mortais.

Ele se viu refletido naqueles olhos como se fossem espelhos. Ele viu seu próprio cabelo preto, seu rosto pálido, o ouro de suas pupilas. Ele viu a mesma expressão que vira no rosto dos Deumas no beco perto da Fleet Street.

Reconhecimento.

— *Garoto Herondale — disse* o demônio, com uma voz como o último assobio do fogo em chamas. — *Eu conheço você. Eu sei tudo sobre você. O sangue dos demônios queima em suas veias. Por que você mataria aqueles que adoram o pai de sua mãe? Por que destruir sua própria espécie?*

James congelou. Ele podia ver vários dos outros se virando para olhá-lo: Matthew parecia furioso, os outros horrorizados. Lucie estava com a mão na boca. Alastair, que estava mais próximo dele, estava olhando com grandes olhos escuros.

James exalou um suspiro trêmulo.

— Eu não sou da sua espécie — disse ele.

— *Você não sabe o que é.*

Chega, James pensou. *Isto é suficiente.*

— Se você adora meu avô — ele disse selvagemente — então *vá*, em seu nome. Não de volta à Casa Chiswick, de volta à dimensão de onde você veio.

O demônio hesitou e, como o fez, todos os outros demônios ficaram parados. Cada figura à beira do rio estava voltada para James.

— *Vamos, então, como você diz, mostrar que honramos seu sangue* — disse o demônio. — *Mas há uma condição. Se você ou seus amigos falarem uma palavra do que aconteceu aqui, hoje à noite, a qualquer membro da Clave, retornaremos. E suas famílias pagarão em sangue e morte por sua traição.*

— Não ouse-! — James começou.

O demônio sorriu.

— *Em nome do príncipe mais astuto do inferno* — dizia em uma voz tão baixa que apenas James podia ouvi-lo.

Então desapareceu - todos desapareceram. Tão rapidamente quanto o mundo explodiu em movimento e barulho, ficou quieto novamente. James podia ouvir o rio, a respiração áspera de Alastair

nas proximidades, o bater do próprio coração. Ele deixou cair a lâmina ainda queimando no chão. Ele viu Lucie e Cordelia abaixa as armas. Thomas e Matthew ficaram em pé; havia um corte no rosto de Matthew e a camisa de Thomas estava rasgada, seu braço sangrando muito.

Todos estavam olhando para James. Ele se sentiu entorpecido.

Ele sabia que seu avô era um Demônio Maior. Mas os príncipes do inferno eram outra questão. Eles eram anjos caídos. Tão poderoso quanto Raziel, mas mal e podre até o âmago.

O príncipe mais astuto do inferno. Ele não pôde deixar de olhar para Lucie, mas estava claro que ela não tinha ouvido as palavras finais do demônio: ela estava sorrindo e dizendo algo para Cordelia.

Demônios mentem. Por que Lucie deveria se atormentar por uma possível mentira? Sua mente correu à frente: ele tem que falar com o tio Jem novamente, o mais rápido possível. Jem era quem procurava o avô. Jem saberia o que fazer.

Foi Christopher quem quebrou o silêncio.

— O que acabou de acontecer?

— Os demônios desapareceram — disse Matthew, enxugando o sangue do rosto. — O líder parecia sentir que era um velho amigo do avô de James.

— Oh, o avô demoníaco? — disse Christopher.

— Sim, obviamente o demoníaco, Christopher — disse James.

— O outro é galês — disse Thomas, como se isso explicasse as coisas. Ele dirigiu esta declaração na direção de Alastair e Cordelia.

— Não há necessidade de explicar sobre Herondale — disse Alastair, com um sorriso desagradável. — Imagino que isso aconteça com ele com bastante frequência.

Cordelia pisou em seu pé.

Grace emergiu das sombras. Ela caminhou em direção ao resto do grupo, as mãos cruzadas na frente dela, o rosto branco e rígido.

— Me desculpe, eu não sei como lutar — Está tudo bem — disse James — está tudo bem, nós vamos treiná-la adequadamente-

— James! Grace! — Foi Lucie.

Ela apontou para a estrada; um segundo depois, James ouviu um tilintar e viu uma carruagem antiquada emergindo da névoa,

liderada por dois cavalos marrons magricelas. Sentado na coxilha estava Tatiana Blackthorn.

Ela parou e pulou da carruagem. Como sempre, ela apresentava uma aparência bizarra: usava uma vestimenta com saias cheias e renda exuberante, um vestido de outra era feito para uma garota muito mais jovem e gorda. Na cabeça dela havia um chapéu cheio de frutas falsas e pássaros empalhados. Tremia de raiva quando ela varreu o grupo com seu olhar furioso, que repousou sobre sua filha.

— Grace — ela retrucou. — Entre na carruagem. Agora.

Grace virou-se para James; o rosto dela estava branco. Em voz baixa, ele disse: — Você não precisa fazer o que ela diz. Volte para o Instituto comigo. Eu imploro a você.

O rosto de Grace ainda estava manchado de lágrimas, mas sua expressão se fechou como um cofre de banco.

— James. Eu não posso. Leve-me para a carruagem, por favor.

James hesitou.

— Por favor — disse ela. — Estou falando sério.

Relutantemente, James estendeu o braço para Grace pegar. Ele viu os lábios de Tatiana se apertarem em uma linha fina. James esperou que ela explodisse, mas ela ficou em silêncio: ela claramente não esperava tantos Caçadores de Sombras lá. E tantas das famílias que ela odiava - Herondales, Lightwoods, Carstairs... ela gostaria de ir embora o mais rápido possível, James suspeitava.

Ela olhou furiosa para James enquanto ele caminhava para a carruagem, apoiando Grace em seu braço. Ele a ajudou a entrar e ela afundou-se no assento, fechando os olhos cansadamente. James desejou poder dizer algo a ela sobre a discussão que eles tiveram antes. Ele e Grace nunca discutiram antes. Ele queria implorar que ela não voltasse para a Chiswick House, mas suspeitava que isso só pioraria as coisas para ela se o fizesse.

— Escreverei para você amanhã — ele começou.

— Não — disse Grace através dos lábios brancos. — Não. Eu preciso de um tempo, James. Vou escrever para você.

— Basta — sussurrou Tatiana, afastando James da carruagem. — Deixe minha filha em paz, Herondale. Não preciso que você a atraia para problemas...

— O único problema que encontramos foram os demônios Cerberus da *sua* família — disse James em um tom baixo e furioso. — Eu sugiro que você pare com suas ameaças, a menos que você queira que eu conte à Clave sobre elas.

Ele não podia contar a ninguém, é claro, dada a ameaça do demônio, mas Tatiana não sabia disso. Não que isso importasse. Uma risada baixa subiu de sua garganta.

— *Meus* demônios? — ela ecoou. — E onde eles estão agora, Herondale?

— Mortos — disse James brevemente. — Nós os matamos.

— Que impressionante — disse ela. — Vá embora, garoto. Vou dizer que Grace criou os demônios ela mesma. Vou dizer a eles que ela estuda magia das trevas até suas lindas orelhas. Vou soltá-la e jogá-la de volta à sua misericórdia com sua reputação manchada para sempre. Vou arruinar a vida dela, se você quiser jogar esse jogo. — Ela apontou um dedo para o peito dele. — Você se *importa*, Herondale. Essa é a sua fraqueza.

James deu um passo para trás em repulsa quando Tatiana subiu na carruagem. Um momento depois, elas estavam andando pela estrada, os pôneis bufando e as rédeas balançando.

Houve um longo e constrangedor silêncio enquanto o grupo de Caçadores de Sombras observava a carruagem Blackthorn desaparecer na neblina.

— Bem — disse Alastair, finalmente. — Acho que é hora de eu e Cordelia irmos.

— Ainda não posso ir — disse Cordelia. Ela estendeu o braço e viu os olhos do irmão se arregalarem. Um corte longo e sangrento correu do cotovelo até o pulso. Ela mal sentiu durante a batalha, mas estava começando a arder. — Eu preciso de uma runa de cura. Se eu voltar para casa assim, a mãe desmaiará.

— Muitos de nós estão feridos — disse Christopher. — A menos que desejemos explicar o que aconteceu aqui, e parece que seria

uma má ideia, provavelmente deveríamos aplicar *iratzes*. — Ele se virou para Thomas. — Eu farei o seu.

— Por favor, não — disse Thomas.

Christopher nem sempre teve a melhor sorte com runas.

— Oh, diabos, eu faço — disse Alastair, e andou pesadamente ao lado de Thomas.

Thomas observou o que parecia estar em choque quando Alastair pegou uma estela e começou a desenhar na pele nua de seu braço, onde sua camisa estava rasgada.

Ao lado de Cordelia, Lucie produziu sua estela com um floreio.

— Nossa primeira runa de cura! — ela anunciou, colocando a ponta da estela no pulso de Cordelia. — Um momento histórico para um par de *parabatai que* logo será famoso.

— Eu odeio parecer ingrato pela assistência — disse James. — Mas o que diabos trouxe todos vocês aqui? Como você sabia o que ia acontecer?

— Eu ouvi sobre o Cerberus de Jess – Jessamine — disse Lucie, dando os retoques finais na runa de Cordelia. Ambas estavam encostados no muro baixo que corria ao longo do aterro. — Fantasmas, eles fofocam. — Ela repetiu para James a história que havia contado aos outros a caminho de Chelsea, terminando com: — Então, parece que o demônio que você matou na estufa teve tempo de se multiplicar, e os novos demônios vieram procurar Grace quando ela deixou Chiswick.

— Certamente havia muitos deles — disse Cordelia. — Muito pior do que apenas o da estufa.

— Talvez todos tenham tido missões secretas com Grace — disse Lucie.

Alastair bufou.

— Aquela mulher Blackthorn deve estar louca, deixando demônios Cerberus correrem soltos em seus arbustos — ele disse, afastando a estela. Thomas tocou seu próprio braço com uma espécie de olhar curioso; seu ferimento já estava começando a fechar. Alastair pode ser arrogante, mas ele era útil com uma estela.

James e Matthew se sentaram no chão para que James pudesse firmar adequadamente o rosto de Matthew com a mão. Ele

desenhou um *iratze* levemente em sua bochecha enquanto Matthew se contorcia e reclamava.

— É difícil dizer o quanto ela sabia — disse James. — Tenho certeza de que ela estava ciente do demônio original na estufa, mas provavelmente não da sua progênie vingativa.

— Ela sabia o suficiente para vir aqui — apontou Christopher. — Embora ela possa estar apenas seguindo Grace.

James parecia pensativo; Cordelia não pôde deixar de se perguntar o que Tatiana havia lhe dito pela cabine da carruagem. Ele parecia atordoado, como se ela tivesse lhe dado um tapa na cara.

— Eles desapareceram porque você mandou, não foi? — Disse Cordelia.

— Assim parece. — James estava examinando a bochecha de Matthew, aparentemente considerando seu trabalho rúnico. Satisfeito, ele se recostou. Matthew tirou um frasco do bolso com um ar aliviado, soltou a tampa e tomou um gole longo. — Eles voltaram para qualquer dimensão que os demônios Cerberus provêm. Em nome do meu avô.

Ele parecia amargo.

— Que bom você estar relacionado a um tipo tão importante de demônio — disse Alastair secamente.

— Se realmente importava que James estivesse relacionado a um demônio 'importante', deveria ter dito algo para mim também — disse Lucie. — Eu *sou* irmã dele. Não gosto de ser esquecida.

James sorriu - o que, Cordelia suspeitava, tinha sido o objetivo de Lucie. Ele tinha uma covinha perfeitamente letal que brilhava quando sorria. Tais coisas deveriam ser ilegais.

— Eles são leais à família Blackthorn, do seu jeito horrível — disse Lucie, pensativa. — É por isso que eles queriam que não disséssemos nada sobre o que aconteceu hoje à noite.

— Ah — disse Alastair. — Porque a Clave não ficaria muito feliz com os Blackthorns criando um bando de demônios Cerberus e deixando-os perseguir Herondale, mesmo que ele seja muito irritante.

— Eu já disse, Benedict Lightwood é quem os criou — disse Lucie, irritada.

— Por mais desagradável que tenha sido — disse Matthew, — há algo reconfortante em combater o tipo comum de demônio encoberto pela escuridão, em vez de venenosos que aparecem durante o dia.

— Oh! — disse Cordelia. — Isto me lembra. Deveríamos contar a eles o que Hypatia disse, Matthew. Que poderíamos conversar com Ragnor Fell sobre os demônios no parque.

Todo mundo começou a fazer perguntas. Matthew levantou a mão.

— Sim, conversamos com Hypatia Vex no Hell Ruelle. Ela disse que enviaria uma mensagem a Ragnor. Dificilmente é uma coisa certa.

— Talvez, mas Anna estava certa — disse Cordelia. — Precisamos falar com mais submundanos, independentemente. Houve muita conversa sobre Magnus Bane...

— Ah, Magnus Bane — disse Matthew. — Meu herói pessoal.

— De fato, você o descreveu como 'Oscar Wilde se ele tivesse poderes mágicos' — disse James.

— Magnus Bane deu uma festa na Espanha em que participei — disse Thomas. — Foi um pouco difícil, pois eu não conhecia uma alma. Fiquei um pouco bêbado.

Matthew abaixou o frasco com um sorriso.

— Foi quando você fez *sua tatuagem*?

Lucie bateu palmas.

— Os meninos brincam sobre a tatuagem que Thomas fez na Espanha, mas Thomas nunca me deixa ver. Não é a coisa mais cruel que você já ouviu, Cordelia? Eu sou uma *escritora.* Acredito que deveria ter a experiência de estudar uma tatuagem de perto.

— Eu acredito que você não deveria — disse Thomas, com convicção.

— O problema é que ele está em um lugar não mencionável? — perguntou Lucie.

— *Não*, Lucie — disse Thomas, com um ar caçado.

— Eu gostaria de ver — disse Alastair, com uma voz surpreendentemente calma.

Thomas hesitou, depois desabotoou a manga da camisa do braço desenrolado e a enrolou até o cotovelo. Todos se inclinaram para a frente. Contra a pele pálida do lado de dentro do braço musculoso de Thomas havia um traçado cinza e preto de uma bússola. O norte, o sul, o leste e o oeste eram delineados por lâminas como as pontas dos punhais, e no coração da bússola, com pétalas escuras que se abriam, havia uma rosa.

Cordelia pensou que uma tatuagem seria muito mais parecida com as Marcas, mas a lembrou de outra coisa. Era tinta, do jeito que livros e poemas eram feitos de tinta, contando uma história permanente.

Lucie aplaudiu. Alastair fez um barulho estranho. Ele estava olhando para o outro lado, como se a visão de Thomas o incomodasse.

— Eu acho adorável, Thomas — disse Cordelia. — O norte aponta seu braço, ao longo da veia que leva ao seu coração.

— Então isso significa que você é amigo íntimo de Magnus Bane, Thomas? — disse Lucie. — Você pode pedir ajuda a ele?

— Ele nem apareceu na festa — disse Thomas, abaixando a manga. — Mas entrar em contato com Ragnor Fell é uma boa ideia.

— Desde que ele guarde tudo isso para si — disse Christopher, empurrando os óculos pelo nariz. — Não podemos contar a nenhum Caçador de Sombras o que aconteceu aqui hoje à noite. Todos nós ouvimos o que aquele demônio disse.

Houve um murmúrio de assentimento, interrompido por Alastair.

— Cordelia e eu devemos partir — disse ele. — Quanto aos seus pequenos segredos, você não pode confiar em demônios. Não importa o que eles reivindicam.

Cordelia conhecia esse tom em sua voz.

— Alastair, você deve prometer manter tudo o que aconteceu aqui esta noite para si mesmo.

— Por que eu deveria prometer? — Alastair exigiu.

— Porque, mesmo que os demônios sejam mentirosos, o risco é grande demais — disse Cordelia, um pouco desesperada. — O

demônio disse que teria como alvo nossas famílias se algum de nós falasse sobre o que aconteceu hoje à noite. Pense em mãe e pai.

Alastair parecia amotinado.

— Se você não prometer — Cordelia acrescentou, — eu não irei para casa com você. Ficarei fora a noite toda e serei totalmente arruinada. Vou ter que me casar com Thomas ou Christopher.

— Oque — disse Christopher, parecendo surpreso.

Thomas sorriu.

— Se você tem alguma preocupação com a nossa família, deve prometer — disse Cordelia. — Por favor, Alastair.

Houve um murmúrio por toda parte; Lucie parecia preocupada. James estava olhando para Cordelia com uma expressão que ela não conseguia decifrar.

Os olhos de Alastair se estreitaram.

— Muito bem, eu prometo — ele murmurou. — Agora vamos embora imediatamente. Temos muito o que discutir quando voltarmos para casa.

Era quase meia-noite quando os cinco - Lucie, James, Matthew, Thomas e Christopher - finalmente retornaram ao Instituto. Lucie observou as janelas iluminadas com curiosidade enquanto se derramavam no pátio. Era incomum a essa hora todas as lâmpadas estarem acesas.

James levou um dedo aos lábios antes de abrir as amplas portas da frente - elas abriram ao toque da mão de qualquer Caçador de Sombras - e liderou o caminho para dentro e subiu as escadas.

O corredor do primeiro andar brilhava com luzes enfeitiçadas. A porta da sala estava aberta, e o som de uma música galesa soou no corredor.

Nid wy'n gofyn bywyd moethus, Aur y byd na'i berlau mân: Gofyn wyf am galon hapus, Calon onest, calon lân.

James e Lucie trocaram um olhar preocupado. Se Will estava cantando, isso significava que ele estava se sentindo sociável e os

aproveitaria no momento em que os visse e começaria a relembrar Gales e patos.

— Talvez — disse James em um sussurro — todos nós devêssemos sair rapidamente e subir para a câmara superior usando uma janela e um gancho.

Tessa apareceu na porta da sala de estar. Ao ver todos os cinco, ela ergueu as sobrancelhas. Lucie e James trocaram um olhar: tarde demais para o gancho.

Lucie deu um passo à frente e passou o braço pela cintura de sua mãe.

— Desculpe, mamãe, fizemos um piquenique tarde no rio. Estamos com problemas?

Tessa sorriu.

— Vocês são todos patifes, mas espero que tenham gostado. Podemos discutir isso mais tarde. Seu pai tem um convidado. Entre e se apresente. Vou aparecer na enfermaria e volto.

James liderou a expedição na sala, Thomas, Matthew e Christopher, todos murmurando seus cumprimentos a Tessa enquanto passavam. Na sala, sentados em cima de duas cadeiras de veludo cinza combinadas, estavam Will e um alto feiticeiro verde com chifres nos cabelos nevados. Ele usava uma expressão severa.

Will fez as apresentações.

— Ragnor Fell, meus amados filho e filha. Também um pacote vergonhoso de invasores de casa. Acho que todos conhecem Ragnor Fell, o ex Alto Feiticeiro de Londres?

— Ele nos ensinou na Academia — disse Christopher.

Ragnor Fell olhou para ele.

— Pelo nome de Lilith — ele falou demoradamente. — Esconda os objetos quebráveis. Esconda a casa inteira. Christopher Lightwood está aqui.

— Christopher está frequentemente aqui — disse James. — A casa permanece praticamente intacta.

Will sorriu.

— Senhor Fell está aqui em uma ligação social — ele disse. — Isso não é legal?

Will tentou deixar claro que as portas do Instituto estavam abertas para Submundanos, mas poucos o aceitaram nessa hospitalidade. Will e Henry conversavam frequentemente sobre Magnus Bane, mas Bane estivera na América a vida inteira de Lucie.

— Senhor Fell expressou um grande interesse pela música galesa, então eu cantei algumas músicas — disse Will. — Além disso, tivemos alguns copos de vinho do porto. Estamos nos divertindo.

— Estou aqui há horas — disse Ragnor, com uma voz dolorosa. — Houve muitas músicas.

— Eu sei que você gostou delas — disse Will.

Seus olhos estavam brilhando. Bem acima deles, Lucie ouviu um som estranho: como se algo na casa tivesse tombado e caído. Talvez uma lâmpada.

— Sinto como se estivesse no País de Gales e voltei — disse Ragnor. Seus olhos brilharam em Matthew. — O filho da cônsul — disse ele. — Eu lembro de você. Sua mãe é uma mulher gentil - ela já superou sua doença?

— Isso foi há alguns anos — disse Matthew.

Ele tentou sorrir e falhou; Lucie mordeu o lábio. Poucos sabiam que Charlotte estivera doente quando Matthew tinha quinze anos e ela havia perdido um bebê que estava carregando. Pobre Matthew, para ser lembrado.

Matthew foi até a lareira e serviu um copo de xerez com as mãos levemente trêmulas. Lucie viu os olhos de Will seguirem Matthew, mas antes que ele pudesse falar, a porta da sala se abriu e Tessa apareceu, carregando uma vela acesa. O rosto dela estava na sombra.

— Will, *bach* — disse ela em voz baixa. — Venha comigo por um momento; Eu tenho algo para lhe perguntar.

Will ficou de pé com entusiasmo. Ele sempre fazia quando Tessa era quem o chamava de distância. Lucie sabia que o amor que seus pais compartilhavam era extraordinário. Era o tipo de amor que ela tentava captar nas páginas de sua própria escrita, mas ela nunca conseguia encontrar as palavras certas.

Assim que a porta se fechou atrás dos pais de Lucie, Ragnor Fell virou-se para James.

— Vejo que esta geração de Caçadores de Sombras não tem mais sentido do que a anterior — disse ele bruscamente. — Por que você está galanteando pela cidade de Londres a essa hora da noite, quando eu preciso falar com você?

— O que, e interromper sua ligação social? — disse James, sorrindo. — Papai disse que você estava ouvindo músicas galesas por horas.

— Sim, maior é a pena. — Ragnor fez um gesto impaciente. — Minha amiga Hypatia me informou que alguns jovens Caçadores de Sombras vieram ao seu salão hoje à noite fazendo perguntas sobre demônios incomuns e sugerindo um futuro terrível para todos nós. Ela mencionou *seu* nome. — Ele apontou um dedo na direção de Matthew. — Ela disse que lhe devia muito algum tipo de dívida e perguntou se eu poderia ajudar.

— Você poderia? — Thomas falou pela primeira vez desde que entraram na sala. — Minha irmã é uma das feridas.

Ragnor pareceu surpreso.

— Thomas Lightwood? Senhor, você está enorme. O *que* os Nephilim estão alimentando você?

— Eu cresci um pouco — disse Thomas, impaciente. — Você pode ajudar Barbara? Os Irmãos do Silêncio colocaram todos os feridos para dormir, mas até agora não há cura.

Thomas agarrou as costas de madeira de uma cadeira, esculpida para representar lâminas serafins cruzadas. Sua pele estava bronzeada, mas ele segurou a cadeira com tanta força que suas mãos estavam brancas. Ragnor Fell examinou a sala, as sobrancelhas pálidas levantadas.

— A escassez de demônios em Londres nos últimos anos não escapou ao meu conhecimento — disse ele. — Eu também ouvi rumores de que um feiticeiro poderoso está por trás dessa ausência.

— Você acredita nisso? — disse Lucie.

— Não. Se nós feiticeiros pudéssemos facilmente manter demônios fora de nossas cidades, nós o faríamos. Mas não seria

necessário um feiticeiro poderoso, apenas corrupto, para brincar com esse tipo de mágica.

— O que você quer dizer? — disse James. — Certamente manter os demônios longe é uma coisa boa, não ruim.

Ragnor acenou com a cabeça devagar.

— Você pensaria que sim — disse ele. — E, no entanto, o que estamos vendo aqui é que alguém expulsou os demônios menores de Londres para criar um caminho para aqueles ainda mais perigosos. — Ragnor hesitou. — Entre os feiticeiros, meu nome é frequentemente invocado quando se fala em magia dimensional - o tipo mais difícil e instável, o tipo que envolve outros mundos que não o nosso. Eu me tornei um estudante disso, e ninguém sabe mais do que eu. Demônios não podem aparecer em luz do dia. É uma regra da natureza. E ainda. Existem maneiras de trazer demônios a este mundo que os tornariam impermeáveis a ele?

— Sim? — Lucie arriscou.

Ragnor olhou furioso.

— Não espere que eu lhe diga o que são — disse ele. — Só que eles são proibidos pelo Labirinto Espiral, pois envolvem complexas mágicas dimensionais que representam um perigo para o tecido do próprio mundo. — Ele balançou sua juba branca de cabelo. — Não tenho informações sólidas, apenas rumores e palpites. Eu não trairia alguém da minha espécie a um membro da Clave, a menos que tivesse certeza de que eles eram culpados de um crime, pois a Clave os prenderia primeiro e examinaria as evidências depois. Mas vocês... vocês são crianças. Ainda não está na Clave. Se vocês fossem investigar isso...

— Não contaremos ao pai nada que você não queira — prometeu James. — Nós não contaremos a ninguém. Nós juramos isso em nome de Raziel.

— Exceto Cordelia — disse Lucie apressadamente. — Ela deve ser minha *parabatai* . Não posso esconder coisas dela. Mas não contaremos a mais ninguém, e certamente nem um único adulto.

Houve um murmúrio, como os outros prometeram junto com ela. Jurar algo, para um Caçador de Sombras, era uma coisa séria; jurar pelo nome do anjo era ainda mais sério.

Ragnor virou-se para James.

— Poucos feiticeiros poderiam realizar essa mágica, e menos ainda estariam dispostos. De fato, posso pensar em apenas um tão corrupto. Emmanuel Gast. A notícia entre os feiticeiros é que, se o preço é alto o suficiente, não há trabalho muito baixo para ele. Não sei se o boato é verdadeiro, mas sei o endereço dele.

Ragnor foi até a escrivaninha no canto da sala e rabiscou o endereço em uma folha de papel. Lucie olhou para a caneta-tinteiro gravada em ouro do Waterman nas mãos pesadas de Ragnor Fell, uma articulação extra em cada dedo fazendo a sombra da mão na página parecer quase uma garra.

— Obrigado — disse James, quando o feiticeiro terminou.

— Acho que não preciso pedir para vocês não contarem a Gast quem os enviou — disse ele, levantando-se da mesa. — Se eu descobrir que sim, vou transformar todos vocês em um conjunto de xícaras de chá. Quanto a mim, eu estou indo para Capri. Meus nervos estão em um estado. Se Londres deve ser devorada por demônios, não desejo estar presente no evento. Boa sorte a todos vocês.

Essa parecia uma atitude estranha para um ex Alto Feiticeiro, mas Lucie manteve a boca fechada enquanto Fell se dirigia para a porta. Ela pensou que ele poderia sair sem outra palavra, mas ele se demorou um momento.

— Eu não sei inteiramente como tratar vocês Herondales — ele admitiu. — Um feiticeiro nunca teve um filho antes. Não posso deixar de me perguntar: o que vocês vão se tornar?

Ele olhou firmemente para James e depois para Lucie. O fogo estalou na lareira, mas nenhum deles falou. Lucie pensou no demônio na ponte, dizendo a James que honraria seu sangue. O sangue dela.

Ragnor deu de ombros.

— Assim seja — disse ele, e saiu.

Lucie correu para a escrivaninha e pegou o pedaço de papel nas mãos, depois se virou sorrindo. Thomas e James retribuíram o sorriso dela; Thomas com esperança, James com cansaço. Matthew estava olhando tristemente para o copo na mão.

Então a porta se abriu e Will e Tessa entraram.

Lucie, preocupada por um instante, eles tinham ouvido alguma dica traidora das informações de Ragnor Fell, enfiou o papel rapidamente no bolso do vestido de passeio. Então ela viu seus rostos e tudo o mais foi esquecido.

Era como o fim do verão em Idris. Um dia, ela e James estavam brincando na floresta entre as árvores verdes e as musgosas vales de flores. Então viria uma mudança quase imperceptível no ar e ela saberia: haveria geada amanhã.

Thomas recuou, seu rosto ficando branco sob o bronzeado. Seu ombro bateu no de Matthew e o copo caiu das mãos de Matthew. Estilhaçou a seus pés, espalhando cacos pela lareira.

Não haveria mais espera pelo gelo, pensou Lucie. Estava aqui.

— Thomas, lamentamos muito — disse Tessa, estendendo as mãos. — Seu pais estão a caminho. Barbara morreu.

11

11

TALISMÃS E FEITIÇOS

O conhecimento tem orgulho de ter aprendido muito; A sabedoria é humilde, pois ele não sabe mais.
Os livros raramente são talismãs e feitiços.
- William Cowper, “A tarefa, livro VI: Caminhada de inverno ao meio-dia”

— O *tahdig* está frio. — Sona se elevou na porta da casa da cidade, com os braços cruzados enquanto olhava para os dois filhos. — Risa jantou mais de duas horas atrás. *Onde* vocês estiveram?

— Fomos à enfermaria do Instituto — mentiu Alastair, com os olhos arregalados e inocentes. Ele realmente era filho de uma mãe persa de temperamento, pensou Cordelia com um pouco de diversão. Ela afagou seus cabelos e saias na carruagem o máximo que pôde, mas sabia que parecia assustada. — Pensamos em trazer flores para mostrar nossa preocupação como parte da comunidade de Londres.

Um pouco da raiva saiu do rosto de Sona.

— Aquelas pobres crianças na enfermaria — disse ela. Ela recuou e os conduziu para dentro. — Entrem então. E tirem os sapatos antes de colocar lama nos tapetes!

A ceia foi um caso rápido de *tahdig* frio e *khoresh bademjan.* Ao final, Sona estava convencida de que a ideia de ajudar na enfermaria era dela.

— Você é um bom garoto, Alastair *joon* — disse ela, beijando-o em cima de sua cabeça enquanto se levantava da mesa. — E você também, Cordelia. Embora você não devesse ter escolhido as flores por si mesmo. Seu vestido está arruinado. Muita lama!

Ela balançou a cabeça.

— Bom — disse Cordelia. — É um vestido horrível.

Sona parecia magoada.

— Quando eu tinha a sua idade... — ela começou.

Cordelia sabia que isso pressagiava uma história de como, quando Sona era menina, ela era perfeitamente obediente aos pais, uma caçadora de sombras obediente, e sempre mantinha suas roupas em bom estado.

Alastair jogou o guardanapo sobre a mesa.

— Nossa Layla parece exausta — disse ele. — Ajudar os doentes é muito cansativo. Vou vê-la lá em cima.

Havia três andares na casa da cidade, o andar superior entregue aos quartos de Alastair e Cordelia e um pequeno escritório. Janelas com painéis de diamante olhavam o céu escuro acima de Kensington. Alastair parou no topo da escada e encostou-se ao papel de parede adamascado.

— Nunca mais vamos falar com essas pessoas terríveis — ele disse.

Ele estava girando uma de suas lanças chinesas entre os dedos, sua lâmina em forma de folha captando a luz que subia do andar de baixo. Alastair tinha uma coleção de lanças, algumas das quais dobradas e que podiam ser guardadas nos bolsos, várias das quais estavam presas no forro do casaco.

— Eu gosto deles — disse Cordelia zangada. —Todos eles.

Ela podia ouvir a mãe cantando para si mesma no quarto; Há muito tempo, o próprio Alastair costumava cantar e tocar piano. Antigamente eles eram uma família musical. Uma vez as coisas tinham sido muito diferentes. Esta noite lembrava Cordelia de quando ela e seu irmão eram crianças, e os conspiradores como irmãos isolados costumavam ser. ISSO antes de Alastair ir para a escola, voltou muito difícil de alcançar.

— Realmente? — Alastair perguntou. — Qual você acha tão agradável? Se for Herondale, ele nunca gostará de você mais do que gosta da Srta. Blackthorn, e se for Fairchild, ele nunca gostará de você melhor do que a garrafa.

Os lábios de Cordelia se apertaram.

— Quer você goste ou não, eles são pessoas influentes, e eu prefiro pensar que você está mantendo em mente o bem-estar de nosso pai.

Alastair bufou.

— Seu plano é salvar o pai, fazendo pessoas *gostarem* você?

— Claramente, você nunca pensou que fazer pessoas gostarem de você fosse importante, Alastair, mas eu não sou assim.

Alastair parecia assustado, mas se recuperou rapidamente.

— Você deve pensar menos em fazer as pessoas gostarem de você e mais em fazê-las te *deverem*.

— Alastair—

Mas alguém estava batendo na porta do andar de baixo. O som tocou no silêncio. Quem estava lá fora bateu três vezes em rápida sucessão, depois parou.

A expressão de Alastair mudou.

— Já falamos disso o suficiente. Boa noite, Cordelia.

Não mais Layla. *Cordelia.* Sua expressão era severa quando ele se virou para descer as escadas.

Cordelia estendeu a mão e agarrou seu casaco.

— Quem poderia estar visitando tão tarde? Você acha que são más notícias?

Alastair começou, parecendo surpreso que Cordelia ainda estivesse presente, e o casaco dele deslizou por entre os dedos dela.

— Eu sei quem é. Eu vou gerenciar a situação. Vá para a cama imediatamente, Cordelia — Alastair ordenou, sem encontrar os olhos. — Se a mãe te pegar da cama, haverá o diabo para pagar e não haverá calor.

Ele desceu correndo os degraus.

Cordelia se inclinou sobre o corrimão. Dois andares abaixo, ela podia ver os azulejos encáusticos do corredor, as superfícies recém-pintadas retratando explosões de estrelas amarelas brilhando através de um labirinto de espadas. Ela viu o irmão abrir a porta e viu a sombra projetada nas espadas e estrelas quando o visitante entrou. O homem tirou o chapéu. Com alguma surpresa, Cordelia reconheceu Charles Fairchild.

Alastair olhou em volta, preocupado, mas parecia claro que a mãe e Risa tinham ido dormir. Ele pegou o chapéu e o casaco de Charles e eles se dirigiram juntos para a sala de estar.

O coração de Cordelia estava batendo forte. Charles Fairchild. Charles, que havia dito a James para não se aventurar perto de Grace. Charles, em quem Matthew claramente não confiava - mas em quem Alastair claramente confiava.

Alastair prometeu a ela que não contaria os segredos de James. Ele *prometeu*.

Mas ele não queria fazer a promessa. Cordelia mordeu o lábio, xingou baixinho e começou a descer os degraus. As escadas em sua nova casa eram de carvalho, pintadas de cinza com um corredor amarelo no centro e uma grade de ferro forjado também pintada de cinza. Cordelia lutou com a consciência enquanto os descia levemente, os pés sem meias.

Havia uma entrada nos fundos da sala de estar. Cordelia deslizou pela sala de jantar, onde os pratos ainda estavam sobre a mesa, e pelo corredor dos criados. No final do corredor, havia a porta da sala de estar, já entreaberta. Ela se apertou contra ela, espiando pela fenda ela podia ver Charles, aquecendo as mãos no fogo crepitando na grade de gesso branco.

Seu cabelo ruivo parecia escuro sob a luz fraca e muito ordenado. Enquanto Cordelia observava, Alastair se aproximou de Charles: agora ela podia ver seu irmão completamente. Ele estava passando os dedos pelos cabelos emaranhados, numa tentativa desesperada de fazê-lo ficar liso.

— Alastair. — Charles virou-se de costas para o fogo. — Por que você aparenta estar alarmado? O que aconteceu?

— Fui encontrá-lo hoje mais cedo — disse Alastair. Havia uma nota emburrada em sua voz que surpreendeu Cordelia. — Minha irmã estava com Anna - fui à sua casa e até ao seu clube. Onde você estava?

— Eu estava no Instituto, é claro. Minha noiva continua doente, a menos que você tenha esquecido.

— Seria muito improvável — disse Alastair friamente — esquecer sua noiva — Nas sombras, Cordelia piscou em confusão.

Alastair não gostou Ariadne? Ela não se lembrava dele mencioná-la antes.

— Alastair — disse Charles, em tom de aviso. — Nós discutimos isso.

— Você disse que seria temporário. Um compromisso político temporário. Mas eu falei com Ariadne, Charles. Ela acredita muito que esse casamento vai acontecer.

Alastair estava parado perto de Charles, tão perto que suas sombras se tocaram. Agora ele virou as costas para Charles e foi até as estantes de livros. Cordelia tentou se afastar e quase pisou em seu vestido. Felizmente, Alastair parou antes que ele pudesse tê-la visto e encarou os livros sem entender. Cordelia raramente via tanta miséria em seu rosto.

— Isso não é justo com ela, Charles — disse Alastair. — Ou para comigo.

— Ariadne não se importa com o que eu faço. Os interesses dela estão em outro lugar. — Charles parou por um breve momento. — Ela agradará seus pais com uma boa combinação, e considerarei útil estar conectado ao inquisidor. Se eu me tornar cônsul, poderia fazer muito bem pela Clave, assim como por você. Minha mãe é muito sentimental, mas posso fortalecer nosso povo novamente. É o que eu quis toda a minha vida. Você entende. Eu contei todas as minhas esperanças em Paris.

Alastair fechou os olhos, como se a palavra "Paris" o machucasse.

— Sim — ele disse. — Mas você disse - eu pensei -

— O que foi que eu disse? Eu não faria promessas falsas. Você sabe como deve ser. Nós dois somos homens do mundo.

— Eu sei — disse Alastair, abrindo os olhos. Ele se virou para olhar para Charles. — É só que - eu amo você.

Cordelia respirou fundo. *Oh, Alastair.*

A voz de Alastair falhou enquanto ele falava. A voz de Charles também falhou, mas a dele não era o som de algo quebrando. Era o som de um chicote.

— Você absolutamente não pode dizer isso — disse Charles. — Não onde alguém possa ouvi-lo. Você sabe disso, Alastair.

— Ninguém pode nos ouvir — disse Alastair. — E eu te amo desde Paris. Eu pensei que você me amava.

Charles não disse nada. E por um momento, tudo o que Cordelia conseguiu pensar foi que odiava Charles Fairchild por machucar o irmão. Então ela viu o tremor infinitesimal da mão de Charles quando ele a colocou no bolso, e ela percebeu que Charles também poderia estar assustado.

Charles respirou fundo e atravessou o chão acarpetado ao lado de Alastair. Cordelia podia ver os dois com muita clareza. Muito claramente, talvez, ela pensou, quando Charles tirou as mãos dos bolsos e as colocou nos ombros de seu irmão. Os lábios de Alastair se separaram um pouco.

— Eu amo — disse Charles. — Você sabe que eu amo.

Suas mãos deslizaram pelos cabelos de Alastair. Ele ainda estava usando luvas, os dedos escuros no cabelo pálido de Alastair; ele puxou Alastair na direção dele, e seus lábios se encontraram. Alastair emitiu um som suave, como rendição. Ele passou um braço em volta do pescoço de Charles e o puxou para o sofá.

Eles se esticaram juntos, Charles no topo de Alastair. Foi a vez de Alastair enterrar as mãos nos cabelos de Charles, pressionar contra o corpo de Charles e mexer no colete. As mãos de Charles estavam achatadas contra o peito de Alastair, e ele estava beijando Alastair com fome, repetidamente.

Cordelia fechou os olhos com força. Essa era a vida de seu irmão, os assuntes dele, um assunto muito *particular*. Oh, Deus, ela não veio para ver isso, nem um pouco. Ela podia ouvir gemidos suaves, podia ouvir Alastair sussurrando para Charles em persa, carinhos que ela nunca poderia ter imaginado seu irmão proferindo.

Houve um suspiro. Ela arriscaria, ela decidiu. Ela fugiria, e esperançosamente eles estariam muito concentrados um no outro para ouvi-la.

Então ela ouviu Charles dizer: — Alastair. Eu não posso eu não posso. — Houve um barulho estridente, e Cordelia abriu os olhos para ver Alastair sentado desgrenhado no sofá, e Charles em pé, ajeitando o colete. A jaqueta de Alastair foi jogada sobre as costas do sofá. — Agora não.

Alastair não tocava mais música, mas ainda tinha as mãos de um músico. Cordelia observou quando aquelas mãos se levantaram, se torceram em um breve instante de dor e pararam.

— O que há de errado, Charles? — ele disse, sua voz rouca e rouca. — Se não é para isso que você veio, então por que você está aqui?

— Pensei que você tivesse aceitado a situação com Ariadne — disse Charles. — Não te deixaria, Alastair. Nós ainda seríamos - o que somos. E pensei que você concordaria em se casar também.

— Que *eu me* casaria? — Alastair ficou de pé. — Já lhe disse várias vezes, Charles, mesmo que não o tivesse, nunca me casaria com uma pobre mulher e a enganaria quanto ao meu amor e respeito. Eu convenci minha mãe de que posso usar melhor a família na política...

— Você achará difícil ter sucesso na política sem uma esposa — disse Charles. — E você não precisa enganar uma mulher.

— Ariadne é um caso incomum — disse Alastair. — Se ela não preferisse as mulheres, seria improvável que estivesse disposta a se casar com você.

Charles ficou parado, os olhos fixos no rosto de Alastair.

— E se não fosse Ariadne?

Alastair parecia perplexo.

— Fale coisas com sentido, Charles. O que você quer dizer?

Charles balançou a cabeça como se estivesse limpando as teias de aranha.

— Nada — ele disse. — Estou inquieto. Muita coisa aconteceu esta noite, tudo ruim.

Cordelia ficou tensa. O que ele quis dizer? Ele não poderia saber sobre seu encontro com os demônios em Battersea Bridge. Alguém tinha ficado doente?

Charles falou com uma voz pesada.

— Barbara Lightwood morreu."

Cordelia sentiu como se tivesse levado um soco no estômago. Ela ouviu Alastair como se de longe, parecendo atordoado: — A irmã de Thomas está morta?

— Eu não esperava que você se importasse — disse Charles. — Eu pensei que você odiava aqueles companheiros.

— Não — disse Alastair, surpreendendo Cordelia. — Mas... Ariadne está bem?

— Ela ainda vive — disse Charles. — Mas Raziel sozinho sabe o que vai acontecer. Para qualquer um deles.

Alastair sentou-se novamente.

— Talvez devêssemos sair de Londres. Pode não ser seguro aqui para Cordelia, para minha mãe...

Cordelia sentiu uma surpresa que seu irmão pensara nela.

Alastair colocou a cabeça nas mãos.

— *Nemidoonam* — ele sussurrou.

Charles parecia vazio, mas Cordelia o entendeu: *não sei. Eu não sei o que fazer.*

— Somos Caçadores de Sombras — disseram Charles, e Cordelia se perguntou: ele não se preocupava com Matthew ficar doente? Sobre Henry? — Não corremos ou passamos nosso tempo de luto. Este é o momento de lutar e vencer. O Enclave precisará de um líder e, com minha mãe em Idris, agora é a hora de mostrar minhas melhores qualidades.

Ele tocou Alastair levemente no ombro. Alastair olhou para cima e Cordelia fechou os olhos. Havia algo muito pessoal na maneira como Alastair olhava para Charles, toda a sua defensiva despojada.

— Eu preciso ir — disse Charles. — Mas não esqueça, Alastair, que tudo o que faço, é com o pensamento de você em minha mente.

— Jogue isso de volta aqui, Alexander — Lucie disse em voz baixa.

“Isso’’ era uma pequena bola de borracha vermelha. O primo mais novo de Lucie correu junto o piso de mármore da biblioteca, mas a bola saltou fora de seu alcance e entrou no colo de Lucie.

Alexander parecia amotinado.

— Não é justo — disse ele.

Ele estava cansado e agitado, pois estava acordado por muitas horas depois da hora de dormir de sempre. Lucie não tinha certeza de que horas eram exatamente - tinha certeza de que haviam passado muitas horas desde que soubera da morte de Barbara -, mas tudo parecia estranhamente como um pesadelo, atemporal e impreciso.

Lucie olhou para cima e franziu a testa.

— Jessamine. Não pegue a bola dele.

— Eu só quero ser incluída — disse Jessamine.

Ela estava à deriva entre as pilhas, onde Lucie levara Alexander para diverti-lo enquanto os pais dele e os dela se amontoavam em uma conversa. Em algum momento Jessamine apareceu, sensível ao sentimento inquieto dentro do Instituto. Ela balançou perto de Lucie, seus longos cabelos loiros soltos e flutuando.

— Talvez seja melhor para eles deixarem Londres — estava dizendo Tessa. Ela e Will sentaram-se com a tia de Lucie, Cecily, e o tio Gabriel em uma longa mesa no centro da grande sala. Lâmpadas de banqueiro verde lançavam um brilho suave sobre a sala. — Será bom para Sophie e Gideon se juntarem a Henry e Charlotte em Idris, pois eles sempre são uma presença reconfortante. E certamente estar aqui no momento só os lembrará de Barbara.

Lucie vira seu tio Gideon e tia Sophie apenas brevemente quando chegaram para ver o corpo de Barbara e recolher Thomas. Ambos pareciam vazios, como fantoches nas formas de seu tio e tia, passando pelos movimentos do que era necessário. Ainda assim, eles tentaram confortar Oliver, que estava sentado chorando ao lado do corpo imóvel de Barbara. Ao que parecia, ela havia se debatido e gritado pouco antes de Tessa chegar para encontrá-la morta: ela arranhou as mãos de Oliver e o sangue manchou os punhos brancos de sua camisa e misturou-se às lágrimas.

Oliver, arrasado, retornaria a York e seus pais; Gideon e Sophie, ao que parecia, estavam indo para Idris, onde Eugenia desabou ao ouvir as notícias da morte de sua irmã e não estava bem o suficiente para viajar por Portal. Thomas, no entanto, não iria com eles. Ele insistiu em permanecer em Londres e ficaria com Cecily e Gabriel em sua casa em Bedford Square.

— Nós cuidaremos da melhor maneira possível de Thomas — disse Cecily. — Christopher ficará muito feliz em tê-lo conosco. Mas não posso deixar de me perguntar se Thomas se arrependerá de não ter ido a Idris. Certamente será doloroso se separar de sua família em tal momento.

— Você também é a família dele — disse Will. — Christopher e Thomas são como irmãos, Cecy.

— Eu não acho que ele vai se arrepender — disse Gabriel. Ele era um tio gentil, mas seus traços aquilinos - como os de Anna e Christopher - o faziam parecer mais severo do que era. — Thomas é muito parecido com Gideon. O tipo que deve ter algo para fazer quando ocorrer uma tragédia. Christopher deseja sua ajuda no trabalho de um antídoto...

— Mas Kit é apenas um menino — disse Cecily. — Ele dificilmente deveria realizar algo tão monumental.

— Não há nada a dizer que os esforços de Christopher e Thomas serão em vão — disse Will. — Todos devemos lembrar que houve um tempo em que a Clave duvidou de nós e Henry, e nós vencemos.

— Pobre Sophie — disse Jessamine inesperadamente. — Ela sempre foi uma garota tão gentil. Exceto uma vez, quando ela me bateu na cabeça com um espelho e me amarrou na minha cama.

Lucie não perguntou mais. As histórias de Jessamine costumavam variar de desmedidas a alarmantes. Em vez disso, puxou Alexander para o colo e apoiou o queixo sobre a cabeça dele.

— Parece que a maioria dos vivos tem tragédia sobre eles — Jessamine meditou.

Lucie não apontou que a alternativa parecia pior. Jessamine nunca pareceu desejar estar viva; ela parecia contente em seu papel de guardiã fantasma. *Tão diferente de Jesse,* Lucie pensou. Jesse, que pediu que ela o mantivesse em segredo, para que sua meia-vida ímpar não fosse descoberta e terminada pela Clave. Jesse, que parecia querer muito viver.

— Todos éramos muito corajosos na época — disse Tessa. — Às vezes me pergunto se é mais fácil ser corajoso quando jovem, antes que se saiba realmente quanto há a perder.

Cecily murmurou algo em resposta; Lucie abraçou Alexander, que estava meio adormecido em seus braços, com força. Ele era um consolo, apesar de ter três anos e ser exigente. Ela sentiu em algum lugar do coração a verdade do que sua mãe acabara de dizer. E *deve-se* colocar a verdade nos livros, ela pensou, mas isso nunca seria o tipo de coisa que ela colocaria nas páginas de *The Beautiful Cordelia*. Os livros eram sobre experimentar alegria. Esse era o material cru e horrível da vida.

Era muito terrível.

James estava sentado em sua escrivaninha, tentando ler, mas seus olhos estavam saltando sobre as palavras na página. Ele ficou pensando em Barbara. Ele não tinha sido muito próximo de sua prima - a diferença de idade entre eles significava que ela o considerava indulgentemente como uma criança, assim como fazia com Thomas, mas ela esteve lá a vida toda, gentil e alegre, sem a língua afiada da irmã, sempre esperando o melhor de todos. Ele nunca havia vivido em um mundo sem Barbara.

Lucie estava na biblioteca, ele sabia, absorvendo a companhia de outras pessoas. Mas James sempre encontrou consolo nos livros. É certo que não é o tipo de livro que ele estava lendo atualmente.

Ele ficou surpreso com o pouco material disponível na biblioteca sobre os Príncipes do Inferno. Eles não eram o tipo de demônio que os Caçadores de Sombras *lutavam* - na mitologia sobre eles, eles eram os espelhos de anjos como Raziel. Seus interesses pareciam ir além da humanidade, que eram como formigas para eles. Suas batalhas foram com anjos e governantes de reinos - outros mundos que não a Terra, dimensões que os príncipes pareciam reunir como peças de xadrez. Eles não podiam ser mortos, embora às vezes pudessem se ferir de uma maneira que deixava o ferido enfraquecido por anos.

Havia nove deles no total. Houve Sammael, o primeiro a libertar demônios na Terra. Azazel, o falsificador de armas que caiu da

graça quando presenteou os humanos com os instrumentos de violência. Belial, que "não andou entre homens", foi descrito como o príncipe dos necromantes e feiticeiros, e um ladrão de reinos. Mammon, o príncipe da ganância e da riqueza, poderia ser subornado com dinheiro e riquezas. Astaroth, que tentou os homens a prestar falso testemunho e que se aproveitou do luto. Asmodeus, o demônio da luxúria e general dos boatos do exército do Inferno. Belphegor, o príncipe da preguiça e, estranhamente, trapaceiros e vendedores de óleo de cobra. Leviatã, o demônio da inveja, do caos e do mar, que era monstruoso e raramente convocado. E, finalmente, é claro, havia Lúcifer, o líder dos arcanjos, o mais bonito de qualquer príncipe, o líder da rebelião contra o céu.

Parecia impossível para James que qualquer um deles pudesse ser seu avô. Era como ter uma montanha como avô ou uma estrela explosiva. Nada de mal era mais poderoso que os Príncipes do Inferno, exceto talvez Lilith, a mãe dos demônios.

Ele suspirou e largou o livro, tentando afastar um pensamento intrusivo de Grace. Ele não gostou da maneira como eles se separaram na margem do rio: ela disse que precisaria de tempo, e ele sabia que devia dar isso a ela. Ainda assim, o pensamento dela queimou dentro de seu estômago, como se ele tivesse engolido uma ponta do fósforo.

Uma batida na porta o tirou de seus devaneios. Ele largou o livro, levantando-se. Seus músculos doíam — Entre — ele chamou.

Era seu pai, mas Will não estava sozinho: tio Jem estava com ele, uma presença silenciosa em suas vestes de pergaminho à deriva. Seu capuz estava caído, como sempre acontecia quando ele estava dentro do Instituto. Will havia dito a James há muitos anos que quando Jem se tornou Irmão do Silêncio, ele não gostava que as pessoas vissem suas cicatrizes. Era estranho pensar no tio Jem tendo tais sentimentos.

— Alguém está aqui para vê-lo — disse Will, afastando-se para deixar Jem entrar na sala. Ele olhou do filho para o velho *parabatai*. James sabia que, sob as músicas e piadas, o desvio cuidadoso, seu pai era um homem que sentia as coisas profundamente. Ele próprio

era como seu pai: ambos amavam intensamente e podiam ser intensamente magoados.

Se incomodou Will que James e Jem tivessem segredos que ele não conhecia e não podia compartilhar, ele não demonstrou. James ficou infeliz até Jem lhe mostrar como controlar o poder das sombras. Tudo o que Will se importava era que, depois de suas aulas com Jem, James parecia mais feliz.

Os olhos azuis de Will estavam profundamente sombreados; James sabia que ele e Tessa estavam acordados por horas, primeiro no quarto do doente e depois na biblioteca. James e Lucie ficaram com Thomas o máximo que podiam, até que ele retornou à casa de Christopher, silencioso com tristeza e exaustão. Depois, Lucie foi à biblioteca para cuidar de Alexander, mas James voltou para o quarto. Ele sempre foi do tipo que se preocupava em particular.

Will bagunçou o cabelo de James e disse algo sobre ser necessário em outro lugar antes de sair da sala. Quando ele se foi, James sentou-se novamente em sua mesa e olhou para seu tio Jem.

Você me chamou? Jem disse.

— Sim. Eu preciso te contar uma coisa. Ou talvez perguntar uma coisa. Não tenho certeza de qual.

Isso é sobre Barbara? Ou os outros? perguntou Jem. *Não sabemos por que ela morreu, James. Achamos que o veneno atingiu seu coração. Piers e Ariadne permanecem em uma condição estável, mas a necessidade dos Irmãos de encontrar uma cura tornou-se ainda mais desesperada.*

James pensou no sangue que Christopher havia tirado da enfermaria, o laboratório da casa na Praça Grosvenor. Ele sabia que Christopher estava fazendo tudo o que podia para encontrar uma cura para o veneno de demônios, mas não pôde deixar de esperar que Henry voltasse de Idris em breve para ajudar. Sem mencionar que havia o problema da sujeira que James havia encontrado no reino das sombras.

— Enviei a mensagem para você antes de saber sobre Barbara — disse James, arrastando seus pensamentos de volta ao presente.

— Eu me sinto tolo agora. Meus problemas não estão à altura daqueles...

Diga-me por que você me chamou*,* disse Jem. *Eu julgarei se isso é ou não importante.*

James hesitou.

— Não posso contar tudo — ele disse — por razões que não posso explicar completamente. Só sei que encontrei um demônio, que me disse que meu avô era um príncipe do inferno. — Ele olhou para o rosto de seu tio. — Você sabia disso?

A faixa branca nos cabelos de Jem dançou quando ele balançou a cabeça.

Enquanto procurava o nome do seu avô, ouvi muitas histórias de diferentes fontes. Havia uma mulher feiticeira que me disse que era um príncipe do inferno. Mas havia também outros que nomeavam demônios diferentes. Como não sabia em quem confiar, achei melhor não sobrecarregar sua família até ter certeza da verdade.

— Talvez uma pista possa ser encontrada no reino das sombras — disse James. — Estou vendo isso cada vez mais, assim como parece haver mais demônios em Londres. Se houver alguma conexão...

Os demônios no lago falaram com você? Mencionaram seu avô? James balançou a cabeça.

Suponho que o demônio que identificou seu avô era o demônio Cerberus na estufa de Chiswick, disse Jem. James não o contradisse; estava perto o suficiente. *Pode ser que esse demônio, tendo sido ligado a Benedict e Tatiana, tenha ouvido seu nome e tenha dito a você o que ele sentiu que poderia machucá-lo mais. Demônios são enganosos. Pode não ser a verdade.*

— Mas o que significa se for verdade? — James sussurrou. — Se eu sou descendente de um príncipe do inferno?

Isso não significa nada sobre quem você é, disse Jem. *Olhe para sua mãe, sua irmã. Você reivindicaria alguma falha neles? Você é o filho de sua mãe e pai, James. Isso é o que importa. O que sempre importou.*

— Você está sendo gentil — disse James. — Mais amável do que a Clave seria, se for verdade.

Jem pegou o rosto de James em suas mãos. Seu toque era frio, como sempre, e seu rosto era jovem e velho ao mesmo tempo. Como ele poderia não parecer mais velho que James e, ao mesmo tempo, sem idade?

Se você visse a humanidade como eu posso ver, disse o tio Jem. *Há muito pouco brilho e calor no mundo para mim. Existem apenas quatro chamas, no mundo inteiro, que queimam ferozmente o suficiente para eu sentir algo como a pessoa que eu era. Sua mãe, seu pai, Lucie e você. Você ama, estremece e queima. Não deixe que aqueles que não podem ver a verdade lhe digam quem você é. Você é a chama que não pode ser apagada. Você é a estrela que não pode ser perdida. Você é quem sempre foi, e isso é suficiente e mais do que suficiente. Quem olha para você e vê a escuridão é cego.*

Ele soltou James abruptamente, como se tivesse falado demais.

É o suficiente, não é? Jem disse, seu tom silencioso de alguma forma renunciou. *A incerteza foi plantada. Você sente que deve saber.*

— Sim — disse James. — Sinto muito.

Muito bem, disse Jem. *Vou chamar um velho amigo, com uma condição. Você não menciona isso de novo, para ninguém, até ouvirmos dele.*

James hesitou. Ele já estava guardando tantos segredos - segredos para Grace, o segredo do ataque em Chelsea, o segredo de Emmanuel Gast. Antes que ele pudesse responder, porém, o som de rodas batendo ecoou do lado de fora; houve uma batida e James ouviu as portas da frente do Instituto se abrirem.

Ele correu para a janela. Jem estava ao lado dele instantaneamente, silencioso como um fantasma.

Várias carruagens estavam estacionadas no pátio: na luz fria da lua, James conseguia distinguir os brasões dos Baybrooks e Greenmantles, mas não os outros. Ele ouviu gritos - Will e Gabriel estavam correndo pelos degraus da frente. A porta da carruagem de Greenmantle se abriu e duas mulheres saíram, apoiando o corpo de um homem entre elas. A frente da camisa branca estava

encharcada de sangue e a cabeça pendia em ângulo, como a de uma boneca quebrada.

Ao lado de James, seu tio ficou rígido. Havia um olhar distante em seu rosto; James sabia que podia falar mentalmente com os outros Irmãos do Silêncio, reunindo informações deles.

Já aconteceu, disse Jem. *Houve outro ataque.*

A luz do fim da manhã era amarela como manteiga. Doeu os olhos de Cordelia enquanto ela passeava pelos azulejos de espadas e estrelas do vestíbulo nos Jardins da Cornualha. Sona e Alastair estavam ambos dormindo profundamente. Risa estava na cozinha, cantarolando para si mesma enquanto fazia *nân-e barbari*, um pão achatado que era sua especialidade.

Cordelia não conseguiu dormir. Entre a preocupação desesperada com o pai, as notícias sobre Barbara e a nova preocupação com Alastair, ela não conseguiu se deitar, muito menos fechar os olhos.

Pobre Thomas, ela pensou. E a pobre Barbara, que estava tão feliz dançando com Oliver, andando com ele no Regent's Park.

Os Caçadores de Sombras conheciam a morte. Eles aceitavam que a morte vinham: em batalha, por faca, dente ou espada. Mas um estranho veneno roubar a vida enquanto dormia, como um fantasma ou um ladrão, não fazia parte da vida dos Caçadores de Sombras. Parecia errado, como uma bota colocada para trás. Assim como parecia imaginar perder o pai pela injustiça da Clave. O som de uma batida na porta da frente quase enviou Cordelia navegando no ar. A criada dos Lightwood tinha a manhã de folga. Cordelia olhou para a cozinha, mas Risa não deve ter ouvido a batida. Não havia ninguém para abrir a porta além dela. Cordelia se preparou e a abriu.

James Herondale estava no degrau da frente. Ela recuperou o fôlego. Ela nunca o tinha visto de uniforme antes, e sua escuridão fazia seu cabelo parecer mais preto, seus olhos o ouro ardente dos

olhos de um leão. Ao redor do braço esquerdo, havia uma faixa de seda branca de luto.

Ele encontrou o olhar dela sem vacilar. Seus cabelos pretos pareciam despenteados, como se ele estivesse preso em uma tempestade que ninguém mais podia ver.

— Daisy — disse ele. — Eu tenho... más notícias.

Ela podia fingir que não sabia, mas de repente não conseguiu suportar.

— Barbara — ela sussurrou. — Eu sei. Sinto muito, James. Charles veio ontem à noite, ele é amigo de Alastair e...

— Eu acho que deveria saber que eles eram amigos - ambos estavam em Paris ao mesmo tempo, não estavam? — James passou a mão pelos cabelos emaranhados. — Mas por que Charles teria chegado tão tarde para ver seu irmão? Ele ainda não sabia do ataque...

— Ataque? — Cordelia ficou rígida. — Que ataque?

— Houve uma pequena reunião nos Baybrooks ontem à noite. Quando os visitantes foram embora, foram atacados por um grupo dos mesmos demônios que nos atacaram no parque.

A mente de Cordelia correu.

— Alguém foi morto?

— Randolph Townsend — disse James. — Eu não o conhecia bem, mas eu os vi trazer seu corpo. Vespasia Greenmantle e Gerald Highsmith foram feridos e envenenados.

James passou as mãos pela coroa já selvagem de seus cabelos pretos.

— A Clave está admitindo agora que este não é um problema limitado ao Regent's Park?

— Sim — disse James amargamente — e eles vão fazer mais patrulhas, em uma área mais ampla, embora meus pais estejam implorando para que chamem feiticeiros e o Labirinto Espiral. O ataque foi à noite, pelo menos, então eles estão menos em pânico, mas - não tenho certeza de que deveriam estar. Este era um grupo de Caçadores de Sombras adultos. Eles estavam armados. Todo mundo está desde o piquenique. Mas de acordo com os Baybrook, eles foram cortados em um instante. Apenas Randolph teve a

chance de levantar uma lâmina serafim antes que os demônios afundassem dentes em sua carne.

— Os demônios desapareceram de repente, da mesma maneira que no lago?

— Aparentemente, os Baybrooks disseram que se foram quase tão rapidamente quanto apareceram.

— Parece-me — disse Cordelia — que eles não estão simplesmente procurando matar. Eles procuram morder. Adoecer.

James franziu o cenho.

— Mas Randolph foi morto.

— Ele foi o único a revidar — disse Cordelia. — Parece-me que eles estão *dispostos* a matar - Barbara ou Piers poderiam facilmente ter morrido de perda de sangue - mas a diretiva deles é espalhar isso - essa infecção.

— Então você acha que alguém está controlando-os — disse James. — Bom. Eu também. Espero que possamos descobrir quem é por Gast.

— Gast? — ecoou Cordelia.

Seus olhos brilharam em ouro escuro.

— Uma coisa boa aconteceu ontem à noite. Parece que sua viagem ao Hell Ruelle foi bem-sucedida. Hypatia Vex enviou Ragnor Fell para nos ajudar com o nome de um feiticeiro que pode ter convocado esses demônios. Emmanuel Gast. — Ele olhou para as janelas da casa dela. — Ragnor insistiu em manter a informação em segredo.

— Outro segredo — disse Cordelia. —Parece haver tantos agora. E o pobre Thomas, ele sabe?

— Sobre Gast? Sim. Ragnor veio logo antes de descobrirmos sobre Barbara. — A dor passou pelo rosto de James. — Thomas se culpa por sua morte, embora não haja nada que ele possa ter feito.

James parecia exausto, Cordelia percebeu. Ele se esforçara muito para lhe contar essas notícias, para que ela não precisasse ouvi-las de pessoas que não conheciam Thomas ou se preocupavam com ele ou seus amigos.

Ele deve estar desesperado para sair, ela pensou. Ela não podia mantê-lo aqui conversando quando ele, sem dúvida, desejava estar

com sua família ou com Grace.

— Foi muito gentil de sua parte vir e me dizer — disse ela, encostando-se à porta. — Eu te ofereceria um chá, mas sei que você deve estar ansioso para voltar para sua família.

— Na verdade, não estou voltando ao instituto. Fiz um plano com Matthew e Lucie para confrontar Gast em seu apartamento. Eu vou encontrá-los lá. Eu vim para ver se você se juntaria a nós.

Surpresa, Cordelia disse: — Ah, Lucie pediu para você me levar junto?

James hesitou.

— Sim. Ela pediu.

— Qualquer coisa para a minha futura *parabatai*, é claro — disse Cordelia.

E ela quis dizer isso. Ela queria muito ver Lucie, e ainda mais ter algo útil para fazer. Alguma maneira de ajudar. Durante toda a noite ela pensara em Barbara, que ela conhecia tão pouco, mas que era tão jovem e parecia tão gentil.

— Duvido que este feiticeiro fique feliz em nos ver — disse James. —Traga seu equipamento e Cortana; devemos estar prontos para lutar.

Emmanuel Gast morava em um apartamento acima de um fabricante de lenços, perto do cruzamento entre Cheapside e Friday Street. Matthew apontou para a Friday Street enquanto passavam.

— Havia um pub naquela rua chamado Mermaid Tavern, onde Shakespeare costumava beber.

Na opinião de Lucie como escritora, essa *não* era uma avenida artisticamente inspiradora. Em cada lado da rua havia edifícios marrons sujos com janelas estreitas com chumbo e frontões holandeses sujos. Os toldos pendurados do lado de fora de vários prédios também eram tingidos de marrom manchado, não por design, mas pelo pó das ruas e pela poluição da cidade. Cheapside era uma das ruas mais movimentadas de Londres, multidões

surgindo das bancas dos peixeiros até a torre sineira branca de St. Mary-le-Bow.

Ela torceu o nariz.

— Eu não penso muito do gosto de Shakespeare.

Matthew sorriu, embora parecesse tão cansado quanto Lucie. Ele estava usando equipamento escuro como ela, uma faixa branca de luto em torno de seu pulso e uma flor branca em sua casa. Ele estava fazendo piadas a manhã toda, e Lucie tentava o melhor que podia para acompanhar. Era difícil não pensar em Barbara, na enfermaria agora ainda mais cheia do Instituto. De quando o próximo ataque poderá acontecer e quem poderá ser ferido ou morto nele.

— Luce — Matthew tocou seu braço levemente. Eles estavam encantados, e a multidão se moveu ao redor deles, partindo como um rio bifurcando em torno de uma ilha central. Vendedores de jornais que vendiam o *Evening Standard* disparavam pelas ruas: Matthew havia cumprimentado um antes, explicando a Lucie que ele era um Irregular, um dos muitos ouriços de rua do Submundo que saíam da Taverna do Diabo. — Há algo bastante estranho sobre o qual eu queria falar com você. Charles... bem, Charles é sempre estranho, mas Charles e Grace...

— James! Cordelia! — Lucie ficou na ponta dos pés, acenando entre a multidão.

Seu irmão e Cordelia haviam descido da carruagem a alguma distância e estavam caminhando em direção a eles. Eles estavam claramente conversando profundamente, suas cabeças juntas como se estivessem trocando segredos.

Lucie afundou nos calcanhares, um pouco confusa. Ela raramente via James perdido na conversa com alguém que não fosse seus três amigos mais próximos.

— Interessante — disse Matthew, seus olhos verdes estreitados.

Ele levantou a mão e acenou, e desta vez James os viu. Ele e Cordelia dispararam pela multidão para pegá-los na esquina. Lucie olhou um pouco: Cordelia parecia muito diferente das roupas horríveis que sua mãe a fazia usar. Ela usava uma túnica comprida sobre botas e calças, os cabelos ruivos presos em uma trança e

uma bolsa de couro por cima do ombro. Ela parecia ainda mais jovem e bonita do que no baile do Instituto.

— É uma pensão — disse Matthew assim que Cordelia e James estavam ao alcance da mão. — Nós já estivemos lá dentro. A proprietária disse que nosso amigo Emmanuel Gast ficou "fora de casa por um período indeterminado".

— Matthew não conseguiu encantá-la — disse Lucie. — A mulher é um bloco de concreto em forma humana. Conseguimos descobrir que o apartamento é o do terceiro andar.

Um sorriso apareceu no rosto de James. Uma das coisas que mais gostava em patrulhar era escalar telhados.

— Então subimos pela lateral do prédio.

— Eu tinha medo disso — Matthew murmurou enquanto eles seguiam James em um beco estreito e cheio de lixo. — Minhas botas são novas.

— Endureça seus tendões, Matthew — disse James. — E chore por Deus por Harry, Inglaterra e São Jorge!

— Shakespeare — disse Cordelia. — *Henry V.*

— Bem notado — disse James, e tirou um gancho. Ele enfiou a ponta de uma corda e se afastou para jogá-la. Sua mira, como sempre, foi excelente: o gancho afundou no lintel de uma janela do terceiro andar; a corda se desenrolou na lateral do prédio. — Mais uma vez até a brecha — ele anunciou, e começou a subir.

James foi seguido pela corda por Cordelia, depois Lucie e Matthew por último, ainda amaldiçoando a sujeira em suas botas. Lucie estava a meio caminho da janela quando ouviu um grito. Olhando para baixo, ela viu que Matthew estava de mãos e joelhos no beco. Ele deve ter caído da corda.

— Você está bem? — ela perguntou em um sussurro alto.

Quando ele se levantou, suas mãos tremiam. Ele deliberadamente evitou o olhar de Lucie quando ele pegou a corda.

— Eu te disse — disse ele. — Botas novas.

Lucie começou a subir a corda novamente. James alcançou a janela: equilibrado no lintel, olhou em volta e chutou a janela; tudo desmoronou para dentro, faixa, vidro e tudo. Ele desapareceu lá dentro, seguido por Cordelia. Lucie e Matthew entraram atrás deles.

O apartamento estava escuro e cheio de fedor como lixo podre. Havia papel de parede marrom, manchado de graxa. Imagens arrancadas de revistas estavam presas nas paredes. Havia pouca luz, embora Lucie pudesse ver um velho sofá corcunda e um tapete turco manchado. Uma estante alta estava cheia de livros de aparência surrada; James os olhou com curiosidade.

— Acho que Ragnor estava certo — disse ele. — Há uma concentração real do estudo da magia dimensional aqui.

— Nada de roubar os livros e trazê-los de volta para a Taverna do Diabo — disse Matthew. — Não seria a primeira vez que seu livro cleptomania nos causaria problemas.

James levantou as mãos inocentemente e foi procurar embaixo de alguns móveis. Cordelia seguiu sua liderança e espiou por trás da moldura de madeira barata de uma pequena pintura a óleo mostrando a rainha Elizabeth, todos com cabelos escarlates e pó branco, fazendo uma cara muito desagradável.

— Olha esses. — Havia poeira no cabelo de James, e ele estava franzindo a testa. — Eu me pergunto se eles são algum tipo de arma?

Ele indicou o que parecia ser um monte de pedaços de madeira, espalhados pelo chão atrás do sofá.

— Eles estão muito empoeirados — disse Cordelia. — Como se ninguém as tocasse há séculos.

James se inclinou para pegar uma, franzindo a testa, assim que Matthew olhou por cima. Ele estava procurando numa mesa pequena e surrada coberta de papéis soltos. Ele levantou um esboço bagunçado.

— James, olhe aqui.

James olhou de soslaio.

— É uma caixa. Cercado por rabiscos.

— Não é uma caixa — Matthew disse-lhe prestativamente. — É um desenho de uma caixa.

— Obrigado, Matthew — disse James secamente. Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Há algo familiar nisso.

— Isso lembra alguma caixa que você já tenha visto antes? — disse Matthew. — Olhe os rabiscos um pouco mais de perto. Eles não lembram runas?

James pegou o papel de seu *parabatai*.

— Sim — disse ele, parecendo um pouco surpreso — muito - não as runas que usamos, mas ainda muito perto -

Cordelia, que se ajoelhou para olhar para os fragmentos de madeira, disse: — Estas têm runas esculpidas nelas - nosso tipo de runa - mas também parecem ter sido parcialmente comidas por uma espécie de ácido.

— E olhe esses arranhões na madeira — disse James, juntando-se a ela. Ele olhou para o desenho de Gast e depois para os cacos. — É como se-Lucie ouviu Matthew dizer algo em resposta, mas ela já estava aproveitando a distração deles para passar por uma porta entreaberta no pequeno quarto do apartamento.

A mão dela voou para a boca. Ela engasgou e mordeu com força o próprio polegar, a dor cortando a náusea como uma faca.

O quarto estava quase vazio, exceto por uma cama de ferro, uma única janela e o que restava de Emmanuel Gast caído nas tábuas do chão. Carne e osso foram esculpidos em pedaços, costelas abertas para mostrar uma caverna vermelha em colapso. Sangue afundou em sulcos pretos no chão de madeira. A parte mais humana que restava dele eram as mãos, os braços esticados com as mãos viradas para cima, como se estivesse implorando por misericórdia que não havia recebido.

Ele estava morto há muito tempo. O fedor estava podre.

Lucie deu um passo para trás. A porta atrás dela se fechou de repente, batendo com força que vibrava na parede. Ela deixou cair a mão, sentindo o gosto de sangue na boca enquanto a *coisa* no chão se elevava e uma sombra negra se derramava entre as costelas brancas e irregulares.

Era um fantasma. Esse fantasma não era Jessamine, ou Jesse Blackthorn, que parecia sólido e humano. Havia um brilho tremendo no ar ao redor, como se com seu fim violento um espaço tivesse sido rasgado no mundo. Aquilo - *ele* - estava esfarrapado nas bordas, com o rosto pálido como um crânio em um ninho de cabelos

castanhos escuros. Ela podia ver o papel de parede estampado através de seu corpo transparente.

O fantasma de Emmanuel Gast piscou os olhos azuis e lacrimejantes para ela.

— Por que você me chamou, tola? — exigiu, em uma voz como o assobio de vapor escapando de um cano.

— Eu não *te* chamei — disse Lucie. — Eu não tinha ideia de que você estava morto, até este momento muito nojento. — Ela olhou.

— Por que você me arrastou de volta para este lugar de agonia? — Gast sibilou. — O que você quer, Caçadora de Sombras?

Lucie pegou a maçaneta da porta atrás dela e a sacudiu, mas estava presa. Ela podia ouvir fracamente as vozes dos outros na sala, chamando seu nome.

Ela respirou fundo, quase engasgando com o ar fétido. Mesmo estando morto, Gast ainda era sua única conexão tênue com os demônios que mataram Barbara.

Ela se ergueu até sua altura total.

— Você convocou os demônios? Os que atacam os Nephilim em plena luz do dia?

O fantasma ficou em silêncio. Lucie podia ver onde sua garganta havia sido cortada, sua espinha aparecendo pelo buraco cortado no pescoço. Quem matou Emmanuel Gast quis ter certeza de que ele estava morto.

— Me responda! — Lucie chorou.

Para surpresa de Lucie, os contornos bruxuleantes do feiticeiro se transformaram em uma forma mais sólida. Os olhos do fantasma arderam com uma raiva vermelha, mas ele falou, sua voz vazia.

— Fui eu quem os criou. Eu, Emmanuel Gast, o mais desprezado dos feiticeiros. Anos atrás, o Labirinto Espiral se voltou contra mim. Eles me expulsaram da sociedade bruxa. Minha recompensa de ouro foi tirada de mim. Fui forçado a aceitar o mais humilde dos contratos para me alimentar e me vestir. No entanto, durante todo esse tempo, estudei. Eu aprendi. Eu era mais sábio do que eles pensavam.

Sábio? Lucie se perguntou. Do ponto de vista das coisas, as decisões recentes de Gast foram tudo menos sábias.

— Eu vejo o jeito que você olha para mim. — O sangue escorria das feridas do fantasma, um ruído silencioso de manchas negras no chão nu. — Você me despreza por criar um demônio como esse - um negociante de morte, o envenenador da vida. Mas o ouro. Eu precisava disso. E o demônio matará apenas Caçadores de Sombras.

— Alguém lhe pagou para fazer isso — Lucie sussurrou. — Quem? Quem fez isso?

O fantasma assobiou.

— O que você é? Você é uma Caçadora de Sombras, mas não uma Caçadora de Sombras. Você me arrasta de volta da beira? — Estendeu a mão insubstancial, enrolando-se em uma garra. — O que é esse poder monstruoso...?

— Monstruoso? — Lucie estalou. — O que é monstruoso é que você convocou essas criaturas neste mundo, sabendo o dano que elas causariam...

— Você não sabe nada de mim — disse Gast. — Fui à ponte para levantar o demônio. Trouxe-o para este mundo e depois o capturei, guardei-o onde seria seguro, um presente para quem me desse ouro. Mas quando voltei para cá, fui traído. Eu não consegui parar. Meu sangue e minha vida acabaram no chão enquanto meu assassino arrancava o demônio de seu esconderijo.

Lucie não aguentou mais.

— Quem fez isto? Quem te contratou?

Por um instante, Lucie acreditou que Gast simplesmente desapareceria nas sombras e na fumaça de Londres. Ele começou a tremer, como uma borboleta paralisada por um alfinete, mas ainda não morta.

— Eu não direi-

— Você *vai*! — Lucie gritou, com a mão estendida, e ela sentiu algo atravessá-la, como eletricidade através de um fio, como a sensação de uma runa queimando em sua pele.

O fantasma jogou a cabeça para trás e rugiu, revelando a marca bruxa de Gast - várias fileiras de dentes, como um tubarão. Algo bateu na porta atrás de Lucie; ela se afastou bem a tempo de James irromper no quarto em uma nuvem de poeira de gesso: ele quebrou

a porta das dobradiças. Cordelia se derramou em seguida, sua bolsa por cima do ombro, e Matthew veio atrás dela. Os dois últimos ficaram piscando horrorizados com o cadáver no chão.

Lucie olhou para James. Ele assentiu: ele também podia ver o fantasma, como todos os Herondales. Era uma visão fantasma perfeitamente normal, Lucie disse a si mesma. Este fantasma não era Jesse.

— Quem me contratou veio até mim mascarado, com o rosto enrolado em pano e vestindo camadas de capas. — Emmanuel Gast respondeu devagar, quase com relutância. — Não sei se era homem ou mulher, velho ou jovem.

— O que mais você sabe? — James exigiu, e o fantasma se contorceu. — Quem está controlando os demônios agora?

— Alguém mais poderoso que você insignificante Nephilim — rosnou o fantasma. — Alguém que derrubou minhas proteções, rasgou meu corpo... — Sua voz se transformou em um lamento. — Não pensarei nisso! Não reviverei minha morte! Na verdade, vocês são monstros, apesar do seu sangue de anjo.

Lucie não aguentou mais um momento.

— Vá! — ela gritou. — Nos deixe! — O fantasma piscou para fora da existência, entre uma respiração e a seguinte.

Cordelia já estava ao lado da cama, arrastando a colcha suja, jogando-a sobre o que restava de Gast. O ar fedia; Lucie estava engasgada. James a alcançou.

— Eu tenho que sair — ela sussurrou, afastando-se do irmão. — Eu preciso respirar.

Ela passou por seus amigos e entrou na sala de estar. A porta do apartamento não estava trancada. Lucie agarrou o corrimão enquanto descia os degraus estreitos e saía para a rua.

Vozes de Cockney flutuavam ao seu redor, homens de chapéu redondo passando com pacotes debaixo dos braços. Ela lutou para recuperar o fôlego. Fantasmas nunca a assustaram - eles eram os mortos inquietos, de luto e inquietação, raramente vistos. Mas havia algo diferente sobre Gast.

Um casaco se assentou sobre os ombros de Lucie, verde garrafa superfino e quente, cheirando a perfume caro. Lucie olhou para

cima para ver o rosto de Matthew pairando sobre o dela, a luz do sol fazendo seu cabelo brilhante. Ele pareceu sério pela primeira vez enquanto abotoava cuidadosamente o casaco ao seu redor. Suas mãos, geralmente velozes e brilhantes com anéis, voando pelo ar quando ele falava, estavam se movendo com grande deliberação sobre uma tarefa tão pequena. Ela o ouviu respirar lentamente.

— Luce — disse ele. — O que aconteceu lá? Você está bem?

Ela estremeceu.

— Eu estou bem — disse ela. — Eu raramente vi um fantasma em tal condição.

— Lucie! — James e Cordelia se juntaram a eles na rua. Cordelia pegou a mão de Lucie e apertou-a. James bagunçou os cabelos de sua irmã.

— Gast não morreu com facilidade — disse ele. — Bom trabalho, Lucie. Sei que não pode ter sido agradável.

Ele me chamou de monstro. Mas ela não disse isso em voz alta.

— Você encontrou alguma coisa no apartamento depois que eu entrei no quarto? — ela perguntou.

James assentiu.

— Pegamos algumas coisas - esboços, e Cordelia tem os cacos de madeira em sua mochila.

— Isso me lembra — disse Matthew, tirando de Cordelia sua bolsa. Ele se aproximou do jornaleiro de rosto sujo que ele havia apontado para Lucie anteriormente e se engajou em uma discussão animada com ele, eventualmente oferecendo a mochila.

— Matthew está vendendo minha bolsa para um vendedor de jornais? — Cordelia disse curiosamente.

James sorriu torto.

— Vejo que é melhor explicar os Irregulares para você, para que não pense que passamos nosso tempo levando as crianças de Londres à depravação e crime.

Matthew voltou, o vento despenteando seus cabelos dourados escuros.

— Eu disse a Neddy para levar a bolsa para Christopher — disse ele. — Pode ser que identificar o que são esses fragmentos ajudará. — Ele olhou para Cordelia, que parecia um pouco confusa. —

Duvido que Christopher tenha deixado o lado de Tom desde a noite passada - talvez isso possa causar uma distração para os dois.

— Talvez — disse Lucie. — Se pudermos voltar ao Instituto, gostaria de anotar o que Gast disse, para que me lembre de cada detalhe.

Era apenas metade do que ela realmente pensava. Ela mentiu para os outros sobre Jessamine fazer parte de uma rede de fofocas de fantasmas. Jessamine nunca deixou o Instituto e evitou a companhia de outros fantasmas. Mas Lucie sabia que nem todos os espíritos eram assim. Muitos vagaram. De repente, ela queria saber se outro fantasma poderia saber da morte de Emmanuel Gast. Ela queria falar com Jesse.

12

O FIM

Ela me ama tudo o que pode, E seus caminhos para os meus caminhos renunciam; Mas ela não foi feita para nenhum homem, E ela nunca será toda minha.

— Edna St. Vincent Millay, esposa-bruxa

Enquanto a carruagem passava sob os portões do Instituto, James viu seus pais em pé no pátio. Seu pai estava com um casaco matutino e um alfinete de safira azul que Tessa lhe dera no vigésimo aniversário. A própria Tessa usava um vestido formal. Eles estavam claramente preparados para sair.

— E onde você esteve? — Will exigiu, quando James saiu da carruagem. Os outros saltaram atrás dele, as meninas, estando de uniforme, não precisavam de ajuda para desmontar. — Você roubou nossa carruagem.

James desejou poder contar a verdade a seu pai, mas isso seria quebrar a promessa juramentada a Ragnor.

— É apenas a segunda melhor carruagem — protestou James.

— Lembra quando papai roubou a carruagem do tio Gabriel? É uma tradição familiar orgulhosa — disse Lucie, enquanto o grupo se aproximava dos degraus do Instituto.

— Eu não criei você para ser ladrão de cavalos e vigaristas — disse Will. — E eu lembro muito claramente que eu disse a você -

— Obrigado por permitir que eles pegassem a carruagem para vir me buscar — disse Cordelia. Seus olhos estavam arregalados e ela parecia totalmente inocente. James sentiu uma pontada divertida de surpresa: ela era uma mentirosa interessante. Pelo menos seus pais não se perguntavam por que eles estavam todos preparados: quando James e Lucie haviam saído de casa mais cedo, Will havia

dito a eles que, durante anos, confiara neles para patrulhar na escuridão, mas agora eles deviam se armar em todos os momentos, tratando o dia como se fosse noite. Ele também aconselhou James a trazer Matthew com ele, o que James estava planejando fazer de qualquer maneira. — Queria muito vir ao Instituto e ver o que poderia fazer para ajudar.

Will amoleceu imediatamente.

— Claro. Você é sempre bem-vinda aqui, Cordelia. Apesar de estarmos saindo, como você pode ver, Charles invocou a autoridade do cônsul e convocou uma reunião na Praça Grosvenor para discutir o ataque da noite anterior. Apenas para membros de alto nível do Enclave, aparentemente.

Matthew fez uma careta.

— Pelo anjo, isso parece horrível. Espero que esteja tudo bem para eu ficar aqui esta noite.

Tessa sorriu.

— Nós já montamos um dos quartos extras para você.

— Como conheço Charles desde que ele nasceu, tenho dificuldade em levá-lo a sério como uma figura de autoridade — disse Will, pensativo. — Suponho que se ele disser qualquer coisa que eu não goste, posso solicitar que ele seja espancado.

— Oh, sim, por favor — disse Matthew. — Isso faria a ele um mundo de bem.

— Will — começou Tessa exasperada, assim como Bridget emergiu da porta da frente.

Ela parecia estar carregando uma enorme lança medieval: seu cabo estava gasto, sua ponta de ferro comprida manchada de ferrugem. Ela subiu no banco do motorista da carruagem e sentou-se sombria, claramente aguardando Tessa e Will.

— Eu realmente espero que você coloque glamour dessa carruagem — disse James. — Pessoas pensarão que os romanos voltaram para reconquistar as ilhas britânicas.

Tessa e Will subiram na carruagem. Enquanto Bridget reunia as rédeas, Tessa se inclinou pela janela.

— Tio Jem está na enfermaria com vários outros Irmãos do Silêncio, cuidando dos doentes — ela chamou. — Por favor, tente

não causar nenhum problema a eles e verifique se eles têm tudo o que precisam.

James assentiu enquanto a carruagem rolava para fora do pátio. Ele sabia que haveria guardas ao redor do Instituto também; ele tinha visto alguns deles, marcados claramente em suas roupas pretas, do lado de fora dos portões quando eles se aproximavam. Seus pais haviam passado por muita coisa para deixar o Instituto desprotegido.

Ele olhou para sua irmã, imaginando se ela estava pensando o mesmo. Ela ficou olhando para os níveis mais altos do Instituto - talvez para a enfermaria? Ele estava acostumado a ver Lucie em movimento, não a Lucie que estava pálida e retraída, claramente perdida em pensamentos.

— Vamos, Luce — disse ele. — Vamos entrar.

Ela franziu o cenho para ele.

— Não há necessidade de usar sua voz preocupada. Estou perfeitamente bem, James.

Ele jogou um braço em volta do ombro dela.

— Não é todo dia que você vê um feiticeiro espalhado liberalmente pelo próprio quarto — disse ele. — Você pode demorar um pouco para se recuperar. Raziel sabe que nenhum de nós teve muito tempo para se recuperar de nada ultimamente.

De fato, James pensou, quando os quatro se aproximaram do Instituto, ele mal teve um momento o dia inteiro para pensar em Grace. Sua mãe sempre dizia que a cura para a preocupação era se dedicar à atividade, e ele certamente havia feito isso, mas não podia deixar as coisas assim com Grace para sempre. Ele não tinha percebido o quão ruim era a situação com Tatiana. Certamente Grace entraria em contato, e juntos eles a removeriam para um lugar seguro.

Certamente isso aconteceria em breve.

— Então, Jessamine — disse Lucie. — Fantasmas podem mentir?

Estavam todos no quarto de Lucie: Matthew e James colocaram Lucie no sofá e a envolveram em cobertores, apesar de suas queixas de que ela estava bem e não precisava de ajuda. James insistiu que não tinha gostado do quão pálida ela parecia quando saiu do apartamento de Gast.

Cordelia estava ao lado de Lucie no sofá, enquanto James e Matthew ocupavam as duas poltronas como apenas os jovens: pernas e braços esparramados por toda parte, jaquetas jogadas casualmente na cama, botas enlameadas sujando o tapete. Ambos estavam olhando para Jessamine, embora apenas James pudesse vê-la.

— Certamente não! — Jessamine estava com astúcia. — Fantasmas são completamente honestos. Eu continuo dizendo, foram os ratos que bateram no seu espelho de prata atrás da mesa e o quebraram.

— Parece claro que, se fantasmas são mentirosos, são terríveis mentirosos — disse James.

Matthew suspirou.

— É muito estranho vê-lo conversando com o invisível.

— Humph — disse Jessamine.

Ela balançou um pouco e se firmou, seus contornos clareando enquanto ela descia em direção ao chão. Os Caçadores de Sombras, tendo a Visão, geralmente podiam ver fantasmas que queriam ser vistos, mas Lucie sabia que era um esforço para Jessamine tornar-se visível a todos os olhos.

— Oh! — disse Cordelia. — Prazer em conhecê-la, Jessamine. Lucie fala de você com frequência.

Jessamine sorriu.

— Você é um fantasma muito atraente — disse Matthew, batendo com os dedos contra o peito. — Espero que Lucie e James tenham mencionado isso.

— Eles não têm — Jessamine observou.

— Muito negligente — disse Matthew, com os olhos brilhando.

— Você não é nem um pouco como Henry — disse Jessamine, olhando Matthew especulativamente. — Ele estava sempre incendiando as coisas, e nem um elogio para ser ouvido.

— Jessamine — disse Lucie. — Isso é importante! Diga-nos, fantasmas podem mentir? Você não, é claro, minha querida.

— Fantasmas *podem* mentir — Jessamine admitiu. — Mas existem certas formas de necromancia que podem obrigá-los a dizer a verdade e até mesmo permitir que os vivos os controlem. — Ela estremeceu. — É por isso que a necromancia é tão terrível e proibida.

— *É* por isso? — Cordelia parecia duvidosa. Virando-se para Lucie, ela disse — Você está preocupada que o fantasma de Gast possa estar mentindo?

Lucie hesitou. Parte dela *esperava* que ele estivesse mentindo, já que ele alegou que o demônio era apenas para matar Caçadores de Sombras. Foi um pensamento assustador.

— Eu só não quero que a gente vá em uma busca maluca sem razão. Gast insistia em que alguém extraordinariamente poderoso o contratou para convocar esses demônios. Precisamos descobrir quem era.

— Também precisamos saber que tipo de demônios são esses. — disse Cordelia. — Não podemos ir ao Enclave apenas para relatar que Gast criou um monte de demônios venenosos, já sabemos que esses demônios carregam veneno. Não sabemos por que o veneno deles é tão mortal ou o que Gast fez para que possam aparecer à luz do dia.

— Isso tudo parece muito chato — disse Jessamine. — Se você não precisa de mim, eu já vou. — Ela desapareceu com um suspiro de alívio, sem dúvida, não precisando mais se manter em forma visível.

Lucie estendeu a mão para puxar um de seus cadernos da borda da mesa. Talvez estivesse na hora de começar a registrar seus pensamentos.

— Há outra coisa estranha. Sabemos que Gast criou vários demônios, mas ele continuou se referindo a um demônio. Ele disse que levantou-*o*, não -*os*.

— Talvez o demônio tenha descendência — sugeriu James. — Alguns demônios têm dezenas de desova, como aranhas.

Do lado de fora da janela de Lucie, vinham o chocalhar das rodas e o relinchar dos cavalos. Um momento depois, ouviu-se gritos vindos do pátio. James e Lucie correram para a janela.

Havia uma carruagem sem motorista diante dos degraus da frente do Instituto.

Lucie reconheceu os braços do lado instantaneamente: os quatro *Cs* do cônsul.

Era a carruagem de Charles Fairchild.

A porta da carruagem se abriu e Grace caiu, os cabelos escorrendo pelos ombros, o vestido manchado de sangue. Ela estava gritando.

Ao lado de Lucie, o corpo de James ficou tenso como ferro.

As portas da frente do Instituto se abriram e o irmão Enoch desceu correndo os degraus. Ele alcançou a carruagem atrás de Grace e ergueu o corpo espasmódico de uma mulher, vestida com um vestido fúcsia manchado. Seu braço estava ensanguentado, envolto em um curativo improvisado.

Tatiana Blackthorn.

Cordelia e Matthew se juntaram a eles na janela. Cordelia estava com a mão na boca.

— Pelo anjo — disse Matthew. — Outro ataque.

Lucie virou-se para dizer a James que se apressasse para Grace, mas não havia necessidade de dizer isso. Ele já se fora.

James entrou na enfermaria para encontrar uma cena de horror. Foram colocadas telas entre as camas ao longo da parede oeste, onde os doentes dormiam envenenados. James podia ver apenas suas silhuetas - formas escuras curvadas sob as cobertas, ainda como cadáveres. No outro extremo da sala, duas camas haviam sido unidas: Tatiana havia sido transportada pela sala, e o sangue manchava o chão em uma trilha que levava a onde ela estava deitada de bruços sobre eles, com o corpo tremendo e se contorcendo. O ombro dela estava rasgado e o braço; o chapéu tinha saído e os tufos finos dos cabelos grisalhos estavam emaranhados no crânio.

O irmão Enoch estava curvado sobre Tatiana, pingando líquido azul escuro de um copo em sua boca aberta enquanto ela ofegava

por ar. James pensou loucamente em um passarinho sendo alimentado por sua mãe. Jem ficou parado, segurando bandagens embebidas em anti-séptico. Grace ajoelhou-se nas sombras ao pé da cama de sua mãe, as mãos segurando-se firmemente.

James se aproximou, passando pelas camas em que os outros pacientes estavam deitados em seus estados inquietos de drogas. Ariadne, Vespasia e Gerald poderiam estar apenas dormindo, não fosse pelos mapas escuros das veias negras sob a pele. Eles pareciam ficar mais visíveis a cada dia.

Olá James.

Era a voz de Jem, gentil em sua mente. James desejou ter algo a dizer ao tio, além dos fios frustrantes de um mistério que se recusava a se tricotar. Mas Jem já estava procurando a identidade do avô de James. Ele não podia sobrecarregar Jem com mais perguntas que poderiam não ter respostas.

Ela vai viver? ele perguntou silenciosamente, indicando Tatiana.

A voz de Jem era incomumente tensa. *Se ela morrer, não será por causa desses ferimentos que você vê aqui.*

O veneno. *Traficante da morte, envenenador da vida,* dissera Gast. Mas o que em nome do anjo ele criou?

— James. — Uma mão agarrou seu braço; ele olhou para baixo e viu Grace, o rosto pálido e os lábios mortalmente brancos. Ela estava segurando o braço dele com as duas mãos. — Me tire daqui.

Ele se virou um pouco para proteger os dois da vista.

— Para onde devo levá-la? O que você precisa?

As mãos dela tremeram, sacudindo o braço dele.

— Eu preciso falar com você, James. Leve-me para algum lugar onde possamos ficar sozinhos.

— James se foi por uma eternidade já — disse Lucie. Ela estava rabiscando em seu caderno, mas começou a parecer preocupada. — Você iria procurá-lo, Cordelia?

Cordelia não queria procurar James. Ela viu o olhar em seu rosto quando Grace caiu da carruagem de Charles no pátio. O desejo que

se transformou tão rapidamente em temer por Grace; a maneira rápida e inconsciente em que ele tocou a pulseira no pulso. Ele odiava Tatiana, ela sabia, e por um bom motivo. Mas ele teria feito qualquer coisa para protegê-la para poupar a dor de Grace.

Ela se perguntou como seria ser amada assim. Mesmo ao lado de sua tristeza, havia uma estranha admiração pelo modo como James amava Grace, a abrangência disso tudo.

Isso não significava que ela queria falar sobre James e sua amada. Mas Lucie havia perguntado, e Cordelia não via motivo para recusar. Ela sorriu fracamente.

— Não tenho certeza se devo deixá-la sozinho com um homem — disse ela. — Parece escandaloso.

Lucie riu.

— Matthew não é um homem. Costumávamos nos bater com conchas de sopa quando crianças.

Cordelia esperava que Matthew risse também, mas, em vez disso, desviou o olhar, subitamente ocupado com um pedaço de terra na manga. Com um suspiro silencioso, Cordelia bagunçou os cabelos de Lucie e saiu para o corredor.

Ela ainda estava aprendendo a percorrer o Instituto. Os símbolos das famílias Caçadoras de Sombras estavam por toda parte e, quando Cordelia passou por eles, a luz enfeitiçada tocou as formas das asas e as curvas das torres. Cordelia encontrou um conjunto de degraus de pedra e desceu, apenas para pular de surpresa quando Anna Lightwood saiu de debaixo de um friso de mármore de um anjo posicionado sobre uma colina verde. O dragão de Gales foi retratado em segundo plano.

Anna estava de calça e uma jaqueta de alfaiataria francesa afiada. Seus olhos azuis eram da cor exata dos de Will, mais escuros que os de Lucie: combinavam com o colete e a cabeça de lápis da bengala.

— Você viu o James? — Cordelia exigiu sem preâmbulos.

— Não — disse Anna em breve. — Não tenho ideia do paradeiro dele, receio. — Cordelia franziu a testa, não por causa de James, mas por causa de expressão de Anna.

— Anna? O que há de errado?

Anna fez uma careta.

— Eu vim aqui para falar com Charles, mas parece que ele está em outro lugar.

—Charles Fairchild? — Cordelia ecoou inexpressivamente. — Acredito que ele esteja em casa, ele convocou uma reunião em sua casa para membros de alto escalão do Enclave. Você poderia encontrá-lo lá, mas seria uma reunião muito estranha.

— Membros de alto escalão do Enclave? — Anna revirou os olhos. — Bem, não admira que eu não saiba sobre isso. Então, suponho que terei que esperar até mais tarde para perfurá-lo como a fervura postulante que ele é. — Anna começou a andar dentro dos pequenos limites da escada. — Charles — disse ela. — Maldito Charles, tudo a serviço de suas ambições... — Ela girou, batendo a bengala contra uma escada. — Ele fez uma coisa terrível, terrível. Eu preciso ir à enfermaria. Ela não deveria estar sozinha. Eu preciso vê-la.

— Ver quem? — Cordelia estava confusa.

— Ariadne — disse Anna. — Cordelia, você me acompanharia até a enfermaria?

Cordelia olhou para Anna, surpresa. Anna elegante e composta. Embora no momento seu cabelo estivesse despenteado, suas bochechas coraram. Ela parecia mais jovem do que normalmente.

— É claro — disse Cordelia.

Felizmente, Anna conhecia o caminho para a enfermaria: elas não conversaram enquanto subiam as escadas, ambas perdidas em pensamentos. A enfermaria em si estava muito mais silenciosa do que havia sido a última vez que Cordelia estava lá. Ela não reconheceu a maioria dos que estavam quietos e com febre nas camas. No fundo da sala, uma tela grande fora puxada para proteger o paciente ali: Tatiana Blackthorn, presumivelmente. Cordelia podia ver as silhuetas do irmão Enoch e Jem lançadas contra a tela enquanto se moviam ao redor da cama de Tatiana.

A atenção de Anna estava concentrada em um único paciente. Ariadne Bridgestock estava em silêncio contra os travesseiros brancos. Seus olhos estavam fechados e sua rica pele marrom estava pálida, esticando-se firmemente sobre as veias negras que

se ramificavam sob sua pele. Ao lado de sua cama, havia uma pequena mesa sobre a qual havia um rolo de ataduras e vários potes rolhados de poções de cores diferentes.

Anna deslizou entre as telas ao redor do berço de Ariadne, e Cordelia seguiu, sentindo-se um pouco estranha. Ela estava se intrometendo? Mas Anna olhou para cima, como se quisesse garantir que Cordelia estava lá, antes de se ajoelhar ao lado da cama de Ariadne, colocando sua bengala no chão.

Os ombros curvados de Anna pareciam estranhamente vulneráveis. Uma das mãos pendia ao seu lado: ela estendeu a outra, os dedos se movendo lentamente sobre os lençóis de linho branco, até quase tocar na mão de Ariadne.

Ela não a pegou. No último momento, os dedos de Anna se curvaram e caíram para descansar, ao lado de Ariadne, mas sem tocar. Em voz baixa e firme, Anna disse: — Ariadne. Quando você acordar - e você acordará -, quero que se lembre disso. Nunca foi um sinal do seu valor que Charles Fairchild quis se casar com você. É uma medida de sua falta de valor que ele escolheu interromper dessa maneira.

— Ele terminou? — Cordelia sussurrou. Ela ficou atordoada. A interrupção de um compromisso prometido era um assunto sério, realizado geralmente apenas quando uma das partes em questão havia cometido algum tipo de crime grave ou havia sido pega em um caso. Charles quebrar sua promessa a Ariadne enquanto ela estava inconsciente era assustador. As pessoas pensariam que ele descobrira algo terrível sobre Ariadne. Quando ela acordoasse, ela pode estar arruinada.

Anna não respondeu a Cordelia. Ela apenas levantou a cabeça e olhou para o rosto de Ariadne, um olhar longo como um toque.

— Por favor, não morra — disse ela em voz baixa, e levantou-se. Pegando sua bengala, ela saiu da enfermaria, deixando Cordelia olhando para ela surpresa.

Lucie deixou o caderno de lado. Matthew desenhava círculos no ar com o dedo indicador e franzia a testa preguiçosamente, como se fosse um paxá olhando por cima de sua corte e descobrindo que eram mal-educados e despreparados para inspeção.

— Como você está, Luce? — ele disse. Ele se sentou ao lado dela no sofá. — Diga a verdade.

— Como *você* está, Matthew? — Lucie respondeu. — Diga a verdade.

— Não sou eu quem viu o fantasma de Gast — disse Matthew, e sorriu. — Parece um romance inacabado de Dickens, não é? *O fantasma de Gast.*

— Não sou eu quem quase caiu de uma corda que eu poderia facilmente escalar — disse Lucie calmamente.

Os olhos de Matthew se estreitaram. Eles eram olhos extraordinários, tão escuros que você só podia dizer que eram verdes se você estivesse perto dele. E Lucie tinha, muitas vezes. Eles estavam perto agora, perto o suficiente para que ela pudesse ver a ligeira faixa de cabelos dourados ao longo de sua mandíbula e as sombras sob seus olhos.

— Isso me lembra — disse ele, e arregaçou a manga. Houve um longo arranhão no antebraço. — Eu poderia usar um *iratze.* — Ele apontou um sorriso vencedor para ela. Todos os sorrisos de Matthew estavam vencendo. — Aqui — acrescentou, e estendeu a estela para ela. — Use a minha.

Ela estendeu a mão para pegá-la e, por um momento, a mão dele se fechou suavemente em torno da dela.

– Lucie — ele disse suavemente, e ela quase fechou os olhos lembrando como ele havia colocado o casaco em volta dela na rua, o calor de seu toque, o leve cheiro dele, conhaque e folhas secas.

Mas principalmente conhaque.

Ela olhou para as mãos entrelaçadas, as dele mais cicatrizadas que as dela. Os anéis em seus dedos. Ele começou a virar a mão dela na dele, como se quisesse beijar sua palma.

— Você é um Caçador de Sombras, Matthew — disse ela. — Você deveria conseguir escalar uma parede.

Ele sentou-se.

— E eu posso — disse ele. — Minhas botas novas estavam escorregadias.

— Não foram suas botas — disse Lucie. — Você estava bêbado. Você está bêbado agora também. Matthew, você está bêbado a maior parte do tempo.

Ele soltou a mão dela como se ela o tivesse atingido. Havia confusão em seus olhos e dor visível também.

— Eu não sou...

— Sim você é. Você acha que eu não consigo reconhecê-lo?

A boca de Matthew endureceu em uma linha estreita.

— Bebida me deixa divertido.

— Não me diverte ver você se machucar — disse ela. — Você é como um irmão para mim, Math.

Ele se encolheu.

— Eu sou? Ninguém mais tem essas queixas sobre o que faço ou meu desejo de fortificação.

— Muitos têm medo de mencionar isso — disse Lucie. — Outros, como meu irmão e meus pais, não veem o que não querem ver. Mas entendo e estou preocupada.

Os lábios dele se curvaram na esquina.

— Preocupada comigo? Fico lisonjeado.

— Estou preocupado — disse Lucie — que você matará meu irmão.

Matthew não se mexeu. Ele permaneceu imóvel como se tivesse sido transformado em pedra pelo Gorgon das histórias antigas. O Gorgon era um demônio, o pai de Lucie havia dito a ela, embora naquela época não houvesse Caçadores de Sombras. Em vez disso, deuses e semideuses caminharam sobre a terra e milagres caíram do céu como folhas de uma árvore no outono. Mas não houve milagre aqui. Apenas o fato de que ela poderia muito bem ter esfaqueado Matthew no coração.

— Você é o *parabatai* dele — disse Lucie, com a voz trêmula. — Ele confia em você - para estar nas costas dele em batalha, para ser seu escudo e espada, e se você não for você mesmo...

Matthew levantou-se, quase levantando a cadeira. Seus olhos estavam escuros de fúria.

— Se houvesse mais alguém além de você, Lucie, dizendo essas coisas para mim...

— Então o que? — Lucie também se levantou. Ela mal alcançava o ombro de Matthew, mas olhou para ele de qualquer maneira. Ela sempre se dera tão bem quanto entrava nas batalhas da concha de sopa de sua infância. — O que você faria?

Ele saiu do quarto sem responder.

No final, James levou Grace para a sala de estar.

Estava quieto lá dentro e deserto: havia um fogo aceso, e ele a ajudou a sentar em uma cadeira perto dele, curvando-se para tirar as luvas. Ele queria beijar as mãos nuas dela - tão vulneráveis, tão familiares desde os dias e as noites na floresta - mas deu um passo atrás e a deixou sozinha para se aquecer pelas chamas. Não era um dia frio, mas o choque poderia fazer com que alguém tremesse até os ossos.

A luz das chamas dançava sobre o papel de parede da William Morris e as cores profundas dos tapetes Axminster que cobriam o chão de madeira. Por fim, Grace se levantou e começou a andar de um lado para o outro na frente do fogo.

Ela havia puxado os últimos alfinetes dos cabelos, que fluíam sobre os ombros como água gelada.

— Grace? — Agora, nesta sala, apenas com o som do relógio quebrando o silêncio, James hesitou, pois não tinha tido tempo ou pausa para o fazer na enfermaria. — Você pode falar do que aconteceu? Onde foi o ataque? Como você escapou?

— Mamãe foi atacada na mansão — disse Grace, a voz plana. — Não sei como aconteceu. Eu a encontrei inconsciente no pé da escada da frente. As feridas no ombro e no braço eram as feridas dos dentes.

— Eu sinto muitíssimo.

— Você não precisa dizer isso — disse Grace. Ela começou a andar de novo. — Há coisas que você não sabe, James. E coisas que devo fazer, agora que ela está doente. Antes que ela acorde.

— Estou feliz que você pense que ela se recuperará — disse James, aproximando-se dela. Ele não tinha certeza se deveria tocá-la, mesmo quando ela parou de andar e levantou os olhos para ele. Ele não achava que tinha visto Grace assim antes. — É importante ter esperança.

— É certeza. Minha mãe não vai morrer — disse Grace. — Todos esses anos ela viveu com amargura, e sua amargura a manterá viva agora. É mais forte que a morte.

Ela estendeu a mão para acariciar seu rosto. Ele fechou os olhos enquanto as pontas dos dedos traçaram o contorno da bochecha dele, leves como o toque da asa de uma libélula.

— James — ela disse. — Oh, James. Abra seus olhos. Deixe-me olhar para você enquanto você ainda me ama.

Os olhos dele se abriram.

— Eu te amo há anos. Eu vou sempre amar você.

— Não — disse Grace, soltando a mão. Havia um grande cansaço nela rosto, em seus movimentos. — Você vai me odiar em breve.

— Eu nunca poderia te odiar — disse James.

— Vou me casar — disse ela.

Era o tipo de choque tão imenso que quase não se sentia. *Ela cometeu algum tipo de erro,* pensou James. *Ela está confusa. Eu vou consertar isso.*

— Eu vou me casar com Charles — ela continuou. — Charles Fairchild. Passamos bastante tempo juntos desde que cheguei a Londres, embora saiba que você não percebeu.

Um pulso começou a bater atrás dos olhos de James, junto com o tique-taque do relógio do avô.

— Isso é loucura, Grace. Você *me* pediu para casar com você ontem à noite.

— E você disse que não. Você foi muito claro. Ela deu um leve encolher de ombros. — *Charles* disse que sim.

— *Charles* está noivo de Ariadne Bridgestock.

— Esse noivado está quebrado. Charles disse ao Inquisidor Bridgestock que estava terminando esta manhã. Ariadne não amava Charles; ela não se importará se eles se casassem ou não.

— Realmente? Você perguntou a ela? — James exigiu ferozmente, e Grace se encolheu. — Nada disso faz sentido, Grace. Você está em Londres há menos de uma semana...

Os olhos dela brilharam.

— Consigo realizar muitas coisas em menos de uma semana.

— Pelo visto. Inclusive prejudicar Ariadne Bridgestock, que nunca fez nada com você. Charles é uma pessoa fria. Ele tem um coração frio. Mas eu esperava que *você* fosse melhor do que participar de algo assim.

Grace corou.

— Você acha que Ariadne está desesperada? Ela é linda e rica, e Charles está preparado para dizer a todos que *ela* terminou com *ele*.

— Enquanto ela estava inconsciente?

— Claramente, ele dirá que foi antes que ela adoecesse — Grace retrucou.

— E se ela morrer, que conveniente para você — disse James, com a dor como uma labareda branca atrás dos olhos.

— Eu disse que você me odiaria — disse Grace, e havia algo quase selvagem em sua expressão. — Eu lhe digo, ela não quer Charles, e se ela morrer, sim, ela precisará dele ainda menos do que agora! — Ela ofegou. — Você não pode ver isso. Estou mais desesperada do que Ariadne poderia estar.

— Eu não consigo ver o que você não vai me dizer — disse James em voz baixa. — Se você está desesperado, deixe-me ajudá-la.

— Eu *ofereci a* você a chance de me ajudar — disse ela. — Pedi para você se casar comigo, mas você não quis. Tudo o que você tem aqui é muito mais importante para você do que eu.

— Isso não é verdade.

Ela riu bruscamente.

— Para me amar, James, você deve me amar acima de todas as outras coisas. Seremos para sempre o alvo de minha mãe se nos casarmos - e depois nossos filhos o serão - e como isso pode valer a pena para você? Eu já sei que não vale. Quando pedi para você se casar comigo ontem à noite, foi apenas um teste. Eu queria ver

se você me amava o suficiente. O suficiente para fazer qualquer coisa para me proteger. Você não me ama.

— E Charles ama? — A voz de James era baixa. — Você mal o conhece.

— Não importa. Charles tem poder. Ele será o cônsul. Ele não precisa me amar. — Ela o encarou através do padrão desgastado do tapete. — Eu devo fazer isso agora, antes que minha mãe acorde. Ela proibiria isso. Mas se ela acordar estará pronto, ela não irá contra a Clave e o Cônsul. Você não vê? É impossível entre nós, James.

— Só é impossível se você fizer isso — disse James.

Grace passou o xale pelos ombros, como se estivesse com frio.

— Você não me ama o suficiente — disse ela. — Você perceberá isso em breve e ficará agradecido por eu ter feito isso. — Ela estendeu a mão. — Por favor, devolva minha pulseira para mim.

Era como uma chicotada. Lentamente, James alcançou o fecho do aro de prata. Estava ali há tanto tempo que, quando ele o removeu, ele viu uma tira de carne mais pálida circulando seu pulso, como a palidez deixada para trás quando um anel de casamento foi removido.

— Grace — ele disse, estendendo para ela. — Você não precisa fazer isso.

Ela pegou a pulseira dele, deixando o pulso dele sentindo-se estranhamente nu.

— O que tínhamos era o sonho de crianças — disse ela. — Vai desaparecer como neve no verão. Você esquecerá.

Sentia a cabeça como se seu crânio estivesse rachando; ele mal conseguia respirar. Ele ouviu sua própria voz como se viesse de uma longa distância.

— Eu sou um Herondale. Nós amamos apenas uma vez.

— Isso é apenas uma história.

— Você não ouviu? — James disse amargamente. — Todas as histórias são verdadeiras.

Ele abriu a porta, desesperado para fugir dela. Enquanto ele corria pelo corredor, os rostos de estranhos voaram em um borrão; ele ouviu o seu nome sendo chamado e então ele desceu as

escadas e na entrada, pegando o casaco. O céu estava nublado no alto e as sombras se acumularam densamente no pátio, descansando entre os galhos das árvores como corvos.

— Jamie.

Matthew apareceu na penumbra, com os cabelos brilhantes na entrada escura, a expressão preocupada.

— Jamie, o que há de errado?

— Grace está se casando com Charles — disse James. — Deixe estar, Math. Eu preciso ficar sozinho.

Antes que Matthew pudesse dizer uma palavra, James abriu as portas e fugiu, desaparecendo sob os portões arqueados que marcavam a entrada do Instituto, as palavras gravadas neles brilhando na luz fraca do sol.

Nós somos poeira e sombras.

Matthew xingou, seus dedos mexendo nos botões do casaco. James acabara de desaparecer nas sombras do lado de fora do Instituto sem uma única arma, mas Matthew tinha certeza de que poderia alcançá-lo. Ele conhecia as assombrações de James, assim como James as conhecia: todos os lugares da cidade que James poderia procurar quando estivesse chateado.

Suas mãos estavam tremendo demais para acertar os botões, no entanto. Ele xingou de novo e pegou o frasco no colete. Apenas um beliscão para firmar as mãos e colocá-lo no lugar certo.

— James estava - ele parecia bem? — disse uma voz atrás dele.

Matthew se virou, largando a mão. Grace estava ao pé da escada, um xale cinza como a teia de uma aranha enrolada em seus ombros finos. Matthew sabia que ela era incrivelmente bonita pela maioria, mas ela sempre parecera a sombra de uma sombra para ele, sem vibração e cor.

— Claro que ele não está bem — disse Matthew. — Nem eu. Você está se casando com Charles, e nenhum de nós quer isso.

Ela puxou o xale mais apertado sobre si mesma.

— Você não entende. Todos fazemos o que devemos. Estou fazendo o que tenho que fazer.

— James te ama sinceramente desde que era criança — disse Matthew. — E agora você rasga seu coração em pedaços? E para quê? Charles nunca sentirá metade do que James sente por você.

— Sentimentos — disse ela com desprezo. — Isso é tudo que os homens pensam que as mulheres querem, não é? Simpatia, sentimento, bobagem. Nunca senti ternura por nada ou por alguém que viva ...

— Você nunca realmente sentiu algo por alguém? — Matthew exigiu, meio bravo e meio curioso.

Ela ficou em silêncio por um longo momento.

— Meu irmão — disse ela finalmente, com um meio sorriso peculiar. — Mas então, ele não está mais vivendo agora.

— Então, você nunca se importou com James — disse ele, com plena realização nascendo lentamente. — James te decepcionou de alguma forma? Ou você estava cansada dele antes de vir para Londres? Todo o tempo que você passou com Charles, todos os malditos passeios de carruagem, todos os sussurros nos cantos. Senhor, você planejou isso como uma campanha militar, não foi? Se o primeiro regimento cair, sempre tenha um substituto pronto. — Ele riu amargamente. — Eu disse a mim mesma que era um tolo por suspeitar que você estava passando pelas costas de James. Não imaginei metade da verdade.

Ela parecia mais pálida do que o habitual.

— Você não seria sensato em espalhar esses rumores. Deixe estar, Matthew.

— Eu não posso. — Ele voltou a vestir o casaco; estranhamente, suas mãos estavam firmes, como se a raiva tivesse achatado seus nervos. — Charles é um bastardo, mas mesmo ele não merece -

— Matthew — disse ela, aproximando-se e colocando a mão no cotovelo dele. Ele parou surpreso, olhando para o rosto dela, virado para o dele. Ele podia ver que a forma era realmente adorável, quase como uma boneca em sua perfeição.

Ela passou a mão pela manga dele. Ele disse a si mesmo que deveria se afastar dela, mas seus pés pareciam enraizados no chão.

Era como se ele estivesse sendo atraído por ela, embora a odiasse ao mesmo tempo.

— Você sente algo por mim agora, não sente? — disse Grace. — Me beije. Eu exijo que você faça.

Como se estivesse sonhando, Matthew a alcançou. Ele segurou a cintura fina de Grace em suas mãos. Ele pressionou a boca faminta contra os lábios dela e a beijou e a beijou. Ela tinha gosto chá doce e esquecimento. Ele não sentia nada, nada de desejo, nada de anseio, apenas uma compulsão vazia e desesperada. Ele beijou a boca e bochecha e ela se virou nos braços dele, ainda segurando o pulso dele, o corpo dela contra o dele— E então ela deu um passo para trás, liberando-o. Era como acordar de um sonho.

Ele se encolheu de horror, tropeçando para longe de Grace. Não havia nada tímido naquele olhar, nada da garota com o rosto abatido no baile. A cor dos seus olhos se transformou em aço.

— Você — ele começou, e parou. Ele não podia dizer o que queria dizer: *você me fez fazer isso.* Era ridículo, uma abdicação bizarra da responsabilidade pessoal por um ato ainda mais bizarro.

Quando ela falou, sua voz não teve emoção. Seus lábios estavam vermelhos onde ele a beijara; ele se sentiu enjoado.

— Se você me atrapalhar depois disso, se fizer alguma coisa para impedir meu casamento com Charles, direi a James que você me beijou. E eu direi ao seu irmão também.

— Como se eles ainda não soubessem que sou uma pessoa terrível — disse ele, com uma bravata que não sentia.

— Oh, Matthew. — Sua voz estava fria quando ela se afastou dele. — Você não tem ideia de como são as pessoas terríveis.

13

RUÍNA AZUL

Vinte pontes da torre para Kew Queria saber o que o rio sabia, Pois eles eram jovens, e o Tamisa era velho, E este é o conto que o rio contou.

— Rudyard Kipling, “O conto do rio”

James estava sentado na beira de um bastião de pedra no topo da ponte Blackfriars, com as pernas penduradas na beira. A água de jade escura do Tamisa corria abaixo. Pequenos barcos a remo e isqueiros arrastavam-se ao longo de barcaças de rios, distinguidos por suas velas marrom-avermelhadas características, como manchas de sangue contra o céu escurecido pelas nuvens. A bordo deles, homens de boné chato gritavam um com o outro através do rio.

Ao norte, a cúpula de São Paulo brilhava contra um pano de fundo de nuvens de trovoada; do outro lado do rio, a usina de Bankside soprou fumaça negra no céu.

O tapa rítmico do rio das marés contra os cais de granito da ponte era tão familiar para James quanto uma canção de ninar. Blackfriars era um lugar especial em sua família: figurava em algumas histórias de seus pais. Ele geralmente achava reconfortante aqui. O rio seguia em frente, independentemente da turbulência na vida das pessoas que cruzavam a ponte ou passeavam de barco pela água. Eles não podiam deixar nenhuma marca real no rio, pois seus problemas não deixaram nenhuma marca real no tempo.

Agora não era reconfortante. Agora ele não sentia como se pudesse respirar. A dor que ele sentia era física, como se varas de aço afiadas tivessem deslizado por suas costelas, parando seu coração.

— James?

James olhou para cima. Matthew estava caminhando em sua direção, com o sobretudo aberto. Ele estava sem chapéu, cabelos loiros emaranhados na brisa do rio, perfumados com carvão e sal.

— Eu estive procurando por você por toda a cidade — disse Matthew, balançando-se no bastião de pedra ao lado de James. James lutou contra o desejo de dizer a ele para ter cuidado. Era uma longa queda no rio, mas as mãos de Matthew estavam firmes quando ele se segurou. — Diga-me o que aconteceu.

James não conseguiu explicar - a sensação de asfixia, a tontura. Ele se lembrou do pai dizendo que o amor era dor, mas isso não era dor. Parecia que ele havia sido privado de ar quase até o ponto da morte e agora estava ofegando e sufocando, tentando desesperadamente obter o suficiente em seus pulmões. Ele não conseguiu encontrar palavras, não conseguiu fazer nada além de se inclinar e colocar a cabeça no ombro de Matthew.

— Jamie, Jamie — disse Matthew, e sua mão se pressionou fortemente contra as costas de James, entre as omoplatas. — Não.

James manteve o rosto pressionado no tweed do casaco de Matthew. Cheirava a conhaque e a colônia dos Penhaligon que Matthew arrancou de Charles. James sabia que seu corpo estava dobrado de uma maneira um tanto estranha, sua mão segurando a frente da camisa de Matthew e seu rosto preso em seu ombro, mas havia algo no conforto de seus *parabatai* - ninguém mais poderia lhe dar, nem mãe, nem irmã ou pai ou amante. Foi uma transcendência de tudo isso.

As pessoas costumavam dispensar Matthew - por causa de suas roupas, por causa de suas piadas, por causa da maneira como ele não levava nada a sério. Eles assumiram que ele era capaz de quebrar, ceder quando as coisas se tornassem difíceis. Mas ele não estava. Ele estava segurando James agora, como sempre - e fazendo com que parecesse fácil, como sempre.

— Suponho que há muitas coisas inúteis que eu poderia lhe contar — disse ele em voz baixa, enquanto James recuava. — Que provavelmente foi melhor isso acontecer mais cedo, e que é melhor amar e perder do que nunca amar, e tudo mais. Mas é tudo podridão, não é?

— Provavelmente — disse James. Ele estava ciente de que suas mãos tremiam de uma maneira que o lembrava de algo. Ele não conseguia se lembrar o quê. Ele estava tendo problemas para se concentrar, ideias surgindo como ratos mergulhando para longe de um gato que se aproximava. — Eu pensei que minha vida seria uma coisa. Agora parece que deve ser totalmente diferente.

Matthew torceu o rosto de uma maneira que os pais costumavam achar adorável. James pensou que isso o fazia parecer Oscar.

— Acredite em mim — disse ele. — Eu sei como é isso.

James ficou um pouco surpreso ao ouvir. Ele já havia encontrado Matthew em posições comprometedoras antes com meninas e meninos, mas nunca pensou que o coração de Matthew estivesse envolvido com nenhum deles.

Havia Lucie, é claro. Mas James suspeitava que Matthew também não a amava, além dos restos de uma paixão infantil. Em algum lugar ao longo do caminho, James percebeu, Matthew havia perdido a fé na maioria das coisas. Seria fácil para ele manter sua fé em Lucie, mas somente a fé não era amor.

James colocou a mão no casaco de Matthew. Matthew resmungou, mas não deu um tapa na mão quando James desabotoou o bolso interno e puxou o frasco de prata de seu *parabatai* .

— Você tem certeza? — disse Matthew. — A última vez que você estava com o coração partido, atirou em um lustre com uma arma mundana e quase se afogou na Serpentina.

— Eu não estava *tentando* me afogar — James apontou. — Além disso, Magnus Bane me salvou.

— Não mencione isso — disse Matthew, quando James abriu o frasco. — Você sabe o quanto estou zangado com isso. Eu idolatro Magnus Bane, você teve uma chance de conhecê-lo e nos envergonhou a todos.

— Tenho certeza de que nunca mencionei nenhum de vocês para ele — disse James, e inclinou o frasco de volta. Ele engasgou. Era uma ruína azul: o tipo mais barato e forte de gin. Desceu como um raio. Ele tossiu e empurrou o frasco para longe.

— Pior ainda — disse Matthew. — Quão mais afiado que o dente da serpente é ter um *parabatai* ingrato.

— Tenho certeza de que esse não é o Shakespeare original — disse James. — Foi bom que Bane estivesse lá — acrescentou. — Eu estava em um estado ruim. Eu mal me lembro. Eu sei que foi por causa de Grace - ela havia me escrito para dizer que deveríamos interromper o contato um com o outro. Eu não conseguia entender. Saí para beber, para esquecer... — Ele parou, balançando a cabeça. — No dia seguinte, ela me escreveu novamente para pedir desculpas. Ela disse que só estava assustada. Gostaria de saber agora se teria sido melhor se as coisas terminassem então.

— Não podemos escolher quando, em nossas vidas, sentimos dor — disse Matthew. — Vem quando vem, e tentamos lembrar, mesmo que não possamos imaginar um dia em que nos libertará, que toda a dor desapareça. Toda miséria passa. A humanidade é atraída pela luz, não pelas trevas.

O céu estava cheio da fumaça negra de Londres. Matthew era uma marca pálida contra o céu escuro da tempestade; o tecido brilhante de seu colete brilhava, assim como seus cabelos louros.

— Math — disse James. — Eu sei que você nunca gostou de Grace.

Matthew suspirou.

— Não importa o que eu penso dela. Isso nunca aconteceu.

— Você sabia que ela não me amava — disse James. Ele ainda estava tonto.

— Não. Eu temia. Não é o mesmo. Mesmo assim, eu nunca poderia ter adivinhado o que ela faria. Charles nunca a fará feliz.

— Ela me pediu para casar com ela ontem à noite - fugir e casar com ela em segredo — disse James. — Eu disse não. Hoje, ela me disse que tinha sido um teste. Era como se ela tivesse decidido que nosso amor já era uma coisa quebrada e arruinada, e estava tentando provar isso. — Ele respirou fundo. — Mas não consigo imaginar amá-la mais do que eu, mais do que eu mesmo.

Os dedos de Matthew embranqueceram onde ele agarrou o frasco. Depois de um longo momento, ele falou com alguma dificuldade.

— Você não pode se atormentar — disse ele. — Se não tivesse sido esse teste, teria sido outro. Esta não é uma questão de amor, mas de ambição. Ela deseja ser a esposa do cônsul. O amor não tem lugar neste plano.

James tentou se concentrar no rosto de Matthew. Não foi tão fácil como deveria ter sido. Luzes dançaram atrás das pálpebras quando ele as fechou, e suas mãos ainda estavam tremendo. Certamente isso não poderia ser de um gole de ruína azul. Ele sabia que não estava bêbado, mas ainda havia um sentimento de desapego. Como se nada que ele fizesse agora importasse.

— Diga-me, Matthew — disse ele. — Diga-me o nome da sombra que sempre paira sobre você. Eu posso me tornar uma sombra. Eu poderia lutar por você.

Matthew fechou os olhos com força, como se sentisse dor.

— Oh, Jamie — ele suspirou. — E se eu disser que não há sombra?

— Eu não acreditaria em você — disse James. — Eu sei o que sinto em meu próprio coração.

— James — disse Matthew. — Você está começando a escorregar da ponte.

— Bom. — James fechou os olhos. — Talvez eu consiga dormir esta noite.

Matthew pulou, bem a tempo de pegar James enquanto ele caía para trás da parede.

James ajoelhou-se no telhado do Instituto. Ele sabia que estava sonhando, mas ao mesmo tempo parecia impossível que o que estava acontecendo com ele não fosse real: ele podia ver Londres deitada tão claramente como uma pintura, ver suas estradas, becos e avenidas, ver as estrelas pendurado no alto da cidade, branco pálido como os dentes perolados de uma boneca de criança. Ele podia ver a si mesmo, à distância, ver o preto de seus cabelos e o preto mais profundo das asas que se erguiam de suas costas.

Ele se viu lutando com o peso das asas. Elas eram irregulares e escuras, com camadas sobrepostas de penas que sombreavam do preto profundo ao cinza. Ele percebeu que não eram suas asas: um monstro ajoelhado de costas, uma criatura cujo rosto ele não podia ver. Uma coisa deformada e deformada, em trapos cinza claro, suas garras afiadas afundavam profundamente em suas costas.

Ele sentiu a dor. Era tão feroz quanto o fogo, queimando através de sua pele; ele ficou de pé cambaleando, girando e girando como se pudesse atirar a criatura fora dele. A luz brilhava ao seu redor - luz dourada pálida, a mesma luz que ele vira quando passara para o reino das sombras e depois para a estufa de Chiswick.

A luz de Cortana.

Ele a viu ali, a lâmina na mão, os cabelos como fogo. Ela cortou a criatura nas costas de James e, com uma dor abrasadora que arrancou dele, Cortana afundou profundamente em seu corpo. Ele caiu, caindo pela encosta íngreme do telhado.

A camisa de James era trapos, ensopada em sangue. Ele podia sentir mais sangue escorrendo entre as omoplatas. Cordelia correu para ele. Ela sussurrou o nome dele: James, James*, como se ninguém tivesse falado isso antes.*

Ao redor deles, o céu brilhava com luzes brilhantes. Ele não podia mais ver Cordelia. As luzes formaram formas e padrões - ele já as tinha visto antes, os rabiscos no papel no apartamento de Gast. O conhecimento do que eles estavam fazendo cócegas na borda de seu cérebro. Ele chamou Cordelia, mas ela se foi, como o sonho que ele sabia que ela era.

Quando James acordou de manhã, ele estava deitado em sua própria cama. Ele estava completamente vestido, embora alguém tivesse tirado a jaqueta e os sapatos e os colocado em uma cadeira. Em uma cadeira de asa de veludo nas proximidades, Matthew estava cochilando, com o rosto apoiado na mão.

Matthew sempre parecia bem diferente quando estava dormindo. O movimento constante que era uma distração quando ele estava

acordado desaparecia, e ele se tornava uma daquelas pinturas que amava: talvez um Frederic Leighton. Leighton era famoso por pintar crianças em sua inocência, e quando Matthew dormia, parecia que a tristeza nunca o havia tocado.

Como se soubesse que estava sendo observado, ele se mexeu e sentou-se, concentrando-se em James.

— Você está acordado. — Ele começou a sorrir. — Como está sua cabeça? Tocando como um sino?

James sentou-se lentamente. Ele estava com Matthew em muitas manhãs quando seu *parabatai* estava reclamando de uma cabeça ruim, ou dores e miséria e a necessidade de engolir um copo de ovo cru e pimenta antes que ele pudesse enfrentar o dia. Mas James não sentiu nada disso. Nada doeu.

— Não, mas como eu estou?

— Medonho — Matthew relatou alegremente. — Como se você tivesse visto o fantasma de Old Mol e seu cabelo ainda estivesse arrepiado.

James olhou para suas próprias mãos, virando-as. Seu pulso nu ainda parecia estranho, a ausência da pulseira como uma ferida gritante. Mas não havia dor real, física ou mental.

— Por outro lado — disse Matthew, com os olhos diabolicamente acesos, — não posso dizer que seus pais ficaram muito satisfeitos quando te carreguei ontem à noite.

James pulou da cama. Suas roupas estavam tão amarrotadas como se ele tivesse dormido debaixo de uma ponte.

— Você me carregou? Meus pais estavam aqui?

— Eles de fato voltaram da reunião com meu irmão — disse Matthew, — quem, aparentemente, estava muito chato, o que eu poderia ter dito a eles.

— MATTHEW — disse James.

Matthew levantou as mãos inocentemente.

— Eu não disse nada a eles, mas aparentemente Charles contou a eles sobre seu compromisso com Grace na reunião, e eles deduziram que você estava tentando afogar suas mágoas. Eu disse a eles que você só tomou um gole de gin e eles o acusaram de ser fraco.

— Querido Deus. — James cambaleou para o banheiro. Felizmente, havia água na jarra e uma barra de sabão de sândalo. Ele se esfregou apressadamente e enxaguou os cabelos. Sentindo-se menos revoltante, ele entrou no provador, vestiu roupas novas e voltou para o quarto, onde Matthew estava sentado no pé da cama, com as pernas cruzadas. Ele entregou a James uma caneca de chá sem dizer uma palavra - exatamente do jeito que ele gostava: forte e açucarado, sem leite.

— De onde você produziu isso? — James perguntou em voz alta, aceitando a caneca.

Matthew ficou de pé.

— Venha — disse ele. — A comida foi colocada na sala de café da manhã. Vamos provar alguns dos deliciosos ovos de Bridget e eu vou explicar.

James olhou para o *parabatai* com suspeita. Os ovos de Bridget eram famosamente horríveis.

— Explicar o quê?

Matthew fez um gesto silencioso. Revirando os olhos, James colocou os pés em sapatos e seguiu Matthew pelos corredores sinuosos até a sala de café da manhã, onde a comida ainda estava posta. Uma urna de prata com café agora frio, pratos de costeletas de vitela e o kedgeree menos favorito de James. Ele se sentou à mesa com um prato de cogumelos e torradas. Sua mente parecia surpreendentemente clara, como se ele tivesse saído de uma névoa estranha. Até a torrada e os cogumelos tinham um sabor diferente.

Ele franziu a testa.

— Algo aconteceu — disse ele, percebendo o quanto estava quieto. Apenas o som de relógios correndo no Instituto. Os corredores estavam desprovidos de pessoas. Ele se levantou e foi até a janela, que dava para o pátio. Estava vazio de carruagens. Seu aperto aumentou no peitoril. — Matthew, alguém...

— Não — disse Matthew rapidamente. — Não, Jamie, ninguém mais morreu. O Enclave decidiu mudar os feridos para a Cidade do Silêncio. Eles estavam muito doentes para passarem por portais, então seus pais estão ajudando na tarefa, assim como os de Christopher. Até Charles emprestou nossa carruagem.

— E Grace? — disse James. O nome dela parecia estranho em sua boca, como se tivesse adquirido um novo som. Lembrou-se da dor doentia que sentira no dia anterior, levando-o para a escuridão. Uma sensação de que seu peito estava se partindo, seus ossos se partindo. Ele não sentiu isso agora. Lembrou-se da dor, mas intelectualmente, não fisicamente. Certamente voltaria, ele pensou. Ele deveria se preparar enquanto podia.

— Os Pouncebys a acolheram — disse Matthew. — Eles estão em Highgate, perto da entrada da Cidade do Silêncio. Ela poderá visitar a mãe. — Ele fez uma pausa. — Ela vai ficar bem, James.

— Sim, eu acredito que ela vai — disse James. — E Lucie? Ela sabe o que está acontecendo?

Matthew pareceu surpreso.

— Sim, mas... você ouviu o que eu disse sobre Grace?

Antes que James pudesse responder, Lucie entrou na sala de jantar. Ela usava roupas de treino - uma túnica macia com cinto sobre caneleiras e botas - e carregava um punhado de cartas com ela. O correio deve ter chegado. Ela soltou a correspondência na caixa de correio e se aproximou de James com um olhar preocupado.

— Jamie! Oh, graças a Deus. Mamãe me contou sobre Charles e Grace, mas guardei as notícias inteiramente para mim. Você está bem? Sua alma está atormentada?

— O cruel príncipe James está bem, obrigado — disse ele. Estranhamente, ele notou, Matthew havia deslizado atrás de Lucie e parecia estar cutucando a correspondência.

— Onde você esteve, Luce?

— Na sala de treinamento com Cordelia — disse ela. — Alastair foi com Charles para ajudar a mover alguns dos doentes, e ela ficou comigo. Pensamos que talvez devêssemos estar um pouco mais preparadas, sabe, caso você tenha outra missão secreta que termine em um ataque demoníaco.

— Eu não acho isso provável — disse James, e viu Matthew dar a ele outro olhar peculiar.

— James — disse Lucie severamente. — Você não precisa fingir ser corajoso, como Lord Wingrave era quando sua mão foi rejeitada

em casamento.

James se perguntou se era alguém que ele deveria conhecer.

— Quem diabos é esse?

— Ele está em *The Beautiful Cordelia* — disse Lucie. — Juro que li isso em voz alta no último Natal. Papai ficou muito impressionado.

Matthew virou-se, as mãos atrás das costas.

— Ah, Lucie — ele disse um pouco alto demais. — Você estava treinando, eu vejo, como uma grande guerreira da Inglaterra. Como Boadicea, que derrotou os romanos. Sente-se! Deixe-me fazer um sanduíche de mel para você.

Lucie parecia hesitante, depois pareceu encolher os ombros e aceitar o gesto.

— Você é uma pessoa louca, Matthew — disse ela.— Mas eu adoro sanduíches de mel. — Ela se sentou em uma cadeira e pegou o bule de chá. — Suponho que Charles e Grace ainda não anunciaram formalmente o noivado, mas isso seria muito rude com Ariadne tão doente. Estou surpreso que o Inquisidor não tenha tentado prender Charles.

Quando Matthew atravessou a sala para pegar o pote de mel no aparador, ele pressionou algo plano e papel na mão de James.

— Eu sei que é endereçado a Lucie — disse ele em voz baixa. — Mas é para Cordelia. Leve para ela.

Não se fez perguntas quando o *parabatai* fez uma solicitação.

— Parece que eu esqueci de usar meias — anunciou James. Lucie olhou para ele como se tivesse perdido o juízo. Ele se aproximou da porta, tentando impedir Lucie de ver seus pés.

— Voltarei em um momento.

James subiu as escadas em direção aos andares superiores, dois de cada vez. Ele se sentiu mais leve do que em meses, como se tivesse carregado um fardo enorme que nem sabia que estava carregando. Ao chegar ao patamar do terceiro andar, examinou o objeto que Matthew lhe entregara: uma carta, endereçada na letra inconfundível do cônsul, a Lucie Herondale.

A porta da sala de treinamento estava aberta. Era uma sala grande, ampliada alguns anos atrás, quando eles se juntaram ao resto do sótão. O chão era de madeira polida, coberta de tapetes de

tatame, e as cordas flexíveis pendiam das vigas de madeira, atadas em vários comprimentos para facilitar a escalada. Tochas iluminadas por luz enfeitiçada iluminavam a sala, e a luz do sol nublada entrava pelas janelas acima.

Cordelia estava no extremo norte da sala em frente a um grande espelho prateado, Cortana brilhando em ouro na mão. Ela usava roupas de treino que devia ter pego emprestado de Lucie: elas eram apertadas e curtas, os tornozelos visíveis sob as bainhas das calças.

Ela se virou, movendo-se com a espada como se dançassem juntos. Sua pele marrom clara brilhava à luz enfeitiçada, manchada de suor pelas clavículas, pela garganta. Seu cabelo havia se soltado dos alfinetes. Ele caía por suas costas como uma cachoeira de folhas de outono. Juntas, ela e Cortana eram um poema escrito em fogo e sangue.

Ele deve ter feito um barulho, pois ela se virou para olhá-lo, olhos arregalados, o peito subindo e descendo com respirações rápidas. Um choque passou por ele. Algo como uma lembrança - Cordelia deitada ao lado dele, os cabelos macios na lateral do pescoço dele, o calor do quadril contra o dele – Ele tentou afastar o pensamento da cabeça; nada disso havia acontecido em sua vida. Um fragmento de seu sonho na noite anterior, talvez?

Ele tirou a carta do bolso e estendeu para ela.

— Daisy — disse ele. — Eu tenho algo para você.

Muitos anos de prática familiarizaram Cordelia bem com treinamento individual. O pai dela sempre dizia que era necessário um parceiro vivo para aprender certos aspectos da arte da espada - como você poderia aprender a girar uma lâmina de perto, por exemplo, se você não tinha uma espada oposta para pressionar a sua? Alastair retorquiu que o treinamento dos Caçadores de Sombras era algo único: você raramente lutava com outro oponente com uma espada, afinal de contas, e muito mais frequentemente com um monstro de formato peculiar.

Cordelia riu e Elias revirou os olhos e cedeu. Afinal, eles se mudavam com tanta frequência pela saúde de Elias que nem

Cordelia nem Alastair tinham parceiros regulares de treinamento, exceto um ao outro, e não correspondiam em altura ou peso. Então, quando Lucie partiu para buscar uma xícara de chá, Cordelia havia caído nos velhos padrões de prática de seus pés - pulando com Cortana na mão, praticando sequências de ações repetidas vezes até que fossem tão naturais para ela quanto descer as escadas. Ela levantou Cortana, virou-se, girou e se lançou - apenas para quase perder o equilíbrio de surpresa quando James atravessou a porta aberta da sala de treinamento.

Ela o encarou por um momento, pega de surpresa. Algo nele parecia diferente. Suas roupas eram comuns - casaco da manhã, calça cinza - e seu cabelo era o emaranhado escuro de sempre. Havia leves sombras sob seus olhos, o que não era surpreendente para alguém que tinha saído tarde.

Ela deslizou Cortana na bainha nas costas quando James tirou uma carta do bolso e ofereceu a ela com um sorriso; ela podia ver o nome de Lucie rabiscado na frente.

— Como você sabia que isso era para mim? — ela perguntou. Suas mãos tremiam quando ela pegou a carta e começou a abri-la.

— Matthew me disse — disse ele. — Acredito que ele esteja distraindo Lucie na sala de jantar, mas quem sabe quanto tempo isso vai durar.

— Está tudo bem, você sabe - eu confio em Lucie — disse Cordelia. — Se eu não estivesse preparada para ela ler a carta, não a teria enviado aqui.

— Eu sei — disse James. — Mas é *sua* carta. Por que você não deveria ler primeiro? De fato, se você gostaria que eu fosse embora, eu posso.

— Não — disse Cordelia, baixando o olhar para examinar as linhas rabiscadas de Charlotte. — Não, por favor, fique.

> *Querida Lucie,*
>
> *Espero que esta carta a encontre bem, e a querida Cordelia também. Receio ter apenas um pouco de notícias, pois a situação com Elias*

Carstairs foi suspensa enquanto a emergência atual é tratada. De fato, tentamos testar Elias pela Espada Mortal, mas, infelizmente, fazê-lo não lançou nenhuma luz sobre a situação, pois Elias não tem memória dos eventos da noite da batalha. É uma questão muito complicada. Por favor, dê meus melhores votos a Cordelia. Estou ansiosa para voltar a Londres e até breve. Com amor,

Charlotte

Cordelia sentou-se no parapeito da janela.

— Eu não entendo — ela sussurrou. — Por que ele não se lembra?

James franziu as sobrancelhas.

— O que você quer dizer? O que aconteceu?

— Você sabe que meu pai está prestes a ser julgado — disse ela lentamente. — Em Idris.

— Sim — ele disse. — Eu não queria bisbilhotar. Eu nem pedi detalhes a Lucie, embora estivesse curioso. — Ele se sentou ao lado dela no peitoril da janela. — Eu não vou mentir. — ele disse. — Eu ouvi sussurros. Mas eu coloco pouca confiança em sussurros. Já houve bastantes sobre mim e minha família, e muitos deles falsos, para que eu prefira meu próprio julgamento ao dos outros. — Ele colocou a mão sobre a dela. — Se você quiser compartilhar a verdade comigo, eu ficaria feliz em ouvi-la, mas a escolha é sua, Daisy.

Seus dedos estavam quentes e calejados, ásperos com cicatrizes. James parecia diferente, Cordelia pensou novamente. Mais presente. Como se ele estivesse aqui no momento, não mantendo o mundo à distância.

A história toda veio à tona: a doença de seu pai nos últimos anos, exigindo seus muitas mudanças de um lugar para outro, ele concordando em ajudar com a expedição, o desastre que se seguiu, sua prisão, sua jornada a Londres, o futuro julgamento, as

tentativas de Cordelia de encontrar uma maneira de salvar sua família.

— Matthew teve a gentileza de providenciar que eu recebesse essa carta, mas é outro beco sem saída. Não sei como ajudar meu pai.

James parecia pensativo.

— Daisy, sinto muito. Isso é algo que seus amigos devem ajudá-la, e eu sou um deles.

— Não há nada que alguém possa fazer — disse Cordelia. Pela primeira vez, ela se sentiu desesperada em relação ao pai.

— Não necessariamente — disse James. — Considerando quem é a mãe de meu *parabatai* , ouço mais sobre os processos legais da Clave do que eu poderia preferir. Posso dizer-lhe que, se for um julgamento sem espada mortal, terá que contar com testemunhos e testemunhas de caráter.

— Testemunhas de caráter? Mas meu pai conhece tão poucas pessoas — disse Cordelia. — Sempre estivemos nos mudando - nunca ficamos em Cirenworth por longos períodos de tempo.

— Eu ouvi muitas histórias sobre seu pai — continuou James. — Principalmente de Jem. Depois que os pais de Jem foram mortos pelo demônio Yanluo, foi Elias quem localizou o demônio com Ke Yiwen e o matou, salvando inúmeras vidas. Seu pai pode estar cansado e doente nos últimos anos, mas antes disso ele era um herói, e a Clave precisa ser lembrada disso.

A esperança começou a voltar ao coração de Cordelia.

— Meu pai raramente fala sobre sua vida antes de nossa família. Você acha que poderia me ajudar a descobrir os nomes de algumas dessas testemunhas? Embora — acrescentou ela às pressas — entendo se você não puder. Sei que Grace vai precisar de você agora, com a mãe doente.

James hesitou.

— Eu não tenho mais um relacionamento com Grace.

— O que?

Ele retirou as mãos; elas estavam tremendo. Ela percebeu com um leve choque que a pulseira de metal não estava mais em seu pulso. Grace deve ter recuperado.

— Você é a primeira pessoa que eu contei, além de Matthew. Noite passada...

Christopher explodiu na sala como um pequeno ciclone. Ele estava sem chapéu e usava um casaco que parecia pertencer ao pai, feito com padrão espinha de peixe com vários furos queimados nos punhos.

— Aqui estão vocês. — disse ele, como se o tivessem traído por não estar em um local mais fácil de descobrir. — Eu vim com novidades.

James se levantou.

— O que é, Kit?

— Esses cacos de madeira que você me enviou — disse Christopher. — Thomas e eu fomos capazes de analisá-los usando o laboratório da taberna.

— Os cacos de madeira? Os que pensávamos que poderiam ser armas? — disse Cordelia.

Christopher assentiu.

— O peculiar é que o ácido que queimou a madeira era o sangue de algum tipo de demônio, e havia resíduos demoníacos na madeira, mas apenas em um lado de cada fragmento.

Os olhos de James se arregalaram.

— Diga isso de novo.

— Apenas em um lado de cada fragmento — disse Christopher obedientemente. — Como se tivesse sido colocado lá deliberadamente.

— Não. — James enfiou a mão no bolso e tirou um papel dobrado. Cordelia o reconheceu como o desenho que ele e Matthew haviam encontrado na Gast's. Ele estendeu a Cordelia.

— Eu queria perguntar antes — disse ele, com urgência sublinhando seu tom. — Pensei, quando olhei pela primeira vez, que eram runas - não sei o que havia na minha cabeça. Alguns deles são símbolos alquímicos, mas os outros são claramente escritos em persa antigo, provavelmente da era aquemênida.

Cordelia pegou o jornal de James. Ela não tinha sido capaz de olhar atentamente para o jornal antes, mas James estava certo - abaixo dos símbolos estranhos havia um nome em persa antigo. A

escrita cuneiforme *fazia* parecer um pouco como runas, mas ela reconheceu imediatamente; sua mãe insistira que ela e Alastair conheciam pelo menos um pouco da língua de Dario, o Grande.

— *Merthykhuwar* — disse ela lentamente. — É um nome para um tipo de demônio que existia na Pérsia há muito tempo. Os Caçadores de Sombras chamam de Mandikhor.

— Até os mundanos têm uma palavra para isso — disse James. — Manticora. — Ele olhou para Christopher. — Eu sei o que os fragmentos são agora — disse ele. — Como eu não poderia ter visto isso antes? São os restos de uma caixa de Pyxis.

— Uma Pyxis? — Cordelia ficou assustada. Há muito tempo, os Caçadores de Sombras haviam desenvolvido recipientes de madeira chamados caixas Pyxis para prender a essência dos demônios que caçavam; após a Guerra Mecânica, quando Axel Mortmain havia usado uma caixa de Pyxis para transferir almas demoníacas para monstros mecânicos, elas haviam sido abandonadas pelos Nephilim como uma ferramenta. Ninguém os usava há anos.

— Eu já vi uma Pyxis antes, na Academia — disse James. — Se um demônio tivesse sido preso em uma Pyxis e explodido, isso explicaria por que havia resíduo de demônio apenas em um lado da madeira - o interior. E as marcações nos fragmentos se assemelham aos símbolos alquímicos que foram esculpidos nas caixas de Pyxis...

O som de passos correndo no corredor o interrompeu. A porta se abriu novamente; desta vez foram Matthew e Lucie, ambos parecendo atormentados. Christopher, que havia tirado uma lâmina serafim do cinto, abaixou-a em alívio.

— Obrigado Raziel — disse ele. — Eu pensei que era um demônio atacando.

Matthew lançou um olhar sombrio para Christopher.

— Guarde isso — ele disse. — Não gosto de ser esfaqueado; Eu sou muito jovem e bonito para morrer.

— Vejo que você foi flagrado no caminho para encontrar meias, James — disse Lucie. — Bridget veio e nos disse que Christopher estava aqui. O que está acontecendo? Aconteceu alguma coisa?

— Muitas coisas, na verdade — disse Christopher. — Podemos discutir tudo isso na Taverna do Diabo. Thomas está esperando lá, e eu não quero deixá-lo sozinho.

A Taverna do Diabo era um edifício em enxaimel na Fleet Street, com vastas vidraças brilhantes que pareciam dividir a luz, deixando o interior do pub sombreado. Havia muito poucas pessoas lá dentro, apenas alguns homens debruçados sobre canecas de cerveja, mas um lobisomem grisalho e sua garçonete de olhos arregalados assistiram Lucie, Cordelia, James, Christopher e Matthew atravessar a sala e subir os degraus, seus olhares curiosos.

Cordelia não se surpreendeu ao ver que as paredes dos aposentos dos Ladrões Alegres estavam cheios de livros de aparência fascinante. Havia um alvo de dardos de aparência antiga no qual vários punhais de arremesso estavam embutidos, sua superfície vermelha e preta em relevo mostrando as marcas de muitos outros. Havia um canto com folhas de metal fixadas nas paredes e uma robusta mesa de trabalho com tampo de aço, sobre a qual havia um conjunto de escamas de latão brilhantes e um caixote de cerveja de madeira um tanto desgastado, cheio de tubos de ensaio de vidro, réplicas e outros apetrechos químicos . Um laboratório móvel para Christopher, pensou Cordelia.

Um sofá baixo de crina de cavalo foi colocado em frente a uma lareira cujo manto ostentava um busto de Apolo, embaixo do qual estava esculpido um verso sobre vinho. Thomas estava sentado no sofá, com um livro na mão. Seus ombros largos estavam curvados, os olhos sombreados pela exaustão. Ainda assim, seu rosto se iluminou quando viu seus amigos.

— Tom — disse James.

Ele afundou-se ao lado de seu amigo no sofá gasto, colocando a mão em seu ombro. Ele olhou para cima e viu os outros ainda hesitantes. Ele fez um gesto para que eles se juntassem a ele e Thomas. Sempre foi James, Cordelia pensou enquanto eles puxavam cadeiras. Sempre James mantendo o grupo unido, percebendo quando eles precisavam um do outro.

Thomas largou o livro que estava segurando; Cordelia ficou surpresa ao ver que era um livro de poesia sufi, os versos de Hafiz e Ibn al-Farid, escritos em persa e árabe.

— Cordelia — disse ele. Ele parecia cansado, como se sua voz tivesse sido retardada pela dor. — Lucie. Fico feliz em vê-las.

— Bem-vindas ao nosso santuário, senhoritas — disse Matthew, desapertando a tampa do frasco. — Christopher recuperou bastante desses móveis para nós. Como o rei Arthur e seus cavaleiros, preferimos sentar em uma mesa redonda para que todos possamos ser iguais.

— Além disso — acrescentou Christopher, pegando um livro das prateleiras e entregando a James, — era a única mesa que minha mãe estava disposta a doar.

— Eu não poderia ir até Idris — disse Thomas de repente, como se alguém tivesse exigido dele por que ele ainda estava em Londres. — Gostaria de ver Eugenia, mas eu preciso ficar aqui. Preciso ajudar Kit a encontrar a cura para essa doença demoníaca ou veneno ou seja o que for. O que aconteceu com minha irmã não pode acontecer com outra pessoa.

— Às vezes, a dor e a preocupação devem assumir a forma de ação — disse Cordelia. — Às vezes é insuportável sentar e esperar.

Thomas lançou-lhe um olhar agradecido.

— Exatamente isso — disse ele. — Então Christopher te contou tudo sobre os estilhaços?

— Sim — interveio Christopher, — e James percebeu que os fragmentos são de uma Pyxis.

— Uma Pyxis? — Thomas ecoou. — Mas elas foram destruídos após a Guerra Mecânica. Elas não são seguras - lembre-se do que aconteceu na escola.

— *A maioria* das Pyxis foram destruída após a Guerra Mecânica — disse James. — No apartamento de Gast, porém, encontrei um desenho. Parecia um esboço de uma caixa comum - ele não era um artista muito bom.

— Ah, o desenho com as runas bambas ao seu redor? — Disse Matthew.

— Eles não eram runas — disse James. — Eles eram símbolos alquímicos - do tipo que você esculpiria em uma caixa de Pyxis.

— Oh! — disse Lucie. — As marcas nos estilhaços. Eles também eram símbolos alquímicos. Claro.

— Isso não foi tudo — disse James. — No jornal, Gast rabiscou uma palavra em persa antigo. Cordelia conseguiu traduzi-la.

Ele olhou para ela com expectativa.

— Era o nome de um demônio — disse Cordelia. — *Merthykhuwar.* — Ela fez uma careta. Tais demônios apareceram em histórias antigas de sua infância; ela sempre os considerara quase míticos, como dragões. — No persa moderno seria *Mardykhor* . Mas os Caçadores de Sombras - os Caçadores de Sombras chamam isso de Mandikhor. Dizem que são cruelmente venenosos.

— Você acha que Gast convocou um demônio Mandikhor? — Perguntou Matthew. — Mas eles não eram para estarem extintos? E o que eles têm a ver com caixas Pyxis?

James abriu o livro que Christopher lhe entregara e colocou um par de pequenos óculos de leitura dourados no nariz. Algo no peito de Cordelia se apertou, como se ela tivesse arrancado um pequeno pedaço de seu coração, como um pedaço de pano em um espinho. Ela desviou o olhar da visão de James e de seus adoráveis óculos. Ela tinha que encontrar alguém para com quem se sentir assim. Ou alguém para com quem se sentir diferente. Qualquer coisa, para que ela pudesse parar de se sentir assim.

Ela tentou não pensar no que ele havia dito na sala de treinamento. *Não tenho mais um relacionamento com Grace.* Mas por que? O que poderia ter acontecido entre eles e aconteceu tão rapidamente?

— O Mandikhor está aqui e ali, tanto um quanto muitos — citou James. — Veja, uma das coisas mais desagradáveis sobre o Mandikhor é que ele pode se dividir em várias partes, cada uma das quais é seu próprio demônio separado e uma parte da criatura original. É por isso que eles são melhores capturados em caixas Pyxis. O Mandikhor é difícil de matar - em parte porque pode produzir um fluxo interminável de demônios menores; você seria

incapaz de se aproximar dele. Mas com uma Pyxis, se você usar a caixa para capturar o Mandikhor, os demônios menores desaparecerão. — Ele olhou para cima do livro. — Comecei a pensar que era uma Pyxis quando Christopher me contou sobre os fragmentos. A tradução de Cordelia confirmou. Eu sabia que Gast devia ter convocado um dos poucos demônios que ele precisaria de um Pyxis para capturar. Nesse caso, um Mandikhor.

— Não se parece em nada com aquelas criaturas que nos atacaram no parque — disse Christopher, espiando por cima do ombro de James.

O livro era ilustrado, mas Cordelia não precisava vê-lo: ela sabia como era um Mandikhor. Cauda de escorpião, corpo de leão, tripla fila de mandíbulas pingando veneno.

— Tenho quase certeza de que eram os Khora — ofereceu Cordelia. — Os demônios menores que se separaram do Mandikhor. Eles não se parecem com isso. E que deve ser por isso que Gast se referidu "o demônio" no singular, ele *de fato* sumonou um demônio. Depois se dividiu em demônios menores.

— Então, alguém contratou Gast para criar um Mandikhor e prendê-lo em uma Pyxis — disse Lucie. — Mas quando ele voltou ao seu apartamento com o demônio preso na caixa, eles o emboscaram e o mataram - e libertaram a criatura.

— Gast não é a mente por trás disso — concordou James. — Ele era uma ferramenta, útil apenas para construir uma Pyxis e convocar o demônio. Outra pessoa está dirigindo seus movimentos e ataques.

— Não é *só* convocar o demônio — disse Lucie. — Lembre-se do que Ragnor disse - Gast convocou-o de tal maneira, usando magia dimensional, que o faz protegido da luz solar.

Todos eles trocaram olhares. Cordelia sabia o que os outros estavam pensando - quem poderia ter contratado Gast? Não havia motivo além de espalhar derramamento de sangue, contágio e morte?

Thomas passou a mão pelos cabelos grossos.

— Se o demônio for preso e morto, e os envenenados? Eles melhorariam?

James balançou a cabeça.

— Os doentes não serão curados. Ainda precisamos de um antídoto para isso. Mas os demônios estariam fora, e isso é um começo e tanto.— Ele largou o livro. — O Enclave tem procurado esses demônios sem sucesso - como eles adivinhariam que estavam procurando os filhos de uma criatura extinta? Mas agora que sabemos que é um Mandikhor...

— Nas histórias dos demônios *Merthykhuwar* , eles *moram* entre os espaços — disse Cordelia lentamente. — Por exemplo, a fronteira entre dois países ou o meio de uma ponte. Em algum lugar que não está aqui nem ali.

James tirou os óculos; ele estava mordendo o lábio, pensativo.

— Quando entrei no reino das sombras, do salão de baile — disse ele — vi - entre outras coisas - a Tower Bridge. Uma estranha luz vermelha derramou dela. Eu acho que...

Matthew sentou-se direito.

— Sabemos que Gast levantou o demônio de uma ponte — disse ele. — Um lugar no meio, como Cordelia disse. Talvez ainda esteja lá.

— Então, se fôssemos à Tower Bridge, com uma Pyxis, é possível recuperar o Mandikhor? — disse Lucie. — E então os Khora desapareceriam, como se tivesse morrido?

— Sim, mas teríamos que comprar uma Pyxis primeiro — disse Christopher praticamente. — Isso seria difícil.

— Mas talvez não seja impossível — disse Matthew. Ele estava batendo os dedos inquietamente no braço da cadeira, os cabelos e a gravata desgrenhados. — Se a maioria foi destruída após a Guerra Mecânica...

— Alguns permanecem — disse James. — Infelizmente, elas estão em Idris.

— Eu tinha medo que você dissesse isso — murmurou Matthew, pegando seu frasco novamente. — Acho que a Clave notará se desaparecermos de Londres e aparecermos em Idris, percorrendo o Gard como caçadores de tesouros.

James lançou-lhe um olhar exasperado.

— As únicas Pyxis na posse *da Clave* estão em Idris. Existem alguns outros. Só precisamos encontrar uma. Há uma certa loja em Limehouse...

— Espere — disse Cordelia de repente. — Uma caixa coberta de símbolos alquímicos - o *ourobouros* é um símbolo alquímico, não é? Matthew, não vimos uma caixa com um desenho de serpente? No Hell Ruelle?

Matthew começou.

— Sim — ele disse. — Na câmara de Hypatia Vex. Uma caixa de madeira com o símbolo *ourobouros* queimava nas laterais. Faz sentido; Hypatia é uma colecionadora inveterada.

— Excelente — disse Christopher. — Vamos apenas dizer a ela que precisamos, então.

— Vá em frente, se você gosta de ser transformado em um armário de porcelana — disse James. — Hypatia não gosta de Caçadores de Sombras. — Ele parecia pensativo. — Boa conclusão, porém, Daisy. Deve haver alguma maneira de chegarmos a ela.

— Nós poderíamos roubar o Hell Ruelle — disse Thomas.

— E usando máscaras — disse Lucie, ansiosa. — Como ladrões de estrada.

— Apenas um tolo roubaria Hypatia Vex — disse Matthew. — E não diga que Matthew Fairchild é um tolo. Pelo menos, não diga isso na minha frente. Eu consideraria muito doloroso.

— Acho que Christopher está certo — disse Cordelia. — Deveríamos perguntar a Hypatia.

Christopher parecia atordoado e satisfeito em igual medida.

— Deveríamos?

— Bem, não nós — disse Cordelia. — É verdade que ela não gosta de Caçadores de Sombras. Mas há certamente pelo menos um que ela gosta muito.

— Daisy, querida, estou encantada de vê-la — declarou Anna. — Embora seja uma péssima forma aparecer sem aviso prévio na

hora do chá. Simplesmente não haverá bolo suficiente para todos. As meninas vão comer bolo e os meninos nada. Não há outra maneira justa de fazer isso.

O apartamento na Rua Percy continuava sendo um oásis de caos. Talvez fosse ainda mais caótico do que fora na última visita de Cordelia. Uma fita com bordas de renda que Cordelia suspeitava ter vindo do espartilho de uma dama adornava uma das facas presas na lareira de Anna, balançando alegremente de um punho de jóias. O sofá coberto de ouro de Anna e as cadeiras incompatíveis estavam cheias de pessoas. Thomas, alto demais para as cadeiras, estava esticado no tapete da lareira, com as botas equilibradas no balde de carvão. Em sua mesinha, Anna havia deitado, com o ar de uma magnífica anfitriã, um bolo de frutas que ela chamava de barmbrack e uma esponja Victoria que ela comprara de uma confeiteira.

— São sobremesas injustas — disse James.

— O mundo é injusto, meu amor — disse Anna. Ela se sentou no braço da cadeira alta, com as costas apoiadas nas asas, onde Christopher estava sentado, balançando um pé na frente dela, e estendeu a mão para acariciar os cabelos de Thomas. Os fios finos deslizaram por seus longos dedos cicatrizados. — Claro que eu iria oferecer-*lhe* bolo, querido primo, se eu achasse que iria aliviar o seu coração.

Thomas lançou-lhe um olhar carinhoso, mas cansado.

— Acho que, nesse caso, a assistência seria melhor que o bolo.

— Por todos os meios — disse Anna. — Diga-me o que se passa.

Como James explicou que eles exigiam uma Pyxis - embora não exatamente por que, implicando que estava relacionado aos ataques de demônios - Cordelia olhou de um lado para o outro entre os dois primos, James e Anna. De muitas maneiras, os dois pareciam mais irmão e irmã do que James e Lucie, ou Anna e Christopher. Eles compartilhavam o mesmo cabelo preto, como o de Will e Cecily, e os mesmos rostos angulados e cinzelados. Ambos usavam sua inteligência como armadura - mentes afiadas

e réplicas afiadas, protegendo a suavidade que poderia estar embaixo.

— E então — James terminou — pensamos, talvez hoje à noite no Hell Ruelle...

Anna levantou uma sobrancelha para cima.

— Ah sim, sobre isso. Deixe-me esclarecer perfeitamente o que você está perguntando: você quer que eu seduza uma feiticeira para conseguir uma caixa tragicamente ultrapassada a qual, sem dúvida, abriguará um demônio perigoso? — Anna examinou a sala. — Como você decidiu esse plano? E por que, em nome de Raziel, você não contou a mais ninguém?

— Porque estamos adivinhando? — arriscou Matthew.

— Porque não podemos — disse Lucie rigidamente. — Juramos prometer proteger a fonte que nos deu as informações em que nossas *suposições* se baseiam. Não podemos nem lhe contar, querida Anna. Você deve simplesmente confiar em nós que isso é por uma boa razão.

Anna jogou as mãos para cima.

— Tudo bem. Vocês estão loucos, cada um de vocês.

A boca de James puxou para cima na esquina.

— Você não acha que poderia fazer isso?

— Humph. — Anna brincou com o relógio para que a corrente captasse a luz e brilhasse. — Eu poderia fazer isto. Mas isso é totalmente contrário ao meu código. É contra a minha política estrita seduzir alguém duas vezes.

— Eu não sabia que você havia seduzido Hypatia uma vez — disse Matthew.

Anna acenou com a mão impaciente.

— Ha muito tempo atrás. Como você acha que fui convidada para o Hell Ruelle em primeiro lugar? Honestamente, Matthew.

— Como você deixou as coisas com Hypatia? — disse Lucie. — O coração dela estava partido? Nesse caso, ela pode querer... vingança.

Anna revirou os olhos.

— Espere aqui um momento, minha querida romancista. De fato, todos vocês esperam aqui, exceto Cordelia. Você vem

comigo, Daisy.

Ela saltou de seu lugar no braço da cadeira de Christopher e atravessou a sala, subindo alguns degraus e desaparecendo atrás de uma porta de madeira. Cordelia levantou-se, alisou os babados do vestido, meneou as sobrancelhas para Lucie e marchou para o infame quarto de Anna Lightwood.

Foi surpreendentemente comum. Se Cordelia esperava gravuras escandalosas ou cartas de amor manchadas de lágrimas pregadas nas paredes, não havia nenhuma. Em vez disso, havia charutos dispostos com garrafas de colônia em uma mesa de nogueira maltratada e um colete azul de martim-pescador pendurado descuidadamente sobre uma tela japonesa. A cama estava desarrumada, os lençóis um emaranhado de seda.

Quando Cordelia fechou a porta cuidadosamente atrás dela, Anna olhou para cima, lançando-lhe um sorriso e um pacote de cores vivas. Cordelia percebeu reflexivamente. Era um longo pedaço de pano: uma seda azul royal.

— O que é isso? — perguntou Cordelia.

Anna encostou-se a um dos pilares da cama, as mãos nos bolsos.

— Ajude-me. Segure-o contra você.

Cordelia fez como lhe foi dito. Talvez Anna estivesse tendo um vestido feito para um amante? E usando Cordelia como modelo?

— Sim — Anna murmurou. — A sombra combina bem com a sua coloração. Como faria um clarete, eu acho, ou um ouro profundo ou açafrão. Nenhum desses pastéis insípidos que todas as meninas estão usando.

Cordelia passou a mão pelo tecido.

— Eu não achei que você gostasse de vestidos.

Anna encolheu os ombros, uma breve inclinação de seus ombros.

— Vesti-los eu mesma era como ter minha alma em uma prisão de anáguas, mas aprecio profundamente uma linda mulher em um vestido que combina com ela. De fato, uma das minhas amantes favoritas - uma dama que me divertiu por quase duas semanas -

era uma *belle* que você talvez conheça nos jornais mundanos da moda.

— Isso é para ela? É... — Cordelia começou, encantada.

Anna riu.

—Eu nunca vou contar. Agora abaixe e venha. Eu tenho o que eu vim buscar.

Ela levantou um pequeno livro de memorando encadernado em preto. Cordelia nem a viu recuperá-lo. Eles saíram a passos largos do quarto, Anna balançando o livro sobre a cabeça em triunfo.

— Isso — ela anunciou, — segura as respostas para todas as nossas perguntas.

Os ocupantes da sala ergueram os olhos. Lucie, Christopher e Matthew estavam discutindo sobre o bolo - embora, Cordelia viu, um pedaço tivesse sido colocado em um prato para Thomas e descansava em seu colo. James estava olhando para o granito fria da lareira, sua expressão distante.

Matthew olhou para cima, com os olhos febril.

— Esta é sua lista de conquistas?

— Claro que não — declarou Anna. — É um memorando... sobre minhas conquistas. Essa é uma distinção importante, mas significativa.

Cordelia recostou-se no sofá ao lado de Lucie, que conseguira adquirir um pedaço de esponja Victoria. Matthew encostou-se à estrutura do sofá ao lado dela; James estava olhando para Anna agora, seus olhos da cor da luz do sol através de folhas amarelas pálidas.

Anna folheou o livro. Havia muitas páginas e muitos nomes escritos em uma letra arrojada e ampla.

— Hmm, deixe-me ver. Katherine, Alicia, Virgínia - uma escritora muito promissora, você deveria ver o trabalho dela, James - Mariane, Virna, Eugenia...

— Não é minha irmã Eugenia? — Thomas quase virou o bolo.

— Oh, provavelmente não — disse Anna. — Laura, Lily ... ah, Hypatia. Bem, foi um breve encontro, e suponho que você possa dizer que ela me seduziu.

— Bem, isso dificilmente parece justo — disse James. — Como alguém resolvendo um caso antes de Sherlock Holmes. Se eu fosse você, me sentiria desafiado, como se estivesse em um duelo.

Matthew riu. Anna deu a James um olhar sombrio.

— Eu sei o que você está tentando fazer — disse ela.

— Está funcionando? — disse James.

— Possivelmente — disse Anna, sobre o livro. Cordelia não pôde deixar de pensar: o nome de Ariadne estava lá? Ela era considerada uma conquista, ou algo - alguém - mais?

— Agradeço o rigor científico com o qual você abordou esse projeto, Anna — disse Christopher, que havia engolido uma manga. — Embora eu ache que não conseguiria coletar tantos nomes e também buscar ciência. Consome muito tempo.

Anna riu.

— Quantos nomes você gostaria de coletar, então?

Christopher inclinou a cabeça, uma breve carranca de concentração cruzando seu rosto, e não respondeu.

— Eu só queria um — disse Thomas.

Cordelia pensou no delicado traçado da bússola no braço de Thomas e se perguntou se ele tinha uma pessoa especial em mente.

— Tarde demais para eu ter apenas um — declarou Matthew, alegremente. — Pelo menos posso esperar para ter vários nomes em uma lista selecionada com cuidado, mas com entusiasmo.

— Ninguém nunca tentou me seduzir — Lucie anunciou de uma maneira pensativa. — Não há necessidade de me olhar assim, James. Eu não diria que sim, mas eu poderia imortalizar a experiência no meu romance.

— Seria um romance muito curto, antes de o pegarmos pelas costas e matá-lo — disse James.

Houve um coro de risadas e discussões. O sol da tarde estava afundando no céu, seus raios pegando os punhos de joias das facas na lareira de Anna. Eles lançam padrões brilhantes de arco-íris nas paredes douradas e verdes. A luz iluminava o apartamento gasto e brilhante de Anna, fazendo algo no coração de Cordelia

doer. Era um lugar tão caseiro, de uma maneira que sua grande casa fria em Kensington não era.

— E você, Cordelia? — disse Lucie.

— Um — disse Cordelia. — Esse é o sonho de todo mundo, não é mesmo? Em vez de muitos que lhe dão pequenos pedaços de si mesmos, alguém que lhe dá tudo.

Anna riu.

— Procurar o único é o que leva a toda a miséria deste mundo — disse ela. — Procurar por muitos é o que leva a toda a diversão.

Cordelia encontrou os olhos de James, metade por acidente. Ela viu a preocupação na dele - havia algo frágil na risada de Anna.

— Então isso deve ser divertido — disse Cordelia rapidamente. — Seduzindo Hypatia. Afinal, quais são as regras para não violar?

— Você faz uma excelente observação — disse Matthew, pegando um pedaço de bolo do prato de Lucie. Ela deu um tapa na mão dele.

— E conseguir esta Pyxis pode ajudar muitas pessoas — disse Cordelia. — Isso poderia ter ajudado Barbara. Ainda poderia ajudar Ariadne.

O azul dos olhos de Anna escureceu.

— Oh muito bem. Vamos tentar. Pode ser uma piada. Entretanto.

— Entretanto o que? — disse Christopher. — Se você não tiver as roupas adequadas, eu poderia lhe emprestar meu novo colete. É laranja.

Anna estremeceu.

— Laranja não é a cor da sedução, Christopher. Laranja é a cor do desespero e abóboras. Independentemente disso, tenho todas as roupas que preciso. Contudo — ela levantou um dedo, a unha cortada bem curta — o Hell Ruelle não é montado todas as noites. O próximo salão é amanhã.

— Então iremos amanhã — disse James.

— Não podemos todos ir para o Hell Ruelle — disse Anna. — Hypatia não gostaria se todos aparecêssemos em um bando. Um bando não é digno.

— Faz sentido para mim ir — disse Matthew. — Eles me conhecem lá.

— Eu deveria ir também — disse James. — É possível que meu poder das sombras possa ser útil. Eu já o usei antes - para adquirir certas coisas.

Todos pareciam intrigados, mas a expressão de James não sugeria que um pedido de esclarecimento seria bem-vindo.

Anna sorriu seu lento sorriso de uísque e mel.

— E Cordelia também, é claro — disse ela. — Uma garota bonita é sempre uma distração e precisamos ser realmente uma bela distração.

James e Matthew olharam para Cordelia. *Eu não vou corar,* ela disse a si mesma ferozmente. *Eu não vou.* Ela suspeitava que parecia estar sufocando.

— Não se incomode — disse Lucie. — Eu já posso dizer que vou ficar de fora.

Anna virou-se para ela.

— Lucie, você é muito necessária. No Instituto. Veja bem, há uma reunião de todo o Enclave amanhã à noite e eu tinha planejado participar. Aparentemente, há notícias importantes.

Lucie pareceu intrigada. As reuniões do Enclave eram restritas aos membros da Clave com dezoito anos ou mais. Apenas Anna e Thomas se qualificaram.

— Eu posso participar — disse Thomas, com alguma relutância. — Embora eu não esteja interessado em sentar em uma sala cheia de pessoas me olhando com maldita pena.

Todos olharam surpresos para ele; Thomas raramente xingava.

— Eu não estava pensando em comparecer — disse Anna. — Eles podem moderar o que têm a dizer se você estiver lá. Melhor espioná-los.

— Oh, espionagem — disse Lucie. — Perfeito. Eles estarão reunidos na biblioteca; Eu sei qual sala fica por cima. Podemos espioná-los de cima. Christopher poderá analisar o que eles dizem de uma perspectiva científica, e Thomas pode se lembrar de tudo com sua excelente memória.

Ela sorriu e Cordelia se viu querendo sorrir. Escondida na praticidade de Lucie havia uma grande gentileza, ela sabia - Thomas havia perdido a irmã e estava desesperado por algo para fazer, alguma ação a tomar. Lucie estava dando a ele exatamente isso.

Thomas parecia entender também. Ele sorriu para Lucie - o primeiro sorriso que Cordelia tinha visto em seu rosto desde a morte de Barbara.

— É espionagem — disse ele. — Finalmente, algo pelo que esperar.

14

ENTRE LEÕES

Ela largou a luva, para provar o amor dele, depois olhou para ele e sorriu; Ele se curvou e, em um momento, saltou entre os leões selvagens: O salto foi rápido, o retorno foi rápido, ele recuperou seu lugar.

Então jogou a luva, mas não com amor, bem no rosto da mulher.

"Por Deus!" Francis disse, "feito corretamente!" e ele se levantou de onde estava sentado: "Não o amor", diz ele, "mas a vaidade define o amor em uma tarefa assim".

—Lighigh Hunt, “A luva e os leões”

James insistiu em levar Cordelia para casa, embora fosse uma pequena distância da Rua Percy até Kensington. Anna havia levado Matthew para uma missão secreta, e Thomas, Christopher e Lucie haviam retornado à Taverna do Diabo para pesquisar o funcionamento das caixas de Pyxis. Cordelia desejou poder ficar com eles, mas sabia os limites da paciência de sua mãe. Sona estaria se perguntando onde ela estava.

Estava chegando ao crepúsculo, a sombra espessa sob as árvores na Cromwell Road. Apenas algumas carruagens puxadas por cavalos passavam na luz azul. Parecia quase como se tivessem a cidade para si; eles não estavam encantados, mas ainda assim ninguém lhes lançou mais do que olhares de curiosidade ociosa quando passaram pela grande pilha de tijolos do Museu de História Natural. Provavelmente estavam olhando para James, pensou Cordelia: como seu pai, ele olhares sem

tentar. À luz escura, seus olhos a lembraram dos olhos de tigres que ela vira no Rajastão, dourados e vigilantes.

— Foi inteligente da sua parte pensar em Anna — disse James. Cordelia olhou para ele com surpresa; eles estavam conversando de maneira bastante informal sobre suas educações: Cordelia fora ensinada por Sona e por um grupo de tutores em constante mudança. James tinha ido à Academia Caçadora de Sombras por apenas alguns meses; ele conheceu Thomas, Matthew e Christopher lá, e eles rapidamente explodiram uma ala da escola. Todos foram expulsos, exceto Thomas, que não queria ficar na Academia sem seus amigos e retornou a Londres de bom grado no final do ano letivo. Nos últimos três anos, os Ladrões Alegres haviam sido ensinados por Henry Fairchild e Sophie Lightwood. — Fiquei grato por tê-la conosco hoje.

— A presença calmante de uma mão feminina? — Cordelia brincou. — Lucie poderia fazer isso.

James riu. Havia uma graciosa leveza em sua caminhada que ela não notara quando chegara a Londres. Como se ele tivesse deixado algo pesado que estava carregando, embora isso fizesse pouco sentido nas circunstâncias.

— Lucie não gostaria de incomodar. Receio que a familiaridade provoque desprezo, e para ela somos o irmão ridículo dela e seus amigos ridículos. Às vezes me preocupo...

Ele parou. O vento atingiu as bordas do casaco preto da manhã. Eles voaram como asas ao seu lado.

— Você se preocupa com Lucie? — perguntou Cordelia, um pouco confusa.

— Não é isso — disse James. — Suponho que me preocupo com a possibilidade de todos entrarmos em nossos papéis com muita facilidade: Christopher, o cientista, Thomas, o gentil, Matthew, o libertino. E eu... não sei exatamente o que sou.

— Você é o líder — disse Cordelia.

Ele parecia divertido.

— Sou?

— Vocês quatro estão fortemente unidos — disse Cordelia. — Qualquer um pode ver isso. E nenhum de vocês é tão simples.

Thomas é mais do que gentil, e Christopher, mais do que provetas e tubos de ensaio, Matthew, mais do que inteligência e coletes. Cada um de vocês segue sua própria estrela - mas você é o fio que une os quatro. Você é quem vê o que todo mundo precisa, se alguém precisar de cuidados extras de seus amigos ou até mesmo ficar sozinho. Alguns grupos de amigos se afastariam, mas você nunca deixaria isso acontecer.

A diversão de James se foi. Havia um pouco de aspereza em sua voz quando ele disse: — Então sou eu quem mais se importa, é isso?

— Você tem um grande poder de se importar dentro de você — disse Cordelia, e por um momento, foi um alívio dizer essas palavras, dizer o que ela sempre pensou em James. Mesmo quando ela o viu amar Grace, e sentiu a dor disso, ela também pensou no que significaria ser amada por alguém com tal capacidade de amar. — É a sua força.

James desviou o olhar.

— Algo está errado? — ela perguntou.

— Naquela noite em Battersea Bridge — disse ele. Chegaram à casa de Cordelia, mas permaneceram na calçada, à sombra de uma faia. — Grace me perguntou se eu fugiria com ela. Cortar meus laços com minha família, casar-se com ela na Escócia e viver como mundanos.

— Mas, mas seus pais e Lucie... — Os pensamentos de Cordelia foram imediatamente para a amiga. Quão abalada Lucie teria sido por perder o irmão assim. Como se ele tivesse morrido, mas pior ainda, porque ele teria escolhido deixá-los.

— Sim — disse James. — E meu *parabatai*. Todos os meus amigos. — Seus olhos de tigre brilhavam no escuro. — Eu recusei. Eu falhei com ela. Eu falhei em amar como deveria. Não tenho certeza se me importar pode ser minha força.

— Não foi o amor que ela pediu — disse Cordelia, subitamente furiosa. — Isso não é amor. Isso é um teste. E o amor não deve ser testado assim. — Ela fez uma pausa. — Sinto muito — disse ela. — Eu não deveria, não consigo entender Grace, então não

devo julgá-la. Mas certamente não foi por isso que seu relacionamento terminou?

— Não tenho certeza de que sei o verdadeiro motivo — disse James, colocando as mãos atrás das costas. — Mas eu sei que é final. Ela pegou de volta a pulseira. E ela está se casando com Charles.

Cordelia congelou. Ela deve ter ouvido errado.

— *Charles*?

— O irmão mais velho de Matthew — disse James, parecendo surpreso, como se achasse que talvez ela tivesse esquecido.

— Não — Cordelia respirou. — Ela não pode. *Eles não podem.*

De alguma forma, James ainda estava explicando, dizendo algo sobre Ariadne, sobre compromissos sendo cancelados, mas a mente de Cordelia estava cheia de Alastair. Alastair e Charles na biblioteca - Alastair em agonia pelo noivado de Charles. Alastair dizendo que pelo menos era Ariadne - ele não poderia saber disso *Oh, Alastair.*

— Você está bem? — James deu um passo em sua direção, sua expressão preocupada. — Você parece muito pálida.

Eu deveria ir para casa, ela estava prestes a dizer. James se aproximou dela; ela podia sentir o cheiro dele, sabão de sândalo e uma mistura de couro e tinta. Ela sentiu o roçar da mão dele contra sua bochecha, o polegar dele traçando suavemente sua bochecha.

— *Cordelia!* — James e Cordelia se viraram assustados: Sona estava de pé no limiar da casa, a luz das velas queimando atrás dela. Um roosari de seda cobria seus cabelos escuros e ela estava radiante. — Cordelia *joon*, entre antes de pegar um resfriado. E Sr. Herondale, foi gentil de sua parte escoltar Cordelia para casa. Você é realmente um cavalheiro.

Cordelia olhou surpresa para a mãe. Ela não esperava que Sona estivesse de bom humor.

A sobrancelha de James se elevou, negra como a asa de um corvo, se a asa do corvo tivesse um ar levemente sardônico.

– É um prazer escoltar Daisy para qualquer lugar.

— Daisy — repetiu Sona. — Um apelido tão encantador. É claro, vocês viveram a infância juntos e agora estão reunidos e crescidos. É tudo tão agradável.

Ah. Cordelia percebeu o que estava acontecendo com a mãe. James era elegível - muito qualificado. Como filho do chefe do Instituto de Londres, pode-se esperar que ele exerça influência significativa no futuro, ou mesmo se torne o próprio chefe de um instituto, um trabalho que paga muito mais do que o salário fornecido pela Clave a um tópico Caçador de Sombras.

Além disso, ele era charmoso quando não usava a máscara, e esse tipo de coisa afetava as mães. Por insistência de Sona, ela e James subiram os degraus da porta da frente da casa: luz quente derramada do vestíbulo, junto com o cheiro da comida de Risa.

Sona ainda estava exclamando por James.

— Delicioso — disse ela novamente. — Posso lhe oferecer um refresco, James? Chá, talvez?

Cordelia foi tomada pelo impulso de fugir da cena, mas só o anjo sabia o que sua mãe diria a James. Além disso, ela não podia fugir - Alastair deveria ouvir essa notícia dela, em vez de fofocas ou um de estranho.

James sorriu. Era o tipo de sorriso que poderia despedaçar uma boa parte da Inglaterra.

— Lembro-me do chá que você me fez em Cirenworth — disse ele. — Tinha gosto de flores.

Sona se iluminou.

— Sim. Uma colher de água de rosas, esse é o segredo do bom chai .

— Você também tinha um samovar bonito — disse James. — Latão e ouro.

Sona estava radiante como um farol.

— Era da minha mãe — disse ela. — Infelizmente, ainda está entre as coisas que não desempacotamos, mas o conjunto de chá da minha mãe...

— James tem que ir — disse Cordelia com firmeza, e levou James de volta pelos degraus. — James, diga adeus.

James despediu-se rapidamente de Sona; Cordelia esperava que ele não percebesse o olhar claro de decepção no rosto de sua mãe. Ela soltou o casaco dele quando Sona voltou para dentro.

— Eu não tinha ideia de que sua mãe gostava tanto de mim — disse James. — Eu deveria voltar mais vezes quando precisar me sentir apreciado.

Cordelia emitiu um som exasperado.

— Receio que minha mãe fique igualmente entusiasmada com qualquer solteiro qualificado que finja se interessar por chá. Foi por isso que eu disse para você me encontrar um, lembra?

Ela fez sua voz leve e brincando, mas o sorriso deixou o rosto de James de qualquer maneira.

— Certo — ele disse. — Quando todo esse negócio acabar...

— Sim, sim — disse Cordelia, começando a subir as escadas.

— Eu realmente gosto de chá! — James gritou do pé da escada. — De fato, eu amo isso! EU AMO CHÁ!

— Bom para você, companheiro! — gritou o motorista de um táxi que passava. Apesar de tudo, Cordelia não conseguia parar de sorrir. Ela entrou e fechou a porta; Quando ela se virou, sua mãe estava de pé atrás dela, ainda parecendo encantada.

— Ele é bonito, não é? — disse Sona. — Eu nunca teria pensado nisso. Ele era um garoto tão estranho.

— *Mâmân* — protestou Cordelia. — James é apenas um amigo.

— Por que ter um amigo tão bonito? Parece um desperdício — disse Sona. — Além disso, acho que ele não considera você apenas uma amiga. A maneira como ele olha para você...

Cordelia jogou as mãos para cima.

— Eu preciso falar com Alastair sobre - sobre treinamento — disse ela, e escapou em alta velocidade.

A porta do quarto de Alastair estava aberta. Cordelia ficou um momento no corredor, olhando para o irmão: ele estava sentado à escrivaninha de madeira de cetim, jornais mundanos espalhados à sua frente. Ele esfregou os olhos enquanto lia, cansaço evidente nos ombros.

— Alguma notícia interessante? — ela perguntou, encostada no batente da porta. Ela sabia que não devia entrar sem um convite; Alastair mantinha seu quarto arrumado como um alfinete, do lustrador no guarda-roupa de nogueira ao conjunto de poltronas azuis ao lado da janela.

— Charles diz que uma série de ataques demoníacos pode frequentemente ser acompanhada por um aumento no que os mundanos denunciam como crime — disse Alastair, afastando a página que estava lendo com o dedo manchado de papel de jornal. — Mas não posso dizer que estou vendo alguma coisa aqui. Nem um único assassinato suculento ou algo parecido.

— Na verdade, eu estava esperando falar com você sobre Charles — disse Cordelia. Alastair olhou rapidamente para ela. As pessoas costumavam observar que os dois tinham os mesmos olhos negros, a íris apenas um pouco mais clara que a pupila. Um efeito estranho, considerando os olhos de Sona, era marrom claro e azul de Elias.

— Sobre Charles?

Ela assentiu.

— Bem, entre então e feche a porta — disse ele, recostando-se na cadeira.

Cordelia fez como solicitado. O quarto de Alastair era maior que o dela, decorado com cores escuras de cavalheiros: paredes verdes, um tapete persa abafado. Alastair tinha uma coleção de punhais, e ele trouxera alguns deles de Cirenworth. Eram as únicas coisas bonitas de que Cordelia se lembrava de Alastair prestando atenção especial: uma tinha uma bainha de esmalte azul e branco, a outra estava incrustada com desenhos dourados de dragões, canis e pássaros. Um *pishqabz* esculpido em um único pedaço de marfim pendurado acima do lavatório, perto dele, um *khanjar* cuja lâmina tinha uma inscrição em persa: *eu quis*

tanto ter uma adaga brilhante que cada uma das minhas costelas se tornou uma adaga.

Cordelia se acomodou em uma poltrona azul. Alastair virou-se um pouco para olhá-la; seus dedos tocaram um ritmo no papel de jornal.

— Oque há sobre Charles? — ele disse.

— Eu sei que ele ficou noivo de novo — disse ela. — Com Grace Blackthorn. — As mãos inquietas de Alastair pararam de se mover.

— Sim — ele disse. — Pena por seu amigo James.

Então ele sabe, pensou Cordelia. Charles deve ter contado a ele.

— Então, você está bem? — ela perguntou.

Os olhos negros de Alastair eram insondáveis.

— O que você quer dizer?

Cordelia não aguentou mais.

— Eu ouvi você e Charles conversando na biblioteca — disse ela. — Eu ouvi você dizer que o amava. Não vou contar pra ninguém mais eu prometo. Você sabe que eu sempre mantenho minha palavra. Não faz a menor diferença para mim, Alastair.

Alastair ficou em silêncio.

— Eu não teria dito nada, mas - para Charles ficar noivo de novo, depois que ele soube o quanto você estava infeliz com Ariadne - Alastair, não quero que ninguém seja cruel com você. Quero que você esteja com alguém que o faça feliz.

Os olhos de Alastair brilharam.

— Ele não é cruel. Você não o conhece. Ele e Grace têm um entendimento. Ele me explicou. Tudo o que Charles faz é para que ele e eu possamos ficar juntos. — Havia algo mecânico nas palavras, como se tivessem sido ensaiadas.

— Mas você não deseja ser o segredo de alguém — disse Cordelia. — Você disse...

— Como você sabe o que eu disse? Como você poderia ter ouvido nós sem sair do seu caminho para fazê-lo? Você estava lá em cima, nós estávamos lá embaixo - a menos que você me

seguisse — Alastair terminou devagar. — Você estava escutando. Por quê?

— Eu estava com medo — disse Cordelia, em voz baixa. — Eu pensei que você ia contar a Charles, o que eu fiz você prometer não dizer.

— Sobre aquela criatura demoníaca na ponte? — ele disse incrédulo. — Sobre seus amiguinhos e seus pequenos esquemas e segredos? Eu te dei minha palavra.

— Eu sei — ela disse, quase chorando — e eu deveria ter confiado em você, Alastair. Eu sinto muito. Eu não quis ouvir essas coisas. Eu sei que elas são particulares. Eu só queria dizer que te amava da mesma maneira. Não faz diferença para mim.

Ela pensou que a garantia poderia ajudar, mas, em vez disso, a boca de Alastair se desfez com violência repentina.

— Sério — ele disse friamente. — Bem, faz diferença para mim ter uma irmã que é uma espreitadela e uma espiã. Saia do meu quarto, Cordelia. Agora.

— Jesse — Lucie sussurrou. — Jesse, onde você está?

Ela estava sentada no chão perto da lareira de ferro fundido na sala de visitas do Instituto. Ela voltara para casa da Taverna do Diabo uma vez que a noite começara a cair de verdade. Tanto Thomas como Christopher estavam distraídos e preocupados, de qualquer maneira, e ela não tinha certeza de quanta pesquisa real sobre a Pyxis estava sendo feito. Christopher teve algum tipo de percepção sobre o antídoto em que estava trabalhando e desapareceu no canto forrado de aço da sala da taberna, onde ele havia tentado destilar algo em uma réplica.

Mas essa não era a verdadeira razão pela qual ela queria sair. A noite tinha uma nova importância agora. A noite significava que ela poderia falar com Jesse.

— Jesse Blackthorn — disse ela agora, sentindo-se um pouco ridícula. — Por favor venha aqui. Eu quero falar com você.

Ela olhou ao redor da sala, como se Jesse estivesse escondido debaixo de um sofá. Era o quarto da família, onde os Herondales costumavam se reunir à noite. Tessa mantinha algumas das decorações mais antigas aqui - um espelho emoldurado dourado ainda pairava sobre a lareira - e os móveis eram confortavelmente gastos, desde as poltronas floridas perto da lareira até a grande mesa velha, marcada por anos de marcas das pontas das canetas. As paredes estavam cobertas de damasco claro e livros bem manuseados cobriam as paredes.

Tessa lia em voz alta um novo livro e os outros se espalhavam ao redor do fogo; às vezes trocavam fofocas, ou Will e Tessa contavam histórias familiares do passado. Era um lugar que Lucie associava com grande conforto, e as tardes passavam rabiscando na mesa. Então talvez tenha sido duplamente enervante quando Jesse apareceu, evoluindo das sombras nas mangas brancas da camisa, com o rosto pálido sob os cabelos escuros.

— Você veio! — ela disse, sem se preocupar em esconder seu espanto. — Eu realmente não sabia se isso iria funcionar.

— Acho que você nunca se perguntou se agora era um momento conveniente para *mim* — disse ele.

— O que você poderia estar fazendo? — ela se perguntou em voz alta.

Jesse fez um som de bufo sem sentido e sentou-se na mesa frágil. O peso de uma pessoa viva provavelmente o teria derrubado, mas ele não era uma pessoa viva.

— Você queria falar comigo. Então fale.

Ela contou-lhe apressadamente sobre Emmanuel Gast, como havia encontrado o fantasma e o que ele havia lhe dito. Enquanto ouvia, Jesse brincava com o medalhão de ouro em volta da garganta.

— Lamento desapontá-la, mas não ouvi nada deste feiticeiro. Ainda assim, está claro que são coisas sombrias — ele disse, quando ela terminou. — Por que se colocar no meio disso? Por que não deixar seus pais resolverem esses mistérios?

— Barbara era minha prima — disse ela. — Eu não posso não fazer nada.

— Você não precisa fazer isso.

— Talvez estar morto tenha feito você esquecer como a vida é perigosa — disse Lucie. — Eu não acho que James, Cordelia ou qualquer um de nós tenha escolhido ser o único a resolver esse mistério. Ele nos escolheu. Também não trarei perigo aos meus pais, quando não há nada que eles possam fazer.

— Não sei se há algo que alguém possa fazer — disse Jesse. — Há um mal deliberado em ação aqui. Um desejo de destruir os Caçadores de Sombras e machucá-los. Não será terminado em breve.

Lucie respirou fundo.

— Luce? — A porta se abriu. Foi o James. Lucie se endireitou e Jesse desapareceu - não do jeito que Jessamine às vezes desaparecia, com um rastro de fumaça, mas simplesmente desaparecendo da existência entre um segundo e o seguinte. — O que você esta fazendo aqui?

— Por que eu não deveria estar na sala de estar? — ela disse, sabendo que parecia desagradável.

Ela se sentiu imediatamente culpada - ele não sabia que ela estava tentando interrogar um fantasma.

James jogou o paletó sobre uma poltrona florida e sentou-se ao lado dela, pegando um póquer na prateleira dos instrumentos da lareira.

— Sinto muito por Grace — disse ela. — Matthew disse a Thomas e Christopher.

James suspirou, movendo as brasas no fogo inquieto.

— Provavelmente melhor que ele o tenha feito. Não é como se eu quisesse anunciar as notícias para todos.

— Se Grace não te quer, ela é uma idiota — disse Lucie. — E se ela quer se casar com Charles, ela é ainda mais uma idiota, então ela é uma idiota duas vezes.

James ficou parado, com a mão imóvel no pôquer. As faíscas voaram para cima.

— Eu pensei que sentiria uma dor terrível — disse ele finalmente. — Em vez disso, não tenho certeza do que sinto. Tudo é mais nítido e claro, cores e texturas são diferentes. Talvez isso seja tristeza. Talvez seja apenas porque não sei como deve ser essa perda.

— Charles vai se arrepender de ter se casado com ela. — disse Lucie, com convicção. — Ela vai o endiabrar até o dia em que ele morrer. — Ela fez uma careta. — Espera. Ela será irmã de Matthew, não é? Pense nos estranhos jantares.

— Sobre Matthew. — James colocou o pôquer no chão. — Luce. Você sabe que Matthew tem sentimentos por você e você não os devolve.

Lucie piscou. Ela não esperava que a conversa tomasse esse rumo, embora não fosse a primeira vez que discutissem o assunto.

— Eu não consigo sentir algo que eu não sinto.

— Eu não estou dizendo que você deveria. Você não deve seus sentimentos a ninguém.

— Além disso, é uma fantasia — disse Lucie. — Ele realmente não se importa comigo. Na verdade, eu acho...

Ela parou. Era uma teoria que ela havia desenvolvido, vendo como o olhar de Matthew andava à deriva nos últimos dias. Mas ela não estava pronta para compartilhá-lo.

— Eu não discordo. — A voz de James era baixa. — Mas temo que Matthew esteja sofrendo por razões que nem eu entendo.

Lucie hesitou. Ela sabia o que deveria dizer sobre a maneira como Matthew escolhera lidar com a dor dele, mas não suportava dizer as palavras ao irmão. Um momento depois, ela foi poupada da escolha quando passos soaram no corredor. A mãe e o pai entraram, ambos com os olhos brilhantes do vento forte lá fora. Tessa parou para colocar as luvas em uma pequena mesa marroquina ao lado da porta, enquanto Will se aproximou para beijar Lucie e bagunçar os cabelos de James.

— Gracioso — disse James, seu tom leve. — Qual é o significado de toda essa afeição desenfreada?

— Estávamos com sua tia Cecily e tio Gabriel — disse Tessa, e Lucie percebeu que os olhos de sua mãe estavam um pouco

brilhantes demais . Tessa sentou-se no sofá. — Meus pobres amores. Todo o nosso coração está despedaçado por Sophie e Gideon.

Will suspirou.

— Lembro-me de quando Gideon e Gabriel mal conseguiam se suportar. Agora Gabriel está lá todos os dias para seu irmão. Fico feliz que você e James tenham um ao outro, Luce.

— Suponho que a boa notícia é que não houve novos ataques hoje — disse Tessa. — Nós devemos nos apegar a isso. Esse horror pode terminar a qualquer momento.

Will sentou-se ao lado de sua esposa e a puxou para seu colo.

— Vou beijar sua mãe agora — ele anunciou. — Fujam se quiserem, crianças. Caso contrário, nós poderíamos jogar Ludo quando o romance acabar.

— O romance nunca acaba — disse James, sombrio.

Tessa riu e levantou o rosto para ser beijada. James parecia exasperado, mas Lucie não estava prestando atenção: ela não pôde deixar de ouvir a voz de Jesse em sua cabeça.

Há um mal deliberado em ação aqui. Um desejo de destruir os Caçadores de Sombras e machucá-los. Não será encerrado em breve.

Ela estremeceu.

De manhã, um grande pacote enfeitado com fitas chegou ao 102 Cornualha Gardens. Foi endereçado a Cordelia, e Sona seguiu Risa enquanto a criada o carregava para o quarto de Cordelia.

— Um presente! — Sona disse, enquanto Risa depositava a caixa na cama de Cordelia. Sona estava completamente sem fôlego. Cordelia olhou para ela com preocupação - sua mãe era geralmente bastante enérgica, então alguns lances de escada não deveriam tê-la deixado cansada. — Talvez seja de um cavalheiro?

Cordelia, que estava sentada à penteadeira escovando os cabelos, suspirou. Ela chorou metade da noite, terrivelmente consciente de que havia envergonhado o irmão. Ela certamente não achava que merecia um presente, ou uma excursão ao Hell Ruelle à noite, aliás.

— Provavelmente é de Lucie.

Sua mãe já estava com os embrulhos e a caixa aberta. Risa deu um passo atrás, claramente achando a excitação de Sona alarmante. Enquanto Sona rasgava uma delicada camada de papel, ela ofegou em voz alta.

— Oh, Layla!

Curiosidade tirando o melhor dela, Cordelia veio se juntar à mãe ao lado da cama. Ela ficou boquiaberta. Fora da caixa havia caído uma dúzia de vestidos: vestidos de dia e vestidos de chá, além de roupas de noite maravilhosas, todos em cores ricas: renda azul de martim-pescador, algodão em canela e vinho, sedas em verde prussiano, clarete e bordô, ouro cintilante e escuro rosa.

Sona levantou um vestido de seda da cor de bronze, com uma borda de chiffon macia no corpete e na bainha.

— É tão adorável — disse ela, quase com relutância. — Eles são de James, não são?

Apesar da surpresa, Cordelia sabia exatamente de quem eles eram. Ela vira o pequeno cartão assinado A dobrado entre os vestidos de chá. Mas se acreditar que eram de James significava que sua mãe permitiria usá-los, ela deixaria sua mãe pensar no que ela gostava.

— É muito gentil da parte dele — disse ela. — Você não acha? Eu posso usá-lo hoje à noite - há uma reunião no Instituto.

Sona sorriu de alegria, o sorriso como um peso no coração de Cordelia. Os vestidos eram muito extravagantes: sua mãe certamente acreditaria agora que as intenções românticas imaginárias de James em relação a Cordelia eram realmente sérias. Era uma espécie de ironia, ela pensou, que pela primeira vez ela e sua mãe queriam a mesma coisa. E que nenhuma delas conseguiria.

Anna foi buscar Cordelia exatamente às nove horas da noite, em uma carruagem preta que lembrava couro escuro. Cordelia correu para a porta, embrulhada no casaco, apesar do calor da noite. Ela subiu na carruagem, ignorando a mãe chamando por ela que também devia trazer luvas, ou possivelmente um regalo.

O interior da carruagem brilhava com acessórios de latão e bancos de veludo vermelho. Anna teve as pernas longas cruzadas descuidadamente diante dela. Ela estava vestida com elegantes roupas masculinas pretas, a frente da camisa engomada e branca. Havia um alfinete de ametista, da cor dos olhos de seu irmão, piscando na gravata, e o casaco se encaixava suavemente ao longo dos ombros estreitos. Ela parecia totalmente composta. Cordelia invejava sua confiança.

— Obrigada — disse Cordelia sem fôlego, quando a carruagem começou a se mover. — Os vestidos são absolutamente adoráveis - você não precisava ...

Anna acenou em agradecimento.

— Não me custou nada. Uma costureira de lobisomem me devia um favor e Matthew me ajudou a escolher o tecido. — Ela levantou uma sobrancelha. — Então, qual você decidiu usar?

Cordelia tirou o casaco para mostrar o cintilante vestido de bronze embaixo. A seda era fria e pesada contra sua pele, como o toque da água; o chiffon na bainha acariciava suas pernas e tornozelos. Também era prático - sua mãe a ajudara a esconder Cortana em uma bainha nas costas que corria abaixo do material do vestido.

Anna riu com aprovação.

— Cores profundas são as certas para você, Cordelia. Claret vermelho, martim-pescador azul, verde esmeralda. Linhas elegantes e simplicidade, nada dessa bobagem de frou-frou que todo mundo está vestindo.

A carruagem tinha virado para o West End. Havia algo emocionante em ir para o coração de Londres, longe da vegetação de Kensington, para as multidões e a vida que pulsava através delas.

— Temos um plano? — Cordelia disse, olhando pela janela para Piccadilly Circus. — O que vamos fazer quando chegarmos lá?

— Vou seduzir — disse Anna. — Você vai distrair, ou pelo menos, não atrapalhar.

Cordelia sorriu. Ela se encostou na janela quando Anna apontou marcos para ela: a estátua de Eros no centro da rotatória e o Restaurante Critério, onde Arthur Conan Doyle havia marcado a primeira reunião de Holmes e Watson. Logo eles estavam entrando no Soho com suas estreitas ruas. O nevoeiro pairava como teias de aranha esticadas entre os edifícios. A carruagem passou por um vendedor de café argelino, a janela abarrotada com o latão brilhante e o bronze de latas de café. Perto havia uma loja de luminárias com uma nova fachada brilhante em preto e dourado, na qual estavam inscritas as palavras W. SITCH & CO. , e além dela havia uma coleção de bancas. Na rua escura e estreita, labaredas de petróleo ardiam como incêndios de advertência, e as cortinas de pano que protegiam as frentes das tendas voavam ao vento.

A carruagem parou finalmente em frente à Tyler's Court. O ar estava cheio de fumaça e sombra e o barulho de vozes falando uma dúzia de idiomas diferentes. James e Matthew descansavam contra as paredes de pedra. Ambos usavam casacos pretos à noite. Matthew havia acrescentado uma gravata verde-garrafa e calças de veludo ao seu conjunto. James tinha a gola levantada contra o vento, o rosto pálido entre os cabelos pretos e o fino material preto de seu traje.

Anna abriu a porta da carruagem e pulou para fora, deixando a porta aberta atrás dela. Cordelia tentou segui-la, apenas para descobrir que era tudo menos fácil de se mover em seu novo vestido. Ela avançou sobre o banco, chiando levemente, e meio caiu pela porta da carruagem.

Braços a abraçaram antes que ela batesse na calçada. James a pegou pela cintura. O cabelo dela roçou sua bochecha e ela inalou a colônia dele: madeira de cedro, como as florestas do Líbano.

Ele a colocou nos calcanhares, as mãos ainda nos quadris. Ela podia sentir a marca do anel de Herondale que ele usava contra o lado dela. Ele estava olhando, e Cordelia percebeu com um sobressalto que ela havia deixado o casaco na carruagem. Ela estava de pé na frente de Matthew e James em seu vestido novo, sem mais nada para cobri-la.

Ela não pôde deixar de estar consciente de quão perto o vestido se agarrava ao seu corpo. O tecido sobre os quadris era tão apertado que ela não tinha sido capaz de usar uma saia por baixo, apenas a combinação e um espartilho leve. Qualquer um podia ver o formato de sua cintura, o inchaço de seu peito e até a seda envolvida na curva de seu estômago. As mangas estreitas deslizaram por seus ombros, descobrindo a parte superior dos seios; o peso e a suavidade do material eram como uma carícia. Ela se sentia elegante de uma maneira que nunca havia sentido antes, e um pouco selvagem.

— Cordelia — disse Matthew. Ele parecia um pouco atordoado, como se tivesse entrado de cara em uma parede. — Você parece diferente.

— Diferente? — Anna zombou. — Ela está deslumbrante.

James não se mexeu. Ele estava olhando para Cordelia, e seus olhos haviam escurecido, da cor dos olhos de um tigre a algo mais rico e profundo. Algo como o ouro de Cortana quando brilhava no ar. Ele exalou e a soltou, dando um passo para trás. Cordelia podia sentir seu coração batendo na garganta, uma pulsação aguda, como se ela tivesse bebido muito do chá forte de sua mãe.

— É melhor entrarmos — disse James, e Cordelia viu Anna sorrir de soslaio, um sorriso de gato, antes de levá-los para o pátio estreito.

A fada na porta reconheceu Anna e Matthew e os deixou passar pelo Hell Ruelle, com apenas uma sobrancelha de lavanda. Encontraram-se na deslumbrante série de salas interconectadas do Ruelle. Enquanto seguiam Anna, que caminhava com confiante, Cordelia percebeu o que não havia antes: que os aposentos se espalhavam de uma grande câmara central como os

braços de uma estrela do mar. Os tetos das passagens eram baixos, mas todos os cômodos eram iluminados por luz elétrica, brilhante e mais forte que a luz enfeitiçada.

Eles encontraram Hypatia Vex realizando uma corte na câmara central. A decoração da sala octogonal havia sido alterada. As paredes estavam agora penduradas com pinturas de bacanal: dançarinas nuas rodeadas de fitas escorregadias, demônios com olhos pintados de vermelho e testa enfeitada com flores, seus corpos lacados a ouro como os olhos de James. Atrás de Hypatia Vex pendia um tríptico maciço de uma mulher de cabelos escuros segurando uma coruja negra com olhos dourados.

O palco no centro da sala estava vazio agora, embora cadeiras e sofás tivessem sido arrumados em torno dele. Eles estavam cheios de Submundanos. Cordelia reconheceu a vampira Lily, pentes de joias em seus cabelos negros, bebendo sangue de um copo de cristal. Ela piscou para Anna, mas Anna estava concentrada em Hypatia, que estava sentada em um sofá de carvalho intrincadamente esculpido, estofado em tecido jacquard vermelho e verde. Ela estava usando outro vestido brilhante, essa seda preta que fazia parecer que as curvas luxuosas de seu corpo estavam mergulhadas em tinta.

Ela também não estava sozinha. Ao lado dela, havia um belo lobisomem com olhos verde-dourados. Cordelia o vira da última vez que eles vieram aqui. Ele havia tocado violino no quarteto de cordas. Agora não havia música e ele estava concentrado em Hypatia, seu corpo voltado para o dela atentamente, seus longos dedos tocando suavemente com uma alça do vestido dela.

Os olhos azuis de Anna se estreitaram.

— Anna — disse James em voz baixa. — Você pode ter seu trabalho cortado para você.

— Esse é Claude Kellington — disse Matthew. — Ele é o mestre do entretenimento aqui. Responsável pelo palco.

Anna virou-se para eles, com os olhos brilhantes.

— Matthew — disse ela. — Distraia-o.

Matthew piscou e caminhou até o sofá. Lily olhou para ele quando ele passou por ela, possivelmente avaliando-o como um

lanche em potencial. Ele era muito bonito, pensou Cordelia; ela não sabia por que não respondeu a ele, como fez com James. Mas então, ela não respondeu a ninguém como a James.

Levantando uma sobrancelha, Kellington levantou-se e seguiu Matthew de volta à multidão. Cordelia e James trocaram um olhar enquanto Matthew se aproximava deles, o lobisomem a reboque.

— Por favor, não me diga que vocês três têm algum tipo de ação — disse Kellington enquanto se aproximava, e Cordelia percebeu com uma surpresa que Anna havia escapado, silenciosa como um gato. — Ninguém quer ver Caçadores de Sombras cantando e dançando.

— Eu esperava que meu *parabatai* e recitasse um pouco de poesia — disse Matthew. — Talvez sobre os laços do amor fraterno.

Kellington deu a Matthew um olhar divertido. Ele tinha um rosto nitidamente bonito e cabelos castanhos encaracolados. Um anel de ouro estampado com as palavras *Beati Bellicosi* brilhou em sua mão.

— Lembro-me da poesia que você recitou para mim uma vez — disse ele. — Embora não seja particularmente fraternal. No entanto, estamos procurando novos artistas esta noite. — Ele olhou para James. — Você tem algum talento, além de ficar ali parecendo bem e sem dizer nada?

— Eu sou bastante habilidoso em jogar facas — disse James calmamente. Ele se moveu para o lado, o olhar de Kellington o seguindo, quando Anna deslizou no sofá ao lado de Hypatia e levou a mão da feiticeira aos lábios para um beijo. Hypatia parecia mais do que um pouco surpresa.

— Se um Caçador de Sombras se levantar e começar a acenar com facas, teremos um tumulto — disse Kellington. — Hypatia quer entreter seus convidados, não matá-los. — Seu olhar deslizou para Cordelia. Era um olhar como se fosse tocado, ela pensou. Não é inteiramente agradável, mas certamente novo. Kellington parecia examiná-la da cabeça aos pés e não se sentir descontente. — E você ?

Matthew e James a encararam.

— Suponho que poderia me apresentar — disse Cordelia sem fôlego.

Ela ouviu sua própria voz como se fosse de longe. Ela estava brava? O que ela estava oferecendo? O que ela faria ? Ela ouviu Kellington concordar e sentiu os dedos delgados e cicatrizes de James em seu braço.

— Cordelia, você não precisa... — ele começou.

— Eu posso fazer isso — disse ela.

Ele encontrou seu olhar diretamente, e ela viu que não havia dúvida em sua expressão. Ele estava olhando para ela com exatamente a fé que demonstrou quando olhou para Matthew, Lucie ou Thomas. Com uma crença total de que ela poderia fazer qualquer coisa, se lhe fosse exigido.

Era como se de repente pudesse entrar ar suficiente em seus pulmões: Cordelia inalou, acenou com a cabeça para James e se virou para Kellington.

— Estou pronta — disse ela.

Com um arco, o lobisomem a levou para o palco.

PARTE DOIS

Tu és parte da minha existência, parte de mim mesmo. Estás presente em cada linha que li, desde que cheguei aqui pela primeira vez, um menino grosseiro cujo pobre coração tu machucaste já naquele dia. Estás presente em toda paisagem que vi desde então — no rio, nas velas dos navios, nos charcos, nas nuvens, na luz, na escuridão, no vento, no bosque, no mar, nas ruas. És a concretização de todas as fantasias belas que minha mente já conheceu. As pedras de que são feitos os mais sólidos prédios de Londres não são mais reais, nem mais impossíveis de ser deslocadas por tuas mãos, do que tua presença e tua influência sobre mim, lá e em toda parte, no passado e no futuro. Estella, até a última hora de minha vida, tu hás de ser uma parte de meu caráter, do pouco que há de bom em mim, e do que há de mau.

- Charles Dickens**,** Grandes Esperanças

15

A SALA DOS SUSSURROS

Onde a beleza não diminui, não se deteriora, mas a alegria é sabedoria, o tempo é uma canção sem fim.
Eu beijo você e o mundo começa a desaparecer.
— William Butler Yeats, *terra do desejo do coração*

Da janela, Lucie podia ver o fluxo constante de carruagens chegando pela entrada em arco do Instituto. Ela se afastou com uma careta. Onde *estavam* Thomas e Christopher? Ela não culpou nenhum deles por ter tido dificuldade em se concentrar no dia anterior. A morte de Barbara estava em suas mentes. Mas *tinha* significado que os três não tinham conseguido fazer um plano adequado para se encontrar esta noite.

Bem, ela pensou, se tivesse que espionar a reunião do Enclave sozinha, era isso que ela faria. Ela acabara de buscar sua estela no alto da cômoda quando ouviu algo chocalhar contra o vidro da janela. Supondo que Thomas e Christopher estavam tentando chamar sua atenção com seixos - o método habitual deles -, ela correu e abriu a janela. Algo que parecia uma borboleta queimando passou por sua cabeça e Lucie deu um grito agudo. Ela correu em direção a ela quando pousou em sua mesa e explodiu em chamas vermelho alaranjadas. Era pequeno, não maior que a mão, e ela se apressou a apagá-lo com um limpador de caneta à mão.

— Desculpe, Luce! — Era Christopher, entrando pela janela dela. Ele caiu no chão e foi seguido um momento depois por Thomas, que tinha um buraco queimado na gola da camisa e parecia zangado. — Foi um experimento - método de enviar mensagens usando runas de fogo.

Lucie olhou com ceticismo para o local carbonizado em sua mesa onde a mensagem provocara sua última. Ele havia

desembarcado em várias páginas manuscritas de *The Beautiful Cordelia* , e agora estavam bastante arruinadas.

— Bem, não experimente comigo! — ela disse. — Você destruiu uma cena muito importante na qual Cordelia é romanceada por um rei pirata.

— A pirataria é antiética — disse Thomas.

— Não neste caso — disse Lucie. — Veja bem, o rei pirata é secretamente filho de um conde Christopher e Thomas trocaram olhares.

— Nós realmente devemos ir — disse Christopher, recuperando a estela de Lucie e entregando a ela. — A reunião do Enclave está prestes a começar.

Eles saíram do quarto de Lucie e correram para uma das despensas vazias no segundo andar, acima da biblioteca. Foi o pai de Lucie quem a ensinou a desenhar essa runa em particular, e ela fez as honras enquanto todos se ajoelhavam em um círculo solto no chão: a runa era grande, cobrindo uma boa quantidade de espaço. Quando Lucie terminou, ela terminou com um floreio e recostou-se.

O chão entre as pernas ajoelhadas brilhava e ficava transparente. Lucie, Thomas e Christopher estavam agora olhando para a biblioteca abaixo deles, como se através das lentes de um telescópio. Eles podiam ver todos reunidos na sala muito claramente, até as cores dos olhos e os detalhes de suas roupas.

Linhas extras de mesas haviam sido arrumadas e Caçadores de Sombras encheram a sala. O pai e a mãe de Lucie estavam lá, é claro, e também o tio Gabriel, sentado em frente à sala onde Will estava, ladeado pelo inquisidor Bridgestock e um Charles Fairchild de aparência rígida. Lucie não pôde deixar de imaginar como seria o relacionamento deles desde que Charles encerrou seu noivado com Ariadne.

Charles bateu rapidamente em uma das mesas, fazendo Lilian Highsmith dar um salto na cadeira.

— Ordem — disse ele. — Ordem. Meus agradecimentos aos membros do Enclave que puderam se juntar a nós aqui. Embora essa informação não tenha sido divulgada ao público, até hoje houve um total de seis grandes ataques de um tipo desconhecido de

demônio contra os Nephilim em Londres. Todos, exceto o ataque na residência dos Baybrook, ocorreram à luz do dia.

Lucie virou-se para Thomas e Christopher.

— Seis ataques? — ela sussurrou. — Eu sei apenas de três. Você sabia de mais?

Thomas balançou a cabeça.

— Nem eu sabia. Imagino que o Enclave tenha medo de que entrem em pânico. Se isso faz você se sentir melhor, acho que muitas pessoas não sabiam.

Lucie olhou para baixo. Muitos membros do Enclave pareciam estar murmurando entre si em agitação. Ela podia ver o pai em pé com os braços cruzados sobre o peito, uma expressão congelada no rosto. Ele não sabia.

— Agora existem 25 Caçadores de Sombras muito doentes na Cidade do Silêncio — disse Charles. — Devido à gravidade da situação, as viagens para dentro e fora de Londres foram suspensas por um momento pela Clave.

Lucie, Christopher e Thomas trocaram olhares assustados. Quando isso aconteceu? Quando um murmúrio varreu a multidão na biblioteca, parecia claro que muitos dos adultos presentes estavam igualmente surpresos.

— O que você quer dizer com 'no momento'? — disse George Penhallow. — Quanto tempo seremos proibidos de viajar?

Charles cruzou as mãos atrás das costas.

— Indefinidamente.

O murmúrio na sala tornou-se um rugido.

— E os que estão em Idris? — disse Ida Rosewain. — Eles poderão voltar? E as nossas famílias lá?

Bridgestock balançou a cabeça.

— Todas as viagens do portal estão suspensas...

— Bom — murmurou Lilian Highsmith. — Eu nunca confiei naquelas novas invenções. Ouvi falar de um jovem que passou por um portal com seu *parabatai* e acabou com a perna do outro sujeito ligada a ele.

Bridgestock ignorou isso.

— Não haverá entrada ou saída de Londres, nem passagem além dos limites da cidade. Por enquanto não.

Lucie e Christopher olharam para Thomas consternados, mas sua boca apenas se apertou em uma linha afiada.

— Bom — ele disse. — Minha família estará segura em Idris.

— Henry, no entanto — disse Christopher com uma voz preocupada. — Ele deveria voltar e nos ajudar com o antídoto.

Lucie não sabia disso. Ela deu um tapinha na mão de Christopher o mais confortavelmente possível.

— Os Irmãos do Silêncio também estão procurando uma cura — ela sussurrou. — Não é só você, Christopher. Além disso, tenho toda a confiança que você poderia fazer por conta própria.

— E eu vou ajudá-lo — acrescentou Thomas, mas Christopher apenas olhou tristemente para a cena que se desenrolava abaixo.

— Qual o significado disso? Por que estamos presos em Londres? — Martin Wentworth estava gritando. Ele se levantou. — Agora é a hora de precisarmos da assistência da Clave — É uma quarentena, Martin — disse Will, em sua voz firme. — Deixe o inquisidor explicar.

Mas foi Charles quem falou.

— Todos vocês — ele disse em voz alta. — Vocês sabem que minha ... que Barbara Lightwood foi atingida por um ataque de demônios. O veneno inundou seu sistema. Ela não resistiu e morreu há alguns dias.

Thomas estremeceu, e o rosto de Martin Wentworth ficou de vermelho para branco quando ele claramente pensou em seu filho, Piers.

Charles continuou.

— Oliver Hayward estava com ela quando ela morreu. Nos últimos momentos de sua agonia, sem reconhecer seus amigos e entes queridos, ela o atacou, arranhando e batendo nele.

Lucie lembrou do sangue nas mãos de Oliver, nos punhos. A biblioteca ficou em silêncio. Ela não suportava olhar para Thomas.

— Como você também deve saber — continuou Charles, — a família Hayward administra o Instituto York e Oliver

compreensivelmente desejava voltar para casa depois de perder sua amada.

— Como qualquer jovem honesto poderia fazer — murmurou Bridgestock.

Charles ignorou isso.

— Recebemos a notícia ontem que Oliver tinha adoecido. Seus arranhões inflamaram e ele foi tomado pelos mesmos sintomas que reivindicaram aqueles aqui em Londres pelos que foram atacados por esses demônios. — Ele fez uma pausa. — Oliver morreu esta manhã.

Houve um suspiro audível. Lucie sentiu-se mal.

Laurence Ashdown ficou de pé.

— Mas Hayward não foi atacado por um demônio! O veneno dos demônios também não é contagioso!

— O veneno causa uma doença — disse Will calmamente. — Foi determinado pelos Irmãos do Silêncio que essa doença pode ser transmitida por mordida ou arranhão. Embora não seja altamente contagioso, é contagioso, no entanto. Daí a quarentena.

— É por isso que todos os doentes foram transferidos para a Cidade do Silêncio e não estão recebendo visitantes? É isso que está acontecendo? — exigiu Wentworth.

Lucie ficou novamente assustada: — Não sabia que os doentes não seriam visitados.

Thomas, notando sua angústia, sussurrou: — A liminar contra os visitantes foi proferida apenas esta manhã. Christopher e eu ouvimos o tio Gabriel discutindo o assunto.

— A Cidade do Silêncio é o lugar certo para eles estarem — disse Charles. — Os irmãos podem cuidar melhor dos aflitos, e nenhum demônio pode entrar no local.

— Então, qual é o plano da Clave? — A voz de Ida Rosewain aumentou. — A intenção deles é nos prender em Londres - com demônios portadores de uma doença venenosa que não sabemos como tratar - então todos simplesmente *morremos*?

Até Bridgestock pareceu surpreso. Foi Will quem falou.

— Somos Caçadores de Sombras — disse ele. — Não esperamos ser salvos por outros. Nós nos salvamos. Nós aqui em

Londres estamos tão equipados quanto qualquer membro da Clave para resolver esse problema, e ele será resolvido.

Lucie sentiu uma centelha de calor no peito. O pai dela era um bom líder. Era uma das coisas que ela amava nele. Ele sabia quando as pessoas precisavam ser acalmadas e incentivadas. Charles, que tanto queria ser um líder, sabia apenas como assustar e exigir.

— Will está correto — disse Charles cautelosamente. — Temos a ajuda dos Irmãos do Silêncio, e eu mesmo atuarei como cônsul no lugar de minha mãe, já que ela não pode voltar de Idris.

Charles olhou para a multidão e, por um momento, pareceu estar olhando diretamente para Alastair Carstairs. Estranho que ele estivesse lá, Lucie pensou, mas Sona não estava. Embora Alastair certamente informasse o estado das coisas para sua família.

Alastair retornou o olhar de Charles e desviou o olhar; Lucie sentiu o ombro de Thomas tenso ao lado do dela.

— Vamos nos dividir em três grupos — disse Bridgestock. — Um grupo será responsável pela pesquisa, desenterrando tudo em nossas bibliotecas sobre se algo assim já havia acontecido antes - doenças demoníacas, demônios que podem existir à luz do dia e assim por diante. O grupo dois cuidará das patrulhas noturnas e o grupo três das patrulhas diárias. Todo Caçador de Sombras com mais de dezoito anos e menos de 55 anos receberá uma área de Londres para patrulhar.

— Não vejo por que os demônios permaneceriam dentro dos limites da cidade — disse Lilian Highsmith sombriamente. — Podemos ficar em quarentena, mas eles não estão.

— Não fomos abandonados — disse Will. — York também está em quarentena, embora ainda não tenha havido mais casos de doenças, mas os Caçadores de Sombras do Instituto Cornualha e alguns Caçadores de Sombras de Idris estarão patrulhando fora de Londres e patrulhas serão intensificadas por todas as ilhas britânicas. Se os demônios fugirem de Londres, serão pegos.

— Esses demônios não apareceram do nada — disse Bridgestock. — Eles foram convocados. Precisamos interrogar todos os usuários mágicos de Londres para rastrear o culpado.

— Não são exatamente demônios, são? — Lucie sussurrou. — Se é um Mandikhor, então é realmente apenas um demônio. Talvez... Devemos contar a eles?

— Não no momento — disse Thomas. — A última coisa que eles precisam é de cairmos do teto para anunciar que temos uma teoria de que é um demônio que se divide em partes.

— De fato, nem mesmo uma teoria, mas uma hipótese — disse Christopher. — Ainda não provamos ou testamos. E não tenho certeza de como isso mudaria seus planos ou comportamento. Pode ser um demônio, mas age como muitos demônios, e é isso que eles estão procurando combater.

Na biblioteca, Will franziu a testa.

— Maurice, nós já discutimos isso. Essa ação não apenas causará pânico em todos os feiticeiros e submundanos em Londres, como também não temos garantia de que quem criou esses demônios ainda está na cidade. Seria um desperdício de mão de obra que precisamos em outro lugar.

— Mas alguém é culpado por isso e deve pagar por isso! — estalou Bridgestock.

Will começou a dizer, surpreendentemente gentilmente: — E isso vai acontecer, mas devemos encontrar esse demônio primeiro...

— Minha filha está morrendo! — Bridgestock gritou, de repente o suficiente para sacudir a sala. — Ariadne está morrendo, e eu exijo saber quem é o responsável!

— Bem, minha sobrinha já está morta. — Foi o tio Gabriel, que se levantou. Ele parecia furioso, seus olhos verdes quase pretos. Lucy desejou que sua tia Cecily estivesse lá, pois ela certamente o estaria apoiando. — E, no entanto, em vez de desperdiçar minha energia imaginando vingança, vou patrulhar as ruas de Londres, na esperança de impedir que o que aconteceu com ela aconteça com outro inocente.

— Muito bem, Lightwood — disse Bridgestock, com os olhos brilhando — mas eu sou o inquisidor e você não. É minha tarefa erradicar o mal na sua fonte.

A vista ficou escura e a biblioteca abaixo desapareceu. Lucie olhou surpresa, ao ver que Thomas havia traçado uma linha através

de sua runa, fechando a janela da biblioteca abaixo. Seus olhos, como os de seu tio Gabriel, estavam brilhando de fúria.

Christopher colocou a mão no ombro de Thomas.

— Sinto muito, Tom. Sobre Oliver, e...

— Não precisa se desculpar — Thomas falou em uma voz tensa. — É melhor que conheçamos a situação. Assim que pegarmos os Pyxis, cuidaremos disso sozinhos, pois, se esperarmos que o Enclave chegue a um consenso, mais vão morrer.

James viu Cordelia subir os degraus para o palco elevado de cerejeira no meio da sala. Ele sabia que Matthew estava ao seu lado, xingando baixinho. Ele não o culpava - ele sabia como se sentia seu *parabatai* : que de alguma forma eles haviam jogado Cordelia aos lobos do Hell Ruelle.

Kellington, parado ao lado dela, bateu palmas, e a multidão começou a se acalmar. Não é rápido o suficiente, James pensou. Ele começou a aplaudir alto e, ao lado dele, seguindo sua liderança, Matthew fez o mesmo. Anna, aconchegada ao lado de Hypatia no sofá, também bateu palmas, fazendo Kellington olhar para ela e franzir o cenho. Hypatia olhou para ele com olhos arregalados e estrelados e encolheu os ombros.

Kellington pigarreou.

— Convidados de honra — disse ele. — Hoje temos algo incomum. Uma *Caçadora de Sombras* se ofereceu para nos divertir.

Um murmúrio percorreu a sala. James e Matthew continuaram batendo palmas, e uma vampira de cabelos escuros com pentes brilhantes nos cabelos se juntou aos aplausos. Anna se inclinou e sussurrou no ouvido de Hypatia.

— Por favor, aproveitem a apresentação da adorável Cordelia Carstairs — disse Kellington, virando-se apressadamente para descer as escadas.

Cordelia pôs a mão no braço dele.

— Vou precisar que você me acompanhe — disse ela. — No violino.

Matthew riu, quase com relutância.

— Ela *é* esperta — disse ele, quando Kellington, parecendo irritado, saiu para pegar seu instrumento. Enquanto ele se movia no meio da multidão, Cordelia, parecendo muito mais calma do que James suspeitava que estivesse, estendeu a mão e soltou os cabelos.

James prendeu a respiração quando caiu em volta dos ombros dela, derramou pelas costas dela, o vermelho profundo das pétalas de rosa. Acariciava sua pele marrom nua como seda. Seu brilhante vestido de bronze se agarrou a ela quando ela alcançou Cortana desembainhada, puxando-a para frente. Toda luz brilhante no Hell Ruelle pegava fogo ao longo da lâmina.

— Eu sempre amei histórias — disse ela, e sua voz clara percorreu a sala. — Uma das minhas histórias favoritas é a da criada Tawaddud. Após a morte de um rico comerciante, seu filho perdeu toda a herança que recebeu até não ter mais nada além de um criado, uma garota conhecida em todo o califado por seu brilho e sua beleza. O nome dela era Tawaddud. Ela implorou ao filho que a levasse à corte do califa Harun al-Rashid, e lá para vendê-la por uma vasta soma de dinheiro. O filho insistiu que não poderia obter uma quantia tão principesca pela venda de um servo. Tawaddud insistiu que convenceria o califa de que não havia mulher mais sábia, mais eloquente ou instruída em toda a terra, a não ser ela. Eventualmente, o filho estava exausto. Ele a levou para a corte, e ela veio diante do califa, e ela contou isso a ele.

Cordelia assentiu para Kellington, que havia parado ao lado do palco. Ele começou a tocar uma música assustadora no violino, e Cordelia começou a se mover.

Era uma dança, mas não uma dança. Ela se moveu fluidamente com Cortana. Era ouro e ela seguiu o ouro no fogo. Ela falou, e sua voz baixa e rouca combinava com a dança e a música do violino.

“Oh meu Senhor, eu sou versada em sintaxe, poesia, jurisprudência, exegese e filosofia. Sou experiente em música e no conhecimento das ordenanças divinas, e em aritmética, geodésia, geometria e nas fábulas dos antigos.”

Cortana teceu com suas palavras, sublinhando cada uma delas com aço. Ela girou quando a espada girou, e seu corpo se curvou e se moveu como água ou fogo, como um rio sob uma infinidade de estrelas. Era lindo - *ela* era linda, mas não era uma beleza distante. Era uma beleza que vivia, respirava e estendia as mãos para esmagar o peito de James e deixá-lo sem fôlego.

"Estudei ciências exatas, geometria e filosofia, medicina e lógica, retórica e composição".

Cordelia caiu de joelhos. Sua espada chicoteou ao redor dela, um círculo estreito de fogo. O violino cantou, o corpo dela cantou, e James pôde ver a corte do califa, e a garota corajosa ajoelhada diante de Harun al-Rashid e contando a ele seu valor.

"Eu posso tocar alaúde e conhecer sua gama, notas e notação, e o crescendo e diminuindo."

Ao lado de James, Matthew respirou fundo. James olhou rapidamente para o seu *parabatai*. Matthew - Matthew parecia o mesmo às vezes quando pensava que ninguém o observava. Havia uma solidão assombrada naquele olhar, um desejo quase além da compreensão por algo que até o próprio Matthew não entendia.

Seu olhar estava fixo em Cordelia. Mas então, todo mundo na sala estava olhando para ela enquanto seu corpo se curvava para trás e seus cabelos varriam de um lado para o outro, um arco de fogo. Sua pele marrom brilhava; a transpiração brilhava em suas clavículas. O sangue de James estava correndo em seu corpo como um rio através de uma represa quebrada.

"Se eu canto e danço, eu seduzo." Cordelia se endireitou com um estalo. Seus olhos encontraram o olhar de seu público, direto e desafiador. *"E se eu me vestir e me perfumar, eu mato."*

Ela bateu Cortana na bainha. Kellington havia parado de tocar violino; ele também estava olhando para Cordelia como uma ovelha apaixonada. James teve um desejo irresistível de chutá-lo.

Cordelia ficou de pé, o peito subindo e descendo com a respiração rápida.

— E homens sábios foram trazidos de todo o país para testar Tawaddud, mas ela era mais sábia do que todos eles. Ela era tão

sábia e bonita que, no final, o califa concedeu a ela o que ela queria, todos os desejos de seu coração.

Cordelia se curvou.

— E esse é o fim da história — disse ela, e começou a descer os degraus.

Cordelia nunca tinha sido encarada por tantas pessoas em sua vida. Escapando do palco, ela deslizou na multidão, embora fosse uma multidão diferente do que tinha sido - todo mundo parecia querer sorrir para ela agora, inclinar a cabeça ou piscar. Vários Submundanos disseram, "Lindamente feito", quando ela passou.

Ela murmurou seus agradecimentos e ficou imensamente grata quando alcançou James e Matthew. James parecia completamente composto; Matthew estava olhando para ela com os olhos arregalados.

— Inferno — disse ele com admiração, assim que ela entrou no alcance. Ele parecia muito mais sério do que normalmente.

— O *que* foi *isso*?

— Era um conto de fadas — disse James brevemente. — Muito bem, Cordelia. — Ele indicou o sofá jacquard agora vazio. — Anna desapareceu com Hypatia, então eu chamaria sua distração de sucesso.

Cordelia. Ele não a chamou de Daisy. Ela não sabia o que pensar disso. Ela colocou a mão no peito; seu coração estava batendo forte, de nervosismo e dança.

— O que fazemos agora? — ela disse. — Quanto tempo dura a sedução?

— Depende se você fizer isso corretamente — disse Matthew, com um pouco de seu antigo sorriso.

— Bem, espero pelo bem de Hypatia que Anna faça isso corretamente, mas, pelo nosso bem, espero que ela apresse — disse James.

Matthew ficou parado.

— Vocês dois — disse ele. — Ouçam Cordelia ouviu e ouviu a princípio apenas o zumbido e o murmúrio da multidão. Então, embaixo, o sussurro de uma palavra familiar, falada baixa e urgentemente.

Um Caçador de Sombras. Um Caçador de Sombras está aqui.

— Eles querem dizer nós? — Ela olhou em volta, perplexa, e viu Kellington olhando para a porta, a boca plana de irritação. Alguém tinha acabado de entrar na câmara - alguém com cabelos vermelhos brilhantes, vestindo um casaco de tweed pesado.

— Charles — Os olhos de Matthew eram fendas verdes. — Pelo anjo. O que ele está fazendo aqui?

James xingou baixinho. Charles estava andando pela multidão, com o casaco abotoado na garganta, olhando em volta desconfortavelmente. Ele parecia desesperadamente deslocado.

— Nós devemos ir — disse James. — Mas não podemos deixar Anna.

— Vocês dois corram e se escondam —disse Matthew. — Charles vai enlouquecer se ele ver vocês aqui.

— Mas e você? — disse Cordelia.

— Ele está acostumado com esse tipo de coisa comigo — disse Matthew, e todo o seu rosto parecia ter se apertado. Seus olhos brilhavam como lascas de vidro. — Eu vou lidar com Charles.

James olhou para Matthew por um longo momento. Cordelia sentiu o sussurro de palavras não ditas passando entre eles, o silêncio comunicação de *parabatai*. Talvez um dia ela tivesse isso com Lucie; no momento, parecia quase mágica.

James assentiu para Matthew, virou-se e segurou a mão de Cordelia.

— Por aqui — ele disse, e eles mergulharam na multidão. Atrás dela, Cordelia ouviu Matthew dizer o nome de Charles com uma surpresa alta e exagerada. A multidão estava mudando e se movendo quando os Submundanos se afastaram de Charles; James e Cordelia contornaram Kellington e entraram em um corredor de painéis vermelhos que dava para a câmara principal.

Havia uma porta aberta na metade do corredor; uma placa na porta proclamava que era A SALA DOS SUSSURROS. James

mergulhou nela, puxando Cordelia atrás dele. Ela só teve tempo de ver que eles estavam em uma sala deserta e mal iluminada quando ele bateu a porta atrás deles. Ela se encostou na parede, recuperando o fôlego, enquanto os dois olhavam em volta.

Eles estavam em uma espécie de salão, ou talvez um escritório. Ass paredes estavam enfeitadas com papel prateado, decorado com imagens de escamas e penas douradas. Havia uma escrivaninha alta de nogueira grande como uma mesa, com uma superfície elevada empilhada com pilhas de papel para escrever, pesadas por uma tigela de pêssego. A escrivaninha de Hypatia, talvez? Um fogo claramente encantado ardia na lareira, as chamas prateadas e azuis. A fumaça que subia do fogo traçava delicados padrões no ar em forma de folhas de acanto. Sua fumaça cheirava doce, como atar de rosas.

— O que você acha que Charles está fazendo aqui? — Disse Cordelia.

James estava estudando os livros nas paredes - uma coisa muito típica de Herondale.

— Onde você aprendeu a dançar assim? — ele disse abruptamente.

Ela se virou para olhá-lo surpresa. Ele estava encostado na estante agora, observando-a.

— Eu tinha um instrutor de dança em Paris — disse ela. — Minha mãe acreditava que aprender a dançar ajudava a aprender a graça na batalha. *Essa* dança - acrescentou ela - foi proibida de ser ensinada a mulheres solteiras, mas meu instrutor de dança não se importava.

— Bem, graças ao anjo que você estava lá — disse ele. — Matthew e eu certamente não poderíamos ter feito essa dança por conta própria.

Cordelia sorriu fracamente. No palco, dançando, ela imaginou que James a observava, que ele a achava bonita, e o poder que a inundou com o pensamento pareceu eletricidade. Agora ela desviou o olhar dele, passando a mão pela parte superior da mesa, perto da pilha de papéis mantidos pela tigela de cobre.

— Cuidado — disse James, com um rápido gesto de aviso. — Suspeito que seja fruta das fadas. Não tem efeito em feiticeiros - pelo menos não tem efeito mágico. Mas em humanos...

Ela recuou.

— Certamente não lhe fará mal se você não o comer.

— Oh, não tem. Mas eu conheci aqueles que provaram. Eles dizem que o quanto mais você come, mais quer e mais sofre quando não pode mais ter. E, no entanto... sempre pensei: *não* saber qual o sabor não é apenas mais uma forma de tortura? A tortura de pensar?

Suas palavras eram leves, mas havia uma estranheza na maneira como ele a olhava, pensou Cordelia - uma espécie de profundidade em seu olhar que parecia pouco familiar. Seus lábios estavam levemente separados, seus olhos eram de um ouro mais profundo do que o habitual. A beleza podia rasgar seu coração como dentes, ela pensou, mas ela não amava James porque ele era bonito: ele era bonito para ela porque ela o amava. O pensamento trouxe sangue quente em suas bochechas; ela olhou para longe, assim como a porta sacudiu em sua moldura.

Alguém estava tentando entrar. James girou, seus olhos selvagens. A mão de Cordelia voou para o punho de Cortana.

— Nós não deveríamos estar aqui — ela começou.

Ela não chegou mais longe. Um momento depois, James a puxou em sua direção. Os braços dele a envolveram, levantando-a e contra ele. Sua boca era suave, mesmo quando ele a esmagou contra ela; ela percebeu o que ele estava fazendo mais tarde quando a porta se abriu e ouviu vozes no limiar. Ela ofegou um pouco e sentiu o pulso de James disparar; a mão direita dele deslizou nos cabelos dela, a palma da mão riscada na bochecha dela enquanto a beijava.

James a estava beijando.

Ela sabia que não era real. Ela sabia que ele estava fazendo parecer que eles eram do Submundo tendo uma missão no Whispering Room - mas não importava, nada importava, exceto a maneira como ele a estava beijando, beijando-a gloriosamente.

Ela colocou os braços em volta do pescoço dele, arqueando o corpo contra o dele. Ela sentiu a respiração dele assobiar contra a boca; ele a estava beijando com cuidado, mesmo quando os movimentos de suas mãos e corpo imitavam paixão.

Mas ela não queria ter cuidado. Ela queria que fosse estilhaçado e tremendo, queria que a paixão fosse real, que o beijo fosse o tão desesperado quanto tudo o que sempre sonhara.

Ela abriu os lábios contra os de James. Os dele eram tão macios, e ele tinha gosto de açúcar de cevada e especiarias. Ela ouviu risadas nervosas na porta da sala e sentiu a mão de James apertar sua cintura. A outra mão dele deixou a bochecha dela e segurou a nuca enquanto ele aprofundava o beijo, de repente, como se não pudesse se conter. Ele se inclinou nela, sua língua traçando o formato de sua boca, fazendo-a estremecer.

— Oh — ela sussurrou suavemente contra ele, e ouviu a porta fechar. Quem quer que fosse tinha ido. Ela manteve os braços em volta do pescoço de James. Se ele quisesse acabar com isso, teria que acabar com isso.

Ele interrompeu o beijo, mas não a deixou ir. Ele ainda a estava segurando contra ele, seu corpo um berço duro para o dela. Ela acariciou a lateral do pescoço dele com os dedos; havia uma leve cicatriz branca logo acima do colarinho, na forma de uma estrela.

Sua respiração ficou irregular.

— *Daisy*... minha Daisy...

— Eu acho que mais pessoas estão vindo — ela sussurrou.

Não era verdade, e ambos sabiam disso. Isso não importava. Ele a puxou contra ele com tanta força que ela quase tropeçou, o calcanhar preso no tapete. O sapato dela caiu, e ela chutou o segundo, subindo na ponta dos pés para alcançar a boca de James - seus lábios eram firmes e doces, provocando agora enquanto ele os passava pela costura dos lábios, pela bochecha e pela mandíbula. Ela estava nadando em tontura quando o sentiu desfazer a alça de Cortana com uma mão, a outra mão traçando o corpete de seu vestido. Ela nunca soube que seu corpo podia se sentir assim, tenso e tenso de desejo, enquanto ao mesmo tempo ela parecia flutuar.

Ele beijou sua garganta quando sua cabeça caiu para trás. Ela o sentiu se curvar para encostar Cortana na parede; quando ele se endireitou, seus braços se apertaram ao redor dela. Ele afastou os dois da estante, carregando-a meio, com a boca urgente contra a dela. Eles tropeçaram no tapete, mãos e lábios frenéticos enquanto se apertavam contra a mesa enorme. Cordelia arqueou para trás, as mãos segurando a borda da mesa, seu corpo se curvando no de James de uma maneira que o fez inalar bruscamente.

As mãos dele moldaram as curvas dela, passando dos quadris até a cintura, subindo para cobrir seus seios. Ela ofegou, respirando a nova sensação, querendo as mãos dele nela. Os dedos dele se curvaram para prender no decote do vestido dela. Ele estava tocando sua pele, sua pele nua. Ela estremeceu de espanto e ele olhou para ela, seus olhos selvagens, quentes e dourados. Ele tirou o casaco preto, jogando-o de lado; quando ele voltou para ela, ela sentiu o calor do corpo dele através de seu fino vestido de seda.

Mesmo em sua dança, mesmo na sala de treinamento, ela nunca havia sentido seu corpo tão absolutamente certo como agora. Ele a levantou sobre a mesa de nogueira, então ela se sentou em um poleiro de madeira acima dele. Ela colocou as pernas em volta da cintura dele. Ele embalou o rosto dela entre as mãos. Seu cabelo era uma cortina de chamas fluindo sobre os dois enquanto eles se beijavam e se beijavam.

Por fim, ela o puxou. Suas costas encontraram a madeira da mesa quando ele se inclinou sobre ela, uma mão apoiada acima de sua cabeça. A sensação do corpo dele ao longo do dela abrasou seu sangue. Ela agora entendia por que os poetas diziam que o amor era como queimar. O calor era tudo através dela e nela, e tudo o que ela queria era mais - mais beijos, mais toques, a serem devorados por isso como uma floresta por um incêndio.

E o rosto dele - ela nunca o vira assim, olhos ardendo e perdidos por desejo, as pupilas arregaladas e negras. Ele gemeu quando ela o tocou, passando as mãos sobre o peito duro, os braços rígidos segurando-o apoiado sobre ela. Ela enroscou os dedos no tumulto escuro de seus cabelos quando ele se inclinou para beijar o inchaço de cada seio, seu hálito quente contra a pele dela.

A porta do quarto se abriu novamente. James congelou, e um momento depois subiu e saiu da mesa, pegando seu casaco. Ele entregou a Cordelia quando ela se sentou às pressas.

Matthew estava no limiar, olhando para os dois. Cordelia apertou o casaco contra ela, embora ela ainda estivesse completamente vestida. Ainda assim, parecia um escudo contra o olhar atordoado de Matthew.

— James — disse ele, e ele parecia não acreditar na evidência de seus próprios olhos. Sua expressão era tensa e aguda quando seus olhos voaram de James para os sapatos de Cordelia, descartados no chão.

— Nós não deveríamos estar aqui — disse Cordelia apressadamente. — James pensou que se fingíssemos - quero dizer, se alguém entrasse e pensasse...

— Eu entendo — disse Matthew, olhando não para ela, mas para James. E James, pensou Cordelia, parecia composto - tão composto, como se nada tivesse acontecido. Só o cabelo estava despenteado e a gravata torta, mas a expressão era normal: calma, levemente curiosa.

— Charles ainda está aqui? — ele disse.

Lentamente, Matthew se apoiou no batente da porta. Suas mãos se moveram lentamente enquanto ele falava, descrevendo arcos pálidos no ar.

— Ele saiu. Ele me deu uma boa dose de incomodação, posso garantir, por passar meu tempo em um pântano de devassidão e ruína. Ele disse que achava que eu teria pelo menos trazido você ou Anna para cuidar de mim. — Ele fez uma careta.

— Má sorte, meu velho amigo — disse James, virando-se para Cordelia e estendendo a mão para ajudá-la a descer da mesa. O calor havia saído de seus olhos dourados; eles eram legais e ilegíveis. Ela entregou-lhe o casaco e ele encolheu os ombros.

— Por que ele estava aqui?

— O Enclave está investigando o que os Submundos sabem sobre a situação — disse Matthew. — Dias depois que já tínhamos a ideia, é claro.

— Nós devemos sair — disse James. — Charles pode ter ido embora, mas nada impede que outros membros da Clave façam uma aparição indesejada.

— Temos que avisar Anna — disse Cordelia, pigarreando. Ela pensou que parecia notavelmente firme, considerando todas as coisas.

O sorriso de Matthew era frágil.

— Hypatia não vai gostar disso.

— Ainda assim — disse Cordelia, teimosa, pegando um sapato e depois o outro. — Nós devemos.

Ela pegou Cortana de volta de onde James a havia encostado na parede e seguiu os meninos pelo corredor. Ela mordeu o lábio enquanto eles corriam pelo corredor de damasco em silêncio. O cheiro da fumaça no Whispering Room grudava em seus cabelos e roupas, doce doentio.

— Aqui — disse Matthew, quando uma porta de ouro esculpida em ornamentos se ergueu na frente deles, sua maçaneta entalhada na forma de uma ninfa dançante. Parecia que Hypatia havia alterado a entrada de seu quarto, assim como havia alterado as paredes da câmara central. — O quarto da Hypatia Vex. Cordelia, suponho que você queira bater?

Cordelia se absteve de encarar Matthew. Ele estava perto dela, quase ombro a ombro, e ela podia sentir o cheiro de álcool nele - algo rico e escuro, como conhaque ou rum. Ela pensou na deliberação muito lenta de seus gestos, do jeito que ele piscou para ela e James. Antes que ele viesse buscá-los no Whispering Room, ele ficou bêbado, ela percebeu. Provavelmente muito mais bêbado do que ele estava deixando transparecer.

Antes que ela pudesse se mover, a maçaneta da ninfa girou e Anna abriu a porta com um tom de bronze claro e uma forte corrente de perfume, com uma fragrância de flores brancas: jasmim e tuberosa. Os cabelos de Anna estavam despenteados e a gola da blusa estava aberta, exibindo um colar de rubi brilhando vermelho como sangue contra a garganta. Ela segurava uma caixa de madeira, esculpida com os *ourobouros* e escura com a pátina de anos, na mão esquerda.

— *Shhh* — ela sussurrou, olhando para eles. — Hypatia está dormindo, mas ela não vai ficar assim por muito tempo. Pegue!

E ela jogou a Pyxis para James.

— Então terminamos — disse Matthew. — Venha conosco.

— E suspeitar Hypatia? Não seja ridículo. — Anna revirou os olhos azuis. — Pronto, conspiradores. Fiz minha parte e o resto da noite não exigirá você.

— Anna? — A voz de Hypatia soou de algum lugar dentro da sala iluminada por bronze. — Anna, querida, onde você está?

— Pegue minha carruagem — sussurrou Anna. Então ela sorriu. — E você se saiu muito bem, Cordelia. Eles vão falar sobre essa dança por séculos.

Ela piscou e fechou a porta na cara deles.

O sono escapou de Cordelia naquela noite. Muito tempo depois que os meninos a largaram na casa em Kensington, muito depois que ela subiu os degraus do quarto, muito tempo depois que seu novo vestido foi descartado em uma pilha de seda de bronze no chão, ela ficou acordada, olhando para o teto de gesso branco do quarto. Ela ainda podia sentir os lábios de James nos dela, o toque de suas mãos e dedos em seu corpo.

Ele a beijou com desespero violento, como se estivesse morrendo por ela. Ele havia dito o nome dela: *Daisy, minha Daisy.* Ele não tinha? No entanto, quando chegaram a Kensington, ele a ajudou a descer da carruagem e deu-lhe boa noite casualmente, como se fossem simplesmente os amigos que sempre foram. Ela tentou guardar a lembrança de como era beijá-lo em sua mente, mas ela desapareceu e desapareceu apenas com a lembrança da doçura, como a fumaça na sala dos sussurros.

16

LEGIÃO

O mar desistiu de seus mortos, e a morte e a sepultura desistiram de seus mortos.

- Revelações 20:13

Quando Cordelia chegou ao Instituto no final da tarde, encontrou Lucie e os Ladrões Alegres no salão de baile, claramente aproveitando o fato de que Will e Tessa haviam saído em patrulha diária. Havia lençóis brancos jogados sobre os móveis e o piano, e a única luz vinha das janelas em arco, cujas pesadas cortinas de veludo haviam sido puxadas para trás. Mesmo no pouco tempo decorrido desde o baile, o chão levemente granulado de poeira.

Lucie, Christopher, James, Matthew e Thomas estavam em círculo em torno de um objeto que havia sido colocado no meio da sala. Quando Cordelia se aproximou deles, ela o reconheceu com a Pyxis que Anna havia entregado a James na noite anterior.

À luz do dia aguado, Cordelia podia ver com mais clareza. Era de madeira dourada escura, com o padrão dos *ouroboros*, a cobra engolindo o próprio rabo, queimada em quatro dos lados. Uma alça se projetava do topo.

— Cordelia! —Lucie exclamou. — Estávamos trocando informações. Aprendemos muita coisa que foi importante na reunião do Enclave ontem à noite, e parece que você fez alguma coisa no Hell Ruelle. Nada tão convincente, sem dúvida, mas nem todos podemos ser espiões.

— Ouvi falar da reunião pelo meu irmão hoje de manhã — disse Cordelia, juntando-se aos outros em seu círculo improvisado. Como Cordelia, Lucie e os meninos estavam de uniforme. James usava uma jaqueta Norfolk por cima da dele, com a gola da tempestade levantada. Mechas de cabelo preto caíam sobre a testa e beijavam o topo das maçãs do rosto. Ela desviou o olhar rapidamente, antes

que seus olhos pudessem se encontrar. — A quarentena e - e todo o resto.

Alastair ainda estava bravo com ela, mas para ser justo com ele, fora gentil em dar as más notícias sobre Oliver Hayward. Ela não sabia o que dizer sobre isso agora, no entanto. Ela não conhecia Oliver, exceto como uma presença ao lado de Barbara, mas os outros tinham. Ela não podia imaginar o que eles sentiam, especialmente Thomas, que parecia ainda mais tenso e tenso do que antes.

— Parece ainda mais urgente encontrar e prender o demônio responsável por esse contágio agora, antes que ele atinja mais alguém. — disse ela finalmente.

Christopher mostrou com entusiasmo um livro enorme que estava segurando, com os óculos equilibrados na ponta do nariz. As palavras “*Sobre os usos de pyxides e outras filactérias”* estavam estampadas na frente em ouro.

— Parece que essa geração de Pyxis é bastante simples. Quando você deseja prender um demônio, você primeiro o machuca ou enfraquece. Então você coloca os Pyxis no chão próximo e fala as palavras ' *Thaam Tholach Thechembaor* ', e o demônio será sugado para dentro da caixa.

O Pyxis balançou bruscamente, quase tombando para o lado. Todo mundo deu um pulo para trás.

— Está *vivo* — disse Thomas, olhando. — Não é o Pyxis, quero dizer, bem, você sabe o que eu quero dizer.

— De fato — disse James. — Vejo uma falha em nosso plano.

Matthew assentiu.

— Eu vejo também. E se a Pyxis tiver um ocupante? Não havia motivo real para supor que a caixa no Hypatia's estava *vazia*. Poderia ter tido um demônio durante todos esses anos.

Todos se entreolharam.

— O que aconteceria se tentássemos colocar *outro* demônio lá? — Cordelia perguntou finalmente. — Eles poderiam se encaixar?

— Não é uma boa ideia — disse Christopher, consultando o livro. — Como não sabemos que tipo de demônio já existe, não sabemos

se haverá espaço suficiente. As pyxis são maiores por dentro do que parecem, mas ainda são finitas.

— Bem, então temos que esvaziar essa Pyxis — Lucie disse praticamente. — Qualquer coisa pode estar lá. Pode ser um Demônio Maior.

— O que — disse Christopher com tristeza.

— Tenho certeza de que não é — disse James. — Ainda assim, vamos nos mudar para o Santuário. Não importa o que aconteça, podemos pelo menos mantê-lo contido até que a ajuda chegue.

— Por que não? — disse Matthew. — Certamente não há como esse plano dar errado.

James levantou uma sobrancelha.

— Você tem outra ideia?

— Acho que devemos fazê-lo — disse Thomas. — É ridículo chegar tão longe e voltar.

Lucie fungou.

— Bem, é melhor você torcer para que funcione. Especialmente você, James, porque se mamãe e papai descobrirem que você libertou um demônio no santuário, eles o darão como alimento ao demônio.

James lançou a Lucie um olhar sombrio de irmão mais velho que quase fez Cordelia rir. Ela sempre teve um pouco de inveja da proximidade que Lucie e James compartilhavam, algo que ela sempre quis com Alastair, mas nunca teve. Foi bom que em alguns momentos eles fossem perfeitamente comuns.

Eles se mudaram para o Santuário, James carregando os Pyxis com cuidado, como se fosse um dispositivo infernal que pudesse explodir a qualquer momento. Cordelia se viu andando ao lado de James e Lucie. Ela se perguntou se ela e James iriam discutir o que tinha acontecido na noite anterior na Sala dos Sussurros ou se ela ficaria louca em silêncio pensando sobre isso.

— Não se preocupe — Lucie disse ao irmão. — Não será como foi com o papai.

— O que você quer dizer? — Perguntou Cordelia.

James disse:

— Quando ele era criança, meu pai abriu um Pyxis com consequências trágicas. Minha tia Ella foi morta.

Cordelia ficou horrorizada.

— Talvez não devêssemos...

— Isso vai ser diferente — disse Lucie, e Cordelia não tinha certeza se Lucie estava tranquilizando a si mesma ou a James. — Nós sabemos no que estamos entrando. Papai não.

Eles haviam chegado ao Santuário, a única sala do Instituto em que os Submundos podiam entrar livremente sem serem convidados por um Caçador de Sombras. Era protegido por feitiços que os impediam de entrar no corpo principal do Instituto. Reuniões com destaque Os Submundanos eram frequentemente mantidos lá, e os Submundanos podiam até procurar refúgio em um Santuário sob os Acordos.

Certamente estava claro que o Instituto de Londres já fora uma catedral e uma grande. Pilares de pedra maciços se estendiam até um telhado abobadado. Thomas havia produzido uma caixa de vestas e estava se movendo pela sala, acendendo uma dúzia de enormes candelabros, suas arandelas recheadas com velas brancas e gordas que lançavam uma luz cintilante. As tapeçarias e pilares foram todos traçados com desenhos de runas, assim como os ladrilhos do chão. Cordelia teve que admitir que, se alguém iria libertar um demônio, este parecia um dos melhores lugares para fazê-lo.

No meio da sala havia uma fonte de pedra seca, no centro da qual estava a estátua de um anjo com asas dobradas, o rosto de pedra riscado de linhas negras como lágrimas.

James colocou a caixa no chão, diretamente em cima de uma runa de poder angelical. Ajoelhou-se, estudando os Pyxis. Depois de um momento, ele pegou uma lâmina serafim apagada de dentro do casaco.

— Armem-se, pessoal — disse ele.

Cordelia desembainhou Cortana; os outros sacaram lâminas serafins como James havia feito, exceto Thomas, que pegou seu *bolas*. James estendeu a mão e segurou o cabo dos Pyxis.

A mão de Cordelia apertou o punho da espada.

James torceu a maçaneta de lado, como se estivesse girando um saca-rolhas. Houve um *clique* alto quando a Pyxis se abriu. Por todo o santuário, as velas brancas cuspiram e calharam. James pulou de volta, erguendo sua lâmina.

Houve um som como o apito de um trem à noite, e a fumaça subiu dos Pyxis abertos, trazendo consigo um cheiro sujo e queimado. Cordelia tossiu, levantando Cortana. Ela ouviu James gritar: *"Barachiel!"* e a luz de sua lâmina serafim cortou a fumaça, seguida pelas lâminas dos outros - Matthew, Christopher e Lucie.

Algo estava subindo através da fumaça - algo como uma lagarta enorme, de cor esverdeada, com um corpo segmentado e ondulado e uma cabeça lisa cortada por uma boca sem lábios. A boca se abriu, mostrando fileiras e mais fileiras de dentes enegrecidos. Então, para surpresa de Cordelia, falou.

"Finalmente estou livre", assobiou. *“Eu, Agaliarept, sou livre para recuperar o domínio do meu mestre, roubado dele por um demônio de grande astúcia. Recuperarei seu mundo perdido e inundarei este com sangue e morte.* Sua cabeça cega virou-se para os Caçadores de Sombras. *“Quem me libertou, qual é a sua oferta? Fale! Sou ordenado a fazer qualquer coisa que você pedir.”*

— Qualquer coisa? — disse Matthew curiosamente.

Houve um flash de luz quando a lâmina serafim de James arqueou através da fumaça e mergulhou no meio do demônio. Icor negro pulverizou quando o demônio gritou em uma voz alta e estridente. As velas se apagaram e apagaram quando James puxou sua lâmina; ele estava coberto de líquido preto, mandíbula cerrada, olhos brilhando.

O demônio uivou e desapareceu, deixando apenas fumaça e fedor para trás.

Lucie cambaleou para trás, tossindo, com o rosto torcido de nojo.

— Mas teria feito a nossa licitação! — Matthew protestou.

— Parecia indigno de confiança — disse James, limpando o icor do rosto com a manga. Sua lâmina serafim ficou escura.

— Eu pensei que ele parecia bem, para um demônio — disse Christopher. — Você sabe.

— *O que* está acontecendo aqui? — disse uma voz alta.

Todos se viraram, Cordelia erguendo Cortana reflexivamente. Ela afastou a fumaça do rosto e olhou.

Alguém entrou pela porta da rua lá fora. Um homem alto - muito alto, com uma mecha de cabelo preto. Sua pele era marrom, um tom mais escuro que o de Cordelia, seus olhos verde-dourados e com fendas como os de um gato. Ele estava vestido como se fosse para um casamento de verão, com um casaco cinza e calças, com luvas e botas de camurça cinza. A roupa foi coroada por um magnífico colete de brocado cinza e magenta, uma bengala e brilhantes magenta.

— Magnus *Bane*? — disse Matthew, com uma mistura de espanto e horror. Magnus Bane caminhou um pouco para o Santuário, balançando a cabeça enquanto estudava a cena diante dele.

— Eu quero saber o que vocês estavam fazendo, mas devo confessar que tenho medo de descobrir — ele disse. — Um ponto de convocação de demônios, eu acho?

— É um pouco complicado — disse James. — Olá, Magnus. É bom te ver.

— Da última vez que vi *você*, você estava de bruços na Serpentine — Magnus disse alegremente. — Agora você está brincando com um Pyxis. Vejo que você decidiu seguir a longa tradição de tomada de decisão de Herondale.

— Eu também! — Lucie disse, determinada a não ficar de fora.

— Eu vim de Jacarta para ter uma reunião com Tessa e Will sobre esse negócio de peste demoníaca à luz do dia — disse Magnus. — Ainda assim, quando bati na porta da frente, ninguém respondeu. Assim, fui forçado a entrar pelo santuário.

— É estranho que eles tenham pedido para você vir aqui agora — disse Thomas. — Todo mundo com mais de dezoito anos está procurando os demônios responsáveis pelos ataques.

Magnus franziu a testa. Ele levantou a mão para encarar o relógio caro no pulso e gemeu.

— Parece que esqueci de voltar o relógio e, portanto, cheguei seis horas mais cedo. Inferno.

Matthew parecia encantado.

— Nós poderíamos tomar chá. Sou um verdadeiro entusiasta do seu trabalho, Sr. Bane. Além disso, do seu estilo pessoal. Seus coletes sozinhos já...

— Matthew, cale a boca — disse Thomas. — Sr. Bane não quer falar sobre coletes.

— Falso — disse Magnus. — Eu sempre quero falar sobre coletes. Mas admito que estou mais curioso sobre essa Pyxis. — Ele se aproximou e cutucou a caixa com sua bengala de Malaca. — Estou certo ao deduzir que você abriu a caixa de propósito e deixou um demônio Palpis sair?

— Sim — disse James.

— …Por quê? — disse Magnus.

— Precisamos ser capazes de usar a Pyxis — explodiu Matthew. — Para prender um demônio. Então tinha que estar vazio. Estávamos apenas... limpando tudo.

James suspirou.

— Matthew, você seria um espião terrível. Você pode não sofrer tortura, mas diria a alguém qualquer coisa que eles quisessem saber em troca de um belo par de calças.

— Oh, pelo amor de Deus — disse Cordelia. Ela se virou para Magnus. — Você quer que esse negócio de demônios acabe, certo? Você não quer que mais Caçadores de Sombras morram?

Magnus pareceu surpreso ao ser abordado com tanta força.

— Geralmente não estou do lado de demônios assassinos, não.

— Então talvez você possa nos ajudar — disse James, e rapidamente delineou o plano deles, ou pelo menos o máximo que ele poderia dizer sem desrespeitar Ragnor.

Sua crença de que estavam procurando um tipo de demônio que só poderia ser preso por uma Pyxis. A visão de James do reino das sombras e o motivo para pensar que o demônio estaria na Tower Bridge. Enquanto ele falava, Magnus parecia cada vez mais curioso. No final da história, Magnus estava sentado ele mesmo na beira da fonte, suas longas pernas esticadas na frente dele.

— Essa é uma coleção de suposições — disse ele, quando James terminou. — Mas devo perguntar, especialmente você, Lucie

e James - por que você não procura a ajuda de seus pais nisso? Por que o segredo?

— Porque fizemos uma promessa — disse Matthew. — À pessoa que nos deu a chave que desbloqueou grande parte dessas informações. E não podemos quebrá-lo.

Magnus deu um sorriso estranho de lado.

— Ragnor me disse que confiou a vocês algumas informações, e parece que vocês não traíram a confiança dele. Poucos Caçadores de Sombras honrariam tal promessa feita a um Submundano. Como sou o melhor amigo de Ragnor, ou pelo menos a única pessoa que pode tolerá-lo por longos períodos, guardarei seu segredo. — Ele olhou de James para Lucie. — No passado, quando eu conhecia bem seus pais, eles provavelmente estariam liderando esse plano. — Ele levantou-se. — Mas agora eles não são mais crianças. Eles são pais e, portanto, dedicados a algo que amam mais do que suas próprias vidas. Então, de fato, talvez não devessem ser informados.

Até Matthew não teve resposta para isso.

— Bem, boa sorte — disse Magnus, pegando sua bengala. — Suponho que irei ao Hatchards por algumas horas. Não há distração melhor neste mundo do que se perder nos livros por um tempo.

Cordelia deu um passo à frente, com as mãos estendidas como se para impedi-lo de sair.

— Senhor. Bane — ela disse. — Eu sei que é pedir muito, especialmente quando você prometeu guardar nossos segredos. Mas você poderia nos ajudar?

Magnus bateu com os dedos enluvados na cabeça da bengala.

— Você é uma Carstairs, certo? Cordelia Carstairs?

— Sim, sou prima de Jem — disse Cordelia. — Olha, nós sabemos que esse é um plano louco, mas pode salvar muitas vidas. Você não precisa nos ajudar diretamente ou se envolver na luta. Eu entendo que você sente lealdade aos nossos pais. Mas você poderia nos ajudar bastante lançando um feitiço para manter os mundanos longe da Tower Bridge enquanto nos aventuramos nela. Seria mais seguro para eles também.

Magnus hesitou. Estava completamente silencioso no santuário. Cordelia imaginou que podia ouvir o som do sangue batendo em

seus ouvidos enquanto Magnus considerava seu pedido.

Por fim, o feiticeiro encolheu um ombro de seda.

— Muito bem — disse ele. — Mesmo que o desgraçado verde Ragnor tenha fugido para Capri, eu não acho que ele gostaria que vocês se colocassem em perigo por causa de uma promessa a ele. Vou ficar de olho em vocês, mas lembrem-se - se eu vir algo que acho que Will e Tessa precisam saber, vou contar a eles sobre isso depois.

Depois de reunir o que eles precisavam da sala de armas - James foi carregado com mais de uma dúzia de facas de arremesso especialmente projetadas por Christopher -, o grupo desceu Ludgate Hill e Cannon Street enquanto o sol se punha na cidade. James se pegou olhando de relance para Cordelia quando tinha certeza de que não seria observado; ela estava conversando profundamente com Lucie, com as cabeças juntas enquanto caminhavam. Os cabelos escuros de Cordelia tinham sido puxados para trás, formando um coque suave, deixando exposta a nuca marrom clara.

James tentou não pensar no fato de que ele sabia como era enrolar os dedos na parte de trás do pescoço enquanto beijava a boca dela. Ele tinha certeza de que, se pensasse nisso, o deixaria louco e ele não seria mais útil para ninguém.

Aqueles momentos no Whispering Room com Cordelia foram como nada mais em sua vida. Nenhuma outra experiência foi comparável, e certamente nenhum momento com Grace. Mas o que isso dizia sobre ele? Ele não tinha amado Grace, e amor não era o mesmo que desejo? Um não crescia do outro? E ele não podia amar Cordelia. Não era possível que ele estivesse apaixonado por Grace apenas alguns dias atrás e transferisse seus afetos tão rapidamente.

Ele queria conversar desesperadamente com Cordelia, mas o que ele diria? Ele não podia dizer a ela que a amava, mas também não podia se arrepender pelo que havia acontecido na noite anterior. Se ele tivesse que escolher entre uma longa vida de paz e felicidade

e outros cinco minutos como os que passara com Cordelia na Sala dos Sussurros, ele não ousaria adivinhar o que escolheria.

— Você está bem? — Para surpresa de James, Magnus se juntou a ele quando passaram pela igreja de St. Margaret Pattens. — Eu tenho que admitir — acrescentou Magnus — eu estava esperando falar com você hoje à noite, então talvez esse desenvolvimento seja fortuito.

— Por que você estaria esperando falar comigo? — James enfiou as mãos nos bolsos do paletó. Abotoava-se bem perto do corpo, permitindo facilidade de movimento durante a luta. — Se você está preocupado com o fato de eu ter continuado minha carreira de atirador de candelabros, ficará aliviado ao saber que, de acordo com a Clave, passei a vandalizar estufas.

Magnus apenas levantou uma sobrancelha.

— Henry — disse ele. — Antes de ir para Idris, ele me enviou um frasco de sujeira para analisar. Disse que ele não conseguia entender. Ele também disse que você deu a ele.

James tinha quase esquecido que Magnus e Henry eram bons amigos e tinham, famosamente, inventado a magia que criou os Portais.

— E? — ele disse cautelosamente.

— São coisas estranhas — disse Magnus. — De fato, não é deste mundo.

Eles chegaram ao fundo da Great Tower Street e estavam se aproximando da Torre de Londres. Bandeiras tremulavam das torres da Torre Branca, iluminadas vagamente contra os últimos raios de sol do pôr-do-sol. Magnus evitou agilmente um grupo de turistas com câmeras e levou James pela Tower Hill, com a mão no ombro.

James abaixou a voz, embora os outros estivessem distantes. Matthew, que carregava os Pyxis, havia parado para apontar algo sobre a Torre para Cordelia.

—O que você quer dizer?

— Você sabe que existem outros reinos — disse Magnus. — Outros mundos além deste.

Pense no universo como um favo de mel, cada uma de suas câmaras um reino diferente. Portanto, algumas câmaras ficam

próximas uma da outra.

— Demônios vêm deles, sim. Eles viajam através das dimensões para alcançar nosso mundo e outros.

Magnus assentiu.

— Existem alguns mundos governados por demônios, geralmente demônios maiores. Esses mundos podem ser imbuídos da própria essência dessas criaturas. A sujeira que você deu a Henry vem de um desses lugares. Uma dimensão sob o poder do demônio Belphegor.

— Belphegor? — O nome foi imediatamente familiar. — Ele é um dos príncipes do inferno, não é?

— Eu sei o que você está pensando — disse Magnus, batendo a bengala contra os paralelepípedos. — Jem também me contatou sobre você. Parece que todas as estradas levam a James Herondale hoje em dia.

James esfregou as mãos frias. O vento do rio era forte.

— Jem entrou em contato com você?

— Sobre o seu avô — disse Magnus. — Ele me disse que era um príncipe do inferno. — Ele olhou para o céu escuro. — Você está se perguntando agora se pode ser Belphegor porque o reino que você visita pertence a ele.

— Isso não faria algum sentido? — disse James.

— Poderia. Poderia não significar nada. Posso lhe dizer que não há registro de ninguém avistando Belphegor em mais de um século. — Magnus hesitou. — Jem me disse que você estava desesperado para saber quem é seu avô. Meu próprio pai é um príncipe do inferno. Eles são anjos das trevas, James. Inteligentes, astutos e manipuladores. Eles carregam o conhecimento de milhares de anos de vida. Como anjos, eles viram a face do divino, mas se afastaram dela. Eles escolheram a escuridão, e essa escolha reverberou por toda a eternidade. Eles não podem ser mortos, apenas feridos, e nada de bom pode vir de conhecer um Príncipe do Inferno. Eles nunca podem causar nada além de tristeza.

— Mas não seria melhor para mim saber...

— Chamei meu pai uma vez. Foi o pior erro da minha vida. James, você não é definido por isso - por este sangue em você. Não

encontrei nenhum sinal, nem indício de quem é seu avô, e aconselhei Jem a parar de procurar. Isso não importa. Você é quem você é, feito pela soma de suas escolhas e ações. Nem uma colher de chá de sangue de demônio.

— Então você *não* acha que é Belphegor? — disse James. — E Sammael?

Magnus bufou.

— Bom Deus, você é determinado. Lembro-me de procurar um demônio para seu pai, uma vez. Ele era igualmente teimoso. — Ele apontou com sua bengala. — Veja. Aqui estamos.

Eles estavam em frente à ponte; embora estivesse muito escuro agora e as lâmpadas de gás estivessem acesas, ainda havia uma boa quantidade de tráfego - até mesmo o ocasional carro ronronando ao longo da Tower Bridge Approach.

Os outros começaram a se reunir. Relutantemente, James abandonou o assunto de seu avô.

— Então, você acha que pode fazer isso? — ele perguntou a Magnus. — Criar uma distração? Ou deveríamos voltar mais tarde, quando houver menos mundanos?

Os olhos de Magnus brilharam.

— Não há necessidade disso — disse ele. Ele caminhou até o parapeito ao longo da beira do rio, onde um muro alto descia para uma praia pedregosa que corria ao lado e abaixo da ponte. Com um floreio, ele tirou as luvas e as enfiou no bolso do colete. Então ele estendeu as mãos. Fogo azul acendeu na ponta dos dedos.

A luz surgiu sobre o Tamisa. Brilhante como mil faróis de nafta, formava um caminho cintilante, de margem a margem do Tamisa. James ouviu Cordelia suspirar de espanto quando a luz subiu e se retorceu, formando a forma fantasmagórica de uma ponte da torre cintilante feita de luz. Era perfeito até o último detalhe, das torres aos cabos de teia de aranha e correntes reluzentes.

Magnus abaixou as mãos. Ele estava respirando com dificuldade.

— É espetacular — disse Thomas, e havia um olhar de verdadeira maravilha em seu rosto que James estava feliz em ver. — Mas...

— Não vai parecer aos mundano como parece para você — disse Magnus. — Eles não verão a ponte real. Eles verão isso em seu lugar. Veja.

Ele indicou um táxi hansom que se aproximava com um aceno de mão. O pequeno grupo de Caçadores de Sombras ficou boquiaberto quando se virou em direção à ilusão cintilante da Tower Bridge e no convés da ponte. As rodas do hansom chocalharam sobre o asfalto cintilante.

— Oh, bom, eu tinha medo que a ponte desabasse — disse Lucie, à medida que mais carruagens seguiam o táxi.

Magnus parecia ter atraído um glamour sobre a entrada da ponte real, pois todo o tráfego, pedestres e até ônibus, parecia desviar inconscientemente para a estrutura secundária e brilhante de Magnus.

— Magnus nunca criaria uma ponte que entraria em colapso — disse Matthew. Seus olhos verdes estavam brilhando, e James sentiu uma onda de carinho por seu *parabatai*; Matthew sempre amou magia. Provavelmente era por isso que ele parecia tão à vontade no Hell Ruelle e lugares como ele, cercados por fogo encantado e feiticeiros de olhos estrelados.

— Obrigado — disse Magnus secamente. — Se você vai capturar esse demônio, é melhor chegar a ele. Só posso manter essa ilusão por um certo tempo.

James inclinou a cabeça.

— Obrigado.

Magnus apenas balançou a cabeça levemente.

— Boa sorte. Não morra.

James já havia se virado e estava caminhando pelo arco isso levou aos degraus até a ponte, os outros logo atrás e ao redor dele. Todos eles seguravam lâminas serafins, exceto Cordelia; como sempre, Cortana brilhava em sua mão.

James pensou que parecia haver uma espécie de sombra pairando sobre a ponte, uma escuridão que ele atribuíra à sombra do glamour que Magnus lançara. Mas quando eles subiram os degraus, com as lâminas serafins a mostra, o mundo começou a

escurecer diante dos olhos de James. As lâmpadas de gás piscaram loucamente e apagaram-se.

As torres de pedra racharam e enegreceram, linhas profundas e irregulares se espalhando pela calçada abaixo deles. O vento aumentou, e as pesadas correntes de suspensão de aço pareciam balançar: as nuvens no céu agitaram e escureceram no céu cinza escuro. Havia um cheiro ácido no ar, como se uma tempestade estivesse se aproximando.

— Jamie. — Matthew ainda estava ao lado dele quando James se virou para olhar seu *parabatai*, percebendo que os cabelos de Matthew pareciam brancos, como os de um homem velho. A cor estava saindo de tudo, transformando o mundo em uma fotografia. Ele respirou fundo. — Você está bem? Você parece...

— Eu posso ver o reino das sombras. — A própria voz de James parecia oca para ele, distante e ecoando. — Está ao meu redor, Math. A ponte está lascando ...

A mão de Matthew apertou seu braço. Seus dedos pareciam a única coisa quente em um mundo feito de gelo e cinzas.

— Não há nada de errado com a ponte. Está tudo bem, Jamie.

James não tinha certeza de que isso era verdade. A ponte parecia deformada e quebrada. Das rachaduras no granito, uma luz avermelhada. A luz cor de sangue de sua visão.

Os outros estavam se espalhando, olhando para cima e para baixo da ponte. Nuvens corriam de um lado para o outro acima da ponte como mensageiros ansiosos.

James inclinou a cabeça para trás. Mais nuvens estavam se acumulando diretamente acima. Eles eram pesados e avermelhados, quase de aparência molhada, como se estivessem cheios de sangue. James estreitou os olhos. Ele pensara poder ver estrelas através das nuvens, algumas estrelas fracas pairando acima das passarelas superiores da ponte. Não eram estrelas, ele percebeu, instintivamente deslizando uma faca de arremesso da bainha na cintura. As estrelas não tinham pupilas ou íris escarlates. As estrelas não piscavam.

James puxou o braço para trás e jogou a lâmina.

Veio gritando no ar como um falcão de mergulho - um demônio do tamanho de um ônibus, com a pelagem amarelada manchada de sangue seco. Ele disparou direto para James, um borrão de dentes pretos e garras vermelhas - e um cabo de ouro, onde o punho da faca de James se projetava de seu ombro.

James ficou de pé na ponte, com o braço direito estendido e lançou uma segunda lâmina. O demônio saiu do caminho da faca e aterrissou na ponte, com os pés com garras espalhados. Começou a se mover em direção aos Nephilim.

Cordelia ergueu Cortana, sua lâmina de ouro cortando o ar. Ao seu redor, ela podia ouvir vozes quando as lâminas dos anjos foram nomeadas e brilhavam em luz: *"Eleleth!" "Adamiel!" "Jophiel!"*

O demônio arreganhou os dentes quando uma luz serafim iluminou a ponte. Cordelia podia ver com mais clareza agora: o corpo de um leão sarnento com pernas alongadas, cada uma terminando em uma enorme pata com garras. Sua cabeça era de cobra e escamada, com olhos vermelhos brilhantes e uma tripla fileira de mandíbulas serrilhadas. A cauda de escorpião chicoteava para frente e para trás enquanto andava em direção a James, um rosnado baixo saindo de sua garganta.

Pelo anjo, Cordelia pensou. *Nós estávamos certos. Ele* é *um Mandikhor.*

James pegou uma lâmina serafim enquanto o demônio andava em direção a eles.

"Raguel!"

A lâmina explodiu quando o demônio se lançou, os dentes à mostra. James se jogou de lado, evitando suas garras cortantes. Matthew largou o Pyxis e correu para a frente para flanquear James, a lâmina serafim piscando. A ponta cortou o ombro do demônio quando saltou para trás, fazendo-o uivar. Ele se levantou e Cordelia ouviu Lucie gritar quando o demônio parecia tremer por todo o lado. Um nódulo grotesco inchou sob a pele do lado - inchou e inchou e depois explodiu em uma *coisa* pegajosa e negra. Cordelia tentou

não engasgar quando a coisa se afastou do Mandikhor, caindo no chão. Quando se levantou, Cordelia o reconheceu como uma das criaturas que os atacaram no Regent's Park. Um demônio Khora.

Ele disparou em direção a Matthew, que xingou e cortou com sua lâmina serafim. Cordelia avançou, apenas para encontrar outro demônio Khora. O demônio havia derramado vários outros: dois saltaram em direção a Christopher e Thomas, saltando pelo ar como aranhas negras. Lucie correu para se juntar a eles, empalando um dos Khora por trás: ele desapareceu, respingando cinzas e icor, enquanto Christopher e Thomas despachavam o outro.

Cordelia jogou Cortana para frente com um movimento cortante, destruindo o demônio na frente dela com tanta força que a lâmina passou pelo Khora, continuou e se encaixou nos trilhos de granito da ponte. Ela a libertou quando o demônio desapareceu com um uivo. A lâmina de Cortana estava manchada de preto, mas não estava danificada. *Suponho que realmente* possa *cortar qualquer coisa,* ela pensou atordoada, antes de se virar para voltar à batalha.

Ela avançou quando James atirou uma faca, prendendo um dos demônios das sombras nos cabos da ponte como uma borboleta hedionda. Ele lutou e sibilou quando Matthew e James saltaram para o parapeito da ponte, suas lâminas serafins brilhando em suas mãos enquanto matavam sombra após sombra.

Mas não importava quantas dessas criaturas das sombras eles mataram, Cordelia sabia. O Mandikhor poderia fazer um número infinito de Khora: era a fonte deles, e a fonte teve que ser destruída.

— Christopher! — ela ouviu Thomas gritar. Ela girou e viu que um grupo de Khora estava começando a circundar Christopher. Mesmo enquanto Christopher tentava se libertar, o círculo se apertou. Lucie e Thomas correram em sua direção - James e Matthew saltaram do parapeito - mas Cordelia, erguendo a espada, correu para o outro lado, em direção ao Mandikhor.

Ele estava assistindo Christopher e os outros, lambendo os lábios quando o Khora se aproximava. Agora ele recuou quando Cordelia se aproximou, mas tarde demais - ela se lançou para frente, Cortana afundando profundamente no torso da criatura. Icor quente derramou em sua mão, e o mundo parecia se inclinar ao seu

redor, a cor saindo dela como o sangue de uma ferida. Ela estava na ponte entre sombras em preto e branco e árvores retorcidas e retorcidas - os cabos de suspensão pendiam como videiras podres, escurecendo no ar da noite. Ela puxou Cortana para trás, ofegando, e caiu de joelhos. De repente, ela sentiu uma mão em seu braço. Ela ficou de pé e olhou com surpresa para Matthew, olhando-a com o rosto muito branco.

— Cordelia.

— Ela está bem! — Era Lucie, salpicada de sangue e icor, segurando a caixa de Pyxis. Os outros se espalharam ao redor de Cordelia: James tinha sua lâmina em uma mão, seu olhar treinado no rugido e sangrento Mandikhor.

A ponte estava vazia de Khora. Cordelia havia distraído o Mandikhor apenas o tempo suficiente para que os outros matassem as criaturas das sombras; mas o Mandikhor estava rosnando agora, outro caroço já começando a inchar em suas costas.

— *Agora!* — Lucie chorou. — Precisamos colocá-lo na Pyxis!

— Coloque a caixa no chão! — Era Thomas, saltando sobre o parapeito, com as *bolas* na mão. — Christopher, diga as palavras!

Christopher se aproximou dos Pyxis. O Mandikhor, percebendo o que estava acontecendo finalmente, atacou.

Christopher gritou, com uma voz que cortou o barulho da batalha: — *Thaam Tholach Thechembaor!*

Os símbolos alquímicos esculpidos na caixa Pyxis acenderam como se as linhas da madeira estivessem queimando: pareciam florescer na madeira, brilhando como carvão.

Uma lança de luz disparou da Pyxis e depois outra e outra. Os raios de luz flechavam ao longo da ponte, envolvendo o Mandikhor em uma gaiola brilhante. Ele soltou um uivo - a jaula de luz acendeu uma última vez e foi sugada de volta para a Pyxis, o Mandikhor desaparecendo com ele.

Houve um longo silêncio. James limpou o sangue em seu rosto, seus olhos dourados queimando. A mão de Matthew ainda estava envolvida no braço de Cordelia.

— Não pretendo abafar as coisas — disse Thomas finalmente, — mas - funcionou? Porque parece um pouco...

A Pyxis explodiu. Os Caçadores de Sombras gritaram e mergulharam fora do caminho quando estilhaços de madeira sopraram em todas as direções. O vento atravessou a ponte, deixando Cordelia de joelhos, um furacão uivante de ar com cheiro de fogo.

Por fim, os uivos cessaram. A ponte estava vazia e silenciosa, apenas o vento soprando um pouco de lixo descartado pela estrada. Cordelia se levantou e estendeu a mão para ajudar Lucie a segui-la. À frente, ela ainda podia ver a luz cintilante da ponte de Magnus, o tráfego mundano ainda atravessando a ponte.

— ... muito fácil — terminou Thomas. Seu rosto estava manchado de fuligem.

— Inferno — disse James, pegando uma faca, exatamente como o mundo parecia para explodir em torno deles.

Do vento e do ar, o Mandikhor apareceu de repente, duas vezes maior do que antes, e vestido na escuridão irregular. Ele se ergueu acima deles como uma sombra desenhada em sangue, a cabeça jogada para trás, cada uma das garras brilhando como uma adaga.

James atirou a faca no momento em que o Mandikhor saltou em sua direção, sombras saindo dela e correndo pela ponte em todas as direções. O mundo ficou cinza e preto novamente. James podia ver Londres em ambos os lados do rio, mas era uma Londres em ruínas, a Torre estilhaçada e quebrada, fogos queimando ao longo dos cais, as torres enegrecidas das igrejas em pé como esqueletos contra um céu manchado de fumaça. Ele podia ouvir seus amigos ao seu redor, seus gritos e gritos enquanto lutavam contra as sombras, mas ele não podia mais vê-los. Ele estava sozinho em seu reino de pesadelo.

O Mandikhor saltou em sua direção e agarrou-o. James havia sido preparado para um ataque, mas isso era algo diferente: o demônio estava segurando-o com força, garras afundadas na frente de sua jaqueta. Seus lábios se curvaram para trás dos dentes.

"Venha comigo", o demônio assobiou. *"Venha comigo, filho de demônios, para onde você será honrado. Você vê o mesmo mundo que eu. Você vê o mundo como ele realmente é. Eu sei quem é sua mãe e quem é seu avô. Venha comigo."*

James ficou frio.

Eu sei quem é sua mãe e quem é seu avô. Ele pensou no demônio no parque: *por que destruir sua própria espécie?*

— Eu sou um Caçador de Sombras — disse ele. — Eu não vou ouvir suas mentiras.

"Você sabe que eu falo a verdade", disse o Mandikhor, seu hálito quente queimando a pele de James. "*Juro pelos nomes de Asmodeus, de Belial, de Belphegor e Sammael, que posso acabar com este flagelo se você vier comigo. Ninguém mais precisa morrer."*

James congelou. Um demônio, jurando sob os nomes dos príncipes do inferno. Uma voz na parte de trás da cabeça dele gritou: *Faça! Vá com ele! Acabar com a doença, a morte!* Outra voz, mais calma, mas mais firme, sussurrada, *Demônios mentem. Mesmo quando eles juram, eles mentem.*

— Não — ele disse, mas sua voz tremia.

O Mandikhor sibilou.

"Tão ingrato", dizia. *"Você sozinho pode andar entre o mundo da Terra e o reino sombrio."*

James olhou nos olhos vermelho-sangue do demônio.

— Você quer dizer o reino de Belphegor?

O Mandikhor fez um barulho horrível; depois de um momento, James percebeu que estava rindo.

"Exatamente como um ser humano", dizia, *"saber tanto e, ainda assim, saber tão pouco".*

James abriu a boca para falar, assim como uma luz dourada em arco queimou o ar.

— Deixe-o em paz! — Cordelia gritou, enquanto Cortana dividia a escuridão.

James pulou livre, rolando para longe do demônio e se levantando enquanto Cordelia se jogava no Mandikhor. O ouro da espada era a única cor no mundo em preto e branco - o ouro e o

vermelho-fogo de seus cabelos. Cortana chicoteou para frente e para trás - sua lâmina cortou o peito do demônio, abrindo uma longa ferida negra - o demônio uivou e atacou, sua pata maciça batendo em Cordelia e fazendo-a voar. Cortana caiu de sua mão, derrapando sobre a ponte enquanto se lançava sobre o parapeito com um grito.

James ouviu Lucie gritar: — Daisy — e o som de um respingo distante. O mundo pareceu ficar silencioso quando ele se inclinou para pegar Cortana. Ele caminhou em direção ao Mandikhor, seu sangue queimando.

O demônio havia afundado nas pernas anteriores. Estava sangrando pela ferida que Cordelia havia feito, espalhando-se ao redor como uma sombra.

"Você não pode me matar aqui", rosnou quando James se aproximou. *“Minhas raízes estão profundas em outro reino. Enquanto eu me alimento lá, fico mais forte. Sou uma legião que não pode ser tocada.”*

Com um assobio final, desapareceu.

A cor voltou ao mundo. James girou, Cortana na mão: ele podia ver a ponte como sempre fora, ouro e branco opaco ao luar, e seus amigos correndo em sua direção. Ele não viu Lucie. Lembrou-se dela chamando o nome de Cordelia. Lembrou-se do som da água.

Cordelia. Cordelia.

— Onde ela está? — Matthew ofegou quando se aproximou de James. — Onde está Cordelia?

— Ela está no rio — disse James, e começou a correr.

Lucie olhou freneticamente para o rio. Ela podia ver os degraus que levavam a ele pelo que parecia uma passagem por um prédio ao lado da ponte. Ela desceu as escadas ao nível do solo e se viu em uma rua estreita e mal iluminada, alinhada por armazéns altos, enegrecida com fuligem e sujeira. Havia a passagem, um buraco escuro no prédio mais próximo. Ela correu para ele e viu escadas de pedra descendo com um brilho fraco no fundo: o rio. Ela correu para onde uma velha rampa de paralelepípedo levava à água, uma

barcaça vazia atracada ao lado dela. O rio corria, preto e silencioso, sob o céu nublado; névoa subiu da água.

Não havia sinal de Cordelia. O pânico tomou conta do estômago de Lucie enquanto ela olhava para a água negra. Ela não sabia se Cordelia sabia nadar, e até um nadador forte poderia se afogar nas correntes do Tamisa. E se Cordelia tivesse batido na cabeça ou tivesse sido nocauteada pela longa queda da ponte?

Um soluço ficou preso em sua garganta. Ela deixou cair a lâmina serafim, que estalou contra as pedras lamacentas do banco, e começou a mexer nos botões do paletó. A água não parecia muito profunda. Ela não era uma nadadora forte, mas podia tentar.

Ao longe, ela podia ver a forma envolta em nevoeiro de uma barcaça que descia lentamente pelo centro do rio.

— Socorro! — ela gritou. — Socorro! Alguém caiu no rio! — Ela correu ao longo da margem, acenando freneticamente na barcaça, que estava desaparecendo na névoa. — Traga-a para fora, por favor! — Lucie gritou. — Ajude-me!

Mas a barcaça desapareceu. Ela podia ver figuras na ponte acima dela, a luz misteriosa das lâminas serafins. Os meninos ainda estavam lutando. Ela nunca poderia alcançar Magnus a tempo, nem ele poderia deixar de lado o que estava fazendo: ele precisava permanecer totalmente focado na ilusão da ponte falsa. Ela teria que ir para o rio, mesmo que pudesse se afogar.

Ela deu um passo à frente, sua bota caindo na água rasa e escura. Ela estremeceu quando o líquido gelado escoou através do couro. Ela deu outro passo e congelou.

O rio estava se movendo, subindo, a cerca de três metros da ponte. A água começou a agitar, espuma cinza-amarelada deslizando ao longo de sua superfície escura. Um cheiro amargo flutuava na água: peixe podre, sangue velho e a lama milenar do leito do rio.

O pé de Lucie escorregou em uma pedra solta. Ela ficou de joelhos quando as águas do Tamisa começaram a subir e se separar como as águas do Mar Vermelho. Um brilho branco quebrou a superfície negra da água. Ela olhou por um instante sem

compreender até perceber o que estava vendo. O brilho era a luz da lua no osso lavado pelo rio.

Figuras subiram da água, pálidas como cinzas. Uma mulher com cabelos longos e escuros, o rosto inchado e preto. Uma mulher com um vestido de saia larga, a garganta cortada, os olhos negros e vazios. Um homem maciço com as marcas de uma corda ainda escura no pescoço, vestindo o uniforme estampado de flecha de um prisioneiro.

Ele estava carregando Cordelia nos braços. Fantasmas se erguiam de cada lado dele, um verdadeiro exército de afogados e mortos. No centro de todos, o prisioneiro fantasma segurava Cordelia, o corpo flácido, os cabelos brilhantes encharcados e escorrendo pelos ombros. Seu equipamento estava escuro com a água do rio, tudo escorrendo dela enquanto os fantasmas a carregavam inexoravelmente para a margem do rio e a deitavam.

— Obrigada — Lucie sussurrou.

O prisioneiro fantasma se endireitou. Por um longo momento, todos os fantasmas simplesmente olharam para Lucie, seus olhos vazios e vazios na escuridão. Então eles desapareceram.

— Cordelia? — Lucie tentou se levantar, ir até Cordelia, mas seus joelhos úmidos cederam sob ela. Ao longe, ela sabia que a luta na ponte havia parado. Ela sabia que James e os outros a procurariam, mas cada segundo parecia prolongado por um ano. Sua energia parecia ter fugido completamente de seu corpo. Cada respiração era uma tarefa árdua.

— Cordelia — ela sussurrou novamente, e desta vez Cordelia se mexeu. Com um alívio tão avassalador, Lucie estava quase doente, ela viu os cílios de sua amiga baterem contra suas bochechas. Cordelia rolou para o lado e começou a tossir, seu corpo espasmódico enquanto ela engasgava com a água do rio.

Lucie recuou, meio delirante. Os meninos estavam descendo os degraus da ponte agora, correndo em sua direção e Cordelia, gritando seus nomes. A distância atrás deles veio Magnus, correndo, mas parecendo exausto. Ao se aproximar, ele diminuiu a velocidade e deu a Lucie um olhar peculiar e perscrutador. Ou talvez

ela estivesse imaginando... Pelo menos havia braços em volta dela, Lucie pensou, braços segurando-a, envolvendo-a perto.

Só então isso a pareceu estranho. Ela olhou para cima e viu um rosto pairando sobre o dela, branco como sal, com olhos verde-jade. Atrás de sua cabeça escura, o céu parecia girar. Em volta do pescoço, seu medalhão de ouro ardia como uma estrela. Enquanto ela observava, ele a tocou com dois dedos, apertando os lábios.

— Jesse Blackthorn — Lucie sussurrou, enquanto o mundo se afastava e a luz fraca desaparecia. Ele era o único, ela percebeu. Ele havia chamado os fantasmas. Ele salvara Cordelia. — Por que você fez isso?

Mas a escuridão a atraiu antes que ele pudesse responder.

DIAS PASSADOS: CIRENWORTH HALL 1900

— É meu!

— Certamente não é! — Indignado, Alastair fez outra tentativa de agarrar a espada. Cordelia recuou agilmente, segurando Cortana por cima da cabeça, mas Alastair era mais alto. Ele pisou no pé dela e o arrancou, seus cabelos negros caindo nos olhos quando ele fez uma careta.

— Diga a ela, pai — disse ele. — Diga a ela que não é dela!

— *Kerm nariz*, Alastair. Já chega.

Alto e desbotado, com os cabelos louros prateados, Elias Carstairs tinha uma voz preguiçosa que combinava com seus gestos preguiçosos e econômicos. Ele estava de boa saúde hoje e Cordelia estava feliz. Houve muitos dias que seu pai estava ausente da sala de treinamento, deitado doente em uma sala escura, com um pano úmido sobre os olhos.

Ele se afastou do pilar em que estava apoiando e considerou sua prole com uma indulgência pensativa. Elias sempre foi o mestre de armas deles, quem os treinou nas artes físicas da Caça às Sombras desde que eram pequenos.

Foi ele quem transformou o salão de baile em Cirenworth em uma área de treinamento. Ele comprara a casa grande dos mundanos e parecia gostar de remover evidências de sua mundanidade. Ele arrancou o piso de parquet e largou madeira mais macia das árvores em Idris, melhor para amortecer quedas. Lustres foram substituídos por ganchos para pendurar armas e as paredes foram pintadas de amarelo açafrão, da cor da vitória.

Elias viveu em Pequim por muitos anos e favoreceu as armas e estilos de luta de Nephilim lá, do *zhaˇn maˇ da¯o* ao *jiàn* de dois gumes ao *qia¯ng* de cabo longo . Ele ensinou *shua¯ngda¯o a* seus filhos, a arte de manejar duas espadas ao mesmo tempo. Ele pendurou dardos de corda e chicotes nas vigas e construiu uma *lei*

tai, uma plataforma de combate elevada, no extremo oeste da sala. Alastair e Cordelia estavam de pé na *lei tai* agora, olhando um para o outro.

— Cordelia — disse Elias, cruzando as mãos atrás das costas. — Por que exatamente você quer Cortana?

Cordelia parou um momento. Ela tinha treze anos e raramente se incomodava em tentar ficar entre Alastair e as coisas que ele queria. Não havia ninguém no mundo mais teimoso ou exigente que seu irmão, na opinião dela. Mas Cortana era diferente. Ela sonhava em manejar Cortana desde que era uma garotinha - o peso do cabo dourado, o arco da lâmina no ar.

E Alastair, ela sabia, nunca sonhara com isso: ele era um bom lutador, mas em grande parte desinteressado. Ele preferiu seguir a política dos Caçadores de Sombras e planejar as perseguições reais aos demônios.

— Cortana foi feita por Wayland o Ferreiro — disse ela. — Ele fez espadas para todos os maiores heróis. Excalibur para Arthur. Durendal para Roland e Hector. Sigurd, quem matou o dragão Fafnir, usava uma espada chamada Balmung feita por Wayland...

— Cordelia, sabemos tudo isso — disse Alastair, irritado. — Não há necessidade de uma aula de história.

Cordelia olhou furiosa.

— Então você quer ser uma heroína — disse Elias, com um brilho de interesse. Cordelia considerou.

— Cortana tem uma ponta afiada e uma maçante — ela disse. — Por causa disso, costuma ser chamada de espada da misericórdia. Eu quero ser uma heroína misericordiosa.

Elias assentiu e virou-se para o filho.

— E você?

Alastair corou.

— É uma espada de Carstairs — disse ele em breve. — Sou Alastair Carstairs e sempre serei. Quando Cordelia se casar e tiver um passel de pirralhos, um deles acabará com Cortana - e não será um Carstairs.

Cordelia fez um som indignado, mas Elias levantou a mão em silêncio.

— Ele está certo — disse ele. — Cordelia, deixe seu irmão ficar com a espada.

Alastair sorriu, girou a espada na mão e seguiu para a beira do *lei tai*. Cordelia ficou onde estava, com raiva e indignação subindo pela espinha. Ela pensou em todas as vezes que entrara na sala de treinamento para olhar Cortana em sua caixa de cristal, as palavras gravadas em sua lâmina a primeira coisa que ela aprendeu a ler: *Eu sou Cortana, do mesmo aço e temperamento que Joyeuse e Durendal.* Ela pensou na maneira como sempre batia suavemente na caixa, mal a escovando com os dedos, como se quisesse tranquilizar a espada de que algum dia ela seria retirada e empunhada novamente. E quando Elias finalmente abriu a caixa, declarando que hoje era o dia em que ele escolheria o dono de Cortana, seu coração disparou.

Ela não aguentou.

— Mas Cortana é minha! — ela explodiu quando seu irmão alcançou a borda da plataforma. — Eu sei que é!

Alastair abriu a boca para responder, mas apenas ofegou quando a espada se soltou de suas mãos e voou pela sala em direção a sua irmã. Cordelia estendeu a mão como se quisesse afastá-la, assustada, e o punho bateu na palma da mão. Ela fechou a mão ao redor reflexivamente e sentiu um tremor subir pelo braço.

Cortana.

Alastair parecia que ele queria engasgar, mas não o fez. Ele era esperto e autoconsciente demais para ser cuspidor.

— Pai — ele disse. — Isso é algum tipo de truque?

Elias apenas sorriu como se soubesse o que ia acontecer.

— Às vezes a espada escolhe o portador — disse ele. — Cortana será de Cordelia. Agora, Alastair...

Mas Alastair havia saído da sala.

Elias virou-se para a filha.

— Cordelia — disse ele. — Uma lâmina de Wayland o Ferreiro é um grande presente, mas também é uma grande responsabilidade. Algo que um dia possa causar-lhe tristeza.

Cordelia assentiu. Ela tinha certeza de que seu pai estava certo, de alguma maneira distante que os adultos às vezes estavam. Ainda

assim, olhando para a lâmina de ouro de Cortana, ela não conseguia imaginar nada além de estar feliz com ela na mão.

17

17

O MAR OCO

"Oh, de onde você vem, meu querido amigo, para mim, com seus cabelos dourados caídos abaixo do joelho, e seu rosto branco como gotas de neve no léo, e sua voz tão oca quanto o mar oco?"
“Do outro mundo eu volto para você: Minhas madeixas estão desenroladas pelo orvalho ensopado.
Você conhece o antigo, enquanto eu conheço o novo: mas amanhã você também deve saber disso.
- Christina Rossetti, "O Pobre Fantasma"

— Então — disse Will Herondale, um tom sombrio em sua voz, — por algum motivo, você pensou que era uma boa ideia enfrentar um demônio Mandikhor sozinho?

Os olhos de Lucie se abriram. Por um momento, ela pensou que seu pai estava falando com ela e pensou em fugir. Ela descartou a ideia imediatamente - seu corpo estava preso por lençóis e cobertores pesados. Ela piscou para o seu ambiente familiar; de alguma forma, ela foi colocada em sua própria cama em casa. O quarto cheirava confortavelmente a chá e a colônia de seu pai. Não surpreende que ele estivesse sentado em uma cadeira ao lado da cama. Sua mãe estava com a mão no ombro de Will, e James encostou-se a uma parede próxima. Ele claramente não tinha trocado de roupa desde a luta na ponte, embora suas mãos e rosto estivessem limpos de sangue e icor e uma nova runa de cura brilhava em sua garganta.

Alguém colocou a lâmina dourada de Cortana sobre a penteadeira de Lucie. Ela supôs que não houvera chance de devolvê-la a Cordelia após sua recuperação do rio.

— Christopher estava usando um de seus novos dispositivos — mentiu James. — É para captar os traços de magia das trevas. Não achamos que realmente chegaria a qualquer coisa. Por isso não o convocamos.

As sobrancelhas de Will se ergueram.

— Todos vocês seis apareceram na Tower Bridge de uniforme, apesar de pensarem que não chegaria a nada?

Lucie apertou os olhos semicerrados. Melhor que eles pensem que ela estava dormindo. James definitivamente poderia lidar com isso por conta própria: como ele nunca se cansava de lembrá-la, ele era o mais velho.

— Achamos melhor estar preparados — disse James. — Além disso, eu sei que você fez coisas muito mais arriscadas quando tinha a minha idade.

— É terrível a maneira como você continua jogando isso na minha cara — disse Will.

— Bem, acho que eles se saíram muito bem — disse Tessa. — Um demônio Mandikhor não é fácil derrotar.

— E nós não o derrotamos — disse James, sombrio. — Continuará a haver ataques. Os Nephilim ainda estão em perigo.

— Querido, a responsabilidade não depende de você para consertar tudo isso — disse Tessa, sua voz gentil. — Só para saber que o demônio é de fato um Mandikhor ajudará bastante.

— Sim, e você deve dizer a Christopher que a Clave deseja usar esse novo dispositivo dele - parece que poderia ser muito útil — disse Will.

— Ah — disse James. — Tragicamente, o dispositivo foi comido pelo demônio.

Incapaz de ajudar a si mesma, Lucie riu.

— Você está acordada! — Tessa correu para a cama e abraçou a filha furiosamente. — Oh, Lucie!

Will se levantou e a abraçou também. Por um momento, Lucie se divertiu em estar cercada pelo amor e atenção de seus pais, ao mesmo tempo em que ouvia Will repreendendo-a por correr para a margem do rio sozinha.

— Mas eu fiz isso por Cordelia! — ela exclamou, enquanto os pais recuavam, a mãe sentando-se na cama ao lado de Lucie, onde ela podia segurar a mão dela. — Você teria feito isso por Jem, papai, quando vocês eram *parabatai.*

Will recostou-se contra um poste da cama.

— Você não é *parabatai* de Cordelia ainda.

— Não só garotos que podem arriscar suas vidas um pelo outro — Lucie disse ferozmente. — Eu tive que pedir ajuda...

— Sim, e graças ao anjo, um dos barqueiros que passavam viu Cordelia e a trouxe para a praia. — disse Tessa. — Você ajudou a salvá-la, Lucie.

Lucie olhou para James. Ela sabia que ele não tinha visto os fantasmas que haviam tirado Cordelia da água - até Magnus estava longe demais para vislumbrá-los. No entanto, ele parecia pensativo.

— Cordelia estava bem quando ela tossiu a água do rio — disse ele tranquilizadoramente. — Matthew, Christopher e Thomas a levaram para casa em um táxi hansom.

— Mas Cortana ainda está aqui — disse Lucie, indicando a lâmina brilhante. — Daisy ficará infeliz sem ela. É mais do que apenas uma espada para ela. — Ela começou a ficar de pé. — Eu devo levar para ela imediatamente.

— Lucie, não — disse Tessa. — Você precisa descansar...

— Vou levar para Kensington — disse James. Havia um olhar distante em seus olhos. — Desejo verificar Cordelia e garantir que ela esteja se recuperando do rio.

Tessa ainda parecia preocupada.

— Pegue a carruagem, James, por favor — disse ela. — Será mais seguro.

As carruagens Nephilim eram reforçadas com elétrons repelentes a demônios e runas habilmente tecidas por toda a madeira. James suspirou e assentiu.

— E leve Bridget e sua lança enorme — disse Will, fazendo um mau trabalho em esconder um sorriso. — E talvez trocar de equipamento primeiro? Nunca é demais procurar o melhor possível para uma chamada social.

Se ao menos houvesse uma runa para secar roupas, Cordelia pensou com tristeza. Ela sentiu como se estivesse definitivamente sufocando. Ela estava pressionada contra Matthew no banco traseiro do táxi em um banco que enfrentava Thomas e Christopher. Matthew tinha gentilmente jogado sua jaqueta por cima dos ombros dela já que a dela estava molhada; ele estava de camisa, um braço em volta dela, mantendo-a firme. Era uma sensação estranha, mas não desagradável.

Ainda era tudo um borrão - ela lembrou a força com que a pata do demônio a atingiu, a sensação de leveza quando seus pés deixaram a ponte. A lua virando de cabeça para baixo e o rio subindo com uma velocidade terrível. Água negra e amarga, o cheiro de umidade e podridão, a luta para se libertar do que ela achava que agora poderia ser algas. Sua primeira lembrança clara foi de James se inclinando sobre ela com uma estela em uma mão e Cortana na outra. Ela estava sufocando e ofegando, seu corpo convulsionando quando seus pulmões esvaziaram a água. James desenhou *iratze* após *iratze* em seu braço enquanto os ladrões alegres se amontoavam.

Em algum momento, Matthew chegou para assumir o controle, enquanto James corria para Lucie, que havia desmaiado na margem do rio. Magnus também estava lá, assegurando-lhes que Lucie estava bem e sofrendo de nada além de choque. A ponte brilhante que Magnus convocara desaparecera e o tráfego recomeçara sobre a verdadeira Tower Bridge, por isso tinha sido fácil para ele pegar dois táxis hansom e separar firmemente o grupo: Lucie e James para ir ao Instituto, e os Ladrões Alegres restantes para acompanhar Cordelia a Kensington.

Ele também disse a James, em termos inequívocos, que se James não passasse as informações para Will e Tessa que o demônio responsável pelos ataques era um Mandikhor, ele o faria.

Cordelia havia conseguido apertar a mão de Lucie uma vez antes de ela e James serem jogados em seu hansom e afastados.

Cordelia se viu a caminho de casa, tremendo de frio, os cabelos úmidos e úmidos de água do rio.

— Você tem certeza de que está bem? — Thomas perguntou, não pela primeira vez. Ele sentou-se em frente a Cordelia, os joelhos batendo nos dela. Pessoas do tamanho de Thomas não foram feitas para táxis comuns da Hanson.

— Estou bem — insistiu Cordelia. — Totalmente bem.

— Foi incrível a maneira como você atacou aquele demônio, absolutamente magnífico — disse Christopher. — Eu realmente pensei que você o tinha na mira, até cair no rio, é claro.

Cordelia sentiu o ombro de Matthew tremer com uma risada silenciosa.

— Sim — disse Cordelia. — Eu estava sob o mesmo mal-entendido.

— O que aconteceu exatamente? — Thomas disse. — Como Lucie tirou você da água?

Assustada, Cordelia franziu a testa.

— Eu não sei — disse ela lentamente. — Eu não entendo. Ouvi Lucie chamando - chamando meu nome - e então eu só acordei na areia, tossindo.

— A corrente poderia ter trazido-a para terra — disse Christopher. — As correntes do Tamisa podem ser bastante fortes.

Matthew olhou para ela com curiosidade.

— Quando estávamos na ponte, quando James estava lutando com o Mandikhor, parecia que o demônio estava falando com ele. Você ouviu aquilo?

Cordelia hesitou.

Venha comigo, filho dos demônios, para onde você será honrado. Você vê o mesmo mundo que eu. Você vê o mundo como ele realmente é. Eu sei quem é sua mãe e quem é seu avô. Venha comigo.

— Não — ela disse. — Apenas um tipo de barulho rosnado. Nada de palavras.

O táxi parou; eles chegaram na casa dos Kensington, brilhando branco ao luar. A rua estava quieta e pacífica, com um vento soprando no alto dos plátanos.

Cordelia não sabia exatamente como isso aconteceu, mas Thomas e Christopher acabaram esperando no táxi enquanto Matthew a escoltava até a porta da frente, passando pelo corrimão preto e dourado que circundava os jardins.

— Sua mãe vai ficar com raiva? — Disse Matthew.

— Você já ouviu falar da morte por mil cortes? — Cordelia respondeu.

— Sempre gostei da morte por mil gatos, nos quais você está enterrado debaixo de gatinhos — disse Matthew.

Cordelia riu. Eles chegaram à porta preta brilhante. Ela começou a remover a jaqueta de Matthew para devolvê-la; ele levantou uma mão esbelta, marcada como todas as mãos dos Caçadores de Sombras estavam marcadas. Ela podia ver sua runa *parabatai*, impressa sombriamente na parte interna de seu pulso.

— Fique com ela. — disse ele. — Eu tenho pelo menos dezessete, e essa é a mais sem graça.

Dezessete casacos. Ele era ridículo. Ele também era rico, Cordelia percebeu. Claro que ele era. Sua mãe era cônsul por mais tempo do que eles estavam vivos. Suas roupas eram sempre um pouco ultrajantes, mas também eram de aparência cara e bem feitas. Havia uma flor de seda, tingida de verde e presa na botoeira da camisa. Ela tocou a pétala levemente com a ponta do dedo.

— O que isto significa?

— O cravo verde simboliza o amor pela arte e pelo artifício, já que um cravo verde deve ser criado, em vez de aparecer na natureza. — Matthew hesitou. — Ele também comemora amar quem você escolher, seja homem ou mulher.

Um homem ou uma mulher. Ela olhou surpresa para Matthew por um momento: ele era como Alastair? Mas não, ela pensou - parecia-lhe que Alastair preferia apenas homens romanticamente, pois ele dissera que nunca enganaria uma mulher fingindo que a amava. Matthew estava dizendo claramente que gostava de homens e mulheres.

Matthew estava olhando para ela hesitante, como se ele não pudesse entender sua resposta ou talvez pensasse que ela poderia estar com raiva. Ela pensou no olhar magoado nos olhos de Alastair

quando ele percebeu que ela o espionara. Ela pensou nos segredos que as pessoas mantinham e em como eram cicatrizes ou feridas sob a pele. Você nem sempre os via, mas se os tocasse da maneira errada, poderia causar muita dor.

— Eu gosto disso — disse ela. — E tenho certeza que qualquer pessoa que você escolher para ter em sua vida, seja homem ou mulher, seria uma boa pessoa de quem eu gostaria muito.

— Eu não teria tanta certeza de mim, Cordelia — disse Matthew, — ou de minhas escolhas.

— Matthew — disse ela. — O que você poderia ter feito isso seria tão mau?

Ele colocou uma mão no batente da porta, acima da cabeça dela, e olhou para ela. O brilho fraco dos postes iluminava os arcos altos das maçãs do rosto de Matthew e a queda suave e desarrumada de seus cabelos.

— Você não acreditaria em mim se eu contasse.

— Eu acredito que James não teria escolhido você como *parabatai* se houvesse algo tão terrível sobre você.

Ele fechou os olhos por um momento, como se sentisse um lampejo de dor. Quando os abriu, ele estava sorrindo, mas não alcançou seus olhos.

— Você tem sido uma surpresa desde que entrou em nossas vidas — disse ele, e ela sabia que por "nossa" ele se referia aos cinco, os Ladrões Alegres e Lucie. — Eu não senti que nosso pequeno grupo estivesse perdendo nada antes de você chegar, mas agora que você está aqui, não posso imaginar isso sem você.

Antes que Cordelia pudesse responder, a porta se abriu e Risa estava lá. Ela olhou espantada para Cordelia e depois chamou Sona por cima do ombro. A mãe de Cordelia apareceu, envolta em um robe de chambre de seda. Ela olhou de Matthew para Cordelia, pingando água nos degraus da frente, e seus olhos escuros se arregalaram.

— Oh — disse ela, sua voz carregando aquela mistura de desaprovação e preocupação que apenas uma mãe podia. — Oh, Layla. O que aconteceu?

Se Cordelia esperava que sua mãe estivesse com raiva, ela ficou agradavelmente surpreendida. Como um mestre artesão de falsidades, Matthew contou uma história para Sona de bravura, intriga, perigo e romance insinuado. Cordelia estivera no Instituto, afirmou, e teria permanecido leal ao lado de James - pois estava sofrendo a perda de Barbara com grande tristeza - mas sabia que sua mãe se preocuparia se não voltasse para casa. Matthew se ofereceu para acompanhá-la, mas eles foram atacados por demônios na calçada do Tamisa. Cordelia lutou bravamente, mas foi derrubada no rio. Tudo tinha sido muito dramático.

Sona forçou uma barra de creme de chocolate de Fry e um cachecol grosso em Matthew antes que ele pudesse escapar. Ela então foi até Cordelia com uma vontade gelada, certificando-se de tirar a roupa molhada e que Risa preparou um banho quente para ela. Assim que Cordelia saiu do banho e vestiu uma camisola e chinelos, ela se viu reclinada no sofá da biblioteca em frente a uma lareira. Um roupão aconchegante estava em volta dos ombros e Risa colocou uma xícara de chá nas mãos enquanto balançava a cabeça com um ar desaprovador.

Cordelia nunca esteve tão quente em sua vida.

Sona empoleirou-se no braço do sofá. Cordelia observou a mãe cautelosamente por cima da xícara de chá, quase certa de que Sona estava se preparando para uma longa bronca. Em vez disso, seus olhos escuros estavam preocupados.

— Cordelia — disse ela. — Onde está Cortana?

Cordelia começou. Ela sabia quando vira Cortana pela última vez - nas mãos de James, na margem do rio. Mas no caos que se seguiu, ela se esqueceu de retirá-lo antes de subir na carruagem que Magnus havia chamado.

— Eu…

— Não quero que você se preocupe, Cordelia *joon delam* — disse Sona. — Eu sei como seu pai sempre fez você se sentir sobre essa espada. Que era uma parte maior do destino Carstairs do que

você – maior do que acredito que seja. — Cordelia ficou olhando; era o mais perto que vira a mãe de criticar Elias. — Uma arma pode ser perdida durante uma batalha. É sempre melhor perder a arma do que o guerreiro.

— *Mâdar —,* começou Cordelia, lutando contra a massa de travesseiros. — Não é o que você pensa.

Uma batida soou na porta. Um momento depois, Risa voltou para a biblioteca, James a reboque.

Ele havia trocado o uniforme imundo que usava na ponte e usava um casaco escuro de chesterfield, com a gola de veludo levantada contra o vento lá fora. Ele carregava Cortana com cuidado, o ouro brilhante e afiado contra o tweed escuro de suas roupas.

Risa tirou o pó das mãos com um ar satisfeito e foi para a cozinha. Sona estava radiante por todo o rosto.

— Cordelia! James lhe trouxe Cortana de volta.

Cordelia ficou sem palavras. Ela certamente esperava recuperar Cortana, mas não para James aparecer nos Jardins da Cornualha depois da meia-noite.

— Vou deixar vocês sozinhos para conversar — disse Sona, e saiu da sala, fechando a porta atrás dela.

Cordelia ficou um pouco chocada. Se Sona estava disposta a deixar sua filha sozinha com James enquanto Cordelia usava seu traje noturno, ela deve estar muito convencida das intenções conjugais de James. *Oh céus.*

Colocando a xícara na mesa baixa ao lado do sofá, Cordelia levantou a cabeça para olhar para James. Seus profundos olhos dourados eram surpreendentes em sua intensidade; havia vários hematomas na pele e o cabelo estava úmido, provavelmente por ter sido lavado recentemente.

O silêncio parecia esticar-se entre eles. Talvez nenhum deles jamais falasse novamente.

— Você contou aos seus pais? — perguntou Cordelia. — Sobre o Mandikhor? E o que aconteceu na ponte?

— A maior parte — disse James. — Não sobre a Pyxis, é claro, ou Agaliarept, ou - bem, realmente deixei a maior parte do que

fizemos ultimamente fora disso. Eles sabem que o Mandikhor é responsável pelos ataques agora, e essa é a parte importante.

Cordelia se perguntou por um momento se ele havia contado o que o Mandikhor havia dito a ele na ponte. *Filho de demônios.* Foi a segunda vez que ela ouviu um demônio provocando-o sobre sua herança. Era o caminho dos Demônios Maiores, encontrar os pontos fracos nos humanos e perfurá-los. Ela esperava que James fosse capaz de descartar as palavras deles, para ver que ele não era mais filho de demônios do que Lucie, ou Tessa, ou Magnus Bane.

— Obrigado — disse James, fazendo-a se assustar. — Pelo que você fez na ponte. Isso foi extremamente corajoso.

— Qual parte?

Seu sorriso brilhou como um raio de calor, transformando seu rosto.

— Isso é verdade. Você fez muitas coisas corajosas na ponte.

— Não é isso que eu... — ela começou a engasgar, depois estendeu a mão enquanto ele lhe alcançava Cortana. Era adorável tê-la em seus braços novamente. —Cortana, *moosh moosh-am* — disse ela. —Estou feliz que você está de volta.

— Você acabou de usar um termo carinhoso para sua espada? — disse James. Ele parecia exausto quando entrou na sala, mas parecia muito animado agora.

— Significa 'rato', e sim, é um termo carinhoso. Cortana esteve comigo em muitos momentos difíceis. Deve ser apreciada. — Ela encostou a espada na lareira; o calor não mancharia a lâmina. Nada poderia.

— Gostaria de saber mais sobre persa — disse James. Ele afundou em uma das poltronas. — Gostaria de lhe agradecer, Daisy, por salvar minha vida e arriscar a sua. E por nos ajudar como você tem feito, especialmente quando ninguém que você conhece está doente. Vocês todos poderiam ter fugido de volta para Paris ou Cirenworth no momento em que isso começou.

Cordelia sempre sonhou em ensinar Persa a James ela mesma. Os dons ingleses eram tão limitados e sem graça em comparação, que ela sempre pensou: os persas não pensavam que era algo extraordinário em dizer a alguém amado *fadat besham* , eu morreria

por você, ou *chamar* essa pessoa de *noore cheshmam* , a luz dos meus olhos ou *adelbaram* , o ladrão do meu coração. Ela pensou de repente no fogo faiscante na sala dos sussurros e no cheiro de rosas. Ela mordeu o lábio inferior.

— Você não deveria me agradecer — disse ela. — Ou me tratar como se eu estivesse sendo totalmente altruísta.

James ergueu as sobrancelhas negras.

— O que você quer dizer?

— Eu tenho minhas próprias razões para me envolver na busca de uma cura. É claro que quero ajudar aqueles que estão doentes, mas também não posso deixar de acreditar que, se eu fosse capaz de prestar um serviço como esse à Clave, ajudando a acabar com essa doença demoníaca, certamente eles dariam clemência ao meu pai em seu julgamento.

— Eu não chamaria isso de egoísta — disse James. — O que você está falando é se comprometer a fazer o bem pelo seu pai e sua família.

Cordelia sorriu fracamente.

— Bem, eu tenho certeza que você acrescentará isso à lista das minhas muitas qualidades quando estiver me ajudando a encontrar um marido.

James não sorriu de volta.

— Daisy — disse ele. — Eu não posso, eu não acho que eu... — Ele pigarreou. — Talvez, depois do que aconteceu na sala dos sussurros, não sou a pessoa certa para encontrar um marido para você. Não posso imaginar que você confiaria em mim para...

— Eu confio em você. — Cordelia falou através dos lábios entorpecidos. — Eu entendo perfeitamente. Você não tomou liberdades, James. Foi uma pretensão. Era falso, eu sei...

— Falso? — ele ecoou.

Apesar do calor, Cordelia estremeceu quando James se levantou. A luz do fogo cintilou em seus cabelos, afiando as mechas negras com escarlate, como se ele usasse uma coroa de chamas.

— Eu te beijei porque queria — disse ele. — Porque eu nunca quis tanto.

Cordelia sentiu-se escarlate.

— Eu não estou mais ligado a Grace — ele continuou. — Por muitos anos eu a amei. Eu sei, eu *lembro,* que eu sabia. Esse amor governou minha vida.

Os dedos de Cordelia se apertaram em seu roupão.

— Às vezes me pergunto se foi um sonho — disse James. — Suponho que a idealizei como as crianças fazem. Talvez fosse o sonho de uma criança de como o amor deve ser. Eu acreditava que o amor era dor e, quando sangrei, sangrei por ela.

— Não precisa ser dor — sussurrou Cordelia. — Mas James, se você ama Grace...

— Eu não sei — disse James, afastando-se do fogo. Seus olhos estavam escuros, como estavam na sala dos sussurros, e desesperados. — Como eu a amei tanto e sinto o que sinto agora, por... — Ele interrompeu. — Talvez eu não seja quem eu pensei que era.

— James... — A dor em sua voz era demais. Ela começou a se levantar.

— Não. — Ele balançou a cabeça, a voz rouca. — Não. Se você chegar perto de mim, Daisy, eu vou querer...

A porta da biblioteca se abriu. Cordelia olhou para cima, esperando ver sua mãe.

Mas era Alastair, completamente vestido para o lado de fora em botas e uma capa de Inverness. Ele bateu a porta atrás de si e se virou para encarar os dois, seu olhar percorrendo Cordelia e depois James.

— Minha mãe disse que vocês dois estavam aqui — disse ele no sotaque que significava que ele estava louco de raiva. O coração de Cordelia afundou. A última vez que ela viu Alastair, ele ficou furioso. Ele ainda parecia furioso. Ela se perguntou se ele já havia deixado de ficar furioso, ou se ele estava com raiva o dia todo. — Não acreditei no começo, mas agora vejo que é verdade. — Seu olhar negro voltou-se para James. — *Ela* pode achar que é permitido deixar você sozinho com minha irmã, mas eu não. Você a trouxe para casa na calada da noite, ferida e parecendo um rato afogado.

James cruzou os braços sobre o peito. Seus olhos eram fendas douradas.

— Na verdade, Matthew a trouxe de volta. Acabei de chegar.

Alastair tirou o casaco pesado e jogou-o com raiva sobre o braço de uma cadeira.

— Eu pensei que você tinha mais senso, Herondale, do que se colocar em posição de comprometer minha irmã.

— Ele trouxe Cortana de volta — protestou Cordelia.

— Sua mãe me recebeu neste quarto — disse James, sua expressão como gelo. — É dela a autoridade aqui, não a sua.

— Minha mãe não entende... — Alastair interrompeu. Ele estava puxando as luvas nas mãos com dedos trêmulos, e Cordelia percebeu com um choque que Alastair estava muito mais chateado do que ela imaginara. — Eu sei que você me odeia por como eu te tratei na escola, e com razão — disse Alastair, fixando James com um olhar nivelado. — Mas por mais que você me odeie, não desconte em minha irmã.

Cordelia viu um lampejo de surpresa nos olhos de James.

— Alastair, você fez da minha vida um inferno na Academia. Mas eu nunca descontaria em Cordelia. Isso é algo que você faria, não algo que eu faria.

— Eu vejo como é. Na escola, eu tinha o poder, e aqui você tem o poder de dominar sobre mim. Qual é o seu jogo? O que você quer com a minha irmã?

— Sua irmã — disse James, falando com uma frieza lenta e deliberada. — Sua irmã é a única coisa que me impede de dar um soco na sua cara. Sua irmã te ama, o anjo sabe o porquê, e você não é nem um pouco grato.

A voz de Alastair estava rouca.

— Você não tem ideia do que eu fiz pela minha irmã. Você não tem idéia da nossa família. Você não sabe a primeira coisa...

Ele parou e olhou com raiva.

Foi como se um choque atravessasse Cordelia. Ela sempre pensou na família deles como bastante comum, além de suas constantes viagens. O que Alastair estava sugerindo?

— James — ela disse. O ar estava crepitando de violência; era apenas uma questão de tempo até que um dos garotos desse um gole no outro. — James, é melhor você ir.

James virou-se para ela.

— Você tem certeza? — ele disse em voz baixa. — Não vou deixar você sozinha, Cordelia, a menos que você queira.

— Eu vou ficar bem — ela sussurrou de volta. — O latido de Alastair é pior que sua mordida. Eu prometo.

Ele levantou a mão, como se quisesse segurar a bochecha dela ou escovar uma mecha de cabelo dela. Ela podia sentir a energia entre eles, mesmo agora, mesmo com o irmão a um metro de distância e louco de raiva. Parecia as faíscas de uma fogueira.

James largou a mão e, com um último olhar duro para Alastair, saiu da sala. Cordelia foi imediatamente para a porta, fechou e trancou-a. Ela virou-se para encará-lo.

— O que você quis dizer? — ela disse. — Por 'você não tem ideia do que eu fiz pela minha irmã'?

— Nada — disse Alastair, pegando as luvas. — Eu não quis dizer nada, Cordelia.

— Sim, quis. — disse ela. — Eu posso dizer que há algo que você não está me dizendo, algo que tem a ver com o pai. Todo esse tempo você agiu como se minhas tentativas de salvá-lo, de *nos* salvar, fossem infantis e tolas. Você não o defendeu. O que você não está me dizendo?

Alastair fechou os olhos com força.

— Por favor, pare de perguntar.

— Eu não vou — disse Cordelia. — Você acha que o pai fez algo errado. Não é?

As luvas que Alastair estava segurando caíram no chão.

— Não importa o que eu penso, Cordelia...

— Isto é importante! — Disse Cordelia. — Importa quando você esconde coisas de mim, você e *Mâmân*. Recebi uma carta do cônsul. Dizia que eles não podiam julgar o pai com a espada mortal porque ele não se lembrava de nada sobre a expedição. Como poderia ser? O que ele fez...

— Ele estava bêbado — disse Alastair. — Na noite da expedição, ele estava bêbado, tão bêbado que provavelmente enviou aqueles pobres bastardos para um ninho de vampiros porque ele não sabia o suficiente para não o fazer. Tão bêbado que ele não se lembra de nada. Porque ele está *sempre* bêbado, Cordelia. O único de nós que não sabia disso é você.

Cordelia afundou no sofá. Ela não sentia mais que suas pernas a sustentavam.

— Por que você não me contou? — ela sussurrou.

— Porque eu nunca quis que você soubesse! — Alastair explodiu. — Porque eu queria que você tivesse uma infância, algo que nunca tive. Eu queria que você fosse capaz de amar e respeitar seu pai como eu nunca poderia. Toda vez que ele fazia uma bagunça, quem você acha que precisava limpar? Quem lhe disse que o pai estava doente ou dormindo quando ele estava bêbado? Quem saiu e foi buscá-lo quando ele desmaiou em um palácio de gim e o contrabandeou pela porta dos fundos? Quem aprendeu aos dez anos de idade a encher as garrafas de conhaque com água todas as manhãs para que ninguém notasse que os níveis haviam abaixado...?

Ele parou, respirando com dificuldade.

— Alastair — Cordelia sussurrou.

Tudo era verdade, ela sabia. Ela não pôde deixar de lembrar o pai deitado dia após dia em um quarto escuro, sua mãe dizendo que ele estava "doente". As mãos de Elias tremiam. O vinho deixando de aparecer na mesa de jantar. Elias nunca comia. Cordelia se deparava com garrafas de conhaque em lugares estranhos: um armário no corredor, uma mala de roupa de cama. Alastair nunca reconheceu nada disso, rindo, voltando sua atenção para alguma outra direção, sempre, para que ela não permanecesse. Então ela não precisaria.

— Ele nunca vencerá este julgamento — disse Alastair. Ele estava tremendo. — Embora a Espada Mortal seja inútil, ele se indiciará com a aparência, a maneira como fala. A Clave conhece um bêbado quando o vê. É por isso que a mãe quer que você se

case rapidamente. Então você estará segura quando a vergonha começar.

— Mas e você? — disse Cordelia. — Nenhuma vergonha deve resultar para você também - a fraqueza do pai não é sua fraqueza.

O fogo na lareira quase queimou. Os olhos de Alastair estavam luminosos no escuro.

— Eu tenho minhas próprias fraquezas, como você bem sabe.

— O amor não é uma fraqueza, Alastair *dâdâsh* — disse ela, e por um momento viu Alastair hesitar com o uso da palavra persa.

Então sua boca se apertou. As sombras sob seus olhos pareciam hematomas; ela se perguntou onde ele estaria, para voltar tão tarde da noite.

— Não é? — ele disse, virando-se para sair da sala. — Não dê seu coração a James Herondale, Cordelia. Ele está apaixonado por Grace Blackthorn e sempre estará.

— Você deveria escovar o cabelo — Jessamine disse, empurrando a escova de cabelo de prata ao longo da mesa de cabeceira em direção a Lucie. — Vai ficar embaraçado.

— Por que você tem que ser um fantasma tão exigente? — Lucie disse, se levantando contra os travesseiros. Ela foi firmemente ordenada a ficar na cama, embora estivesse ansiosa para pular, pegar sua caneta e escrever. Qual era o sentido de fazer acontecer coisas emocionantes se você não podia contar uma história sobre elas?

— Quando eu era menina, eu escovava meu cabelo cem vezes por dia — disse Jessamine - que, sendo um fantasma, tinha cabelos que flutuavam como gossamer fino e nunca precisavam ser escovados. — Por que eu...

Ela gritou e disparou no ar, pairando um pé acima da mesa de cabeceira. Uma onda de frio passou por Lucie. Ela puxou os cobertores ao seu redor, olhando ansiosamente pelo quarto.

— Jesse?

Ele se materializou ao pé da cama, nas mesmas calças pretas e mangas de camisa que sempre usava. Seus olhos eram verdes e muito sérios.

— Eu estou aqui.

Lucie olhou para Jessamine.

— Eu poderia ter um momento para falar com Jesse sozinha?

— Sozinha? — Jessamine parecia horrorizada. — Mas ele é um cavalheiro. No seu quarto.

— Eu sou um fantasma — disse Jesse secamente. — O que exatamente você imagina que eu possa fazer?

— Por favor, Jessamine — disse Lucie.

Jessamine fungou.

— Na minha época... — ela anunciou e desapareceu em um turbilhão de saias.

— Por que você está aqui? — Lucie disse, abraçando os cobertores no peito. Era verdade que Jesse era um fantasma, mas ela ainda se sentia desconfortável com a ideia de ele vê-la de camisola. — Não me lembro de você sair. Na ponte.

— Seu irmão e amigos pareciam ter a situação em mãos — disse Jesse. Seu medalhão de ouro brilhava em sua garganta. — E seu irmão pode ver fantasmas. Ele nunca me viu antes, mas...

— Humph — disse Lucie. — Você percebe que eu só tive que ser desonesta com minha família e fingir que não sabia que você existia ou que você ressuscitou os mortos para trazer Cordelia para fora do rio.

— *O que?*

— Quero dizer, sou grata por você ter feito isso. Trouxe Cordelia para fora do rio, quero dizer. Não pense que não sou. É apenas...

— Você acha que eu chamei os mortos para fora do rio? — Jesse exigiu. — Eu *atendi* a ligação.

Apesar do cobertor, Lucie de repente sentiu frio por todo o lado.

— O que você quer dizer?

— Você chamou os mortos — disse Jesse. — Você chamou os mortos, e os mortos vieram. Eu ouvi você, em toda a cidade, chamando alguém para ajudá-la.

— O que você quer dizer? Por que eu teria a capacidade de chamar os mortos? Eu posso vê-los, mas certamente não posso comandar...

Ela parou. De repente, voltou ao quarto de Emmanuel Gast naquele pequeno e terrível apartamento. *Você vai,* ela havia dito quando o fantasma proclamou que ele nunca contaria, e ele desistiu de seus segredos. *Deixe-nos,* ela dissera, e ele desapareceu.

— Você era a única que podia me ver no salão de baile — disse Jesse. — Você sempre foi a única que pode me ver além da minha família. Há algo incomum em você.

Ela olhou para ele. E se ela ordenasse que Jesse fizesse alguma coisa? Ele teria que fazer isso? Ele teria que procurá-la se ela ligasse, como ele fez na margem do rio?

Ela engoliu em seco.

— Quando estávamos perto do rio, quando você estava comigo, você estava segurando aquele medalhão na garganta. Agarrando-o.

— E você quer que eu te diga por quê? — ele disse, e ela sabia que ele tinha o mesmo pensamento que ela. Ela não gostou do pensamento. Ela não queria ordená-lo, ou Jessamine. Talvez ela tivesse que entrar em pânico, porém, ela disse a si mesma. Ela estava assustada no apartamento de Gast e novamente no rio.

— Se você quiser — disse ela.

— Este medalhão foi colocado em volta da minha garganta por minha mãe — disse ele. — Ele contém meu último suspiro.

— Seu último suspiro?

— Eu devo lhe contar como eu morri, suponho — disse ele, sentando-se no parapeito da janela. Ele parecia gostar dali, pensou Lucie, bem no limiar. — Eu era uma criança doente. Minha mãe disse aos Irmãos do Silêncio que eu não estava bem o suficiente para suportar receber runas, mas eu implorei e

implorei. Ela conseguiu lutar comigo até os dezessete anos. Você deve entender que, naquela época, eu estava desesperado para ser um Caçador de Sombras como outros Caçadores de Sombras. Eu disse a ela que, se ela não me deixasse pegar as marcas, eu correria para Alicante e as pegaria.

— E você? Fugiu?

Ele balançou sua cabeça.

— Minha mãe cedeu e os Irmãos do Silêncio chegaram à mansão. A cerimônia das runas ocorreu sem problemas, e eu pensei que tinha triunfado. — Ele ergueu a mão direita, e ela percebeu o que pensara ser uma cicatriz, o contorno fraco da runa da clarividência. — Minha primeira runa e minha última.

— O que aconteceu?

— Quando voltei para o meu quarto, desabei na minha cama. Então eu acordei no meio da noite com febre. Lembro-me de gritar e Grace correndo para o meu quarto. Ela estava meio histérica. Sangue estava jorrando da minha pele, transformando os lençóis em escarlate. Eu me contorci, gritei e rasguei a colcha, mas estava enfraquecendo, nem eles poderiam usar runas de cura em mim. Lembro-me de perceber que estava morrendo. Eu me tornei tão fraco. Grace me segurou enquanto eu tremia. Ela estava com os pés descalços, e a camisola e o invólucro estavam encharcados com o meu sangue. Lembro-me de minha mãe entrando. Ela segurou o medalhão nos meus lábios, como se quisesse que eu o beijasse.

— Você fez? — Lucie sussurrou.

— Não — disse Jesse com naturalidade. — Eu morri.

Pela primeira vez em sua vida, Lucie sentiu uma pontada de pena por Grace. Ter seu irmão morrendo em seus braços assim. Ela não conseguia imaginar a agonia.

— Eu demorei para entender que eu era um fantasma depois disso — disse Jesse. — E levei meses tentando até que minha mãe e minha irmã pudessem me ouvir e falar comigo. Mesmo assim, eu desaparecia todas as manhãs quando o sol nascia e só voltava à consciência com a noite. Passei muitas noites andando sozinho na Floresta Brocelind, com apenas os mortos para me

ver. E você. Uma garotinha que caiu em uma armadilha das fadas.

Lucie corou.

— Fiquei surpreso quando você me viu — disse ele. — E mais ainda quando consegui tocar sua mão e tirá-la daquela cova. Eu pensei que talvez fosse porque você era muito jovem, mas não. Há algo incomum em você, Lucie. Você tem um poder que está ligado aos mortos.

Lucie suspirou.

— Se ao menos eu pudesse ter um poder ligado ao pudim de pão com manteiga.

— Isso não teria ajudado Cordelia na noite passada — disse Jesse. Ele deixou a cabeça cair contra a vidraça e Lucie viu que é claro que ele não estava refletido no vidro escuro. — Minha mãe acredita que, quando tudo estiver em ordem, e ela tiver todos os ingredientes de que um feiticeiro precisará, o último suspiro neste medalhão pode ser usado para me ressuscitar. Mas na margem do rio, eu estava segurando porquê...

Lucie levantou as sobrancelhas.

— Pensei no começo que você poderia estar na água. Afogando-se. A força da vida no medalhão poderia ter esvaziado seus pulmões e deixá-la respirar. — Ele hesitou. — Eu pensei que, se você estivesse morrendo, eu o usaria para trazê-la de volta.

Lucie inalou bruscamente.

— Você faria isso? Por mim?

Seus olhos eram insondáveis de um verde profundo, como Lucie imaginava a profundidade do oceano. Seus lábios se separaram como se ele quisesse responder, assim que um raio de luz do amanhecer perfurou o vidro da janela. Ele ficou rígido, os olhos ainda fixos nos dela, como se tivesse sido atingido por uma flecha.

— Jesse — ela sussurrou, mas ele já havia desaparecido.

DIAS PASSADOS: LONDRES, GROSVENOR SQUARE, 1901

Na noite da morte da rainha Victoria, os sinos de Londres explodiram em um alarido clamoroso.

Matthew Fairchild também sofria, mas não por uma rainha morta. Ele sofria pela perda de alguém que nunca havia conhecido, por uma vida que terminara. Por um futuro cuja felicidade sempre seria manchada pela sombra do que ele havia feito.

Ajoelhou-se diante da estátua de Jonathan Caçador de Sombras no salão de sua família, com as mãos cobertas de cinzas.

— Perdoe-me — disse ele, hesitante — pois pequei. Eu tenho ... — Ele parou, incapaz de dizer as palavras. — Hoje à noite alguém morreu por minha causa. Por causa de minhas ações. Alguém que eu amei. Alguém que eu não conhecia. Mas eu o amava da mesma forma.

Ele pensara que a oração poderia ajudar. Isso não aconteceu. Ele havia compartilhado seu segredo com Jonathan Caçador de Sombras, mas nunca o compartilharia com mais ninguém: nem seu *parabatai*, nem seus pais, nem um único amigo ou estranho. A partir daquela noite, um abismo intransitável se abriu entre Matthew e o mundo inteiro. Nenhum deles sabia disso, mas ele foi separado deles para sempre em todos os aspectos que importavam.

Mas era assim que deveria ser, pensou Matthew. Afinal, ele havia cometido assassinato.

18

ESCURIDÃO INCITA

Os mortos dormem em seus sepulcros: E, mouldering enquanto dormem, um som emocionante, Meio sentido, meio pensamento, entre a escuridão se agita, Respiravam de suas camas de verme todos os seres vivos ao redor, E, misturando-se à noite tranquila e ao céu mudo, seu silêncio horrível é sentido de maneira inaudível - Percy Bysshe Shelley, "Um cemitério à noite, Lechlade, Gloucestershire"

Já era fim de tarde quando James conseguiu se afastar do Instituto - parecia que todos os membros do Enclave que passavam pelos portões queriam interrogá-lo sobre o demônio Mandikhor - e seguia para a Grosvenor Square para encontrar com o resto dos Ladrões Alegres.

Depois de entrar na casa de Matthew com a chave, James parou por um momento nos degraus que levavam ao porão. Ele sabia que seus amigos estavam no laboratório: ele podia ouvir as vozes subindo em sua direção como fumaça, podia ouvir Christopher conversando, o tom baixo e musical de Matthew. Ele podia *sentir* a presença de Matthew, tão perto de seu *parabatai*, como um ímã chegando ao alcance de outro.

Ele encontrou seus amigos sentados ao redor de uma mesa alta de laboratório, com tampo de mármore. Em todos os lugares havia instrumentos de design curioso: um galvanômetro para medir correntes elétricas, uma máquina de equilibrar torções e um relógio mecânico de ouro, bronze e prata - um presente de Charlotte a Henry alguns anos atrás. Uma dúzia de microscópios, astrolábios, réplicas e medições diferentes dispositivos estavam espalhados pela mesa e tampos do armário. Em um pedestal, o revólver do Exército Colt Single Action, Christopher e Henry, trabalhavam nele havia meses antes de tudo isso acontecer. Seu

níquel cinza-rio estava profundamente gravado com runas e uma inscrição curva: LUKE 12:49.

Os óculos de latão de Christopher estavam presos nos cabelos; ele usava uma camisa e calças que haviam sido queimadas e manchadas tantas vezes que ele tinha sido proibido de usá-las do lado de fora. Matthew poderia ter sido o seu espelho oposto: com colete azul e dourado e meias combinando, ele estava bem longe das chamas dos queimadores de Bunsen, que tinham sido tão altos que a sala estava à temperatura de uma ilha tropical. Oscar cochilou suavemente a seus pés.

— O que está acontecendo, Kit? — disse James. — Testando para ver a temperatura em que os Caçadores de Sombras derreteram?

— Meu cabelo certamente está arruinado — disse Matthew, passando as mãos pelos fios escurecidos pelo suor. — Acredito que Christopher esteja trabalhando duro no antídoto. Estou ajudando fornecendo observações espirituosas e comentários perspicazes.

— Prefiro que você me entregue esse copo — disse Christopher, apontando. Matthew balançou a cabeça. James pegou o copo e passou para Christopher, que adicionou algumas gotas de seu conteúdo ao líquido fervendo em uma réplica pelo cotovelo. Ele franziu a testa. — Não está indo bem, receio. Sem esse ingrediente, não parece provável que funcione.

— Qual ingrediente? — James perguntou.

— Raiz de Malos, uma planta rara. Os Caçadores de Sombras não devem cultivá-lo porque isso viola os Acordos. Estive pesquisando e pedi a Anna que tentasse me encontrar no submundo, mas não tivemos sorte.

— Por que alguém seria proibido de cultivar alguma planta boba? — disse Matthew.

— Esta planta cresce apenas em solo que foi ensopado pelo sangue de mundanos assassinados — disse Christopher.

— E eu fui corrigido. — Matthew admitiu. — Ugh.

— Plantas de magia negra, então? — Os olhos de James se estreitaram. — Christopher, você pode me desenhar um esboço

da raiz?

— Certamente — disse Christopher, como se isso não fosse um pedido estranho. Ele pegou um caderno do bolso interno da jaqueta e começou a rabiscar atrás. O líquido na retorta começou a ficar preto. James olhou cautelosamente.

— Havia algumas plantas proibidas crescendo na estufa de Tatiana — explicou James. — Eu contei a Charles sobre isso na época, e ele não parecia sentir que eles eram uma grande preocupação, mas...

Christopher levantou o desenho, de uma planta quase tipo tulipa, com folhas brancas de arestas afiadas e raiz preta.

— Sim — disse James, sua excitação aumentando. — Lembro-me delas - elas *estavam* na estufa em Chiswick. Elas me sobressaíram porque aquelas folhas pareciam facas. Poderíamos ir para lá agora - há uma carruagem livre?

— Sim. — A excitação de Matthew combinava com a de James. — Charles teve algum tipo de reunião, mas ele deixou a segunda carruagem nas cavalariças. Abaixe os óculos, Christopher - é hora de algum trabalho de campo.

Christopher resmungou um pouco.

— Tudo bem, tudo bem - mas eu tenho que me trocar. Não tenho permissão para sair com essas roupas.

— Basta desligar qualquer coisa que possa incendiar a casa primeiro — disse Matthew, segurando o braço de James. — Nós vamos encontrá-lo no jardim da frente.

James e Matthew fugiram pela casa (perseguidos por Oscar, latindo de emoção), depois pararam um momento nos degraus da frente, respirando o ar frio. O céu estava pesado de nuvens; um pouco de luz fraca espreitava, iluminando o caminho dos degraus da frente dos Fairchild até a parede do jardim da frente e o portão que dava para a rua. Estava chovendo mais cedo e a pedra ainda estava molhada.

— Onde está o Thomas? — James perguntou, enquanto Matthew inclinava o rosto para trás para olhar para as nuvens: embora não parecessem chuva forte, tinham energia como uma

tempestade elétrica que se aproximava. Como Matthew, pensou James.

— Patrulhando com Anna — disse Matthew. — Lembre-se, Thomas é o mais idoso do nosso grupo. Ele é requerido para patrulha diurna.

— Não tenho certeza de que apenas dezoito anos é precisamente idoso — disse James. — Ele deveria ter alguns anos antes da senilidade chegar.

— Às vezes sinto que ele gosta de Alastair Carstairs. O que indicaria que a senilidade já começou.

— Não sei se ele *gosta* dele com precisão — disse James — mas parece que ele acha que deveria receber uma segunda chance depois de seu comportamento na escola. — James fez uma pausa, pensando no rosto tenso de Alastair e nos olhos em pânico na biblioteca nos jardins da Cornualha. — E talvez ele esteja certo. Talvez todos nós mereçamos uma.

— Há pessoas que não merecem uma. — A voz de Matthew era feroz. — Se eu te pegar considerando fazer amizade com Alastair, James...

— Então o que? — James disse, arqueando uma sobrancelha.

— Então terei que contar o que Alastair me disse no dia em que deixamos a Academia — disse Matthew. — E eu prefiro que não. Cordelia nunca deveria saber disso, se nada mais. Ela o ama e deve ter permissão para isso.

Cordelia. Havia algo na maneira como Matthew disse o nome dela. James virou-se para ele, intrigado. Ele queria dizer que, se Alastair tivesse realmente dito algo tão terrível que ameaçaria o afeto de Cordelia por ele, Matthew não deveria sofrer em silêncio, mas não houve chance. Christopher tinha saído pela porta da frente, calçando luvas. Ele usava um chapéu, inclinado para o lado na cabeça e um lenço verde que não combinava com nenhuma de suas outras roupas.

— Onde está a carruagem? — ele perguntou, descendo os degraus.

— Estávamos esperando por você, Christopher, não pegando uma carruagem para você — disse James, enquanto os três atravessavam o jardim da frente até as cavalariças, onde uma grande carruagem segurava os cavalos e os meios de transporte do cônsul. — Além disso, tenho certeza de que Darwin disse algo sobre ser saudável para os cientistas caminharem.

Christopher parecia indignado.

— Ele certamente não...

O portão da frente sacudiu. James virou-se para ver sombras empoleiradas no topo. Não, não sombras - demônios, irregulares e pretos. Eles saltaram silenciosamente para o chão, um após o outro, perseguindo os Caçadores de Sombras.

— Demônios Khora — James sussurrou; Matthew já tinha uma espada curta e Christopher uma lâmina serafim. Ela estalou quando a nomeou, como um radiômetro quebrado.

James tirou uma faca de arremesso do cinto, virando-se para perceber que eles haviam sido cortados de se retirarem para a casa. Os demônios os circulavam, como eles tentaram circundar Christopher na ponte.

— Eu não gosto disso — disse Matthew. Seus olhos estavam ardendo, seus dentes à mostra. — Em absoluto.

O chapéu caíra da cabeça de Christopher; estava encharcado no chão úmido e pedregoso. Ele chutou com frustração.

— James? Oque fazemos?

James ouviu a voz de Cordelia em sua cabeça, gentil e certa. *Você é o líder.*

— Nós cortamos o círculo de demônios lá — ele apontou, falando rápido — e entrem na carruagem. Tranque as portas atrás de nós com uma runa.

— Traz um novo significado ao ditado 'não amedronte os cavalos' — murmurou Matthew. — Tudo certo. Vamos.

Eles giraram em direção à área que James havia indicado, facas voando das mãos de James como flechas de um arco. Cada um atingiu seu alvo, afundando profundamente na carne demoníaca. Os demônios Khora se afastaram, uivando, e os

meninos correram pelo espaço entre eles em direção às cavalariças, assim como o céu estalou com trovões.

Eles saltaram através de gavinhas brancas de nevoeiro; James alcançou o portão da cavalariça primeiro e o chutou aberto, depois quase se dobrou, a dor disparando através dele.

Virou-se para ver que um Khora havia agarrado Matthew e o jogado. Christopher estava lutando contra outra das criaturas sombrias, sua lâmina serafim descrevendo um arco de luz crepitante enquanto a cortava. James engasgou - Matthew deve ter respirado profundamente - e virou-se para correr em direção a seu *parabatai* quando os Khora se *ergueram* sobre o corpo de Matthew – Um lampejo de ouro surgiu entre Matthew e a sombra, fazendo os Khora se afastarem.

Foi o Oscar. O Golden Retriever passou pelo demônio, escapando de um golpe selvagem de suas garras por apenas um centímetro e aterrissou perto de Matthew.

Os Khora voltaram para o menino e o cachorro. Matthew passou os braços em volta de Oscar - o filhote que James havia salvado e dado a ele há tanto tempo - curvando seu corpo para proteger seu cachorro. James girou, uma faca em cada mão, e os deixou voar.

As facas afundaram no punho do crânio do demônio. Ele explodiu; um dos outros demônios gritou, e Matthew se levantou, pegando sua espada caída. James podia ouvi-lo gritando com Oscar para voltar para casa, mas Oscar claramente sentiu que havia conseguido uma grande vitória e não tinha intenção de ouvir. Ele rosnou quando Christopher parou no portão da cavalariça, gritando para que os outros o seguissem.

James se virou.

— *Christopher*

Ele surgiu atrás de Christopher, uma sombra enorme, o maior demônio Khora que James já vira. Christopher começou a se virar, erguendo sua lâmina serafim, mas já era tarde demais. O Khora alcançou Christopher, quase como se quisesse abraçá-lo, puxando seu corpo de volta para ele. A arma dele voou.

Matthew começou a correr em direção a Christopher, derrapando pelo chão molhado. James não conseguia se mexer - ele estava sem facas; ele pegou a lâmina serafim em seu cinto, mas não houve tempo. A grande mão arranhada do demônio passou pelo peito de Christopher.

Christopher gritou, e o demônio Khora o empurrou para longe. Ele caiu no chão.

— *Não!* — James começou a correr, ziguezagueando em direção ao corpo caído de Christopher. Algo se lançou em sua direção; ele ouviu Matthew gritar, e um *chalikar* cortou um Khora ao meio. James soltou sua lâmina serafim, indo para o demônio que havia ferido Kit.

Virou-se para olhá-lo. Seus olhos sabendo demais, quase divertidos. Ele arreganhou os dentes e desapareceu, assim como os demônios Khora no parque.

— Jamie, eles se foram — Matthew chamou. — Todos eles foram...

Os portões da frente se abriram com um ruído metálico e uma carruagem entrou no jardim da frente. As portas se abriram, jogando Charles Fairchild para fora; James percebeu vagamente que Alastair Carstairs também estava lá, olhando em volta de si com uma expressão atordoada. Quando James se ajoelhou ao lado de Christopher, ele ouviu Charles exigindo saber o que estava acontecendo.

Matthew gritou de volta, perguntando se Charles estava cego, se ele não podia ver Christopher machucado e precisava ir para a Cidade do Silêncio? Charles continuou perguntando o que havia acontecido com os demônios, para onde eles foram, ele tinha visto um quando eles primeiro atravessaram os portões, mas onde eles estavam agora?

— *Vou levá-lo* — dizia Alastair. — *Vou levá-lo para a cidade do silêncio.*

Mas as palavras pareciam ecoar de algum lugar longínquo, um lugar onde James não estava ajoelhado no meio da chuva e na névoa ao lado de um Christopher imóvel, cujo peito fora marcado pelas linhas irregulares de garras demoníacas. Em

algum lugar onde Christopher não estava parado e silencioso, não importa o quanto James implorasse para ele abrir os olhos. Em algum lugar onde o sangue de Christopher não estava se misturando com a chuva nos paralelepípedos, cercando-o em uma poça de vermelho. Em algum lugar melhor que isso.

Cordelia esperava falar com o irmão novamente, mas ela se levantou tão tarde que, quando Risa a ajudou a se vestir e a enviou lá para embaixo, Alastair já havia saído.

Apesar da luz do sol da tarde atravessando as janelas, a casa parecia abafada e fraca, o tique-taque do relógio anormalmente alto enquanto ela comia o mingau na sala de jantar. Tinha gosto de serragem na boca. Ela continuou lembrando as palavras de Alastair da noite anterior: *queria que você tivesse uma infância, algo que nunca tive. Eu queria que você fosse capaz de amar e respeitar seu pai como eu nunca poderia.*

Ela percebeu com um calafrio de vergonha que tinha mal interpretado sua mãe e seu irmão. Ela pensara que eles não iriam defender o pai por causa da covardia e pressão social. Agora ela percebeu que eles sabiam que Elias poderia estar errado - tão bêbado que ele não podia considerar adequadamente a segurança daqueles que estava enviando em uma missão perigosa.

Ela pensara que sua mãe queria que ela se casasse para livrá-la da vergonha de ser filha de um homem em julgamento em Idris. Agora ela percebeu que era muito mais complicado.

Não é de admirar que Sona e Alastair tenham olhado com cautela suas tentativas de "salvar" seu pai. Eles temiam que ela descobrisse a verdade. Seu sangue estava frio em suas veias. Eles realmente poderiam perder tudo, ela pensou. Ela nunca tinha acreditado antes. Ela sempre pensou que a justiça prevaleceria. Mas a justiça não era tão simples quanto ela pensara.

Ela se surpreendeu quando Sona entrou na sala de jantar. Sua mãe olhou para Cordelia antes de dizer: — Esse é um dos vestidos que James enviou para você?

Cordelia assentiu. Ela estava usando um vestido rosa escuro que fazia parte do pacote de Anna.

Por um momento, Sona pareceu melancólica.

— É uma cor adorável — disse ela. — Os vestidos são realmente muito bonitos e provavelmente muito mais adequados para você do que os vestidos que eu lhe dei.

— Não! — Cordelia ficou de pé, ferida. — *Kha¯k bar saram!* — Era uma frase que literalmente significava "eu deveria morrer" - a forma mais extrema de desculpas. — Sou uma filha horrível. Eu sei que você fez o melhor que pôde.

Eu sei que você fez, Mâmân*. Eu sei que você estava apenas tentando me proteger.*

Sona parecia atônita.

— Pelo anjo. Eles são apenas vestidos, Layla. — Ela sorriu. — Talvez você possa me compensar ajudando na casa? Como uma boa filha deveria?

Enganada como sempre, Cordelia pensou, mas estava mais do que um pouco feliz por ter a distração. Mais desempacotamento havia sido feito, e havia decisões a serem tomadas sobre onde certos pedaços de cerâmica de Isfahan podem ser colocados ou onde seus tapetes Tabriz podem ser colocados em melhor vantagem. Enquanto Cordelia observava a mãe se apressando, claramente em seu elemento, sentiu as palavras rolarem até a ponta da língua: *Você sabia quando se casou com ele,* Mâmân*? Você descobriu um dia, ou foi uma realização lenta, um terrível alvorecer de conhecimento? Todas aquelas vezes que você disse que ele deveria ir às Basilias, você achou que elas poderiam curar a embriaguez dele? Você chorou que ele se recusou a ir? Você ainda o ama?*

Sona deu um passo atrás para admirar uma pequena coleção de miniaturas emolduradas pelas escadas.

— Parece bom lá, não é? Ou você acha que foi melhor na outra sala?

— Definitivamente melhor por lá — disse Cordelia, sem ter idéia do outro quarto que sua mãe queria dizer.

Sona virou-se, uma mão apoiada contra as costas dela.

— Você está prestando atenção... — ela começou, e estremeceu de repente. Ela se encostou na parede enquanto Cordelia corria até ela, preocupada.

— Você está se sentindo bem? Você parece cansada.

Sona suspirou.

— Estou perfeitamente bem, Cordelia. — Ela se endireitou, as mãos pairando como se não conseguisse decidir o que queria fazer com elas. Foi um gesto que ela fez apenas quando estava muito nervosa. — Mas... eu estou esperando um bebê.

— *O que?*

Sona deu um sorriso trêmulo.

— Você terá um irmãozinho ou irmãzinha, Layla. Em apenas mais alguns meses.

Cordelia queria abraçar a mãe, mas de repente ficou apavorada. Sua mãe estava com quarenta e dois anos, tarde para uma mulher ter um filho. Pela primeira vez em sua vida, sua mãe formidável parecia frágil para ela.

— Há quanto tempo você sabe?

— Três meses. — disse Sona. — Alastair também sabe. O seu pai também.

Cordelia engoliu em seco.

— Mas você não me contou.

— Layla *joon*. — A mãe dela se aproximou dela. — Eu não queria te preocupar mais do que você já estava preocupada com a nossa família. Eu sei que você está tentando... — ela parou, afagando uma mecha de cabelo do rosto da filha. — Você sabe que não precisa se casar, se não quiser — disse ela, quase num sussurro. — Vamos sobreviver, querida. Sempre fazemos.

Cordelia deu um beijo na palma da mão fina de sua mãe, marcada com muitas cicatrizes antigas do tempo anterior, quando ela lutava contra demônios.

— *Cheshmet roshan, madar joon* — ela sussurrou.

Os olhos de sua mãe brilhavam com lágrimas.

— Obrigado, querida.

Uma batida pesada veio na porta da frente. Cordelia trocou um olhar surpreso com a mãe antes de ir para a entrada. Risa atendeu a porta e, no degrau da frente, estava o garoto imundo a quem Matthew deu sua mochila na saída do apartamento de Gast. Um dos Irregulares, ela lembrou, os meninos do Submundo que trabalhavam na Taverna do Diabo e faziam recados para James e os outros.

— Recebi uma mensagem aqui para a senhorita Cordelia Carstairs — ele disse, agarrando-se a um pedaço de papel dobrado.

— Sou eu — disse Cordelia. — Você precisa de pagamento?

— Não — disse o garoto, sorrindo alegremente. — Já foi pago pelo Sr. Matthew Fairchild. Aqui está!

Ele entregou a mensagem e desceu os degraus, assobiando.

Risa fechou a porta, compartilhando um olhar confuso com Cordelia. Por que Matthew enviou um bilhete para ela assim? Cordelia se perguntou, desdobrando o papel.

O que poderia ser tão urgente?

A nota se abriu. Havia apenas algumas palavras na página, mas elas se destacavam em chocante tinta preta.

Venha imediatamente para a Taverna do Diabo. Houve um ataque.
Christopher está gravemente ferido.
-James

— Cordelia? — Sona havia entrado na entrada. — O que está acontecendo?

Com as mãos trêmulas, Cordelia entregou o bilhete à mãe. Sona leu rapidamente antes de pressionar a nota de volta na mão de Cordelia.

— Você deve ir e estar com seus amigos.

O alívio tomou conta de Cordelia. Ela começou a subir as escadas correndo, mas parou.

— Eu deveria usar meu uniforme — disse ela. — Mas ainda está úmido do rio.

Sona sorriu para ela - um sorriso cansado e preocupado, o sorriso de tantos pais caçadores de sombras ao longo dos tempos que viram seus filhos marcharem pela noite, carregando lâminas abençoadas por anjos, sabendo que nunca mais voltariam.

— Layla, minha filha. Você pode usar o meu.

Cordelia subiu correndo as escadas dentro da Taverna do Diabo e invadiu a sala dos Ladrões Alegres. Já era bastante tarde e a luz do sol filtrava-se pela janela leste, colocando barras de luz de ouro sobre o pequeno espaço gasto e seus ocupantes. Matthew estava esparramado no sofá, Lucie em uma poltrona esfarrapada. Lucie olhou para cima e sorriu quando Cordelia entrou, mas seus olhos estavam vermelhos. James sozinho estava de pé: ele estava encostado na parede perto da janela, as sombras profundas sob seus olhos. Todos os três Caçadores de Sombras estavam em uniforme.

— O que aconteceu? — Cordelia disse, um pouco sem fôlego. — Eu - o que posso fazer?

Matthew olhou para ela. Sua voz estava rouca.

— Nós estávamos na minha casa, usando o laboratório do meu pai — ele disse. — Eles - os demônios Khora - estavam esperando por nós quando partimos.

— Nós deveríamos estar preparados — disse James. Ele estava abrindo e fechando a mão direita, como se quisesse esmagar algo na palma da mão. — Deveríamos ter lembrado. Estávamos correndo para a carruagem - eles nos atacaram na frente da casa. Um deles fez um corte no peito de Christopher.

Christopher. Cordelia podia ver seu sorriso brilhante, seus óculos amassados; ela podia ouvir a voz ansiosa e excitada em seus ouvidos, explicando algum novo aspecto da ciência ou Caça às Sombras.

— Eu sinto muito, sinto muito — ela sussurrou. — Ele está doente? O que podemos fazer?

— Ele já estava febril quando o levaram à Cidade do Silêncio — disse Matthew, sombrio. — Convocamos você e Lucie o mais rápido que pudemos, e...

Houve passos nas escadas. A porta se abriu, e Thomas entrou. Ele usava um casaco longo de Inverness, embora Cordelia pudesse ver que ele estava com a roupa embaixo.

— Desculpe — ele disse sem fôlego. — Eu estava patrulhando com Anna - não recebi sua mensagem até voltarmos à casa do tio Gabriel. Todos eles queriam ir para a Cidade do Silêncio, é claro, mas o irmão Enoch apareceu - disse que era impossível — Thomas afundou em uma cadeira, enterrando o rosto nas mãos. — Todo mundo está frenético. Anna foi pedir ajuda a Magnus para montar enfermarias extras pela casa. Tia Cecily quase enlouqueceu ao pensar em deixá-la ir, mas ela foi. Tio Will e tia Tessa vieram é claro, mas eu não aguentava estar lá também, incomodando a todos, intrometendo-os com medo...

— Você não é uma *intrusão*, Thomas — disse Matthew. — Você é da família. Lá e aqui.

A porta se abriu e Polly entrou, carregando uma garrafa e alguns copos com aros lascados. Ela os colocou sobre a mesa, lançou um olhar preocupado para Thomas e desapareceu.

Matthew se levantou e pegou a garrafa, derramando os copos com a graça de um hábito longo. Pela primeira vez na memória de Cordelia, Thomas pegou uma e tragou o conteúdo.

James girou uma das cadeiras ao redor e sentou-se, braços cruzados sobre o encosto da cadeira, pernas longas enganchadas na frente.

— Tom — ele disse, seus olhos brilhando intensamente. — Precisamos fazer o antídoto para o veneno de Mandikhor. Eu acho que você pode fazer isso.

Thomas engasgou, tossiu e começou a resmungar quando Matthew pegou o copo e o colocou de volta na mesa.

— Eu não posso — disse ele, quando recuperou o fôlego. — Não sem Christopher.

— Sim, você pode — disse James. — Você fez tudo com ele. Você esteve no laboratório com ele quase todos os momentos desde que Barbara morreu. Você *sabe* como fazer isso.

Thomas ficou em silêncio por um longo momento. James não se mexeu. Seu olhar estava fixo no amigo. Era um olhar que Cordelia não conseguia descrever - uma intensidade silenciosa misturada com convicção imóvel. Este era James no seu melhor, ela pensou. Sua fé em seus amigos era inabalável: era força, e eles compartilhavam essa força entre eles.

— Talvez — disse Thomas, finalmente, lentamente. — Mas ainda estamos em falta de um ingrediente. Sem ele, o antídoto não funcionará, e Kit disse que era impossível encontrar...

— Raiz de Malos — disse Matthew. — Nós sabemos onde é e onde consegui-lo. Tudo o que precisamos fazer é ir para a Chiswick House. Para a estufa.

— Casa do meu avô? — Thomas disse incrédulo. Ele passou os dedos distraidamente pelos cabelos castanhos claros.

— Finalmente, Benedict Lightwood será responsável por algo útil — disse Matthew. — Se sairmos agora, podemos chegar lá em meia hora.

— Espere — disse Thomas, levantando-se. — James, eu quase esqueci. Neddy me deu isso.

Ele entregou um pedaço dobrado de papel fino, com o nome de James rabiscado na frente em uma mão cuidadosa. James abriu a nota e levantou-se com uma rapidez violenta, quase derrubando a cadeira.

— O que é isso? — disse Cordelia. — James?

Quando ele entregou o bilhete, Cordelia viu o olhar pensativo de Matthew sacudir entre os dois. Ela olhou para baixo.

Venha para a cidade do silêncio. Encontro você na enfermaria.
Não se revele aos outros irmãos. Vou explicar quando você chegar.
Por favor, corra.
—Jem

Ela o entregou sem palavras a Lucie. James estava andando pela sala, as mãos nos bolsos.

— Se Jem diz que eu devo ir, então devo — disse ele, enquanto Matthew e Thomas olhavam para o conteúdo da nota. — O resto de vocês vai para Chiswick...

— Não — disse Matthew. Ele pegou o frasco no bolso - um gesto de hábito há muito praticado -, mas rapidamente largou a mão. Seus dedos estavam tremendo um pouco, mas sua voz era leve. — Para onde você for, eu irei, James. Até o subúrbio tedioso de Highgate.

Jem, pensou Cordelia. Ela teve que falar com ele sobre o pai. Não havia mais ninguém com quem pudesse falar sobre o que Alastair havia lhe dito. Não havia mais ninguém que ela pudesse dizer que havia mudado de idéia.

Primo Jem, tenho uma coisa para contar sobre meu pai. Eu acho que ele precisa estar nas Basilias. Acho que ele não deveria voltar de Idris, afinal. Eu acho que preciso da sua ajuda.

Ela respirou fundo.

— Eu também irei. Eu preciso ver Jem. A menos que... — Ela se virou para Lucie. — Se você preferir que eu vá com você para Chiswick...

— Bobagem — Lucie disse, simpatia em seus olhos. — Tudo o que estamos fazendo é buscar uma planta, e eu estou familiarizado com a casa e os terrenos - não — acrescentou ela apressadamente enquanto James lhe lançou um olhar sombrio, — porque eu espreitei ou espiei naquela propriedade, porque claro que não.

— Você e Thomas podem pegar minha carruagem — disse Matthew. — Está lá embaixo.

— E o resto de nós pode pegar um táxi hansom — disse Cordelia. — Onde fica a entrada mais próxima da cidade do silêncio?

— No cemitério de Highgate — disse James, pegando o cinto de armas enquanto os outros pegavam paletós, cintos e lâminas. — É uma boa distância. Teremos que nos apressar - não há tempo a perder.

Havia pouco para retardar Cordelia e os outros até chegarem a Highgate, onde as ruas estreitas estavam cheias de tráfego noturno. O motorista do táxi hansom, recusando-se a enfrentar o gargalo, os depositou em frente a um pub na Salisbury Road.

James pediu a Cordelia e Matthew que esperassem enquanto ele procurava a entrada da Cidade do Silêncio. Ele costumava se mover dentro do cemitério, ele dissera a Cordelia na carruagem, e podia ser encontrado em vários locais, dependendo do dia.

Matthew lançou um olhar ansioso ao pub, mas logo se distraiu com uma grande tábua de pedra no cruzamento de Highgate Hill e Salisbury Road. Foi enjaulada por trilhos de ferro e esculpida com as palavras LONDRES.

— 'Volte novamente, Whittington, três vezes lorde prefeito da cidade de Londres' — disse Matthew, com um gesto dramático. — Isto é onde deveria ter acontecido - ele ouvindo os Bow Bells, quero dizer.

Cordelia assentiu; ela tinha escutado a história com bastante frequência quando criança. Richard Whittington era um garoto mundano que partia de Londres com seu gato, determinado a fazer fortuna em outro lugar, apenas para ouvir os sinos de St. Mary-le-Bow chamando-o de volta a uma glória prometida se ele retornasse. E assim ele se tornou prefeito de Londres três vezes.

Cordelia não tinha certeza do que havia acontecido com o gato. Todas as histórias poderiam ser verdadeiras, ela pensou, mas seria muito bom se tais sinais óbvios fossem oferecidos para seu próprio destino.

Matthew tirou o frasco prateado do colete e começou a desparafusá-lo. Embora ele estivesse de uniforme, ele não havia sacrificado sua calça azul para o serviço. Cordelia apenas olhou para ele quando ele inclinou a cabeça para trás e engoliu, depois enroscou a tampa novamente.

— Coragem holandesa — disse ele.

— Os holandeses são particularmente corajosos ou bêbados? — ela perguntou, sua voz mais aguda do que ela pretendia.

— Um pouco de ambos, eu imagino. — Seu tom era leve, mas ele guardou o frasco. — Você sabia que o gato de Dick Whittington poderia nunca ter existido? Ficção escandalosa, aparentemente.

— Importa se ele tinha um gato ou não?

— A verdade sempre importa — disse Matthew.

— Não quando se trata de histórias — disse Cordelia. — O objetivo das histórias não é que elas sejam objetivamente verdadeiras, mas que a alma da história seja mais verdadeira que a realidade. Quem zomba da ficção o faz porque teme a verdade.

Ela sentiu, em vez de ver, Matthew se virar para olhá-la sob a luz fraca. Sua voz estava rouca.

— James é meu *parabatai* — disse ele. — E eu amo ele. A única coisa que eu nunca entendi sobre ele são seus sentimentos por Grace Blackthorn. Eu desejava há muito tempo que ele colocasse seus afetos em outro lugar e, no entanto, quando o vi com você na sala dos sussurros, não fiquei feliz.

Cordelia não esperava tanta franqueza.

— O que você quer dizer?

— Acho que questiono se ele sabe o que sente — disse Matthew. — Suponho que eu me preocupo que ele a machuque.

— Ele é seu *parabatai* — disse Cordelia. — Por que você deveria se importar se ele me machuca?

Matthew inclinou a cabeça para trás para olhar o céu escuro da noite. Seus cílios eram vários tons mais escuros que seus cabelos loiros.

— Eu não sei — disse ele. — Mas acho que me importo.

Cordelia desejou que eles estivessem discutindo qualquer outra coisa.

— Não se preocupe. Alastair me deu o mesmo aviso sobre James ontem. Fui bem informada.

O queixo de Matthew se apertou.

— Eu sempre disse que o dia em que eu faria caridade com Alastair Carstairs seria o dia em que eu queimaria no inferno.

— Ele era realmente tão horrível com James na escola? — disse Cordelia.

Matthew virou-se para ela, e o olhar em seu rosto a assustou. Foi a mais pura fúria.

— Foi mais do que isso.

James apareceu das sombras, seu cabelo preto desarrumado e acenou para eles.

— Encontrei a entrada. Nós devemos ir rapidamente.

Eles seguiram para o cemitério e passaram pelos altos portões. Ciprestes escuros pairavam no alto, suas folhas sobrepostas bloqueando a última luz da noite. À sua sombra erguiam-se monumentos elaborados para os mortos. Grandes mausoléus e obeliscos egípcios se elevavam ao lado de colunas de granito quebradas, simbolizando a vida interrompida. Lápides foram esculpidas em ampulhetas com asas, urnas gregas e mulheres bonitas com cabelos escorrendo. E em toda parte, é claro, havia anjos de pedra: gordinhos e de aparência sentimental, de rosto doce quando crianças. Quão pouco mundanos entendiam sobre anjos, Cordelia pensou, abrindo caminho pelo caminho cheio de galhos atrás de James. Quanto eles não entendiam o que era aterrorizante sobre seu poder.

James saiu de uma das avenidas cinzentas da época e eles se viram em um espaço aberto que parecia profundo no bosque, folhas agrupadas tão densamente acima delas que a luz minguante era tingida de verde. No centro da clareira havia uma estátua de um anjo, mas este não era um querubim. Era a figura de mármore de um homem bonito de grande altura. A armadura em escala havia sido esculpida em seu corpo. Ele segurava uma espada em uma mão estendida, gravada com as palavras QUIS UT DEUS, e sua cabeça estava jogada para trás como se estivesse gritando para o céu.

James deu um passo à frente, levantando uma mão - a que levava o anel de Herondale com seu padrão de pássaros.

— *Quis ut Deus?* — ele disse. — 'Quem é como Deus?' o anjo pergunta. A resposta é ninguém. Ninguém é como Deus.

Os olhos do anjo de pedra se abriram, absolutamente negros, aberturas em uma grande e silenciosa escuridão. Então, com uma moagem de pedra, o anjo deslizou para o lado, revelando uma grande cova vazia na terra e escadas que desciam.

James acendeu sua luz enfeitiçada enquanto desciam as escadas em uma escuridão sombria. Os Irmãos do Silêncio, vivendo como viviam com os olhos fechados, não viam como os Caçadores de Sombras comuns, e não precisavam de luz.

A cintilante luz branca enfeitiçada brilhava entre os dedos de James, pintando as paredes com barras de luz. Quando chegaram ao pé da escada, James pegou o braço de Cordelia e a girou em um arco abaixo dos degraus. Matthew seguiu um momento depois. James fechou a mão sobre a luz das bruxas, apagando sua iluminação; os três assistiram em silêncio enquanto um grupo de Irmãos do Silêncio, suas roupas de pergaminho roçando o chão, passavam e desapareciam por outro arco.

— Jem disse para não nos revelarmos para os outros irmãos — James sussurrou. — A enfermaria fica do outro lado das Estrelas Falantes. Nós devemos nos mover rapidamente e silenciosamente.

Cordelia e Matthew assentiram. Um momento depois, eles estavam passando por uma enorme sala cheia de arcos de pedra em forma de buraco de fechadura subindo acima. Pedras semipreciosas alternavam com mármore: olho de tigre, jade, malaquita. Sob os arcos, mausoléus amontoados, muitos com nomes de famílias gravados neles: RAVENSCAR, CROSSKILL, LOVELACE.

Chegaram a uma grande praça cujo chão estava coberto de azulejos estampados em um padrão de estrelas cintilantes. Em uma parede, acima do alcance, pendia uma enorme espada de prata maçante, cuja travessa era esculpida em forma de asas de anjo.

A espada mortal. O coração de Cordelia pulou uma batida. A espada que seu pai segurara, embora não tivesse sido capaz de fazê-lo falar uma verdade da qual não se lembrava.

Eles passaram pela praça e entraram em um grande espaço forrado com lajes ásperas. Um par de portas de madeira levava a uma direção; um grande arco quadrado levava outro. As portas exibiam runas da morte, paz e silêncio.

— Voltem! — Matthew sussurrou de repente; ele esticou um braço, pressionando James e Cordelia de volta nas sombras.

Cordelia permaneceu imóvel quando um Irmão do Silêncio passou por eles e subiu um conjunto de escadas próximas. Com um aceno de cabeça, James escorregou das sombras, seguido por Matthew e Cordelia. Eles mergulharam sob o arco quadrado e entraram em outra sala enorme com um teto de pedra abobadado, cruzado com vigas de pedra e madeira. As paredes estavam nuas e, de cima a baixo, marcharam fileiras de camas, cada uma com uma figura imóvel: Cordelia imaginou que houvesse mais ou menos trinta pessoas doentes ali. Jovens e velhos, homens e mulheres, jaziam tão silenciosos e imóveis como se já tivessem morrido.

A sala estava completamente silenciosa. Silenciosa - e oca. Cordelia mordeu o lábio.

— Onde está Jem?

Mas os olhos de Matthew se iluminaram em uma figura familiar.

— Christopher — disse ele, e disparou, seguido por James.

Cordelia veio atrás deles mais lentamente, relutante em se intrometer. Matthew estava agachado ao lado de uma estreita cama de ferro; James estava na cabeceira, inclinando-se sobre Christopher.

Christopher havia sido despido da camisa. Dezenas de bandagens brancas cercavam seu peito estreito; o sangue já havia ensopado alguns deles, formando uma mancha escarlate em seu coração. Seus óculos haviam sumido e seus olhos pareciam afundados profundamente em seu crânio, as sombras abaixo deles roxo escuro. Veias negras se abriram como coral sob sua pele.

— Matthew — ele disse com rouca descrença. — Jamie.

James estendeu a mão para tocar o ombro do amigo e Christopher o segurou pelo pulso. Seus dedos estavam tremendo; ele pegou inquieto o punho da jaqueta de James.

— Diga a Thomas — ele sussurrou. — Ele pode terminar o antídoto sem mim. Ele só precisa da raiz. Diga a ele.

Matthew ficou calado; ele parecia doente de dor. James disse: — Thomas sabe. Ele está com Lucie agora, coletando a raiz. Ele vai terminar, Kit.

Cordelia pigarreou, sabendo que sua voz sairia como um sussurro, independentemente. Sim.

— Jem — ela sussurrou. — Jem esteve aqui, Christopher?

Ele sorriu docemente para ela.

— James Carstairs — disse ele. — Jem.

Cordelia olhou nervosamente para James, que lhe deu um aceno encorajador.

— Sim — ela disse. — James Carstairs. Meu primo.

— *James* — Christopher sussurrou, e então a figura na cama ao lado dele ecoou a palavra.

— *James —,* sussurrou Piers Wentworth.

— *James.* — E então a próxima figura, na próxima cama.

— *James.*

Matthew levantou-se.

— O que está acontecendo?

Os olhos lilás de Christopher se arregalaram; seu aperto no pulso de James aumentou quando ele o empurrou para frente. Com o rosto a centímetros do de James, ele sussurrou: — Saia daqui - você tem que sair daqui. Você tem que sair. James, você não entende. É sobre você. *Sempre foi sobre você.*

— O que isso significa? — Matthew exigiu, à medida que mais e mais vozes foram adicionadas ao canto: "James. James. James."

Matthew pegou a manga de James e o afastou de Christopher, que o soltou com relutância. Cordelia colocou a mão no punho de Cortana.

— O que está acontecendo? — ela exigiu. — Christopher?

Um a um, os doentes estavam se sentando, embora não parecesse que estavam fazendo isso por vontade própria. Parecia que eles estavam sendo arrastados para cima como fantoches em cordas; as cabeças caíram frouxamente para o lado, os braços flácidos e balançando. Seus olhos estavam bem abertos, brancos e brilhando na penumbra da sala. Cordelia viu com horror que os brancos também estavam com veios pretos.

— James Herondale. — Era a voz de Ariadne Bridgestock. Ela se sentou na beira de sua própria cama estreita, seu corpo caiu para a frente. A voz dela estava rouca, vazia de emoção. — James Herondale, você foi convocado.

— Por quem? — Matthew gritou. — Quem o está convocando?

— O príncipe — disse Ariadne — o Senhor dos Ladrões. Só ele pode parar todas as mortes. Só ele pode cancelar o Mandikhor, o portador de veneno. Você carrega a mancha agora, Herondale. Seu sangue pode abrir a porta. — Ela respirou fundo, estremecendo. — *Você não tem outra escolha.*

Afastando-se de Matthew, James deu um passo em sua direção.

— Qual porta? Ariadne...

Cordelia estendeu um braço para detê-lo.

— Este não é Ariadne.

O que está acontecendo aqui?

Todos eles se viraram. Era Jem, que havia entrado na sala em um turbilhão de roupas de pergaminho; ele carregava o bastão de carvalho na mão. Apesar da quietude do rosto, Cordelia podia sentir o quão furioso ele estava. Isso irradiava das palavras que explodiram em sua mente: O que vocês três estão fazendo aqui?

— Eu recebi sua mensagem — disse James. — Você me disse para vir.

Não enviei mensagem, disse Jem.

— Enviou sim. — protestou Cordelia, indignada. — Todos nós vimos.

— Nosso mestre enviou a mensagem — disse Ariadne. — Ele espera nas sombras. Ainda assim, ele controla tudo.

Jem balançou a cabeça. Seu capuz caíra para trás, para que Cordelia pudesse ver a mecha branca em seus cabelos escuros.

Aqui há falta de trabalho, ele disse.

Ele ergueu o bastão de carvalho nas mãos e Cordelia viu as letras WH gravadas no punho.

Todos os doentes estavam cantando o nome de James agora, suas vozes subindo em um murmúrio nebuloso.

Jem bateu o cajado e o barulho da madeira batendo no chão de pedra ecoou em seus ouvidos. O canto parou; os doentes ficaram quietos.

Jem virou-se para Cordelia e os meninos.

Algum mal trouxe vocês aqui, disse Jem. *Saiam. Eu temo que vocês estejam em perigo.*

Eles correram.

A corrida para fora da cidade do silêncio foi quase um borrão para Cordelia. James foi o primeiro, a luz enfeitiçada na mão iluminando o caminho deles enquanto se lançavam para fora do caminho de vários Irmãos do Silêncio. Ela e Matthew vieram depois; em segundos, todos alcançaram a última escada, onde se elevava em direção ao céu.

De repente, Matthew ofegou. Ele cambaleou, recostando-se na parede de pedra como se tivesse sido empurrado. Cordelia o pegou pelo braço.

— Matthew! O que está acontecendo?

Seu rosto estava branco como papel.

— James — ele sussurrou. — Há algo muito errado com James.

Cordelia olhou para as escadas. James desapareceu da vista dela. Ele não deve ter percebido que eles não estavam mais seguindo.

— Matthew, ele está bem, ele está fora da cidade.

Matthew se afastou da parede.

— Precisamos nos apressar — foi tudo o que ele disse e começou a correr novamente.

Eles subiram as escadas e explodiram na clareira acima. James não estava em lugar nenhum.

Matthew pegou a mão de Cordelia.

— Ele está por aqui — disse ele, e a levou por um caminho estreito entre as árvores. Estava quase preto sob o dossel das folhas, mas Matthew parecia saber exatamente para onde estava indo.

Eles emergiram em um bosque sombrio cercado de túmulos, o céu acima deles o azul profundo do crepúsculo. James estava lá, parado como uma estátua. A estátua de um príncipe sombrio, toda de preto, com cabelos como penas de corvo. Ele estava no processo de jogar de lado a jaqueta, intrigado, já que esfriara agora que era noite.

Ele não estava olhando para Matthew ou Cordelia, mas para algo a distância. Sua expressão era dura, seus olhos rodeados de escuridão. Ele parecia doente, Cordelia percebeu com consternação. Como se, como Matthew dissesse, houvesse algo muito errado.

Matthew colocou as mãos em volta da boca.

— *James!*

James virou-se devagar, largando a jaqueta no chão. Ele estava se movendo mecanicamente, como um autômato.

O desconforto de Cordelia aumentou. Ela foi na direção de James, lentamente, como se estivesse se aproximando de um cervo assustado na floresta. Ele a observou com inquietos olhos dourados; havia cor em suas bochechas, um rubor de alto consumo. Ela ouviu Matthew xingar baixinho.

— James — ela disse. — O que há de errado?

Ele arregaçou a manga esquerda da camisa. Na parte de trás do pulso, logo acima de onde o manguito da camisa teria terminado, havia quatro pequenos e sangrentos crescentes, cercados por um rendilhado de veias que escureciam.

Marcas de unhas.

— Christopher — disse James, e Cordelia se lembrava horrorizada da maneira como Christopher havia agarrado James no quarto do doente, segurando seu pulso. — Eu sei que ele não quis. — Sua boca se torceu em um sorriso doloroso. — Ninguém diga a ele. Ele ficaria tão chateado.

Ah, James, não. Por favor não. Ela pensou em Oliver Hayward, morto porque Barbara o havia arranhado em suas últimas agonias. *James não.*

A voz de Matthew tremeu.

— Temos que voltar para a cidade do silêncio. Temos que levá-lo a Jem ...

— Não — Cordelia sussurrou. — Não é seguro para James lá. Se formos ao Instituto ou trouxemos Jem para lá...

— Absolutamente não — disse James com muita calma. — Eu não estou indo a lugar nenhum. Não em nenhum lugar de Londres, pelo menos.

— Caramba, ele está alucinando — disse Matthew com um gemido.

Mas Cordelia não achava que ele estava. Em voz baixa, ela disse: — James. O que você vê?

James levantou a mão e apontou.

— Lá. Entre essas duas árvores.

E ele estava certo - de repente, Cordelia e Matthew também podiam ver o que James estava olhando todo esse tempo. Entre dois cedros havia um grande arco. Parecia ser feito de luz negra; curvava-se com floreios góticos, como se fizesse parte do cemitério, mas Cordelia sabia que não era. Através dele, ela podia vislumbrar um redemoinho de caos escuro, como se estivesse olhando através de um Portal para a vastidão do próprio espaço negro.

— Um portal — disse Matthew lentamente.

— Como Ariadne disse — sussurrou Cordelia. — James, seu sangue... — Ela balançou a cabeça. — Não. Não faça, seja o que for. Tudo sobre isso parece errado.

Mas James apenas se virou e foi em direção ao arco. Ele esticou o braço na direção dele - aquele com as feridas nas quais

as unhas de Christopher haviam perfurado sua pele - e fez um punho.

Os músculos de seu braço incharam, e o sangue escorreu dos cortes em seu pulso - eles pareciam leves, mas grandes gotas vermelhas subiram ao longo de seu braço e pingaram no chão. A vista através do arco parecia solidificar-se e clarear-se, e agora Cordelia podia vislumbrar o mundo que vira na ponte: um lugar com terra e céu como cinzas e árvores como saliências de ossos.

— James — disse Matthew, fechando o espaço entre ele e o amigo. — Pare.

— Eu tenho que fazer isso. — James abaixou o braço sangrando. Seus olhos estavam febris, por determinação ou pelo veneno agora em suas veias, Cordelia não tinha certeza. — Math - você não deveria me tocar. Não é seguro.

Matthew, que estava procurando James, parou abruptamente e abriu bem os braços.

— *James...*

— É por isso que você está indo? — Cordelia exigiu. Ela podia sentir o gosto de lágrimas no fundo da garganta. Ela queria quebrar alguma coisa, pegar Cortana e esmagar a lâmina contra os lados de granito dos túmulos. — Por que você pensa que você vai morrer? Thomas e Lucie estão obtendo a raiz do malos agora. Nós poderíamos ter um antídoto em um dia. Em *horas*.

— Não é isso. — James balançou a cabeça. — Se eu estava infectado ou não, eu teria que ir, e você teria que me deixar.

— Por quê? — Matthew exigiu. — Diga-nos o porquê, Jamie.

— Porque Christopher estava certo — disse James. — Ariadne também. Somente a minha passagem pelo portal pode parar tudo isso. É sobre mim. Sempre foi sobre mim. *Eu não tenho outra escolha.*

19

TODO LUGAR UM INFERNO

Quando todo o mundo se dissolve, E toda criatura será purificada,
Todos os lugares serão um inferno que não é o céu.
- Christopher Marlowe, *doutor Faustus*

Quando Lucie e Thomas chegaram à Chiswick House, já estava quase escuro. O sol havia se posto, e a mansão estava manchada de prata contra a luz que morria. Deixando a carruagem no meio-fio, seguiram em silêncio pela longa estrada ladeada por árvores retorcidas até a casa principal. De alguma forma, o lugar parecia pior do que quando Lucie esteve aqui com Cordelia.

Lucie podia ver a sombra da estufa ao longe, e os jardins italianos arruinados na outra direção. Vendo a mansão e seus terrenos com mais luz, Lucie desejou que não os visse. Ela não conseguia se imaginar morando em uma casa assim.

— Pobre Grace — disse ela. — Este lugar é um ninho de ratos. Na verdade, eu não desejaria isso em um rato.

— Isso é porque você gosta de ratos — disse Thomas. — Lembra da Marie?

Marie Curie era um pequeno rato branco que Christopher mantinha no quarto na Taverna do Diabo e a alimentava de pão e ossos de galinha. Marie tinha sido amigável o suficiente para descansar no ombro de Lucie e acariciar seus cabelos. Eventualmente, Marie morreu de causas naturais e foi enterrada com pompa e circunstância no quintal de Matthew.

— Mas eu não sei se devemos sentir pena de Grace — disse Lucie. — Ela partiu o coração de James.

— Para alguém com o coração partido, ele parece extraordinariamente bem-humorado — disse Thomas. —

Honestamente, ele realmente parece *mais* alegre.

Lucie não podia negar que isso era verdade.

— Ainda assim — disse ela. — É o princípio da coisa.

Chegaram à estufa, uma longa estrutura de vidro e madeira. Há muito tempo ela fornecera à família Lightwood abacaxis e uvas no inverno. Agora havia buracos esmagados nas paredes de vidro e as janelas outrora limpas estavam manchadas e escuras.

Um cadeado enorme pendurado na porta. Lucie começou a pegar sua estela, mas Thomas colocou a mão em seu pulso.

— Eu posso dar a volta nos fundos. — disse ele. — Deveria haver um pequeno galpão ali com uma entrada na estufa. Eles precisariam aquecer o local pelo hipocausto.

— Eu não tenho idéia do que você quer dizer — disse Lucie. — Mas eu suspeito que você saiba disso por todas as horas que passou ouvindo Christopher no laboratório. Certamente, por todos os meios, vamos nos rastejar para um galpão escuro e infestado de aranhas.

— Não estou preocupado com as aranhas — disse Thomas. — E você não fará nenhum rastejamento. Precisamos de você aqui como sentinela. Se você vir alguma atividade incomum, envie um alarme.

— Eu odeio ser a sentinela. Você tem certeza de que precisamos de um?

— Sim — disse Thomas — porque se um de nós for devorado por raízes de árvores demoníacas, é melhor que o outro esteja por perto para obter ajuda ou, pelo menos, pegue a raiz do malos e corra com ela.

Lucie teve que admitir que ele tinha razão.

— Vá, então.

Thomas foi em direção ao fundo da estufa. Lucie tentou fazer o que ele havia sugerido por pelo menos cinco minutos, mas foi muito chato. Havia apenas um tanto tempo em que se podia andar de um lado para o outro na frente da porta de uma estufa antes de se sentir como um peixe dourado nadando de um lado para o outro em sua tigela. Ela estava quase aliviada por vislumbrar algo pelo canto do olho.

Parecia uma faísca de luz brilhante, descendo para os jardins italianos. Ela se afastou da estufa, estreitando os olhos. A luz era pálida e oscilava contra o crepúsculo. Uma tocha, talvez?

Ela se aproximou, mantendo-se nas sombras. Os jardins estavam em ruínas. Antigamente havia sebes limpas, mas agora estavam cobertas de mato, uma confusão de arbustos levando em todas as direções. As estátuas de mármore de Virgílio, Sófocles e Ovídio foram esmagadas em pedaços irregulares que se projetavam para cima de plintos quebrados. No centro de toda a bagunça, havia uma estrutura quadrada de tijolos, como um antigo galpão de armazenamento.

Enquanto se aproximava, ela viu o brilho da luz mais uma vez. Agora estava mais forte e parecia subir sobre as paredes da pequena estrutura, como se não tivesse teto, embora isso não fosse incomum para prédios antigos - o teto costumava ser a primeira coisa a sair. Certamente não tinha janelas, mas a luz continuava brilhando de dentro para fora.

Consumida pela curiosidade, Lucie alcançou o pequeno prédio quadrado e ficou olhando. Parecia ter sido construído há muito tempo, de pedra grande e resistente. Havia uma porta em um lado; embora estivesse fechada, a luz brilhava embaixo da porta.

Enquanto Lucie observava, a luz mudou. Alguém, ou algo assim, estava definitivamente dentro.

Jogando a cautela ao vento, Lucie começou a escalar uma das paredes. Ela chegou ao topo quase imediatamente. A estrutura era de fato sem teto: aberto aos elementos apesar das quatro paredes grossas. Lucie se achatou no topo da parede que ela subira e olhou para o espaço abaixo.

Era um quarto individual, sem qualquer decoração, exceto uma espada pendurada na parede. Tinha uma peça de talha entalhada em espinhos, o símbolo da família Blackthorn. No centro da sala havia uma mesa sobre a qual repousava um caixão. Parada ao lado do caixão estava Grace Blackthorn, uma tocha de luz enfeitiçada na mão direita. A mão esquerda estava sobre o caixão, os dedos finos estendidos, como se ela pudesse alcançar através da frente de vidro e tocar o corpo dentro.

Pois o caixão era de vidro, como o caixão da Branca de Neve em contos de fadas. E dentro dele estava Jesse Blackthorn - cabelos pretos como ébano, pele branca como a neve. Seus lábios não eram vermelhos como sangue: estavam pálidos e firmes, e seus olhos estavam fechados. Ele usava um traje branco de funeral - era chocante vê-lo em algo diferente das roupas em que ele havia morrido - e suas mãos estavam cruzadas sobre o peito.

Lucie agarrou a parede com força. O corpo de Jesse. Provavelmente havia sido movido para este galpão há pouco tempo - Tatiana teria mantido seu filho com ela em Idris até eles chegarem a Londres. Mas por que ela simplesmente não colocou Jesse dentro da casa principal, e não nessa pequena estrutura estranha? Em algum lugar onde houvesse um teto sobre ele?

O pensamento de chuva fria caindo em seu caixão era quase doloroso. Jesse não parecia morto; ele parecia como se o sono o tivesse encontrado deitado em repouso jardim. Parecia que ele poderia se levantar a qualquer momento e sair da prisão de vidro. Ele parecia vivo.

— Jesse — disse Grace. — Jesse, eu tenho medo.

Lucie congelou. Ela nunca ouvira Grace falar assim. Grace parecia com medo, era verdade, mas mais do que isso, ela parecia gentil.

— Jesse, me desculpe. Eu odeio deixar você aqui fora no frio, mesmo sabendo que você não sente isso. — Grace soou como se estivesse lutando contra as lágrimas. — Charles está sempre vagando pelo interior da mansão. Suponho que ele queira ver que tipo de propriedade herdará quando a mãe morrer. — A voz dela caiu; Lucie teve que se inclinar para ouvi-la. — Oh, Jesse. Eu tenho medo que eles vão me impedir de vir aqui à noite. Charles está constantemente dizendo que eu não deveria estar sozinha nesta casa em ruínas. Ele não sabe que eu não estou sozinha. *Você* vem falar comigo. — Ela retirou a mão com luvas de renda do caixão. — Você me perguntou por que eu vou me casar com Charles. Você perguntou se era porque eu temia o que mamãe poderia fazer com James.

Lucie congelou. Na quase escuridão, era impossível ver a expressão de Grace - parecia mudar à medida que a luz bruxuleante tremeluzia: um momento gentil, cruel no outro.

— Mas eu sou muito mais egoísta do que isso — sussurrou Grace. — Estou fazendo isso porque me libertará da mamãe. Quero que ela se recupere, de verdade, mas quando o fizer, preciso que ela perceba que agora faço parte da família do cônsul e não posso ser tocada. Quanto a James ...

As sombras engrossaram na pequena sala abaixo. Atrás de Grace, havia apenas escuridão. Lucie sabia que deveria voltar para a estufa, mas estava desesperada para ouvir mais do que Grace estava dizendo.

— Você me perguntou tantas vezes o que eu realmente sentia por James. E eu nunca te disse. Eu escondi muito de você. Eu sempre quis mostrar minha melhor cara, Jesse. Você foi o único que falou por mim contra mamãe. Eu gostaria...

As sombras atrás de Grace pareciam se mover.

Lucie ofegou. Grace olhou para o barulho, assim que uma forma agachada emergiu da escuridão.

Era um demônio, meio reptiliano e meio humano, com asas de morcego de couro e um queixo pontudo como a ponta de uma faca. Ele pairava sobre Grace, enorme e escalado, e ela gritou alto, deixando cair a tocha de luz enfeitiçada. Ela começou a recuar, mas o demônio era muito rápido. Sua garra de couro disparou para fora; agarrou Grace pela garganta e a levantou do chão. Seus pés pequenos em suas botas de salto chutavam loucamente.

O demônio falou, sua voz ecoando nas paredes de tijolos.

— *Grace Blackthorn. Você é* uma *garota* tola*.*

À luz da tocha, Lucie pôde ver que seu rosto era plano, como uma cobra, seus olhos ovóides brilhando como pedras negras. Tinha duas bocas, mas apenas a inferior se movia enquanto falava. Grandes chifres curvavam-se dos dois lados da cabeça, cobertos de escamas pretas e cinza.

— *Você nunca deveria ter traído os juramentos que sua mãe fez àqueles muito mais poderosos do que ela. Alguns encantamentos não são seus para remover. Você entende?*

— Já tinha começado a desaparecer — Grace ofegou. — Não estava funcionando...

Ela deve estar falando sobre os encantamentos colocados em Jesse, diz Lucie em pensamento. Talvez algo tivesse acontecido com eles quando Tatiana sucumbiu ao veneno?

— *Você fará o que for mandado. Coloque o encantamento de volta onde estava; Eu, Namtar, cuidarei de seu fortalecimento.* — Sua voz era como cascalho. — *Caso contrário, quando nosso mestre descobrir que foi removido, a ira dele estará além da sua imaginação. Lembre-se, tudo o que você gosta pode ser destruído com uma palavra dele. Com um movimento do pulso.*

Sua mão livre disparou em direção ao caixão que continha Jesse. Grace gritou. E Lucie se jogou da parede, aterrissando com força nas costas do demônio, os braços em volta do pescoço.

Com um rugido de surpresa, o demônio recuou, liberando Grace. Aterrissou com força, os olhos selvagens, os cabelos louros esvoaçantes no rosto. O demônio rosnou e abaixou a cabeça como se fosse afundar os dentes nas mãos de Lucie; ela soltou, caindo no chão e agarrou Grace pelo pulso.

Grace olhou para ela com espanto congelado.

— O que *você* está fazendo aqui? — Lucie não parecia ser a coisa mais urgente em questão. Ela cerrou os dentes e puxou Grace em direção à porta.

— *Corra*, Grace!

Ao som de seu nome, Grace se libertou de sua paralisia. Ela começou a correr, puxando Lucie atrás dela; elas irromperam pela porta e entraram no jardim. Grace soltou Lucie e virou-se para bater a porta atrás deles, mas o demônio já a havia agarrado do outro lado. Houve um grito de metal quando a porta foi arrancada das dobradiças e atirada para o lado.

O demônio avançou nas duas garotas. Lucie esperava que Grace fugisse para a casa, mas ela estava se mantendo firme. Lucie puxou uma lâmina serafim livre de seu cinto, exatamente quando Grace se curvou, pegou uma pedra e a atirou no demônio. Lucie tinha que lhe dar pontos pela iniciativa, pelo menos.

A pedra ricocheteou no peito de couro do demônio. Ele sorriu com as duas bocas e agarrou Lucie ao redor do tronco, fazendo sua lâmina serafim voar. Ela foi levantada quando os olhos negros do demônio a percorreram de cima a baixo. Seus olhos se estreitaram.

— Eu te conheço — rosnou. Pareceu quase surpreso. — Você é a segunda.

Lucie chutou, seus pés se conectando com força com o torso do demônio. Ele grunhiu e ela gritou de dor quando seu aperto aumentou. Sua boca inferior se abriu; ela viu o brilho das presas e depois uma enxurrada de preto quando o icor se derramou. Surpreso, ele lançou Lucie; ela caiu no chão e rolou para o lado enquanto o corpo do demônio se arqueava para trás. A lâmina de uma espada emergiu de seu peito, manchada de icor verde-preto. Ele olhou incrédulo para o aço que se projetava de seu tronco, rosnou e desapareceu.

De pé logo atrás de onde o demônio estivera estava Jesse.

Ele segurava a espada que estava pendurada na parede no pequeno caixão. Embora houvesse icor na lâmina e respingado no chão a seus pés, não havia manchas nas roupas ou nas mãos nuas. O céu estava escuro acima: seus olhos verdes brilhavam quando ele abaixou a espada lentamente.

— Jesse — Lucie respirou. — Eu...

Ela parou quando Grace deu um passo impressionante à frente. Seu olhar passou de Lucie para Jesse e voltou, sua expressão incrédula.

— Mas eu não entendo — disse ela, segurando uma mão pela outra. — Como você pode ver Jesse?

James pensou que Matthew e Cordelia ainda poderiam tentar impedi-lo, mas depois que ele explicou - as palavras ecoavam em seus próprios ouvidos, enquanto ele lhes dizia como havia reunido tudo - ele sabia que não. Ambos o encararam com rostos pálidos e esgotados, mas nenhum deles se moveu para ficar entre ele e o portão.

Matthew - desgrenhado, sujo, ainda com suas pontas desgrenhada - levantou-se, com o queixo erguido.

— Então, se você for, eu irei com você — disse ele.

O coração de James se partiu. Como ele pôde fazer isso com Matthew? Como ele poderia contemplar a morte em um lugar que Matthew nunca poderia segui-lo?

E ainda.

— Não vai dar certo — ele disse suavemente. — Ninguém pode me seguir nas sombras, Math. Nem mesmo você.

Matthew caminhou rapidamente em direção ao arco, enquanto James o chamava em alarme agudo. Ele estendeu a mão para tocar o espaço vazio abaixo do arco, onde o terreno verde do cemitério se transformou em cinza e cinza.

Sua mão saltou para trás como se ele a tivesse batido no vidro. Ele se virou para encarar os companheiros e Cordelia viu que ele estava tremendo.

— Cordelia, você tem corda? — ele disse.

Cordelia ainda tinha a corda que eles usaram para subir até a janela de Gast. Matthew tirou dela; enquanto James e Cordelia olhavam, confusos, ele segurou uma ponta da corda em volta da cintura de James.

Apesar do aperto de mãos, ele deu um nó excelente.

A outra ponta da corda ele prendeu em volta da cintura. Quando terminou, ele olhou firmemente para James.

— Continue, então — disse ele. — Se algo acontecer - se você precisar de nós para puxá-lo de volta - puxe a corda três vezes.

— Eu vou — disse James. Ele se virou para Cordelia; ele estava tão perto do arco que o contorno do lado esquerdo parecia acinzentado, como se ele fosse um desenho que estava sendo apagado rapidamente. — Cordelia.

Cordelia se inclinou e beijou James rapidamente na bochecha. Ela o viu piscar e tocar os dedos no local, surpreso.

— Volte — disse ela.

James assentiu. Não havia mais nada a dizer. Com um último olhar para trás, James passou pelo arco e desapareceu.

O mundo além do arco era preto e cinza. James se moveu primeiro através de formas amorfas e depois para um lugar onde um caminho serpenteava entre dunas de areia seca. O ar era espesso, ácido e com gosto de fumaça, e a poeira parecia soprar incessantemente no ar, forçando-o a proteger os olhos com uma mão.

Logo acima dele, ele podia ver um buraco nas nuvens cinza-negras e estranhas constelações de estrelas. Eles brilhavam como os olhos de aranhas. A alguma distância, as nuvens haviam se acumulado e a chuva negra caía.

Seu único conforto era a corda em volta da cintura. Como toda corda dos Caçadores de Sombras, seu alcance era muito maior do que parecia: desenrolava e desenrolava atrás dele sem sinal de esgotar-se. Ele a segurou com a mão direita: em algum lugar do outro lado estavam Matthew e Cordelia.

Depois de algum tempo, a paisagem mudou. Pela primeira vez, ele viu as ruínas do que antes fora uma civilização. Pilares quebrados cobriam o chão seco, juntamente com os restos de ruínas de velhos muros de pedra. À distância, ele pensou poder distinguir a forma de uma torre de vigia.

O caminho fazia uma curva em torno de uma duna. Quando James emergiu do outro lado, ele pôde ver a torre mais claramente. Subiu como uma lança contra o céu rasgado. À sua frente havia uma praça cercada pelas ruínas das muralhas, e no meio da praça havia um homem.

Ele estava todo vestido de branco, como um Caçador de Sombras de luto. Seu cabelo era de uma cor cinza pálido, embora ele não parecesse velho: era da cor das penas das pombas, cortadas fora de moda. Seus olhos eram de um cinza familiar de aço. James lembrou a ilustração dos príncipes no livro que estudara, mas aquelas eram representações monstruosas: aquele era um príncipe do inferno que se mostrava em sua forma mais humana. Parecia uma estátua esculpida por uma mão divina: seus traços

eram eternos, bonitos, tudo em equilíbrio. Era possível ver em seu rosto a terrível beleza dos caídos. Até suas mãos pareciam ter sido moldadas para atos de divindade: para oração e guerra santa ao mesmo tempo.

— Olá, avô — disse James.

O demônio veio em sua direção, sorrindo com cortesia. O vento acariciou seus cabelos claros.

— Você sabe quem eu sou, então?

— Você é Belial — disse James.

— Que garoto esperto — disse Belial. — Tomei muito cuidado para não deixar vestígios para trás. — Sua mão descreveu uma parábola graciosa no ar; os nós dos dedos eram como dobradiças curvas. — Mas então, você é *meu* neto.

— Mas esse não é o seu reino — disse James. — Era o reino de Belphegor, não era? E você tirou dele.

Belial riu benignamente.

— Pobre Belphegor — disse ele. — Eu o machuquei muito gravemente quando ele não estava esperando. Sem dúvida, ele ainda está flutuando no espaço entre os mundos, tentando encontrar o caminho de casa. Não é um cara legal, Belphegor, eu não desperdiçaria sua simpatia por *ele.*

— Não é simpatia — disse James. — A princípio, pensei que talvez Belphegor fosse meu avô. Mas não fazia sentido. Nem um pouco. Então Agaliarept disse que o reino de seu mestre havia sido tirado dele...

— Você conheceu *Agaliarept*? — Belial parecia muito divertido. — Que companheiro. Passamos bons momentos juntos antes de ele ficar preso naquela caixa. Você se move em círculos interessantes, James.

James ignorou isso.

— E eu comecei a pensar, quem roubaria um mundo inteiro? E por quê? — Ele observou o rosto de Belial por qualquer mudança, mas o Príncipe do Inferno não demonstrou emoção. — Então me lembrei de ler um livro que mencionava você.

— Muitos livros me mencionam — disse Belial.

— Este te chamou de ladrão de reinos, de mundos. E eu - pensei que fosse um erro. Isso significava dizer que você era o maior ladrão de todos os mundos, em qualquer mundo. Mas estava correto, não estava? Você *rouba reinos*. Você roubou este reino de Belphegor. — James ficou tonto; seu pulso, onde as unhas de Christopher o haviam acertado, doía e latejava. — Você pensou que ninguém iria adivinhar que estava por trás dos ataques demoníacos. Você pensou que se deixasse vestígios, eles seriam atribuídos a Belphegor. O que não entendo é que, durante toda a minha vida, você me mostrou esse lugar, esse reino... — Ele parou, lutando pelo controle. — Eu vejo este mundo querendo ou não. Mas por que me mostrar um reino que não é seu?

Belial fez uma careta.

— Você é mortal e mede suas vidas em dias e anos. Nós, demônios, medimos nossas vidas em séculos e milênios. Quando arranquei esse lugar do meu irmão, não havia Caçadores de Sombras. Eles não eram nem um pensamento na cabecinha estúpida e bonita de Raziel. Ao longo dos séculos, inclinei tudo neste reino à minha vontade. Toda árvore, toda rocha, todo grão de areia estão sob meu comando, e até você, meu garoto, está. Por isso te trouxe aqui.

— Eu vim aqui por vontade própria — disse James. — Eu *escolhi* conhecê-lo cara a cara.

— Quando você soube que eu não era Belphegor?

James sentiu-se subitamente cansado.

— Isso importa? Eu adivinhei um pouco quando o Mandikhor na ponte falou comigo. Não havia razão para um Príncipe do Inferno querer tanto me ver, a menos que compartilhássemos sangue, e não havia razão para ele ser tão cauteloso com relação a qual príncipe ele era, a menos que estivesse fazendo algum tipo de truque. Agaliarept disse que o reino de seu mestre havia sido roubado por um demônio mais astuto, e eu ouvi que meu avô era chamado de o príncipe mais astuto do inferno. Quando Ariadne falou, quando ela chamou seu mestre de Senhor dos Ladrões, eu *sabia* disso. O mestre do Mandikhor, o ladrão, o astuto príncipe, meu avô - eles eram o mesmo.

— E quem você acha que falou com você através de Ariadne e os outros? — disse Belial. Ele acenou com a mão preguiçosa no ar e, por um momento, James vislumbrou a enfermaria na Cidade do Silêncio. Os doentes estavam deitados imóveis em suas camas, Jem guardando o arco, com o cajado na mão. A sala estava silenciosa. James não pôde deixar de olhar para Christopher, imóvel e de aparência machucada. — Eu me cansei de sua perda de tempo. — disse Belial, abaixando a mão. A visão desapareceu da existência. — Você precisava entender que, se você não viesse a mim, a morte nunca iria parar.

James pensou em Matthew e Cordelia. Como eles o encararam, incrédulos, quando ele lhes disse por que tinha que passar pelo portão, por que não tinha escolha. *Devo conhecer meu avô em seu reino, seja uma armadilha ou não. Algumas armadilhas devem ser enfrentadas. Pois se eu não o encontrar e barganhar com ele, nunca haverá um fim para esta morte.*

— Você é a razão de ter havido tão poucos demônios todos esses anos em Londres — disse James. *Medo demais para mostrar o rosto,* Polly havia dito. — Eles ficaram longe porque tinham medo de *você*. Mas por quê?

— Para deixá-los todos despreparados— disse Belial. — O Mandikhor cortou você como uma faca no pão, e por que não? Você não se lembra de nada do que significa ser guerreiro.

— E então você começou a deixar os demônios voltarem — disse James lentamente. — Para nos manter ansiosos e distraídos. Não prestando atenção.

Belial sacudiu a areia da manga.

— Você e seus amigos parecem estar prestando muita atenção.

James falou friamente.

— Nós, humanos, não somos tão tolos quanto você pensa.

O sorriso de Belial aumentou.

— Você me entendeu errado, criança, se acha que sinto que os humanos são tolos — ele disse. — Eles são a criação mais amada do Céu. *'Em ação, como um anjo, em apreensão, como um deus'* — ele citou suavemente. *—'A beleza do mundo. O modelo de animais.'*

— Shakespeare — disse James — estava sendo sarcástico.

— Indiferente a isso, você não é verdadeiramente humano, não é? — disse Belial. — Nenhum Nephilim é. Você anda entre os humanos, parece com eles, mas os poderes dos mais baixos entre vocês excedem o ser humano mais forte.

James não tinha certeza do que esperava de Belial. Essa atitude em relação aos seres humanos não era. Mas os demônios eram criaturas complicadas, como fadas dessa maneira: eles distorciam e moldavam a verdade para seus próprios propósitos. E demônios, ao contrário das fadas, podiam mentir.

— Por que você queria tanto me conhecer? — James disse, mantendo a voz neutra. — E por que não veio até mim? Por que você insistiu que eu fosse até você?

Belial jogou a cabeça para trás, mas se ele ria, não fazia barulho.

— Você é uma surpresa — disse ele.

— Você esperava mais medo? — disse James. — Então você não conhece meu pai. Você não conhece minha mãe. Você não conhece minha família ou eu.

— Eu esperava mais raiva — disse Belial. — Mas talvez você tenha passado por essas coisas. Você já parece saber de mim. Você Nephilim e todos os seus livrinhos. O que você aprendeu sobre seu avô, então?

— *Você fez Belial para a cova, anjo da inimizade; na escuridão é o seu domínio, seu conselho é provocar maldade e culpa. Todos os espíritos de sua sorte são anjos da destruição, andam nas leis das trevas; para isso vai o único desejo deles'* —citou James.

Belial parecia divertido.

— Você também não aprendeu o significado do meu nome? *Beli ya'al* no aramaico original - ou é hebraico? Significa 'nunca se levantar'. Só eu, entre os príncipes do inferno, não posso andar na Terra em minha própria forma. Eu devo possuir um corpo para existir em seu reino.

— Você possuiu Ariadne — disse James. — Na enfermaria.

— Só por um momento — disse Belial amargamente. — Quando meu espírito possui um corpo humano, é como uma fogueira queimando dentro de uma frágil embalagem de papel. O corpo será destruído em poucas horas. Lilith, Sammael, todos os outros - eles

podem andar sobre a Terra, mesmo em suas próprias formas. Só assim sou restringido, pois o Céu nos castiga de acordo com suas luzes. Eu, de todos os príncipes, era quem amava mais os seres humanos, por isso estou sozinho proibido de caminhar entre eles. — Enquanto ele falava, ele gesticulou. Suas mãos eram tão bonitas e sem idade quanto o resto dele, com dedos finos e longos. Suas unhas eram pretas foscas. — E então há você.

A queima havia se intensificado nas veias de James. Ele podia sentir o suor da febre escorrendo entre as omoplatas, umedecendo os cabelos. Ele não se atreveu a olhar para o braço dele.

— O único corpo hospedeiro que posso usar — disse Belial — é o meu próprio sangue. Eu tentei com sua mãe, mas aquele anjo mecânico que ela usava me impediu de chegar perto dela. Mesmo quando se foi, Ithuriel a protegeu. Ela está muito envenenada com sangue de anjo para fazer um lar para mim. — Os lábios dele se curvaram. — Mas *você*. Nós poderíamos compartilhar seu corpo, James. Minha presença curaria o veneno de Mandikhor em suas veias. Você viveria, e o poder que você poderia ter seria imenso. Pois você não é meu herdeiro, minha própria carne e sangue?

James balançou a cabeça.

— Os ataques demoníacos, a doença - você causou tudo isso porque precisa que eu esteja *disposto.* — A última peça do quebra-cabeça se encaixou. O corpo inteiro de James palpitava de dor. — É por isso que você queria que Belphegor fosse responsabilizado pelo que estava tentando fazer. Por tudo isso. Você tem tentado contornar a lei que diz que não pode se levantar. Você nunca estava tentando *nos* enganar, os Caçadores de Sombras, sobre quem era meu avô. Você estava tentando enganar os outros como você.

— Anjos acima e demônios do poço — disse Belial, examinando suas unhas pretas. — De fato. Eu não nego isso.

— Você precisa que eu me *voluntarie* por posse. Para permitir que você se torne eu.

— Bem, — disse Belial. Ele parecia entediado.

— Você tirou a felicidade da minha avó. Você tirou a vida da minha prima Barbara. E você quer que eu...

— Que você me dê seu corpo para a minha ascensão — disse Belial, impaciente. — Sim. Porque eu posso fazer tudo *parar*. Minha criatura na ponte contou isso para você.

— O Mandikhor — disse James. — Você possuía alguém e o enviou para Emmanuel Gast. Fez ele sumonar o demônio.

— Gast era um idiota útil — disse Belial. — Ele de alguma forma pensou que depois de criar o demônio, eu o deixaria viver, embora a trilha eventualmente fosse levar a ele e ele não é do tipo que poderia suportar tortura ou interrogatório. — Ele bocejou. — É realmente muito ruim - Gast era bastante talentoso em magia dimensional. Ele conseguiu elevar o Mandikhor de tal maneira que ele existe em parte no seu mundo, e em parte aqui, onde ele prospera.

— É por isso que pode suportar a luz do sol em nosso mundo — disse James.

— Precisamente. Os mundos estão sobrepostos: o Mandikhor e suas crianças são protegidas em seu reino por este. E aqui isso me serve completamente. Quando eu ordenar que parem de atacar os Nephilim, os ataques serão interrompidos. As mortes vão parar. Mas se você me recusar, eles continuarão. E você, meu garoto, vai morrer.

— Pare o demônio primeiro — James murmurou. — Traga-o adiante e destrua-o, e você pode - pode me possuir. Eu vou te deixar.

— Não — ronronou Belial. — Não é assim que essas coisas funcionam, James Herondale. Este é o *meu* reino, e não haverá truques. Primeiro você se torna meu hospedeiro. Então...

James balançou a cabeça.

— Não. O demônio primeiro. E você não pode simplesmente rescindir suas ordens para a criatura. Você deve destruí-lo.

O olhar gelado de Belial endureceu. *Os olhos dele são muito parecidos com os da minha mãe,* James pensou. Era estranho ver aqueles olhos cheios de tanto mal. Tanto ódio.

— Não é seu dever me dar ordens — disse Belial. — Venha aqui, garoto.

James não se mexeu. Os olhos de Belial se estreitaram, depois passaram por cima dele, tomando seu rosto, seu uniforme, seu pulso sangrando.

— Você me recusa — disse ele lentamente, quase como se não pudesse acreditar. James teria dito que parecia horrorizado, se os Príncipes do Inferno pudessem estar horrorizados.

— Como eu disse antes — disse James. — Eu vim aqui por vontade própria.

— Entendo — disse Belial. — Você não é tão tratável quanto eu fui levado a acreditar. Mas você perceberá a sabedoria dos meus planos em breve. Eu preferiria um corpo adulto masculino — acrescentou, quase como um aparte. — Na verdade, eu preferiria que você fosse um pouco mais velho, mas as necessidades aparecem conforme o diabo dirige. Como eles dizem. — Ele sorriu. — Lembre-se de que você não é o único que eu poderia abordar.

Ele acenou com a mão pregada em preto e uma luz multicolorida atravessou o ar escuro. Ele se transformou na forma de Lucie - Lucie de uniforme, seus cabelos em um chignon decididamente apertado. Ela olhou exatamente a si mesma, até as manchas de tinta em suas mãos. O estômago de James apertou.

— Não ouse tocá-la — disse ele. — Além disso, Lucie nunca concordaria.

Belial riu.

— Não tenha tanta certeza. Considere isso, James. Apesar da força no seu sangue, o corpo que você ocupa é frágil. Veja o que você está morrendo agora. Quatro pequenas marcas de unhas em seu braço. Tão pouco para terminar tanto. Você mora em uma concha frágil que pode envelhecer, morrer e sentir uma dor terrível. Mas se você se juntasse a mim, você se tornaria imortal. Você não gostaria disso para sua irmã? Para você mesmo?

— Não — disse James. — Não valeria a pena.

— Ah, a confiança tola dos Nephilim. — Os olhos de Belial se estreitaram. — Talvez seja hora de lembrá-lo, rapaz, de quão frágil você realmente é.

Houve um silêncio. Jesse ficou de pé, sem respirar com dificuldade - sem respirar - a espada na mão. Ele olhou de Grace para onde Lucie estava agachada, ainda no chão. Ele inclinou a cabeça na direção de Lucie, então, com o menor aceno de cabeça.

Ela se virou para Grace.

— Sim — disse Lucie. — Eu posso ver Jesse.

A mão de Grace voou para sua boca.

— Mas como? — ela sussurrou. — James também é Herondale, mas não pode vê-lo. James nunca poderia vê-lo.

— Lucie é incomum — disse Jesse. — Ela parece ser capaz de ver mais do que fantasmas comuns.

Ele apoiou a espada na lateral do galpão e foi até a irmã.

— Grace — disse ele, gentilmente colocando os braços em volta dela. Grace deitou a cabeça no ombro dele. — Aquele demônio. O trabalho do avô ainda estava por aí?

Grace recuou um pouco.

— Não — ela disse. — Foi ... — Ela balançou a cabeça. — Não é seguro. Não podemos falar na frente dela, não sobre nada. Ela é filha de Will Herondale, Jesse; ela é praticamente sobrinha da consulesa.

Lucie levantou-se silenciosamente, tirando a grama das roupas. Ela se sentiu muito estranha. Ela pensou no demônio, seu sussurro: *os juramentos que sua mãe fez àqueles muito mais poderosos que ela.* O demônio estava fazendo Tatiana, ela sabia, e ela suspeitava pelo olhar em seu rosto que Jesse também adivinhou.

— Eu conheço Lucie — disse Jesse, olhando para Lucie por cima da cabeça loira de Grace. — Eu confio nela. Assim como você confia em James.

Grace recuou e franziu a testa.

— Eu nunca contei a ele sobre você — Lucie! — Uma voz chamou seu nome; ela olhou para cima para ver Thomas correndo para ela. Ele limpou a sebe baixa com facilidade e se aproximou, parecendo intrigado, mas pronto para uma luta, seu *bolas* na mão.

Grace se afastou apressadamente de Jesse, enxugando o rosto. Ela se virou para encarar Thomas.

— Por que você invadiu minha casa? — ela exigiu. — O que está acontecendo aqui?

— Não achamos que você estivesse em casa — disse Thomas.

— Não é necessário — disse Lucie. — Conte a ela sobre o antídoto, Thomas.

— Ah — disse Thomas, olhando nervosamente para Grace. — Christopher e eu estamos tentando descobrir um antídoto para o veneno demoníaco.

— E? — disse Grace em tom cortante. Ela estava olhando Jesse pelo canto do olho; ele se retirou vários metros e estava olhando para eles silenciosamente. Parecia claro que Thomas não podia vê-lo.

— Precisávamos de algo da sua estufa — disse Thomas. — Uma planta em particular. Eu a peguei e suspeito que não vai faltar, dado o estado do conservatório.

Jesse ergueu as sobrancelhas.

— Você tem o hábito de invadir as casas das pessoas e insultar sua jardinagem? — exigiu Grace. — E por que a senhorita Herondale estava nos jardins italianos?

— Eu... — Lucie começou.

O mundo ficou branco. Branco, depois cinza. Lucie ofegou quando o jardim à sua frente desapareceu, substituído por um vasto deserto e um céu noturno florescendo com estrelas desconhecidas. Na frente dela, ela podia ver James, suas roupas manchadas de sangue. Ele parecia doente, doente e febril. Enquanto ela olhava em choque, ele se lançou para a frente com uma lâmina na mão.

A visão desapareceu. Ela estava de volta ao terreno da mansão em Chiswick, seu corpo dobrado, lutando por respirar. O que ela viu era real; ela sabia disso.

— James — ela engasgou. *James está com algum tipo de problema. Temos que ajudá-lo.* Mas ela não podia dizer isso na frente de Thomas; ele precisava se concentrar no antídoto e, além disso, pensaria que ela estava louca. Ela tentou firmar a voz. — Eu deveria me juntar a ele.

Thomas parecia confuso. Grace também. Apenas Jesse parecia entender.

— Onde ele está agora? — disse Jesse. — Eu vou checá-lo. Você sabe como rapidamente viajo.

Lucie e Grace trocaram um olhar rápido, quase conspiratório.

— Onde *está* James, a propósito? — Grace perguntou em voz alta. — Ele não está com você?

— Ele está no cemitério de Highgate — disse Lucie. — Ele foi para a cidade do silêncio.

Jesse deu um breve aceno de cabeça e desapareceu.

— O que diabos, Lucie? — disse Thomas. — O que aconteceu com James?

— Eu deveria me juntar a ele em Highgate — disse Lucie. — Serei mais ajuda para nossos amigos do que para você no laboratório. Agora que temos o último ingrediente, o tempo é essencial para criar esse antídoto, não é?

— Sim, mas você deve ir para Highgate agora?

— Eu apenas sinto que deveria estar com ele e com Cordelia. Fizemos o que viemos aqui - só serei uma distração para você no laboratório.

— Lucie pode emprestar nossa carruagem com os pôneis — disse Grace rapidamente. — Será suficiente para levá-la à Cidade do Silêncio se ela desejar.

Surpresa, Lucie lançou-lhe um olhar agradecido. Thomas parecia dividido.

— Eu devo ir com você, Lucie.

— Não — protestou Lucie. — Tom, você *deve* ir à casa da consulesa. Eu não poderia viver comigo mesma se o antídoto atrasasse por minha culpa.

Lucie pensou que isso certamente era verdade. Thomas foi finalmente convencido a se despedir e voltou para a longa viagem da mansão.

Assim que ele ficou fora do alcance da voz, Grace olhou fixamente para Lucie.

— O que você está planejando? Eu sei que você o mandou embora por uma razão. Está sozinha.

— Eu o mandei embora por causa de Jesse — disse Lucie. — E porque eu ouvi você conversando com aquele demônio, Grace.

Estava te ameaçando por algum feitiço. A Clave...

Grace tinha um tipo horrível de cor. Nos livros, quando as pessoas empalideceram, era dramático. Nesse momento, a visão deixou Lucie um pouco enjoada.

— Nem diga o nome deles — disse ela. — Sim, minha mãe invocou magia das trevas para tentar trazer meu irmão de volta, e com a magia das trevas vieram demônios - demônios com quem ela fez pechinchas, demônios com demandas, promessas exigentes. Desejo ao anjo que ela não tivesse feito nada disso. Tentei esconder o pior de Jesse, mas eu - ele é tudo o que tenho e não posso perdê-lo. Se a Clave soubesse dos feitos de minha mãe...

— Eu sei — disse Lucie, tentando um tom calmante. — Entendo que ninguém pode saber que Jesse está aqui, que você o está escondendo, porque se os Nephilim encontrassem seu corpo, eles o destruiriam. Mas ele não deveria estar escondido, protegido? O Enclave não o encontrou quando revistaram o local aqui ...

— Mamãe manteve o caixão de Jesse em seu quarto, e o Enclave não entrou lá — disse Grace em um quase sussurro. — Eu o mudei depois que ela ficou doente. Eu não aguentava entrar lá. E eu não aguentava que ele acordasse lá todo pôr do sol.

— Isso é horrível... — Lucie começou, então ela deu um grito de surpresa quando Jesse reapareceu. Grace, claramente mais acostumada às idas e vindas fantasmagóricas de Jesse, parecia imperturbável. — Você o encontrou? — Lucie perguntou imediatamente. — Você viu James?

Jesse hesitou.

— Eu não o vi, mas vi Matthew e Cordelia. James estava... desaparecido.

— Isso é tudo? James estava *desaparecido?* — Lucie exigiu. — Matthew e Cordelia não o abandonariam.

— Acho que ele os deixou, se ele escolheu ir — disse Jesse lentamente. — Havia... restos de magia das trevas lá.

O estômago de Lucie se apertou.

— Nós precisamos alcançá-los. Agora.

— Você pode pegar nossa carruagem, como sugeri — disse Grace, embora Lucie percebesse que não se ofereceu para

acompanhá-la.

— Não. Obrigado, mas... — Lucie virou-se para Jesse. — Por favor, você pode me levar com você? O jeito que você viaja?

Jesse ficou surpreso.

— A maneira como os *fantasmas* viajam? — ele disse. — Não tenho ideia se funcionaria, Lucie. Eu nunca trouxe ninguém comigo.

Lucie estendeu a mão. Jesse estava parado perto dela, e ela podia descansar a palma da mão no peito dele. Ele era sólido, sua pele macia onde os dedos dela roçavam sua clavícula. Mas não houve batimentos cardíacos sob a mão dela.

Ela olhou nos olhos dele. Ele nunca poderia perdoá-la por isso, ela sabia, mas não tinha escolha.

— Jesse Blackthorn — disse ela. — Eu ordeno que você me leve com você ao meu irmão. Leve-me ao cemitério Highgate.

Ele endureceu.

– Lucie. Não.

Grace deu um passo na direção deles, parecendo intrigada. Ela começou a estender a mão em direção a Jesse.

— Eu *comando* — Lucie disse ferozmente. Com um olhar de fúria no rosto, Jesse a puxou para seus braços, e o chão desapareceu sob seus pés.

20

MENOS DO QUE DEUSES

Vingança desesperada, e batalha perigosa Para menos do que deuses.
Do outro lado, levantou-se Belial, em ato mais gracioso e humano.
Uma pessoa mais justa não perdeu o céu; ele parecia por dignidade composta e alta exploração.
- John Milton, *Paradise Lost*

— A corda ainda está frouxa — disse Matthew, depois de uma quantidade interminável de tempo no cemitério. Ele estava muito pálido; Cordelia estava preocupada com ele. A passagem de James para o outro mundo parecia estar minando sua força.

Cordelia chegara o mais perto possível da arcada. Ela pensou que talvez pudesse vislumbrar James através dele, mas ela viu apenas uma visão de chão morto e árvores quebradas, e uma lua vermelha nascendo.

— E se algo aconteceu com ele? — Perguntou Matthew.

— Você disse a James para puxar a corda se ele precisasse sair — disse Cordelia. — Ele sabe o que fazer.

Ela olhou para baixo; ela podia ver onde suas leves pegadas levavam ao arco e desapareceram abruptamente. Ela estendeu a mão para tocar o espaço abaixo do arco, experimentalmente - talvez houvesse um ponto fraco na barreira?

Não havia. Era tão inflexível quanto granito. Através dela, ela podia ver grãos individuais de areia agitados pelo vento de outro mundo. Parecia tão perto.

Houve um estalo quando a corda se esticou. Cordelia girou quando Matthew gritou, a corda girando para a frente, puxando-o de

pé. Ele bateu no chão com força, lutando enquanto era arrastado em direção ao arco.

Ele arranhou a terra, tentando retardar seu progresso, suas roupas se prendendo e rasgando nas raízes que se projetavam do chão. Ele bateu no arco com força, pouco antes de a corda se soltar - ele se afastou, gemendo, enquanto Cordelia corria em sua direção, desembainhando Cortana.

Ela caiu de joelhos ao lado de Matthew. Havia sujeira e sangue em seus cabelos. Ela pegou a corda, erguendo a lâmina.

— Não — Matthew murmurou. — James...

Ele não queria que ela cortasse a conexão com James, ela sabia. Mas bater repetidamente na barreira entre este mundo e o próximo mataria Matthew. Cordelia sabia disso também; mesmo que Matthew não se importasse, ela o fazia.

Ela trouxe Cortana para baixo, cortando a corda em volta da cintura de Matthew. Matthew rolou de bruços, lutando de joelhos, no momento em que Cordelia agarrou a ponta cortada da corda, enrolando uma bobina solta ao redor de seu pulso e segurando-a com a maior força possível.

— *Cordelia* — Matthew a alcançou.

A corda se esticou novamente. A força era incrível - puxou Cordelia de lado, quase a empalando com sua própria espada. Ela gritou quando foi arrastada em direção ao arco. Ela viu a barreira se aproximando quando a corda foi puxada através dela. O espaço abaixo do arco brilhava. Ela rolou, torcendo o corpo, erguendo Cortana na mão; ela estava se movendo cada vez mais rápido.

Lembrou-se da maneira como a espada havia se incorporado no granito da Tower Bridge. E ela ouviu a voz do pai, um som doloroso, nos ouvidos. *Esta é uma lâmina que pode cortar qualquer coisa.*

Ela sentiu o punho pulsar na palma da mão - ela ouviu Matthew gritar - e jogou Cortana para frente, inclinando-se para o arco como se fosse tanto papel que ela pudesse cortar.

Houve o som de algo quebrado quando Cortana atravessou a barreira entre este mundo e o outro. Cordelia gritou quando cacos de vidro voaram por ela, cada um contendo uma imagem - ela viu uma praia e uma lua sangrenta, uma caverna subterrânea, uma

cidadela em uma colina, um demônio subindo diante de uma torre de vigia.

Os fragmentos passaram rapidamente e desapareceram. A corda afrouxou, deixando o pulso e a mão de Cordelia queimando. Ela rolou, engasgada e ofegante.

Ela estava no reino das sombras: o céu acima dela estava cheio de nuvens cinzentas, pesando como blocos de granito. Em todo lugar se estendiam dunas de cinzas e areia. Os ossos clareados de animais estranhos, mortos há muito tempo, se projetavam da terra.

— Daisy — disse uma voz familiar.

A corda caiu de sua mão enquanto ela lutava para se sentar. Ajoelhado na areia ao lado dela estava James. Ele estava com o rosto branco, as sombras sob os olhos como hematomas, as maçãs do rosto manchadas de terra.

— Como você está aqui? — ele sussurrou. — Como você está aqui?

— Cortana. A lâmina... cortou o arco...

— Daisy — ele respirou, e a pegou nos braços.

Ela não esperava isso, e soltou o cabo de Cortana surpresa - o que foi uma sorte, pois de outra forma poderia ter esfaqueado um ou os dois. Sua bochecha pressionou contra a dela; ela podia sentir o coração dele batendo forte.

— Eu pensei que nunca mais te veria — ele murmurou. — Daisy, anjo.

Ela colocou os braços em volta do pescoço dele.

— James.

Provavelmente foram apenas alguns segundos que ela estava nos braços de James, mas parecia o tempo todo e não havia tempo. Ela apertou os lábios contra os cabelos macios dele, assim como um som de trovão ecoou acima. James ficou de pé, puxando Cordelia com ele.

— Volte, Daisy — disse ele, olhando para o rosto dela. — Você tem que abrir caminho de volta. Saia daqui.

O som como trovão chegou novamente, mais perto agora.

— James, não. Eu não vou te deixar.

James a soltou com um gemido. Ele alcançou Cortana, pressionando o punho na mão dela. Seus dedos se fecharam automaticamente em torno do aperto.

— Eu sei o que Belial quer agora. Eu prometo, não há nada que você possa fazer...

A mão dela apertou Cortana.

— Só se você voltar comigo — disse ela teimosamente. O som voltou novamente; não era um trovão, mas parecia ecoar pela terra.

— Eu não posso — disse ele. O vento do deserto havia subido, soprando seus cabelos de seda preta na testa. — Eu devo destruí-lo. É a única maneira de acabar com isso. — Ele tocou o rosto dela. — Volte, minha Daisy. Diga a Matthew...

Um rugido dividiu a noite, sacudindo a terra embaixo deles. Cordelia ofegou quando as dunas ao redor deles subitamente se separaram. Areia explodiu para cima, apagando as estrelas; a terra se abriu e *algo* arranhou seu caminho, rugindo como um trovão.

Cordelia levantou a mão para cobrir o rosto. Quando ela a abaixou, com a pele e os cabelos sujos de areia, ela piscou e olhou. Onde antes havia um deserto vazio, o demônio Mandikhor, três vezes o tamanho que aparecera na ponte, pairava acima dela e de James, seu volume dividindo o céu.

A mansão da consulesa na Grosvenor Square havia sido construída no estilo dos tempos da Geórgia, com tijolos de estuque pálido para criar uma fachada com pilares que lembra a Roma antiga. Era uma casa grande: as copas das árvores roçavam as janelas do quarto andar. Para Thomas, era um lugar que ele brincava com seus amigos desde que era muito jovem, sem a capacidade de impressionar ou alarmar.

Ou assim ele pensara. Quando ele desceu da carruagem e começou a subir os amplos degraus da porta da frente, a ansiedade se instalou na boca do estômago. Ele e Lucie haviam violado todas as regras do *Codex*, e agora ele fugira direto para a casa do cônsul. Ele devia estar louco.

Ele pensou em James, em Lucie e Matthew. Em Cordelia. Nenhum deles teria um momento de hesitação em ir direto para a porta da frente. Ele pensou em Christopher, morrendo na Cidade do Silêncio. Sozinho na escuridão, sem seus amigos, o veneno queimando em suas veias. Christopher, primo de Thomas e irmão do seu coração.

Thomas subiu as escadas e bateu na porta da frente.

— Charles! — ele chamou. — Charles, é Thomas Lightwood, me deixe entrar!

Como se Charles estivesse esperando na entrada, a porta se abriu imediatamente.

Charles usava um terno preto, com os cabelos ruivos para trás. Thomas sentiu uma mistura de mágoa e raiva, como sempre fazia na presença de Charles nos dias de hoje. Uma vez que Charles tinha sido apenas o irmão mais velho irritante de Matthew, raramente pensava nisso. Agora, Thomas viu a maneira como Alastair olhou para Charles e sentiu uma dor surda.

— Se isso é sobre Christopher, eu não sei mais do que você — disse Charles, parecendo impaciente. — Ele está na cidade do silêncio. Eu acredito que Matthew foi ao Instituto para ficar com James. Eu sugiro que você faça o mesmo.

Ele começou a fechar a porta. Sem pensar, Thomas enfiou o ombro considerável no espaço entre a porta e a moldura.

— Eu já sei sobre Christopher — disse ele. — Eu preciso usar o laboratório lá embaixo. Christopher não pode, então eu vou.

— Não — disse Charles. — Não seja ridículo. Pessoas estão morrendo. Não é hora de brincar sobre...

— Charles. — Alastair apareceu na entrada. Ele usava calças e mangas de camisa e não usava jaqueta. Seus antebraços nus eram levemente musculosos, o queixo erguido naquela inclinação arrogante que ele afetava, mesmo quando ninguém estava olhando para ele. — Deixe Thomas entrar.

Charles revirou os olhos, mas deu um passo para trás da porta. Thomas meio que tropeçou na entrada.

— O que você quer fazer? — Alastair disse. Ele estava olhando para Thomas, as sobrancelhas escuras atadas.

Thomas explicou a idéia de Christopher para um antídoto rapidamente, pulando, é claro, todas as partes que envolviam visitas ilegais a estufas.

— Eu só preciso do laboratório para ver se funcionará — concluiu. — Alastair-

— Thomas, honestamente — disse Charles. — Talvez suas intenções sejam boas, mas não é hora de fazer experimentos precipitados e bobos. Estou a caminho de me encontrar com o Enclave. Não tenho tempo para ficar aqui e ter certeza de não explodir a casa.

Thomas pensou em Christopher - Christopher tímido e esperto - e nos anos e anos de determinação silenciosa que o haviam tornado um especialista no que ele fazia, respeitado por Henry, muito mais capaz do que ele jamais recebeu.

Thomas agarrou a caixa que segurava a raiz do malo no peito com determinação.

— Minha irmã e meu primo foram atingidos por essa coisa - esse veneno demoníaco — disse Thomas. — Minha irmã está morta. Christopher está morrendo. Como você pode pensar que não estou falando sério sobre isso? Que isso é precipitado ou bobo? Criar um antídoto é a *única* maneira de salvar aqueles que ainda estão vivos.

— O Enclave... — Charles começou, abotoando o paletó.

— Mesmo que o Enclave localize e mate o demônio Mandikhor, isso não ajudará aqueles que estão doentes — disse Thomas. — Não vai ajudar Ariadne.

A boca de Charles se achatou em uma linha irritada, e por um momento Thomas teve a sensação bizarra de que ele ia dizer que não se importava.

Ariadne. Ele viu Alastair dar a Charles um olhar sombrio - quase como se o mesmo pensamento lhe tivesse ocorrido.

Thomas pigarreou.

— Alguém me disse uma vez que precisamos recuar e deixar as pessoas fazerem o que elas são boas, e Christopher é bom nisso. Eu tenho fé nele. Este antídoto *funcionará.*

Charles apenas parecia confuso, mas Thomas não tinha dito isso por Charles. Ele olhou para Alastair, que estava usando um par de

luvas. Alastair ergueu os olhos casualmente, sem olhar para Thomas, e disse: — Charles, deixe-o usar o laboratório. Vou ficar e garantir que ele não queime a casa.

Charles parecia pasmo.

— Você faria isso?

— Parece o melhor curso de ação, e você sabe que não tenho interesse em outra reunião do Enclave.

— Suponho que não — disse Charles, um pouco relutante. — Tudo bem. Venha quando puder, então.

Ele estendeu a mão em direção a Alastair, como se fosse um hábito, e largou-a rapidamente. Ele e Alastair se entreolharam com um constrangimento que parecia um beliscão no coração de Thomas.

Charles desceu as escadas. No meio do caminho, ele se virou e olhou.

— Não destrua *nada* — disse ele a Thomas, caminhou até o pé da escada e desapareceu na esquina.

— É melhor chegarmos ao laboratório... — Thomas começou, indo em direção à parte principal da casa.

— Pare — disse Alastair. Thomas congelou, mais surpreso do que qualquer outra coisa. Os olhos de Alastair eram lascas de gelo preto. — Eu não me importo nem um pouco com o laboratório — disse ele. — Quero saber onde minha irmã está em toda essa loucura. Para onde ela foi?

— Cemitério Highgate — disse Thomas. — Entrada para a cidade do silêncio.

— Inferno — disse Alastair. — Por quê? Quer saber, não importa o porquê. Isso só me deixa com raiva.

— Sinto muito — disse Thomas. — Não que ela esteja lá - se houvesse perigo, e acho que não, Cordelia poderia se defender admiravelmente -, mas que tudo isso está acontecendo. Não é culpa nossa, mas eu só... desculpe.

O olhar de Alastair se suavizou e, por um momento, Thomas sentiu-se de volta a Paris, com as mãos nos bolsos, conversando em voz baixa com Alastair Carstairs, como se fossem apenas os dois em todo o mundo.

— Eu também sinto muito — disse ele. — Sobre sua irmã. Eu não tive a chance de lhe contar antes.

Thomas ficou sem fôlego.

— Obrigado.

— Você realmente acha que esse antídoto funcionará? — Alastair perguntou.

— Eu sei que sim.

Alastair manteve o olhar de Thomas por um longo momento, depois assentiu.

— E quanto tempo vai demorar para fazer isso?

— Vinte minutos, se tudo der certo.

Alastair exalou.

— Tudo bem — disse ele. — Vinte minutos então. Depois disso, vou encontrar Cordelia. — Ao olhar perplexo de Thomas, ele gesticulou impaciente em direção aos degraus que desciam para o laboratório. — Eu vou ajudá-lo — disse ele. — Vamos ao trabalho.

O Mandikhor era enorme. Ele se ergueu sobre eles como a fumaça de uma fogueira. Não havia como confundir: embora tivesse crescido tremendamente em tamanho, tinha o mesmo corpo escamado em forma de leão, a mesma fileira tripla de mandíbulas presas. Havia algo mais sobre isso que também era novo - aqui no reino das sombras, seu corpo estava marcado com milhares de tipos de doenças. Enquanto se movia na direção deles, com as garras rasgando a areia, Cordelia se sentiu amordaçada. Os demônios como um grupo eram frequentemente repugnantes; era necessário treinar-se para lidar com o horror. Mas havia algo visceral nos marcadores da morte que cobria essa criatura - os feios balões da Peste Negra enfeitavam seus braços, enquanto seu tronco era atingido por varíola, o peito rachado e cheio de lepra. Manchas de sua pele foram corroídas com podridão ácida, enquanto outras estavam vermelhas com escarlatina. Icor preto escorria de seus ouvidos e boca.

James recuou, puxando Cordelia com ele, mas areia e terra se amontoavam ao redor deles em dunas laterais. Não havia como recuar.

Uma risada aguda ecoou. Em cima de uma das dunas de areia, estava um homem com cabelos e olhos cinza-claros. Ele parecia jovem e surpreendentemente bonito, mas havia uma borda escura em sua beleza - era como a beleza do sangue na neve ou o brilho do osso branco na sombra.

Ele se parecia com James. Não de uma maneira específica, mas o formato dos olhos, talvez, os ossos do rosto, a curva da boca. Ela teve que se lembrar: *aquele é Belial, príncipe do inferno. Se ele lembra James, isso é deliberado da parte dele. Na sua verdadeira forma, ele pode não se parecer em nada com isso.*

Quando a poeira se assentou ao redor deles, ele estendeu a mão em direção ao demônio Mandikhor. O demônio pareceu congelar quando Belial virou-se para olha Cordelia com um olhar frio.

— Tsk-tsk, James — disse ele. — Trazer reforços como esse é trapaça. Quais são as regras para um jogo limpo?

James tirou uma brilhante espada curta de seu cinto de armas. Ele estava respirando com dificuldade e muito pálido: manchado de terra e areia, ele não parecia mais um jovem cavalheiro eduardiano, mas algo mais primitivo que isso.

— Deixe-a voltar ao nosso mundo — disse ele. — Apenas deixe ela em paz. Seus negócio são comigo.

— Não — disse Cordelia bruscamente. — Eu não vou te abandonar!

Belial fez um gesto entediado, um movimento preguiçoso do pulso. Cordelia ofegou quando trepadeiras negras explodiram da terra, enroscando-se nos pés e pernas, prendendo-a no lugar. James deu um passo em sua direção; ela levantou Cortana e a abaixou, com a intenção de cortar as videiras.

A lâmina desapareceu da mão dela. Ela se desequilibrou, caindo de joelhos; as videiras se retorceram mais em torno das pernas e ela engasgou com um grito. A dor era angustiante, deixando sua visão vermelha. Ela ouviu James gritar algo e olhou através dos

olhos turvos para ver Belial, sorrindo um sorriso terrível, Cortana agarrada sua mão.

Ele riu da expressão dela.

— Neste reino, todas as coisas me obedecem — disse ele. — Até uma lâmina de Wayland, o Ferreiro. — Ele estalou os dedos, o som alto como um tiro.

O demônio Mandikhor recuou e pulou em James.

James rolou para o lado quando o demônio Mandikhor surgiu. Ele ouviu que atingiu o chão ao seu lado, enviando ondas de choque através da areia e da sujeira. Ele rolou de costas quando ele se ergueu sobre ele, apunhalando para cima com sua espada. Ele ouviu um grunhido, e o icor ardente espirrou em seu braço.

O demônio recuou, dando-lhe espaço suficiente para se levantar. Ele podia ver Cordelia, lutando desesperadamente contra as videiras. James deu um salto para frente, rolando várias vezes até ficar de pé e girar: o Mandikhor estava atrás dele, balançando uma pata em forma de maça. James se abaixou quando ela assobiou no alto, o errando por pouco.

Sua cabeça doía e latejava. Sua pele estava quente e apertada, seu pulso uma agonia ardente. Ele recuou, tentando centralizar sua visão no Mandikhor. Era uma sombra se movendo contra uma luz mais forte que machucava seus olhos. Belial observou atentamente enquanto o Mandikhor circulava, rosnando.

Cordelia gritou um aviso. O Mandikhor saltou no ar - era particularmente rápido, apesar de suas feridas e machucados - garras estendidas. Uma varreu o braço de James; ele girou de lado, a lâmina chicoteando acima, cortando o torso do demônio. Mais icor espirrou nele, misturando-se com seu próprio sangue agora. Ele provou metal na boca e rolou agachado atacando em uma estocada: o Mandikhor levantou um punho com garras, agarrando a lâmina da espada. Ele uivou, com a pele aberta, agarrou a lâmina e empurrou, jogando James para trás.

Ele bateu no chão com força suficiente para tirar o fôlego dele. Sua espada derrapou da mão. Ele a alcançou quando um dos pés do Mandikhor bateu na lâmina. Ele rolou para o lado quando uma tosse aguda o tomou; rastejando de joelhos, ele cuspiu sangue. Ele ouviu Belial rindo.

Ele limpou o sangue da boca. O demônio se ergueu sobre ele em toda a sua altura: olhou através dos olhos vermelhos.

— Desista, James — disse Belial. — Reconheça a derrota. Ou mandarei que o Mandikhor o derrube.

James ficou dolorosamente de joelhos. Ele viu Cordelia, com as mãos ensanguentadas por rasgar as videiras. Ele queria se desculpar com ela, dizer que sentia muito por arrastá-la para essa bagunça sem esperança.

Ela olhou para ele - era como se ela estivesse tentando lhe dizer algo, tentando falar com ele com os olhos. Suas mãos ainda seguravam as videiras. Ela não tinha desistido, apesar do sangue, apesar da dor. Ela era Cordelia; ela nunca desistiria.

Lute, ele disse a si mesmo, mas não conseguiu se levantar: seu corpo estava desistindo. Sombras começaram a aparecer no limite de sua visão. O Mandikhor pairou sobre ele, esperando por uma palavra, um gesto de Belial. Belial, que governou todo esse lugar, que inclinou este reino à sua vontade.

James esticou o braço direito. O corte feito pela garra do Mandikhor ainda estava sangrando livremente: gotas caíam no chão e a areia as bebia. Ele pensou que podia ouvir a areia sussurrando, um suave murmúrio de som, mas talvez fosse apenas o veneno em seu corpo.

Sombras, a areia sussurrou, e James pensou em todas as coisas que Jem já havia lhe ensinado. Foco. Clareza. Respiração. *Você deve construir uma fortaleza de controle ao seu redor. Você deve conhecer esse poder para poder dominá-lo.*

Belial havia dominado este mundo. Ele havia dobrado tudo nele à sua vontade - *toda árvore, toda rocha, todo grão de areia estão sob meu comando*. Cada parte deste reino respondeu àquilo que fez o próprio Belial.

Você não é meu herdeiro, minha própria carne e sangue?

James se concentrou. Ele concentrou toda a sua concentração como luz atraída através de uma lupa. Ele abateu com sua vontade, com sua determinação, com o sangue em suas veias. Ele sentiu o chão mudar e mudar embaixo dele; ele procurou a substância desse reino em si: a madeira petrificada das árvores retorcidas, as pilhas de ossos oscilantes, as dunas de areia, a sombra do Mandikhor.

Belial gritou: o demônio Mandikhor subiu. James ficou de pé. Ele estava canalizando sua própria força para o reino ao seu redor, e ele respondeu com entusiasmo: a terra rugia sob seus pés; o ar explodiu como fogo escuro de suas mãos, dedos. O Mandikhor cambaleou em direção a James, mas o vento estava cheio de areia, criando um tornado escuro.

Belial gritou, mas o Mandikhor não conseguiu mais ouvi-lo: sua voz se perdeu no vento forte. James estava de pé, com os braços abertos para ambos os lados, vento e areia rasgando-o como uma tempestade no deserto. O Mandikhor estava uivando e uivando agora: toda a substância do reino se voltara contra ele. Galhos arrancados das árvores, voando pelo ar como facas; ossos se tornaram mísseis. O demônio soltou um último uivo quando o ar escuro e agitado subiu em um círculo ao redor dele antes de mergulhar para dentro, esmagando e rasgando.

O Mandikhor desapareceu. Instantaneamente James soltou: o vento se acalmou, a terra se acalmou sob seus pés. Detritos tamborilaram suavemente no chão. Ele limpou a areia e o sangue dos olhos, procurando desesperadamente. Toda a paisagem havia mudado: as dunas haviam mudado, a areia achatada na frente dele. Ele viu Cordelia então: ela estava deitada imóvel, os cabelos ruivos como um respingo de sangue contra a areia.

— *Daisy* — disse James com voz rouca, e começou a avançar.

Ele mal deu um único passo. Belial apareceu na frente dele, embora ele não estivesse lá um momento atrás. Não havia faixas na areia para mostrar que ele a atravessara para chegar a James. Na mão esquerda, ele agarrava Cortana, sua profunda lâmina dourada brilhando contra sua pele cinza.

— *Bem* — disse Belial, seu rosto se contorcendo em uma aproximação de um sorriso. — Como você é muito, muito

inteligente.

James apenas olhou. Ele podia sentir a exaustão, o veneno em suas veias, esperando voltar correndo, para reivindicá-lo. Ele estava desesperado para chegar a Cordelia antes de desmaiar.

— Saia do meu caminho — ele rosnou, sua voz rouca na garganta seca.

Belial riu.

— *'Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós'* É um bom pensamento, não é? Do livro de James também. — Ele se inclinou na direção de James, e James podia sentir o cheiro de giz queimado dele. — Vejo que você começa a entender uma fração do poder que poderia ter se adotasse sua verdadeira herança — ele sussurrou. — O sangue que você compartilha comigo é muito mais poderoso do que o sangue que você compartilha com Raziel. Que poder você acha que terá se permanecer como é agora?

— Deixe-me ser — disse James com voz rouca. — Eu não vou deixar você...

— *Basta!* — Belial rugiu. Era como se o demônio tivesse perdido o controle das feições de seu rosto: seus olhos pareciam estranhamente alongados, assim como sua boca, esticando e esticando seu queixo em um rosnado de raiva terrível. — Você acha que eu permitiria que você deixasse esse corpo morrer? Você não tem escolha, você...

O braço esquerdo de Belial puxou para trás. Os olhos de James se arregalaram quando Cortana voou da mão de Belial, arrancando seus dedos de garras. Belial gritou, girando ao redor para ver o que o próprio James acabara de ver: Cordelia parada atrás deles, seu uniforme desfiado dos joelhos para baixo. Cortana voou para ela como um pássaro: ela estendeu a mão para a lâmina, que bateu em sua palma ensanguentada.

— É muito rude pegar a espada de outra pessoa sem pedir — disse ela. Os olhos de Belial se estreitaram; ele levantou a mão e o chão sob os pés de Cordelia começaram a se abrir. James cambaleou para frente cegamente, pretendendo pegá-la antes que ela caísse - mas Cordelia estava firme em seus pés. Ela pulou em

direção a Belial, empurrando Cortana no peito do demônio em um único movimento suave.

Belial jogou a cabeça para trás e rugiu em agonia.

— Daisy — James disparou para frente quando Cordelia puxou a espada para trás; Belial ainda estava uivando. Sangue derramou da ferida, a cor de rubis escuros, um brilhante vermelho-preto. James agarrou Cordelia, que estava ofegando e tremendo; seus olhos estavam fixos em Belial.

— *Tolos* — Belial assobiou. — Você não tem ideia do que fez.

Ele levantou a mão como se quisesse bater em um deles, mas ele se desfez como areia. Belial ficou boquiaberto quando seu corpo estremeceu em pedaços, como um quebra-cabeça da criança jogou aleatoriamente no ar. Ele abriu a boca como se quisesse rugir ou gritar, mas seu rosto cedeu antes que ele pudesse emitir um som - ele desmoronou, dissolvendo-se no ar enquanto James olhava horrorizado.

Cordelia gritou. O chão levantou-se sob eles. O céu começou a rachar, uma luz vermelha e negra jorrando das fissuras como o sangue da ferida de Belial. O reino estava desmoronando ao redor deles. James puxou Cordelia em sua direção quando o mundo entrou em colapso.

Não era como viajar de Portal, pensou Lucie, um turbilhão de som e visão. O caminho que os mortos percorriam era totalmente silencioso e totalmente escuro. Ela não podia ver nem ouvir nada. Se não fosse pelos braços de Jesse ao seu redor, a sensação sólida de seu corpo, ela poderia ter pensado que havia perdido o mundo dos vivos para sempre - que ela havia morrido ou fora levada a um terrível vazio inexpressivo.

A sensação de alívio quando o mundo se abriu novamente era imensa. Um solo sólido atingiu seus pés; ela tropeçou e foi sustentada pelos braços ao seu redor. Ela piscou a tontura dos olhos e olhou em volta.

Ela viu Jesse primeiro. Ele a abraçava, mas a expressão em seus olhos verdes estava absolutamente furiosa.

— Deus amaldiçoe você, Lucie Herondale — disse ele, e a soltou.

— Jesse... — ela começou, e percebeu que não tinha ideia de onde estava. Ela olhou em volta descontroladamente. Eles estavam em uma clareira no meio do cemitério Highgate, sob um dossel de cedros. Estava escuro, os intervalos entre as folhas no alto deixando pouca luz das estrelas.

Lucie tirou uma luz enfeitiçada do bolso com as mãos trêmulas. A luz brilhou: agora ela podia ver túmulos em volta deles em um anel. A terra aqui estava rasgada, agitada como se tivesse havido uma luta recente. Deitado na grama, a alguma distância, havia uma figura amassada.

Lucie ofegou.

— *Matthew!*

Ela atravessou a clareira e se jogou ao lado do *parabatai* de James. No brilho da luz enfeitiçada, ela podia ver os hematomas no rosto dele. Sua jaqueta e camisa estavam rasgadas e salpicadas de sangue. Ela tirou a estela do cinto, pegando a mão dele.

Sua runa *parabatai* destacava-se forte e negra na parte interna do pulso.

Lucie reprimiu as lágrimas.

— Lucie. — Jesse estava de pé sobre ela. O vento sacudia as folhas no alto, mas nem suas roupas nem cabelos se moviam na brisa. — Ele está bem. Inconsciente, mas não em perigo.

Ela pressionou a ponta da estela na palma da mão de Matthew e deu um rápido *iratze.*

— Como você sabe?

— Se ele estivesse morrendo, eu veria — disse Jesse calmamente. — E ele me veria.

Lucie terminou o *iratze* e o viu queimar com vida na pele de Matthew. Ele gemeu e se mexeu, seus olhos se abrindo.

— Matthew — disse ela, inclinando-se sobre ele. Ela colocou a estela de volta no cinto e apoiou a mão na bochecha dele, onde os

machucados e arranhões estavam começando a desaparecer. Os olhos dele se fixaram nela, as pupilas arregaladas e sem foco.

— Cordelia? — ele sussurrou.

Ela piscou.

— Math, não — disse ela. — É Lucie. — Ela pegou a mão dele. — Onde está Cordelia? E James? Matthew, onde eles estão?

Ele começou a lutar em uma posição sentada.

— O arco — disse ele, e Lucie olhou para ele, perplexa. — Eles passaram. James primeiro e depois Cordelia. Ela usou Cortana.

Seu olhar verde escuro disparou em torno da clareira.

— O arco — ele disse novamente, com uma nota de pânico em sua voz. — Cadê?

Preocupada, Lucie olhou para Jesse. Sua feição ainda estava cheia de raiva, mas ele não se afastou, pelo menos. Ele não a tinha abandonado. Ele deu de ombros - claramente ele também não tinha visto um arco.

— Matthew, tente se lembrar... — ela começou, e então o céu rasgou, silenciosa e inacreditavelmente, pelo meio. Por um momento houve uma brecha no centro do céu, e através dela Lucie pôde ver as constelações de outro mundo. Ela viu sombras que se ergueram no ar como torres de fogo estelar, ardendo sombriamente. Por um momento, ela vislumbrou um par de olhos prateados.

Então James e Cordelia saltaram do céu.

Cordelia caiu primeiro. Ela surgiu como uma estrela cadente, aparecendo entre um momento e os próximos três metros acima do solo. Ela golpeou a terra com força, Cortana voando de sua mão. James seguiu um momento depois, seu corpo flácido. Ele bateu no chão ao lado de Cordelia e ficou imóvel.

— Me levante — disse Matthew, segurando a mão de Lucie. Enquanto Jesse observava, Lucie ajudou Matthew a se levantar. James e Cordelia estavam a alguns metros de distância; Lucie e Matthew correram para se ajoelhar ao lado deles.

Cordelia já estava lutando para se levantar. Ela estava imunda com areia e sujeira. O cabelo dela tinha saído das presilhas e derramado sobre os ombros como fogo.

— James — ela ofegou, seus olhos escuros arregalados de medo. — Veja ele, por favor, não eu, o veneno do demônio.

Veneno de demônio? Com o sangue frio, Lucie se inclinou sobre o irmão. Ele estava imóvel, as mãos negras com icor, perfeitamente pálidas e imóveis. Seu cabelo preto selvagem estava duro com sangue.

Cordelia tentou se levantar, mas gritou de dor e caiu de joelhos. Lucie, ajoelhada sobre James, olhou para ela com pânico repentino.

— Daisy...

— Não é nada — disse Cordelia. — Por favor, deve haver algo que possamos fazer por James... — Ela respirou estremecendo. — Ele matou o Mandikhor. Ele destruiu. Ele *não pode* morrer. Não é justo.

Matthew estava ajoelhado ao lado de James, sua estela já na mão. Runas dadas por um *parabatai* sempre foram as mais poderosas: as mãos de Matthew estavam firmes enquanto ele rolava runas curativas sobre as mãos de James, seus pulsos, a base de sua garganta.

Todos congelaram, prendendo a respiração. Cordelia, dolorosamente, se aproximou, seus cabelos escarlates pendendo para tocar as folhas verdes no chão. Seu olhar estava fixo em James.

Os *iratzes* em sua pele brilhavam e desapareciam.

— Elas não vão funcionar. — Foi o Jesse. A raiva havia deixado seu rosto agora; ele estava perto de Cordelia, sem ser visto por ninguém, exceto Lucie, e havia uma terrível tristeza em seus olhos. — Ele está muito perto da morte.

Matthew ofegou. Sua mão voou para o peito: ele pressionou com força, como se uma faca tivesse penetrado em seu coração e ele estava tentando parar o sangramento. Seu rosto estava completamente branco.

— Ele está morrendo — disse ele, com a voz embargada. — Eu posso sentir isso.

Lucie pegou nas mãos do irmão. Eles estavam frios nos dela, imóveis. Lágrimas derramaram de seus olhos, e em seu rosto, traçando faixas na sujeira.

— Por favor, Jamie — ela sussurrou. — Por favor, não morra. Por favor, respire novamente. Por mamãe e papai. Por mim.

— Dê a ele o meu — disse Jesse.

A cabeça de Lucie se levantou. Ela olhou para Jesse. Havia uma expressão estranha no rosto: uma resignação estranha, quase luminosa.

— O que você quer dizer?

Cordelia ficou olhando.

— Com quem você está falando? Lucie?

Jesse se aproximou deles. Ajoelhou-se e a grama não dobrou sob o peso do corpo. Ele puxou a corrente de ouro do medalhão por cima da cabeça e estendeu para Lucie.

Lembrou-se do que ele dissera após a briga na Tower Bridge. Que ele daria seu último suspiro para ela. Que teria força de vida suficiente para esvaziar seus pulmões de água se ela estivesse se afogando. Como James estava se afogando em veneno agora.

— Mas o que vai acontecer com você? — ela sussurrou. Ela sabia que Cordelia estava olhando para ela; Matthew dobrado em agonia, sua respiração vindo em suspiros irregulares.

— Isso importa? — disse Jesse. — Essa é a vida dele. Não é uma sombra de uma vida. Não anos de espera no escuro.

Lucie estendeu a mão. Ele fechou em torno do medalhão, e ela sentiu a mão cair na palma da mão, fria e sólida. Por um momento, ela hesitou - só por um momento, com os olhos fixos em Jesse, ajoelhado na grama.

Então ela olhou para o irmão. Seus lábios estavam azuis, seus olhos afundavam em sua cabeça. Ele mal estava respirando. Cuidadosamente, como se estivesse segurando um copo contendo a última gota de água do mundo, Lucie abriu o pequeno medalhão e pressionou a curva do metal contra seus lábios.

Houve uma pausa, tempo suficiente para um suspiro.

Então o peito de seu irmão se levantou com o último suspiro de Jesse Blackthorn. Seus olhos se abriram, dourados e, dos quatro ferimentos crescentes em seu pulso, um líquido preto se derramou - seu corpo estava se livrando do veneno do Mandikhor. A mão de Lucie se fechou com força em torno do medalhão, com tanta força

fazendo a ponta do metal cortar na palma da mão. Cordelia gritou; Matthew levantou a cabeça, a cor retornando ao seu rosto. Ele se arrastou para o lado de James e o puxou para o colo.

James, afundado no peito de Matthew, lutou para se concentrar. Lucie sabia o que estava vendo. Um garoto debruçado sobre ele: um garoto de cabelo preto como o seu, um garoto de olhos verdes da cor das folhas do espinheiro, um garoto que já começava a desbotar pelas bordas, como uma figura vista em uma nuvem que desaparece quando há mudanças de vento.

— *Quem é você?* — James sussurrou, sua voz rouca.

Mas Jesse já se fora.

— O que você quer dizer com 'quem é você?' — Perguntou Matthew. — Eu sou seu *parabatai*, seu imbecil.

Ele estava ocupado desenhando runas de cura em qualquer parte de James que ele pudesse alcançar, o que Cordelia só poderia aplaudir. Ela não tinha ideia do que Lucie tinha feito para curar seu irmão, mas não era isso que importava agora.

— Eu não quis dizer você, Matthew — disse James. Seus olhos estavam fechados, seus cílios escuros emplumados contra a parte superior das maçãs do rosto. — Obviamente.

Matthew passou a mão pelo cabelo selvagem de James e sorriu.

— Você vai nos contar o que aconteceu? Não é todo dia que um sujeito entra no reino dos demônios e depois cai do céu. Eu acho que você gostaria de compartilhar essa experiência com seus amigos.

— Acredite em mim quando digo que é uma longa história — disse James. — Eu prometo que não estamos em perigo agora...

— Você realmente matou o Mandikhor? — perguntou Lucie.

— Sim — disse James, — e Cordelia destruiu quem o criou. — Ele estendeu a mão, marcada por cortes e suja de terra. — Daisy? Você viria aqui? — Ele sorriu torto. — Eu iria até você, mas acho que não tenho forças para andar.

Cordelia tentou se levantar, mas uma dor branca e quente subiu pela perna. Ela mordeu um gemido.

— Minha perna está quebrada, eu acho. Muito irritante, mas estou bem.

— Oh! *Daisy!* Sua perna! — Lucie ficou de pé e correu para Cordelia, caindo e pressionando a estela contra o braço de Cordelia. Ela começou a desenhar um *iratze*. — Eu sou a pior. — ela gemeu. — A *parabatai* mais terrível que já viveu. Por favor, me perdoe, Daisy.

Quando a runa de cura entrou em vigor, Cordelia pôde sentir o osso da perna começando a se unir novamente. Não era uma sensação totalmente agradável. Ela engasgou e disse: — Lucie, não é nada - eu teria feito isso sozinha, mas deixei cair minha estela - naquele outro lugar.

Lucie tirou os cabelos de Cordelia dos olhos e sorriu para ela.

— Não há necessidade de fazer você mesma — disse ela. — Runas dadas a você pela sua *parabatai* são as melhores.

— Medonho — disse Matthew. — Olhe para elas, afirmando seu eterno vínculo de amizade. Em público.

— Eu questionaria sua definição de 'público' — disse James. Lucie e Cordelia trocaram um sorriso: se James era capaz de zombar de Matthew, ele certamente estava se recuperando. — Este é um cemitério quase deserto.

— Hmmm — disse Matthew, em um tom surpreendentemente sério, seus olhos se estreitaram. Ele se levantou, ajudando James a se sentar contra uma árvore. Enquanto Matthew caminhava até a beira da clareira, James disse: — Luce. Deixe-me falar com Cordelia por um momento.

Lucie trocou um olhar com Cordelia, que assentiu e se levantou - ainda doía colocar peso na perna, mas as *iratzes* de Lucie haviam feito o trabalho da maioria delas. Lucie foi se juntar a Matthew quando Cordelia mancou até James e afundou ao lado dele sob a sombra de um cipreste.

Por um momento, quando a respiração de James desapareceu, Cordelia viu a vida se dividir em dois caminhos. Um caminho no qual James estava morto - no qual não havia sentido no mundo, no qual

Lucie estava com o coração partido e Matthew destruído, no qual Thomas e Christopher foram esmagados e a família Herondale nunca mais sorriu. E um segundo caminho no qual a vida continuava como era agora - imperfeita, confusa, mas cheia de esperança.

Eles estavam no segundo caminho. Isso era o que importava - que James *estava* respirando, que seus lábios não estavam mais azuis, que ele estava olhando para ela com firmes olhos dourados. Apesar de todo o corpo doer, ela se viu sorrindo.

— Você salvou minha vida — disse ele. — Assim como você salvou a minha irmã todos esses anos atrás. Deveríamos ter lhe dado um apelido mais parecido com uma guerreira. Não Daisy, mas Artemis ou Boadicea.

Ela riu baixinho.

— Eu gosto de Daisy.

— Eu também — disse ele, e estendeu a mão para afastar levemente uma mecha de seu cabelo. Ela sentiu seu coração quase parar. Em voz baixa, ele disse: — *'Quando a lua dela apareceu, milhares de corações foram conquistados: nenhum orgulho, nenhum escudo, poderia controlar seu poder. Layla, ela foi chamada.*

— *Layla e Majnun* — ela sussurrou. — Você lembra?

— Você leu para mim — disse ele. — Talvez, agora tudo isso tenha terminado, possamos ler novamente juntos?

Lendo juntos. Cordelia nunca ouvira falar de algo tão romântico. Ela começou a acenar, assim como Matthew gritou: — Alguém está vindo! Eu vejo a luz enfeitiçada.

Cordelia virou-se para olhar. Luzes apareceram entre as árvores: quando elas se aproximaram, ela viu o brilho da luz das tochas. Ela tentou se levantar, mas os *iratzes* já estavam desaparecendo: sua perna doía demais. Ela sentou-se novamente.

— Oh, Deus — disse Lucie. — Os Irmãos do Silêncio não vão ficar nada satisfeitos, não é? Nem o Enclave. Provavelmente estaremos metidos em sérios problemas.

— Talvez possamos dar um jeito — sugeriu Matthew.

— Eu não vou a lugar nenhum — disse James. — Eu permanecerei aqui e aceitarei qualquer punição aplicada. O rack, a

donzela de ferro, a morte por aranhas. Tudo, menos levantar.

— Acho que não *consigo* me levantar — disse Cordelia se desculpando.

— *'Sombras da prisão começam a se fechar sobre o menino que cresce'* — entoou Matthew. — Coleridge.

— Wordsworth — James corrigiu.

As luzes se aproximaram. Uma voz aguda cortou a clareira. Uma voz *familiar.*

— O que diabos está acontecendo?

Cordelia se virou, tentando não mexer a perna. Alastair entrou na clareira. Ele parecia assustadoramente normal em um velho casaco de tweed do pai dela, como se tivesse saído para um passeio. Seus cabelos naturalmente pálidos brilhavam sob a fraca luz das estrelas. Ao lado dele estava Thomas, com os cabelos despenteados, carregando o que parecia ser o caso de um farmacêutico.

— *Por que* vocês estão todos no chão? — disse Thomas e depois balançou a mala no ar. — O antídoto - está pronto - qual é o caminho mais rápido para Christopher?

Houve um murmúrio de vozes. Matthew se levantou e abraçou Thomas com força, tomando cuidado para não bater na caixa.

— Vamos alertar os irmãos — disse ele, e começou a puxar seu amigo em direção ao caminho que levava à Cidade do Silêncio.

— Você não precisa vir comigo — protestou Thomas, divertido.

— Apenas no caso de haver magia — disse Matthew. — Acho que não haverá, mas você nunca sabe.

Alastair estava observando Thomas e Matthew desaparecerem nas sombras entre as árvores. Ele balançou a cabeça e voltou sua atenção para Cordelia.

— *Biyâ* — disse ele, curvando-se para *colocá*-la em seus braços. — Venha para casa.

Surpresa, ela passou um braço em volta do pescoço dele.

— Mas Alastair. Não posso deixar meus amigos...

— Layla — disse Alastair, com uma voz estranhamente gentil. — Eles não vão ficar sozinhos. Thomas e eu cuidamos de enviar uma mensagem ao Instituto. Veja.

Ela olhou e viu que o amplo caminho atrás dos túmulos estava cheio do brilho das tochas de luz enfeitiçada carregadas por uma multidão de Caçadores de Sombras. Ela reconheceu uma dúzia de rostos familiares: Will Herondale, sua tocha lançando uma iluminação brilhante sobre seus cabelos preto e prateado. Tessa, uma espada na mão, o cabelo castanho solto sobre os ombros. Gabriel, Cecily e Anna Lightwood, Anna sorrindo, seus cabelos tão negros quanto os equipamentos que ela usava.

Ela ouviu Lucie dar um pequeno grito.

— *Papai!*

Will começou a correr. Ele pegou a filha e a abraçou. Tessa correu para James, se ajoelhando ao lado dele e se preocupando com seus machucados e cortes. Gabriel e Cecily os seguiram, e logo Lucie e James estavam cercados, sendo abraçados e repreendidos em igual medida.

Cordelia fechou os olhos em alívio. James e Lucie estavam bem. Em toda parte, Cordelia podia ouvir conversas: Gabriel e Cecily estavam perguntando por Thomas, e os outros estavam dizendo que ele estava sendo levado para a Cidade do Silêncio agora, onde o antídoto seria administrado. Alguém mais - um dos Rosewains - estava dizendo que ainda havia um perigo presente, que os demônios poderiam atacar novamente, se havia um antídoto ou não.

— O Mandikhor foi derrotado — disse Cordelia. — Não vai voltar.

— E como você sabe disso, jovem? — disse George Penhallow.

— Porque James matou — disse Cordelia, o mais alto que pôde. — James matou o demônio Mandikhor. Eu o *vi* morrer.

Nesse ponto, várias pessoas se aglomeraram em sua direção; Foi Will quem bloqueou o caminho, com a mão estendida, protestando que eles não deveriam estar incomodando uma garota ferida. Alastair aproveitou a oportunidade para escapar da clareira e entrar nas sombras, ainda carregando Cordelia nos braços.

— Peço que você não se envolva, *khahare azizam* — disse Alastair. — Tudo será resolvido em breve, mas primeiro haverá muita bobagem. E você precisa descansar.

— Mas eles precisam saber que foi James — disse Cordelia. Foi estranhamente confortável de ser carregada assim, com a cabeça

contra o ombro do irmão. A maneira como seu pai a carregara uma vez, quando ela era muito pequena. — Eles precisam saber o que ele fez, porque - porque eles devem.

Porque Belial é seu avô. Porque quando o Enclave descobrir isso, quem sabe o que eles vão pensar. Porque as pessoas podem ser tolas e cruéis.

— Eles vão — disse Alastair, parecendo totalmente confiante. — A verdade é a verdade. Sempre sairá.

Ela levantou a cabeça para olhar para ele.

— Como você sabe que o antídoto funciona?

Alastair sorriu no escuro.

— Eu tenho fé em Thomas.

— V*ocê tem*? — disse Cordelia. — Eu achei que você nem o conhecia tão bem.

Alastair hesitou.

— Eu assisti ele fazer isso — disse ele finalmente. Eles tinham chegado à carruagem Carstairs agora, com o design de torres do castelo na porta. Muitas outras carruagens alinhavam-se ao meio-fio. — Porque ele tinha tanta fé em Christopher, ele tinha fé em si mesmo. Eu nunca pensei em uma amizade assim, como algo que te faz mais do que você é.

— Mas, Alastair-

— Não há mais perguntas — disse Alastair, colocando Cordelia dentro da carruagem e balançando-se atrás dela. Ele sorriu, aquele raro sorriso encantador que era melhor por sua raridade. — Você foi muito corajosa, Layla, mas também precisa de cura. Hora de ir para casa.

DIAS PASSADOS: CIRENWORTH HALL, 1898

Cordelia costumava se sentir sozinha quando eram apenas ela e seus pais, mas nunca tanto quanto quando Alastair foi para a Academia. Enquanto ele estava fora, o resto da família Carstairs viajou para a Índia, Paris, Cidade do Cabo e Canadá, mas eles estavam em Cirenworth para as férias quando ele finalmente voltou.

Ela esperou meses pelo retorno dele, mas quando ele saiu da carruagem - mais alto, mais angular e mais afiado do que nunca - ele parecia uma pessoa diferente. Ele sempre foi de mau humor e espinhoso, mas agora ele mal falava com ela. Quando ele o fazia, era principalmente para dizer a ela para não incomodá-lo.

Seus pais ignoraram a transformação. Quando Cordelia perguntou ao pai por que Alastair não passaria um tempo com ela, ele sorriu e disse que os adolescentes passavam por "momentos como esse" e que ela "entenderia quando fosse mais velha".

— Ele se diverte com garotos da mesma idade o ano todo e agora precisa voltar ao campo com gente como a gente — disse Elias com uma risada. — Ele vai superar isso.

Esta não foi uma resposta satisfatória. Cordelia tentou se colocar no caminho de Alastair, tanto quanto podia, para forçá-lo a reconhecê-la. Muitas vezes, porém, ela não conseguia encontrá-lo. Ele passou horas trancadas em seu quarto, e quando ela bateu na porta, ele nem se deu ao trabalho de dizer a ela para ir embora. Ele apenas a ignorou. A única maneira que ela sabia que ele estava lá era quando ele emergia para comer, ou para anunciar que estava saindo para uma longa caminhada sozinho.

Isso continuou por algumas semanas. Os sentimentos de Cordelia mudaram de decepção, tristeza, culpar a si mesma, aborrecimento e depois raiva. No jantar, uma noite, ela jogou uma colher nele e gritou: — Por que você não fala comigo? — Alastair pegou a colher no ar, colocou-a sobre a mesa e olhou para ela em silêncio.

— Não jogue coisas, Cordelia — disse a mãe.

— *Mâmân!* — Cordelia protestou em um tom de traição. Seu pai ignorou todo o negócio e continuou comendo como se nada tivesse acontecido. Risa passou e pousou uma colher nova no lugar de Cordelia, que Cordelia achou extremamente irritante.

A recusa de Alastair em se envolver com Cordelia era, ela entendeu, destinada a fazê-la desistir e parar de tentar. Então, ela redobrou seus esforços.

“Bem” ela anunciava, caso se encontrasse na mesma sala com ele, “eu vou colher amoras silvestres no final da rua.” (Alastair adorava amoras). Ou: "Acho que vou cair na sala de treinamento depois do almoço". (Alastair estava sempre disposto a praticar como cair em segurança, e ela precisaria de um parceiro para isso.) Um dia, quando saiu para uma de suas caminhadas, Cordelia esperou um minuto e depois o seguiu. Era uma boa prática, ela disse a si mesma - movimento furtivo, consciência do ambiente ao redor, aprimorando os sentidos. Ela fez um jogo: quanto tempo ela poderia rastrear seu irmão antes que ele notasse? Ela poderia permanecer sem ser detectada o tempo suficiente para descobrir para onde ele foi?

Acontece que Alastair não foi a lugar algum. Ele apenas andou e andou, conhecendo esses bosques o suficiente para não se perder. Cordelia começou a se cansar depois de algumas horas. Então ela começou a ficar com fome.

Então ela se distraiu, e enfiou o pé em uma raiz de árvore saliente e caiu com um baque na terra dura. À frente, Alastair se virou com o barulho e a viu quando ela, irritada, ficou de pé. Ela cruzou os braços e ergueu o queixo, teimosa e determinada a manter o orgulho diante de qualquer reação desagradável que ele estivesse preparando: seu desprezo, sua raiva, sua rejeição.

Em vez disso, ele soltou um suspiro e caminhou até ela. Sem preâmbulos, ele disse rispidamente: — Você está machucada?

Cordelia levantou o pé e o balançou experimentalmente.

— Eu ficarei bem. Apenas machucada, eu acho.

— Vamos lá — disse ele. — Vamos para casa.

Eles caminharam em silêncio, Alastair alguns passos à frente, sem falar. Eventualmente, enlouquecida pelo silêncio, Cordelia explodiu: — Você não quer saber por que eu estava te seguindo?

Ele se virou e a considerou.

— Suponho que você pensou que eu estava vindo aqui para fazer algo emocionante.

— Sinto muito — disse ela, ficando cada vez mais agitada diante da calma imperturbável de Alastair. — Lamento que, desde que você foi para a Academia, você se tornou adulto e maduro e tem novos amigos extravagantes. Me desculpe, eu sou apenas sua irmãzinha estúpida.

Alastair olhou para ela por um momento e depois soltou uma gargalhada. Não havia humor nisso.

— Você não tem ideia do que está falando.

— Sinto muito, você é bom demais para sua família agora! Me desculpe, você é bom demais para treinar comigo!

Ele balançou a cabeça, desdenhoso.

— Não seja idiota, Cordelia.

— Apenas fale comigo! — ela disse. — Eu não sei por que você é tão mal-humorado. Você é o sortudo que precisa ir embora. Quem se divertiu em Idris. Você sabe o quanto estou sozinha o ano todo?

Por um momento, Alastair pareceu perdido, hesitante. Fazia muito tempo desde que Cordelia tinha visto uma expressão tão aberta em seu rosto. Então ele se fechou como um portão de ferro.

— Estamos todos sozinhos — disse ele. — No final.

— O que isso significa? — ela exigiu, mas ele se virou para ir embora. Depois de um momento, limpando a umidade do rosto com a manga, ela o seguiu.

Quando eles voltaram para casa, ela o deixou na entrada enquanto recuperava todo o estoque de facas de arremesso do armário de porcelana que servia como arsenal da casa. Ela passou por seu irmão no caminho do armário para a sala de treinamento, olhando para ele, mal conseguindo carregar a pilha. Ele a observou em silêncio.

Na sala de treinamento, ela montou e repassou seus movimentos. *Thunk. Thunk.* Atirar facas não era sua arma mais

forte, mas ela precisava da sensação de impacto, de machucar alguma coisa, até mesmo um alvo em um contra-ataque. Como sempre, o ritmo do treinamento a acalmou. Sua respiração ficou mais calma e uniforme. A repetição a aterrou: cinco arremessos, depois a caminhada para recuperar as facas do alvo e a caminhada de volta para tentar novamente. Cinco jogadas. Andar. Recuperar. Andar. Cinco jogadas.

Depois de mais ou menos vinte minutos disso, ela percebeu que Alastair estava parado na porta da sala de treinamento. Ela o ignorou.

Alguém poderia ter dito que ela tinha melhorado desde que ele a viu pela última vez, ou perguntaria se ele poderia dar uma volta. Alastair, no entanto, finalmente pigarreou e disse: — Você está virando o pé esquerdo no momento da liberação. É por isso que você é tão inconsistente.

Ela olhou e voltou a jogar. Mas ela prestou mais atenção ao seu trabalho de pés.

Depois de um tempo, Alastair disse: — É estúpido dizer que tenho sorte. Eu não tenho sorte.

— Você não ficou preso aqui o ano todo.

— Oh? — Alastair zombou. — Quantas pessoas vieram aqui este ano para zombar de você? Quantos perguntaram o que havia de errado com você que você não tinha um professor particular? Ou sugeriu que sua família era algum tipo de coisa boa porque nós nos mudamos muito?

Cordelia olhou para ele, esperando ver vulnerabilidade e tristeza lá, mas os olhos de Alastair eram duros, sua boca uma linha fina.

— Eles te trataram mal?

Alastair soltou outra risada triste.

— Por um tempo. Eu percebi que tinha uma escolha. Havia apenas dois tipos de pessoas na Academia. Os valentões e os intimidados.

— E você…?

Alastair disse firmemente: — Qual você escolheria?

— Se essas fossem minhas duas únicas opções — disse Cordelia — eu teria saído e voltado para casa.

— Sim, bem — disse ele. — Eu escolhi aquele em que não me senti como uma piada.

Cordelia estava muito quieta e silenciosa. O rosto de Alastair estava impassível.

— E como isso funcionou? — ela disse, tão suavemente quanto ousou.

— Horrível — ele disse. — Foi horrível.

Cordelia não sabia o que dizer ou o que fazer. Ela queria ir e abraçar o irmão, para dizer que o amava, mas ele permaneceu rígido, com os braços cruzados na frente dele, e ela não ousou.

Finalmente, ela estendeu a faca na mão.

— Você quer jogar? Você é muito melhor do que eu.

Quando ele pareceu desconfiado, ela disse: — Eu poderia usar alguma ajuda, Alastair. Você vê como minha forma é descuidada.

Alastair veio e pegou a faca dela.

— Muito descuidado — ele concordou. — Eu sei que o jogo de espadas vem naturalmente para você, mas nem tudo será. Você deve desacelerar. Preste atenção aos seus pés. Agora, siga meus gestos. É isso, Layla. Fique comigo.

E ela ficaria.

21

21

QUEIMAR

Meu coração está preso pelo feitiço da beleza.
Meu amor é indestrutível.
Embora eu goste de queimar velas, E quase a uma sombra, Não invejo o coração que é livre: As correntes que envolvem a alma do amor para mim.
- Nizami Ganjavi, *Layla e Majnun*

James estava deitado na cama em seu quarto, sobre as cobertas, o braço atrás da cabeça. Ele estava olhando para uma rachadura familiar no teto que tinha a forma de um pato. Seu pai ficaria horrorizado.

Matthew sentou-se ao lado dele, vestindo uma jaqueta de veludo e calça combinando. James vacilou dentro e fora da consciência nos dois primeiros dias após sua visita ao reino de Belial. Às vezes, ele sonhava com o mundo demoníaco e acordava gritando, pegando uma arma que não estava lá. Suas facas podiam não estar ao seu lado, mas Matthew sempre estava.

Se havia alguém no mundo que entendia sobre *parabatai*, eram os pais de James. Na primeira noite do retorno de Highgate, Matthew arrastou uma pilha de roupa de cama para o quarto de James, enrolou-se nele e foi dormir. Ninguém tentou fazê-lo ir embora - quando Tessa trouxe sopa e chá para James, ela trouxe um pouco para Matthew também. Quando Will veio e trouxe jogos de cartas para passar o tempo, Matthew jogou também, e geralmente perdeu.

Não que os outros não fossem gentis também. Quando Anna trouxe para James uma nova gravata elegante para animá-lo, ela trouxe uma para Matthew. Quando Lucie contrabandeava tortas da meia-noite da cozinha, havia extras para Matthew. Como resultado, era possível que Matthew nunca estivesse voltando para casa.

James dificilmente poderia culpá-lo: Charles certamente tinha dado trabalho ultimamente. Todo mundo estava aclamando Christopher como um herói por ter criado o antídoto para o veneno de Mandikhor - uma história ainda mais romântica pelo fato de Christopher ter sido atingido e curado. Poucos sabiam que Charles quase não deixara Thomas usar o laboratório para fazê-lo. As palavras "Se não fosse por Alastair Carstairs, tudo teria sido arruinado", na verdade passou pelos lábios de Thomas, fazendo com que James se perguntasse se ele voltara para o reino dos demônios.

Thomas e Christopher os visitavam todos os dias, contando histórias das consequências da doença. Nenhum dos que estavam doentes se lembrou de ter cantado o nome de James, nem Ariadne se lembrou de sua breve posse. A quarentena havia sido levantada e Charlotte e Henry voltariam em breve; Christopher e James eram atualmente ambos heróis, o que irritou bastante James, pois, ressaltou, Cordelia estava com ele no reino dos demônios e, se não fosse por ela, ele teria morrido. Lucie também salvou o dia, assim como Matthew. Thomas ajudara a recuperar a raiz do malos da Chiswick House e fizera o antídoto com as próprias mãos. Anna os levou para o Hell Ruelle. Eles eram todos heróis, na opinião dele.

Foi Matthew quem perguntou, quando estavam sozinhos, se ele achava que estava sentindo falta de Cordelia. Só ela não tinha ido visitá-lo: o rompimento da perna foi ruim e levou vários dias para sarar. Lucie foi vê-la e denunciou-a de bom humor.

— Eu li para ela *The Beautiful Cordelia* e ela foi dormir direto — disse Lucie, encantada — então ela deve estar muito cansada.

Thomas e Christopher também foram vê-la e levaram chocolates. Eles perguntaram a James se ele tinha algo que ele queria que levassem para ela com seus elogios. Ele balançou a cabeça sem falar, com medo do que poderia sair se ele abrisse a boca. Ele não queria discutir Cordelia com ninguém. Ele só queria vê-la. Se ele a visse, ele saberia.

— Então — disse Matthew, cruzando os braços atrás da cabeça. — Com seu novo status de herói da Clave, você planeja fazer alguma exigência? — Ele considerou a rachadura no gesso do teto.

— Gostaria de pedir meu próprio manobrista pessoal e Oscar Wilde para ser trazido a mim para conversar.

— Ele não está morto? — disse James.

— Nada de errado com os mortos-vivos. — Matthew riu. — Espere até a nossa próxima visita ao Hell Ruelle.

James ficou em silêncio por um momento. Ele preferiu evitar a Clave, na verdade; havia muita coisa que eles não sabiam. Tudo o que eles disseram - Lucie, Matthew e Cordelia - foi que ele encontrou e matou o Mandikhor no cemitério de Highgate com a ajuda de seus amigos. Ele não viu razão para eles saberem mais.

A situação tinha sido diferente com seus pais, no entanto. Quando ele finalmente estava consciente o suficiente para contar a história, ele explicou a eles e a Lucie. Ele lhes contara a verdade sobre seu encontro com Belial, e a maneira como Belial, tendo sido ferido por Cortana, desmoronou em pó. Por fim, ele contou a eles sobre a relação de sangue que existia entre os Herondales e o Príncipe do Inferno.

Todos eles reagiram caracteristicamente. Tessa tinha sido prática e disse que tentava descobrir quem era seu pai havia anos, e pelo menos agora eles sabiam. Lucie parecia abalada, mas disse que transformaria a história em um romance. Will ficou bravo com o mundo e depois foi ver Jem.

Jem, que prometera manter o segredo dos pais de Tessa, havia dito a Will que, embora um príncipe do inferno não pudesse ser morto, um ferimento tão sério manteria Belial fraco e sem corpo por pelo menos um século.

James havia contado a Christopher e Thomas também, mas todos concordaram que era melhor manter em segredo os detalhes sobre Belial por enquanto, especialmente porque o Príncipe do Inferno não era uma ameaça atual. Seu reino havia desmoronado, explicou Jem, significando uma verdadeira perda de poder para o Senhor dos Ladrões. Era improvável que James sentisse a atração pelo reino demoníaco novamente, ou o visse.

— James? — Sua porta se abriu e sua mãe estava no limiar. Ela sorriu quando viu ele e Matthew, mas havia uma linha de preocupação entre as sobrancelhas. Ela colocou uma mecha de

cabelo atrás da orelha e disse: — Alguém está aqui para vê-lo. Uma jovem senhora.

James sentou-se em pé.

— Cordelia?

Ele viu Matthew dar-lhe um olhar de lado, mas Tessa já estava balançando a cabeça.

— Não Cordelia — disse ela. — É Grace Blackthorn.

Foi a vez de Matthew pular na posição sentada.

— Oh não — ele disse. — Não, não. Mande-a embora. Diga a ela que há uma infestação de ratos. Diga a ela que comportamento vago e insidioso foi tornado ilegal no Instituto e ela não pode entrar.

Tessa apenas levantou as sobrancelhas.

— Ela disse que se tratava de um assunto importante.

Matthew virou-se para James implorando.

— Jamie. Não. Depois do que ela fez...

James olhou para seu *parabatai* . Mesmo agora, Tessa e Will sabiam pouco do relacionamento que ele havia compartilhado com Grace, e ele preferia continuar assim.

— É sobre a mãe dela? — ele disse. — Tatiana não está bem de novo?

— Ela está muito bem — disse Tessa. O antídoto tinha sido incrivelmente eficaz; tanto quanto James sabia, nem um único Caçador de Sombras envenenado não havia se recuperado. — James, se você não quiser vê-la...

— Eu vou vê-la — disse James, levantando-se. — Mande ela entrar.

Quando Tessa foi buscar Grace, Matthew saiu da cama e colocou os sapatos nos pés. Ele virou-se para a porta para dar a James um olhar afiado.

— Cuidado — ele disse, e partiu, deixando a porta aberta.

Um momento depois, como se estivesse esperando Matthew sair, Grace entrou na sala.

Ela estava linda, como sempre. Os cabelos loiros e brancos estavam puxados para trás do rosto oval. Suas bochechas estavam coradas com uma cor rosa pálido, como o interior de uma concha. Ela usava um vestido verde, com a bainha molhada e um pouco

arrastada - vinha chovendo durante a maior parte do dia, e agora era fim de tarde.

Uma vez que sua beleza o sacudiu como uma tempestade. Agora, vendo-a, ele sentia apenas um grande cansaço - uma exaustão turva, como se tivesse bebido demais na noite anterior. Ele desejou que ela não estivesse aqui. Não porque doeu olhá-la, mas porque não o fez.

Ele se considerava alguém que amava mais profundamente do que isso.

— Você queria falar comigo sozinha — disse ele. — Você tem certeza de que é uma boa ideia? Sua mãe...

— Ficaria louca se ela soubesse que eu estava aqui — disse Grace. — Sim. Mas eu tinha que falar com você.

— É melhor você fechar a porta, então — disse ele. Ele nunca foi tão baixo com Grace. Parecia estranho e constrangedor, mas então, pareceu estranho e constrangedor ela estar aqui.

As mãos de Grace tremiam quando ela fechou a porta. Ela se virou e, para a imensa surpresa de James, ajoelhou-se no chão na frente dele.

Ele deu um passo para trás.

— Grace. Não.

— Eu preciso — disse ela. As mãos dela estavam em punhos. — Eu entendo por que você não quer me ouvir. Você tem todos os motivos. Mas devo implorar para que você faça exatamente isso. — Ela exalou um suspiro trêmulo. — Eu me envolvi com Charles porque acreditava que quando minha mãe se recuperasse, ela não seria capaz de me machucar. Ela me encontraria protegida pela família do cônsul.

— Sim — disse James. — Eu sei. Eles realmente o protegerão. Os Fairchild são pessoas boas. — Ele exalou. — Grace, levante-se, por favor.

Ela ficou de pé, com o queixo erguido.

— Voltei ontem à Chiswick House com Charles para buscar alguns dos meus pertences — disse ela. — Pretendo ficar longe de casa até o meu casamento. Vi minha mãe lá e, a princípio, pensei que tivesse sido bem-sucedida. Ela parecia satisfeita por eu ter feito

uma parceria poderosa. Então eu percebi que ela havia perdido o interesse no que eu tinha feito porque ela tinha planos maiores.

James franziu o cenho. Sob os olhos dela, ele podia ver os rastros de lágrimas recentes. A preocupação se agitou, apesar de si mesmo.

— Que tipo de planos?

— Você sabe que ela odeia você e seu pai — Grace disse rapidamente. — Ela odeia seus irmãos também. Ela sempre acreditou que um dia eles a matariam para recuperar a Chiswick House.

— No estado em que está, ela teria sorte se alguém quisesse — disse James, mas Grace não parecia ouvi-lo.

— Quando ela acordou de sua doença, descobriu de alguma forma - não sei como - que você quase morreu, e ela acredita... — Grace parecia estar lutando por palavras. — Ela sempre acreditou que Jesse poderia ser ressuscitado dentre os mortos se usasse a necromancia. Ela chamou feiticeiros, esperando que eles fizessem magia das trevas para ela. Ela implorou que demônios a ajudassem ...

James ficou horrorizado.

— Mas isso é loucura. Mexer nessas coisas é uma sentença de morte quase certa.

— Ela não se interessou. Ela se *dedicou* à ideia, colecionando livros de necromancia, vasculhando os mercados das sombras pelas mãos da glória.

— Mas o Enclave revistou a Chiswick House. Eles não encontraram vestígios de magia das trevas.

— Ela mantém tudo na mansão em Idris.

— E você nunca me contou nada disso? — disse James.

— Como eu poderia? E implicar você também? Ela é louca por você. Desde que ela acordou de seu sono envenenado, ela tem sido violenta e delirante. Ela diz que sabe que agora não há chance de Jesse voltar. Ela diz que é como se você tivesse roubado o último suspiro ao sobreviver ao Mandikhor.

— *O que?* — A cabeça de James estava girando. — Como aquilo seria possível?

— Eu diria se soubesse. James, ela é *perigosa* — disse Grace. — Ela construiu para si um palácio de sonhos e mentiras e, quando essas mentiras são ameaçadas, ela ataca. Você se lembra do autômato no corredor da mansão em Idris?

— Sim, embora eu não veja o que isso tem a ver com nada...

— Foi encoberto por um feiticeiro anos atrás — disse Grace. — No caso de sua morte, é encantado se levantar e matar Caçadores de Sombras. Agora ela decidiu que Jesse nunca se levantará e que ela não tem nada para viver. Ela planeja terminar sua vida hoje à noite e, quando o fizer, causará estragos. Irá para Alicante...

O coração de James começou a bater forte.

— Eu entendo o que vai acontecer — disse ele. — Grace, devemos procurar meus pais com essas informações.

— Não! Ninguém deve saber, James. Se a Clave prender minha mãe, se procurarem na Mansão Blackthorn, verão quão profundamente minha mãe se afundou na necromancia e na magia das trevas, e eu também serei culpada, e Jesse… — Ela suspirou, suas mãos tremendo — Se ela soubesse que eu tinha revelado seus segredos, mamãe gostaria que eu fosse culpada, James. Eu poderia ser trancada na Cidade do Silêncio.

— Isso não precisa acontecer. Este é o pecado de Tatiana, não o seu. E ela é claramente louca - pode haver misericórdia pelos loucos...

Ela levantou o rosto para ele. Os olhos dela brilhavam; lágrimas ou determinação, ele não sabia.

— James — ela disse. — Eu sinto muito.

— Desculpe? — ele ecoou. — Para quê?

— Eu nunca quis fazer isso com você — disse ela. — Mas ela insistiu. E *ele* insistiu. Tinha que ser você. Minha mãe me fez sua lâmina, para cortar todas as barreiras levantadas contra ela. Mas seu sangue, *o* sangue *dele*, é uma barreira que não posso cortar. Não posso amarrá-lo sem a corrente dele.

Algo prateado brilhou em sua mão. Ela pegou o braço dele; ele tentou se afastar, mas ela se segurou. Ele sentiu algo frio contra sua pele e ouviu um clique como uma fechadura girando quando o

círculo de metal se fechou em torno de seu pulso. Uma centelha de dor percorreu seu braço, como um repentino choque de eletricidade.

Ele tentou dar um passo atrás. Imagens sombrias surgiram diante de seus olhos. No último momento antes de tudo mudar, ele viu Cordelia - ela estava a uma certa distância dele, na beira do telhado do Instituto. Quando ele tentou se virar, olhá-la, ela cobriu o rosto com as mãos e recuou, fora do alcance dele. Ele viu a lua atrás dela, ou talvez não fosse a lua. Era uma coisa prateada, giratória, uma roda na noite, tão brilhante que o cegou a todas as outras estrelas.

Estava chovendo em Londres, mas o tempo em Idris, mesmo no final do pôr do sol, estava quente. Lucie seguiu o tio Jem pelo caminho a partir do local em que eles haviam se alojado, nos arredores de Alicante. Não se podia chegar de portal diretamente na cidade murada; era protegida contra essas coisas. Lucie não se importou. Seu destino não estava dentro dos limites da cidade.

Jem - ela nunca conseguia pensar nele como o irmão Zachariah, por mais que tentasse - caminhava ao lado dela enquanto contornavam os Campos Imperecíveis. Seu capuz estava abaixado e o vento agitava seus cabelos pretos. Embora o rosto dele estivesse marcado, ela percebeu pela primeira vez que era um rosto jovem - muito mais parecido com a mãe que com o pai. Era estranho para Will, ela se perguntou, estar envelhecendo e Jem permanecer na aparência ainda menino? Ou quando você ama alguém, você não percebe essas coisas, assim como os pais dela não viram diferença entre si?

Está lá. Jem apontou para o que parecia uma cidade em miniatura de casas brancas. Era a necrópole de Alicante, onde as famílias de Idris foram enterradas. Ruas estreitas percorriam os mausoléus, pavimentadas com pedra branca esmagada. Lucie sempre amou a maneira como os túmulos pareciam casas pequenas, com portas ou portões e telhados inclinados. Ao contrário dos mundanos, os Caçadores de Sombras não costumavam decorar

seus túmulos com estátuas de anjos. Os nomes das famílias que possuíam os túmulos foram esculpidos sobre as portas, ou gravado em placas de metal: BELLEFLEUR, CARTWRIGHT, CROSSKILL, LOVELACE, mesmo BRIDGESTOCK . A morte fez vizinhos improváveis. Por fim, encontrou o que procurava, uma grande tumba sob uma árvore sombreada, com o nome BLACKTHORN.

Ela parou e olhou. Era uma tumba como qualquer outra, exceto pelo desenho de espinhos que corriam ao redor do pedestal. Os nomes daqueles que morreram marcharam para cima e para baixo do lado esquerdo da tumba como soldados em ordem. Foi fácil encontrar o mais novo. JESSE BLACKTHORN, NASCIDO 1879 , MORREU EM 1896.

Lucie percebeu que tinha sido apenas em 1897 quando o conheceu na floresta. Ele era um fantasma por um tempo tão curto. Ele parecia muito mais velho que ela naquela época; ela nunca pensara em como ele deveria estar assustado.

Todo mundo pensava que Jesse havia morrido há muito tempo. Ninguém sabia o que ele havia sacrificado desde então.

Ela tocou o medalhão pendurado na garganta e virou-se para Jem.

— Posso ter um momento sozinha aqui, por favor?

Jem olhou para ela, claramente preocupado. Era difícil ler o rosto dele, os olhos fechados, mas ele hesitou quando ela lhe pediu que a levasse até Idris para prestar homenagem no cemitério e não contar aos pais. Ele só concordou quando ela disse que, se ele não fizesse, encontraria um bruxo que a levaria.

Ele tocou os cabelos dela levemente.

Não demore muito na morte. Lucie significa luz. Olhe para o dia, não para a noite.

— Eu sei, tio Jem — disse ela. — Será apenas um momento.

Ele assentiu e desapareceu nas sombras, como sempre os Irmãos do Silêncio.

Lucie voltou-se para o túmulo. Ela sabia que não continha nenhuma parte de Jesse, mas a consolava estar lá da mesma maneira.

— Não contei a ninguém o que vi na Chiswick House e nunca vou contar — disse ela em voz alta. — Não mantive silêncio para proteger Grace ou sua mãe. Apenas para protegê-lo. Eu não esperava que você fosse um amigo tão verdadeiro como era, Jesse. Eu não esperava que você desse a vida pela do meu irmão. Eu sabia que você estava com raiva de mim apenas momentos antes e, mais do que tudo, lamento não poder dizer que lamento. Eu não deveria ter usado meu poder assim. Ainda é difícil imaginar que tenho um poder e, mesmo agora, não o entendo direito. — Ela tocou o nome dele com as pontas dos dedos, letras cortadas uniformemente em mármore liso. — Sem você, não tenho certeza se algum dia entenderei.

— Você irá.

Ela olhou para cima e lá estava ele. Jesse, encostado na lateral da tumba como o menino de um fazendeiro contra um portão. Sorrindo seu estranho sorriso, cabelo preto liso em seus olhos. Lucie deixou cair as flores que segurava e estendeu a mão, sem parar para pensar, para agarrar a mão dele.

Seus dedos roçaram o vazio. Além de um caminho de ar mais frio, não havia solidez para ele, como antes.

Ela afastou a mão, pressionando-a contra o peito.

— Jesse.

— Acho que minha força está diminuindo — disse ele. — Talvez houvesse mais neste negócio de suspiro do que eu pensava.

— Sinto muito — Lucie sussurrou. — Isto é minha culpa.

— Lucie, não. — Jesse deu um passo à frente; ela sentiu o frio emanar do corpo dele e o encarou. Ele parecia menos humano e ironicamente mais estranhamente bonito do que antes: sua pele era lisa como vidro, seus cílios pretos e surpreendentes. — Você me deixou ser algo que eu nunca tinha sido antes, mesmo quando eu estava vivendo. Um Caçador de Sombras. Você me deixou fazer parte do que você fez. Eu nunca pensei que teria novamente a chance de fazer a diferença.

— Você fez toda a diferença — disse Lucie. — Sem a sua ajuda, não poderíamos ter feito o que fizemos, mesmo que os outros não o

conheçam. E você salvou a vida de James. Eu sempre te deverei uma.

Os olhos de Jesse estavam quase pretos.

— Você não precisa dever aos mortos, Lucie.

— Eu preciso — ela sussurrou. — Seu corpo ainda está na Chiswick House? É Grace cuidando de você?

— Sim. Ela virá sempre que puder, sob o pretexto de cuidar da casa, agora que não podemos confiar... — Ele interrompeu. — Você me ensinou a ver as coisas de maneira muito diferente, Lucie — disse ele depois de um momento. — Eu achava a loucura da minha mãe inofensiva. Eu não sabia que ela tinha relações com demônios até que vi aquela criatura atacar Grace.

— Sinto muito — Lucie sussurrou. — Por tudo isso.

Sua voz suavizou.

— Nunca foi sua culpa. Minha mãe precisa de ajuda. Grace planeja garantir que ela entenda. Não se desculpe, Lucie. Você trouxe luz para o meu mundo sem luz e sou grato por isso.

— Sou eu quem agradece — disse ela. — E eu vou encontrar uma maneira de ajudá-lo, Jesse. Juro te trazer de volta, se puder, ou descansar, se não puder.

Ele balançou sua cabeça.

— Você não pode prometer algo tão grave.

— Eu posso prometer isso. Eu prometo. Sou uma Herondale e mantemos nossas promessas.

— Lucie... — Jesse começou. Sua testa franziu. — Eu ouço algo. Quem está com você?

— Je - irmão Zachariah — disse Lucie. Ela supôs que não deveria se surpreender que fantasmas pudessem ouvir os Irmãos do Silêncio.

O final da tarde estava chegando ao anoitecer. As torres demoníacas brilhavam com o pôr do sol, transformando as cores de uma árvore no outono: vermelho e dourado, cobre e chamas.

— Eu devo ir — disse Jesse. — James Carstairs é um irmão do silêncio. Ele pode ser capaz de me ver. Eu não gostaria de lhe trazer problemas. — Ele deu-lhe um longo e último olhar. — Prometa que você não tentará me ajudar.

— Jesse — Lucie sussurrou, e estendeu a mão; ela sentiu a menor pressão em seus dedos, e ela se foi. Jesse havia desaparecido no nada, como névoa se dissolvendo na chuva.

Grace estava de pé junto à janela. O sol havia se posto, mas o brilho dos postes era visível através do vidro. Delineou os cabelos de Grace, a curva de suas maçãs do rosto, as cavidades nas têmporas. Ela sempre esteve lá? Ela deve ter sido - é claro que tinha sido. O braço de James estava apoiado contra as costas da poltrona. Ele ficou tonto. Talvez ele não estivesse tão recuperado quanto pensara.

— James? — Grace se aproximou dele, o farfalhar de seu vestido verde alto na sala silenciosa. — Você vai me ajudar? Você vai destruir o autômato?

James olhou para ela com espanto. Ela era Grace - a Grace dele, a quem ele amava e sempre amou.

— A lealdade me liga, Grace — disse ele em voz baixa. — E mesmo que não, eu sou seu e você é minha. Eu faria qualquer coisa por você.

Algo como dor brilhou em seus olhos; ela olhou para longe.

— Você sabe que eu ainda devo me casar com Charles.

A boca de James estava seca. Ele havia esquecido. Grace se casando com Charles. Ela mencionou isso quando entrou na sala? Ele não se lembrava mais.

— Se eu fosse casar com você... — Ela balançou a cabeça. — Minha mãe encontraria maneiras de atormentar você e sua família para sempre. Ela nunca parava. Eu não poderia derrubar isso sobre você.

— Você não ama Charles.

Ela olhou para ele.

— Oh, James — disse ela. — Não. Não, não amo.

Seu pai sempre lhe disse que não havia emoção maior que o amor: que superou toda dúvida e toda desconfiança.

Ele amava Grace.

Ele sabia que sim.

Grace colocou a mão na dele.

— Não temos mais tempo — ela murmurou. — Me beije, James. Apenas uma vez antes de você ir.

Ela era tão menor que ele que ele teve que levantá-la em seus braços para beijá-la. Ela colocou os braços em volta do pescoço dele e, por um instante, quando os lábios dele tocaram os dele, ele lembrou-se dos lábios macios que se apegavam aos seus, um corpo arqueado contra ele, curvas suaves e cabelos caídos. O desejo enlouquecedor e abalador que o cegara para tudo, menos como Cordelia se sentia em seus braços, para o doce e suave calor dela.

Grace recuou. Ela o beijou levemente na bochecha. Ela não ficou nem um pouco confusa quando ele a colocou no chão; Cordelia estava descalça, com o corpete puxado para o lado, os cabelos completamente desgrenhados. Mas tudo isso era fingimento, ele entendeu agora. Ele e Cordelia estavam se apresentando em nome de estranhos que haviam entrado na sala. E se ele queria Cordelia naquele momento, isso era natural: desejo físico não era amor, e ele tinha certeza de que ela não sentia nada por ele. Cordelia era sua amiga; ela até pedira para ele ajudá-la a encontrar um marido.

— Teremos que contar à Clave — disse ele. — Sua mãe não pode ser deixada para praticar magia das trevas em liberdade. Mesmo que esse autômato seja destruído, ela ainda conspirará para matar Caçadores de Sombras. Ela pode fazê-lo novamente.

O sorriso de Grace desapareceu.

— Mas, James... — Ela procurou o rosto dele por um momento, depois acenou com a cabeça. — Espere até que meu noivado com Charles seja formalmente anunciado. Assim que eu estiver verdadeiramente em segurança e longe de minha mãe, a Clave pode ser informada.

Ele sentiu um alívio aborrecido. Ele estava prestes a beijá-la novamente quando alguém bateu na porta. Grace retirou a mão da de James, enquanto ele dizia: — Só um momento.

Era tarde demais - a porta estava escancarada e Matthew estava no limiar. Ao lado dele estava Cordelia, bonita em um vestido azul

de martim-pescador e jaqueta combinando, olhando de James para Grace com olhos arregalados e surpresos.

— Eu deveria ir — disse Grace. Suas bochechas estavam coradas, mas por outro lado ela parecia perfeitamente composta. Cordelia não pôde deixar de encará-la - sabia que Lucie a encontrara nos terrenos da Chiswick House, e que Lucie não diria mais do que Grace estava ansiosa por Thomas e Lucie irem embora.

Cordelia não via Grace junto com James desde a briga em Battersea Bridge. Ela não tinha pensado que iria doer assim.

Ela se preparara cuidadosamente para essa visita tão esperada. Ela escolhera um de seus vestidos novos favoritos em azul brilhante; ela usava os melhores brincos de ouro e trouxera consigo uma cópia traduzida de *Layla e Majnun* . Não era tão bonito em inglês quanto no persa original, mas seria perfeito para ler com James.

Agora, enquanto olhava para James e Grace, estava feliz por o livro estar escondido dentro de sua jaqueta.

— Senhorita Blackthorn — disse Cordelia, inclinando a cabeça educadamente. Ao lado dela, Matthew ficou rígido. Ele não disse nada quando Grace murmurou um adeus e saiu da sala, uma nuvem de cheiro de tuberosa se arrastando em seu rastro.

Cordelia disse a si mesma para não ser tola. Todos os outros aparentemente fizeram uma visita a James para ver como ele estava, por que não Grace?

— James — disse Matthew, no momento em que Grace se foi. — Você está bem?

James parecia um pouco atordoado ao vê-los. Ele usava mangas de camisa e calça listrada; Cordelia podia ver as marcas de hematomas no rosto e nos braços. Um corte em processo de cura percorria sua clavícula. Seus cabelos, uma bagunça selvagem e escura como sempre, caíam em seus olhos, e como sempre Cordelia lutou contra o desejo de empurrá-lo para trás.

— Estou bem. Melhor ainda do que bem — disse James, abaixando as mangas e apertando os punhos. Cordelia teve um vislumbre de prata brilhando em seu pulso.

A pulseira de Grace. Cordelia sentiu como se estivesse queimando por dentro. Matthew ficou olhando.

— Grace terminou as coisas com meu irmão?

— Não. — O sorriso rápido de James desapareceu. — Eles ainda estão se casando.

— Então, talvez ela esteja planejando matar Charles? — disse Matthew.

— Matthew, pare de parecer esperançoso com a perspectiva de homicídio.

Abrindo o guarda-roupa, James pegou uma jaqueta e a jogou.

— Ela não se casará com Charles porque o ama. Ela está casando com ele para se libertar da mãe. Ela acredita que a influência e o poder de Charles a protegerão.

— Mas certamente *você* poderia protegê-la — disse Cordelia, em voz baixa, incapaz de ajudar a si mesma.

Se o comentário impressionou James, ela não sabia. A Máscara parecia voltar com força total. Ela não conseguia ler o rosto dele.

— Tatiana quer que Grace faça uma aliança poderosa — disse James. — Ela pode não estar totalmente satisfeita, mas se Grace se casasse comigo, seria guerra. Grace não aceita isso. — Ele apertou os botões da jaqueta. — Ela me fez entender que tudo o que ela fez, ela fez porque me ama. Agora devo fazer algo por ela.

Na parte de trás da cabeça, Cordelia ouviu a voz de Alastair. *Tudo o que ele faz é para que ele e eu possamos ficar juntos.*

Desde que voltaram para casa de Highgate, Alastair não havia mencionado Charles ou qualquer coisa relacionada a ele. Ele passava a maior parte do tempo em casa, muitas vezes no quarto de Cordelia enquanto a perna dela se curava, lendo em voz alta para ela os jornais do dia. Ele não saiu à noite. Ela e Alastair eram certamente um par, não eram, pensou Cordelia. Miserável no amor.

— James — Matthew disse tenso — depois do que ela fez com você - você não deve nada a ela.

— Não é uma dívida — disse James. — É porque eu a amo.

Era como se alguém tivesse levado uma faca pequena e afiada ao coração de Cordelia e cortada em pedaços que formavam a forma do nome de James. Ela mal conseguia respirar; ela ouviu a voz dele em sua cabeça, baixa e doce: Daisy, meu anjo.

Balançando a cabeça, James saiu da sala. Depois de trocar um único olhar, Cordelia e Matthew os seguiram. Eles correram pelo corredor depois de James que, através do Instituto, tecia ocasionalmente para evitar colidir com móveis.

— O que está acontecendo? — Matthew exigiu, evitando uma armadura decorativa. — O que ela pediu para você fazer?

— Há um objeto na Mansão Blackthorn que deve ser destruído — disse James, e rapidamente contou a história da loucura de Tatiana, o autômato mecânico e o feitiço de feiticeiro que esperavam para animá-lo. Que ele deveria destruí-lo, enquanto Grace fazia todo o possível para lidar com sua mãe.

Havia algo diferente, não apenas na expressão de James, mas na maneira como ele falava. Ele não disse o nome de Grace com essa entonação desde que ela ficou noiva de Charles. As unhas de Cordelia morderam a palma da mão. Ela queria estar doente; ela queria gritar. Ela sabia que não faria nada disso. *Ela não gritou - não! ela teria desprezado fazê-lo.*

— Tenho certeza de que não sou o único que não fica surpreso que Tatiana Blackthorn tenha se envolvido em necromancia — disse Matthew. — Mas devemos contar à Clave.

James, subindo as escadas duas de cada vez, balançou a cabeça.

— Ainda não. Eu devo fazer isso primeiro. Vou explicar mais tarde, mas não podemos destruir a vida de Grace.

Eles alcançaram o topo de um conjunto de degraus de pedra, descendo em sombras profundas. Cordelia ficou meio aliviada ao ver a mesma expressão no rosto de Matthew que ela tinha certeza que estava no dela. Surpresa e angústia.

— Então você vai para *Idris?* — Disse Cordelia. — Quando?

— Há um portal na cripta — Matthew disse firmemente enquanto as escadas terminavam com uma entrada em uma enorme sala de pedra. Não estava tão escuro quanto Cordelia imaginara:

candeeiros fracos de metal brilhavam nas paredes, iluminando paredes e pisos de pedra lisa. — Meu pai costumava mexer com seus experimentos aqui embaixo quando ele e minha mãe dirigiam o Instituto. A maior parte do seu trabalho foi transferida para o laboratório em nossa casa, mas...

Ele apontou para uma praça brilhante do tamanho de um copo de cais que adornava a parede oposta. Sua superfície ondulava como água, iluminada por estranhos brilhos.

— O portal ainda está aqui — disse James. — Foi bloqueado durante a quarentena, mas não mais.

— Ainda é proibido acessar Portal para Idris sem a permissão da Clave — disse Matthew.

— E você ficou fascinado com as leis de repente? — James sorriu. — Eu serei o único a quebrar as regras, de qualquer maneira. É uma coisa simples para mim fazer: atravessar, destruir o objeto e retornar.

— Você deve estar louco se acha que não vamos com você — disse Matthew.

James balançou a cabeça.

— Eu preciso que você fique aqui para abrir o Portal para mim, para que eu possa retornar. Me dê vinte minutos. Conheço meu caminho pela casa e sei exatamente onde está a coisa. Então abra o Portal e eu voltarei.

— Não sei se é uma ideia sábia — disse Cordelia. — Nós já ficamos de pé e assistimos você desaparecer através de um portal e veja como isso acabou.

— Nós sobrevivemos — disse James. — Matamos o Mandikhor e ferimos Belial. Muitos diriam que ficou muito bem. — Ele se moveu para ficar diante do Portal. Por um momento ele foi apenas uma silhueta, uma sombra negra contra a superfície prateada atrás dele. — Espere por mim — disse ele, e pela segunda em uma semana, Cordelia viu James Herondale desaparecer através de um portal diante de seus olhos.

Ela olhou para Matthew. Ele brilhava como uma das luminárias de latão na parede, vestindo uma jaqueta de veludo e calças de

bronze. Parecia que estava pronto para retornar ao Hell Ruelle, para não vigiar uma cripta.

— Você não tentou detê-lo — disse ela.

Matthew balançou a cabeça.

— Não desta vez — disse ele. — Não parecia fazer sentido. — Ele olhou para ela. — Eu realmente pensei que tinha acabado. Mesmo quando Grace apareceu hoje, pensei que ele a mandaria embora. Que talvez você o tenha curado dessa doença em particular.

As palavras pousaram como flechas. *Eu pensei que você o tivesse curado.* Ela tinha pensado a mesma coisa, de alguma maneira - tinha se permitido acreditar, esperado que James se oferecendo para ler um livro com ela fosse algo mais do que uma oferta de amizade. Ela tinha lido seus olhos, suas expressões, tudo errado - como ela poderia estar tão enganada? Como ela poderia acreditar que ele sentiu algo como ela sentiu quando ela deveria *saber*?

— Por causa da sala dos sussurros? Isso realmente era apenas fingimento. — As palavras soaram frágeis para seus próprios ouvidos. Não era a verdade - não para ela, pelo menos - mas ela não seria considerada lamentável, nem por Matthew ou por qualquer outra pessoa. — Não era mais nada.

— Acho que estou feliz em ouvir isso — disse Matthew. Seus olhos estavam muito escuros, o verde apenas uma borda ao redor da pupila enquanto ele olhava para ela. — Que bom que você não está machucada. E feliz...

— Eu não estou machucada. Só que eu não entendo — disse Cordelia. Sua voz parecia ecoar nas paredes. — James parece uma pessoa completamente diferente.

A boca de Matthew torceu em um meio sorriso amargo.

— Ele é assim há anos. Às vezes, ele é o James do meu coração, o amigo que eu sempre amei. Às vezes, ele está atrás de uma parede de vidro e eu não posso alcançá-lo, não importa como eu bato meus punhos contra ela.

A Máscara, Cordelia pensou. Então, Matthew também viu.

— Você deve me achar ridículo — disse Matthew. — *Parabatai* deveriam estar perto e, na verdade, eu não gostaria de viver neste mundo sem James. No entanto, ele não me diz nada do que sente.

— Eu não acho você ridículo, e gostaria que você não dissesse essas coisas — disse Cordelia. —Matthew, você pode falar mal de si mesmo como quiser, mas isso não os torna verdade. *Você* decide a verdade sobre si mesmo. Não os outros. E a escolha sobre que tipo de pessoa você será é só sua.

Matthew olhou para ela - pela primeira vez, parecia sem palavras.

Cordelia caminhou até o portal.

— Você sabe como é a Mansão Blackthorn?

Matthew parecia voltar à realidade.

— É claro — ele disse. — Mas já faz apenas dez minutos.

— Não vejo por que devemos fazer o que ele diz — disse Cordelia. — Abra o portal, Matthew.

Ele olhou para ela por um longo momento e, finalmente, o canto da boca se torceu em um sorriso.

— Você é muito mandona para uma garota cujo apelido é Daisy — disse ele, e foi até o Portal.

Ele colocou a palma da mão contra a superfície, e ela brilhava como água perturbada. Uma imagem evoluiu lentamente do centro: uma grande e velha pilha de pedra de uma mansão, afastada de um gramado verde que se espalhava. O gramado estava coberto de vegetação, os portões de ferro preto diante da mansão estavam cheios de espinhos retorcidos. Eles foram abertos e, através da brecha, Cordelia podia ver o rosto de pedra em branco da casa, inserido por uma dúzia de janelas.

Enquanto ela olhava, uma das janelas ardeu em chamas alaranjadas. Então outro. O céu acima da mansão ficou vermelho escuro e agourento.

Matthew xingou.

— Ele está queimando a casa, não está? — disse Cordelia.

— Malditos Herondales — disse Matthew, com uma espécie de desespero épico. — Eu vou passar por...

— Não sozinho, você não vai — disse Cordelia, e, pegando as saias de seu vestido azul, saltou através do portal aberto.

Embora Grace e Tatiana a tivessem deixado recentemente, a Mansão Blackthorn tinha o ar de um lugar há muito abandonado. Uma das portas laterais estava destrancada e James se viu em um salão vazio, iluminado apenas pela luz da lua que entrava pelas grandes janelas. O chão estava coberto por uma poeira espessa e emplumada e, acima dele, pendia um lustre, tão amarrado com teias de aranha que parecia um novelo de lã cinza.

Ele atravessou o corredor vazio na quietude da luz da lua e subiu a curva da escada. Quando ele chegou ao segundo andar, um filme oleoso de escuridão caiu diante dele: as janelas do andar de cima estavam cobertas com grossas cortinas pretas, e nenhuma luz escapava pelas bordas.

Ele acendeu sua luz enfeitiçada; iluminando a passagem longa e empoeirada que se estendia diante dele. Enquanto descia, suas botas faziam um triturar desagradável contra o chão, e ele se imaginou esmagando os ossos secos de pequenos animais enquanto caminhava.

No final do corredor, em frente a uma parede curva de janelas cobertas, estava a criatura de metal: um monstro imponente de aço e cobre. Na parede ao lado, como ele se lembrava, pendurava uma espada de cavaleiro com um pomo de roda, uma antiguidade enferrujada.

James pegou a espada e, sem um momento de hesitação, a desceu.

Ele cortou o torso do monstro mecânico, dividindo-o ao meio. A parte superior do corpo bateu no chão. James desceu com a espada novamente, decapitando a criatura; ele se sentia meio ridículo, como se estivesse cortando uma lata enorme em pedaços. Mas a outra metade dele estava cheia de raiva: raiva contra a amargura sem sentido que consumira Tatiana Blackthorn, que transformara esta

casa em uma prisão para Grace, que tornara Tatiana violentamente contra sua própria família e o mundo inteiro.

Ele parou, respirando pesadamente. O traje mecânico era uma pilha de sucata a seus pés.

Pare, ele disse a si mesmo e, estranhamente, viu Cordelia em sua mente, sentiu a mão dela em seu braço, firmando-o. *Pare.*

Ele jogou a espada no chão e se virou para ir; enquanto ele ouvia uma suave explosão.

A pilha de metal triturado pegou fogo e subiu como se fosse um pavio. James deu um passo para trás, olhando, enquanto o fogo subia até pegar as teias de aranha esticadas através das paredes: elas pegaram fogo como renda queimando. James enfiou a luz enfeitiçada de volta no bolso; o corredor já estava vivo com ouro e vermelho, sombras estranhas estremecendo contra as paredes. A fumaça que subia das cortinas fumegantes era espessa e sufocante, emitindo um aroma amargo e terrível.

Havia algo hipnótico nas chamas quando elas pulavam de um conjunto de cortinas para outra, como um buquê sendo jogado pelo corredor. Se James ficasse aqui, ele morreria de joelhos, sufocando nas cinzas da amargura de Tatiana Blackthorn. Ele girou e foi para as escadas.

Matthew não se incomodou com uma runa de abertura, apenas chutou a porta da frente e correu para dentro, com Cordelia nos calcanhares. A entrada estava cheia de fumaça fervendo.

Cordelia olhou em volta horrorizada. Ela podia ver dentro de uma sala com uma chaminé alta: provavelmente já fora uma sala grande, mas agora estava coberta de poeira e mofo. Uma mesa com teias de aranha penduradas estava no meio, ainda com os pratos arrumados: eles estavam cobertos de comida apodrecida, e ratos e besouros negros corriam livremente sobre a superfície.

O chão estava espesso e coberto de poeira cinza; um conjunto de pegadas subiu as escadas. Cordelia apontou e empurrou o ombro de Matthew: — Por aqui.

Eles começaram a andar em direção aos degraus: no topo eles podiam ver um inferno estrondoso. Cordelia ofegou quando James apareceu do coração das chamas, correndo pelas escadas. Ele se jogou sobre o corrimão quando os degraus superiores pegaram fogo, aterrissando no centro da entrada. Ele olhou incrédulo para Cordelia e Matthew.

— O que você está *fazendo* aqui? — ele exigiu sobre o rugido do fogo.

— Viemos paor você, idiota! — Matthew gritou.

— E como você esperava *voltar?*

— Há um portal na estufa aqui que se conecta à estufa em Chiswick — disse Cordelia. Grace havia lhe dito isso; parecia um milhão de anos atrás. — Podemos voltar por esse caminho.

De algum lugar nas profundezas da mansão, ouviu-se um ruído profundo e estridente, como os ossos de um gigante caindo ao pó. Os olhos de Matthew se arregalaram.

— A casa

— Está em chamas! Sim eu *sei*! — James gritou. — Para a porta, rapidamente!

Era um curto caminho de volta para a entrada da frente. Eles correram, os pés levantando nuvens de poeira. Eles quase alcançaram a porta - Matthew estava acima do limiar - quando a parede mais próxima desabou. Cordelia cambaleou para trás quando uma onda de ar quente a atingiu; ela viu uma viga de madeira coberta de gesso se libertar da parede e varrer em sua direção, ouviu Matthew gritar seu nome e então algo a atingiu de lado. Ela rolou na poeira, emaranhou-se com James, quando a viga atingiu o chão com imensa força, quebrando o parquet.

Ela engasgou, ofegou e olhou para cima: James a havia derrubado do caminho da madeira que caía. O corpo dele prendeu o dela no chão. A cor da seus olhos combinavam com as chamas ao redor deles; ela sentiu a respiração dele, curta e afiada, enquanto se encaravam quase cegamente.

— *James!* — Matthew gritou, e James piscou e se levantou, estendendo a mão para agarrar a mão de Cordelia. O azul de seu vestido brilhava quando ela se levantou, pontilhado com mil

minúsculos pontos de fogo brilhantes, onde as faíscas haviam desembarcado.

Não era apenas o vestido dela: tudo era fogo. Atordoados, correram para a porta da frente, onde Matthew estava; ele tirara a jaqueta de veludo e a usava para apagar as chamas que consumiam o limiar. James virou-se para levantar Cordelia em seus braços, como se estivessem em um balé estranho e ardente, carregando-a durante a última explosão de chamas, enquanto subiam e consumiam as portas da frente da mansão.

Os três cambalearam a uma boa distância da casa, passando pelo mato e pela grama irregular dos jardins. Finalmente eles pararam, e James ergueu a cabeça para encarar a mansão. Estava queimando alegremente, enviando gotas de fumaça negra, transformando o céu acima dele na cor do sangue.

— Você pode largar Cordelia agora — disse Matthew, com um toque de ácido em seu tom. Ele estava ofegante, com o cabelo cheio de fuligem, a jaqueta de veludo abandonada.

James colocou Cordelia cuidadosamente no chão.

— Sua perna…? — ele começou. Ela tentou afastar uma mecha de cabelo e a encontrou cheia de cinzas.

— Está tudo certo. Está bem curada — ela disse. — Você ah...

— Queimou a casa? Não de propósito — disse James. Seus cílios já pretos estavam entupidos de fuligem, o rosto manchado de preto.

— Por coincidência, queimou enquanto você estava nela? — resmungou Matthew.

— Se eu pudesse explicar ...

— Você não pode. — Matthew balançou a cabeça, espalhando cinzas. — Estou completamente sem paciência. O banco da paciência está esgotado! Eu nem estou recebendo nenhuma paciência com crédito! Você e eu e Cordelia vamos para casa e, uma vez em casa, vou repreendê-lo por muito tempo. Se prepare.

James escondeu um sorriso.

— Eu farei exatamente isso. Enquanto isso, a estufa. Não devemos ficar aqui.

Cordelia e Matthew concordaram fervorosamente. Os três seguiram para a estufa, que estava vazia, exceto por uma videira caída, algumas garrafas e o próprio Portal, que brilhava como um espelho, refletindo a luz vermelha do fogo.

James colocou a mão em sua superfície. Brilhou e Cordelia viu, como se a distância, a casa Blackthorn em Chiswick e, além dela, o horizonte cintilante de Londres.

Ela entrou.

A sala da Taverna do Diabo era aconchegante, com um fogo baixo queimando na lareira - Cordelia pensou que nunca mais iria querer ver fogo novamente, mas estava satisfeita por ter esse. Os Ladrões Alegres estavam espalhados pelos móveis desgastados: Christopher e Thomas no velho sofá de Chesterfield, James em uma poltrona e Matthew em um assento na mesa redonda de madeira.

James havia tirado a jaqueta, que tinha vários buracos, e as mangas da camisa estavam arregaçadas. Todos haviam feito o que podiam para se limpar quando chegaram à taberna, mas ainda havia fuligem no colarinho, nos cabelos de Matthew e Cordelia, e o vestido azul do martim-pescador estava, até onde Cordelia suspeitava, completamente arruinado.

Matthew estava virando um copo na mão, olhando pensativo o conteúdo âmbar pálido.

— Matthew, você realmente devia beber água — disse Christopher. — O álcool não ajudará na desidratação depois de você inalar toda essa fumaça.

Matthew levantou uma sobrancelha. Christopher parecia indiferente - Cordelia notou quando Christopher apareceu pela primeira vez que ele parecia um pouco diferente: menos tímido e coruja, mais seguro.

— A água é a bebida do diabo — disse Matthew.

Cordelia olhou para James, mas ele apenas disse: — É por isso que você é sempre dispéptico, Math. — Sua expressão era ilegível.

A Máscara havia escorregado brevemente na Mansão Blackthorn, ela pensou, quando ele salvou sua vida. Estava de volta agora.

Ela se perguntou se ele estava pensando em Grace. A dor no peito passou de uma dor aguda para uma pulsação maçante que doía a cada batimento cardíaco.

Passos soaram nos degraus e Lucie entrou, quase cambaleando sob o peso de uma pilha de roupas: dois ternos para James e Matthew e um vestido de algodão liso para Cordelia.

Ela foi recebida com uma salva de palmas. Quando Cordelia, James e Matthew saíram da estufa pela primeira vez em Chiswick, perceberam que nenhum deles poderia voltar para casa em seu estado chamuscado. Até Will seria apoplético, James teve que admitir.

— Temos que começar a guardar roupas de reposição no diabo para eventos como esse — dissera James.

— É melhor que não haja mais ocorrências como essa — Matthew havia encarado.

Eles haviam desembarcado em um táxi para a Fleet Street, onde haviam recebido muitos olhares curiosos de clientes da Taverna do Diabo. Matthew e Cordelia se refugiaram na sala do andar de cima, enquanto James localizou alguns Irregulares e os enviou a Thomas e Christopher com mensagens dizendo para vir imediatamente e trazer roupas novas para os três. Thomas e Christopher, infelizmente, não conseguiram pôr as mãos em nada: eles vieram correndo, mas sem roupas extras. Um Irregular fora enviado imediatamente para Lucie, o que, Cordelia apontou, era o que deveria ter sido realizado em primeiro lugar. Lucie sabia como fazer as coisas.

Lucie jogou as roupas no colo do irmão e olhou para ele.

— Eu não posso acreditar — disse ela, — que você queimou a Mansão Blackthorn sem mim!

— Mas você não estava por perto, Luce — protestou James. — Você foi ver o tio Jem.

— É verdade — disse Lucie. — Eu só queria ter estado com você. Eu nunca gostei da mansão quando estávamos crescendo. Além disso, sempre quis incendiar uma casa.

— Garanto-lhe — disse James, — que é superestimado.

Lucie tirou o vestido do colo de James e fez um gesto para Cordelia segui-la até o quarto adjacente. Ela começou a ajudar Cordelia a desfazer os ganchos na parte de trás do seu vestido azul.

— Eu vou chorar por este — disse Lucie, que caiu no chão em uma pilha carbonizada, deixando Cordelia em pé em sua saia e combinação. — Era tão bonito.

— Sente o cheiro de torrada queimada? — Cordelia perguntou.

— Um pouco, sim — disse Lucie, entregando a Cordelia o vestido de algodão. — Tente isso. Peguei emprestado do guarda-roupa da minha mãe. Um vestido de chá, então deve caber. — Ela considerou Cordelia, pensativa. — Então. O que aconteceu? Como James veio a queimar a Mansão Blackthorn?

Cordelia contou a história, enquanto Lucie habilmente ajudava a escovar as cinzas do cabelo e prendê-lo novamente em algo parecido com um estilo aceitável. Quando terminou a história, Lucie suspirou.

— Então foi a pedido de Grace — disse ela. — Eu pensei - eu esperava - bem, não importa. — Ela colocou o pincel sobre a penteadeira. — Grace ainda está se casando com Charles, então só se pode esperar que James a esqueça.

— Sim — disse Cordelia. Ela também pensara e esperara. Ela também estava errada. A dor maçante em seu peito aumentou, como se estivesse perdendo um pedaço de si mesma, algum órgão vital que ela mal podia respirar sem. Ela podia sentir a forma dura de *Layla e Majnun* ainda presa debaixo da jaqueta. Talvez ela devesse ter jogado nas chamas da mansão.

Eles voltaram para a sala principal, onde os ladrões alegres pareciam estar discutindo entre si. Thomas havia se juntado a Matthew bebendo conhaque; os outros dois não.

— Eu ainda não consigo acreditar que você queimou uma casa — disse Thomas, brindando a James.

— A maioria de vocês nunca viu dentro daquela casa — disse Lucie, sentando-se na beira do sofá, perto de James. — Eu espiei pelas janelas quando era pequena. Todos os cômodos cheios de podridão seca e besouros pretos, e os relógios pararam às vinte

para as nove. Ninguém pensará que foi queimado por qualquer motivo, exceto a negligência.

— É isso que estamos reivindicando? — perguntou Christopher. — Para o Enclave, quero dizer. Há a reunião amanhã para considerar.

James passou os dedos sob o queixo. A pulseira no pulso direito brilhava.

— Eu deveria estar disposto a confessar o que fiz, mas desejo deixar Matthew e Cordelia fora disso, e não posso falar da razão pela qual fui em primeiro lugar. Seria quebrar minha promessa a Grace.

Christopher pareceu intrigado.

— Então devemos inventar uma razão?

— Você sempre pode dizer que a queimou para melhorar a vista da Mansão Herondale — disse Matthew. — Ou talvez para aumentar o valor da propriedade.

— Ou você poderia reivindicar ser um piromaníaco incorrigível — disse Lucie alegremente.

Thomas pigarreou.

— Parece-me — ele disse, — que muitas pessoas serão prejudicadas se você contar a história do que aconteceu hoje à noite. Considerando que, se você mantiver a história para si, uma casa velha e cheia de itens de magia das trevas será destruída, juntamente com um autômato perigoso. Eu recomendaria fortemente que você não dissesse nada.

Matthew pareceu surpreso.

— Realmente? Nosso verdadeiro Thomas, que tantas vezes aconselha a honestidade?

Thomas encolheu os ombros.

— Não em todas as situações. Eu acho que a Clave precisará ser informada das tendências perigosas de Tatiana eventualmente. Mas parece que a perda da Mansão Blackthorn a deixará inofensiva por um tempo.

— Uma vez que Grace e Charles anunciarem formalmente o noivado — disse James calmamente. — Nós podemos falar então.

— Estou feliz em ficar calada por enquanto — disse Cordelia. — Afinal, foi o pedido de Grace, e devemos protegê-la.

James lançou-lhe um olhar agradecido. Ela olhou para baixo, torcendo o tecido do vestido entre os dedos.

— É uma pena, na verdade, que ninguém nunca saiba como James, Cordelia e Matthew são heróis por frustrar um plano demoníaco de atacar Idris — disse Lucie.

— Sempre saberemos — disse Thomas, e ergueu o copo. — Serão heróis secretos.

— Estar um ao lado do outro, não importa o que seja — disse Matthew, erguendo o corpo e, enquanto todos aplaudiam e brindavam, Cordelia sentiu a tira de ferro ao redor de seu coração relaxar, só um pouco.

22

AS REGRAS DE UM NOIVADO

“O 'Melia, minha querida, isso faz tudo coroar!
Quem poderia imaginar que eu deveria te encontrar na cidade? E de onde essas roupas justas, tanta prosperidade?”
“Você não sabia que eu estava arruinado?” disse ela.
“Eu gostaria de ter penas, um belo vestido arrebatador, e um rosto delicado, e poder andar sobre a cidade!”
“Minha querida - uma garota do campo, como você, não pode esperar isso. Você não está arruinado” - disse ela.
- Thomas Hardy, "A Arruinada Empregada"

Cordelia nunca havia participado de uma reunião com todo o Enclave antes. Sua família havia se mudado com muita frequência até este verão e ela ainda era menor de idade. Felizmente, como muitos jovens Caçadores de Sombras estavam diretamente envolvidos com os incidentes em discussão, o limite de idade foi dispensado para a reunião. Todos eles tiveram a chance de participar; Lucie até trouxe seus materiais de escrita com ela, caso ela estivesse inspirada.

O santuário fora criado para ser um local de reunião, com fileiras de cadeiras voltadas para um púlpito. Estátuas douradas de Raziel foram colocadas em cada alcova, e Tessa havia pendurado tapeçarias mostrando os brasões de todas as famílias dos Caçadores de Sombras de Londres nas paredes. James e Christopher estavam sentados na frente da sala. Todas as cadeiras estavam ocupadas e muitas estavam em pé; a sala estava cheia de estourar. Cordelia veio com a família, mas se separou de Alastair e Sona para poder sentar-se com Lucie e Matthew.

Will Herondale levantou-se no púlpito, bonito em um casaco cinza e colete com calças listradas; ele parecia estar tendo uma discussão amigável com Gabriel Lightwood enquanto Tessa olhava. O inquisidor Bridgestock não estava longe, encarando-o.

Lucie rapidamente apontou para Cordelia todos os presentes que haviam se recuperado do veneno: Ariadne Bridgestock estava lá, parecendo calma e muito bonita em um vestido de berinjela profundo, com um laço nos cabelos escuros. Cordelia não pôde deixar de se lembrar de Anna pegando a mão de Ariadne, enquanto Ariadne estava mortalmente imóvel, com os olhos inchados.

Por favor não morra.

Rosamund Wentworth também estava lá, assim como Anna e Cecily Lightwood, que estavam brincando com o pequeno Alexander na beira da fonte seca. Alexander parecia estar jogando algo brilhante e provavelmente quebrável no ar.

Sophie e Gideon Lightwood, recém-chegados de Idris, estavam sorrindo para Cecily e o pequeno Alex, mas os olhos de Sophie estavam tristes. Thomas e sua irmã Eugenia estavam próximos. Eugenia parecia uma versão mais nítida de Barbara: era pequena, mas angular, com cabelos escuros arrepiados em um pompadour de menina Gibson.

Sentada na extremidade do grupo de Caçadores de Sombras, perto da Sra. Bridgestock, estava Tatiana Blackthorn, rigidamente ereta em sua cadeira; ela não tinha tirado o chapéu, e o pássaro empalhado ornamentado em cima dele brilhava ameaçadoramente. Ela estava mais magra do que nunca, as mãos firmemente cerradas no colo, o rosto rígido de fúria.

Grace estava sentada a alguma distância de sua mãe, ao lado de Charles, que estava tagarelando em seu ouvido. Ela e Tatiana não se entreolharam. Cordelia sabia de James que Grace havia impedido sua mãe de agir desesperadamente na noite anterior: parecia ter funcionado, mas ela não pôde deixar de se perguntar o que havia acontecido entre eles - sem mencionar se eles já sabiam o destino que teve a Mansão Blackthorn.

O hóspede mais surpreendente foi Magnus Bane, sentado do outro lado da sala com as pernas elegantemente cruzadas. Ele

pareceu sentir Cordelia olhando para ele e olhou com uma piscadela.

— Eu o idolatro — disse Matthew, triste.

Lucie deu um tapinha na mão dele.

— Eu sei.

Matthew parecia divertido; Cordelia sentiu que algo havia mudado em suas interações com Lucie. Ela não conseguia colocar um dedo nisso. Era como se uma certa tensão houvesse desaparecido entre eles.

— Sejam todos bem-vindos. — A voz de Will ecoou pela sala; o púlpito havia sido esculpido com runas para ampliar sua voz. — Acabei de receber a notícia de que a consulesa está atrasada, mas está a caminho. Seria ideal se todos pudessem ser pacientes um pouco mais e se abster de quebrar qualquer um dos objetos valiosos do Santuário.

Ele lançou um olhar significativo para Cecily, que fez uma careta de irmã para ele.

— Enquanto isso...

Will parou surpreso quando Charles se juntou a ele no púlpito. Ele usava um casaco formal, os cabelos ruivos e penteados para trás e reluzentes.

— Gostaria de agradecer a todos por confiarem em mim como cônsul atuante — disse ele, sua voz ecoando nas paredes. — Como todos sabem, o antídoto para esta terrível doença foi desenvolvido no laboratório de meu pai na Grosvenor Square.

Cordelia olhou para Alastair. Para sua surpresa, Alastair revirou os olhos. De fato, se Charles esperava uma salva de palmas, isso não veio: a sala estava em silêncio.

Charles pigarreou.

— Mas é claro que existem muitos Caçadores de Sombras que devem ser reconhecidos, além de mim. Christopher Lightwood, é claro, assim como Cordelia Carstairs e James Herondale.

Tatiana Blackthorn se levantou. O pássaro no chapéu tremia, mas naquele momento ela não parecia ridícula, como costumava fazer. Ela parecia ameaçadora.

— James Herondale é uma fraude! — ela chorou com uma voz rouca. — Ele tem laços com demônios! Sem dúvida, ele trabalhou em conjunto com eles para orquestrar esses ataques!

Lucie fez um som sufocado. Um murmúrio de espanto percorreu a sala. O Inquisidor Bridgestock parecia absolutamente espantado. Cordelia olhou para James: ele ficou congelado, totalmente sem expressão. Christopher estava com a mão no ombro de James, mas James não se mexeu.

As mãos de Matthew se fecharam em punhos.

— Como ela ousa...

Tatiana parecia se elevar sobre a multidão.

— Negue, garoto! — ela gritou com James. — Seu avô era um demônio.

Cordelia tentou não olhar para nenhum dos ladrões alegres, ou Lucie, também. Certamente Tatiana não poderia saber sobre Belial? Certamente ela estava apenas repetindo o que toda a Clave já estava ciente - que Tessa era uma feiticeira e, portanto, James tinha sangue demoníaco.

James chutou a cadeira para trás e se levantou, virando-se para encarar a sala. Atrás dele, Will e Tessa ficaram atordoados; Tessa estava segurando o ombro de Will, como se estivesse pedindo para ele não se mexer.

— Não vou negar — disse ele, com uma voz que pingava desprezo. — Todo mundo sabe disso. É verdade, sempre foi verdade, e ninguém aqui tentou escondê-lo.

— Vocês não veem? — Tatiana enfureceu-se. — Ele conspirou com o inimigo! Tenho coletado evidências de suas conspirações...

— Então, onde está essa evidência? — exigiu Will. Ele ficou vermelho de raiva. — Diabo, Tatiana...

— Na minha casa — ela assobiou. — Na minha casa em Idris, juntei tudo, mas então esse garoto, a desova desse demônio, queimou minha casa até o chão! Por que mais ele faria isso, exceto para proteger seu segredo?

Cordelia sentiu como se seu coração tivesse parado. Ela não ousou olhar para nenhum dos outros - nem Lucie, nem Matthew, nem Thomas. Ela não conseguia nem olhar para James.

— Tatiana — disse Gabriel Lightwood, levantando-se e Cordelia pensou: *é claro, ele é irmão dela*. — Tatiana, isso não faz sentido. Por que não ouvimos nada sobre esse incêndio se ele ocorreu? De fato, como você sabe disso?

O rosto de Tatiana se contorceu de raiva.

— Você nunca acreditou em mim, Gabriel. Mesmo quando éramos crianças, você não acreditou em nada que eu disse. Você sabe tão bem quanto eu que existe um portal entre a Mansão Blackthorn e Chiswick House. Passei esta manhã para pegar alguns papéis e achei a mansão um monte de cinzas em chamas!

Foi a vez de Gideon se levantar. A dor recente cortou linhas profundas em seu rosto; o olhar que ele virou para a irmã era vacilante.

— Aquela casa sangrenta era uma armadilha de incêndio porque você se recusou a cuidar dela. Ela iria queimar eventualmente. É muito mal feito você tentar arrastar James para isso, muito mal feito!

— Basta! Todos vocês! — gritou Bridgestock. Ele se mudou para o púlpito e sua voz ecoou alto pela sala. — James Herondale, existe alguma verdade no que a sra. Blackthorn diz?

— Claro que não há... — Will começou.

A voz de Tatiana aumentou para um grito.

— Ele disse a Grace que fez isso. Pergunte a *ela o* que James disse!

— Oh Deus — sussurrou Matthew. As mãos dele agarraram os braços da cadeira, os dedos brancos. Lucie deixou cair a caneta e o caderno: as mãos estavam tremendo.

Grace começou a se levantar. Os olhos dela estavam abaixados. Alguém na multidão gritou que um julgamento pela Espada Mortal esclareceria as coisas; Tessa ainda estava segurando Will, mas parecia enjoada.

Cordelia lançou um olhar para James. Ele era da cor de cinzas velhas, os olhos ardendo, a cabeça jogada para trás. Ele não se defenderia, ela pensou. Ele nunca explicaria.

E então havia Grace. E se Grace pretendesse dizer a verdade? Charles a derrubaria, exatamente como havia feito com Ariadne. Ele

não tinha lealdade. Ela seria presa fácil para sua mãe, então. Ela tinha muito a perder.

— O fato é que — começou Grace, com uma voz pouco acima de um sussurro, — a - a verdade é que James...

Cordelia ficou de pé.

— A verdade é que James Herondale *não* queimou a Mansão Blackthorn ontem à noite — ela disse, com uma voz tão alta que ela pensou que eles provavelmente poderiam ouvi-la na Fleet Street. — James não podia estar em Idris. Ele estava comigo. No meu quarto. *A noite toda.*

O suspiro de choque que percorreu a sala quase teria sido satisfatório, sob outras circunstâncias. Sona caiu contra Alastair, enterrando a cabeça no peito dele. Cabeças giravam; olhos curiosos fixaram-se em Cordelia. Seu coração batia como um martelo. Anna olhou para ela com um olhar estupefato. Will e Tessa pareciam emocionados.

Matthew colocou o rosto nas mãos.

Bridgestock estava olhando espantado para Cordelia.

— Você tem certeza disso, senhorita Carstairs?

Cordelia levantou o queixo. Ela sabia que estava comprometida agora, aos olhos de todo o Enclave. Mais do que comprometida, ela estava arruinada. Ela nunca se casaria. Ela teria sorte se fosse recebida em festas. Os Caçadores de Sombras eram menos rigorosos do que os mundanos em relação a esses assuntos, mas uma jovem que passava a noite sozinha com um jovem, em seu quarto, não era material de casamento.

— Obviamente, tenho certeza — disse ela. — Sobre qual aspecto você acha que estou confusa?

Bridgestock corou. Rosamund Wentworth parecia como se hoje fosse seu aniversário. Cordelia não se atreveu a olhar para James.

Tatiana estava balbuciando.

— Grace, diga a eles...

Com uma voz clara, Grace disse: — Tenho certeza de que Cordelia está correta. James deve ser inocente.

Tatiana gritou. Era um som horrível, como se ela tivesse sido esfaqueada.

— Não! — ela lamentou. — Se não foi James, era um de vocês! — Ela apontou o dedo para a multidão, identificando os Ladrões. — Matthew Fairchild, Thomas Lightwood, Christopher Lightwood! Um deles, um deles é responsável, eu sei!

Murmúrios de especulação varreram a multidão. Bridgestock estava pedindo ordem. À medida que o caos aumentava, as portas da frente do Santuário se abriram e Charlotte Fairchild, a Consulesa, entrou na sala.

Ela era uma mulher pequena, seus cabelos castanhos escuros reunidos em um nó simples. Havia cinza em suas têmporas. Ela usava uma blusa branca de gola alta e uma saia escura; tudo nela era arrumado e pequeno, desde as botas até os óculos de aro dourado.

— Sinto muito por chegar atrasada — disse ela, no tom praticado de alguém acostumado a emitir sua voz em voz alta para ser ouvido em uma sala cheia de homens. — Eu estava planejando estar aqui mais cedo, mas fui obrigada a permanecer em Idris para investigar um incêndio que reivindicou a Mansão Blackthorn na noite passada.

— Eu te disse! Eu disse que eles fizeram isso! — Tatiana chorou.

Charlotte apertou os lábios.

— Sra. Blackthorn, passei várias horas com um grupo de guardas de Alicante, vasculhando os destroços de sua casa. Havia muitos itens presentes que estavam associados e imbuídos de magia necromântica e mágica demoníaca, os quais são proibidos aos Caçadores de Sombras.

O rosto de Tatiana se dobrou como papel velho.

— Eu tinha que ter essas coisas! — ela lamentou, numa voz como uma criança quebrada. — Eu tive que usar essas coisas, tive que tê-las, por Jesse - meu filho morreu e nenhum de vocês me ajudaria! Ele morreu, e nenhum de vocês me ajudaria a trazê-lo de volta! — Ela olhou ao redor da sala com olhos molhados e odiosos. — Grace, por que você não me ajuda? — ela gritou e caiu no chão.

Grace abriu caminho através da sala para Tatiana. Ela colocou a mão no ombro da mãe adotiva, mas seu rosto estava duro. Cordelia não viu nenhuma simpatia pela situação de Tatiana.

— Eu posso confirmar o que Charlotte diz. — Foi Magnus Bane, que se levantou graciosamente. — Em janeiro, a sra. Blackthorn tentou me contratar para ajudar a trazer seu filho de volta dos mortos. Recusei, mas vi muitas evidências de sua dedicação ao estudo das artes necromânticas. O que muitos chamariam de *magia das trevas*. Eu deveria ter dito algo então, mas meu coração estava cheio de pena. Muitos desejam trazer de volta seus mortos amados. Poucos chegam tão longe. — Ele suspirou. — Quando esses objetos caem nas mãos dos não instruídos, pode ser perigoso. Certamente isso explica o incêndio trágico e totalmente acidental que destruiu a mansão da sra. Blackthorn.

Havia ainda mais exclamações entre a multidão.

— Um pouco óbvio demais, não é? — Lucie murmurou.

— Dificilmente importa, contanto que a Clave acredite — disse Matthew.

Will inclinou a cabeça para Magnus; Cordelia teve a sensação de que havia uma amizade lá que remonta um longo caminho. Em meio ao tumulto, Charlotte fez um gesto para o Inquisidor Bridgestock para levar Tatiana sob custódia.

Uma mão caiu no ombro de Cordelia. Ela olhou para cima e viu James. Tudo dentro de seu peito parecia apertar, como se seu coração estivesse se contraindo. Ele estava pálido, duas manchas de cor queimando em suas bochechas.

— Cordelia — disse ele. — Eu preciso falar com você. Agora mesmo.

James bateu a porta da sala atrás de si e girou para encarar Cordelia. O cabelo dele parecia ter explodido, ela pensou, com uma espécie de diversão sombria. Estava saindo sombriamente em todas as direções.

— Você não pode fazer isso consigo mesma, Daisy — disse ele, com um desespero frio. — Você deve retirar o que disse.

— Não há como voltar atrás — disse ela, enquanto James passeava em frente à lareira. Não havia fogo aceso, mas a sala não

estava fria: do lado de fora o sol brilhava intensamente, e o mundo prosseguia em seus negócios em um dia brilhante de Londres.

— Cordelia — disse James. — Você será arruinada.

— Eu sei disso. — Uma calma fria desceu sobre ela. — Foi por isso que eu disse o que disse, James. Eu precisava acreditar, e ninguém acreditaria que eu diria uma coisa tão terrível sobre mim, a menos que fosse verdade.

Ele parou de andar. O olhar que ele deu a ela era angustiado, como se estivesse sendo perfurado por mil punhais pequenos.

— Isso é porque eu salvei sua vida? — ele sussurrou.

— Você quer dizer noite passada? Na mansão?

Ele assentiu.

— Oh, James. — De repente, ela se sentiu muito cansada. — Não. Não foi isso. Você acha que eu poderia sentar e me ver aclamada como heroína enquanto você era feito vilão? Eu não ligo para o que eles pensam da minha honra. Eu conheço você e seus amigos e o que vocês fariam um pelo outro. Eu também sou sua amiga e sei o que acho que honra significa. Deixe-me fazer isso.

— Daisy — disse ele, e ela percebeu com uma espécie de choque que a Máscara estava desligada - sua expressão era extremamente vulnerável. — Eu não aguento. Ter sua vida arruinada por isso? Vamos voltar agora e dizer a eles que fiz isso - queimei a casa - e você estava mentindo para me proteger.

Cordelia colocou a mão contra uma cadeira, estofada em azul claro e as costas esculpidas com espadas cruzadas, para se manter firme.

— Ninguém vai acreditar — disse ela, colocando cada palavra no silêncio entre eles como pedras em um lago. Ela o viu recuar. — Quando se trata da reputação de uma mulher, se ela é suspeita, ela é culpada. É assim que o mundo funciona. Eu sabia que eles acreditariam que eu era culpada e agora, não importa o que dissermos, eles nunca acreditarão que eu era inocente. Está feito, James. Não importa muito. Eu não preciso ficar em Londres. Eu posso voltar para o interior.

Enquanto falava, sabia que era assim que deveria ser. Ela não era Anna, capaz de viver um estilo de vida boêmio selvagem com o

apoio de sua família. Ela devia voltar para Cirenworth, onde conversou com espelhos em busca de companhia. Afogaria-se lentamente na solidão, e não haveria sonho de Londres para viver: nem Taverna do Diabo, nem lutar contra demônios ao lado de Lucie, nem rir até tarde da noite com os Ladrões.

Os olhos de James brilharam.

— Absolutamente não — disse ele. — E deixar o coração de Lucie se partir porque ela perdeu a *parabatai*? Você viver uma vida isolada de desgraça? Eu não vou aceitar isso.

— Não posso me arrepender da minha escolha — disse Cordelia suavemente. — Eu faria o mesmo novamente. E não há nada que possamos fazer sobre isso agora, James.

Ele não poderia tornar o mundo justo, assim como ela não poderia. Foi apenas nas histórias que os heróis eram recompensados; na vida real, atos de heroísmo não eram recompensados, ou eram punidos, e o mundo girava como sempre o fazia.

Ele podia estar com raiva, mas estava seguro. Ela não estava arrependida.

— Posso pedir uma última coisa para você — disse ele. — Um último sacrifício para mim.

Desde que poderia ser a última vez que ela o via, Cordelia deixou seus olhos permanecerem no rosto de James. A curva de sua boca, o arco de suas maçãs do rosto altas, os cílios longos que sombreavam seus pálidos olhos dourados. A fraca marca da estrela branca em seu pescoço, exatamente onde seus cabelos escuros quase tocavam sua gola.

— O que? — Disse Cordelia. — Se estiver ao meu alcance, eu o farei.

Ele deu um passo em sua direção. Ela podia ver que as mãos dele estavam tremendo um pouco. Um momento depois, ele estava ajoelhado no tapete na frente dela, a cabeça inclinada para trás, os olhos fixos no rosto dela. Ela percebeu o que ele estava prestes a fazer e levantou as mãos para protestar, mas já era tarde demais.

— Daisy — disse ele. — Você quer se casar comigo?

O mundo pareceu parar. Ela pensou nos relógios da Mansão Blackthorn, todos congelados em vinte para as nove. Ela pensou nas mil vezes que imaginou James dizendo essas palavras, mas nunca nessas circunstâncias. Nunca assim.

— James — ela disse. — Você não me ama.

Ele se levantou. Ele não estava mais ajoelhado, e ela estava feliz por isso, mas ele ainda estava perto dela - tão perto dela que ela poderia ter estendido a mão e apoiado a mão no peito dele.

— Não — ele disse. — Não amo.

Ela sabia disso. Mas ouvi-lo dizer ainda parecia um golpe inesperado e chocante, como o momento em que você foi esfaqueado. A surpresa foi o quanto doía.

Distante, ela ainda podia ouvi-lo falando.

— Não dessa maneira, e você também não me ama assim — continuou James.

Ah, James. Tão brilhantemente inteligente e tão cego.

— Mas somos amigos, não somos? — ele disse. — Você é uma das melhores amigas que já tive. Não vou deixar você em apuros sozinha.

— Você ama Grace — Cordelia sussurrou. — Não ama?

Ela o viu recuar então. Foi a vez dela de machucá-lo. Eles estavam apenas conversando, mas era como se suas palavras fossem lâminas.

— Grace está se casando com outra pessoa — disse James. — Estou perfeitamente livre para casar com você.

Ele pegou a mão dela, e ela o deixou: sentiu-se tonta, como se estivesse agarrada ao mastro de um navio agitado pela tempestade.

— Eu também não quero uma situação em que meu marido seja infiel comigo — disse Cordelia. — Não vou me casar com você e fechar os olhos para o que fizer, James. Prefiro ficar sozinho e desprezada, e você prefere estar livre...

— Daisy — disse James. — Eu nunca faria isso com você. Quando faço uma promessa, cumpro.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não entendo o que você está propondo...

— Um ano — ele disse rapidamente. — Dê-me um ano para consertar as coisas. Vamos nos casar e viver juntos como amigos. Somos excepcionalmente compatíveis, Daisy. Pode muito bem ser divertido. Prometo que serei melhor companhia de mesa do que Alastair.

Cordelia piscou.

— Um *casamento branco*? — ela disse devagar. Os "casamentos brancos" geralmente aconteciam quando um parceiro precisava se casar para reivindicar uma herança ou proteger uma mulher contra uma situação perigosa em sua casa. Havia outras razões também. Charles estava procurando algo assim com Grace, ela pensou; era difícil perder a ironia.

— O divórcio é muito mais aceito entre os Caçadores de Sombras do que entre os mundanos — disse James. — Em um ano, você pode se divorciar de mim por qualquer motivo que queira. Afirme que não posso lhe dar filhos. Diga o que quiser sobre como não somos compatíveis e eu irei junto. Então você será uma divorciada desejável com sua honra intacta. Você pode se casar de novo.

O alívio e a esperança em seus olhos eram uma agonia de ver. E, no entanto... Cordelia não podia dizer que não queria. Se eles eram casados, eles morariam juntos. Eles teriam sua própria casa. Um nível incalculável de intimidade. Eles dormiam no mesmo lugar e acordavam no mesmo lugar. Seria uma vida vivida sob o disfarce de tudo que ela já desejara.

— Mas e os nossos amigos? — ela sussurrou. — Não podemos esconder a verdade deles por um ano. Além disso, eles sabem que eu estava mentindo. Eles sabem que você queimou a mansão.

— Vamos contar a verdade — disse James. — Eles manterão nosso segredo. Eles podem até achar uma grande brincadeira na Clave. E eles ficarão encantados por ter uma casa inteira para se portar. Teremos que guardar nossa porcelana.

— Lucie também — disse Cordelia. — Eu não posso mentir para a minha *parabatai.*

— É claro — disse James, começando a sorrir. — Nossos amigos nos amam e guardarão nossos segredos. Estamos de

acordo? Ou devo voltar de joelhos?

— Não! — Cordelia disse bruscamente. — Não se ajoelhe, James. Eu vou me casar com você, mas não se ajoelhe.

— É claro — ele disse, e o entendimento em seus olhos quebrou o que restava de seu coração. — Você deseja guardar essas coisas para o verdadeiro casamento que encontrará depois disso. O amor *vai* encontrar você, Daisy. É só um ano.

— Sim — ela disse. — Apenas um ano.

Ele tirou o anel de Herondale, com seu padrão de pássaros voando. Ela estendeu a mão e James deslizou-a no dedo sem hesitar. Cordelia observava enquanto ele fazia isso, observava a queda de seus longos cílios contra sua bochecha, como tinta preta contra uma página branca.

O amor vai encontrar você.

O amor a encontrara anos atrás, e agora, e todos os dias desde que vira James pela primeira vez em Londres. *Você não me ama,* ele disse a ela. Ele não fazia ideia. Ele nunca o faria.

A porta se abriu. Cordelia se sobressaltou, e Will entrou pela porta, seu rosto como um trovão. Tessa o seguiu, mais calmamente, e Sona veio atrás dela. Todos usavam expressões de fúria sombria. Bem, talvez não Tessa - ela parecia mais preocupada, pensou Cordelia, e mais resignada.

— Tatiana foi levada em custódia pela Bridgestock e pelo cônsul — anunciou Will, seus olhos azuis gelados. — Sob outras circunstâncias, isso seria um grande alívio, considerando suas falsas acusações contra você, James.

James levantou a mão.

— Pai, eu entendo por que você está com raiva, mas...

— James. — Will estalou a palavra como um chicote. Havia mais do que raiva aos olhos dele, porém - havia uma profunda mágoa que fez Cordelia querer se encolher. Ela só podia imaginar a dor que James estava sentindo. — Eu não posso expressar o quão decepcionados Tessa e eu estamos em você. Nós ensinamos a você melhor do que isso, tanto na forma como você trata as mulheres quanto na maneira como você reconhece seus erros.

— Oh, Layla — disse Sona. O olhar dela era sombrio. — *Che kar kardi? — O que é que você fez?*

— Suficiente! — James se moveu protetoramente na frente de Cordelia, mas Cordelia se adiantou para ficar ao lado dele. Eles devem enfrentar problemas lado a lado. Se o acordo deles não significasse mais nada, isso deveria significar isso.

— Pai — disse James. — Mãe. Sra. Carstairs. Vou ouvir tudo o que vocês têm a dizer e pedir desculpas por tudo o que fiz de errado, mas primeiro deixe-me apresentar a você minha prometida esposa.

Os três adultos trocaram olhares surpresos.

— Você quer dizer... — Tessa começou.

James sorriu. Na verdade, ele parecia muito feliz, pensou Cordelia, mas ela podia sentir a Máscara subindo novamente, como uma folha de vidro. Ela viu o jeito que Tessa olhou para James e se perguntou se ela também sentia.

— Cordelia me fez a honra de concordar em se casar comigo.

Cordelia estendeu a mão, sobre a qual brilhava o anel de Herondale.

— Nós dois estamos muito felizes, e esperamos que vocês também estejam felizes.

Ela olhou para a mãe. Para sua surpresa, os olhos de Sona estavam perturbados. *Mas fiz como você desejou,* Mâmân, ela gritou em silêncio*. Eu fiz um bom casamento.*

Will e Tessa estavam olhando para Sona, como se esperassem sua reação. A mãe de Cordelia exalou devagar e se endireitou, seus olhos escuros passando de Cordelia a James.

— *Cheshmet roshan* — disse ela, e inclinou a cabeça em direção a Will e Tessa. — Eu dei minha bênção.

Um sorriso largo se espalhou pelo rosto de Will.

— Então não temos escolha a não ser dar nossa bênção também. Cordelia Carstairs — disse ele — os Carstairs e os Herondales estarão mais próximos agora. Se James pudesse ter escolhido sua esposa de todas as mulheres em todos os mundos que são ou já foram, eu não desejaria outra.

Tessa riu.

— Vai! Você não pode elogiar nossa nova filha apenas pela chance de seu sobrenome!

Will estava sorrindo como um menino.

— Espere até eu contar a Jem...

A porta se abriu e Lucie entrou.

— Eu estava apenas ouvindo através da porta — anunciou ela, sem nenhuma vergonha. — Daisy! Você vai ser minha irmã!

Ela correu para Cordelia e a abraçou. Alastair entrou na sala também - quieto, mas sorrindo quando Cordelia olhou para ele. Era tão perto da cena alegre que Cordelia sempre sonhou. Ela só tinha que tentar esquecer que Will poderia desejar que ela se juntasse à família dele, mas se James tivesse liberdade para escolher, ele teria escolhido outra pessoa.

Foi só mais tarde naquela noite que Cordelia soube o que havia acontecido com Tatiana, de Alastair - que, ela supôs, ouvira a história de Charles.

Tatiana havia demonstrado relativa leniência. A opinião geral do Enclave era de que a morte de seu filho havia quebrado sua mente e que, embora o que ela fizesse em resposta - procurasse a ajuda de bruxos das trevas para se envolver com ela na necromancia e na magia das trevas - era repreensível, ela ficou enlouquecida pela dor. Todos recordaram a perda de Jesse e tiveram pena dela; em vez de ser trancada na Cidade do Silêncio, ou ter suas Marcas retiradas, Tatiana seria enviada para morar com as Irmãs de Ferro na Cidadela Adamant. Quase uma prisão, mas não exatamente, como Alastair a descreveu.

Grace iria morar com os Bridgestocks. Aparentemente, Ariadne insistiu; Alastair teorizou que também era uma maneira de os Bridgestocks salvarem a cara e parecerem que o noivado de Ariadne e Charles havia sido dissolvido amigavelmente.

— Que estranho — disse Cordelia. Ela se perguntou por que Ariadne havia feito tal exigência. Mesmo se ela não queria se casar com Charles, por que ela iria querer morar com Grace? Por outro

lado, Cordelia suspeitava que havia mais na bonita Ariadne Bridgestock do que aparentava.

— Há mais — disse Alastair. Ele estava sentado ao pé da cama de sua irmã. Cordelia estava apoiada nos travesseiros, escovando os cabelos compridos. — Nosso pai deve ser liberado.

— *Liberado?* — Cordelia sentou-se, seu coração batendo forte. — Como assim?

— As acusações contra ele foram resolvidas — disse Alastair — todo o negócio bagunçado foi considerado um acidente. Ele voltará a Londres daqui a duas semanas.

— Por que eles o deixaram ir livre, Alastair?

Ele sorriu para ela, embora seus olhos não se iluminassem.

— Por sua causa, exatamente como você queria. Você fez isso, Cordelia - você é uma heroína agora. Isso muda as coisas. Para eles julgarem seu pai por um crime de negligência, que ele não se lembra mais - seria um gesto impopular. As pessoas querem ver as coisas certas, depois de tanta perda e horror. Eles querem ver as famílias reunidas. Ainda mais por causa do bebê.

— Como eles sabem sobre o bebê?

Os olhos de Alastair se afastaram dos dela - o que ele disse, o pequeno sinal de que ele estava mentindo, que ele exibia desde que era criança.

— Eu não sei. Alguém deve ter contado a eles.

Cordelia não conseguiu falar. Era tudo o que ela queria, por tanto tempo. Liberte seu pai, salve sua família. Tinha sido seu mantra, as palavras que ela repetia para si mesma enquanto adormecia à noite. Agora ela não sabia como se sentia.

— Alastair — ela sussurrou — a razão pela qual eu fui à Cidade do Silêncio com Matthew e James foi conversar com o primo Jem. Sei que *Mâmân* queria que *meu* pai fosse às Basilias como paciente. Eu pensei que talvez se disséssemos a Clave de sua doença - e é uma doença - eles podem deixá-lo ser tratado lá em vez de preso.

— Ah, pelo anjo, Cordelia. — Alastair cobriu os olhos com as mãos por um longo momento. Quando ele os largou, seus olhos

escuros estavam perturbados. — Você ficaria bem com isso? Com todo mundo sabendo sobre a bebida dele?

— Como já lhe disse, Alastair. Não é nossa vergonha. Isso é dele.

Alastair suspirou.

— Eu não sei. Pai sempre se recusou a ir a Basilias. Ele disse que não gostava dos Irmãos do Silêncio, mas acho que ele estava sempre preocupado que eles veriam através dele a verdade. Imagino que seja por isso que ele sempre manteve o primo Jem longe da nossa família. — Ele respirou fundo. — Se o que você quer é que ele vá às Basilias, escreva para ele e diga a ele. Você foi a última da família que não sabia o segredo dele. O que você faz agora pode fazer a diferença.

Cordelia largou a escova de cabelo, finalmente sentindo um alívio.

— Isso é uma boa ideia. Alastair...

— Você está feliz, Layla? — ele disse. Ele apontou para o anel de Herondale na mão dela. — Eu sei que é isso que você queria.

— Eu pensei que você poderia estar com raiva — disse ela. — Você ficou tão furioso com James quando pensou que ele estava tentando me comprometer.

— Na época, eu não pensei que ele estivesse disposto a se casar com você — disse Alastair se desculpando. — Mas ele se levantou e reivindicou você na frente do mundo. Esse é um gesto que é significativo. Não deixe ninguém lhe dizer o contrário.

Ela quase queria contar a verdade a Alastair - que James estava sacrificando mais do que imaginava - mas ela não podia, assim como não podia contar à mãe. Ele ficaria bravo; Sona ficaria desolada.

— Eu tenho o que queria — ela disse, incapaz de dizer que estava feliz, — mas e você, Alastair? E a sua felicidade?

Ele olhou para as mãos. Quando ele olhou para ela, seu sorriso estava torto.

— O amor é complicado — disse ele. — Não é?

— Eu sei que te amo, Alastair — disse Cordelia. — Eu não deveria ter escutado você e Charles. Eu só queria que você falasse

comigo, não o ouvir.

Alastair corou e ficou de pé, evitando os olhos dela.

— Você deveria dormir, Layla — disse ele. — Você teve um dia agitado. E eu tenho um assunto importante a tratar.

Cordelia se inclinou para frente para vislumbrá-lo quando ele saiu da sala.

— Que tipo de assunto importante?

Ele abaixou a cabeça de volta para a sala com um sorriso raro.

— Meu cabelo — disse ele, e desapareceu antes que ela pudesse perguntar mais alguma coisa.

23

NINGUÉM QUE AMA

Ninguém que ama seja chamado de completamente infeliz.
Até amor não devolvido tem seu arco-íris.
- J. Barrie, *O Pequeno Ministro*

Lucie não pôde deixar de ficar impressionada, apesar de sua convicção de que era errado ser impressionada pelos pais. Sua mãe organizou a festa de noivado tradicional para James e Cordelia em questão de segundos, mas era tão adorável que ninguém poderia imaginar que ela havia passado semanas planejando isso. O salão de baile estava iluminado com luzes e velas festivas, as paredes penduradas com fitas douradas. As mesas cobertas de renda traziam pratos de doces, todos com o tema amarelo e dourado: doces de limão com recheio de creme, pratos de vidro com frutas cristalizadas, bombons em embalagens de ouro sofisticadas em epergne, ameixa amarela e tortinhas de damasco. Havia arranjos de flores caindo em urnas em pilares ao redor do salão: peônias, camélias cremosas, feixes de gladíolos amarelos, sprays de mimosa, rosas de ouro pálido e narcisos. A sala estava cheia de pessoas felizes - a quarentena havia terminado e todos queriam se reunir, fofocar e felicitar Will e Tessa pela felicidade de seus filhos.

No entanto, Tessa, enquanto passava o braço pela cintura de Will e sorria para Ida Rosewain, que havia chegado com um chapéu simplesmente enorme, parecia preocupada. Lucie imaginou que a maioria das pessoas não iria vê-lo, mas ela era uma observadora treinada do humor de sua mãe e, além disso - estava preocupada.

Ela deveria estar cheia de prazer. O irmão e a amiga mais próxima iriam se casar. Este era um momento para ser feliz para sempre. Mas ela sabia a verdade - tanto James quanto Cordelia

haviam contado a ela - que o casamento era uma farsa, uma formalidade para salvar a reputação de Cordelia. Tessa e Will não sabiam, nem ninguém queria contar a eles. Deixe-os pensar que James ficaria feliz com Cordelia. Deixe-os pensar que tudo era real. Lucie desejou que ela própria pensasse que era real e, se esse não poderia ser o caso, desejou ter alguém com quem conversar. Todos os ladrões alegres haviam decidido tratar o casamento como se fosse uma brincadeira da parte de James, e ela mal podia expressar suas preocupações para Cordelia e fazê-la se sentir ainda pior do que certamente já o fazia.

Talvez a vida não fosse como livros. Talvez a vida nunca fosse assim. Seu irmão, elegante em preto e branco, juntara-se aos pais para cumprimentar os convidados. Gabriel e Cecily tinham acabado de chegar com Anna, Alexander e Christopher e distribuíram abraços e parabéns; Thomas já tinha vindo com sua família. Os Fairchild também chegaram mais cedo, Matthew se afastando imediatamente de sua família para ir direto à sala de jogos. Enquanto isso, Charles estava vagando apertando as mãos e geralmente assumindo o crédito pelo fim dos ataques. O som de carruagens batendo no pátio fez seu próprio tipo de música estranha quando a sala começou a encher: os Bridgestocks chegaram, Ariadne magra, mas de olhos brilhantes - e com eles, Grace Blackthorn.

Lucie puxou ansiosamente o medalhão em volta da garganta. Grace era adorável como a nova primavera em um vestido verde pálido, seu cabelo loiro prateado preso em uma cachoeira de cachos. Tendo visto a Casa Chiswick de perto, Lucie se perguntou novamente que Grace sempre parecia tão esplendidamente aparentada quando vivia em uma grande pilha de tijolos sujos.

Bem, ela *tinha* vivido lá. Ela morava com os Bridgestocks agora, e viveria até seu casamento com Charles. Não era uma celebração para Grace, pensou Lucie, olhando para o rosto pálido da outra garota enquanto ela cumprimentava Will e Tessa. James estava perfeitamente composto, ele e Grace quase dolorosamente educados quando ele recebeu seus parabéns. Grace se *importava*? Lucie se perguntou. Foi ela quem terminou com James - ela estava

se casando com Charles - e Lucie não queria perdoá-la por quebrar o coração de James.

E ainda. Ela viu Grace se desculpar e atravessar rigidamente a sala em direção a Charles. Eles se cumprimentaram como estranhos ou parceiros de negócios, ela pensou. Oh, como ela desejava poder falar com Jesse. Talvez ele pudesse lhe dizer como sua irmã estava realmente se sentindo. Talvez ele pudesse lhe contar mais do que isso...

— Ela está aqui — sussurrou uma voz no ouvido de Lucie. — A convidada de honra.

— Cordelia, você quer dizer? — Lucie se virou e viu Jessamine pairando ao lado dela, perto das altas portas francesas que davam para a varanda de pedra.

Através deles, ela podia ver uma luz de rua elétrica à distância, lançando uma estranha auréola no vidro. Jessamine, no entanto, não refletiu.

— Ela está linda — disse Jessamine. Ela deu um sorriso misterioso e desapareceu na direção da mesa de sobremesas. Fantasmas não podiam comer, mas Jessamine ainda gostava de olhar para bolos.

Cordelia estava linda. Ela veio com sua mãe e irmão, Sona olhando sombriamente régio em um vestido verde e veludo preto *roosari*, Alastair-bem, Lucie mal notou Alastair até que ele entregou o chapéu para a empregada e ela percebeu que ele tingiu o cabelo de volta ao seu preto natural. Destacou-se surpreendentemente contra o marrom de sua pele.

E então havia Cordelia, vestida com um vestido cônico de seda azul profundo e tule dourado, mangas franzidas e um broche opalescente reunindo seda e gaze em uma roseta entre os seios. Risa tinha vestido os cabelos com pérolas piscando entre os fios vermelhos escuros.

James pegou as mãos dela e beijou sua bochecha. Ele e Cordelia pareciam cientes de quantas pessoas os encaravam e provavelmente sussurravam. O anúncio de Cordelia na reunião do Enclave, embora tenha levado ao casamento, permaneceu o choque da temporada.

Irritada por eles, Lucie começou a atravessar a sala em direção a sua família. Ela foi encabeçada por Thomas, carregando seu primo Alexander. Tia Cecily e tio Gabriel tinham claramente deixado Alexander com Thomas enquanto eles se dedicavam à preparação da festa. Era muito agradável ver Thomas alto e musculoso carregando cuidadosamente uma criança, embora Lucie nunca lhe dissesse isso para que ele não tivesse uma cabeça cheia.

— Luce — disse Thomas. — Devo cumprimentar Cordelia e Alastair. Você poderia levar esse pirralho horrível?

— Não sou um pirralho — disse Alexander, que estava chupando um pedaço de alcaçuz.

— Eu *poderia* — Lucie reconheceu. — Eu particularmente não quero.

— Matthew — exigiu Alexander sombriamente. Matthew era o seu favorito pseudo-relativo. — *Oscar.*

— Eu não acho que Oscar foi convidado, camarada— disse Thomas. — Já que ele é um cachorro.

— Acho melhor você procurar Matthew — disse Lucie, quando Alexander parecia prestes a cair em desespero. Thomas fez uma saudação irônica e se dirigiu para a multidão, que só havia crescido. Lucie viu com certa satisfação que Magnus Bane apareceu, vestido como um pirata, com botões de rubi no colete e joias de rubi nos ouvidos. Ele definitivamente elevou o tom da festa.

Ela estava do outro lado da sala quando Charles, balançando um pouco como se tivesse bebido demais, subiu em um banco baixo e bateu o anel da família no copo.

— Desculpe! — ele chamou, quando o barulho na sala começou a se acalmar. — Eu tenho algo que eu gostaria de dizer.

Os Herondales foram tão imediatamente gentis, acolhendo Cordelia como família. Ela não sabia como olhá-los no rosto, sabendo que era tudo mentira. Ela não era a nova filha de Will e Tessa. Ela e James se divorciaram em um ano.

James estava sendo horrivelmente gentil também. Desde o noivado, Cordelia se convenceu de que de alguma forma o prendeu no casamento. Ela sabia perfeitamente que se não tivesse jogado sua reputação fora para protegê-lo, ele estaria nas prisões da Cidade do Silêncio. Ele foi obrigado a propor depois disso.

Ele sorria para ela sempre que a olhava - aquele sorriso adorável que parecia dizer que ela era um milagre ou uma revelação. Mas isso não ajudou; James tinha um bom coração, isso era tudo. Ele não a amava, e isso não mudaria.

Para seu imenso choque, Alastair havia sido um grande apoio nos últimos dias. Ele trouxe chá para ela, contou piadas, jogou xadrez com ela e, em geral, afastou sua mente das coisas. Eles conversaram muito pouco sobre o retorno de Elias. Ela não achava que ele a deixara sozinha em casa - nem mesmo para ir ver Charles.

Por falar nisso, Charles subiu em um banco e estava gritando que tinha algo a dizer, criando uma raquete que rapidamente chamou a atenção da sala. Todos pareciam imensamente surpresos, incluindo Tessa e Will. Sona franziu a testa, claramente pensando que Charles era muito rude. Ela não sabia a metade, pensou Cordelia sombriamente.

— Deixe-me ser o primeiro a levantar um copo para o casal feliz! — disse Charles, fazendo exatamente isso. — Para James Herondale e Cordelia Carstairs. Gostaria de acrescentar pessoalmente que James, o *parabatai* do meu irmão, sempre foi como um irmão mais novo para mim.

— Um irmão mais novo que ele acusou de vandalizar estufas em toda a nossa nação justa — murmurou Will.

— Quanto a Cordelia Carstairs, como descrevê-la? — Charles continuou.

— Especialmente quando alguém não se preocupou em conhecê-la — murmurou James.

— Ela é bonita *e* justa — disse Charles, deixando Cordelia imaginando qual seria a diferença, — além de ser corajosa. Tenho certeza que ela fará James tão feliz quanto minha adorável Grace me faz. — Ele sorriu para Grace, que estava quieta perto dele, o

rosto dela uma máscara. — Está certo. Anuncio formalmente minha intenção de me casar com Grace Blackthorn. Vocês todos serão convidados, é claro.

Cordelia olhou para Alastair; ele não tinha expressão, mas suas mãos, enfiadas nos bolsos, eram punhos. James estreitou os olhos.

Charles continuou alegremente.

— E, finalmente, meus agradecimentos vão para o povo do Enclave, que apoiou minhas ações como cônsul interino por meio de nossos problemas recentes. Sou jovem por ter assumido tanta responsabilidade, mas o que eu poderia dizer quando o dever fosse chamado? Só isso. Sinto-me honrado pela confiança de minha mãe, pelo amor da futura noiva e pela crença do meu povo...

— Obrigado, Charles! — James apareceu ao lado de Charles e fez algo bastante engenhoso com os pés, o que fez com que o banco estivesse em pé. Ele pegou Charles no ombro e deslizou no chão, batendo nas costas dele. Cordelia duvidava que a maioria das pessoas na sala tivesse notado algo errado. — Que excelente discurso!

Magnus Bane, parecendo diabolicamente divertido, estalou os dedos. Os laços de fitas douradas penduradas nos candelabros formaram as formas de garças altas, enquanto “Pois ele é um bom companheiro alegre” começou a tocar de maneira fantasmagórica no piano não tripulado. James afastou Charles do banco em que ele subira e entre uma multidão de simpatizantes. A sala, como um todo, parecia aliviada.

— Nós criamos um bom filho, minha querida — disse Will, beijando Tessa na bochecha. Ele olhou para Cordelia e sorriu. — E poderíamos pedir que nenhuma garota mais adorável fosse sua esposa.

Alastair parecia como se quisesse fugir. Cordelia não o culpou.

— Obrigado, Sr. Herondale — disse ela. — Espero corresponder às suas expectativas.

Tessa pareceu surpresa.

— Por que você se preocuparia com isso?

— Cordelia se preocupa — Alastair disse inesperadamente, — por causa dos idiotas que murmuram sobre nosso pai e nossa

família. Ela não deve deixá-los incomodá-la.

Tessa colocou uma mão gentil no ombro de Cordelia.

— Os cruéis sempre espalham boatos — disse ela. — E outros que apreciam essa crueldade acreditarão neles e os espalharão. Mas acredito que, no final, a verdade vence. Além disso — acrescentou ela com um sorriso — as mulheres mais interessantes são sempre as mais sussurradas.

— Muito verdadeiro! — disse Charles, aparecendo de repente no meio deles. Alastair começou violentamente. — Posso falar com Alastair por um momento? É um assunto particular.

Ele segurou Alastair pelo cotovelo e começou a conduzi-lo em direção a um dos recantos mais sombrios do salão de baile. A mão de Alastair disparou e segurou o pulso de Cordelia. Para sua imensa surpresa, ela se viu arrastada atrás dos dois.

Quando Charles parou e se virou para encarar Alastair, ele pareceu tão surpreso quanto Cordelia.

— Ah, Cordelia — disse ele, parecendo intrigado. — Eu esperava falar com seu irmão sozinho.

— Não — disse Alastair, surpreendendo Cordelia. — Ela permanecerá.

— *Che kar mikoni?* — Cordelia sibilou. — Alastair, o *que* você está fazendo? Eu deveria ir...

— Não quero falar com você sozinho, Charles — continuou Alastair. — Certamente você recebeu minha carta.

Charles corou.

— Eu não acho que você quis dizer isso.

— Eu quis — disse Alastair. — Qualquer coisa mais que você tem a dizer pode ser dito na frente da minha irmã. Ela não vai contar a ninguém seus segredos.

Charles parecia se resignar.

— Muito bem — ele disse firmemente. — Eu não a vejo desde a reunião. Eu fui a sua casa, mas Risa indicou que você não estava em casa.

— Eu não pretendo ficar em casa com você novamente — disse Alastair uniformemente. Cordelia tentou outra tentativa de liberdade, mas Alastair ainda a estava prendendo firmemente pelo pulso. — Eu

deveria ter deixado você quando você ficou noivo de Ariadne — disse ele a Charles, cor flamejante em suas bochechas. — Eu deveria ter saído quando você a abandonou de uma maneira tão terrível. Agora você está noivo mais uma vez, e eu percebi que você nunca se importará tanto comigo ou com alguém do que com sua carreira.

Seu aperto em Cordelia havia afrouxado. Ela poderia ter saído, se quisesse, mas naquele momento percebeu que Alastair precisava dela lá. Ela ficou, mesmo quando Charles ficou com uma cor acinzentada.

— Alastair — disse ele. — Isso não é verdade. Não há outro caminho.

— Existem outros caminhos. — disse Alastair. — Olhe para Anna. Veja Magnus Bane.

— Não sou boêmio, disposto a ser exilado às margens da sociedade. Eu desejo ser o cônsul. Para fazer parte da Clave. Para *ser importante.*

O som que Alastair fez foi meia dor, meia exaustão.

— E você pode ter o que quiser, Charles. Você só não pode me ter ao mesmo tempo. Desejo viver minha vida, não me esconder nas sombras enquanto você se envolve com uma série de mulheres na tentativa de esconder quem você realmente é. Se você escolher isso por si mesmo, é sua escolha, mas você não pode escolher por mim.

— Isso é tudo que você tem a me dizer, então? Depois desses anos? Certamente isso não pode ser tudo — disse Charles, e naquele momento ele não era ridículo, como havia sido quando estava brindando a si mesmo. Havia um pesar genuíno em seus olhos, pensou Cordelia. A seu modo, ele amava Alastair. Mas não foi suficiente. Alguns tipos de amor não eram.

— Boa sorte, Charles — disse Alastair. Seus olhos escuros brilhavam. — Tenho certeza que você terá uma vida muito bem-sucedida.

Ele foi embora. Cordelia, deixada repentina e desajeitadamente sozinha com Charles, apressou-se a seguir o irmão.

— Você não deve saber o que fazer com essa conversa — disse Charles, sua voz rígida e brilhante, quando ela se virou para ir embora.

Ela hesitou, sem olhar para ele.

— Eu sei que você machucou meu irmão — disse ela finalmente. — Eu sei que você não fará isso de novo.

— Eu não vou — disse Charles muito calmamente. Ele não disse mais nada enquanto ela saía.

James estava na varanda do lado de fora do salão de baile. Era uma longa varanda de pedra, com grades no parapeito; não existia quando seu pai era jovem mas foi acrescentado durante as reformas ao Instituto. Os pais dele gostavam de varandas.

Era quase como estar no telhado e longe, mas estar do lado de fora não estava tendo o efeito calmante habitual nele. O ar tinha gosto de Londres, como sempre, e ele podia ver, à distância, as formas das casas erguendo-se contra a abertura do Tamisa. Ele pensou em suas profundas águas marrom-negras, a cor da fumaça no reino de Belial. Sua frente branca e rígida da camisa arranhava a pedra da varanda enquanto ele se inclinava para frente, desejando poder aliviar a pressão no peito.

Não era que ele estivesse com medo de se casar com Cordelia. Ele não estava com medo, e se perguntou se deveria estar. Quando ele pensou em se casar com ela, imaginou uma sala quente, um fogo na lareira, um tabuleiro de xadrez ou um baralho de cartas. Nevoeiro pressionando contra as janelas, mas a luz dentro da sala brilhava em fileiras de livros em inglês e persa. Ele pensou na voz suave dela quando adormeceu, lendo para ele em um idioma que ainda não conhecia.

Ele disse a si mesmo que estava sendo um tolo. Seria estranho e estranho, uma dança peculiar que eles fariam pelo bem um do outro, que duraria o ano até que ficassem livres. Ainda assim, quando ele fechou os olhos...

— James.

Ele sabia quem ela era antes de se virar; ele sempre conhecia a voz dela. Grace estava atrás dele, meio na sombra, as portas francesas fechando atrás dela. Através deles, ele podia ver faixas douradas e ouvir música.

— Magnus Bane fez o piano funcionar de alguma maneira — disse Grace em voz baixa, — e as pessoas estão dançando.

James agarrou a grade de pedra da varanda, olhando para a cidade. Ele não via Grace desde a reunião do Enclave, nem havia lhe enviado nenhum tipo de mensagem. Teria sido desleal com Cordelia.

— Provavelmente é melhor se não falarmos um com o outro, você sabe.

— Esta pode ser a nossa única chance de falar as sós de novo — disse Grace. Quando ele não respondeu, ela disse, com um tom de voz: — Parece que o anjo não quer que fiquemos juntos, não é? Primeiro, não consegui terminar as coisas com Charles por causa de minha mãe. Então, no momento em que fiquei livre dela, você ficou noivo de Cordelia.

— Não diga o nome dela — disse James, surpreendendo-se com sua veemência. Ele inclinou a cabeça, provando chuva e metal. — Ela é a pessoa mais gentil...

— Eu sei o que ela fez por você, James — disse Grace calmamente. — Eu sei que você não estava com ela naquela noite. Você estava em Idris, queimando a Mansão Blackthorn. Eu sei que ela contou essa mentira para protegê-lo. Eu não teria pensado que ela tinha tanta astúcia nela, realmente.

— Não é astúcia. É generosidade — disse James. — Um desperdício de um ano de sua vida em um casamento que ela não pode querer, apenas para me proteger.

— Um ano? — disse Grace. — Esse é o acordo entre vocês?

— Eu não vou discutir isso com você — disse James. Seu peito doía como se estivesse sendo comprimido. Ele mal conseguia respirar o suficiente.

— Você deve me odiar — disse Grace, — se tudo isso é para protegê-lo das consequências do que *eu* lhe pedi para fazer.

— Eu não culpo você, Grace. Mas não podemos ser amigos. Isso tornará mais difícil do que já é.

Houve uma pausa. Ela estava na sombra, mas ele a vira no salão de baile, em seu vestido verde com esmeraldas nos ouvidos. Ele reconheceu os brincos. Eles eram da Charlotte. Ela deve ter dado a Charles como um presente para Grace.

— Estou feliz que você terá Cordelia — disse Grace.

— Gostaria de poder dizer o mesmo sobre Charles — disse James. — Cordelia merece mais que isso; farei tudo o que puder neste próximo ano para fazê-la feliz. Espero que Charles faça o mesmo por você.

— Eu poderia estar com você em um ano — disse ela, sua voz quase um sussurro. — Um longo compromisso com Charles, você se divorcia de Cordelia - isso poderia ser feito.

James não disse nada. O aperto no peito tornou-se dor. Ele sentiu como se estivesse sendo dividido em dois, brutal e literalmente.

— James? — Grace disse.

Ele lutou contra as palavras: *Sim, espere por mim, eu vou esperar por você. Grace. Lembro-me da floresta, das sombras, do seu vestido de marfim.*

Grace.

Ele podia provar sangue na boca. Ele estava segurando a grade com tanta força que achou que seus dedos poderiam quebrar.

Um momento depois, James ouviu o clique suave da porta francesa abrindo e fechando. Ele ficou parado por um longo minuto e depois outro. Quando ele finalmente se virou, estava sozinho na varanda. Não havia sinal de Grace.

Em vez disso, através do vidro, ele viu Cordelia. Ela estava dançando com Matthew. Seu cabelo glorioso estava derramando-se livre de seu bandeau, desafiando todas as tentativas de confiná-lo. Ambos estavam rindo.

Contornando os casais na pista de dança com maestria, Anna suspirou: ela queria estar se divertindo muito mais do que estava. Embora tivesse desistido de acreditar no amor romântico há muito tempo, ainda gostava de uma festa de noivado, especialmente quando gostava das pessoas que estavam noivas, o que, reconhecidamente, não acontecia com tanta frequência.

Esta noite foi diferente. Muitas de suas pessoas favoritas no Enclave estavam aqui: os Ladrões Alegres, várias tias e tios e membros da família extensa e - como um bombom especialmente vistoso no topo de um bolo já dourado - Magnus Bane. Ele foi muito útil na criação de enfermarias em torno da casa da família dela no dia em que Christopher foi atacado. Ela lhe devia um favor, mas não se importava: tinha certeza de que seria muito divertido quando ele chegasse para cobrar. Ainda assim, havia duas coisas a incomodando. Embora James fosse um de seus primos favoritos e ela gostasse muito de Cordelia, havia algo suspeito nesse súbito noivado.

Anna sabia desde o baile que recebia a família Carstairs em Londres que Cordelia estava irremediavelmente apaixonada por James, e James estava irremediavelmente apaixonado por Grace Blackthorn. Ela observará, notará e determinará que convidaria Cordelia para tomar um chá. O amor sem esperança era um estado terrível. Talvez ela pudesse convencer a garota disso.

Ela logo percebeu que Cordelia era dura e teimosa - e que ela, Anna, gostava muito dela. O suficiente para desejar fervorosamente que James acordasse e visse o que estava parado bem na sua frente. Ela achou que os vestidos poderiam ajudar - e ficou bastante satisfeita com o olhar atordoado no rosto de James quando viu Cordelia dançar no Hell Ruelle. De fato, Anna poderia quase *acreditar que* James percebeu que Cordelia era a garota para ele - afinal, Grace havia ficado noiva de Charles, de modo que estava fora da mesa - se não fosse pelo repentino anúncio de Cordelia na reunião do Enclave.

Anna sabia que ela se destacava em muitas coisas, e uma delas era ser juíza de caráter. Cordelia Carstairs, que corou ao ver um vestido sedutor, não passaria a noite com um homem com quem

não era casada, mesmo que ele fosse o amor de sua vida. James também não comprometeria uma garota solteira. Anna apostaria seu apartamento na rua Percy.

Quando ela passou pela porta no final da sala, Anna olhou para trás e viu Matthew e Cordelia dançando juntos. Cordelia parecia divertida, o que não era surpreendente: Matthew fazia todo mundo rir. Ela não podia ver o rosto de Matthew, embora houvesse algo na maneira como ele se inclinava sobre Cordelia que perturbava Anna. Ela não poderia ter dado um nome a isso.

Will tinha saído para a pista de dança; todo mundo era todo sorrisos quando ele cortou para dançar com Cordelia. Pobre Cordelia, Anna pensou: era uma tradição caçadora de sombras dançar com uma noiva em potencial para dar sorte. Cordelia não teria um momento para si mesma. Ela parecia feliz o suficiente para estar dançando com seu futuro sogro, pelo menos, quando Matthew saiu para conversar com Thomas.

Matthew também parecia feliz enquanto dançava, pensou Anna, caminhando pelo corredor até a sala de jogos. Esperava que ele estivesse saindo da bagunça de anos em que ele estivera - ela estava preocupada. Os ladrões alegres eram como irmãos pequenos para ela, e Matthew sempre fora seu companheiro em arranhões e aventuras.

A sala de jogos estava na sombra. Anna gostava daqui: era uma sala pouco exigente, sem fitas, rosetas ou dourado. O jogo de xadrez que seu pai havia dado a Will brilhava ao luar que entrava pela janela. Derramou como fogo pálido sobre o chão polido e a jovem de pé no meio da sala.

Ariadne Bridgestock.

Ariadne era a segunda coisa que incomodava Anna a noite toda. Uma dúzia de vezes agora, ela queria perguntar a Ariadne se estava bem, se havia se recuperado e uma dúzia de vezes que se continha. Se a beleza fosse uma medida de bem-estar, Ariadne seria a pessoa mais saudável da festa. Seus cabelos escuros brilhavam, sua pele marrom macia parecia seda, e seus lábios estavam cheios e vermelhos. Os primeiros lábios que Anna já beijou. O primeiro que ela amou.

— Sinto muito — disse Anna, com uma ligeira reverência formal. — Eu não sabia que você estava aqui.

Ela se virou para ir embora, mas Ariadne correu para ela, estendendo a mão.

— Anna, por favor. Quero falar com você.

Anna fez uma pausa, olhando para a porta. Seu coração batia alto nos ouvidos. Ela se amaldiçoou em silêncio; ela deveria ter passado muito tempo se sentindo assim. Tão tola. Tão jovem. *Eu sou Anna Lightwood,* ela disse a si mesma. *Nada me toca.*

— Eu ouvi você — disse Ariadne suavemente.

Anna se virou para encará-la.

— O que?

— Eu ouvi você quando você veio à enfermaria — disse Ariadne, — e me pediu para não morrer.

Chocada, Anna disse:

— Então você ouviu falar da traição de Charles por *mim*?

Ariadne acenou, seus finos braceletes de ouro tocavam como sinos.

— Isto quase não importava para mim. A única coisa que importava era a percepção de que você ainda tem amor em seu coração por mim.

Anna colocou a mão no pingente na garganta. A mãe lhe dera quando lamentava a perda de Ariadne. A primeira e a última vez que Anna deixou alguém partir seu coração.

— Eu percebi que estava errada — disse Ariadne.

— Para ficar noiva de Charles? — Anna disse. Lembrou-se, há dois anos, de encontrar Charles na casa dos Bridgestocks, quando ela veio com flores na mão para Ariadne. Como os Bridgestocks sorriram quando ele beijou a mão de Ariadne, quando Anna foi levada para fora da sala. — Existem homens melhores, se você insiste em casamento.

— Não — disse Ariadne. — Eu estava errada sobre mim e você. Errada sobre o que eu queria. — Ela juntou as mãos. — O que eu disse anos atrás, parte disso ainda é verdade. Não desejo magoar meus pais. Eu quero ter filhos. Mas nada disso importa se eu não tiver amor na minha vida. — Ela sorriu melancolicamente. — Você

fez um grande nome para si mesma, Anna, como alguém que não acredita em amor.

Anna falou friamente.

— De fato. Eu acho que o amor romântico é a causa de toda a dor e sofrimento neste mundo.

A seda do vestido de Ariadne farfalhou enquanto ela se movia. Um momento depois, ela estava ao lado de Anna, inclinando-se na ponta dos pés para roçar os lábios na bochecha de Anna. Quando ela se afastou, seus olhos escuros estavam brilhando.

— Eu sei que você é teimosa, Anna Lightwood, mas eu também sou. Eu vou fazê-la mudar de ideia. Eu vou ganhar você de volta.

Ela juntou as saias e saiu do quarto, seu perfume de flor de laranjeira pairando atrás dela como fumaça no ar.

— Você não se importa de dançar com um velho como eu? — Will disse, habilmente girando Cordelia no chão.

Ela sorriu. Will não tinha o ar de um homem velho sobre ele - havia algo de travessura de menino na maneira como ele sorria. Estranho que nem Jem nem Tessa tivessem envelhecido desde a Guerra Mecânica, mas ambos pareciam mais velhos e mais sérios do que Will Herondale.

— Nem um pouco — disse ela. — Durante muitos anos, quando estávamos crescendo, tanto Alastair quanto eu desejavamos ver mais você e a sra. Herondale. Nós pensamos em você como uma espécie de tia e tio.

— Agora que você estará tão perto e, na verdade, seremos família, muitas oportunidades se apresentarão — disse Will. — Uma festa de comemoração, talvez, quando seu pai chegar em casa.

Cordelia empalideceu. Ela tinha certeza de que seu pai não iria querer nada disso; ele gostaria de esquecer que já esteve fora, porque não gostaria de lembrar o porquê.

Will abaixou a cabeça para olhá-la mais de perto.

— Ou sempre podemos providenciar nada, se você preferir. Nada é a minha coisa favorita para organizar. É preciso tão pouco esforço.

Cordelia sorriu fracamente.

Will suspirou.

— Eu brinco bastante — disse ele. — É uma maneira pela qual administro a vida em um mundo complexo. Mas sinto que você não está totalmente feliz com seu pai voltando para casa.

— É, como você diz, complexo — disse Cordelia. Ela estava fracamente consciente de que os outros dançarinos estavam olhando para eles, provavelmente se perguntando o que eles estavam discutindo tão intensamente.

— Amei meu pai quando criança — disse Will. — Eu pensei que ele era o melhor homem que eu já conheci. Então, quando descobri que ele havia desperdiçado todo o nosso dinheiro nas mesas de jogos, pensei que ele era o pior homem que eu já conheci. Agora que sou pai, sei que ele era simplesmente um homem.

Cordelia olhou para ele.

— Obrigada — disse ela. Ela queria dizer a Will Herondale que apreciava sua honestidade. Ela se perguntava o quanto ele sabia, ou adivinhou, sobre seu pai: certamente havia rumores. Ela desejou poder ser honesta em troca sobre seu casamento com James. Certamente Will deve ter notado que James mal falou com ela hoje à noite - nessa festa de noivado deles?

— Daisy?

Cordelia e Will pararam de dançar; ela viu com surpresa que James os procurara na pista de dança em parquet. O jato e o marfim da noite que ele usava combinava perfeitamente com seu tipo de aparência, pensou, já uma beleza de contrastes, preto e branco e dourado.

— Daisy? — ele disse, novamente, timidamente, e Cordelia mal notou que Will se afastava dela. Ela só viu a mão estendida de James. — Gostaria de dançar?

Pareciam notavelmente felizes, pensou Lucie. Ela não teria achado estranho, exceto que sabia a verdade: ainda assim, James e Cordelia *eram* bons amigos. Enquanto ela observava, Cordelia riu

de algo que James disse, e ele estendeu a mão para prender um pouco de cabelo sob o bandeau. Talvez os ladrões alegres tivessem razão - talvez os dois, sua melhor amiga e seu irmão, encontrassem uma maneira de fazer de tudo uma espécie de brincadeira?

— O que você está pensando, Luce? — disse Thomas, que estava encostado na parede do salão, a gravata afrouxada. Dançou várias danças com Esme Hardcastle antes de se retirar para a segurança da esquina perto da mesa de bebidas. Matthew se juntou a ele lá, assim como Lucie. — Você está olhando pensativamente para Jamie e Cordelia.

— Eu estava pensando que ela faz dele um dançarino melhor — disse Lucie.

Matthew inclinou a cabeça para o lado.

— Pelo anjo — disse ele. — Casamento. Você sabia que James me pediu para ser seu *suggenes?*

Nas cerimônias de casamento dos Caçadores de Sombras, seus *suggenes* eram quem o escoltava até o altar. Você pode escolher qualquer pessoa em sua vida - mãe, pai, irmão, melhor amigo.

— Bem, isso não é estranho — disse Lucie. — *Parabatai* quase sempre se escolhem.

— Faz alguém se sentir muito adulto — disse Matthew.

Ele estava bebendo do frasco na mão, o que para Lucie não era um bom sinal. Normalmente, em festas onde os espíritos eram fornecidos, Matthew era visto com um copo de vinho na mão. Se ele estava tirando o “escoamento pálido” do frasco, ele devia estar muito determinado a estar o mais bêbado possível. Seus olhos estavam brilhando também, um tanto perigosamente. Talvez ele estivesse com raiva de Charles? Com raiva de seus pais por aceitarem o casamento de Charles com Grace tão facilmente? Embora como eles pudessem saber? Lucie se perguntou, olhando para Henry e Charlotte, onde estavam sentados a uma mesa no outro extremo da sala. A cadeira de banho de Henry estava a postas contra a parede e a consulesa e o marido se inclinaram juntos, conversando baixinho, com as mãos entrelaçadas.

— Embora — acrescentou, seus olhos estreitando quando ele olhou para Thomas, — não adulto o suficiente para suportar *isso.*

Lucie olhou e viu Alastair Carstairs movendo-se através da multidão em direção a eles. Seus ombros estavam levemente encurvados, e seus cabelos escuros mais uma vez o faziam parecer uma pessoa diferente.

— Seja educado com ele, Matthew — disse Thomas, endireitando-se. — Ele foi uma grande ajuda para mim quando eu precisei fazer o antídoto.

— Alguém já experimentou as tortas de limão? — disse Alastair levemente, quando ele chegou ao grupo deles. — Você tem uma excelente cozinheira, Lucie.

Lucie piscou. Matthew apertou a mandíbula.

— Não tente fazer conversa fiada, Alastair — disse ele. — Isso me dá dor de cabeça.

— Matthew — disse Thomas severamente. — Você precisa se sentar?

Matthew enfiou o frasco de volta na jaqueta com as mãos trêmulas.

— Eu não — ele disse. — Eu preciso do Carstairs para nos deixar em paz. Esta noite já é bastante difícil...

Lucie não teve chance de perguntar por que essa noite seria difícil, pois Alastair já havia interrompido. Ele parecia meio irritado e meio envergonhado, sua voz ainda tensa.

— Não podemos deixar nossa escola para trás? — ele disse. — Se eu admitir que eu era um idiota, isso é suficiente? Como posso me desculpar?

— Você não pode — disse Matthew, sua voz muito estranha, e todos olharam para ele. Lucie teve a estranha sensação de estar observando alguém equilibrado na ponta de uma faca; Matthew parecia todo ângulos agudos naquele momento, como se ele fosse feito de punhais sob a pele. — Não pense que você é nosso amigo agora, ou é bem-vindo entre nós, independentemente de tudo o que aconteceu.

Thomas fez uma careta.

— Matthew — ele disse, sua voz geralmente suave e protestante, — esse era o passado. Está na hora de sermos adultos e esquecermos negligências infantis.

— Thomas, você é gentil — disse Matthew. — Muito gentil, e você deseja esquecer. Mas não sou gentil e não consigo deixar de lembrar.

A luz tinha saído dos olhos de Alastair. No entanto, para surpresa de Lucie, ele não parecia zangado. Ele parecia quase resignado.

— Deixe-o dizer o que ele quer dizer, Thomas.

— Você não tem o direito de conversar com Thomas dessa maneira familiar — disse Matthew. — Eu nunca te disse isso, Thomas. Eu não aguentava. Mas é melhor que você saiba a verdade do que permitir que essa cobra faça amizade com você.

— Matthew — Thomas começou impaciente.

— Você sabe o que ele costumava dizer na escola? — Disse Matthew. — Que minha mãe e seu pai eram amantes. Que eu era o bastardo do seu pai. Ele me disse que Henry era apenas meio homem e não podia ter filhos, e, portanto, Gideon entrou na brecha. Ele disse que sua mãe era tão horrivelmente feia por causa de seu rosto marcado que ninguém poderia culpar seu pai por procurar em outro lugar. E que você era uma coisinha doentia e feia porque herdara a fraqueza dela na constituição - porque ela tinha sido mundana, mas não apenas mundana. Uma serva e uma prostituta.

Matthew parou de suspirar, como se nem ele conseguisse acreditar no que acabara de dizer. Thomas ficou imóvel, a cor drenando de seu rosto. Alastair também não se mexeu. Foi Lucie quem disse, para sua própria surpresa: — *Ele* era a fonte desse terrível boato? Alastair?

— Não, não a fonte — disse Alastair, sua voz soando como se ele a estivesse forçando através de uma garganta apertada. — E eu não disse todas essas coisas para Matthew...

— Mas você disse isso para os outros — disse Matthew friamente. — Eu ouvi tudo sobre isso nos anos desde então.

— Sim — Alastair admitiu categoricamente. — Eu espalhei a história. Eu repeti essas palavras. Eu fiz isso. — Ele se virou para Thomas. — Eu estou...

— Não diga que está arrependido. — Os lábios de Thomas eram cinza. — Você acha que eu não ouvi essa história? Claro que sim,

embora Matthew possa ter tentado me proteger. Ouvi minha mãe chorar, meu pai incoerente de raiva e tristeza, minhas irmãs esmagadas de vergonha por *mentiras*... — Ele parou, sem fôlego. — Você repetiu essas palavras sem saber ou se importar se eram verdadeiras. Como você pode?

— Foram apenas palavras — disse Alastair. — Eu não pensei...

— Você não é quem eu pensei que era — disse Thomas, cada palavra fria e afiada. — Matthew está certo. Esta é a festa de noivado de sua irmã e, pelo bem de Cordelia, cuidaremos de nossas maneiras em relação a você, Carstairs. Mas se você se aproximar de mim ou falar comigo a qualquer momento depois disso, eu o jogarei no Tamisa.

Lucie nunca ouvirá Thomas falar tão friamente. Alastair recuou, sua expressão atordoada. Então ele girou nos calcanhares e disparou na multidão.

Lucie ouviu Matthew murmurar algo para Thomas, mas ela não ficou para ouvir o quê: ela já estava correndo atrás de Alastair. Ele correu como se houvesse asas nos pés, e ela correu atrás dele: pelas portas do salão, descendo os degraus de pedra, finalmente alcançando-o na entrada.

— Alastair, espere! — ela chorou.

Ele se virou para olhá-la e ela percebeu, chocada, que ele estava chorando. De uma maneira estranha, ela se lembrou da primeira vez que viu um homem chorar: no dia em que seu pai descobriu que seus pais estavam mortos.

Alastair arrancou as lágrimas furiosamente de seus olhos.

— O que você quer?

Lucie ficou quase aliviado ao ouvi-lo soar tanto como a si mesmo.

— Você não pode sair.

— O que? — ele zombou. — Você não me odeia também?

— Não importa o que eu pense. Esta é a festa de noivado de Cordelia. Você é o irmão dela. Vai partir o coração dela se você desaparecer, e por isso digo que não irá.

Ele engoliu em seco.

— Diga a Layla - diga a Cordelia que estou com uma forte dor de cabeça e estou descansando em nossa carruagem. Não há necessidade de ela se apressar ou estragar a noite.

— Alastair.

Mas ele se foi, para a noite. Lucie voltou-se para as escadas, desanimada. Pelo menos Alastair não estava deixando o Instituto, mas ela teria preferido...

Ela se sobressaltou. Em um nicho entre as sombras estava Grace, seu vestido verde pálido quase luminoso na penumbra. Ela fez uma careta quando viu Lucie.

— Suponho que pareça estar ouvindo — disse ela. — Garanto-lhe, no entanto, que não tinha vontade de ouvir nada *disso.*

Lucie colocou os punhos nos quadris.

— Então por que você estava aqui?

— Eu já estava nos degraus — disse Grace. — Eu ouvi você descendo e decidi que seria preferível me esconder do que me envolver em uma conversa.

— Você estava indo embora — disse Lucie. — Você não estava?

Grace não disse nada. Ela estava de pé muito ereta, não encostada na parede. Lucie lembrou-se de algo que James lhe dissera uma vez, sobre Tatiana forçando Grace a andar de um lado para o outro na sala de Mansão Blackthorn com um livro equilibrado na cabeça para aperfeiçoar sua postura.

— Sabe — disse Lucie, sentindo-se muito cansado — você não *precisa* se casar com Charles.

Grace revirou os olhos.

— Por favor, não se preocupe. Não estou impaciente por partir por causa de algum excesso de sentimentos feridos. E não se preocupe em me dizer que James realmente não quer se casar com Cordelia; Eu também sei disso.

Lucie congelou.

— Eu nunca teria dito isso.

— Não — disse Grace. — Suponho *que* não.

Lucie soltou um suspiro exasperado.

— Eu sei que você acha que não temos nada em comum — disse ela. — Mas eu sou a única outra pessoa no mundo que

conhece seu irmão. Quem sabe o segredo que você está protegendo.

Grace ficou quieta.

— Você viu Jesse em Idris — disse ela. — Eu falei com ele. Sei que ele lhe disse para não o ajudar e sei que vocês Herondales são *honrosos.* — Ela praticamente cuspiu a palavra. — Se ele pediu para você não o ajudar, você não vai. Que utilidade você acha que tenho para outra pessoa que não vai ajudar minha família?

Lucie levantou o queixo.

— Isso mostra o quanto você não me conhece, senhorita Blackthorn. Tenho toda a intenção de fazer tudo o que puder para ajudar Jesse, queira ele ou não.

Grace deu um passo à frente, saindo das sombras. Seus brincos verdes dançavam à luz, como os olhos de joias de gatos.

— Nesse caso — disse ela, — conte-me mais.

Magnus não demorou muito para encontrar Matthew Fairchild, encostado na parede perto da porta da sala de estar, com a gravata totalmente desfeita.

Magnus ficou parado um momento, olhando para ele: Matthew era exatamente o tipo de pessoa que Magnus sempre quis ajudar, e mais tarde se repreendeu por ter tentado ajudar. Na vida de Magnus, havia cem Matthew Fairchilds: homens e mulheres jovens, tão autodestrutivos quanto bonitos, que, apesar de todos os presentes que lhes foram dados, pareciam desejar não mais do que queimar suas próprias vidas. Ele dizia a si mesmo repetidas vezes que os Matthew Fairchilds deste mundo não podiam ser salvos e, no entanto, não conseguia parar de tentar.

Ele se encostou na parede ao lado de Matthew. Ele se perguntou por que Matthew havia escolhido ficar ali, meio escondido do resto da sala por um pilar. Ele parecia estar olhando sem expressão para a pista de dança.

— Eu sempre ouvi — disse Magnus, — que era rude um cavalheiro se fazer invisível durante um baile.

— Então você também deve ter ouvido que sou geralmente considerado muito rude — disse Matthew. Havia um frasco na mão direita e um anel com a insígnia dos Fairchild brilhava em seu dedo.

Magnus havia observado há muito tempo que um homem que trazia sua própria bebida para uma festa onde as bebidas eram fornecidas estava realmente em um estado lastimável. Mas a verdadeira questão era, ele pensou, por que ninguém mais parecia notar que Matthew só estava de pé porque a parede o segurava.

Normalmente, não teria parecido a Magnus particularmente estranho - ficar bêbado em uma festa não era nada incomum para um garoto de dezessete anos -, mas Matthew estava bêbado quando eles estavam em Tower Bridge também, embora um olho menos experiente do que o de Magnus talvez nunca o teria visto. Um olho menos experiente poderia não o perceber agora. Não era a bebida, pensou Magnus, mas o fato de Matthew ter claramente praticado em fingir que *não* estava bebendo.

Magnus disse suavemente: — Eu pensei que poderia ser uma exceção, já que você disse que admirava meus coletes.

Matthew não respondeu. Ele ainda estava olhando para a pista de dança - embora não apenas a multidão de dançarinos, mas um casal específico. Cordelia Carstairs e James Herondale.

Outro Carstairs se ligando a outro Herondale. Magnus se divertiu quando soube do noivado. Ele pensou que se lembrava de James ter murmurado sobre outra garota para ele na primeira vez em que se conheceram, mas Romeu se considerara apaixonado por uma garota chamada Rosalind. Ficou claro pela maneira como James e Cordelia se entreolharam que este era um casamento amoroso. Também ficou claro porque Matthew estava onde estava - a partir desse ponto de vista, havia uma visão perfeita de James e Cordelia, a cabeça escura inclinada sobre a ígnea ardente, os rostos juntos.

Magnus pigarreou.

— Entendo por que meus coletes não conseguem prender sua atenção, Fairchild. Eu estive onde você está. Desejar o que você não pode ter apenas rasgará seu coração.

Matthew falou em voz baixa.

— Seria uma coisa se James a amasse. Eu entraria na escuridão silenciosa como Jem e nunca mais voltaria a falar dela. Mas ele não a ama.

— O que? — Magnus ficou desagradavelmente assustado.

— Este é um casamento falso — disse Matthew. — É apenas por um ano.

Magnus escondeu a informação como um mistério a ser resolvido: não combinava com o que ele sabia dos Herondales, pai ou filho.

— E, no entanto — disse Magnus, — durante esse ano, eles são marido e mulher.

Matthew olhou para cima, seus olhos verdes brilhando.

— E durante esse ano, não farei nada. Que tipo de pessoa você pensa que eu sou?

— Eu acho — disse Magnus, muito lentamente, — que você é uma pessoa incrivelmente triste, embora eu não saiba o porquê. E acho que, como imortal, posso lhe dizer que muita coisa pode acontecer em um ano.

Matthew não respondeu. Ele estava assistindo Cordelia e James. Todos na sala estavam. Eles estavam dançando juntos, e Magnus teria apostado alegremente mil libras por estarem apaixonados.

Uma aposta, ao que parecia, ele teria perdido. E ainda.

Oh, Deus, Magnus pensou. *Talvez eu precise ficar um pouco mais em Londres.*

Talvez eu deva chamar meu gato.

Era como se não houvesse passado nada de tempo desde o primeiro baile de Cordelia em Londres, e ainda assim tudo mudara.

Ela se sentia a milhões de quilômetros da garota ansiosa que havia chegado a Londres desesperada por fazer amigos e aliados, que viam em todos os rostos um estranho. Agora ela tinha amigos - uma riqueza de amigos: ela podia ver Anna, na entrada do salão, conversando alegremente com Christopher. Havia Thomas, sentado com sua irmã, e Matthew, ao lado de Magnus Bane. E Lucie, sua

Lucie, que um dia ficaria com ela nos círculos ardentes da cerimônia de *parabatai.*

— Daisy — disse James, com um sorriso. Era um sorriso de verdade, embora ela não soubesse dizer se ele estava feliz ou triste ou algo no meio. — O que você está pensando?

Uma coisa não havia mudado: seu coração ainda batia muito rápido quando ela dançava com James.

— Eu estava pensando — disse ela, — deve ser estranho para você, que o reino de Belial tenha sido destruído.

Uma sobrancelha escura ergueu-se, um floreio de tinta através de uma página.

— O que você quer dizer?

— Era um lugar que só você podia ver — disse ela. — Que só você poderia ir. Agora se foi. É como um inimigo que você conhece há muito tempo. Mesmo se você o odiava, deve ser estranho pensar em nunca mais vê-lo.

— Ninguém mais entendeu isso. — James estava olhando para ela com uma ternura suave e intrigante, a Máscara desapareceu completamente agora. Ele a desenhou mais perto dele. — Devemos pensar nisso como uma aventura, Daisy.

Ela podia sentir o coração dele bater contra o seu.

— Pense no que é uma aventura?

— Sermos casados — disse James ferozmente. — Eu sei que você desistiu de muito por mim e nunca quero que você se arrependa. Vamos viver juntos como os melhores amigos. Vou ajudá-la a treinar para a sua cerimônia *parabatai*. Eu vou defender e apoiar você, sempre. Você nunca precisará ficar sozinha. Eu sempre estarei lá.

Os lábios dele roçaram sua bochecha.

— Lembre-se de como nos saímos bem na Sala dos Sussurros — James sussurrou, e ela estremeceu com a sensação do hálito quente dele contra sua pele. — Nós enganamos todos eles.

Nós os enganamos. Assim era como ela temia, apesar do que ele dissera - e talvez acreditasse - na época: fora real para ela, mas não para ele. Um prazer estranho e amargo.

— Suponho — disse James, — estou dizendo que sei que essa é uma experiência estranha - mas espero que você possa ser pelo menos um pouco feliz, Daisy.

Seu cabelo estava caindo sobre a testa. Cordelia se lembrou das mil vezes que ela queria afastá-lo do rosto dele. Desta vez, ela o fez, estendendo a mão para afastá-lo dos olhos dele.

Ela sorriu um sorriso tão falso quanto brilhante.

— Estou — disse ela, — um pouco feliz.

A covinha brilhou em sua bochecha.

— Estou feliz em ouvir isso — disse ele, e a puxou para mais perto para o próximo passo na dança.

Lembrou-se do baile, quando ele a deixou no chão e caminhou até Grace. Ele não faria isso agora; ele era muito honrado. Ela o teria, para este ano - um ano de alegria amarga. Ela também teria o pai de volta. Ela ficaria em Londres e ficaria *parabatai* com Lucie. Ela tinha tudo o que queria e, no entanto, nada do jeito que imaginara.

Ela pensou no que James havia dito sobre as frutas das fadas: que quanto mais você as consumia, mais queria e mais doía quando se acabava. E, no entanto, não saber como era prová-las também não era uma forma de tortura?

Ela amava James; ela sempre faria. Tantas pessoas amavam sem esperança de retorno, sem o sonho de um toque ou um olhar do objeto de sua afeição. Eles se afastavam em silêncio e miséria como mortais famintos por frutas das fadas.

O destino que ele estava oferecendo agora era um ano de tanta fruta para sua mesa. Um ano vivendo com James e amando-o poderia arruiná-la para qualquer outro amor, mas oh, pelo menos ela iria brilhar em glória. Por um ano, ela compartilharia a vida dele. Eles caminhariam juntos, leriam juntos, comeriam juntos e morariam juntos. Eles ririam juntos. Por um ano, ela ficaria perto do fogo e saberia como era queimar.

EPÍLOGO
CASA CHISWICK, LONDRES

Não muito longe das luzes de Londres, os guardas Nephilim haviam escoltado Tatiana para a Chiswick House, com seus portões e corredores entupidos e quase intransitáveis de espinhos. Espinhos se agarravam a luz do sol em todas as janelas, impedindo que os guardas - que incluíam seus irmãos Gabriel e Gideon - vissem dentro Tatiana juntando suas coisas e reaparecendo na porta da frente da casa, com uma pequena valise marrom na mão.

Ela olhou para eles do topo da escada.

— Gostaria de poder ir mais uma vez ao jardim — disse ela. Ela não achou que o ódio que sentia por eles aparecesse em seu rosto. Eles não pareciam notar; eles nunca haviam entendido o quanto mereciam ser odiados por ela. — Dar adeus às memórias de meu marido e meu pai.

Uma espécie de espasmo pareceu cruzar o rosto de Gabriel. Gideon colocou a mão no ombro do irmão. Eles nunca haviam respeitado seu pai adequadamente. Nunca o lamentaram depois que deixaram Will Herondale e Jem Carstairs matá-lo.

Gideon assentiu.

— Vá em frente — disse ele, com um breve aceno de cabeça. — Vamos esperar por você aqui.

Herondales, Tatiana pensou enquanto caminhava para os jardins italianos. Sangue contaminado corria em suas veias. Na sua opinião, o nome deles dominava os livros de história mais do que deveria. Deveria haver muito mais instâncias do nome "Lightwood" e menos do nome "Herondale". Afinal, ela não ficaria surpresa se a esposa feiticeira de Will Herondale não fosse a primeira vez que manchavam a linha com sangue do Submundo.

Ela alcançou a pequena estrutura murada no centro do jardim. A porta estava destrancada - ela amaldiçoou Grace silenciosamente: *garota estúpida e preguiçosa* - e correu para dentro para ver se havia algum dano. Para seu alívio, o caixão de jesse estava intocado: a madeira brilhando, o vidro intocado pelo pó. A antiga

espada Blackthorn que um dia seria empunhada pelo filho brilhando na parede.

Ela colocou a mão na superfície. Lá estava o menino, o príncipe adormecido. Ele se parecia com o marido, na opinião dela. Rupert possuía ossos tão finos, tanta delicadeza e perfeição de traços e formas. O dia em que ele foi arrancado deste mundo foi uma tragédia. Ela havia parado todos os relógios nesta casa e a mansão do campo no exato momento em que levaram o corpo dele, pois seu mundo havia terminado.

A não ser por Jesse. Ela vivia para Jesse agora e por vingança.

— Não se preocupe — disse uma voz sedosa.

Tatiana sabia quem tinha falado antes de olhar para cima.

Ele era um turbilhão de poeira a princípio, um punhado de areia brilhante que se transformou na forma de um homem bonito vestido de cinza, com olhos como cacos de espelhos.

— Grace cuidará dele — disse Tatiana. — Ela se importa com o irmão do mesmo jeito que você não se importa com ninguém.

— Não deixarei nenhum mal acontecer a Jesse — disse o Príncipe do Inferno. — O que ele carrega é precioso demais.

Tatiana sabia que ele não estava realmente lá, que Belial não podia andar sobre a terra, exceto como uma ilusão de si mesmo. Ainda assim, ele era brilhante como vidro quebrado, brilhante como cidades queimando. Eles disseram que Lúcifer era o anjo mais bonito que já havia caído do Céu, mas Tatiana não acreditava nisso. Não poderia haver anjo mais bonito que Belial, pois ele estava sempre mudando. Ele tinha mil formas.

— Por que eu deveria acreditar nisso? — ela exigiu. — Você me deixou adoecer com esse veneno, e eu poderia ter morrido. Você me prometeu que apenas meus inimigos seriam prejudicados. E olha — ela jogou o braço na direção do pátio onde Gideon e Gabriel a esperavam — eles *ainda vivem!*

— Eu nunca deixaria você morrer — disse Belial. — Era necessário manter a suspeita longe de você. O que fiz, fiz para salvar você.

Amargura áspera em sua voz.

— Me salvar para o que? Para que eu possa definhar na prisão enquanto meus inimigos florescem?

Belial colocou as mãos no caixão de Jesse. Seus dedos eram longos, como as pernas de uma aranha.

— Já discutimos isso antes, Tatiana. A morte de Barbara foi meu presente para você, mas foi apenas o começo. O que temos em mente para os Herondales, Lightwoods e Carstairs é muito maior e mais terrível que a simples morte.

— Mas seu plano de converter James Herondale em escuridão parece ter falhado. Mesmo depois que eu o preparei para você...

Por um momento, a expressão de Belial perdeu a compostura e, naquele espaço, Tatiana parecia capaz de ver através do abismo a escuridão visível do poço.

— Você o *preparou?* — ele zombou. — Quando ele veio a mim no meu reino, não havia pulseira no pulso. Ele estava *protegido.*

Tatiana empalideceu.

— Isso não é possível. Estava no pulso dele na reunião de hoje. Eu vi!

Um sorriso passou pelo rosto de Belial, mas desapareceu rapidamente.

— Isso não foi tudo. Você não me disse que a garota Carstairs tem uma das lâminas de Wayland, O Ferreiro.

Ele abriu a jaqueta. Havia em seu peito uma ferida, uma lágrima sangrenta no tecido de sua camisa, através da qual o sangue vermelho escuro escorria. Uma ferida que parecia fresca e sem cicatrização. Embora Tatiana soubesse que ele não estava realmente aqui de uma forma sólida, sem realmente sangrar, a visão ainda era perturbadora. Não se deve ferir um príncipe do inferno.

Ela deu um passo para trás.

— Eu - eu não achei importante. A garota não parecia nada demais...

— Então você não entende o que é Cortana. Enquanto ela carregar essa espada e proteger James, não poderei me aproximar dele. — Belial fechou a jaqueta. — Esses idiotas acreditam que, desde que fui ferido por essa lâmina, não poderei voltar ao mundo deles daqui a um século. Eles não sabem que eu tenho uma âncora

aqui. Eles também não entendem o poder da minha ira. — Ele arreganhou os dentes e cada um era um ponto agudo e arqueado. — Eles verão meu retorno mais cedo do que pensam.

Tatiana sabia que deveria temer a raiva de um príncipe do inferno, mas não havia medo quando você já havia perdido tudo o que importava. Os lábios dela se curvaram para trás.

— Suponho que você enfrentará esse retorno sozinho, pois estarei presa na Cidadela Adamant. — Ela tocou o caixão de Jesse, um soluço subindo em sua garganta. — E meu lindo garoto vai definhar sem mim.

— Oh Tatiana, meu cisne negro — Belial murmurou, e agora ele estava sorrindo. — Você não vê que este é o culminar do meu plano? Os Herondales, os Lightwoods, o Enclave, todos eles bloquearam você de seus lugares de poder. Mas onde está o coração dos nephilins? Encontra-se em seu presente do anjo, os *adamas*. As estelas que desenham suas runas, as lâminas serafins que as protegem.

Ela olhou para ele, percebendo o amanhecer.

— Você quer dizer...

— Ninguém pode invadir a Cidadela Adamant — disse ele. — Mas você será escoltada, minha querida. E então você atacará a Clave no coração. Vamos atacar juntos.

Com a mão apoiada no caixão do filho, Tatiana começou a sorrir.

CASAMENTO DE WILL E TESSA; 3 DE MARÇO DE 1880

Will Herondale se sentou na janela de seu quarto novo e olhou para fora em uma Londres congelada sob um céu frio de inverno. A neve espanava o topo das casas que se estendiam em direção à pálida faixa do Tamisa, dando à vista a sensação de um conto de fadas. Embora, no momento, Will não estivesse se sentindo muito amigável com os contos de fadas. Ele deveria estar feliz, sabia esse tanto - afinal, era o dia de seu casamento. E ele estava feliz, desde o momento em que acordou, mesmo com Henry, Gabriel, e Gideon entrando em seu quarto e incomodando-o com conselhos e piadas enquanto ele se vestia, até o final da cerimônia. Foi quando aconteceu. Era por isso que ele estava sentado em um assento na janela, olhando para uma Londres tomada pelo inverno, em vez de no andar de baixo perto do fogo beijando sua esposa. Sua recém casada esposa. Tessa.

Tudo começou perfeitamente bem. Não era estritamente um casamento dos Caçadores de Sombras, porque Tessa não era estritamente uma Caçadora de Sombras. Mas Will tinha decidido usar uniforme de casamento de qualquer maneira, porque ele seria o chefe do Instituto de Londres, e seus filhos seriam Caçadores de Sombras, e Tessa administraria o Instituto ao seu lado e faria parte de toda a sua vida de Caçadores de Sombras. Deveria começar como eles pretendiam continuar, na opinião dele.

Henry, segurando uma estela de sua cadeira de rodas, ajudou Will com as runas de amor e sorte que decoravam suas mãos e braços antes de vestir sua camisa e seu casaco. Gideon e Gabriel

brincaram sobre a barganha terrível de Tessa em Will e como eles iriam ocupar o lugar dele com alegria, embora os irmãos Lightwood estivessem noivos, e Henry estivesse deliciosamente casado com um filho pequeno e barulhento, Charles Buford, atualmente ocupando grande parte do tempo e atenção de seus pais.

E Will sorriu e riu, e olhou no espelho para garantir que seu cabelo não parecesse vergonhoso, e ele pensou em Jem, e seu coração doía.

Era tradição de Caçadores de Sombras ter um suggenes, alguém que caminhava ao seu lado pelo corredor até o altar. Geralmente um irmão ou um amigo próximo, e se você tivesse um parabatai, a escolha dos suggenes foi feita para você. Mas o parabatai de Will era um Irmão do Silêncio agora, e os Irmãos do Silêncio não podiam ser suggenes. Então, esse lugar ao lado de Will ficaria vazio enquanto ele caminha pelo corredor em direção ao altar.

Ou pelo menos ficaria vazio para todos os outros. Para Will, seria preenchido com a memória de Jem: Jem sorrindo, Jem com a mão em seu braço, Jem e sua lealdade inabalável.

No espelho, ele viu um Will Herondale, dezenove anos de idade, em roupas azuis profundas, um aceno para herança de feiticeira de Tessa, com um revestimento de ouro. O uniforme era cortado como um casaco, os punhos e a bainha finamente tecidos com um padrão de runas douradas. Fios dourados brilhavam em seus pulsos. Seu cabelo preto selvagem estava domado no momento; ele parecia calmo, embora por dentro, sua alma respirasse tristeza e amor. Até o ano passado, ele nunca pensara que o coração pudesse suportar uma medida completa de tristeza e felicidade ao mesmo tempo, e, no entanto, ao lamentar Jem e amar Tessa, ele sentia ambos em partes iguais. Ele sabia que ela também sabia, e era um consolo para os dois estarem juntos e compartilharem o que poucos outros já haviam sentido, pois Will acreditava que profundo sofrimento e profunda alegria poderiam acontecer ao mesmo tempo, como o amor igual. Ele não podia acreditar que isso era comum.

— Não se esqueça da bengala, Will — disse Henry, tirando Will de seu devaneio, e entregou a Will a bengala com cabeça de dragão

que tinha sido de Jem. Will inclinou-se para Henry, seu coração cheio, em seguida desceu as escadas para o coração da igreja.

A sala estava decorada com faixas com runas douradas de Amor, Casamento e Lealdade. O sol estava brilhante lá fora, iluminando o caminho através dos bancos que levavam ao altar. Estava decorado com montes de flores brancas que tinha vindo de Idris. Elas encheram a sala com um cheiro que lembrava a Mansão Herondale nos campos de Idris, uma grande pilha de pedras de ouro que ele tinha herdado após completar dezoito anos. Seu coração se emocionou com o pensamento: ele e Tessa tinha visitado a mansão no verão do último ano, quando as árvores da Floresta Brocelind estavam cobertas de vegetação e os campos estavam vivos com cores. Isso o lembrou de sua infância no País de Gales; ele esperava que ele e Tessa passassem todos os meses de verão lá a partir de agora.

Seu coração se elevou ainda mais quando ele apoiou a bengala de Jem no altar e virou-se para encarar a sala: ele tinha medo de que o Enclave de Londres, em seu preconceito e fanatismo, evitasse o casamento; os sentimentos sobre o fato de Tessa ser meio feiticeira variavam de indiferença a total frieza. Mas os bancos estavam cheios e ele viu rostos radiantes por toda parte: Henry ao lado de Charlotte (que deixara o bebê Charles aos cuidados de Bridget), usava um chapéu tremendo com uma massa de flores; os recém-casados Baybrooks, Twonsends, Wentworths e Bridgestocks; George Penhallow, que atualmente trabalha como chefe interino do Instituto; A irmã de Will, Cecily sentada ao lado da grande harpa de ouro que fora trazida da sala de música; Gideon e Gabriel Lightwood juntos; e até Tatiana Blackthorn, segurando um cobertor embrulhando seu filho, Jesse, e usando um vestido rosa estranhamente familiar.

Uma parte de Will desejava que seus pais pudessem estar aqui. Ele tinha ido vê-los várias vezes em segredo uma vez que Charlotte tinha dado a ele permissão para usar o Portal na cripta para visitar sua família. Mas eles estavam muito longe do mundo dos Caçadores de Sombras agora e não tinham nenhum desejo de

retornar a ele. Ele e Tessa iriam visitá-los alguns dias após o casamento, para receber os seus parabéns e sua bênção.

Charlotte ficou de pé. Ela tinha retirado seu chapéu, e estava usando os trajes completos de consulesa, suas roupas estampadas com runas de prata e ouro, o cajado da consulesa em suas mãos. Ela, como Will, se moveu lentamente entre os bancos e subiu os degraus até o altar; ela tomou seu lugar atrás dele e sorriu para Wil. Para ele, ela olhou assim como ele tinha chegado ao Instituto de Londres, aterrorizado e sozinho, e ela tinha o acolhido.

Uma única nota suave soou através da sala. Will recordou das aulas de Harpas que Cecily teve no País de Gales; sua mãe sabia como tocar. Will desejou – E todos os seus desejos caíram, porque as portas na volta da igreja se abriram, e Tessa entrou.

Ela tinha escolhido para vestir tudo em ouro, desafiando aqueles que poderiam dizer que ela não era uma Caçadora de Sombras completa e não tinha direito à cor. Seu vestido era de seda, com uma costura basco de semente colado em seu corpo e uma saia sobreposta com uma camada de marfim. Suas luvas de seda eram delicadas, assim como os chinelos que apareciam entre a bainha de seu vestido. Seu cabelo tinha sido decoradp com pequenas flores douradas de seda torcida.

Ele nunca tinha visto alguém, ou qualquer coisa, tão adorável.

Ela andou com o queixo para cima, orgulhosa, com os olhos em Will. Esses olhos cinzentos: a primeira vez que ele olhou para eles, eles o atingiram com a nitidez de metal que se assemelhava. Suas bochechas estavam coradas; ela segurou firmemente o braço de Sophie, e calmamente andou com ela pelo corredor. Will não tinha ficado surpreso quando Tessa tinha escolhido Sophie como sua *suggenes*. Ele gostava de Sophie também, mas no momento ele não poderia olhar para nada além de Tessa.

Ela se juntou a ele no altar, Sophie desaparecendo para ficar atrás dela. Will podia sentir seu coração batendo fora do seu peito. Tessa estava olhando para baixo; ele só podia ver o topo de sua cabeça e as flores de ouro entre os laços de seu cabelo.

Ele nunca pensou que isso aconteceria. Na verdade, nas profundezas de seu coração, onde os mais sombrios de seus medos

estavam escondidos. Por tanto tempo ele aceitou que nunca iria parar de amar Tessa, mas seria o amor que nunca chegaria a nada. Ele iria ser escondido, talvez queimaria sempre com a mesma terrível agonia, talvez para viver como uma videira lentamente destruindo sua capacidade de sentir alegria. Ela seria a única em seus sonhos; a lembrança de tê-la beijado, os únicos beijos que ele teria.

Herondales amavam apenas uma vez, e ele tinha dado seu coração a Tessa. Mas ela não poderia aceita-lo.

Quando tudo mudou, tinha sido um lento amanhecer de alegria, uma luz que atravessa as nuvens de perda que levou o nome de seu parabatai. Ele acordava chorando por Jem, e as vezes Tessa viria de seu próprio quarto e sentar-se com ele, segurando sua mão até ele dormir novamente. Então, às vezes ela seria a única para se afligir e ele o único para confortá-la.

E então ele se preocupou que o amor não pudesse crescer em um solo tão amargo. Mas cresceu, e mais rico e mais profundo do que antes. Quando pediu a Tessa que se casasse com ele, eles haviam se tornado o ouro que tinha sido forjado no fogo. O tempo desde aquele dia, antecipando o seu casamento, tinha sido um delírio de felicidade, um torpor de planos e risadas.

Mas Tessa não estava olhando para ele, e por um momento ele foi atacado pelas velhas dúvidas: ele disse em uma voz tão baixa que ele duvidava Charlotte ou Sophie poderia ouvir isso.

— Tess, cariad? Tess, querida?

Ela olhou para ele. Ela estava sorrindo, seus olhos dançando. Ele se perguntou como ele poderia ter pensado na cor deles como metal: eram como as nuvens que se acumulavam sobre Cadair Idris. Ela colocou sua mão sobre sua boca como se tentasse parar de rir alto.

— Oh, Will — disse ela. — Estou tão feliz.

Ele estendeu a mão para pegar as mãos dela, e Charlotte pigarreou. Seus olhos estavam transbordando de amor e carinho quando ela olhou para Tessa e Will.

— Vamos começar — Charlotte disse.

O Instituto ficou em silêncio; Cecily tinha parado de tocar a harpa. Will ficou olhando para Tessa quando sua vida se abriu diante dele.

— Eu estou aqui em duas capacidades — disse Charlotte. — Como a Consulesa, é meu dever reunir dois dos Nephilim. — Ela olhou ferozmente para a multidão, desafiando qualquer um a discordar com sua avaliação de Tessa como uma Caçadora de Sombras. — Como uma amiga destes dois, é uma alegria selar sua felicidade na aliança de casamento.

Will pensou por um momento que ouviu alguém rir; ele olhou para as fileiras de bancos, mas viu apenas amigáveis rostos olhando para eles. Mesmo Gabriel Lightwood fazendo uma careta para ele era mais insatisfatório do que hostil.

— Theresa Gray — disse Charlotte. — Você encontrou aquele que sua alma ama?

Levantar-me-ei agora e percorrerei a cidade nas ruas, e nos caminhos amplos procurarei aquele a quem minha alma ama; procurei-o, mas não achei.

Will conhecia as palavras; todos os Caçadores de Sombras o faziam.

O rosto inteiro de Tessa parecia a brilhar.

— Eu o encontrei — disse ela. — E nunca vou deixá-lo ir.

— William Owen Herondale. — Charlotte virou-se para Will. — Ficaste entre os vigias e nas cidades do mundo? Encontraste aquele que tua alma ama?

Will pensou nas muitas noites inquietas pelas quais passara vagando pelas ruas de Londres, seguindo nenhuma direção em particular, buscando nenhum objetivo em particular. Talvez todas aquelas noites ele realmente estivesse procurando por Tessa, sem nunca entender que ela era o que ele procurava.

— Eu a encontrei — Will disse. — E nunca vou deixá-la ir.

Charlotte sorriu.

— Agora é a hora da troca de alianças.

Houve um certo murmúrio de interesse entre os reunidos na sala: Tessa, embora sua mãe tivesse sido uma Caçadora de Sombras, não podia usar as runas do anjo. O público sem dúvida

se perguntou como escolheriam lidar com as runas que eram tradicionalmente trocadas em um casamento - uma no braço e a outra no coração - com a noiva e o noivo marcando um ao outro com estelas. Eles ficariam decepcionados, Will pensou; ele e Tessa haviam decidido administrar a colocação das runas após a cerimônia, a runa sobre o coração era frequentemente feita em privado como era.

Sophie deu um passo à frente, segurando uma caixa de veludo rasa na qual haviam sido colocados dois anéis, ambos com o design de Herondale, dentro de cada anel havia sido gravada uma única imagem de raio, um aceno para a herança Starkweather de Tessa e seis palavras: *o último sonho da minha alma.*

Will não se importou se a citação não significasse nada para outras pessoas. Isso significava tudo para ele e Tessa.

Tessa pegou o anel maior primeiro e o deslizou no dedo de Will. Ele sempre usara o anel da família, mas agora parecia diferente, com novos pesos. Ela tirou a luva e, quando ele segurou sua mão nua na dele, deslizando o anel Herondale na mão esquerda, ela estava pulando nos dedos dos pés com impaciência.

O anel foi colocado. Tessa olhou para a mão dela e depois para Will, com o rosto solene de alegria.

— Theresa Gray Herondale e William Owen Herondale — disse Charlotte. - Vocês agora são casados. Vamos celebrar.

Uma alegria subiu dos bancos; Cecily começou a tocar uma música alta e provavelmente inapropriada na harpa. Will pegou Tessa em seus braços: ela era uma trouxa de seda macia, tule escorregadio e lábios quentes se voltaram para ele para um beijo rápido. Ele respirou seu perfume de lavanda e desejou que pudessem ficar longe de tudo isso, sozinhos no quarto que havia sido montado e mobiliado para seu uso particular. O quarto que eles ocupariam como casal pelo resto da vida.

Mas ainda havia o luxuoso jantar do banquete para terminar. Will colocou o braço de Tessa no dele e começou a conduzi-la pelos degraus do altar.

Charlotte se superou decorando o salão de baile. Bandeiras de seda dourada pendiam das janelas, portas e lareiras. Uma única mesa enorme foi montada, correndo pelo meio da sala. Estava coberto por um pano de damasco, e os pratos, pratos, castiçais e talheres eram todos de ouro.

Os olhos de Tessa eram enormes.

— Charlotte não deveria ter gastado tanto dinheiro — ela sussurrou enquanto ela e Will inspecionavam os arranjos de flores, buquês de rosas de estufa pingando de todas as superfícies disponíveis em tons de ouro, creme e rosa.

— Espero que ela tenha invadido o tesouro da Clave — disse Will, servindo-se de um bolo de rainha.

Tessa riu e apontou para um par de cadeiras combinadas, objetos maciços do tipo trono de madeira com costas pontiagudas e incrustações douradas. Depois de uma conversa sussurrada, Will e Tessa sentaram-se regiamente no momento em que as portas do salão foram abertas para a festa de casamento.

Havia oohs e aahs enquanto todo mundo entrava, vestido com suas melhores roupas. Cecily, em um vestido azul que combinava com seus olhos, veio dançando para abraçar e beijar e parabenizar os dois. Gabriel seguiu atrás dela, olhando-a como um cervo apaixonado na floresta. Gideon e Sophie, noivos felizes, estavam rindo juntos em um canto, e Charlotte e Henry estavam discutindo sobre o bebê Charles, que tinha cólica e desejava que todos soubessem disso.

Cecily bateu palmas quando dois dos empregados que Charlotte havia contratado especialmente para o casamento se aproximavam da mesa carregando dois bolos em camadas.

— Por que dois? — Tessa sussurrou no ouvido de Will.

— Um para os convidados do casamento e outro para a noiva — explicou. — O dos convidados será cortado e todos serão mandados para casa com um pedaço para boa sorte. O seu deve ser comido exceto por um pedaço, que guardaremos para o nosso vigésimo quinto aniversário.

— Você está de brincadeira comigo, Will Herondale — disse Tessa. — Ninguém quer comer um pedaço de bolo de vinte e cinco anos.

— Espero que você se sinta diferente quando formos antigos e hediondos — disse Will.

Ele lembrou-se então, por um momento, que Tessa nunca seria antiga ou hedionda. Só ele envelheceria e morreria. Era um pensamento estranho e intrusivo: ele desviou o olhar rapidamente e chamou a atenção de Tatiana Blackthorn, que havia se sentado no final da mesa. Ela estava segurando Jesse, seu olhar verde vagando desconfiado pela sala. Ele sabia que ela tinha apenas dezenove anos ou mais, mas ela parecia anos mais velha.

Ela deu a Will um olhar insondável e desviou o olhar.

Will estremeceu e colocou a mão sobre a de Tessa, quando Henry começou a bater de bom humor no copo com algo que parecia muito com um tubo de ensaio. Provavelmente é um tubo de ensaio; Henry já havia montado um laboratório no porão da casa do cônsul na Grosvenor Square.

— Um brinde — ele começou. — ao casal feliz.

Tessa enfiou os dedos nos de Will, mas ele ainda estava com frio, como se o olhar de Tatiana tivesse derramado água gelada em suas veias. Cecily voltou para Gabriel, e ele percebeu pelo brilho nos olhos dela que ela estava planejando algo.

No final das contas, todos os seus amigos estavam. Depois do brinde de Henry, vieram os de Charlotte, depois Gideon e Sophie, Cecily e Gabriel. Eles elogiaram Tessa e zombaram de Will gentilmente, mas era o tipo de zombaria nascida do amor, e Will ria tanto quanto qualquer um - bem, qualquer um exceto talvez Jessamine. Ela estava presente em forma fantasmagórica, e Will podia vê-la balançando de um lado para o outro com diversão, seus cabelos loiros flutuando em uma brisa invisível.

Quando o jantar terminou, os silêncios entre Will e Tessa se prolongara cada vez mais. Não eram silêncios desconfortáveis; longe disso. Havia algo mais, algo entre eles que estalava como luz de fogo. Toda vez que Tessa olhava para Will, suas bochechas ficavam rosadas e ela mordia o lábio. Will se perguntou se seria

considerado rude se ele pulasse na mesa e ordenasse que todos saíssem do Instituto, pois ele precisava urgentemente de uma conversa particular com a esposa.

Ele decidiu que seria. No entanto, ele estava batendo os sapatos polidos no chão, impaciente, quando os convidados começaram a se aproximar de Will e Tessa e se desculpar.

— Que agradável. — disse Will a Lilian Highsmith. *Ver você partir*, ele pensou.

— Oh, sim, é muito prudente sair antes que as estradas estejam muito geladas — Tessa disse a Martin Wentworth — Nós entendemos completamente.

— Ah, com certeza — Will começou, se virando — e muito obrigado por você ter vindo...

Ele parou abruptamente. Tatiana Blackthorn estava diretamente na frente dele. O rosto dela estava vazio de qualquer expressão, como uma panela que fora limpa demais. Suas mãos finas trabalharam juntas, inquietas.

— Eu tenho algo a dizer para você — ela disse a ele.

Ele viu Cecily olhando para ele um pouco ansiosamente. Ela estava segurando o bebê Jesse, Tatiana deve ter tido uma oportunidade momentânea de impor a criança a Cecily enquanto ela falava com Will. Sua inquietação se aprofundou.

— Sim? — ele disse.

Ela se inclinou para mais perto dele. Em volta do pescoço, pendia um medalhão de ouro, gravado com o padrão de espinhos da família Blackthorn. Ele percebeu com uma súbita tontura doentia que o vestido dela era o mesmo vestido que ela usara no dia em que o pai e o marido morreram. As manchas nele eram certamente sangue velho.

— Hoje, Will Herondale — disse ela, falando muito baixo e com muita clareza, quase diretamente no ouvido dele — será o dia mais feliz da sua vida.

Ele não poderia ter dito o porquê, mas um arrepio passou por ele. Ele não respondeu a ela, nem ela parecia querer que ele respondesse, ela apenas se afastou e foi até Cecily, arrancando a criança embrulhada de volta com um olhar satisfeito.

Assim que Tatiana saiu do salão, Cecily se apressou. Tessa, ao lado dele, estava conversando com Charlotte, e Will não achou que ela tivesse notado nada, graças ao anjo.

— O que Tatiana estava dizendo para você? — Cecily exigiu. — Ela me dá os arrepios, Will, ela realmente o faz. Só pense que, quando eu for casada com Gabriel, estarei relacionada a ela.

— Ela disse que hoje seria o dia mais feliz da minha vida — disse Will.

Ele sentiu como se uma pedra fria tivesse caído em seu estômago.

— Oh. — Cecily franziu a testa — Bem, isso não é tão ruim, é? É o tipo de coisa que as pessoas dizem nos casamentos.

— Cecy — Gabriel apareceu ao lado da irmã de Will. — Começou a nevar.

Todos olharam: a neve de março era incomum e, quando chegava, geralmente estava congelando, cuspindo granizo. Não os flocos brancos e gordos que caiam do lado de fora das janelas, prontos para cobrir a cidade suja em uma nuvem de prata pura.

Os convidados estavam correndo para partir agora, antes que as estradas se tornassem intransitáveis. Cecily foi abraçar Tessa e desejá-la felicidades. Will ficou de pé quando Charlotte se aproximou dele, sorrindo.

— Diga a Tessa que subi para garantir que haja fogo nos quartos — disse ele mecanicamente. Ele sentiu como se ele estivesse a uma grande distância do seu próprio corpo. — Ela não deve ficar com frio na noite de núpcias.

Charlotte parecia confusa, mas não tentou parar Will enquanto ele se afastava da sala.

Hoje será o dia mais feliz da sua vida.

Se Tatiana não tivesse dito isso a ele, Will pensou, ele ainda estaria sentado aqui perto da janela, olhando para a neve e o frio? A cidade estava ficando branca diante de seus olhos, a Catedral de St. Paul’s um fantasma diante do céu dicromático.

Era como se as palavras de Tatiana fossem uma chave que havia desbloqueado algo dentro dele, e todos os seus medos haviam surgido. Não havia família para Tessa no casamento, e ele ainda estava preocupado que a Clave nunca a aceitasse verdadeiramente, que seu status de feiticeira parcial sempre os impediria de olhá-la como uma Caçadora de Sombras adequada. E se eles falassem com ela cruelmente, e ele não estivesse lá para impedir? E se eles fizessem da vida dela uma miséria, e ela crescesse ressentida por ele a prender no Enclave de Londres? E se ambos sentissem muita falta de Jem para deixar de lado sua dor e viver?

E se ele não pudesse fazer Tessa feliz?

Os pensamentos giraram em sua mente como neve. Ele acendeu o fogo, e o quarto estava quente - havia uma grande cama de dossel no centro, e alguém, provavelmente Charlotte, tinha colocado vasos de flores de marfim nas duas mesas de cabeceira. Elas encheram o ar com seu perfume.

A neve sussurrou suavemente contra as vidraças quando a porta se abriu e Tessa colocou a cabeça na sala. Ela era toda sorrisos, brilhando como uma vela.

E se hoje for o dia mais feliz da sua vida? E se todos os dias desse dia em diante forem mais tristes e mais vazios?

Will respirou trêmulo e tentou sorrir.

— Tess.

— Oh. Bom, você está decente — disse ela. — Eu estava meio preocupada que você estivesse vestido como Sydney Carton apenas para me chocar. Sophie pode entrar? Ela precisa me ajudar com o meu vestido.

Will apenas assentiu. Tessa estreitou os olhos; ela o conhecia melhor do que quase todo mundo, pensou Will. Ela veria seus medos e dúvidas.

E se ela pensasse que eles eram sobre ela?

Tessa gesticulou, e ela e Sophie passaram pelo quarto e entraram no camarim enquanto Will olhava entorpecido para as mãos dele. Inferno sangrento, ele não teve um único medo ou um segundo pensamento que antecederam seu casamento. Ele

acordava todas as manhãs se perguntando se era possível ser tão feliz, tão cheio de expectativa.

Então ele gostaria de contar a Jem sobre isso, e Jem não estaria lá. Dor e amor, germinados como a escuridão e a luz em sua alma. Mas ele nunca duvidou de seu amor por Tessa.

Ele ouviu movimentos e risadas suaves no camarim, e Sophie emergiu, piscou para Will e partiu, fechando a porta do quarto firmemente atrás dela. Um momento depois, Tessa saiu. Ela estava envolta em um roupão de veludo azul que a cobria do pescoço aos tornozelos. Seu cabelo estava solto, derramando sobre os ombros em uma profusão de ondas marrons suaves.

Ela atravessou a sala com os pés descalços e afundou no banco da janela ao lado dele.

— Agora, Will. — ela disse gentilmente. — Diga-me o que está incomodando, pois eu sei que algo está.

Ele ansiava por abraçá-la. Se a beijasse, sabia que esqueceria: esqueceria as palavras de Tatiana, os buracos em sua própria alma, todo medo que nutria. Ele nunca se perdia tão completamente como nos braços de Tessa. Lembrou-se da noite que passaram juntos em Cadair Idris, a sensação dela sob seu corpo, a inacreditável suavidade de sua pele. Como a dor e o arrependimento se dissolveram naquele momento, e só houve uma felicidade que ele nunca pensou que conheceria.

Mas a memória havia chegado pela manhã, e ele temia que agora também aconteceria. Ele devia a ela melhor que isso. Ele devia a ela mais do que tentar encontrar esquecimento em seus beijos.

— É tolice — disse ele. — E, no entanto, me incomoda. Antes de sair do salão, Tatiana me disse: *"Hoje será o dia mais feliz da sua vida".*

Tessa levantou as sobrancelhas.

— Então você acha que ela quer dizer que cada dia sucessivo após este será mais infeliz? Tenho certeza que sim. Ela te odeia, Will. Ela me odeia também. Se ela pudesse arruinar esse dia para nós, ela o faria com prazer. Isso não significa que ela tem os poderes da fada do mal no batismo da Bela Adormecida.

— Eu sei disso — disse ele. — Mas eu me preocupei todo esse tempo, não serei capaz de fazer você feliz, Tessa. Não como Jem poderia ter feito você feliz.

Ela parecia assustada.

— Will.

— Eu nunca culpei você por amá-lo — disse ele, observando-a de perto. — Tudo que ele fez em sua vida ele fez com honra, pureza e força, e quem não gostaria de ser amado assim? Considerando que, quando eu te amo, eu sei, é desesperador. — Ele quase estremeceu com a palavra. — Eu acho que você não consegue entender como eu te amo. Talvez eu tenha ocultado melhor do que pensei. É uma coisa devastadora, Tessa. Ameaça me quebrar em pedaços e estou com medo de ser tão... mudado.

Ele desviou o olhar dela. Ele podia ver seu próprio reflexo na escuridão da janela, seu rosto muito pálido sob a queda de seus cabelos escuros. Ele se perguntou, aborrecido, se a assustaria.

— Will — ela disse suavemente. — Will, olhe para mim.

Ele olhou para ela; mesmo em seu roupão grosso, ela era adorável e desejável o suficiente para fazê-lo sentir-se tonto. Eles não fizeram nada além de beijar, e isso raramente, desde aquela noite em Cadair idris. Eles se contiveram, esperando por esta noite.

Tessa pressionou um pedaço de papel dobrado na mão de Will.

— Jem esteve aqui hoje à noite — disse ela. — Eu também não o vi, assim como você. Ele deu uma carta a Sophie e ela me passou. Acho que você deveria ler.

Will pegou a carta devagar. Quanto tempo se passou desde que viram os loops e linhas familiares da letra de seu parabatai?

Will,

Eu sei que você deve ser feliz hoje, porque como você poderia ser outra coisa, do que feliz? No entanto, o medo de que você não aceitasse sua felicidade me manteve andando pelos andares da Cidade do Silêncio. Você nunca se acreditou digno de amor, Will, você que ama com todo seu coração e alma. Temo o resultado de tais dúvidas, pois Tessa te ama, e vocês devem ter fé um no outro, assim como eu tenho fé em você.

Hoje parei do lado de fora do Instituto para prestar meus respeitos. Olhei pela janela e vi você e Tessa sentados um ao lado do outro. Eu nunca vi você parecer tão feliz. Eu sei que você só será mais feliz a cada dia de suas vidas juntos.

Wo men shi sheng si ji jiao.

Jem

Will respirou com dificuldade e entregou o bilhete a Tessa. Era como se Jem tivesse alcançado pela noite escura e gelada e pegado sua mão. O lugar em seu coração onde sua runa parabatai parecia brilhar e queimar. Ele se lembrou de repente da última vez que ele e Jem estiveram juntos no Instituto, e Will disse que Tessa talvez não quisesse se casar com ele. Jem sorriu e disse: — Bem, essa parte é com você.

Ainda dependia dele. Ele queria se casar com Tessa mais do que nunca, e não deixaria que seus próprios medos destruíssem isso.

Tessa deixou a nota de lado e estava olhando para Will com seus olhos cinzentos muito sérios.

— Bem — ela disse. — É isso, então, quem você vai ouvir, Will? Tatiana ou Jem?

Ele encontrou o olhar dela com o seu.

— Vou ouvir meu próprio coração — disse ele. — Pois ele me trouxe até você.

Ela sorriu, um sorriso luminoso, e então ofegou uma risada quando ele a alcançou e a puxou para seu colo.

— Espere — disse ela, levantando-se, o que Will não gostou nada - eles deveriam estar se aproximando um do outro, não mais afastados.

Ela puxou a faixa segurando o roupão fechado. Will se endireitou, suas costas contra a janela fria. O material de veludo azul escorregou de seus ombros, revelando-a vestida com um vestido semitransparente de renda branca, unida na frente com uma fileira de fitas de cetim azuis amarradas em laços.

Ela claramente não estava usando mais nada. As curvas e cavidades de seu corpo foram delineadas pelo material de marfim,

deslizando-a como um fio de arame. Will entendeu agora por que Sophie piscou para ele.

— Tess — ele disse com voz rouca, e estendeu os braços: ela voltou a subir neles, rindo baixinho.

— Você gostou? — ela disse, acariciando sua orelha. — Charlotte me levou para o lugar mais escandaloso da Bond Street...

— Eu amei — disse ele, capturando sua boca em um beijo suave. — Eu amo você, embora não queira pensar em Charlotte em uma camisola. — Ele deixou a cabeça cair contra o vidro da janela. —Tire minha camisa, Tess.

Ela corou e pegou os botões de madrepérola. Tudo em Cadair Idris tinha sido rápido, um borrão de calor e contato. Isso foi lento, seus dedos passando por um botão até o próximo lentamente, seus lábios pressionando suavemente contra a pele enquanto era descoberta polegada por polegada. Quando a camisa caiu no chão, ele não queria nada além de buscá-la e carregá-la para a cama.

Mas eles ainda não estavam prontos. Will remexeu a estela do bolso e a entregou a Tessa, que parecia intrigada.

— As últimas runas do casamento — disse ele. — Quero que você as coloque em mim.

— Mas...

Ele colocou a mão sobre a dela e levou a estela ao braço, onde traçou a primeira runa do casamento. O aço faiscou contra sua pele, misturando prazer e dor. O rosto de Tessa ficou vermelho quando eles moveram a estela para o lugar sobre seu coração - ao lado da cicatriz desbotada onde sua runa parabatai já descansara.

— *Ponha-me como um selo em teu coração, como um selo sobre o teu braço* — ele sussurrou, enquanto eles desenhavam a próxima Marca juntos. — *Porque o amor é forte como a morte; as suas brasas são brasas de fogo, as quais têm uma chama muito veemente.*

Tessa se inclinou para trás. Ela olhou para a runa, destacando-se forte e escura contra a pele do peito de Will. Ela colocou a mão sobre ele, e ele se perguntou se ela podia sentir o martelar de seu coração.

— *Milhões de águas não conseguem extinguir o amor; nem as inundações o afogar*. Nunca vou parar de te amar, Will...

Sua estela caiu no tapete. Ela ainda estava sentada no colo dele: ele segurou seus quadris e se inclinou para beijá-la. Ele estava completamente perdido no momento em que suas bocas se tocaram. Ele estava perdido em Tessa, na necessidade desesperada de beijá-la com mais força, abraçá-la com mais força, tê-la ainda mais perto. As mãos dele deslizaram e deslizaram sobre a seda e as rendas do vestido dela, o material agrupando sob o aperto das mãos dele.

Quando o beijo deles ficou mais selvagem, Will se viu tentando desfazer o laço de seda no pescoço do vestido dela. Ela deu um pequeno suspiro quando o material caiu, descobrindo a parte superior dos seios. Sua pele era macia e pálida como creme. Will não conseguiu deixar de beijar sua garganta, suas clavículas, traçando seus lábios suavemente sobre a suave inclinação de seus ombros. Ela gemeu baixinho e se contorceu no colo dele, as mãos apoiadas nos ombros dele, as unhas cravando levemente.

Se ele não fizesse algo rapidamente, Will percebeu que eles se derramariam no tapete e nunca mais se levantariam. Com um gemido profundo em sua garganta, ele deslizou um braço sob os joelhos de Tessa e outro em volta dos ombros: ela riu de surpresa encantada quando ele a levou para a cama. Eles caíram entre os travesseiros macios e a colcha de plumas, alcançando um ao outro, a longa fome de sua espera por esse momento finalmente terminou.

Will chutou os sapatos, despachando com o restante dos laços de cetim do vestido enquanto Tessa se esticava sobre ele, seus longos cabelos formando uma cortina sobre os dois. Na caverna, estava escuro: agora ele podia ver toda a Tessa, e ela era toda requintada.

Ela tocou o rosto dele com dedos pensativos, depois deixou a mão percorrer o corpo dele, explorando a suavidade e dureza do peito dele, a nova runa sobre o coração.

— Meu lindo Will. — disse ela com a voz rouca de desejo.

Ele puxou Tessa contra ele, e eles rolaram juntos pela cama, pele contra pele; ajoelhado, ele começou a beijar cada centímetro

do corpo dela. Como ele sabia que faria, ele se esqueceu de tudo o mais enquanto ela arqueava e tremia sob seu toque. Havia apenas esse momento, apenas esta noite, apenas os dois, apenas Will e Tessa Herondale e o início de sua vida juntos.

Muitas horas depois, Will foi acordado pelo toque gentil de Tessa em seu ombro. Ele estava dormindo com o braço em volta dela, os cabelos espalhados pelo peito dele. Ele olhou para sua esposa; ela estava sorrindo para ele.

— O que foi? — Ele sussurrou, afastando uma mecha de cabelo dos olhos dela.

— Você ouve os sinos? — Perguntou ela.

Will assentiu; ao longe, os sinos da Catedral de St. Paul's tocavam uma da manhã.

— É o dia seguinte ao nosso casamento — disse Tessa. — Você não está mais feliz do que ontem? Porque eu estou. Acho que ficarei mais feliz todos os dias de nossas vidas.

Will sabia que um sorriso estava se espalhando por seu rosto.

— Você é desavergonhada, minha esposa. Você realmente me acordou no meio da noite só para fazer uma observação?

Tessa rolou contra ele debaixo dos cobertores. Ele sentiu o leve toque dela contra sua pele.

— Talvez não apenas para fazer uma observação, meu amor.

Ele riu baixinho e a puxou para seus braços.

Notas do Texto

A maioria dos lugares em Londres em *corrente de ouro* são reais: *havia* uma taverna do diabo na Fleet Street e Chancery, onde Samuel Pepys e Dr. Samuel Johnson bebiam. Embora tenha sido demolida em 1787, eu gosto de pensar que ela sobreviveu como um refúgio do Submundo, invisível para os mundanos. O poema que Cordelia recita quando está dançando no Hell Ruelle é de *O livro das mil noites e uma noites*, de Sir Richard Francis Burton, publicado em 1885. A pedra de Dick Whittington é real e está localizada no pé de Highgate Hill. *Layla e Majnun* ( ) é um poema épico em persa / farsi, escrito em 1188 pelo poeta Nizami Ganjavi. Eu usei o exônimo “persa” para se referir ao idioma que Cordelia e sua família falam o tempo todo, pois Cordelia e Alastair não cresceram no Irã e “persa” era o modo como alguém que falava ou pensava em inglês em 1903 pensaria na língua. Gostaria também de aproveitar este momento para agradecer a Tomedes Translation e Fariba Kooklan pela ajuda com o persa neste livro. Os trechos de *Layla e Majnun* foram extraídos da tradução de James Atkinson de 1836, que é a mais provável que Cordelia possua.

Também por Cassandra Clare

Os Instrumentos Mortais

Cidade dos Ossos
Cidade das Cinzas
Cidade de Vidro
Cidade dos Anjos Caídos
Cidades das Almas Perdidas
Cidade do Fogo Celestial

As Peças Infernais

Anjo Mecânico
Príncipe Mecânico
Princesa Mecânica

Os Artifícios Das Trevas

Dama da Meia-Noite
Senhor das Sombras
Rainha do Ar e da Escuridão

As Maldiçoes Ancestrais

Os Pergaminhos Vermelhos da Magia

As Últimas Horas

Corrente de Ouro

Contos da Academia dos Caçadores de Sombras
Fantasmas do Mercado das Sombras
As Crônicas de Bane

Caso queira os epubs de todos esses livros acesse esse drive:
https://drive.google.com/open?id=1dz5lezBQWFDJ8Oj2Acg2OqMHWrDkySon